

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia

Elaine Pedreira Rabinovich

*Vitrinespelhos transicionais da identidade:
um estudo de moradias e do ornamental
em espaços sociais liminares brasileiros*

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do grau de
Doutor em Psicologia - área de concentração:
Psicologia Social

Eda Terezinha de Oliveira Tassara
Orientadora

São Paulo
1996

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"VITRINESPELHOS TRANSICIONAIS DA IDENTIDADE: um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais liminares brasileiros"

Candidata: ELAINE PEDREIRA RABINOVICH
Orientadora: Professora Doutora Eda Terezinha de Oliveira Tassara

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia,
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Doutor em
Psicologia - área de concentração PSICOLOGIA
SOCIAL.

COMISSÃO JULGADORA

Professor Associado Fernando Lefèvre



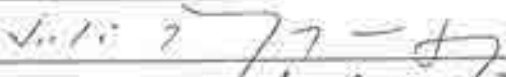
Professora Doutora Suzana Pasternak Taschner



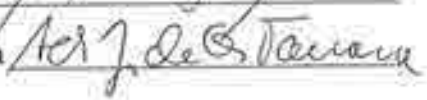
Professora Titular Ecléa Bosi



Professora Doutora Sueli Damergian



Professora Doutora Eda Terezinha de Oliveira Tassara



Defesa - 1997



CULTIVAÇÃO:

a natureza da cultura

QUEM DELIRA NÃO SONHA:
A VIDA VALE MAIS DO QUE A OBRA.

Decio Bar

RABINOVICH, Elaine Pedreira. *Vitrinespelhos transicionais da identidade: um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais liminares brasileiros*. São Paulo, 1996. 330p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é pensar os *termos* possíveis de análise do ambiente doméstico compreendido como manifestação psico-sociocultural. Para contornar o *viés etnocêntrico*, a autora desfoçou o estudo das "coisas" em um arranjo espacial denominado "moradia" (60 moradias em uma zona urbana paulistana) para a "não-coisa" a não-casa (49 "casas" de *semcasa*), o não-corpo (túmulos em cemitérios), e o não-urbano (20 casas vernaculares do interior nordestino). Desdobramentos sucessivos e complementares sugeriram matrizes virtuais semânticas organizadas, dialeticamente, em um hiper-espaço, nos seguintes termos: *simbólica; corporiedade; temporalidade; poética*. A aplicação destes termos aos estudos de caso de onde eles provieram deu origem aos capítulos: a casa como símbolo; como corpo; como tempo; como poesia. Cada um destes termos foi analisado tanto de um ponto de vista genético quanto genealógico. Deste método, um outro termo, a *brasilidade*, emergiu do cruzamento de dois tipos de cultura, a do "corpo" e a da "coisa", permitindo a percepção da brasilidade como decorrendo de uma organização societária híbrida, mestiça, multicultural, sincrética e liminar. A *liminaridade* como uma condição da brasilidade seria uma condição histórica do sujeito psicossocial brasileiro que se comporta segundo elementos reprodutíveis que sugerem haver uma des-territorização em torno de uma "mãtria", uma língua materna onde, através de um ritual transformista, conteúdos novos são continuamente incorporados e re-semantizados, através de um *movimento antropofágico* que permite que mudança e tradição coexistam. É hipotetizada uma vacuidade como mito original responsável pela liminaridade como condição sócio-historicamente (des)construída do *ser-brasileiro*.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. *Transitional mirrored windows of identity: a study of dwellings and of the ornamental in Brazilian liminal social spaces*. São Paulo, 1996. 330p. Doctorate Thesis - Institute of Psychology, University of São Paulo.

Abstract

This study aims to propose *terms* of analysis of the domestic environment seen as a psycho-social-cultural manifestation. Three successive case studies were considered in order to bypass the ethnocentric bias. From the study of *things* displayed in a spatial arrangement named *dwelling* (60 houses in a São Paulo urban zone) there was a divergent focus to the study of *non-thing: non-house* (49 houses of homeless people), *non-body* (tombs in cemeteries) and *non-city* (20 houses in a Brazilian northeast rural zone). Successive, complementary and unfolding analysis suggested a virtual semantic matrix, dialectically organized in a hyper-space, whose *terms* were seen to be: *symbol; corporality, temporality and poetics*. The application of these terms to the case studies that originated them resulted in the following chapters: the house as *symbol*, as *body*, as *time*, as *poetry*. Each of these terms were analysed both from a genetical and a genealogical method. From this method, another *term* emerged called *brazility*. Two types of culture were depicted: the *culture of things* and the *culture of the body*, meaning two complementary sets of *cultivation* values and practices. From the overlapping of these two kinds of cultures, *brazility* was seen as a syncretical, hybrid, mestizo and multicultural societal organization, stemming from a liminal condition. This condition of *liminality* was supposed to be a historical condition of the psycho-social Brazilian subject, whose behaviors consistently suggested a des-territoriality around a *motherland*, a *mother tongue*, where, by a transformist ritual, new meanings were continuously incorporated and re-meant through an *anthropophagical movement* allowing changing and tradition to coexist. It was hypothesized that liminality has originated from a *vacuum* as the original myth of the socio-historically (de)constructed condition of the Brazilian-being.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. *Vitrinaires transitionnels de l'identité: une étude de demeures et de l'ornemental en espaces sociaux liminaux brésiliens*. São Paulo, 1996. 330p. Thèse de doctorat - Institut de Psychologie, Université de São Paulo.

Resumé

L'objectif principal de cette étude propose des *termes* possibles d'analyse du milieu domestique en tant que manifestation psychosocio-culturelle. Trois études successives ont été réalisées pour contourner le biais ethnocentrique: une étude des *choses* dans un rangement spatial nommé *maison* (60 habitations de la zone urbaine à São Paulo) et des études de *non-choses non-habitation* (49 logis des sans logis à São Paulo), *non-corps* (tombes des cimetières) et *non-ville* (20 habitations vernaculaires dans la zone rural du Nord-est brésilien). Des dédoublements successifs et complémentaires de l'analyse ont conduit à la notion des matrices sémantiques virtuelles, organisées dialectiquement dans un hyper-espace, à travers les termes suivants: *symbolique; corporalité; temporalité; poétique*. L'application de ces termes aux études d'où ils proviennent a donné origine aux chapitres suivants: la maison comme symbole, comme corps, comme temps, comme poésie. Chacun de ces termes a été analysé selon des perspectives méthodologiques, l'une génétique et l'autre généalogique. De cette méthode, un autre terme - la "*brésilienneté*" - a émergé à partir de deux types de culture: la *culture du corps* et la *culture de la chose*. Du croisement de ces deux types de cultures, la "*brésilienneté*" a été vue comme le résultat d'une organisation sociétaire syncrétique, hybride, métisse, multiculturelle et liminale. La *liminalité* serait une condition historique du sujet psychosocial brésilien qui se comporte selon des éléments reproductibles qui suggèrent une déterritorialité autour d'une *matrice*, d'une langue maternelle où, par le biais d'un rituel transformiste, des contenus nouveaux sont constamment incorporés et *re-sémantisés* à travers un *mouvement anthropophagique* permettant que le changement et la tradition coexistent. L'hypothèse d'une vacuité comme mythe d'origine est considérée comme responsable de la liminalité en tant que condition socio-historiquement (dé)construite de l'être-brésilien.

Índice

	Página
Apresentação	1
O PROBLEMA	
1. Fundamentos da proposta.....	5
1.1. O problema.....	5
1.2. Histórico.....	5
2. Fundamentos da análise.....	11
2.1. A mediância.....	11
2.2. A temporalidade.....	13
2.3. Os fenômenos transicionais.....	17
3. Fundamentos do método.....	18
4. Objetivo.....	22
5. Método.....	22
5.1. Unidade amostral.....	24
5.2. Instrumentos de Coleta.....	24
5.3. Estratégia metodológica: As Etapas do Estudo.....	25
5.3.1. Etapas de campo: a Parte I.....	25
5.3.2. Etapas de análise: Procedimento.....	25
5.3.3. As categorias de análise: a Parte II.....	26
5.4. Apresentação dos resultados: Fotos, vídeos, relatório.....	26
5.4.1. Introdução.....	26
5.4.2. As Fotografias como "texto inter-subjetivo".....	28
5.4.3. Os vídeo-documentários.....	28
PARTE I : OS ESTUDOS DE CASO	
Os Estudos de Caso e o campo.....	30
Estudo 1: O estudo de Vila Madalena, São Paulo: as hipóteses básicas fundantes	31
1. O Modo de Vida de V. Madalena.....	37
1.1. O bairro.....	37
1.2. Os tipos de casas.....	38
1.3. Indicadores para análise do interior da casa.....	40
1.4. Categorias para análise da casa.....	42
1.5. Síntese: O modo de morar em V. Madalena.....	44
1.6. O quarto de dormir.....	45
1.7. Caracterização das famílias.....	48
1.8. O trabalho.....	48
1.9. A dinâmica das relações na casa.....	49
Estudo 2: As moradias rurais: a zona do Cocal, interior do Piauí: um estudo diacrônico	
2.1. O estudo das moradias na zona rural do Piauí.....	53
2.2. O modo de vida no interior do Piauí.....	55
2.2.1. Caracterização das famílias.....	55
2.2.2. O modo de morar.....	60

Estudo 3: O estudo dos <i>semcasa</i>: um estudo sincrônico	64
3.1. Apresentação.....	67
3.2. Estudo dos <i>semcasa</i> 1.....	71
3.2.1. Quem mora.....	72
3.2.2. O Habitar: Funções do morar.....	73
3.2.2.1. O dormir.....	73
3.2.2.2. O comer.....	73
3.2.2.3. O social.....	74
3.2.2.4. A água e seus usos.....	74
3.2.2.5. A casa e o trabalho.....	74
3.2.3. Os tipos de Moradia de Rua.....	74
3.2.3.1. Os nômades e suas casas.....	75
3.2.3.2. Os neo-nômades.....	77
3.2.3.3. Os moradores de caverna.....	78
3.2.3.4. Assentados.....	79
3.2.3.5. Selvagens.....	80
3.3. Estudo dos <i>semcasa</i> 2.....	80
3.3.1. O local.....	81
3.3.2. Quem são.....	82
3.3.3. Como moram: as casas.....	84
PARTE II: A ANÁLISE DA CASA	
A análise.....	88
1. A Casa como Símbolo: a relação mãe-criança	89
1.1. Introdução.....	89
1.2. Definição de símbolo.....	91
1.3. A Casa como Meta-Símbolo.....	93
1.3.1. A casa como categoria estético-antropológica: o ornamental.....	94
1.4. A Casa como substituto da maternagem.....	96
1.4.1. O espaço potencial como simbolização: a perda da onipotência.....	96
1.4.2. A maternagem como um útero substituto.....	100
1.5. A casa como amuleto.....	103
1.6. A casa como útero socio-historicamente construído.....	105
2. A Casa como Corpo	108
2.1. A casa como representação corpo-fronteira.....	108
2.2. O estudo dos <i>semcasa</i> e o corpo.....	112
2.3. O eixo organização em Vila Madalena.....	115
2.4. A liminaridade no rural: uma cultura clássica?.....	117
2.4.1. Moradia e moralidade.....	119
2.4.2. Moradia e carnalidade.....	121
2.5. A cultura do corpo: devorar X escravizar (ser devorado X ser escravizado).....	124
2.5.1. Que cultura era esta? do lixo? da sobrevivência?.....	124
2.6. A cultura da coisa.....	127
3. A Casa como Tempo	131
3.1. O estudo de Vila Madalena: A temporalidade na relação mãe-criança.....	131
3.2. O estudo dos <i>semcasa</i> : as temporalidades de Hall.....	133
3.3. O estudo do Piauí: as temporalidades de Braudel.....	136
3.3.1. A bilheira e o entorno.....	137

3.3.1.1. A bilheira.....	137
3.3.1.2. O entorno.....	140
3.3.2. As três temporalidades.....	142
3.4. As três temporalidade e a casa dos <i>semcasa</i>	144
3.5. O estudo das casas dos mortos: tempo e templo.....	146
3.5.1. Tempus-templum.....	150
4. A Casa como Poesia	
4.1. A Matéria.....	152
4.2. A Harmonia: a ordem como categoria estética.....	157
4.3. O Lirismo: o tempo como categoria estética.....	159
4.4. Poesia, identidade, vitrinespelho.....	162
5. A brasilidade como um espelho vazio	164
5.1. Mamelucos, mestiçagem, pau-brasil.....	165
5.2. A casa como simbolo-resistência.....	166
5.3. A ética antropofágica, do tabu para o totem.....	168
5.4. A estética antropofágica.....	170
5.4.1. Verticalidade, horizontalidade, circularidade.....	171
5.4.2. Masculino, feminino.....	172
5.4.3. Metáfora e metonímia.....	173
5.5. I-magi-n-ação.....	175
5.6. A lógica antropofágica.....	177
5.6.1. O barroco, o híbrido, o sincrético: o ambíguo como o real.....	177
5.6.2. Do tabu para o totem.....	178
CONCLUSÃO	180
Referências Bibliográficas	184
BIBLIOGRAFIA	193

Índice de Tabelas, Gráficos e Figuras

	Página
Gráfico 1: Tipo de Moradia, Vila Madalena, S. P., 1991.....	38
Gráfico 2: Frequência de moradores por cômodo, Vila Madalena, S. P., 1991.....	41
Tabela 1: Tipos de banheiros das casas de Vila Madalena, S. P., 1991.....	41
Tabela 2: Índice de privacidade e intimidade das casas de Vila Madalena, S.P., 1991.....	42
Tabela 3: Classificação por ordenação das casas de Vila Madalena, S.P., 1991.....	43
Tabela 4: Classificação por arrumação das casas de Vila Madalena, S.P., 1991.....	43
Tabela 5: Correlação entre as categorias de "ordenação" e "arrumação" das casas de Vila Madalena, S.P., 1991.....	43
Tabela 6: Classificação por categorias de coletivização das casas de Vila Madalena, S.P., 1991.....	44
Tabela 7: Descritores do quarto de Vila Madalena, S.P., 1991.....	46
Figura 1: Mapa do Estado do Piauí e localização da cidade de União.....	52
Figura 2: Representação gráfica da Casa 10, por Aparecida Magali de Souza Alvarez.....	54
Gráfico 3: Relações moradores/moradia, Cocal, Piauí, 1993.....	55
Gráfico 4: Frequências das idades dos homens, Cocal, Piauí, 1993.....	56
Gráfico 5: Frequências das idades das mulheres, Cocal, Piauí, 1993.....	56
Gráfico 6: Frequências das idades das crianças, Cocal, Piauí, 1993.....	57
Gráfico 7: Frequências das idades das crianças até 3 anos, Piauí, Cocal, 1993.....	57
Gráfico 8: Tempo de moradia no local, Cocal, Piauí, 1993.....	59
Gráfico 9: Tipo de família, Cocal, Piauí, 1993.....	60
Gráfico 10: Composição dos grupos de semcasa, São Paulo.....	72
Figura 3: Casa 12: Viaduto do Tatuapé, por Maria de Fátima Neves da Silva.....	81
Gráfico 11: Distribuição por sexo e por idade dos moradores sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.....	82
Gráfico 12: Escolaridade e Procedência dos moradores sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.....	83
Gráfico 13: Tipos de famílias, motivo da migração e tipos de trabalho dos moradores sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.....	83
Gráfico 14: Projetos para o futuro e Alimentação dos moradores sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.....	84
Gráfico 15: Tipos de cômodos e de paredes das moradias sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.....	85
Gráfico 16: Tipos de revestimento de solo e de divisórias das moradias sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.....	85
Gráfico 17: Qualidade da arrumação e quantidade de ornamentos das moradias sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.....	86
Gráfico 18: Tipos de mobília das moradias sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.....	86

Índice de Fotografias

FOTO Nº	FOTÓGRAFO ¹	FOTO-PÁGINA
1.	Cultivação: a natureza da cultura, EPR.....	1
2.	Vila Madalena: vista geral, EPR.....	2
3.	Casa de Fundos, V.M., EPR.....	2
4.	Casa familiar de fundos com avó na frente, proprietário, V.M., EPR.....	2
5.	Interior da casa de fundos: sala/cozinha, EPR.....	3
6.	-----: quarto de casal + 3 filhos, EPR.....	3
7.	Divinópolis: escola, EPR.....	4
8.	-----: posto médico, EPR.....	4
9.	-----: chafariz, EPR.....	4
10.	Divinópolis: igreja, EPR.....	5
11.	Casa: porta de entrada/saida, EPR.....	5
12.	No caminho dos zundão dos Bimba, EPR.....	6
13.	O coqueiro de babaçu, AMSA.....	6
14.	Bosque de babaçu, EPR.....	6
15.	"Ugo de Pace", EPR.....	7
16.	Casa 1: equipe de pesquisa: mãe+filha+velha, primo. Exterior pintado imitando tijolo, MCSV.....	7
17.	Casa 1: jardim lateral, EPR.....	7
18.	Casa rosa desenhada, EPR.....	8
19.	Rua São João de Divinópolis, EPR.....	8
20.	Divinópolis: "farinhada", AMSA.....	9
21.	Bananal: jogando bola, AMSA.....	9
22.	-----: a bilheira em ação, AMSA.....	9
23.	Bananal: indo coletar coco, EPR.....	10
24.	Zundão dos Bimba: lavando roupa.....	10
25.	Múltiplos usos da água: lavando louça, AMSA.....	11
26.	-----: fazendo o "gomoso", AMSA.....	11
27.	-----: lavando mamadeira, AMSA.....	11
28.	Casa 5: cozinha, EPR.....	12
29.	Casa 5: banheiro, EPR.....	12
30.	Casa 1: dormindo na rede, AMSA.....	13
31.	Casa 7: avó + netas, EPR.....	13
32.	Casa 10: irmã + velha e bebê, EPR.....	13
33.	Casa 12: brinquedo: casinhas de tijolos feitas pelo pai, EPR.....	14
34.	Casa 8: mãe (e avó) e filha, EPR.....	14
35.	Casa 9: avó e neta, EPR.....	14
36.	Casa 10: mãe dando o mingau "gomoso" no chão. Família: avó, irmãos, irmã+velha com bebê, primos, EPR.....	15

¹ Os autores das fotos estão designados pelas iniciais de seus nomes: Aparecida Magali de Souza Alvarez (APSA); Aparecida Norma Martins (ANM); Claudio Elisabetsky (CE); Elaine Pedreira Rabinovich (EPR); Heloisa Hanada; Maria de Fátima Neves da Silva (MFNS); Maria do Carmo de Sena Vieira (MCSV); Renato Cymbalista (RC); e Saide Rajabo. Nas fotos, a autoria também foi indicada pelas iniciais de seus autores. As fotos sem indicação são da autora da tese.

FOTO N ^o	FOTÓGRAFO	FOTO- PÁGINA
37.	Casa 6: Mãe + filhos, EPR.....	15
38.	Casa 8: curando o mau-olhado, EPR.....	15
39.	Casa 17: cozinhando, EPR.....	16
40.	----- interagindo criança-criança, EPR.....	16
41.	----- brincando com papel e barbante, EPR.....	16
42.	Just leave me alone Deixe-me em paz Good luck Boa sorte + parede marmorizada, EPR.....	17
43.	Tipo nômade: na marginal, RC.....	18
44.	-----: sob a ponte: sala, quarto, cozinha, EPR.....	18
45.	-----: o ornamental, CE.....	18
46.	Tipo assentado: a porta trancada, EPR.....	19
46.	-----: conforto, cultura, SR.....	19
48.	-----: o ornamental, EPR.....	19
49.	Tipo neo-nômade: D. Maria expulsa, RC.....	20
50.	-----: na Av. Paulista, EPR.....	20
51.	O nômade e a cidade, EPR.....	21
52.	Tipo selvagem: dormindo na rua, EPR.....	22
53.	-----: dormindo em uma varanda, EPR.....	22
54.	Nômade: "casa-casulo", EPR.....	23
55.	-----: arte/ criatividade/ identidade, EPR.....	23
56.	-----: à busca do si próprio, EPR.....	23
57.	Caverna: chegando, EPR.....	24
58.	-----: após dois meses, CE.....	24
59.	Nômades. mudando, EPR.....	25
60.	-----: instalados, RC.....	25
61.	À busca do conforto nômade: fogão, EPR.....	26
62.	-----: copa, EPR.....	26
63.	-----: banheiro, CE.....	26
64.	-----: cozinha, CE.....	26
65.	Nômade: arte, emoção, CE.....	27
66.	Caverna: religiosidade, CE.....	27
67.	O sentido de ordem: ordem, CE.....	28
68.	-----: des/ordem, CE.....	28
69.	Carrocinha: a mínima dignidade, EPR.....	29
70.	-----: vermelha, EPR.....	29
71.	O grupo de assentados: estrada, ANM.....	30
72.	-----: rua interna, MFNS.....	30
73.	-----: rua interna, RC.....	30
74.	Exterior de casa do grupo de assentados, RC.....	31
75.	-----: exterior, RC.....	31
76.	-----: exterior, MFNS.....	32
77.	-----: exterior, ANM.....	32
78.	Casa 9: exterior, ANM.....	33
79.	-----: quarto/cozinha, ANM.....	33
80.	-----: cozinha, ANM.....	33
81.	Casa 8: cozinha e banheiro, MFNS.....	34
82.	-----: decoração, MFNS.....	34
83.	-----: Madona e Madona, MFNS.....	34
84.	Grupo de assentados: decorando as coisas, ANM.....	35
85.	-----: decorando desenhando, ANM.....	35
86.	-----: decorando com as coisas, HH.....	35

FOTO Nº	AUTOR	FOTO -PÁGINA
87, 88.	A concha e o ornamental, EPR.....	36
89.	A casa como símbolo. Cartaz da exposição "Símbolos, Amuletos, Talismãs", SESC.....	37
90.	Casa Cesta, EPR.....	38
91.	Casa Útero, CE.....	39
92.	Casa Útero, RC.....	39
93.	A Proteção no Símbolo: comigo-ninguém-pode+negritude, RC.....	40
94.	Santa (s) e os Intocáveis, RC.....	40
95.	! Kungs: carregando os filhos na coleta, kaross. Foto de Peter Johnson e Anthony Bannister, <i>The bushmen</i> , Capetown, Stuiik, 1984.....	41
96.	! Kungs: construindo a casa. Foto de Peter Johnson e Anthony Bannister, <i>The bushmen</i> , Capetown, Struik, 1984.....	41
97.	Casa "amuleto": entrada, RC.....	42
98.	-----: bacia de arroz, RC.....	42
99.	-----: lado externo: natalino, RC.....	43
100.	-----: lado interno: nordestino, RC.....	43
101.	-----: vindo do "céu", RC.....	44
102.	-----: o vôo aprisionado da pluma rosa, RC.....	44
103.	Vida coletivizada: berço com dupla proteção. Israel Van Meckenem, <i>La naissance de Marie</i> , Paris, BNF, Estampas, gravura, século XV. Bibliothèque nationale de France.....	45
104.	Vida coletivizada: Jan Brueghel, <i>The landlord's visit</i> , c.1597. Kunsthistorische Museum Wien, 1993/1137.....	45
105.	Arca medieval: podendo guardar (na Suíça), EPR. Museu de Friburg, Suíça.....	46
106.	Berço do Rei de Roma. <i>Cradle of the King of Rome</i> , Paris, 1811. Kunsthistorische Museum Wien, 1992/8004.....	46
107.	Rede-leito do Piauí e o xixi no chão, AMSA.....	47
108, 109.	Rede "altar" no Piauí, EPR.....	48
110.	Cantinho do bebê em <i>semcasa</i> , EPR.....	49
111.	Quarto: selvagem, EPR.....	50
112.	-----: carrocinha, EPR.....	50
113.	-----: nômade, CE.....	50
114.	Sala: o original e o mesmo, CE.....	51
115.	Cozinha, CE.....	51
116.	Nômade: "casa-casulo" paranóico, EPR.....	52
117.	-----: tenda - presidiário em sursis, EPR.....	52
118.	Nômade: carrocinha, EPR.....	53
119.	Nômade, EPR.....	53
120.	Caverna, CE.....	53
121.	"Canto" no Piauí, EPR.....	54
122.	Uma cultura clássica?: sala, EPR.....	54
123.	-----: venda, EPR.....	54
124.	O rapaz com a cara pintada, AMSA.....	55
125.	A matéria: na cozinha do Piauí, EPR.....	56
126.	-----: na marginal de São Paulo, EPR.....	57
127.	A carnalidade no Piauí: casa, EPR.....	58
128.	-----: túmulo, EPR.....	58
129.	-----: pele de preá, EPR.....	58
130.	A ordem, EPR.....	59
131.	Carrocinha duplex: casal com duas crianças, EPR.....	60
132.	-----: casal com duas crianças, EPR.....	60
133.	-----: solitário, EPR.....	60

FOTO Nº	AUTOR	FOTO-PÁGINA
134, 135.	Os neo-nômades, EPR.....	61
136.	Cultura do corpo: tatuagens e tecidos no Marrocos.....	62
137.	Cultura da coisa: Giuseppi Arcimboldo (1527-1593) <i>Fogo</i> , 1566. Kunsthistorisches Museum Wien, 1992/1038.....	62
138.	Crescendo, caverna, RC.....	63
139.	Lendo, nômade, EPR.....	63
140.	Varrendo, selvagem, EPR.....	63
141.	As coisas, nômade, EPR.....	64
142.	Lavando na rua, selvagem, EPR.....	64
143.	100 pressa, carrocinha, RC.....	64
144, 145, 146, 147.	Altar profano: bilheiras, Piauí, EPR.....	65
148.	Bilheira com pinguim da Antártica+desenho, EPR.....	66
149.	de Daniela Peres com marcas de beijos, EPR.....	66
150, 151, 152.	Altar sagrado, Piauí, EPR.....	67
153, 154.	Altar moderno: rádio, Piauí, EPR.....	68
155.	Altar do moderno: escoveira, EPR.....	69
156.	-----: rádio, EPR.....	69
157.	-----: sapatos, EPR.....	69
158, 159.	Altar do moderno: televisão, EPR.....	70
160.	Transformando-se: do "reciclado", EPR.....	71
161.	----- para o "artificial", EPR.....	71
162.	----- para o "industrial", EPR.....	71
163.	Transformada: mesa no centro + relógio de corda + fogão de adorno, EPR.....	72
164.	----- cadeiras no centro, EPR.....	72
165.	-----: a conquista da natureza: o artificial, EPR.....	72
166.	Horizontalização: espelho, EPR.....	73
167.	Nova verticalização: estante, EPR.....	73
168.	Piauí, Divinópolis: azulejos, jardim cercados, flores, EPR.....	74
169.	Marrakesh, Marrocos: túmulos de servidores de reis, EPR.....	74
170.	Cemitérios em São Paulo: A serenidade da morte, EPR.....	75
171.	-----: capela, EPR.....	75
172.	-----: dentro da capela, EPR.....	75
173.	Cemitério de Paraibuna, São Paulo: nos que aqui estamos por vos esperamos, EPR.....	76
174, 175, 176.	Capela; túmulos, EPR.....	77
177, 178.	Túmulos, Cemitério de Paraibuna, EPR.....	78
179.	A casa como poesia, CE.....	79
180, 181, 182, 183.	Casa de mortos, EPR.....	80
184.	Nômades: ordem, RC.....	81
185, 186, 187, 188.	Bilheiras, EPR.....	82
189.	O lirismo (de-cor), RC.....	83
190.	"O Jardim Suspenso", EPR.....	84
191.	"O canto lírico", EPR.....	84
192.	"O mais importante é o amor", EPR.....	85
193, 194, 195.	O lirismo onírico do "lar", EPR.....	86
196, 197, 198.	União Piauí: "Beleza pura", EPR.....	87
199.	<i>Semcasa</i> "bruta" (Marginal do Tietê, nômade), RC.....	88
200.	<i>Semcasa</i> "bruta", EPR.....	88
201, 202, 203, 204.	Redecorando: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª versões, EPR.....	89
205, 206, 207.	Ordem, CE.....	90

FOTO Nº	AUTOR	FOTO-PÁGINA
208.	Ordem: após a feira, caverna, sobre a Avenida Sumaré, RC.....	91
209.	-----: após a chuva, do lado de fora do cemitério, EPR.....	91
210.	-----: sob o viaduto, centro de São Paulo, "armário", EPR.....	91
211, 212, 213.	De - cor - ação, RC.....	92
214, 215, 216, 217.	Brasilidade na marginal, RC.....	93
218.	Arte bruta? : favela, EPR.....	94
219.	----- : sob a ponte, RC.....	94
220, 221.	Le décor na favela, EPR.....	95
222, 223.	Le décor, cultura do corpo, EPR.....	96
224.	Sob o Viaduto do Tatuapé: fora, RC.....	97
225.	-----: dentro, EPR.....	97
226, 227.	-----: dentro-fora, EPR.....	98
228.	-----: dentro-fora, RC.....	98
229, 230.	Sob a ponte : RC.....	99
231, 232.	----- : EPR.....	100
233, 234.	Proteção, magia, sob a ponte, EPR.....	101
235, 236, 237.	Proteção , magia, identidade, Piauí, EPR.. ..	102
238.	O importante não foi quando te vi, Piauí, EPR.....	103
239, 240.	Proteção, magia, identidade, feminino, Piauí, EPR.....	104
241, 242.	Proteção, magia, identidade, feminino, EPR.....	105
243, 244, 245.	Masculino, São Paulo, EPR.....	106
246, 247, 248.	Masculino, São Paulo, EPR.....	107
249, 250, 251.	Masculino: Sr. Meirelles, SP, EPR.....	108
252.	Cansei de me preocupar com o mundo, SP, EPR.....	109
253.	Feminino, sob a ponte, EPR.....	110
254.	Masculino, nômade, RC.....	110
255, 256, 257.	Industrialização, sob o Viaduto do Tatuapé, RC.....	111
258.	Brasilidade na rua, EPR.....	112
259.	A globalização Paris, EPR.....	113

APRESENTAÇÃO*

Pedreira é meu nome do meio: meio em que nasci, transdução do sobrenome materno. Mescia, mestiçagem: a conquista dos conquistados.

"Nasci. Meu pai me deu minha sina. Jagunçeiro."

Nesta marca, talvez o sinal do re-conhecimento - do ver-se reflexo e origem, sombra e luz, mito e utopia, diáspora de um si próprio que se gesta no encontro, e apenas neste encontro.

*"Antes dos portugueses descobrirem o Brasil,
o Brasil tinha descoberto a felicidade.
A alegria é a prova dos nove."*

Minha mãe chamava-se Alegria, minha filha chama-se Joy - alegria em inglês; eu era para chamar-me Leticia - alegria em latim.

"No matriarcado de Pindorama."

Pois este é um trabalho que, no percurso de como analisar e compreender o modo de vida de nossas crianças a partir de seu modo de morar, dentro de uma ótica em que desenvolvimento é Vida, e que, portanto, o modo de vida é onde a vida se encontra, foi sendo conduzido para onde se deu o início: a mestiçagem.

"Só me interessa o que não é meu."

Como o que não sou eu: heterossexualidade essencial: como o diverso de mim.

*"Nunca fomos catequizados.
Vivemos através de um direito sonâmbulo."*

O início deste trabalho se deu, verdadeiramente, em um longínquo Carnaval, onde e quando, pintando o Carnaval, me dei conta das várias racionalidades brasileiras. Haveria uma verdade oficial, veiculada pela ciência, também oficial, que encobria os fatos, dizendo que eles não eram o que eram, e que eram errados por ser o que eram, quando eram. Acordei.

*"Tínhamos a justiça codificação da vingança.
A ciência codificação da Magia.
Antropofagia. A transformação do Tabu em totem."*

A transformação do tabu em totem pode ser pensada como a terceira - ou quarta? - revolução industrial: a que se dá através da cibernética, em que o tempo come o espaço, e deste modo se torna virtual: estamos na a-topia, ao sul do Equador, onde não há pecado, no símbolo como o que fica, enquanto a coisa se esvai.

*"Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas.
Cadaverizadas. O stop do pensamento dinâmico.
O indivíduo vítima do sistema.
Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas.
E os esquecimentos das conquistas interiores."*

Michel Serres constrói a sua Filosofia Mestiça a partir de ter sido um canhoto contrariado. Faz incidir sobre a palavra "tiers", que significa "terceiro, outro, misturado, mestiço", aquilo que une a sua lateralidade "instruída" à construção de um saber kepleriano onde há vários sóis, mestiços, gerando formas elípticas, e não apenas um único sol que a tudo ilumina.

O "tiers" do presente estudo é o povo brasileiro.

* Trabalho desenvolvido com apoio da FAPESP, através de Bolsa de Doutorado, concedida à autora (Processo FAPESP nº 94/-1830-4).

O povo brasileiro é este "tiers" por ter sido obrigado a assumir o lado hegemônico, dominante, que nunca foi o seu.

"Meu canto esconde-se como um bando de ianomâmis na floresta..."

No presente estudo, para alcançar o lado não dominante do "tiers", escolhemos populações liminares brasileiras na idéia de que a radicalização iluminaria o cenário encoberto pela racionalidade normativa.

Estamos chamando de brasileiro quem mora no Brasil; embora, em geral, brasileiro é esta mistura, genética e cultural, de raças - índia, branca, negra, e mais tardiamente, asiática - que aqui convive e se comunica através de uma mesma língua.

A partir desta mesma definição espacial, família foi definida como co-residência: é minha família quem cuida de mim, herança da padrinagem e madrinagem, das extensões além das famílias por si extensas.

Esta rede de relações, que forma o centro do que DaMatta denomina sociedade relacional, contrapõe-se a uma sociedade individualizada: esta é a primeira das dimensões que informam a constituição da identidade brasileira. O modo de afiliação é grupal, relacional, espacial, mas não territorial.

A segunda dimensão é a temporalidade que resulta em um sistema não binário de pensamento, mas contínuo, mais metonímico que metafórico.

A terceira dimensão é um nomadismo em potencial, em contraposição ao assentamento, que resulta em uma cultura do corpo em oposição a uma cultura da coisa. Ai está o centro da temática antropofágica explicitada no movimento de 22: a memória está inscrita no corpo e na relação.

A inscrição da memória na relação entre os indivíduos traz a temática do morto, e não da morte: morre a pessoa, fica a relação, de modo que os mortos continuam vivos e vice-versa. Onde a presença do surreal na cotidianidade do real.

A quarta dimensão é a poética.

"A Poesia existe nos fatos.

*Os casebres de açafraão e de ocre nos verdes
da Favela, sob o azul cabralino,
são fatos estéticos."*

A Poesia como fato. A arte como um fato cotidiano, desde a limpeza-arrumação à arrumação-disposição das coisas no espaço. A poesia como o registro imemorial dos vislumbres, o eterno do/no instante.

A quinta dimensão é a arqueologia do ornamental que se cristaliza através do que Braudel denominou três temporalidades: o longo tempo, arquetípico, os tempos sociais, e o tempo psicológico, individual. Estes tempos perpassam a História e as histórias, e são contados nos arranjos espaciais.

O trabalho escrito divide-se em duas partes:

uma primeira parte descritiva,

uma segunda parte, analítica.

A primeira parte consiste na descrição de três pesquisas, ou conjuntos de pesquisas, de campo. Esta preocupação se deve a que o material coletado em duas delas, a do Piauí e a dos *semcasa*, tem características etnográficas de algo que pode não se repetir. Neste sentido, achamo-nos no dever de divulgar e deixar registrados os dados.

A segunda parte, por outro lado, abarca a interpretação que nos foi sugerida pelos dados, sendo uma das leituras possíveis dos mesmos. Esta leitura, que acabou adquirindo uma amplitude insuspeitada no início do trabalho, expandiu-se de questões básicas em psicologia

para indagações próximas à filosofia, em uma espécie de caleidoscópio paradigmático, em uma tentativa de abranger o que os dados mostrados na primeira parte indicaram.

Este caleidoscópio descortinou interfaces insuspeitadas: o desafio da transdisciplinaridade e da própria construção da "obra". Esta foi se dando, não apenas como uma obra necessariamente aberta porque sempre possível de ser re-PLICADA, de um lado, pela sua negação, e de ser ampliada, de outro lado, por sua extensão, em inter-faces multiplicantes (noção do hiper-espaço), mas também devido à sua "polifonia" temporal, podendo ser "escutada" e "dialogada" em vários níveis de escalas e tons, isolada e/ou orquestradamente:

um nível formal, discursivo, lógico e acadêmico; um nível in-formal, fenomênico, visual;

um nível "superior" - texto principal, e um nível "inferior" - os "pé de páginas": pequenos ensaios, pontos de referências obrigatórios em um trabalho acadêmico, ilações e contextos, que provocam um *ruido*, dado o seu volume e peso, no que se pretendeu dar de leveza e liberdade ao texto principal, mas que, sub-repticiamente, vão emergindo como parte do todo;

um nível do todo, e outros das duas partes que o compõem;

um nível de cada um dos estudos e de cada um dos capítulos, autônomos e interdependentes;

um nível descritivo, um nível explicativo, um nível interpretativo;

um nível idiossincrático a um único sujeito, no caso, a própria autora;

um nível do grupo a que se refere cada estudo de caso;

um nível hipotético da brasilidade;

um nível universal antropológico; um nível da biologia, da psicologia, da sociologia, da antropologia, da história, da arte, da filosofia;

todos estes níveis referindo-se a posições da autora no campo, sucessivas e/ou concomitantemente, em que a des-centração, como método, ocasionou uma contínua negação e des-compressão da posição anterior e, conseqüentemente, uma miríade "pós-moderna" de costura de tecidos diferentes, um *patch-work*, mais precisamente, *bricolage* sapiente. John Lilly, um neurologista que pesquisou a comunicação de golfinhos antes de se engolfinhar em teorias herméticas, disse: "os limites estão onde são colocados". Os limites são os nossos limites².

² As referências a BERQUE, BONNE, GOUBERT, GRUZINSKY e BENZA decorreram do estágio realizado em Paris em dezembro/1994 a fevereiro/1995 e da frequência a seminários por eles conduzidos na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. As referências a Eda TASSARA decorreram das reuniões de orientação desta tese e da frequência aos cursos por ela ministrados no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo nos anos de 1995 e 1996.

As fotos foram realizadas por vários autores, assinalados pelas iniciais de seus nomes, exceto as de minha autoria, não assinaladas.

0 Problema

1. Fundamentos da proposta

1.1. O problema

O estudo aqui proposto se inscreve em um programa de pesquisas cuja meta final é possibilitar a compreensão e análise de dimensões em torno das quais se constitui o modo de morar no Brasil. Trata-se de um programa que pretende informar sobre a constituição da subjetividade, em geral, e sobre os componentes socioculturais desta constituição no caso do sujeito brasileiro. Pretende, ainda, detectar modelos e processos identificatórios a partir dos quais será possível compreender aspectos do contexto do desenvolvimento infantil.

O estudo tem como objetivo imediato analisar alguns dos elementos psíquicos da dinâmica "dentro-fora" a partir do estudo do "meio". Propõe que isto seja feito através do estudo da seleção, composição e orquestração de "coisas" em uma delimitação espacial que pode ser denominada "moradia", tendo como universo de pesquisa três estudos de caso: o de uma comunidade rural, o de moradores urbanos de rua e o de moradores urbanos de baixa renda.

A diretriz deste projeto foi delineada e consolidada através da delimitação de um conjunto de fatores cujos fundamentos descreveremos a seguir.

1.2. Histórico

Anos de prática clínica fizeram ressaltar a subjetividade como uma vivência inter-subjetiva e desenharam a casa e seu interior como estrutura, estruturada e estruturante, da subjetividade. Como lugar da memória e da imaginação, nas palavras de Gaston BACHELARD³, mas também como polo interativo, suporte de projeções e de projetos, representando e contendo as relações socioculturais nela vividas.

A prática em ludoterapia infantil fez ressaltar como "objetos internos" podiam ser colocados e vistos através de "objetos externos": o brincar, ou mesmo o atuar infantil, "comunicava" a subjetividade infantil desde que houvesse uma abertura para vê-los ou "lê-los" dentro de sua capacidade expressiva e interativa. Este "discurso", baseado em "coisas" e ações sobre as coisas, tornou o conceito de "objeto transicional"⁴ operacionável nas interações terapêuticas. A criança transaciona através de objetos transicionais, comunicando, expressando e revelando, desta forma, seu mundo subjetivo.

O mesmo mundo, simbólico e subjetivo, podemos encontrar nos sonhos dos adultos. De igual modo, devidamente transduzidos, abrem as portas para universos "paralelos" ao discurso verbal.

Tanto o sonhar quanto o brincar se apoiam em imagens, na imaginação e no imaginário. Como "objetos transicionais", estão na conexão e no limiar "dentro"- "fora", "eu"- "outro": "viajam" entre estes universos, sendo a fonte da cultura.

Esta visão da casa como um espaço vivido, um "lugar" e um "espaçamento"⁵, seria construída a partir do corpo simbólico⁶. O corpo simbólico, por sua vez, seria construído

³ BACHELARD, G. A poética do espaço. In: *Bachelard*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p.181-354.

⁴ WINNICOTT, D. *Textos seleccionados: da psiquiatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

⁵ TUAN, L.Y. *Espaço e lugar*. São Paulo, Difel, 1983.

através do sistema de significações que o contextualizariam, ou seja, socioculturalmente. Portanto, através da identidade corporal, construída nas identificações do sujeito com o seu "entorno"⁷, a criança iria se constituindo como sujeito cultural. Ao se conceber o desenvolvimento infantil⁸ como o processo e o modo de a criança apropriar-se de sua cultura, nesta medida, o conhecimento do contexto sociocultural seria um dos passos para o conhecimento dos processos de desenvolvimento infantil.

Na base destas reflexões, há duas suposições básicas: uma, refere-se à hipótese isomórfica, ou seja, que haveria uma equivalência entre o exterior e o interior, entre os produtos e os processos que os engendraram, entre o "fora" e o "dentro"; a outra hipótese estabelece que haveria uma linguagem pré-verbal incorporada e corporificada, ou seja, espacializada, tecida a partir de relações tempo-espaciais do que podemos denominar rotinas. Estas rotinas seriam práticas-simbólicas ancoradas em situações-objetos. Enquanto a primeira hipótese estabelece a possibilidade da leitura do interior a partir do exterior e vice-versa, a segunda hipótese aponta para o modo como este código é criado. Esta leitura funda-se em uma recusa ao dualismo sem se comprometer com uma visão psicologizante, subjetivista, ou com uma visão objetivante⁹.

Este conjunto de hipóteses sustentou as suposições de que: a subjetividade expressa-se no contexto sócio-ambiental; que, uma vez expressa, é incorporada pelo Outro; que a identidade é construída através de processos identificatórios contextualmente dados; que a psicologia deveria procurar descrever e analisar estes contextos. Em resumo: que o estudo do meio poderia fornecer indicadores para compreender processos básicos psicológicos e específicos relacionados à construção da identidade.

Foi porque, ao iniciarmos uma pesquisa¹⁰ para desenvolver métodos e instrumentos para acompanhamento do desenvolvimento infantil em Unidade de Saúde, propusemos que

⁶ O conceito de corpo simbólico foi construído a partir de vários ângulos. Ver cap. "A Casa como Corpo".

⁷ "Entorno": estamos empregando este termo metafóricamente, tirado, por analogia, do conceito de "entorno" da Análise Matemática. Podemos defini-lo, de um modo geral, como "região que se situa em torno de um determinado ponto" (Cf. Novo Dicionário Aurélio).

⁸ Conceito desenvolvido pelo Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento Humano - CDH.

⁹ Para Gustave-Nicolas FISCHER (*Psychologie sociale de l'environnement*. Toulouse, Privat, 1992), a relação "funcionalista - determinista", com o espaço, pressupõe o espaço como um fator de influência e de condicionamento, ou seja, através do arranjo do espaço poder-se-ia influir nos comportamentos e nas relações das pessoas. A este tipo de estudo contrapor-se-iam os que se apoiam sobre a importância da "experiência vivida". Yvonne BERNARD (*La France au logis*. Liège, Mardaga, 1992) define o ambiente doméstico como o conjunto dos elementos materiais que constituem o quadro no qual se desenvolvem as atividades do morador, sendo a relação homem-ambiente vista como uma unidade transacional, na qual o homem tem uma atitude ativa. Através desta definição, ela contempla a base sócio-material da moradia, das atividades nela e por ela engendradas e o aspecto interacionista do morar.

¹⁰ Este estudo consistiu no seguimento, através de visitas domiciliares, durante um ano, de 60 crianças de 0-1 ano, inscritas no Centro-Escola de Saúde Geraldo de Paula Souza, moradoras do subdistrito de Vila Madalena, São Paulo. Tinha por objetivo desenvolver uma metodologia para acompanhar o desenvolvimento de crianças em Unidade de Saúde. Esta pesquisa, financiada pelo CNPq, denominada "Estudos de métodos e instrumentos para acompanhamento de desenvolvimento em unidade de Saúde", foi desenvolvida por Elaine Pedreira RABINOVICH, Denize Cristina de OLIVEIRA, Neusa Guaraciaba dos SANTOS, orientador: Arnaldo Augusto Franco de SIQUEIRA, no CDH. A fase de campo foi iniciada em julho de 1988 e o relatório final foi entregue em 1991. O relatório acima referido discute a aplicabilidade dos instrumentos propostos para este acompanhamento, e não os seus resultados. Os resultados deste trabalho foram publicados em: SIQUEIRA, A.A.F. et al. Instrumentos

este fosse realizado através de visitas domiciliares. Nossa intenção, naquele momento, era principalmente deslocar o atendimento consultorial para fora deste, uma vez que, devido à mesma prática clínica, conhecíamos as limitações de um atendimento que se dava no desconhecimento da realidade vivencial das pessoas atendidas: teríamos de construir uma base de conhecimentos em comum, para podermos atingir populações de baixa renda, como era o nosso propósito ao realizarmos a pesquisa. Colocávamos a hipótese, pois, que a visita domiciliar revelaria modos de ser através de modo de estar/habitar, dando assim a conhecer a "intimidade" e a "interioridade" não apenas dos contextos desenvolvimentais como também dos nossos interlocutores, os familiares da criança.

Nossa visão da casa se ateve mais ao modo de morar, ao habitar do que ao *habitat*. Citando CLAVEL¹¹, estava mais interessada na "riqueza semântica e imaginativa do habitar do que na secura funcional do *habitat*". Contudo, como pressupunhamos que no *habitat* estava inscrito o habitar, preocupamo-nos em registrar com o maior rigor possível a base material da moradia¹².

Deste modo, passamos a atuar no campo da etnografia - definida como a análise do contexto¹³ - utilizada, principalmente, como instrumento, e da abordagem comparativa, naturalística e intercultural, utilizada como método, em uma tentativa de conter o viés etnocêntrico. Este seria a tendência a atribuir a primazia a um ponto de vista suposto ser o único possível, decorrente de uma visão etnocêntrica¹⁴. Geralmente, este ponto de vista está

para acompanhamento e avaliação do desenvolvimento infantil na atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.2, n.2, p.59-99, 1992, SANTOS, N.G. et al. Os "organizadores de Spitz" como indicadores do desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.1, n.2, p.67-84, 1991; RABINOVICH, E.P. et al. Atribuição de nomes próprios em neonatos. *Boletim de Psicologia*, Sociedade de Psicologia de São Paulo, v.41, n.94/95, p.23-30, 1992, e em vários congressos (ver Bibliografia). A dissertação de mestrado da autora foi baseada nos dados coletados nesta pesquisa, financiada pela CAPES. Ver: RABINOVICH, E.P. *Modo de vida e a relação mãe-criança: o mamar e o andar, o modo de morar e o modo de dormir*. São Paulo, 1992. 135p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. [Orientadora: Ana Maria Almeida Carvalho]

¹¹ CLAVEL, M. Éléments pour une nouvelle réflexion sur l'habiter. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v.72, 1982, p.18.

¹² Susan SAEGERT (The role of housing in the experience of dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C. M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. v.8. Human behavior and environment, p.288-95) diferencia *dwelling* (morar, habitar) de *housing* (residir), em que o segundo é produzido primariamente visando lucro enquanto o primeiro não tem valor econômico em nenhum sentido. Diferencia *dwelling* de *home* (*lar*: uma idéia baseada em um lugar), distinguindo entre lugares (substantivos: *houses*, *homes*) e processos (verbos: *dwelling*, *housing*). Para ela, a idéia de morar (*dwelling*) é o constructo básico da psicologia ambiental em que ela descreve as transações físicas, sociais e psicológicas pelas quais uma pessoa mantém sua própria vida, une sua vida a outros, cria novas vidas e categorias sociais, e dá significado ao processo, assim ganhando um senso de identidade e de lugar no mundo.

¹³ O texto de Oliver SCHWARTZ (L'empirisme irréductible. In: ANDERSON, N. *Le hobo: sociologie du sans abri*. Paris, Nathan, 1993) serviu de base para as reflexões sobre o Método apresentadas a seguir.

¹⁴ O viés etnocêntrico é impossível de ser eliminado dada a posição de observador em um ponto do campo. Contudo, acreditamos poder relativizar os pontos de vista assumindo uma "filosofia mestiça": qual seja, a presença de vários sóis de modo que um relativize o brilho do outro. As psicologias comparativas, animal, inter-cultural, intra-cultural, sócio-históricas e etológicas nos fazem refletir sobre semelhanças e diferenças, a partir de observações naturalísticas. Louise CHAWLA (Childhood memory in adult interpretations of home. In: ARIAS, E., ed. *The meaning and use of housing*. Aldershot,

revestido de racionalidade dita científica, também pressuposta ser a única possível, de modo que normatividade é erigida em determinação científica.

O estudo do contexto do desenvolvimento inscrever-se-ia em uma tentativa de conter o viés etnocêntrico através da compreensão dos "termos" em que este ocorre e decorre. Ou seja, deslocamos o estudo do desenvolvimento infantil para o estudo sócio-ecológico proximal: o estudo da moradia¹⁵. Supúnhamos que estes "termos" forneceriam as dimensões a partir de onde construir-se-iam as identidades, atualizando o desenvolvimento de uma criança "real" entre as várias "possíveis".

Partimos, como já dito, da hipótese de que a habitação poderia ser "lida" por um observador externo, desde que tivéssemos o código. Para James DUNCAN et al.¹⁶, "todos os ambientes construídos são, em um sentido muito real, textos que podem ser lidos e que contam uma história sobre os valores daqueles que os constroem, mantêm, modificam ou destroem". Tais mensagens devem ser decodificadas e justapostas a outros textos sociais dos quais os ambientes seriam uma transformação. "O cenário fala da ordem moral, de como o mundo deve ser ordenado, na linguagem dos objetos, uma linguagem que largamente opera em um nível prático antes do que discursivo"¹⁷.

Como LEFEBVRE¹⁸, e devido à prática clínica, supúnhamos que o espaço é vivido antes de ser percebido, e que ele é produzido antes de poder ser lido, concluindo que o principal objetivo da leitura, a decodificação do texto espacial, "deve nos ajudar a compreender a transição dos espaços de representação (quer dizer, vividos) para as representações do espaço (quer dizer, concebidos)".

O ambiente foi visto como tendo uma característica ativa, anímica¹⁹, sendo um polo de interações, não apenas servindo como contraponto para ações engendradas por atores sociais. Haveria na moradia uma acumulação de memórias, ao mesmo tempo pessoal e subjetiva, coletiva e objetiva, fazendo parte do contexto tanto os produtos quanto os processos interativos e constitutivos da identificação que os conduziu a eles.

Averbury, 1993, p.140) oferece uma chave importante para a compreensão e análise do etnocentrismo. Conclui, baseada em relatos de escritores, que não são os princípios da moradia - experiência física, condições sociais e visões de mundo - que diferem entre vários modos de morar, mas o fato de estes princípios não serem aceitos em várias premissas filosóficas ou visões de mundo modernas, com a consequência de que o relato da experiência passaria pelo código do grupo sociocultural quer do entrevistado quer do pesquisador. Esta formulação de Chawla suporta, a nosso ver, a necessidade de pesquisa empírica, de observação do campo, pois nossos informantes podem ter a "fala" hegemônica, e não a sua experiência. Para nós do Terceiro Mundo, na medida em que a modernização coincide com a ocidentalização, aparece um padrão de tecnologia em que o tradicional é o passado a ser superado pelo "progresso" do futuro. Para Kimberley DOVEY (Home and homelessness. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985, p.53), a atitude racional não contém o monopólio da verdade ou do progresso, e o dilema estaria entre a perda de "intangíveis" e a apreciação de "comodidades".

¹⁵ RABINOVICH, E.P. O viés etnocêntrico: uma tentativa de analisar algumas questões do desenvolvimento infantil a partir do estudo de crianças do interior do Piauí. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 1996, no prelo.

¹⁶ DUNCAN, J.S.; LINDSEY, S.; BUCHAN, R. Decoding a residence: artifacts, social codes and the construction of the self. *Espaces et Sociétés*, n.47, 1985, p.30. N.spécial.

¹⁷ DUNCAN, J.S. The house as symbol of social structure: notes on the language of objects among collectivistic groups. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985, p.137.

¹⁸ LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford, Blackwell Publishers, 1994. p.38-43.

¹⁹ GIULIANI, M.V. *Le logement: un système territorial*. In: L'EUROPAN, Berlin-Ouest, 1988. [mimeografado]

O "meio" tornou-se o assunto a ser estudado: o meio como o que está no meio, como o que fornece os meios, como o *locus* onde ocorrem os fenômenos subjetivos-objetivos. As noções de transformação, de transitivismo, de transacional, de transversalidade, de temporalidade, passaram a estar no centro do estudo.

A vertente histórica foi se insinuando e se reafirmando: pois o espaço é um produto social e uma resposta construída no tempo a demandas de produção e reprodução humanas. O indivíduo, como diz HALBWACHS²⁰, está inserido dentro desta memória coletiva, onde ele escreve as suas próprias memórias. A história, pelas mãos de BRAUDEL²¹, instaura-se viva e presente no cotidiano popular.

Para contornar o viés etnocêntrico, tínhamos que ir a campo sem pré-definir o que iríamos procurar: donde o estudo das "coisas" em uma delimitação de espaço. Procuramos a palavra para designar o que pretendíamos - enfeites, decoração, arte decorativa, arte decorativa popular, ornamento, adorno - nenhuma destas palavras adequava-se ao objetivo devido a conotações com outras áreas de estudo. Até que a encontramos: *ornamental*.

Segundo BONNE²², o ornamental é uma categoria estético-antropológica fundamental que não pode ser reduzida a alguns tipos de objetos e de decoração: o ornamental seria uma operatividade e não uma forma. O ornamento e a ornamentação seriam uma cristalização do ornamental. O ornamental é atravessado pela transversalidade, não teria um *topos*, localizando-se em várias áreas, como pintura, escultura, arquitetura, dança, tatuagem, flutuando entre diversos lugares da cultura e daí fazendo flutuar as fronteiras. Ainda segundo BONNE, como transversal a todas estas áreas, o ornamental seria a própria rearticulação da estrutura, oposto a ornamentado, a decorativo, devendo ser pensado como uma *puissance transversal*, uma força de exteriorização imanente capaz de se libertar do já cristalizado. Isto porque ele é uma dimensão que implica em estética enquanto antropomorfiza.

BONNE pensa o ornamental como uma capacidade estético-antropológica universal e fundante da hominização. Do ponto de vista antropológico haveria, além do simbolismo particular investido, uma dimensão ornamental do simbólico, ele próprio e como tal, o ornamental seria o próprio simbólico: não apenas um signo cultural ao lado de outros signos, mas um signo da culturalidade da cultura, significando a necessidade da cultura de escapar a si própria. Isto estaria referido ao processo de antropomorfização do homem, o homem sendo visto como um animal em vias de despojar a espécie de uma certa "naturalidade". O homem antropomorfiza-se ao tatuar-se, ao vestir-se, e ornando o seu meio para o "despojar de uma certa naturalidade". A cultura, para continuar antropomorfizando o homem, deve ser capaz de se desfuncionalizar, isto é, recuar para longe da coisa natural. Esta seria a função simbólica do ornamental como culturalidade da cultura: rearticular a estrutura onde o ornamental se refuncionalizaria no ornamento.

Para BONNE, o ornamental faria a correspondência entre as várias ordens do mundo: cósmica, social, etc. Faria a correspondência entre as diferentes ordens e linguagens, levando-as a se comunicar através de similitudes formais e semânticas. O ornamental, ao mesmo tempo que ordena o mundo, estrutura o espaço, constitui-se em modelo de conhecimentos. Por

²⁰ HALBSWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

²¹ BRAUDEL, F. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo*. São Paulo, Martins Fontes, 1983. v.1. [Prefácio]

²² Os enunciados sobre o ornamental que se seguem, assim como todos os demais, foram derivados de anotações realizadas em seminário apresentado por Jean-Claude BONNE (Preparação para um colóquio do Centro de história e teoria da arte - C.E.H.T.A. - sobre o ornamento) na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em janeiro de 1995, e em entrevista particular, realizada no mesmo período.

exemplo, com relação ao discurso matemático, haveria uma articulação entre o ornamental e o geométrico na medida em que muito da arte ornamental procede por simetrias, paralelismos, por repetição, compartilhadas com a reflexão geométrica, donde, segundo BONNE, estaríamos em presença de uma estrutura fundante elementar do espírito.

Isto porque o ornamental refere-se não a um livre jogo estético mas à própria funcionalidade onde ela está: significa a forma livre sem o que fechar-se-ia necessariamente o próprio caminhar da cultura e do despojamento do homem em relação à sua "naturalidade". A decoração seria uma parte integrante do objeto, assim como toda arte seria ornamental.

A nosso ver, isto significa que, do ponto de vista evolucionário, foi selecionada uma característica, denominada por BONNE de ornamental, para a espécie humana, responsável por uma vantagem adaptativa de sobrevivência e que trouxe no seu bojo esta dimensão de "desfuncionalização" como inerente à "natureza humana". A "desfuncionalização", por sua vez, pode ser dita ser uma "passagem do círculo funcional do instinto ao regime anárquico das pulsões que institui a ordem do 'desejo' ou da sexualidade humana"²³. Este seria o despojamento da naturalidade através da culturalidade da cultura.

BONNE, como historiador da arte, neste conceito integrou história, arte e antropologia. A nosso ver, ele ajuda a integrar também a psicologia, não apenas ambiental, mas cognitiva, afetiva e social.

Em uma exposição no Museu Drapper, Paris, em fevereiro de 1995, sobre o país Dogon, situado ao sudeste do Mali, pudemos observar uma "coisa" datando provavelmente do século X, que nos pareceu conter e resumir a essência do estudo em questão: era um armário-celeiro, com cerca de 50 cm de altura e 30 cm de largura, que consistia em duas portas, ornadas com talhas representando figuras humanas e animais, colocadas sobre uma outra madeira. Segundo os organizadores da exposição, este armário-celeiro seria uma propriedade individual da mulher do chefe e do próprio chefe. Serviria para guardar os grãos e também outros bens, fazendo também o papel de altar familiar sob encargo do dono do celeiro. Fixados à meia altura, as portas ornadas com figuras humanas e animais contribuiriam para assimilar o celeiro a um "ventre fecundo", "aos arquiprimeiros tempos do mundo que continham, além dos oito ancestrais da humanidade e dos protótipos dos animais, os grãos primordiais"²⁴.

Este armário-celeiro ilustra totalmente a noção de ornamental: como, funcional por conservar os grãos fundamentais para a sobrevivência, engloba o símbolo do ventre fecundo que aparece como pertencente à ordem cósmica divina através do altar. Ao mesmo tempo, seu proprietário é o responsável pelos seus cuidados, donde a posição social e a responsabilidade junto ao grupo de pertencimento. As figuras gravadas indicam, protegem, representam, comunicam, conservam na memória, são, os deuses, e ao mesmo tempo são os homens que as gravaram. Este objeto, provavelmente o único na moradia, sintetiza e condensa todos os demais nos quais foi se autonomizando através de separações a partir do um inicial.

Este armário-celeiro - "um fato ornamental total" - ilustra também a transversalidade do objeto do presente estudo. O estudo do contexto implica necessariamente no estudo dos

²³ PRADO Jr., B. Lacan: biologia e narcisismo (ou a costura entre o real e o imaginário). In: PRADO JR., B., ed. *Filosofia da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991, p.66. Bento Prado baseou-se em LACAN (Os dois narcisismos. In: *O Seminário*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975) para discutir a constituição dos objetos enquanto tais, concluindo: "é preciso reconstruir a teoria da imaginação a partir de sua base biológica. Ou seja, visar o imaginário, não como uma instância segunda, que se desdobra sobre o fundo do mundo originário da percepção, mas como instância primitiva e constitutiva da experiência perceptiva, já no comportamento pré-humano do comportamento instintivo" (op. cit., p.70).

²⁴ Segundo os organizadores da supra citada exposição.

sentidos. Segundo SCHWARTZ²⁵, a lógica do sentido tem um caráter fortemente transversal, ou seja, funciona segundo lógicas globais que se cristalizam em formas muito sintéticas de relação com o mundo. Esta transversalidade tem implicações sobre o recorte e sobre a metodologia de trabalho. Implica em vários níveis de análise decorrentes dos vários objetivos "transversais", pertencentes a várias lógicas, como a econômica, social, etc.; implica também em que, para se atingir os fatos enquanto fenômenos de sentido, é preciso colocar em questão recortes artificiais decorrentes de necessidades de análise do pesquisador e procurar, isto é, reconstruir os conjuntos significativos nos quais eles se inserem. Parte-se, pois, da transdisciplinaridade.

Em resumo: o objeto da pesquisa - estudar a seleção, composição e orquestração das "coisas" em uma delimitação espacial - é o objetivo descritivo, que contém a sua própria história, através da qual ele dar-se-á a conhecer. Através deste objetivo, pretendemos caracterizar o ornamental e, fazendo-o, acreditamos, estaremos nos defrontando com o sujeito - epistêmico, psicossocial e individual - e com o seu "meio". Neste sentido, entendemos que o método é definidor do resultado, principalmente quando, através do método, construiremos o objeto. Tanto a questão do objeto quanto a do método estão inscritas na preocupação de contornar o viés etnocêntrico e, conseqüentemente, os aspectos normativos das ciências humanas dado que, em última análise, pretendemos conhecer o modo de vida conforme manifestado no modo de morar de segmentos desprivilegiados da população brasileira.

2. Fundamentos da análise

2.1. A mediância

Este trabalho insere-se dentro de uma perspectiva da psicologia social do ambiente, ou seja, considera que o ambiente onde vivemos modela os modos de ser porque nos constituímos nas relações que temos com eles. Todo espaço é uma "imagem de sua cultura"²⁶, um prolongamento e um reflexo da imagem que a sociedade se faz de si própria, uma matriz da existência e da experiência individual e coletiva.

A noção de ambiente pode ter uma conotação "extrovertida", funcionalista, determinista e positivista, que não se enquadra no entendimento que estamos tendo de ambiente. Nesta visão, o espaço é um fator de influência e de condicionamento. Contrapomos a ela a noção de espaço vivido, isto é, "investido de uma experiência sensorio-motora, tátil, visual, afetiva e social, que produz, através das relações estabelecidas com ele, um conjunto de significações carregadas de valores culturais próprios"²⁷. É neste sentido que o espaço é uma linguagem relacionada às condições de vida: "os espaços modelam os indivíduos que os modelam à sua maneira, de modo que esta relação constitui uma linguagem que envia à condição de existência concreta destes indivíduos"²⁸. Analisar as múltiplas interdependências que fazem do espaço um sistema é considerar o espaço como um "meio", um mediador e um objeto transitivo das relações do indivíduo consigo mesmo, com o seu grupo, com a estrutura social.

Ao espaço vivido corresponde a noção de meio (*milieu*), tanto para denotar o *locus* (meio-ambiente, entorno, contexto) onde ocorrem os fenômenos, quanto as intermediações

²⁵ *L'empirisme irréductible*, op. cit., p.296.

²⁶ FISCHER, G.N. *Psychologie sociale de l'environnement*. Toulouse, Privat, 1992. p.14.

²⁷ Idem, *ibidem*, p.44.

²⁸ Idem, *ibidem*, p.45.

(mediações, processos) através das quais eles se dão, os modos como se dão (modos, dimensões), e o próprio se dar deste modo (mediância)

O meio pode ser pensado como uma "gênese recíproca" entre os termos que o compõem, havendo "encaminhamentos reversíveis" entre os mesmos termos. Augustin BERQUE²⁹ denomina a isto *trajetividade*. A *trajetividade* seria uma dimensão própria do meio dado ser ele, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo, natural e cultural, coletivo e individual: a *trajetividade* refere-se a uma dimensão que não é nem do sujeito nem do objeto, mas das práticas que engendraram o meio no curso do tempo e que, sem cessar, o arranjam e re-arranjam.

A realidade do meio é, pois, uma relação. As práticas anteriores legam matrizes a práticas posteriores: esquemas comportamentais, modos de ver, gêneros de vida, modos de agir e pensar, etc., que o presente não cessa de re-arranjar e de projetar, através de impressões, sobre o possível e sobre o passado. Estas impressões tornam-se matrizes que, ao nosso ver, estão impressas nas "coisas", podendo ser lidas.

A diferença entre esta abordagem e a fenomenológica está na visão do espaço como socialmente construído, anterior ao indivíduo. Os esquemas de apreensão da realidade - as representações, os comportamentos - são transmitidos pelo grupo mas só têm existência por e para cada indivíduo: o encontro do indivíduo de si próprio dar-se-ia no espaço construído sócio-historicamente.

A *trajetividade*, para BERQUE, distinguir-se-ia da intersubjetividade em que esta exclui os aspectos objetivos do meio e só leva em conta o campo psicossocial, enquanto aquela concerne ao conjunto total do meio. A *trajetividade* estaria a meio caminho entre o objetivo e o subjetivo, entre o presente, o passado e o possível. Donde a importância dos aspectos empíricos da experiência: a representação do ambiente faria parte do meio que ela representa, mas nisto ela não é apenas subjetiva pois a própria experiência no meio funciona, em certa medida, como verificação. Diríamos, com GIBSON³⁰, que há um experimentar de coisas antes do que um ter experiências.

Segundo BERQUE³¹, em todo meio, haveria uma dimensão singular, concreta, endógena, "em compreensão", denominada tópica, e uma dimensão geral, abstrata, exógena, "em extensão", denominada corética. A dimensão tópica é construída a partir de um lugar e a dimensão corética é construída de uma extensão. Os lugares supõem a concretude e não a abstração, o enraizamento e não o movimento, o intrínseco e não o relativo, a presença e não a representação, a singularidade e não a generalidade, a experiência e não a significação.

Entre a experiência "tópica" e a significação "corética" é no, e pelo, meio que se realiza o sentido. O sentido aparece ligado à *trajetividade* pela qual combinam-se as dimensões do referente e da referência, dimensão esta que Berque denomina mediância.

A mediância pode ser entendida como o momento estrutural e estruturante da existência humana ou do *ser-humano*, ou seja, o movimento do ser-para-fora, que é o sentido etimológico, segundo BERQUE, de existir = *ex-istere*: permanecer do lado de fora.

²⁹ As ideias expostas a seguir, e posteriormente, sobre mediância foram baseadas no curso "*Paysage et éthique de l'environnement*", ministrado por Augustin BERQUE, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, nos meses de dezembro/janeiro/ fevereiro de 1995, e no texto BERQUE, A. *Le sauvage et l'artifice*. Paris, Gallimard, 1986.

³⁰ Apud NATSOULAS, T. Gibson's environment, Husserl's Lebenswelt, the world of physics and the rejection of phenomenal objects. *American Journal of Psychology*, v.107, n.3, p.327-58, 1994.

³¹ Idem, *ibidem*.

A mediância determina a vida humana porque supõe o ser humano como ator, enquanto age como homem ordenador, sensível, que sonha, que imagina. A mediância, pois, traduz o homem na sua subjetividade.

O ser-humano³² identifica-se ao seu meio e, nesta medida, compreende-se a si mesmo. É um auto-entendimento, onde o meio é o modo deste entendimento de si. O meio é uma noção eco-simbólica, é uma relação ao mesmo tempo qualificante e qualificada da sociedade: nossa relação com o mundo é a mesma relação que constitui o mundo, que é, portanto, um sistema eco-simbólico. Para BERQUE, o meio não é um conjunto de objetos mas um complexo no interior do qual está a subjetividade humana.

Ao sair de si, o sujeito encontra o objeto, não apenas a si próprio. Isto porque o espaço existe antes do sujeito e o sujeito, para existir, apoia-se nas formas preexistentes no espaço. Estas formas preexistentes são socialmente compartilhadas não apenas por preexistirem mas também por corresponderem a mecanismos internos a todos seres humanos.

À espacialidade corresponderia o conceito de historicidade. A historicidade pressupõe uma temporalidade não homogênea, em contraposição a historial e histórico que corresponderiam a uma temporalidade homogênea e linear.

O meio é um resultante da história, de uma acumulação de expectativas de longa duração que remontam a nossos ancestrais. Assim, o ser-humano é histórico-social e a mediância é tanto estrutura do ser-humano quanto indissociável da historicidade. Na união da historicidade com a mediância, a história transcende. Isto é o que se pode denominar carnalidade (ou corporiedade) subjetiva (no sentido do sujeito ator): que é, verdadeiramente, a mediância.

Esta noção contrapõe-se à de corpo-objeto onde o corpo está destacado de sua subjetividade de modo a ser possível ser objetivado. Para BERQUE, a subjetividade da carne é a estrutura espaço-temporal do ser-humano, que é a mediância. No momento em que o indivíduo realiza a objetivação do si mesmo, neste momento está no meio, de modo que o corpo é um "corpo em um meio".

A mediância seria o meio enquanto relação dado que todo movimento para fora se encontra no meio que é historicamente construído.

2.2. A Temporalidade

Vários autores apontaram para uma complexidade inerente ao campo de estudo das moradias que deveria ser resguardada na coleta e na análise dos dados e que implica em levar em consideração a temporalidade, vista, contudo, sob diversas acepções.

Para Robert LAWRENCE³³, o *lar* é uma unidade complexa que define e é definido por fatores culturais, sócio-demográficos, psicológicos, políticos e econômicos. Para este autor, o projeto, significado e o uso do interior de uma casa só podem ser compreendidos a partir de dimensões culturais, sócio-demográficas e psicológicas, entendidas como tendo relações recíprocas em termos de uma perspectiva histórica dual. Esta perspectiva dual refere-se a questões temporais de longo termo - sócio-históricas, e de curto termo - a história particular dos indivíduos. Dentro desta perspectiva, este autor realizou um estudo³⁴ arquitetônico,

³² Corresponde à *l'être-humain*, terminologia empregada por BERQUE para indicar o verbo *ser* como o ser do ser humano.

³³ LAWRENCE, R.J. What makes a house a home? *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.154-64, Mar. 1987.

³⁴ LAWRENCE, R.J. A more humane history of homes: research method and application. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.113-32.

histórico e etnográfico de moradias australianas, comparando-as com o desenvolvimento de moradias inglesas.

Para Carole WERNER³⁵, o tempo tem sido uma importante parte - embora usualmente apenas implícita - da pesquisa sobre relações interpessoais e uso da casa. Realizou, sob tal perspectiva, um estudo da casa em termos de tempo, considerado como linear e cíclico.

Já para David SAILE³⁶, as moradias refletem o interjogo dialético entre indivíduo e sociedade, principalmente o interjogo temporal.

Kimberly DOVEY³⁷ estrutura a questão da temporalidade ao interpretar como uma das propriedades da moradia a de *ordenar* a experiência espacialmente, socioculturalmente e temporalmente. Esta dinâmica dá-se dentro de um quadro dialético ordem/caos: o tempo seria responsável pelo sentido de familiaridade enraizado em rotinas corporais, nas coisas e na experiência de "interioridade". O papel do ambiente físico seria o de uma espécie de âncora mnemônica que estabelece quem somos através de onde viemos: uma identidade temporal não apenas ligada ao passado mas também ao futuro. "O crescimento da identidade requer uma certa liberdade de interação entre presente e futuro, entre nossas experiências e sonhos"³⁸. Referente ao tempo, haveria uma orientação temporal do espaço, uma organização temporal da identidade e um processo temporal dialético. "A casa é estática mas a moradia é fundamentalmente dinâmica e orientada por processos dialéticos e transações que mudam no tempo"³⁹.

Em uma abordagem fenomenológica da casa como um conceito heurístico em que ela não é nem sujeito nem objeto, Pascal AMPHOUX e Lorenza MONDADA⁴⁰ concebem o *chez-soi* como generativo, e não apenas como normativo, positivista, reducionista, "racista ou reacionário", "caracterizando-se por sua dinâmica no próprio movimento do que o constitui, o que aparece como o lugar de um acavamento de temporalidades diferentes". Propõem um tempo discreto e paradoxal, que coloca as questões da sincronização, da descontinuidade e da imediatização dos ritmos e das atividades domésticas, composto por temporalidades diferentes: *tempo estacionário* (divino, da eternidade), *tempo linear* (progressivo ou regressivo, mensurável e causal), *tempo cíclico* (eterno retorno, regularização dos ritmos, *habitus*), *tempo discreto* (pontual e descontínuo, eterna reconstrução em uma contínua descontinuidade). O *chez-soi* é visto como "doador do tempo" mas também, do ponto de vista fenomenológico do espaço através do tempo, como confrontação entre um passado reativado e um futuro antecipado. Deste ponto de vista, haveria uma nova apreensão do tempo com conseqüências sobre o *chez-soi*. A *aceleração constante dos acontecimentos*, por exemplo, torna muito difícil a fixação em um modelo de referência, o que pode ser observado em uma renovação acelerada e uma acumulação de *gadgets* percebíveis ou na reivindicação de autenticidade de uma mobília ou modo de vida. A *lógica do ganho de tempo* estaria sendo substituída pela *lógica da perda de tempo*, com novos objetos técnicos propostos pelo mercado não visando a economia do tempo (eletrodomésticos, meios de transporte) mas modos de gastar o tempo

³⁵ WERNER, C.M. et al. Temporal aspects of homes: a transactional perspective. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., op. cit., p.1-30; WERNER, C.M. Home interiors: a time and a place for interpersonal relationships. *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.169-79, Mar. 1987.

³⁶ SAILE, D.G. The ritual establishment of home. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. v.8: Human behavior and environment. p.104.

³⁷ DOVEY, K. Home and homelessness. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. v.8: Human behavior and environment, p.33-63.

³⁸ Idem, *ibidem*, p.43.

³⁹ Idem, *ibidem*, p.48.

⁴⁰ AMPHOUX, P.; MONDADA, L. Le chez-soi dans tous les sens. *Architecture&Comportement/Architecture&Behavior*, v.5, n.2, 1989. p.143.

livre na casa (produtos informáticos, tecnologias de ilusão...). Além disto, estar-se-ia passando de uma concepção de *continuidade*, em que a experiência espacial era dominante, a uma concepção de *descontinuidade*, na qual a experiência temporal torna-se dominante: deve-se saber viver o dia a dia, reagir o mais rápido; há incerteza dos itinerários profissionais, dos itinerários residenciais; não se constrói para a vida mas por alguns anos; o espaço arquitetural abre-se, torna-se transparente e efêmero, com um planejamento para o uso livre dos espaços internos, superfícies de vidro e a obsolescência da construção. A televisão pode ser considerada como "uma nova janela, abrindo a casa não mais para o seu ambiente imediato mas para um espaço infinito - tela translúcida que veste a materialidade das separações de uma transparência ilusória em imagens fugidias onde se pode interromper o fluxo pela simples comutação. A representação da sala concentrava um público em um espaço, a representação televisual a concentra no tempo; a biblioteca permitia reunir os leitores de informações diferentes em um mesmo lugar, a tela permite difundir a mesma informação a pessoas dispersas".

No estudo do vilarejo de Minot, na França, por Françoise ZONABEND⁴¹, o tempo se impôs como central à análise, resultando nos conceitos de *tempo do vivido*, estudado na casa; *tempo da vida*, analisado pelas relações entre sociabilidade e seus lugares; *tempo da coletividade*, de duração estável, cíclica, marcado pelo perpétuo recomeço, pelo eterno retorno para "o mesmo", mergulhado na origem do grupo, e *tempo familiar*, memorizado pelos nomes próprios, que classificam em uma linhagem e inscrevem em um vivido social. O tempo vivido e da vida são divididos entre um "ontem" e um "hoje", e são ciclicamente negados pelo retorno ao "mesmo" do tempo da coletividade.

Nos nossos estudos, questões envolvendo o tempo impuseram-se desde a primeira pesquisa de campo que desenvolvemos onde observamos que a desorganização materna aparecia associada à falta de rotinas e a uma relação simbiotizada com o bebê. Deste modo, o primeiro indício de que o tempo se achava no espaço veio, para nós, através das rotinas, compreendidas, atualmente, como ações apoiadas no espaço que estruturam o tempo.

Na segunda série de nossas pesquisas de campo realizadas com os *semcasa*, o tempo veio a poder ser "visto" através da instabilidade das moradias que estavam em perpétua transformação. Inspirada em HALL⁴² e em seus estudos sobre a cronêmica - o modo como o tempo se acha presentificado no espaço - introduzimos em nossas considerações dois novos conceitos: o de tempo monocrônico e o de tempo policrônico. Enquanto o segundo estaria relacionado a sociedades coletivizadas, o primeiro referir-se-ia à compartimentalização dos espaços a partir de um conceito de vida privada e íntima. Deste modo, o conceito de tempo passou a integrar o de modo de vida, e, conseqüentemente, o de modo de morar.

Outro conceito desenvolvido a partir do estudo dos *semcasa* foi o de "tempo vivido" como o tempo fenomênico do presente, passado e futuro, construído, contido, socialmente, dado indicações de que o corte do passado era um impedimento para o futuro, ficando o *semcasa* preso ao presente como o único tempo possível⁴³.

O terceiro elemento temporal surgido no estudo dos *semcasa* foi a transformação contínua das moradias, como se a transformação compensasse a ausência de "propriedade" através de uma "apropriação" permanente.

⁴¹ ZONABEND, F. *La mémoire longue: temps et histoires au village*. Paris, PUF, 1980.

⁴² HALL, E.T. *The dance of life: the other dimension of time*. New York, Anchor Books, 1983.

⁴³ RABINOVICH, E.P. A casa dos *semcasa*. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.12, n.3/4, p.16-25, 1992; RABINOVICH, E.P. La demeure des sans logis. *Cahiers Santé*, v.3, n.5, p.375-81, 1993.

Em função disto, fomos estudar os túmulos na condição de moradias "imóveis", tentando entender como a visão de tempo "eterno", não funcional, achar-se-ia representada no espaço⁴⁴.

Finalmente, no estudo de casas do interior do Piauí, pudemos vivenciar o tempo naquilo que BRAUDEL⁴⁵ chamou de "três temporalidades". O estudo desenvolvido no interior do Piauí possibilitou uma leitura diacrônica em um recorte sincrônico, donde emergiram categorias que correspondem, por analogia, às de Braudel. Através de uma abordagem que desenvolveu uma "arqueologia do moderno" por meio das "coisas" e de sua localização no espaço, "rastreou-se" as pistas sobre tempos diversos e simultâneos. Deste modo, de um recorte pouco abrangente, pode-se alcançar tempos longínquos porque nele ficaram inscritos registros a serem decifrados, e que remeteram às três temporalidades de Braudel. Este autor, em seu prefácio à primeira edição de "O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo"⁴⁶, decompõe a História em planos superpostos, distinguindo um tempo geográfico, um tempo social e um tempo individual. O tempo geográfico seria quase imóvel: seria o tempo das relações do homem com o meio que o rodeia; o tempo social referir-se-ia à história dos grupos e dos agrupamentos, e o terceiro, à dimensão do indivíduo, de seus sonhos, coleras, ilusões.

Yara VICENTINI⁴⁷ aplicou esta leitura à urbanização da Amazônia. Para ela, deve-se considerar, ao lado do conceito espacial, tempos culturalmente diversos cujas articulações resultam na formação social. Conclui esta autora pela necessidade de compreensão de uma temporalidade vinculada à história dos homens e de modos de vida. Deste modo, Vicentini, ao estudar a realidade brasileira, amplia o conceito de fronteiras ao descrever a Amazônia como uma não-fronteira por ser ela ocupada pelos cidadãos que lá habitam há muitos séculos, introduzindo a necessidade de combinar variáveis endógenas e exógenas para a compreensão final de uma formação social.

Pode ser pensado esta autora estar introduzindo, desta forma, o conceito de mestiçagem segundo nossa compreensão: a de fronteiras de identidade que se dão em tempos culturalmente diversos e em fronteiras móveis⁴⁸. A mestiçagem, para nós, é a ausência de centro que decorre de um processo civilizatório onde a maioria sempre foi a minoria: é a ausência de um sol único, mesmo que se faça crer que assim seja. É a resistência cultural que se manifesta no cotidiano, através do uso de palavras e coisas de um modo, mas querendo dizer "Outro(s)". De maneira semelhante, Darcy RIBEIRO⁴⁹ define a identidade brasileira como um vazio, um não centro, "uma terra de ninguém" decorrente da "formação identitária" dos mamelucos, filhos de mãe índia e pai europeu, que trabalhavam para o europeu mas se comportavam como índios, rejeitados por ambos. A mestiçagem seria, para nós, esta herança

⁴⁴ RABINOVICH, E.P. A casa dos mortos, 1993. [mimeografado]

⁴⁵ O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo, op. cit. (Prefácio)

⁴⁶ Idem, ibidem.

⁴⁷ VICENTINI, Y. Cidade e história na Amazônia. São Paulo, 1994. Tese (Doutoramento) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

⁴⁸ Estamos nos apoiando nas idéias de Serge GRUZINSKI, comunicação no seminário "Les Ameriques baroques: manifestations et répercussions de l'occidentalisation", Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, janeiro/fevereiro de 1995, para quem a compreensão do processo de colonização americano tem que ser feita a partir de uma des-mistificação de uma mitologia européia maniqueísta. Para ele, houve e há "fronteiras fractais", móveis, mundos que transitam de um para outro através da circulação de objetos e palavras, criando uma zona "estranha" (*étrange*), emblemática de mundos intermediários. A esta zona estamos chamando de mestiçagem: zonas não claras, incertas, em gestão, imprevisas e incontroláveis.

⁴⁹ RIBEIRO, D. O povo brasileiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p.109.

materna, transmitida intergeracionalmente no modo de cuidar da casa e da criança, e na "língua materna".

Através da leitura de BRAUDEL, pode-se ampliar e aprofundar a questão da temporalidade, referindo-a a dimensões diacrônicas e sincrônicas dos fenômenos humanos. Na medida em que nos interessa a concretização no indivíduo dos processos sociais que o envolvem e que possibilitam a sua *ex-stência*, está implicada uma visão histórica do ser humano. Esta visão seria *historical*, segundo Augustin BERQUE, para quem a historicidade pressupõe uma temporalidade não homogênea, em oposição a *historial* e *histórico* que corresponderiam a uma temporalidade homogênea e linear, a uma história decomposta em planos superpostos concomitantes de tempos diferentes, "não na cronologia de fatos políticos, econômicos e sociais, mas na exploração de planos diferenciados da história"⁵⁰; ou seja, dentro do conceito de temporalidade de Braudel. Berque faz corresponder o conceito de *historical* à espacialidade, podendo ser por causa disto que, no estudo do espaço, pode-se realizar esta aproximação entre estes dois autores.

2.3. Os fenômenos transicionais

Donald WINNICOTT⁵¹, pediatra, psiquiatra e psicanalista, descreveu fenômenos intermediários entre "dentro" e "fora", que chamou transicionais. Haveria uma "área intermediária da experiência", específica do brincar da criança mas também presente na relação com o espaço no adulto. O brincar infantil seria a expressão de uma relação de confiança estabelecida entre a criança e seu entorno.

Frente à separação da mãe, a criança lida com esta perda apegando-se a objetos que representam tanto o mundo externo quanto o mundo interno, que Winnicott chama de "objetos transicionais". A função destes objetos é permitir a transição do estado de união com a mãe ao estado em que a criança está em relação com a mãe enquanto separada dela, portanto, como algo exterior. O objeto transicional é o que permite suportar a separação. Assim, pode-se dizer do objeto que assegura a passagem de uma relação fusional a uma relação entre dois polos separados que ele é a primeira possessão não-eu do bebê; ele facilita a transição entre a simbiose mãe-criança e a díade separada mãe/criança, donde seu nome de objeto transicional. Este objeto seria o protótipo do objeto cultural na medida em que ele existe em um "espaço potencial", entre o ser e o poder ser, sendo, pois, o modo como a criatividade humana pode se expressar⁵².

A função destes objetos é permitir a transição entre o mundo interior e o mundo exterior do bebê. Para o bebê progredir do princípio do prazer, ou seja, para que renuncie à onipotência mágica do início da vida, e atinja o princípio da realidade, ou seja, reconheça a existência de uma realidade exterior, é necessário que entre o "fora" e o "dentro" se desenhe uma "área de experiência" que não pertence nem a um nem a outro, e que não esteja, a rigor, em nenhum lugar, e cujo objeto eleito (fralda, cobertorzinho) representa o testemunho.

Para o bebê realizar esta passagem, é necessário uma "mãe suficientemente boa": uma mãe que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente a intervenção materna segundo a crescente capacidade da criança em aquilatar

⁵⁰ BRAUDEL, F., *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo*, op. cit., p.5.

⁵¹ As idéias que se seguem no texto estão baseadas em Winnicott, principalmente, nas seguintes obras: WINNICOTT, D.W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982; WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

⁵² RABINOVICH, E.P. O nascimento psicológico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.1, n.1, p.54-63, 1991.

o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. Inicialmente, a mãe propicia a ilusão de que o seio, ou seja, todos os cuidados, fazem parte do bebê. A mãe coloca o seio real exatamente quando e onde o bebê está pronto para criá-lo. Assim procedendo, cria uma área intermediária entre o que é objetivamente percebido e o que é subjetivamente concebido, entre a realidade e a criatividade. A mãe dá realidade ao desejo da criança e dá a essa a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar. Após isto, a mãe tem a tarefa de desiludir gradativamente. Se a ilusão-desilusão ocorrer normalmente, está pronto o palco para a frustração do desmame, isto é, para a separação da figura materna e o início da constituição do bebê enquanto indivíduo.

Para WINNICOTT, o precursor do espelho é o rosto da mãe: o bebê se vê no rosto da mãe. Se não houver retorno, haverá atrofia da capacidade criativa e/ou retirada para si próprio.

Entre a mãe e a criança aparece, assim, o que WINNICOTT chama de "espaço potencial". Este espaço torna-se progressivamente o espaço do brincar, e depois, o da cultura.

Face ao exposto, colocamos como premissas de nosso trabalho:

- que o ornamental é o espaço potencial onde o adulto se auto-reflete e ao fazer isto se reconhece, se autentica;
- que a subjetividade humana surge com a simbolização do corpo, e que isto se manifesta espacialmente através do ornamental;
- que as cristalizações do ornamental equivalem a "objetos transicionais" existindo dentro do "espaço potencial", sendo representantes concomitantemente do mundo interno e do mundo externo, servindo tanto para transações intersubjetivas quanto para passagens entre estágios de ilusão-desilusão progressivas;
- que estes objetos contêm elementos de pensamento mágico-onipotente principalmente quanto a aspectos protetores, ritualísticos;
- que o ornamental e suas cristalizações, embora se utilizando de pensamento hipotético abstrato, devido à sua equivalência com objetos transicionais, está mais referido ao pensamento analógico, icônico, intuitivo;

Então, são nossas hipóteses:

- que o ornamental e suas cristalizações, comunicam, expressam e revelam marcas identificatórias, sendo auxiliares no processo de construção e manutenção da identidade;
- que os arranjos espaciais que caracterizam uma moradia equivalem a objetos transicionais, no sentido primeiro de *ex-istere* humano: ou seja, da extroversão primeira do homem que, ao se colocar fora, encontra-se consigo mesmo através dos outros;
- que o objeto de nosso estudo refere-se a funções simbólicas que existem concomitantemente à da linguagem, podendo ser, inclusive, anterior a ela tanto filo quanto ontogeneticamente;
- que, subjazendo aos fenômenos em questão, há a perda e a substituição da perda.

3. Fundamentos do método

Conforme Harold PROSHANSKY⁵³, a psicologia ambiental, no âmbito da qual este trabalho se insere, esteve dividida entre uma abordagem empiricista, para a qual o mundo é real e aparente, e uma abordagem fenomenológica, para a qual o mundo é interioridade. Para

⁵³ PROSHANSKY, H.M. Environmental psychology and the real world. *American Psychologist*, p.302-11, Apr. 1976.

Yvonne BERNARD⁵⁴, a psicologia ambiental representa um domínio onde a oposição tradicional entre a observação (que caracterizaria as ciências humanas) e a experimentação (que caracterizaria as ciências da vida) não é pertinente e referir-se-ia a uma confusão entre duas etapas distintas da pesquisa: a coleta de dados e sua elaboração.

Neste tópico, pretendemos discutir alguns aspectos epistemológicos fundantes tanto do método utilizado no estudo quanto do próprio objeto do mesmo. Na medida em que o objeto da pesquisa se deu na sua própria construção, ou seja, foi sua própria história, ele ocorreu em diferentes níveis. Para atingir este objetivo, que foi realizado no seu próprio percurso, precisamos construir um método que permitisse ter acesso ao objeto que se estava construindo. Portanto, a questão do método estava intrinsecamente unida ao do objeto, e ele próprio pressupunha uma trajetória.

O método⁵⁵ pode ser dito o modo como o problema é resolvido. O problema inicial foi como analisar as moradias através da observação das mesmas. Estas colocações estruturaram o presente estudo sobre fundamentos empíricos e indutivos.

O termo empirismo está sendo utilizado para descrever um método de pesquisa que parte da observação dos "dados" sem prejudicá-los e sem se propor controlá-los, congelá-los, medi-los. Conforme SCHWARTZ⁵⁶, é reconhecer que os materiais e as operações da pesquisa comportam uma certa dose de "impureza" e "inadequação", e que a "purificação" pode fazer desaparecer o próprio empreendimento. "É, pois, aceitar que os resultados produzidos por este tipo de pesquisa não podem escapar de um certo grau de contingência, de aproximação e de incerteza". "É esta impossibilidade de funcionar sob condições metodologicamente puras que se pode chamar o 'empirismo' da etnografia"⁵⁷.

Nesta posição, segundo SEAMON⁵⁸, "desconfia-se da validade de teorias, leis ou conceitos a priori usados para dirigir a organização direta do contexto empírico". Além disto, conforme LEFEBVRE⁵⁹, a abordagem descritiva preserva diferenças em sua "discretude" ao não evacuar o "objeto" e não reduzir, assim, o tempo ao espaço, o valor de uso ao valor de troca, o objeto ao signo, a "realidade" à semioesfera, significando também que o movimento da dialética é reduzido à lógica, e o espaço social ao espaço mental puramente formal.

Para nós, a percepção-concepção-vivência do espaço/corpo devia ser procurada onde ela estava: no espaço e no corpo, nas suas próprias linguagens, no "espaço de representação"⁶⁰. A categoria de análise surgiu como a junção entre a sintonia do empírico com o corpo teórico através da mediância.

Como a finalidade não era reconhecer, mas descobrir, ou seja, passar das propriedades situacionais para as propriedades estruturais do observado, um esforço teve de ser realizado para regredir em direção às "razões" subjacentes e não dadas empiricamente. Corre-se aí os

⁵⁴ BERNARD, Y.; LÉVY-LEBOYER, C. La psychologie de l'environnement en France. *Psychologie Française*, v.32, n.1/2, p.5-16, Juin 1987.

⁵⁵ Eda TASSARA, comunicação no curso: "Metodologia da Ciência: a constituição do objeto da Psicologia Social", Instituto de Psicologia, USP, 1995. As referências atribuídas a Eda Tassara provêm ou de cursos por ela ministrados no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo ou das reuniões de orientação para a realização desta tese.

⁵⁶ *L'empirisme irréductible*, op. cit., p.266.

⁵⁷ Idem, ibidem, p.305.

⁵⁸ SEAMON, D. The phenomenological contribution to environmental psychology. *Journal of Environmental Psychology*, v.2, 1982. p.121.

⁵⁹ *The production of space*, op. cit., p.296.

⁶⁰ Para Sophie CHEVALIER (*L'ameublement et le décor intérieur dans un milieu populaire urbain*, Paris, 1992. Tese - Universidade Paris X), o relato verbal não pode ser utilizado de modo intercambiante com o do estudo espacial, hipótese fundante de nosso trabalho.

riscos do "construtivismo interpretativo", segundo SCHWARTZ⁶¹ mas, retornando continuamente à base empírica, poder-se-á lentamente dar uma forma a esse material fluo sem contudo pretender, com isto, domesticá-lo. Para este autor, assim como para nós, isto envolve sempre uma forma de "bricolage sapiente" onde o estudo não pode utilizar nem um corpo de "leis" nem dispositivos experimentais requeridos para validar com todo o rigor suas inferências indutivas.

A partir destas considerações, pode-se compreender que as dificuldades do estudo do inicialmente denominados "uso dos enfeites" se relacionavam à compreensão de tal uso como uma manifestação profunda do psiquismo que pode ser "lida" quer como uma condição inerente à condição humana, quer como um produto sócio-histórico-cultural, quer como uma manifestação idiossincrática da individualidade. Ou seja, abrangendo e abarcando aspectos inerentemente filosóficos, antropológicos, sociológicos, históricos e, entre os psicológicos, aspectos cognitivos e afetivos, ligados à construção da identidade através dos mecanismos identificatórios.

Concomitante e decorrentemente, o objeto de nosso estudo foi se configurando como a organização espacial que define a vivência da moradia, através, principalmente, de um certo tipo de "coisa", que foi denominada "enfeite", "decoração", "ornamentação", "adorno", e, finalmente, "ornamental". A palavra "coisa" está sendo utilizada como algo cuja conceituação será, em síntese, o objeto deste trabalho. Neste sentido, estamos repetindo GOMBRICH⁶², no prefácio de "O Sentido da Ordem", onde discute e critica o uso das palavras ornamento, decoração, enfeite e padrão, aplicadas ao estudo da "psicologia da arte decorativa", acrescentando ser um erro pensar que o que não pode ser definido não pode ser discutido: "se fosse assim, não poderíamos falar nem da vida nem da Arte". Nesta medida, o objeto de nosso trabalho foi sua própria história e vice-versa, interativa e dialeticamente.

Esta história incluiu, desde o seu início, uma abrangência maior do que o próprio estudo, em uma espécie de "obra aberta" em que o próprio desenrolar abre a obra. Foi esse desenrolar que, partindo da área da saúde pública onde realizamos a primeira pesquisa de campo, detectou "tribos" habitando no centro da metrópole cosmopolita, incluídas e excluídas na sua trama, pois, de baixa renda, estavam alijadas da sociedade de consumo mas incluídas na cultura do consumo. Tratava-se de moradores de cortiços ou similares, que "construíam" moradias na ausência de paredes "formais", habitavam um espaço imaginário, construindo-o através das "coisas". Estes projetos incluíam modos de habitar que indicavam vários modos de "ser"⁶³. Neste momento, iniciamos o estudo das bases da construção da identidade brasileira, em uma crítica ao viés etnocêntrico - dada a percepção de que a visão do "white american protestant" dificilmente poderia ser aplicada ao nosso povo - e ao discurso psicológico como o que substituiu e ampliou o anterior discurso higienista.

Este estudo envolvendo moradias da pobreza, assim como todos os demais, esteve inserido dentro de estudos da família e da criança, ao mesmo tempo observando vizinhança, trabalho, etc.

⁶¹ *L'empirisme irréductible*, op. cit., p.302.

⁶² GOMBRICH, E.H. *El sentido de orden*. Barcelona, GGArte, 1980. p.13.

⁶³ Para DUNCAN (*The house as symbol of social structure*, op. cit.), as sociedades do Terceiro Mundo estão sofrendo uma rápida mudança cultural que está, de forma crescente, movendo-as do polo coletivista para o polo individualista do *continuum*, e gerando mudanças no significado da casa. Segundo o mesmo autor, somente após uma coleta sistemática de dados em várias sociedades, seria possível uma base comum para um modelo analítico da "riqueza simbólica do ambiente construído e o papel integral que ele tem nos processos sociais em andamento" (p.148).

O passo seguinte na "obra" decorreu da observação de que outras tribos se instalavam nas ruas da cidade de São Paulo, construindo suas moradias na ausência total de paredes convencionais: os "homeless", por nós denominados, *semcasa*, devido à ênfase dos nossos estudos sobre a casa. Nestas "casas", o projeto era a obra, o dentro estava fora, e as "coisas", denominadas ornamentos, surgiam, mesmo nestas condições marginais de existência⁶⁴.

Tratava-se de grupos de pessoas vivendo em espaços "intersticiais", espaços vazios, entre outros espaços, da cidade. Se o primeiro grupo estudado aparentemente estava incluído na malha citadina, este grupo estava excluído, mas ambos podiam ser ditos "despossuídos".

O terceiro grupo estudado foram outros "construtores", também marginais e/ou excluídos, mas não despossuídos: moradores de uma região pobre do interior do Estado do Piauí.

Os três grupos estudados caracterizaram-se por ser de baixíssima renda e por construírem as suas moradias fora do sistema de construção de casas, fora do "saber" oficial e dentro do "saber" popular. Ou, conforme a definição de arquitetura vernacular de Le CORBUSIER, "arquitetura sem arquiteto"⁶⁵.

Localizados nas margens dos processos de produção e distribuição de riquezas, nas margens da cidade e do país considerados topologicamente, nas margens do sistema social, estão nas "franjas" destes sistemas, nos limites.

Esta condição de liminaridade⁶⁶ é uma condição limite, ou seja, exacerbada, extremada, onde acreditamos se dar, de um modo geral, a própria constituição da identidade brasileira. Além disso, ela ilustra o "espaço entre" que, a nosso ver, caracteriza o espaço potencial onde estão os objetos transicionais e onde, de um certo modo, estão estas moradias.

⁶⁴ Kimberley DOVEY (*Home and homelessness*, op. cit.), afirma que *homelessness* não significa os *semcasa* (*homeless*) mas a perda do *home* devido aos imperativos técnico-funcionais sobre os significados da casa. Seria algo equivalente à propriedade e à apropriação, ou, na terminologia de Susan SAEGERT (*The role of housing in the experience of dwelling*, op.cit.), algo produzido com a finalidade de lucro e algo que não tem nenhum valor econômico. Estas definições ilustram a trajetória do trabalho: em Vila Madalena, encontramos as casas dentro das casas; nos *semcasa*, a casa sem a casa, e no Piauí, a casa *indigenus*, etimologicamente, *o que nasceu dentro*, a casa original.

⁶⁵ Apud CUISENIER, J. Le corpus de l'architecture rurale: logique sociale et composition architecturale. In: CHIVA, I., dir. *Habitat et espace dans le monde rurale*. Paris, Ed. Maison des Sciences de l'homme, 1988. p.44.

⁶⁶ Estamos nos apropriando do conceito de Victor TURNER (*O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974), que o retirou de Van GENNEP, que se utilizou dos termos *transições espaciais e liminaridade* (em rituais) para descrever unidades de espaço e tempo nas quais o comportamento e o simbolismo se acham momentaneamente libertados das normas e valores que governam a vida pública dos ocupantes de posições estruturais sociais (p.201). Para Turner, a sociedade é um processo vital em que episódios marcados por considerações sócio-estruturais são seguidos por fases de anti-estrutura social (liminaridade e *communitas*). Enquanto a liminaridade é a passagem, a *communitas* é um relacionamento não-estruturado que, muitas vezes, se desenvolve entre liminares. É um relacionamento entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos, entre um "Eu-Tu", não segmentados em função e posições sociais. Ante uma sociedade como um sistema estruturado, diferenciado e fortemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliações separando os homens com as noções de "mais" ou de "menos", a *communitas* é não-estruturada, uma comunidade ou mesmo uma comunhão de indivíduos iguais, com atributos ambíguos e indeterminados. Para Turner, a *communitas* irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade, nas bordas da estrutura, na marginalidade, e por baixo da estrutura, na inferioridade (p.156), transgredindo e anulando as normas que governam as situações estruturadas e institucionalizadas. Nelas é onde frequentemente se geram os mitos, símbolos rituais, sistemas filosóficos e obras de arte. São reclassificações periódicas da realidade e da relação do homem com a sociedade, a natureza e a cultura.

Ou seja: a liminaridade nos parece uma categoria que, perpassando as categorias sociológicas, no caso, de pobreza, mimetizam questões culturais, estas, sim, no âmago de interesse do trabalho.

Este conceito contém o de espaços sociais paralelos, definidos por Gustave FISCHER⁶⁷ como sendo os espaços usados de modo não previstos e/ou não conformes aos códigos.

4. Objetivo

O objetivo geral deste trabalho é estudar a organização espacial das "coisas" que definem a vivência do morar no que se refere à sua seleção, composição e orquestração em uma delimitação espacial que pode ser denominada "moradia".

Pretende realizar o seu objetivo aplicado a segmentos socioculturais brasileiros de baixíssima renda que, devido a isto, "constróem" a sua própria moradia em uma situação psicossocial de liminaridade. Tais moradores estão nas margens, nas franjas, nos interstícios de um grande todo que seria a sociedade brasileira em geral. Trata-se de habitantes de espaços marginais cuja principal característica é ser um espaço fronteira, ou seja, situarem-se no limite, na interseção, na articulação social de dois tipos de territórios. Todos são "excluídos", em certo sentido, "desfavorecidos" e "marginalizados", porém são "incluídos" em outros sentidos, habitando "espaços de transição entre outros dois" de modo que o conceito de liminar ou fronteiro, próprio à antropologia, parece se adequar mais do que o conceito sociológico de marginalidade ou de exclusão. Propomos o conceito de espaços sociais liminares para denotar as realidades fronteiriças por eles indicadas.

Foram selecionados três contextos comparativos: moradias e moradores de baixa renda de uma zona urbana de São Paulo; moradias e moradores de uma zona rural nordestina, Piauí; "moradias" e moradores *semcasa* da cidade de São Paulo.

Seguem-se a este, objetivos secundários dele decorrentes:

1. Desenvolver alguns métodos para o estudo destas "populações";
2. Desenvolver métodos para o estudo das "coisas";
3. Analisar a população estudada em função dos métodos desenvolvidos;
4. Desenvolver "leituras" dos resultados empírico-analíticos obtidas à luz da hipótese

formulada de sua relação com a construção da identidade.

5. Método

Este estudo inscreveu-se dentro de um programa de pesquisas mais amplo - a de buscar variáveis que informassem o contexto de desenvolvimento infantil conforme visto no modo de morar - e como resposta ao etnocentrismo comprometido com um conhecimento da realidade que faria derivar de uma única realidade social as condições do desenvolvimento e suas conseqüências sobre ele.

Esta problemática ocasionou um segundo programa de pesquisas visando conhecer a realidade social e relativizar a posição do observador no campo variando o campo. O presente estudo está inscrito dentro deste segundo programa de pesquisas e objetivou conhecer algumas das relações entre a construção da identidade e a construção eco-sócio-histórica da moradia. Embora um recorte do primeiro programa de pesquisas, ele tem uma abrangência maior do que o dele, dado o contexto "conter/envolver" o desenvolvimento.

⁶⁷ FISCHER, G.-N. *Psychologie sociale de l'environnement*. Toulouse, Privat, 1992. p.193.

Para isto, foram realizados três estudos de campo que constituíram o *corpus* empírico do estudo: um estudo em uma zona urbana; um estudo de moradores de rua; um estudo em uma zona rural. Um outro estudo, visando complementar os demais, mas sem ter as características destes, foi realizado: o estudo de alguns túmulos em alguns cemitérios. O *corpus* empírico, portanto, compôs-se de quatro estudos de caso: *Vila Madalena, semcasa, Piauí rural, casa dos mortos*.

Dentro da pré-condição de fazer aparecer o não-hegemônico, seguiu-se o raciocínio de que cotejando extremidades teríamos informações sobre o "meio". Cada estudo gerou a necessidade do seguinte, que o complementava, de um lado, e opunha-se a ele, de outro. A escolha de populações e/ou situações liminares complementou a expansão dos limites da observação ao considerar a liminaridade uma condição emergencial no sentido de "des-cobrir" o que estaria encoberto em zonas mais centrais do universo⁶⁸. Em consequência, surgiu um quarto estudo, decorrente e incluído nos demais: o "*caso brasileiro*".

Os estudos de caso - Vila Madalena, *semcasa*, Piauí - partiram da descrição detalhada do observado. As "coisas" foram vistas sistematicamente dentro de outros sistemas que as continham: social, geográfico, familiar. Cada um dos estudos de campo teve características etnográficas realizadas por observação naturalística que objetivaram alcançar, através da derivação empírica de categorias de análise, uma interpretação dos resultados.

Procurou-se modos de análise em um sentido interpretativo. Categorias empíricas não deram conta deste propósito; categorias apriorísticas não poderiam ser utilizadas pois o campo devia ser organizado a partir dele próprio. A descrição das partes não nos possibilitou chegar à interpretação porque, neste caso, a visão do todo teve que se dar concomitantemente e sucessivamente à análise das partes. A derivação das variáveis para a obtenção das categorias deu-se, pois, por sucessivas elaborações, abstrações, sínteses, e novas análises, em sistemas hierarquizados onde lacunas requeriam novas análises, sínteses e abstrações.

Cada um dos estudos foi analisado independentemente do outro, a partir de sua própria história. Porém, eles se estruturaram como um sistema de transformações que se auto-regulavam pois as imagens geravam leituras em um sentido hierárquico até o surgimento de uma síntese.

Nestas indagações, sendo o objeto claramente transdisciplinar, procuramos conhecimentos de outras áreas.

A análise, feita através da possibilidade de reversibilidade do pensamento abstrato, foi feita, sistematicamente, tendo-se em frente, colocada ali, a irreversibilidade, o material. Frente ao fato sensível, este foi deslocado e recolocado, percorrido de várias maneiras, até o surgimento e elaboração de categorias altamente abstratas. A derivação empírica, orientada para responder - o que é o habitar? como ele se dá? - levou a sínteses que, dada a sua amplitude, continham uma problemática humana, respondida ou não pela ciência.

FEYERABEND⁶⁹ discutiu e tentou trazer para as ciências humanas um "anti-método", pois, como DEMO⁷⁰, avaliou que o "academicismo" científico cerceou o "espírito criativo" ao excluir de seu campo de investigação os conteúdos da imaginação, a intuição, a função

⁶⁸ Marcel GAUCHET afirma a este respeito: "é pela descentração em relação ao objeto que é familiar que se pode esclarecer o novo" (apud KAUFMANN, J.-C. *La chaleur du foyer*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988. p.15).

⁶⁹ Apud DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1987. p.80. Demo, por sua vez, advoga uma metodologia processual, "o caminho a ser seguido", muito semelhante à Eda Tassara, segundo pudemos assessor através de comunicações pessoais.

⁷⁰ Idem, *ibidem*, p.72 ss

cognitiva da sensualidade. GOUBERT⁷¹, indagado, disse não fazer ciência, assim como GRUZINSKI⁷², autores que, com BERQUE, Oswald de ANDRADE, Octavio PAZ, forneceram as ferramentas básicas - os elos associativos para estabelecer relações, pesar, pensar, ou seja, a teoria - deste trabalho⁷³.

As ciências foram criadas após a criação do ser humano. Mas, galinha ou ovo, "desatar o nó górdio talvez implique em extrapolar, ir além, perder um sistema semântico e penetrar em outro"⁷⁴: no caso do presente estudo, isto significou um retorno a uma cena primitiva quando tudo ainda estava unido.

5.1. Unidade amostral: Os Estudos de Caso

Foram "sujeitos" do estudo as "coisas" e a organização espacial em três estudos de caso:

Caso 1: moradias de moradores de baixa renda da regional de Vila Madalena, zona urbana de São Paulo.

Caso 2: moradias de moradores da zona do Cocal, região de União, interior do Estado do Piauí.

Caso 3: "moradias" de moradores chamados *semcasa* ou "sem teto" que dormem nas ruas de São Paulo sob os viadutos ou construindo simulacros de "moradias" nas calçadas ou em outros logradouros públicos.

Cada um destes estudos será apresentada e separadamente a seguir, na PARTE I.

5.2. Instrumentos de Coleta

Cada estudo de caso foi realizado com os seguintes instrumentos⁷⁵:

- Roteiro para observação do Ambiente Doméstico
- Anamnese Familiar

Cada estudo de caso, apresentado nos capítulos a seguir, descreve os instrumentos nele utilizados.

O registro das entrevistas foi cursivo e as "moradias" e "coisas" foram descritas exaustivamente e representadas por diagramas, vídeo-filmagem e fotografias, sempre que possível.

Em cada um dos estudos de caso, foram utilizados outros instrumentos, como anamnese infantil e observação da criança, que não estão incluídos no presente estudo.

⁷¹ Comunicação pessoal, 1995.

⁷² Comunicação pessoal, 1995.

⁷³ Segundo Eda TASSARA (comunicação no curso "Intervenção social e conhecimento científico", Instituto de Psicologia/USP, 1994), a relativização do observador no campo igualou literatura e física, o que, a nosso ver, legitima a busca de uma nova integração entre as áreas de conhecimento.

⁷⁴ Eda TASSARA, comunicação no curso "Metodologia da Ciência: a constituição do objeto da Psicologia Social", Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1995.

⁷⁵ Como cada estudo de caso fez parte de outros programas de pesquisa visando obter informações sobre o desenvolvimento infantil, outros instrumentos referentes a estas informações foram utilizados que, por não serem pertinentes ao presente estudo, não serão aqui transcritos. Ver os trabalhos da autora citados na Bibliografia para maiores informações sobre eles.

5.3. Estratégia metodológica⁷⁶: As Etapas do Estudo

O estudo se dividiu em duas grandes etapas: campo e análise⁷⁷.

5.3.1. Etapas de campo: a Parte 1

Nesta etapa, foram coletados os dados - os produtos - correspondentes aos "sujeitos"-estudos de caso 1, 2, 3, através de relatos cursivos resultados de observação, registros fotográficos e video-filmagem

1ª Etapa: estudo da zona urbana paulistana

Este estudo remete-se à discussão apresentada na dissertação de mestrado, onde foram levantadas as hipóteses básicas que orientaram este trabalho, e de aspectos que foram, na ocasião, delegados para futuros estudos⁷⁸. Nesta etapa, não houve registros fotográficos e video-filmagem.

2ª Etapa: estudo das moradias da zona rural do Piauí

3ª Etapa: estudo dos *semcasa*

5.3.2. Etapas de Análise: Procedimento

Cada uma das etapas de campo correspondendo a um estudo de caso foi analisada a partir dos registros cursivos, fotográficos e video-filmagem.

Esta análise será descrita, na Parte I, em cada um dos estudos de caso que a compõem, dada a trajetória particular ocorrida em cada uma.

Paralela e concomitantemente, uma análise inter-estudos de caso foi sendo realizada, em níveis crescentes de abstração, da qual resultaram os resultados descritos na Parte II.

Neste momento, apenas indicaremos os passos que compuseram o conjunto do trabalho, de modo a fornecer um roteiro para sua subsequente leitura na Parte I e na Parte II.

1. Foi realizada uma primeira análise do material dos *semcasa*, onde se chegou a duas amplas categorias: o sentido da ordem e o sentido do lírico.

2. Foi realizada uma análise das casas do Piauí, emergindo as três temporalidades como categorias de análise.

3. Foi realizada uma etapa, desenvolvida no Brasil e na França, de pesquisa bibliográfica, sobre a literatura nacional e internacional relacionada a assuntos pertinentes⁷⁹.

⁷⁶ Conforme dito anteriormente, a pesquisa contém a sua história e vice-versa, donde a estratégia metodológica descrita a seguir é mais indicativa dos passos do que a descrição dos mesmos.

⁷⁷ Há uma etapa não descrita no item *objetivos* ou *amostra* que foi se constituindo em um dos polos comparativos: a "casa dos mortos". Desde o estudo dos *semcasa*, o registro dos túmulos passou a ser feito. Tanto os túmulos quanto os *semcasa* nos interessaram no que eles podiam trazer informações sobre o morar. O estudo dos *semcasa* cresceu, e tomou um impulso por si só, enquanto o dos túmulos, continuou "enterrado". Contudo, a dinâmica corpo/coisa acabou trazendo para o primeiro plano a dinâmica corpo/não-corpo, e o estudo da "casa dos mortos" constituiu-se como um aspecto da casa como materialidade, como será visto na Parte II.

⁷⁸ A dissertação de mestrado, orientada por Ana Maria Almeida CARVALHO, foi empreendida dentro de uma abordagem etológica, no Departamento de Psicologia Experimental/USP, centrando-se em desenvolvimento infantil. Parte do material do mestrado é objeto desta tese, sendo re-analisado, explicado e interpretado, envolvendo basicamente os eixos ordenação-não ordenação, coletivização-privatização.

⁷⁹ A pesquisa bibliográfica foi realizada em uma viagem a Paris, em 1995, sob a orientação de Yvonne BERNARD do "Laboratoire de Psychologie de l'Environnement", Faculdade René Descartes, Paris V.

Em decorrência, mediante análise desta bibliografia, vários conceitos, como ornamental, atrator, mediância, foram incorporados ao trabalho. O caráter transdisciplinar impôs-se como uma certeza, assim como a percepção e a vivência dos vários ângulos possíveis de estudo.

4. A brasilidade passou a ser o centro da análise.
5. Emergiram cinco categorias para análise da casa: símbolo, tempo, corpo, poética, brasilidade.
6. Os estudos realizados foram analisados segundo estas categorias.
7. A "casa dos mortos", no contraponto corpo/não-corpo, foi incorporada ao estudo à medida que a materialidade emergia como um problema.
8. Os estudos de caso foram retomados, dando-se forma final a eles.
9. O trabalho foi dividido em duas partes equivalentes: um "texto" visual e um texto verbal. As fotos foram selecionadas de modo a ser um documento por si só. As cenas filmadas, realizadas como registro do trabalho de campo, foram incorporadas ao texto como video-documentário. O registro não-verbal constituiu-se como uma categoria de análise incluída no texto como uma ponte entre a empiria do *corpus* e o *corpus* do leitor.

5.3.3. As categorias de análise: a Parte II

Através do método de derivação empírica das variáveis, concluímos pelas seguintes categorias de análise:

A categoria "símbolo" decorreu da maternagem e dos estudos anteriormente realizados envolvendo a relação mãe-criança;

A categoria "corpo" foi sugerida desde o estudo de Vila Madalena devido às diversas organizações da casa que estariam na base de práticas sócio-simbólicas de cuidados;

A categoria "tempo" foi sendo evidenciada desde o início mas tomou a sua forma final no estudo do Piauí, que possibilitou uma análise diacrônica, enquanto os *semcasa* permitiram uma análise sincrônica de modos de morar com diversas temporalidades;

A categoria "poética" ligou-se à temática do ornamental, vindo a funcionar como uma síntese das demais;

Estas categorias aplicadas aos casos estudados fez emergir a "brasilidade" como uma característica "identitária" de quem habita o território "Brasil".

Estas categorias foram reaplicadas à análise de situações observadas.

O conjunto das categorias e das análises foi comparado com leituras, na forma de:

- aportes teóricos que discutissem, complementassem, explicitassem, aprofundassem, colaborassem ou criticassem as categorias e análises realizadas;
 - estudos de campo que ampliassem, reforçassem, contradissem as observações, categorias e análises realizadas;
 - textos que situassem este estudo em relação a outros estudos e campos de estudos.
- O desenvolvimento destas categorias correspondem à Parte II do presente estudo.

5.4. Apresentação dos resultados: Fotos, videos, relatório

5.4.1. Introdução

O relatório final ficou composto por um texto cursivo seguindo as especificações do modelo acadêmico, acrescido de fotografias, e de um video composto de dois filmes: *A Casa dos Semcasa* e *O Modo de Morar na Zona do Cocal*.

Neste tópico, vamos relatar e apresentar alguns aspectos dos trabalhos de registro fotográfico e vídeo-filmagem até agora apenas indicados no método e na história do mesmo.

As vídeo-filmagens e fotografias foram realizadas com a finalidade de registro de dados, assim como os registros escritos. Tanto no Piauí quanto, principalmente, nos *semcasa*, tínhamos a certeza de estarmos frente a uma ocasião única que não voltaria a se repetir. O aspecto fugidivo da casa dos *semcasa* - acampamentos que desapareceriam por certo, não devido a escavações arqueológicas, mas por "vestígios a céu aberto até serem varridos pela limpeza pública"⁸⁰ - impunha a necessidade de uma coleta simultânea de um máximo de informações possível em um só momento. Disto resultou a necessidade de registrar nas quatro formas - cursiva, gráfica, foto e vídeo, em uma única entrevista.

Na pesquisa no Piauí e na pesquisa dos *semcasa* "assentados", outros pesquisadores, e não a autora, registraram graficamente as casas.

Os registros fotográficos e por vídeo-filmagem foram inicialmente pensados apenas para complementar, compor e adensar informações que pudessem não ser obtidas por uma das formas de registro. A autora, munida de uma câmara fotográfica Pentax zoom 90 e de uma filmadora Panasonic VHSC OmniMovie PV-110, realizou este registro sempre que possível. Esta possibilidade foi dada pelo tempo disponível, iluminação, condições da máquina, presença ou não de eletricidade, energia disponível, permissão dos moradores, aberta ou velada.

Em sua maioria, fotos e vídeo foram de nossa autoria. Porém, em alguns momentos, fotógrafos auxiliaram este registro.

Através desta experiência, pudemos vivenciar as vantagens e desvantagens deste auxílio. Indubitavelmente, a qualidade do material registrado, do ponto de vista estético e documental, foi superior, porém a autoria foi dos fotógrafos, altamente capacitados, que realizavam a sua "obra".

Uma equipe afinada necessitaria uma ajuda financeira de longo alcance e porte, sendo que, em muitos momentos, não dispúnhamos de nenhuma ajuda financeira para estes projetos, que se estenderam por vários anos. Em nenhum momento do trabalho de campo, dispusemos de verba específica para fotos e vídeo, exceto no Piauí⁸¹. Além disto, e principalmente, a cidade, do ponto de vista dos *semcasa*, é uma floresta, e nós, como mateiros, tivemos de ter uma disponibilidade permanente e não planejada para o "fato".

Estas reflexões compõem uma vertente a mais, e da maior relevância, da interdisciplinaridade. Como método, principalmente de campo, passamos a vivenciar a "etnoarqueologia" e os problemas da "antropologia visual"⁸².

Contudo, o material iconográfico revelou-se de uma importância que transcendeu os limites acima expostos. Não apenas como registro mnemônico, como material de análise, como criador de elementos de análise, mas também como comunicador, como um "texto visual", não somente do resultado, mas do método, como será descrito a seguir.

⁸⁰ MAGNI, C.T. Em busca do nomadismo da imagem. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., Salvador, Bahia, 1996. [mimeografado]

⁸¹ A pesquisa foi financiada pela Pastoral da Criança - CNBB do Brasil, com um auxílio específico para filmes e revelação. A fotocopiagem foi realizada na Faculdade de Saúde Pública por seus técnicos em Comunicação Visual.

⁸² Segundo os participantes da Mesa Redonda 07, *O Ensino da Antropologia Visual* (In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., Salvador, 1996) esta área luta para se estabelecer no Brasil.

5.4.2. As Fotografias como "texto inter-subjetivo"

Embora o material visual não tenha vindo a se constituir em um "texto" no mesmo nível de elaboração e análise que o material verbal, ele não foi visto como ilustração do "dito", mas como o "não-dito", a "coisa" que o texto tenta resgatar. Deste modo, o material visual penetrou nas entre-linhas, não como uma categoria de análise, mas como a sua síntese.

Fotos foram selecionadas em função de uma leitura interpretativa e as legendas a ela acrescidas foram transduções de uma língua (visual, vivencial, concreta) a outra (escrita, discursiva, abstrata). Esta foi usada como uma junção e uma intermediação que expressam a produção fenomenológica do dado do ponto de vista da pesquisadora de campo. Estas justaposições foram faróis que iluminaram as análises que compuseram a Parte II, durante o procedimento relatado acima. Expondo-as concomitantemente ao texto, pretende-se evocar um teor de intersubjetividade que possibilite o acesso ao dado que foi produzido pelo método fenomenológico. Diante da imagem, sintetizada de certa forma, foi buscada uma reminiscência da vivência no campo real que se procurou "retratar" nas fotos e nas palavras a elas acrescidas. A imagem justapõe, assim, um traçado de equivalências, consonâncias ou dissonâncias, entre coisa e texto. Esta junção por equivalência, consonância ou dissonância, permite o "vôo": tanto o "dado" é esta junção quanto ele é o elemento fenomenológico do método. Este "vôo" fenomenológico corresponde ao *wandering*, *wondering*, *reverie*; ao "delírio" fundante do imaginário, do ornamental e do pesquisador de campo que, se não quiser evacuar o objeto, terá de se reportar a ele através deste encontro fenomenológico⁸³.

5.4.2. Os vídeo-documentários⁸⁴

Os vídeos foram editados visando oferecer um documento descritivo do campo de estudo. Esta edição⁸⁵ consistiu apenas na eliminação - limpeza e corte - de tomadas com problemas de visibilidade, redundantes ou não essenciais. Não houve alteração no tempo das tomadas que se sucedem conforme foram filmadas.

Resultaram dois filmes: *O modo de vida na zona do Cocal* (17'05'') e *A casa dos semcasa* (19'50'').

Em *A casa dos semcasa*, a edição ordenou o material segundo as categorias "nômade", "caverna", "assentado", "grupo de assentados", o que pouco modificou a ordem da tomadas devido ao próprio desenrolar da pesquisa que foi "descobrimo" as categorias. O filme centra-se mais nas "moradias" do que no modo de vida. Em *O modo de vida na zona do Cocal* o vídeo centra-se mais no modo de vida a partir da moradia, dado os acontecimentos e entrevistas irem ocorrendo enquanto procurávamos nos informar sobre o que víamos.

⁸³ Posfácio: O recortar e colar, individual e artesanalmente, as cerca de 1000 fotos que constam dos dez exemplares originais desta tese, foi um trazer, ao trabalho, o *meu corpo*; algo como uma "personalização como habitação" nas palavras de Winnicott - um "*in-dwelling*" - onde ao habitar o trabalho pelo corpo, eu me fundei ao papel, à matéria, realizando assim um ritual de passagem entre o fato - a cultura do corpo - e o dado que será destacado pelo olhar do outro.

⁸⁴ Agradecimentos ao Prof. Dr. Marcelo TASSARA pelo apoio na confecção dos vídeos.

⁸⁵ Agradecimentos a Edu de OLIVEIRA pela edição e titulação dos vídeos.

Parte I

Os Estudos de Caso

O campo e os Estudos de Caso

Refletindo o seu próprio processo de desenvolvimento, a apresentação dos resultados, no presente estudo, subdivide-se em duas grandes partes.

Em uma primeira parte, ora em pauta, relatam-se as etapas de campo e de coleta de dados referentes aos três estudos de caso desenvolvidos.

Cada um dos referidos estudos de caso corresponderia a um "sujeito" do presente estudo, o qual, visto como uma totalidade, englobaria os três estudos de caso, compondo a sua etapa de campo.

A etapa de campo abrangeu, portanto, três situações, dado que estas situações (casos em estudo) delimitaram características próprias exigindo abordagens, procedimentos e técnicas específicos na coleta de dados, quer registrados gráfica, verbal, icônica ou icônica-cineticamente.

A primeira parte deste texto apresentará os três Estudos de Caso que compõem, portanto, o *corpus* empírico do trabalho como todo, na seguinte ordem:

Estudo 1 : o estudo de moradias da zona urbana de Vila Madalena, São Paulo;

Estudo 2 : o estudo de moradias da zona rural do Cocal, Piauí;

Estudo 3 : o estudo de "moradias" de moradores de rua de São Paulo.

Esta Parte I é composta pela descrição e documentação fotográfica dos três Estudos de caso, e de dois vídeos-documentários, referentes aos Estudos 2 e 3.

O Estudo 1 compõe-se de uma introdução que apresenta os principais pontos do estudo realizado em 1988. Este estudo é apresentado conforme transcrito na dissertação de mestrado da autora, em 1992.

O Estudo 2 é introduzido por uma explanação sobre o método e é seguido pelo detalhamento do estudo de campo. Segue, em anexo, o vídeo *O modo de morar no Cocal*.

O Estudo 3 é introduzido por uma explicação sobre o seu desenvolvimento e é apresentado segundo os vários momentos pelos quais passou. Segue, em anexo, o vídeo *A casa dos semcasa*.

Os três estudos de caso compõem um estudo que é o objeto do presente trabalho. Cada um dos estudos teve a sua própria trajetória, quer como objetivo, quer como delineamento metodológico. A trajetória total é a história do presente trabalho, conforme descrito na Introdução, em que cada estudo de caso teve a sua própria história através da qual o estudo, no seu todo, foi se desdobrando. A pergunta inicial - como moram as crianças atendidas pelo Centro de Saúde - de caráter apenas "espacial", foi sendo elaborada e re-elaborada através de novas perguntas que foram sendo "respondidas" pelos estudos seguintes, vindo a se constituir no objeto desta tese.

Deste modo, os dados que serão apresentados a seguir são o substrato de onde foram retirados os dados que serão objeto de análise na Parte II. Nesta segunda parte, estes dados, além de fornecerem a base empírica das formulações nela presentes, serão vistos, em interação, em uma "sobre"- análise.

A estratégia metodológica do presente estudo, portanto, engloba os estudos de caso, mas não se identifica com eles.

Estudo 1

O estudo de Vila Madalena, São Paulo: as hipóteses básicas fundantes

Neste item, vamos relatar os principais resultados referentes ao estudo de campo realizado na zona urbana de São Paulo. A zona em questão foi a região do subdistrito de Vila Madalena, São Paulo.

Esta pesquisa de campo, realizada nos anos de 1988/89, foi o ponto de partida para todas as pesquisas subseqüentes, influenciando-as tanto no que se refere ao fundamento das hipóteses básicas, quanto à própria constituição do objeto de pesquisa: o que acabamos por denominar "identidade mestiça brasileira".

O presente estudo de campo foi idealizado para subsidiar a proposição de um Programa de Acompanhamento de Desenvolvimento Infantil na Atenção Primária à Saúde. Tratava-se de uma pesquisa operacional e longitudinal na qual foram elaborados e testados vários instrumentos para acompanhar o desenvolvimento de crianças em conjunto com o programa de Atenção Primária à Criança do Centro de Saúde Geraldo de Paula Souza. Este Centro funciona em anexo à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, atendendo à população do subdistrito de Vila Madalena.

A pesquisa subdividiu-se em três etapas: 1. elaboração dos instrumentos; 2. seleção dos sujeitos; 3. aplicação dos instrumentos em visitas domiciliares durante um período de um ano. Seguiu-se uma etapa de avaliação da aplicabilidade dos instrumentos¹.

A pesquisa foi realizada no período de julho/1988 a agosto/1989, tendo um número inicial de 60 crianças de 0-1 ano, composto por 35 meninos e 25 meninas como sujeitos, inscritos no Programa de Saúde da Criança do Centro de Saúde Escola Geraldo de Paula Souza da Faculdade de Saúde Pública. Dos sujeitos do estudo, 31 crianças tinham menos de 6 meses de idade, variando de 15 dias a 5 meses e 29 dias, quando se iniciou a pesquisa, e 29 crianças tinham entre seis meses e doze meses e vinte nove dias.

Foram incluídas todas as crianças atendidas pelo Centro dentro da faixa etária programada, até o total de 60 sujeitos, desde que fossem residentes no subdistrito de Vila Madalena; suas mães ou responsáveis aceitassem participar da pesquisa, e fossem pacientes de médico pediatra do Centro que tivesse aceitado participar da pesquisa.

As crianças foram acompanhadas durante um ano através de um programa de visitas domiciliares. A maior parte das crianças (40%) recebeu quatro visitas domiciliares. 39 crianças (65%) completaram o período de um ano de observação.

Este acompanhamento longitudinal no domicílio foi feito com base em alguns roteiros de observação. Foram eles: Ficha de Acompanhamento de Desenvolvimento do Ministério da Saúde; Procedimento para Observação dos "organizadores da psique" segundo Spitz; Roteiro para Observação do Ambiente Familiar²; Anamnese da Criança; Anamnese da Família³;

¹ SIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; RABINOVICH, E.P.; SANTOS, N.G. Instrumentos para o acompanhamento e avaliação do desenvolvimento infantil na atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.2, n.2, p.59-99, 1992.

² Roteiro para Observação do Ambiente Doméstico: 1. Localização: bairro, rua. 2. Segurança: social; física. 3. Tipo: casa, ap. etc; número de cômodos; 4. Estrutura: a. paredes; telhado; chão; b. tamanho. 5. Condições físicas: aeração; umidade; luminosidade; insolação. 6. Ordenação: funções por cômodos; 7. Arrumação: ordem; limpeza. 8. Enfeites: paredes, chão. 9. Quem comprou os móveis; quem dispôs

Roteiro de entrevista com mães quanto ao sentido atribuído ao desenvolvimento infantil; Roteiro de Observação Mãe-Criança; Roteiro para Retorno de Visita Domiciliar.

O total de avaliações para cada instrumento variou em função de: o número de visitas por criança; o uso diferencial de cada instrumento; a impossibilidade de observar a criança por estar dormindo ou ausente. O Roteiro de Observação do Ambiente Doméstico foi aplicado às 60 moradias, assim como a Anamnese Familiar às 60 famílias.

No que se refere ao presente estudo, foram visitadas e descritas, segundo os roteiros acima, 60 moradias de baixa renda localizadas no subdistrito de Vila Madalena, que compreende as regiões de Cerqueira César, Jardim América e Vila Madalena, ou seja, o quadrilátero da cidade de São Paulo composto pela Avenida Dr. Arnaldo, Avenida Rebouças, Avenida Heitor Penteado e Rua Mourato Coelho, aproximadamente.

Essa região, embora habitada também por uma população de alto poder aquisitivo, originalmente era um bairro de pequenas casas populares, com uma casa na frente e uma ou várias casas de fundo, de um lado, e grandes casas que se tornaram cortiços, de outro. Havia uma favela, ao lado de modernos prédios resultantes de terrenos comprados destes antigos pequenos proprietários. Além disso, no grupo de crianças incluídas na amostra da pesquisa, cinco habitavam "aglomerados familiares", terrenos ocupados por casas habitadas por familiares, três dos quais já vendidos para imobiliárias.

Deste conjunto, resultou uma amostragem bastante diversificada de moradias de baixa renda, que foram categorizadas em: proprietário/ não proprietário; familiar/ não-familiar; casa de frente/ casa de fundo, apartamento de um quarto/ dois quartos/ zelador; barraco, cortiço-corredor/ cortiço-casarão; quarto de empregada; e aglomerado familiar.

Da observação dos arranjos espaciais das casas, depreendemos dois eixos de análise em torno dos quais se estruturavam as relações entre as pessoas: o eixo coletivização-privatização e o eixo ordenação-não-ordenação⁴.

os móveis. 10. Espaço do bebê: a. espaço interior: dormir; comer, brincar, andar; b. espaço exterior: andar, correr, brincar.

³ Anamnese familiar: A. Estrutura familiar (dados referentes a todas as pessoas que residem na casa): 1. idade, sexo, grau de parentesco, procedência, escolaridade, religião, profissão. 2. salário (renda parcial e total das pessoas que residem na casa). 3. a renda dá ou não para cobrir as despesas da família? 4. como é administrada a renda? 5. mudanças de residência e/ou de pessoas na família. B. Dinâmica familiar. 1. Relação família/sociedade: como a família se relaciona com: a. parentes, b. vizinhos; c. lazer; d. comunidade. 2. A. Relação do casal: a. harmonia: a. como o casal se conheceu? b. como era a relação? c. como é atualmente? d. se tem e quais são os problemas quanto a: a. educação dos filhos; b. ordem econômica; c. sexo; d. objetivos de vida; e. temperamento. B. Participação do casal na: a. educação dos filhos; cuidados da casa; economia. C. Relação de poder: a. como é administrado o dinheiro? b. quem comprou os móveis? c. quem dispôs os móveis? d. quem escolheu o nome do/a filho/a? D. Sexo: a. o casal se dá bem sexualmente?; b. a relação é satisfatória?; c. quem dorme com quem.

⁴ O eixo *coletivização* pode ser pensado como expressando o tipo de organização sócio-familiar e o eixo *ordenação* como expressando o tipo de organização espacial. Pensamos estes eixos como termos ou eixos semânticos formando uma estrutura, como em GREIMAS (apud BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. São Paulo, Escuta, 1988, p.179), "termos que para serem captados devem reter alguma coisa em comum e podem ao mesmo tempo ser diferentes sobre aquilo que têm em comum", mas com uma dinâmica dialética entre si. Kimberly DOVEY (Home and homelessness. In: ALTMAN, I; WERNER, C., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985, p.33-65) assume a mesma postura e define a dialética por uma tensão entre opostos binários, uma unidade essencial em que os polos se definem mutuamente, ao mesmo tempo que um dinamismo leva a sua interação a um certo progresso.

Estas categorias, sob diferentes denominações, foram utilizadas analogamente por outros autores. Trata-se de assunto privilegiado por vários autores quando se tenta compreender a moradia em seu

Este eixos foram pensados como termos descritivos de continuidades, em cujo cruzamento ocorriam as categorias semi-coletivizado e semi-ordenado.

Havia um terceiro eixo, que caracterizava e qualificava a moradia: os "enfeites"⁵.

Além destes aspectos relacionados ao "modo de vida", havia um aspecto ligado à "qualidade" do modo de vida, ou seja, ao conforto conforme definido pelo padrão "moderno" de vida, consistindo nos aspectos materiais da construção, dos quais o tipo de banheiro pareceu ser um indicador bastante confiável: banheiro interno/ externo/ coletivo/ ausente⁶.

desenvolvimento sócio-histórico associado ao modo de vida e/ou mentalidade. Pascal AMPHOUX (Configurations domestiques et reconquête de soi: pour une prospection connotative. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989, p.180) faz um breve resumo deste tópico: "A história da habitação mostra que os espaços da moradia se especializam à medida que os usos e tarefas domésticas são delegados a categorias, a classes sociais específicas: é o distanciamento da domesticidade, por exemplo, que conduz à separação da sala de jantar e da cozinha, igualmente é a aquisição de um status e de uma identidade social das crianças que é objetivado no aparecimento do quarto de criança. Os espaços adquirem um estatuto de utilização cada vez mais explícito e é, finalmente, o funcionalismo arquitetural que vem complementar a unidimensionalidade destas assimilações, ligando-as estreitamente à constituição da família nuclear". Roderick J. LAWRENCE (*Housing, dwellings and homes*. New York, John Willey & Sons, 1987) conclui seu estudo sobre *habitats* populares de Genebra de 1870 a 1980, dizendo: "o espaço doméstico se especializa e se privatiza, revelando o desejo crescente de intimidade familiar e de independência, o que faz com que haja um modelamento do domicílio por esta representação de família. A importância das relações internas da família se intensifica. Cada família delimita sua vida cotidiana com relação às dos outros. Em consequência, fronteiras mais precisas são traçadas entre as casas: o espaço privado se distingue do espaço coletivo e este do público" (p.152). Propõe os seguintes eixos analíticos: frente/fundo; sujo/limpo; público/privado; masculino/feminino; simbólico/profano, havendo uma zona ambígua de transição, envolvendo os limites e as inter-mediações - passagens, portas, entradas, áreas - como sendo o que define, de certo modo, a casa.

Irving ALTMAN e Martin CHEMERS (*Culture and environment*. Monterey, Brooks/Cole Publisher, 1984) classificam as casas em diferenciada/ homogênea (*ordenação*), comunal/ não comunal (*organização*), e em permanentes/temporárias. Porém, em sua análise da casa americana estabeleceram dois eixos dialéticos: individualidade/comunidade e público/privado (acessível/ inacessível), com ênfase nos espaços e no controle privativos, em leitura oposta à nossa. Kimberly DOVEY (op. cit.) propõe duas dialéticas fundamentais: uma envolvendo casa/espaço, outra, casa/relações sociais. A dialética casa/espaço (*ordenação*) compreende a dinâmica ordem/caos; dentro/fora e "casa"/"rua". A dialética casa/relações sociais (*organização*) compreende as dinâmicas eu/outro; identidade/comunidade e privado/público. Como Lawrence (op. cit.), coloca as interfaces (limiars) como a possibilidade da dialética.

⁵ O eixo "enfeites", isoladamente e/ou dentro do "modo de vida", não pode ser integrado ao estudo inicial por falta de recursos teóricos e analíticos para tal inserção, sendo o motivo pelo qual iniciamos a trajetória do doutorado em torno de um questionamento e busca de instrumentos para análise desta temática.

⁶ A temática do *conforto* seria um estudo por si só. Este seria, segundo Michel RAUTENBERG (*Déménagement et culture domestique*. *Terrain*, n.12, Abr. 1989, p.54-66) um signo de modernidade implicado em um maior grau de tecnicidade. Porém, após a leitura de Kimberly DOVEY (op. cit.), Susan SAEGERT (*The role of housing in the experience of dwelling*. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*, op. cit.) e Carole DESPRÉS (*De la maison bourgeoise à la maison moderne: univers domestique, esthétique et sensibilité féminine*. *Recherches Féministes*, v.2, n.1, p.3-18, 1989), estamos diferenciando *comodidade* de *conforto*: comodidade é o que é trazido pelo avanço técnico, enquanto conforto tem uma característica psíquica de confortar, um atributo da *home* e não da *house*. Susan SAEGERT estabelece a diferença de que a comodidade seria algo produzido para o lucro (*housing*) enquanto o conforto seria algo criado para produzir a sensação de "moradia" (*dwelling*). As características da casa como comodidade seriam: durabilidade, fixação locacional e custo; e a do

As famílias proprietárias das residências onde habitavam eram paulistanas, enquanto os demais tendiam a ser de outros Estados, principalmente nordestinos, ou do próprio Estado de São Paulo.

As casas denominadas "familiares" - ocupadas por vários familiares além da família nuclear, por estar nos fundos da casa da "avó", ou em terrenos ocupados por outras "casas familiares" - não tinham portas separando os cômodos, nem quartos para conter todos os moradores nem camas individuais para os mesmos⁷. Os eixos supracitados pretendiam dar conta deste fenômeno, tanto na organização nuclear ou comunitária familiar quanto na organização espacial da casa, ordenada ou não por funções, ou seja, especializada ou não. Mais importante, e do porquê do eixo, havia uma progressão entre polaridades referentes a ambas as organizações, de modo a formar uma estrutura de significação "definida pela presença dos termos e da relação existente entre eles"⁸, em relação às quais as moradias poderiam ser classificadas⁹.

Uma criança, um menino primogênito, que recebeu o nome de um jogador de futebol, dado pelo pai, um zelador, no desejo de que ele fosse "ou jogador ou médico", era uma das poucas crianças a ter um quarto só para si e um berço só para si. Contudo, esta criança nunca havia dormido no berço nem no quarto vazio de enfeites, mas no quarto dos pais. Ao mesmo tempo, na primeira visita, observamos o apartamento de zelador, em um prédio classe média, mobiliado com móveis novos no estilo como provavelmente estariam os demais no prédio, tendo inclusive um pôster na parede e livros de puericultura, não encontrados nas demais residências visitadas. Disto resultou a impressão de o zelador desejar se igualar, e ao filho, ao padrão cultural dos moradores do edifício, o que foi confirmada pela mãe: "*meu marido exige que o menino esteja sempre muito bem vestido, como os das madame... mas as madame deixa os filhos se sujá, e ele não quer se ele se suje*". Ambos os pais eram nordestinos.

Nas visitas posteriores, o apartamento, embora mantendo os mesmos móveis e arranjos, foi se "popularizando": surgiu um bar improvisado sobre a mesa redonda da sala de

conforto seria: "confortar", não deixar "*homesick*". DOVEY cita o desaparecimento do "conforto" do fogo devido à "comodidade" do fogão a gás e ao aquecimento elétrico, caricaturizado por falsas lareiras a gás que simulam o conforto do fogo. Nesta direção, um morador de rua, por nós entrevistado, respondeu que "decorava" a sua "casa" porque era o conforto que poderia se dar, sentido que recuperamos ao identificar na casa as funções "maternas" de *holding*, proteção e conforto (RABINOVICH, E.P. *A casa dos semcasa. Psicologia, Ciência, Profissão*, v.12, n.3/4, p.16-25, 1992). Jean-Pierre GOUBERT (*Du luxe au confort*. Alençon, Belin, 1988. p.21-30) faz coincidir o modo de se pensar historicamente o ser humano - a racionalidade hegemônica - com os ideais do "conforto", o "Welfare State", e como, através destas idéias, foi sendo construída a noção de corpo "tecnicizado" moderno. Sob a discussão deste tema, estariam implicadas, portanto, as noções de *ser humano* e de *habitar*.

⁷ Kimberly DOVEY (*Home and homelessness*, op. cit.), coloca as interfaces como o que possibilita a dialética casa/espço: portas, pórtigos, jardins, janelas. Foi a ausência destas interfaces, que denominamos intermediações, que nos abriram para a compreensão do espaço como uma dinâmica entre opostos. Para LAWRENCE (*Housing, dwellings and homes*, op. cit.), "os elementos arquitetônicos - corredor, entrada, quintal - são zonas ambíguas, nem privadas nem públicas, mas espaços de transição (...), cruciais para definir e regular as interrelações entre pessoas e objetos (p.177). Em essência, o significado e uso dos espaços domésticos ocorre em conjuntos tais que o significado dos cômodos específicos e atividades deve ser apreendido contrastando-os com os outros. O tipo de limites - zonas de transição e limiares - não é apenas uma característica espacial dos ambientes residenciais mas também reflete dimensões culturais, sociais e psicológicas, que mudam com o tempo" (p.276).

⁸ Berenstein, I. *Família e doença mental*, op. cit. p.179.

⁹ Foram as características "semi-ordenado" e "semi-privatizado", intermediárias entre os extremos dos respectivos eixos, que despertaram para o problema e para toda a seqüência da pesquisa.

jantar, outros objetos foram acrescentados, pessoas entravam e saiam do apartamento, a mãe estava iniciando a venda, como "sacoleira", de certas mercadorias. O aspecto "composto" do apartamento estava desfeito, e a vida comunitária surgia mais forte a cada visita.

Este caso, e inúmeros outros¹⁰, foram levantando dúvidas sobre uma avaliação feita inicialmente pelos pesquisadores envolvidos na pesquisa de Vila Madalena: haveria uma tendência para a privatização e para a ordenação, ou seja, haveria um modelo hegemônico baseado em espaços individualizados e especializados em direção do qual todos "desejariam" ir. Esta foi a explicação dada ao porquê dos quartos de cortiço serem divididos por móveis, cortinas ou disposição de modo a ordenar o espaço em sala, quarto, cozinha.

É esta explicação que está sendo colocada em questão através do conceito de mestiçagem: esta é uma organização espacial não apenas hegemônica e veiculada pelos símbolos "monetarizados"¹¹, mas que parece residir no conceito básico de moradia como expresso na idéia do "chez soi", da individualidade, da privacidade, ou seja, do processo civilizatório como expresso por este único caminho em oposição ao modo de habitar bárbaro, incivilizado, caótico, promiscuo dos "pobres", exceto os pobres civilizados, "bons", que, mesmo pobres, tornaram-se aculturados adotando as práticas higienistas da organização do espaço, lutando por elas, mesmo na sua ausência, como nos supracitados cortiços, barracos.

Este estudo sugeriu a discussão sobre a vida privada *versus* a coletivizada¹², sobre a especialização *versus* o uso múltiplo dos espaços domésticos, sobre as formas de resistência

¹⁰ A posterior leitura de vários textos sobre moradias populares - rurais, cortiços, conjuntos habitacionais populares, bairros proletários, favelas, pequenos proprietários rurais - confirmou aspectos por nós observados. Andrea PICCINI, por exemplo, em dissertação de mestrado intitulada *Estudo da habitação rural e do uso do espaço interno-externo pelo pequeno proprietário rural: o caso de Babilônia (São Carlos)*, defendida no Departamento de Arquitetura da Escola de Engenharia de São Carlos, em 1991; descreve os núcleos habitacionais compostos por várias famílias ligadas por laços de parentesco, de forma que várias casas são construídas no mesmo lote, existindo de forma menos acentuada a co-habitação (p.132), perpetuando-se, deste modo, a estrutura patriarcal da família. M. K. OLIVEIRA (*Cognitive processes in everyday life situations: an ethnographic study of brazilian urban migrants*. Standford, 1982. Dissertação - Dpt. of Philosophy, Standford University), por sua vez, descreve a favela de Paraisópolis, São Paulo, como sendo composta por espaços coletivizados, a casa consistindo de um único cômodo subdividido, com uso multifuncional, sem um número estável de moradores, mais de uma pessoa dormindo por cama, com "uma organização extremamente boa, com coisas penduradas das paredes, cada uma com uso específico" (p.99). Esta autora ressalta a organização cuidadosa e a preocupação com a ordem e ornamentação. Ao mesmo tempo, descreve os espaços externos como de uso coletivo, intensamente usados, portas e janelas abertas, de modo que "o uso comum do espaço pode ser estendido à parte interna das casas". Em uma descrição muito semelhante, Carlos STECHHAHN (*Projeto e apropriação do espaço arquitetônico de conjuntos habitacionais de baixa renda*. São Paulo, 1990. Tese - FAU/USP) relata como em um conjunto habitacional em Ribeirão Preto, casa e rua se mesclam claramente, havendo um espaço semi-público - o recuo da frente da casa - utilizado para secar roupa, para atividades sociais, "com um entra/sai constante de vizinhos. Só estranhos, por desconhecerem o código social dominante, respeitam os limites das divisas do lote" (p.40). (...) É o sistema de troca de informações, caracterizando um estado de interesse e participação geral dos e nos acontecimentos diários do conjunto e na vida de seus usuários que dá ao conjunto um significado de participação coletiva, caracterizando-o como sendo uma grande família" (p.47).

¹¹ Eda TASSARA, comunicação pessoal, 1995. Corresponderia a distinção feita por vários autores entre *home* e *house*, algo que se tem e algo que se comercializa.

¹² Os conceitos por nós utilizados decorreram da observação das casas; porém, James S. DUNCAN (*The house as symbol of social structure: notes on the language of objects among collectivistic groups*. In: ALTMAN, I; WERNER, C.M., eds. *Human Environments*. New York, Plenum Press, 1985) igualmente classifica as sociedades segundo duas grandes formas de estruturas sociais: coletivistas e

contra a "naturalização" das práticas sócio-simbólicas cotidianas; sobre a construção da identidade a partir de uma abertura para o "novo" mas também de um reforço dos mecanismos assimilatórios a antigas práticas conservacionistas; sobre a mestiçagem como uma hipótese válida para se falar de identidade brasileira.

A identidade está sendo entendida como processo identificatório, e a mestiçagem como cultura híbrida¹³, mesclada, onde trocas são negociadas e cujo resultado pode ser a aparência de algo que não é o que aparenta. Estamos colocando a possibilidade de construção de uma subjetividade "não-cartesiana"¹⁴, que estaria no espaço vivido, não-cartesiano.

Para nós, o discurso ideológico higienista¹⁵ foi sucedido pelo discurso psicológico para completar o controle "panóptico"¹⁶ social, internalizando-o completamente, de modo a

individualistas, que existiriam, em termos ideais, ao longo de um contínuo, sendo que as sociedades do Terceiro Mundo, altamente coletivistas, estariam sofrendo o processo de modernização ou ocidentalização. Nas sociedades coletivistas, o princípio organizador mais forte do grupo é o parentesco, organizado em casta, tribo, clã, linhagem. A identidade do indivíduo está intimamente ligada à sua pertinência ao grupo. O *surplus* material é consumido pelos membros do grupo e a casa comunal é a mais importante casa, enquanto a casa familiar reforça a identidade por ser igual às demais. Na sociedade individualista, a pessoa se vê mais como um indivíduo, procurando status através de uma dependência de objetos privados utilizados para diferenciar e identificar. A casa é o objeto privado maior e mais custoso, onde o indivíduo pode afirmar sua identidade. Deste modo, Duncan descreve aspectos do que iremos posteriormente chamar de *cultura do corpo* e *cultura da coisa*.

¹³ CANCLINI, N.G. *Culturas híbridas*. México, Grijaldo, 1989.

¹⁴ Para Henri LEBEVRE (*The production of space*. Oxford, Blackwell, 1994), o pensamento cartesiano, ao conceber o sujeito sem um objeto (o "eu" puro pensante ou *res cogitans*) ou o objeto sem um sujeito (o corpo-como-máquina ou *res extensa*), criou uma seqüela no Logos Ocidental de não-união entre estes conceitos. "A filosofia ocidental *trata* o corpo; participou ativamente no longo processo de metaforização que *abandonou* o corpo; e que *negou* o corpo. O corpo vivo, sendo ao mesmo tempo *sujeito e objeto*, não pode tolerar tal divisão conceitual. (...) Atualmente, o corpo está se estabelecendo firmemente, como base e fundação, *além da filosofia, além do discurso e além da teoria do discurso*. O pensamento teórico, refletindo sobre o sujeito e o objeto além de conceitos antigos, abraçou o corpo com o espaço, no espaço, e como gerador (ou produtor) do espaço. Dizer que tal pensamento teórico vai *além do discurso* significa que ele leva em conta, para os propósitos de uma pedagogia do corpo, do vasto acervo de conhecimento não-formal embebido em poesia, música, dança e teatro. O acervo de conhecimento não-formal (*non-savoir*) constitui um potencial verdadeiro conhecimento (*connaissance*). O que *além filosofia* significa é: além do *locus* de substituições e separações, além do veículo do metafísico e do anafórico - o processo pelo qual os filósofos favoreceram a metamorfose do corpo em abstrações, em sinais de não-corpo. (...) Estamos falando da abolição da tradição vinda de Descartes até o presente dia via Hegel, uma tradição que foi incorporada na sociedade baseada em *raison d'état*, e ao mesmo tempo em uma particular concepção de espaço e de uma particular realidade espacial" (p.407-8).

¹⁵ Por discurso ideológico higienista, entende-se o discurso proveniente de um grupo hegemônico visando estender o domínio com relação aos demais grupos utilizando-se de medidas "educativas" para transformar hábitos de vida através de práticas relacionadas à saúde. Segundo Geneviève HELLER (*C'est à l'école que l'enfant apprend comment habiter*. *Extenso*, n.9, 1985), "a reforma da escola e a da casa no século XIX fazem parte de uma mesma perspectiva, a de lutar contra os flagelos da sociedade que representam, então, o pauperismo, o alcoolismo, as epidemias. A higiene e a moral açambarcaram-se, em uma escala e com uma precisão desconhecidas até então, das condições de vida da população para tentar reformá-la, aumentar a dignidade dos mais vis, fortificar a saúde dos mais fracos, a fim de cada um pudesse contribuir ao progresso da sociedade (...): melhorar a qualidade do espaço (salubridade, limpeza, iluminação, aquecimento...), modificar os limites de tolerância com relação à promiscuidade e à intimidade, introduzir normas de comportamentos válidas tanto para a escola quanto para a casa, a primeira devendo, se possível, forçar as normas familiares (limpeza, boa postura, boa aparência, respeito aos objetos...)" (p.415). Trata-se de uma "missão civilizatória" cujo

que a pessoa esteja controlada sem precisar ser controlada. A privatização da vida seria este caminho.

Outro conceito correlato é o de autonomia¹⁷, associado à vida privada como um valor máximo, e que implica em a pessoa se auto-capacitar a realizar tarefas a partir da internalização dos mecanismos necessários para a mesma.

1.1. O MODO DE VIDA DE VILA MADALENA¹⁸

1.1.1. O Bairro

O relato que se segue corresponde à descrição dos resultados atinentes ao Estudo de Caso 1 que, conforme referido, foi realizado em São Paulo, cidade com cerca de 15 milhões de habitantes em 1993, o maior centro urbano do Brasil.

objetivo final pode ser dito ser a "disciplinarização do corpo" através de práticas moralmente dignas e saudáveis.

¹⁶ FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

¹⁷ O estudo no Piauí nos alertou para um tipo de organização sócio-familiar *interdependente*, onde haveria *independência* e não, *autonomia*. Entendemos independência como a capacidade de ação auto-gerada e de projetos individualizados dentro de um quadro coletivo e hierárquico, enquanto autonomia seria a "capacidade de gerar leis e viver sob o império das mesmas", segundo Luiz Claudio FIGUEIREDO (*Modos de subjetivação no Brasil*. São Paulo, Escuta/EDUC, 1995. p.29). Este autor distingue também entre estes dois termos, mas define *independência* como ausência de vínculos, obrigações pessoais e lealdades, que abre o espaço para escolhas e projetos individualizados, para trajetórias e destinos idiossincráticos e não previamente determinados pela posição do indivíduo no quadro coletivo e hierárquico. Seria uma possível instância do *mero indivíduo*, enquanto a autonomia seria a do *sujeito*. Para Gilberto VELHO (Família e subjetividade. In: ALMEIDA, A.M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987. p.79-87), a noção de *subjetividade* não é igual à de *indivíduo*; ou seja, mesmo sem uma ideologia individualista, e sim, holista, sempre há subjetividade, sem que isto implique, necessariamente, na noção de indivíduo. A subjetividade seria a construção social da identidade, sendo a família uma instituição fundamental no processo de socialização da subjetividade. Para ele, a família nuclear brasileira não é tão nuclear assim (p.82), existindo uma articulação entre as várias famílias nucleares e de parentesco. Referindo-se às camadas médias altas da Zona Sul do Rio de Janeiro, altamente individualizadas, aponta para uma *memória da família patriarcal*, uma rede de parentesco e de amigos, oferecendo um campo maior de alternativas, além da família nuclear, para a elaboração da identidade dos indivíduos. Mais recentemente (Felicidade à brasileira. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03 de nov. 1996. p.5-10), referiu-se ao pouco espaço da sociedade brasileira para a representação de *indivíduo sujeito*, devido ao "modelo hierárquico organizador da vida social, que valoriza e legitima as diferenças entre as categorias, dando, com isto, peso desigual aos indivíduos, englobados por uma lógica relacional". Nesta direção, para Cynthia Anderson SARTI (*A Família como espelho*. Campinas, Autores Associados, 1996) o indivíduo (no Brasil) constitui-se na mesma medida em que reafirma as hierarquias: "o *indivíduo* emerge, mas não 'individualizado' e sim *dependente* da rede que o sustenta e legitima seu processo de individuação" (p.113).

¹⁸ Este texto corresponde ao Capítulo 4 da dissertação de mestrado: RABINOVICH, E. P. *Modo de vida e relação mãe-criança: o mamar e o andar, o modo de morar e o modo de dormir*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, USP. p.35-62. Orientador: Ana Maria Almeida CARVALHO. Apoio financeiro CAPES. A coleta de dados, realizada em 1988/1989, fez parte de uma pesquisa orientada pelo Dr. Arnaldo Augusto Franco de SIQUEIRA, do Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública, USP, tendo sido concebida, planejada, realizada e analisada com Denize Cristina de OLIVEIRA, e realizada e analisada com Neusa Guaraciaba dos SANTOS. A pesquisa iniciou-se com 60 crianças, sendo os dados aqui apresentados referidos, em geral, a 60 moradias e famílias. Apoio financeiro CNPq.

O Centro de Saúde, a partir do qual foram selecionadas as crianças cujas moradias são objeto do presente estudo, serve ao subdistrito de Vila Madalena, que compreende os bairros de Vila Madalena, Cerqueira César e Jardim América. As famílias objeto de nosso estudo habitavam em Vila Madalena e Cerqueira César.

Vila Madalena e Cerqueira César são bairros contíguos, próximos ao Centro, contando com saneamento básico e serviços públicos na área de Saúde e na de Educação. No entanto, são bairros muito distintos entre si, no que se refere à taxa de ocupação do solo e do tipo de moradia e forma de ocupação. Cerqueira César é um bairro bastante verticalizado e comercial, com vias públicas de tráfego pesado, cortado por uma das grandes avenidas da cidade, a Avenida Rebouças. Já Vila Madalena é um bairro ainda com muitas casas, com uma estrutura viária em forma de malha, de um lado, e, de outro, de um arnuamento em curvas devido ao solo acidentado da região. Vila Madalena é um bairro em transformação. Antigas casas de pequenos proprietários estão sendo substituídas por prédios modernos, habitados por classe média e classe média alta. Encontravam-se em Vila Madalena desde favelas a apartamentos de alto luxo, pequenos proprietários e cortiços, e muitas outras alternativas. Havia, ainda, em Vila Madalena, um clima de cidade de interior, que atraiu para a região um certo tipo de habitante que, contudo, não foi sujeito de nossa pesquisa: profissionais liberais, artistas, etc.

Cerqueira César é um bairro de metrópole onde os vizinhos não se conhecem e a vida pessoal se dá intra-muros. Neste bairro, por ocasião do estudo, não havia favelas, mas havia cortiços e habitações precárias. Embora ainda houvesse pequenos proprietários na região, basicamente o universo de nossa amostragem nesse bairro consistiu de migrantes alugando moradias precárias.

1.1.2. Os Tipos de Casas

As tipos de casas estudadas foram classificados em: casa de frente; casa de fundo; casa de frente familiar¹⁹; casa de fundo familiar; aglomerado familiar; apartamento de um quarto; apartamento de dois quartos; apartamento de zelador; quarto de empregada doméstica; barraco; cortiço-casarão e cortiço-corredor (Gráfico 1).

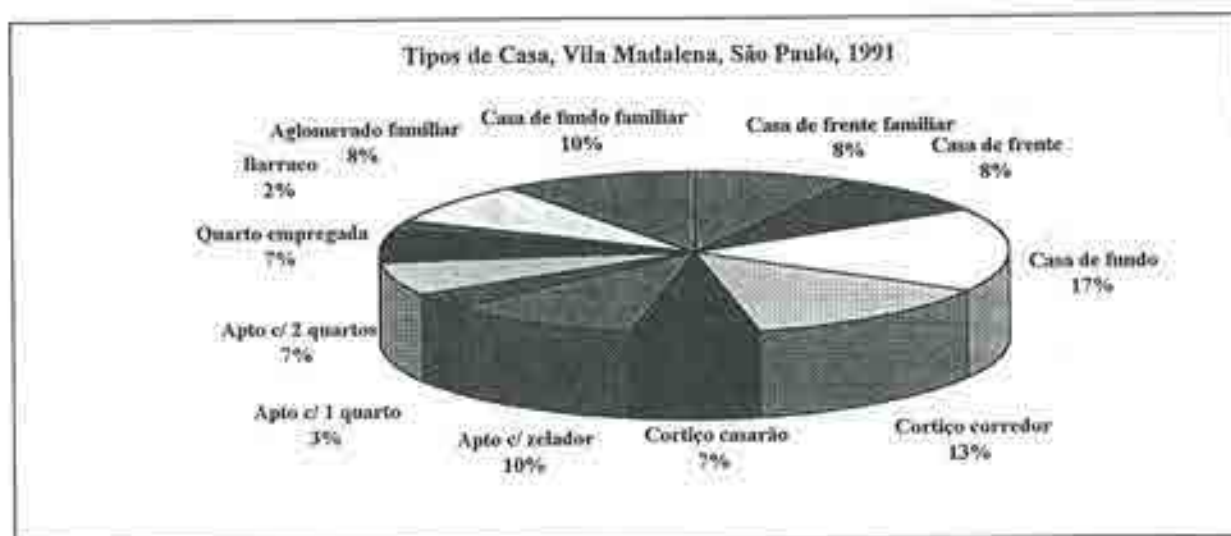


Gráfico 1: Tipos de moradias, Vila Madalena, São Paulo, 1991

¹⁹ *Familiar* está indicando um grupo familiar ampliado: pessoas aparentadas, além da família nuclear, coabitando ou habitando contiguamente. *Família nuclear* é a composta por pai e/ou mãe e filho/s.

Moravam basicamente em casas cerca de 80% dos núcleos familiares estudados, já que apenas 20% moravam em apartamentos. Todas as moradias, exceto uma (1,7%), eram de alvenaria. Essa exceção era um barraco cujas paredes eram de madeira.

Cerca de 26,3% eram proprietários, enquanto 10% eram zeladores e 6,7% eram empregadas domésticas; os restantes 57% alugavam os imóveis onde residiam.

A questão de ser proprietário, isto é, não estar alugando o imóvel, estava intimamente relacionada ao contexto familiar, dado o fato de a população que utilizava os serviços do Centro de Saúde ser de baixa renda, o que a incapacitaria a adquirir um imóvel nesta região altamente valorizada comercialmente. Além disso, pelo fato dos sujeitos serem crianças de 0-1 ano de idade, a faixa etária dos pais era relativamente jovem (cerca de 30 anos para o homem e 27 anos para a mulher). Nessas condições, a única maneira de ser proprietário era habitar ou a casa ou o terreno dos pais. Um outro modo de ser "proprietário" seria o de ser favelado, mas não tivemos nenhum sujeito habitando nessas condições.

O modo de habitar familiar predominante foi atrás da moradia de algum familiar, geralmente a mãe (50%). A habitação matrilocal predominou e, no caso (33%) de ser patrilocal, o fato freqüentemente foi fonte de conflito nora-sogra. Em todos os casos de moradias familiares, o avô da criança já havia falecido, restando a avó ou tia.

As casas de frente familiares (8,3%) caracterizaram-se por ser situações transitórias, como no caso de doença grave com o deslocamento da família para a casa com melhores condições físicas, ou de coabitação temporária com outros familiares por um dos grupos familiares se encontrar desalojado.

O aglomerado familiar (8,3%), um dos tipos classificados, era um terreno onde estavam várias casas de pessoas aparentadas entre si. Este tipo de moradia estava desaparecendo, devido à expansão imobiliária: dos cinco aglomerados, dois estavam em fase de desocupação por já terem sido adquiridos por companhias construtoras.

As casas-sobrado de frente (8,3%) tenderam a ser um pouco melhores quanto às dimensões, tipo de construção, insolação, etc., do que as de fundos.

As casas de fundos (16,7%) estavam dispostas em corredores, ou atrás de casas de frente, mas tinham entradas independentes. As paredes eram independentes ou geminadas, e os banheiros da casa, privativos a ela, internos ou externos.

Cortiço-casarão é uma casa em que os quartos são ocupados por uma ou várias famílias. Cortiço-corredor é uma sequência de quartos ocupados por uma ou mais famílias. Em ambos os casos, os banheiros e o tanque são coletivos.

O cortiço-corredor predominou sobre o cortiço-casarão (13,3%, para 6,7%). Dos casos que compõem a amostra da pesquisa, 20% moravam em cortiço. Eram migrantes e tendiam a morar coletivizados, devido à chegada de parentes que iam se alojando nos quartos. Foram as piores condições de habitação em razão do tamanho exíguo dos cômodos com relação às funções e número de moradores, e devido às más condições físicas de ventilação, iluminação, insolação e umidade. Os banheiros, tanques de lavar roupa e pias de cozinha eram exteriores e comuns, o que podia gerar conflitos entre os moradores. Não havia espaço externo para as crianças brincarem, a não ser a rua. Conforme a qualidade de relação entre os vizinhos, as condições de vida podiam melhorar ou piorar consideravelmente, em decorrência da intensidade de contatos e da falta de privacidade que este tipo de habitação determinava.

O cortiço-casarão apresentava piores condições do que o cortiço-corredor, por estar instalado em zonas deterioradas socialmente, com péssimas condições sanitárias e de isolamento acústico, sem espaço interior e exterior.

Um barraco foi a pior habitação materialmente considerando: não havia nem cama, nem móveis, apenas caixotes.

Como outro tipo de moradia, quatro empregadas domésticas habitavam quartos de empregada, sendo um interno à casa e um "sem quarto": neste caso, a área de serviço foi

subdividida por um armário atrás do qual foi colocado um colchonete sobre o chão, no qual dormiam mãe e filho.

Os apartamentos eram construções mais padronizadas. Do número de seus cômodos, com relação ao número de moradores, podia-se deduzir certas condições de habitação: os apartamentos com 2 quartos (6,7%) apresentavam condições muito melhores do que os de 1 quarto (3,3%), não apenas pela condição material do alojamento, mas também pela condição econômica de cada família. Na nossa população, a melhor condição econômica manifestou-se nos apartamentos de dois quartos e de sobrados de frente de dois quartos (1 casa) alugados. Isto porque eram casais economicamente produtivos e com condições de alugar imóveis melhores, enquanto os imóveis familiares estavam na posse de viúvas que não trabalhavam mais, ou seja, em condições financeiras piores do que estas famílias.

Finalmente, foi categorizado "apartamento zelador" (6 casos: 10%) não apenas pela alta frequência desse grupo profissional/habitacional na população estudada, mas também por certas condições específicas a este tipo de ocupação/moradia.

1.1.3. Indicadores para análise do interior da casa

Além do tipo de moradia, outros indicadores foram sugeridos a partir da pesquisa de forma a fornecer um quadro de como habitava a família. Os indicadores propostos para analisar o interior da casa foram: segurança; condições físicas; índice de aglomeração; índice de comodidade; índice de privacidade; índice de intimidade.

As casas foram classificadas como segura/insegura, segundo os seguintes indicadores: condições "físicas": telhado ruindo; escadas perigosas; aclives perigosos, dificuldade de acesso; condições "sociais": vizinhança perigosa (segundo relato dos pais), condições "saúde": cachorro bravo, ratos, esgotos abertos. De uma maneira geral, foi considerado inseguro tudo o que punha em risco, quer física quer socialmente, a vida da criança e/ou da família. A presença de uma única condição de insegurança foi suficiente para categorizar a casa como insegura. A avaliação da insegurança foi feita segundo um critério subjetivo baseado numa percepção objetiva de um risco.

Dos casos estudados, 19 (31,67%) foram classificados como "inseguros" e 41 (68,43%) como seguros.

As condições físicas foram classificadas quanto a: ventilação²⁰, insolação²¹, umidade²² e luminosidade²³ em: tendência favorável ou tendência desfavorável.

Essa forma de classificar visou fornecer uma indicação da qualidade do meio físico. Dos casos pesquisados, 57% apresentaram tendência favorável e 43% tendência desfavorável quanto à condição física. Uma única condição desfavorável foi suficiente para a casa ser classificada como "desfavorável". O critério, subjetivo, baseou-se na percepção objetiva de ausência de janelas, presença de bolor, de escuridão, etc.

Um outro índice que surgiu da observação das casas foi o índice de "aglomeração" dado pela relação número de habitantes por cômodo. Este índice, denominado "densidade" por arquitetos e demógrafos, seria de no máximo 2 pessoas por cômodo habitável, sendo que crianças até um ano de idade não são computadas e crianças de um a um ano e meio são

²⁰ Ventilação: presença ou ausência de janelas permitindo a ventilação da casa

²¹ Insolação: presença ou ausência de sol sobre a casa

²² Umidade: presença ou ausência de bolor nas paredes e/ou na qualidade úmida do ar. No caso de dúvida, pediu-se ao morador a sua avaliação.

²³ Luminosidade: presença ou ausência de luz natural

“meia” pessoa, acima do qual haveria confinamento²⁴. O índice obtido foi 1,36 pessoa/cômodo. Contudo, 24% tinham um índice de 2,5 para mais, considerado acima do adequado para a saúde física e mental (Gráfico 2).

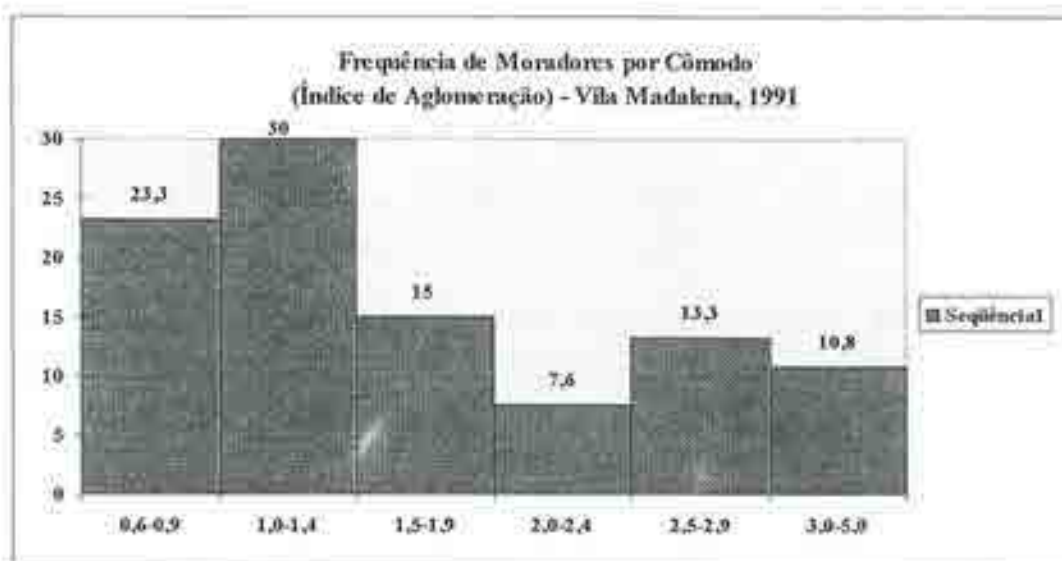


Gráfico 2: Frequência de moradores por cômodo, Vila Madalena, SP, 1991

Outro índice seria o “índice de comodidade”²⁵ representado pelo tipo de banheiro: privativo, interno ou externo, e coletivo (Tabela 1).

TABELA 1

Tipos de banheiros das casas de Vila Madalena, S.P., 1991

Tipo de Banheiro	N	%
Coletivo	16	26,7
Privativo externo	11	18,3
Privativo interno	33	55,0
TOTAL	60	100,0

Este índice foi um instrumento útil para detectar alguns aspectos do modo de morar. O fato de o banheiro ser privativo ou não, interno ou externo, discriminava não apenas condições materiais e econômicas, mas também tipos de habitação e de modo de morar. No caso de ser uma casa de fundos com o banheiro externo, por exemplo, podia-se supor condições materialmente piores do que uma com banheiro interno quanto ao tipo de construção e condições de conforto. O banheiro foi um índice de outros índices de conforto.

Dois novos índices foram propostos, a partir da observação das casas: o índice de privacidade, obtido a partir da relação cômodos-portas, e o índice de intimidade, obtido a

²⁴ Para uma discussão completa deste tema, do ponto de vista demográfico e arquitetônico, ver Suzana Pasternak TASCHNER. *Moradia da pobreza*. São Paulo, 1982. Tese (Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública, USP. v.1: p.206-25.

Do ponto de vista da psicologia social, poder-se-ia relativizar estes números circunscrevendo-os à vivência dos relacionamentos neste confinamento, ou seja, às relações entre os envolvidos, a fatores culturais, obrigatoriedade ou escolha de morar nestas condições, etc.

²⁵ Apud Suzana Pasternak TASCHNER, comunicação pessoal, 1990.

partir da relação pessoas-cama (Tabela 2). A cama de casal foi computada *duas camas*; no caso do casal dormir numa cama de solteiro, foi computada *uma cama*.

TABELA 2
Índices de privacidade e intimidade das casas de Vila Madalena, S.P., 1991

	Portas	Cômodo	Índice	Índice esperado
Índice de privacidade	67	103	0,65	>1
	Pessoas	Camas	Índice	Índice esperado
Índice de intimidade	264	163	1,62	=1

Esses índices indicam que quase metade das casas não possuía portas separando os cômodos e que havia uma proporção de 1,6 pessoas por cama.

1.1.4. Categorias para análise da casa

Conforme relatado anteriormente, a partir de diferenças observadas nas casas visitadas, viemos a propor dois eixos semânticos para o estudo das casas de Vila Madalena: o eixo *ordenação-não ordenação*, e o eixo *coletivização-privatização*.

No presente tópico, vamos descrever e definir estas categorias conforme o estudo de campo através do qual as categorias foram propostas.

O eixo *ordenação - não ordenação*, no estudo de Vila Madalena, foi baseado em duas categorias empíricas: *ordenação* e *arrumação*.

A ordenação é a disposição por funções, ou seja, a separação e classificação das diversas funções a que serve a moradia: alimentação, repouso, socialização, higiene, procriação, etc. Esta separação pode ser feita quer por marcos *fixos* (geralmente paredes), quer por marcos *semi-fixos* (cortinas), quer por marcos *móveis*, que resultam da própria disposição dos objetos no espaço, delimitando ou não áreas funcionais.

A arrumação é a classificação e disposição das atividades e dos artefatos, de acordo com um plano espacial uniforme, consistente, ou previsível. Refere-se a aspectos mais *móveis* do que a ordenação, geralmente ao que se denomina *ordem e limpeza*.

O eixo *coletivização-privatização* indica o tipo de organização familiar e foi aferido a partir dos seguintes índices, dado a coletivização poder ocorrer tanto em função do índice de aglomeração quanto de famílias ampliadas:

1. relação moradores/cômodo: igual ou acima de 2,5, por nós considerado um indicador de coletivização;
2. relação famílias/casa: mais do que uma família por casa, um indicador de coletivização;
3. relação casa/casa: a vizinhança intra-muros com familiares, indicador de coletivização.

A casa pode ser classificada por ordenação em²⁶ (Tabela 3):

- ordenadas: locais específicos para funções específicas (32)
- não ordenadas: ausência de locais específicos para funções específicas (13)
- semi-ordenadas: tipo intermediário (12): ao lado de uma estrutura com ausência de delimitação por funções, os moradores "sinalizam" essas funções através de limites *móveis*. Ex.: um cortinado separando o "quarto" do bebê do dos pais ou o arranjo do quarto de modo a identificar o quarto dos pais e o "cantinho" do bebê; o arranjo em que estão dispostos a "sala", o "quarto", a "cozinha" em cantos de um mesmo cômodo.

²⁶ Os números entre parênteses referem-se ao total de casas correspondendo à categoria.

TABELA 3
Classificação por ordenação das casas de Vila Madalena, S.P., 1991

Tipo Ordenação	N	%
Ordenadas	32	53,3
Não ordenadas	13	21,7
Semi-ordenada	12	20,0
Não classificada	3	5,0
TOTAL	60	100

Quanto à arrumação, as casas foram classificadas em (Tabela 4):

- arrumada: impressão geral de ordem e limpeza (48)
- não arrumada: impressão geral de desordem e sujeira (12)

TABELA 4
Classificação por arrumação das casas de Vila Madalena, S.P., 1991

Tipo de Arrumação	N	%
Arrumada	48	80
Não arrumada	12	20
TOTAL	60	100

Das 12 casas *não arrumadas*, 7 eram *não ordenadas*, das 48 *arrumadas*, 28 eram *ordenadas*, e das 12 com *indício de ordenação*, 11 eram *arrumadas* (Tabela 5). Agrupando-se casas ordenadas e semi-ordenadas obteve-se uma associação altamente significativa entre arrumação e ordenação (Fisher, $p=0,003$).

TABELA 5
Correlação entre as categorias de *ordenação* e *arrumação* das casas de Vila Madalena, S.Paulo, 1991.

Arrumação/Ordenação	Arrumada	Não arrumada	Não classificada	TOTAL
Ordenadas	28	4		32
Semi-ordenada	11	1		12
Não ordenadas	6	7		13
Não classificadas			3	3
TOTAL	45	12	3	60

Quanto à coletivização, as casas do estudo foram classificadas em (Tabela 6):

- coletivizados (21):
 1. moradia com índice morador/cômodo igual ou acima de 2,5
 2. moradia com vizinhos familiares intra-muros
 3. mais do que uma família morando na mesma casa
 4. empregada doméstica
- semi-coletivizadas (9): casas onde moram membros de mais de uma família na mesma casa ou casa de frente ou de fundos familiares desde que não atinjam o índice morador/cômodo igual ou acima de 2,5.
- privatizados (25): habitadas pela família nuclear

No eixo contínuo da coletivização, a categoria *coletivizado* implicava que havia um modo de vida coletivizado em oposição a um modo de vida privatizado, sendo a categoria *semi-coletivizada* intermediária entre os dois.

TABELA 6

Classificação por categorias de coletivização das casas de Vila Madalena, S. Paulo, 1991

Coletivo/Privado	N	%
Coletivizado	21	38,2
Semi-Coletivizado	9	16,4
Privatizado	25	45,4
TOTAL	55	100

Pode-se observar uma associação inversa entre coletivização e ordenação, agrupando-se as casas privatizadas e semi-privatizadas e não ordenada e semi-ordenada ($\chi^2 = 12,43$, $p = 0,01$).

Além destes dois eixos semânticos, outra categoria de análise foram os *enfeites*. Os enfeites foram definidos como os objetos não-utilitários presentes nas casas, quer dispostos nos móveis, quer dispostos nas paredes.

Os enfeites foram categorizados por quantidade: ausentes - poucos - alguns - muitos. Essa categorização foi relativa ao tamanho da casa, referindo-se à relação número de enfeites/tamanho do cômodo, e não ao número total de enfeites. Por exemplo: em um único cômodo, havia plantas, passarinhos, enfeites de barro, fotos de família, fotos de jogador de futebol, posters, toalhinhas, calendários, quadros com motivos infantis: neste caso, a classificação foi *muitos*; em uma casa com três cômodos, onde havia apenas um pôster, a classificação foi *ausente*.

Como resultado desta categorização quanto aos enfeites, obteve-se: 15 (27,27%) *muito*; 8 (14,55%) *médio*; 20 (36,36%) *pouco*; e 12 (21,82%) *ausente*.

Além disso, os enfeites foram multi-classificados quanto à qualidade: *arte* (24): ex. reproduções artísticas; *família* (20): ex. retratos; *religião* (20): ex. imagens de santos; *infantil* (19): ex. bichinhos e enfeites próprios a crianças; *cultura* (17): ex. discos livros; *natureza* (12): ex. plantas; *valor* (8): ex. objetos de prata, etc.; *tecido* (8), toalhinhas, almofadas; *origem* (3): ex. escultura de barro do nordeste; *esportivo* (2): ex.: fotos de jogadores.

1.1.5. Síntese: O Modo de Morar em Vila Madalena

Pode-se traçar uma tipologia do modo de morar, associada ao tipo de casa.

As *casas familiares* implicaram em modos coletivizados de vida, em maior ou menor grau, onde formas variadas de família extensa e/ou clãs existiam.

As *casas não familiares* tenderam a ser de famílias nucleares, com uma grande diversidade de tipos. As *casas de frente* tenderam a ter melhores condições física, econômica e relação morador/cômodo. Esta última relação pode fornecer um índice do padrão de vida dos moradores.

Os *cortiços* implicaram em condições precárias de moradia, sendo uma opção, ou de migrantes, ou de pessoas para quem a localização, provavelmente a proximidade ao trabalho, é fundamental.

O tipo *apartamento* variou segundo o número de quartos implicando em extratos sócioeconômicos diversos.

Quanto ao tipo *quarto de empregada* como moradia, no caso do presente estudo, consistiu sempre de empregada doméstica com filho dormindo em um quarto. Neste modo de morar, ocorreu sempre uma mudança, quer a saída do emprego, quer a saída da criança para outra moradia, devido à falta de espaço, motivada pelo crescimento, físico, motor e psíquico, da criança.

De um modo geral, pode-se dizer que, quanto ao modo de morar, as moradias de Vila Madalena eram basicamente de alvenaria, subdivididas em casas e apartamentos. As casas familiares eram de frente/fundo/aglomerados. As casas não familiares eram de frente/fundo/cortiço. Os apartamentos eram de 1 ou 2 quartos. Houve duas categorias em que a ocupação profissional implicou um modo de morar: zelador e empregada doméstica.

As casas de Vila Madalena dividiram-se quanto a apresentar uma tendência favorável quanto às condições de ventilação, insolação, luminosidade e umidade, sendo cerca de 50% desfavoráveis quanto a estas condições.

A maior parte das casas (55%) tinham banheiros privativos, o que indicou um tipo de construção voltada para o conforto. Contudo, 27% tinham banheiros coletivos, o que foi um índice de ausência de conforto, e 18% tinham banheiro privativo externo.

Na amostra, havia cerca de 1,3 pessoas por cômodo, o que seria razoável como índice de ocupação. Porém, 25% das casas tinham um índice de ocupação acima do recomendado pela Organização Mundial de Saúde.

Quase metade das casas não tinha portas divisórias e havia um índice de ocupação de 1,6 pessoas por cama, o que indica falta de privacidade e intimidade.

As casas eram ordenadas por funções em 53% dos casos e, na sua maioria (80% dos casos), eram arrumadas. Havia 20% de casas em uma categoria intermediária quanto ao tipo de ordenação.

O total das casas classificadas como coletivizadas foi 38,19%. Acrescidas das casas onde moravam parentes ou com casas de parentes na frente, somavam 54,55%, sendo, pois, superiores em número às casas privatizadas.

Finalmente, as casas tendiam a ter poucos enfeites, que ocorriam, como tipo, nas categorias de *família, religioso, arte e infantil*.

As casas privatizadas tendiam a ser ordenadas e a ter enfeites. As casas coletivizadas tendiam a ser não-ordenadas e não ter enfeites. Algumas casas coletivizadas tinham muitos enfeites. Não ocorreu associação entre ordenação e enfeites a não ser no sentido de que casas semi-ordenadas tenderem a ter enfeites enquanto casas não-ordenadas tendiam a ter poucos enfeites.

1.1.6. O quarto de dormir²⁷

Decidimos enfocar, dentre os cômodos da casa, aquele em que dormia o bebê, devido à importância do sono do ponto de vista filio e ontogenético, e dos arranjos espaciais associados ao dormir na relação mãe-criança.

No estudo do quarto de dormir do bebê, consideramos os seguintes descritores:

a) quanto ao quarto: quarto próprio; quarto com os pais; posição do leito do bebê com relação à cama dos pais: à esquerda ou à direita da cama dos pais, alinhada ou não com a cabeceira dos pais; posição do leito do bebê com relação às paredes: no meio do quarto ou no canto; posição do leito do bebê em relação à porta: de frente à porta, do mesmo lado da porta, do lado oposto da porta, posição da cama dos pais com relação às paredes: no meio ou no

²⁷ O quarto de dormir do bebê foi objeto de um artigo (RABINOVICH, E.P. Modo de dormir e relação mãe-criança. *Psicologia, Ciência, Profissão*, v.13, n.1-5, p.22-9, 1993).

canto; posição da cama dos pais com relação à porta: de frente, do mesmo lado, do lado oposto.

b) quanto ao leito do bebê: tipo: berço ou outro; leito individualizado ou com quem dorme; presença ou ausência de enfeites e brinquedos caracterizando um "cantinho do bebê". O "cantinho" era um espaço próprio, delimitado e caracterizado, do bebê.

Os resultados baseados em 60 casos podem ser vistos na Tabela 7.

TABELA 7
Descritores do quarto de Vila Madalena, S. Paulo, 1991

Descritores		Cama dos pais %	Berço %
Presente		100	80,0
Ausente		-	20,0
Localização	meio	51,5	9,1
	canto	48,5	90,9
Localização da porta	frente	54,8	41,9
	lado	6,2	32,3
	oposto	39,0	25,8
Localização do berço em relação à cama	à direita	-	24,0
	à esquerda	-	76,0
	alinhado	-	78,1
cantinho do bebê			65,0

Enquanto 100% dos adultos tinham cama ou equivalente (colchonete), 20% das crianças não tinham lugar próprio para dormir. Essas eram, em geral, as crianças em condição sócio-econômica mais desfavorecida.

O fato de haver berço não significava que a criança dormia nele (10% não dormiam nele).

No polo oposto, encontravam-se as crianças que tinham quarto próprio (10%). Nesses casos, geralmente havia uma razoável condição econômica, mesmo no caso de filho de zelador ou em uma situação congênere, porque alojamentos mais amplos ou com mais cômodos, na amostra pesquisada, significavam melhores condições salariais e de moradia. Essas crianças com quarto próprio tinham também "canto próprio". Por outro lado, houve uma tendência das crianças que dormiam em quarto próprio a não ocuparem seus berços pelo menos até suas mães terem delas se desprendido e/ou vice-versa.

A maioria - 90% - não tinha um quarto próprio. As crianças que dormiam no quarto dos pais tinham seus berços alinhados com a cabeceira da cama dos pais (78,12%) e à esquerda desta (76%). Esse arranjo pareceu ser determinado pela necessidade de cuidados noturnos realizados provavelmente pela mãe, de modo que a criança se situava próxima e ao lado desta²⁸.

Não foi possível associar nem verificar nenhuma especificidade das poucas crianças cujos berços são colocados à direita da cama dos pais (24%). São três as hipóteses que nos ocorreram a respeito dos casos berço à direita: quem cuida é o pai, o pai ou a mãe são

²⁸No estudo do Piauí, 100% dos casais dormiam com seus filhos e declararam-se enfaticamente contrários à separação da criança deste contato com os pais durante a noite antes de a criança "ter entendimento", aos 4, 5 anos de idade.

canhotos, ou, por uma questão fortuita como a organização do próprio espaço, estabeleceu-se um hábito de a mulher dormir à direita do homem.

A cama do casal geralmente estava localizada no meio do quarto (51,50%) mas podia estar também no canto (48,50%). A disposição central permitia livre movimentação dos dois lados, e a posição lateral ocorreu por falta de espaço, ou seja, quando não havia espaço suficiente, a cama era encostada num canto.

O berço foi preferencialmente colado à parede (91%), aparentemente representando uma proteção ao bebê. Embora os números não sejam conclusivos, nos três casos em que o berço ficou no meio do quarto havia alguma problemática afetiva na organização familiar.

A cama do casal encontrava-se em geral de forma a ter uma visão da porta: 54,80% de frente para a porta e 38,95% em outro ângulo, mas com visão da porta. Apenas dois casos - 1,5% - encontravam-se de costas para a porta²⁹.

O berço foi encontrado frequentemente (32,25%) na mesma parede que a porta embora preferencialmente desse visão frontal (41,93%) ou lateral (25,82%) da porta.

Embora as dimensões dos cômodos fossem muitas vezes exíguas, mal contendo os mínimos móveis necessários à família toda, pensamos inicialmente que os pais que dão visão da porta aos seus filhos possivelmente denotassem ter uma consideração mais empática com eles do que os que impedem tal visão. No entanto, estes últimos pais também se colocavam de costas para a porta, o que equivale a dizer que faziam com os filhos o que faziam consigo próprios.

Os berços que não estavam alinhados podiam significar uma maior necessidade de intimidade dos pais³⁰. A mesma privacidade pode ser buscada, embora raramente (3,33%), separando-se o quarto da criança por cortina, estante ou outro tipo de divisória.

Os móveis, muito padronizados, consistiam em camas de casal, armários e berços, algumas vezes criados-mudos ou outro móvel, camas de solteiro e beliches. Havia grande presença de tapetes.

Pode-se traçar o retrato do que seria o quarto "usual" de nosso estudo: era um quarto onde dormiam pais e filhos, os pais numa cama de casal, o filho menor no berço, a partir de certa idade, pois até então dormiu com os pais ou dormiu no carrinho no caso de haver irmão ocupando o berço (o que era usual a não ser quando era o primogênito). Os irmãos mais velhos dormiam em duplas, em camas ou em beliches. A cama de casal estava no meio do quarto, de frente para a porta ou dando visão a ela, enquanto o berço do bebê estava num canto, à esquerda e alinhado com a cabeceira da cama do casal. O berço geralmente tinha visão da porta mas podia encontrar-se na mesma parede que a porta.

A organização do quarto nem sempre correspondia ao que ocorria ao dormir, a existência do berço não significava que o bebê lá dormisse.

Esse estudo apontou para a hipótese de busca de proteção no momento de abandono que o sono representa. Indicou a presença de fatores sócioeconômicos e valores que determinam tanto a disposição do quarto quanto o modo de vida: havia indícios de procura de privacidade, provavelmente associada à vida sexual, através de uma disposição dos móveis que de algum modo isolava o casal dos filhos em contraposição a esquemas em que, apesar da

²⁹ Nos *xemcasa*, observou-se a mesma disposição para dormir: a cabeceira para o muro, havendo "quarto" ou não. Foi observada uma tendência a proteger a cabeça nas pessoas que dormiam na sarjeta.

A partir de 1995, contudo, encontramos muitas pessoas dormindo em qualquer posição.

³⁰ No Piauí, a única rede de bebê "enfeitada", por um grande laço cor de rosa, estava perpendicular à cama dos pais, sendo a única rede nesta posição com relação aos pais. Tratava-se de um casal jovem e muito dinâmico. Acreditamos que tanto a "rede enfeitada" quanto a posição perpendicular do berço com relação à cama são indicadores de necessidades de "cantos", de outro modo inexistentes nas casas visitadas no Piauí. Os "cantos", por sua vez, estariam associados a noções e/ou desejos de privacidade/intimidade, dentro de organização de vida privada.

presença do berço, a criança dormia com a mãe; mas, na maioria dos casos, o bebê dormia com ou ao lado da mãe.

1.1.7. Caracterização das Famílias³¹

Encontrou-se, em 55 casas estudadas, um total de 160 adultos e 103 crianças de 0 a 12 anos, com a média de 2,91 adultos por casa e de 1,87 crianças por casa.

A idade média dos pais foi 30 anos, com variação de 18 a 47 anos, e a das mães, 27 anos, variando de 15 a 41 anos.

Havia 29 (52,72%) filhos únicos no momento da primeira visita, com idade entre 0 e 1 ano, sendo que no decorrer da pesquisa ocorreram 4 nascimentos de irmãos. Treze (23,64%) eram segundos filhos, sete (12,73%) eram terceiros na ordem de nascimento, dois (3,64%) eram o quarto e um (1,82%), o quinto. Duas meninas ocupavam o sexto e o sétimo lugares na ordem de idade das crianças da casa devido a casamentos anteriores dos pais que tinham os outros filhos morando na mesma casa.

Havia cinco mães solteiras, 28 (78,38%) mulheres no primeiro casamento, 12,82% no segundo casamento e uma, (2,56%) no terceiro.

Dos pais, 82,35% estavam no primeiro casamento e 17,65% no segundo.

Os pais apresentaram uma escolaridade média equivalente à 5ª série e meia e as mães a média de 6ª série e um quarto, ambos variando do 1º ano ao superior completo. Havia 3 pais e 1 mãe com o 1º ano; 4 pais e 4 mães com o 2º ano; 4 pais e 1 mãe com o 3º ano; 9 pais e 10 mães com o 4º ano; e pais e 4 mães com 5º ano; 3 pais e 5 mães com 6ª série; 2 pais e 5 mães com 7ª série; 4 pais e 5 mães com 8ª série; 7 pais e 5 mães com colegial e 1 pai e 3 mães com nível universitário.

O grupo era composto, quanto à procedência, por nordestinos (44,19% dos homens e 39,13% das mulheres) sendo o segundo grupo representado por paulistas (37,21% dos homens e 36,96% das mulheres). Mineiros (9,30% dos homens e 13,04% das mulheres) foram o terceiro grupo; as demais procedências representavam 9,30% dos homens e 10,87% das mulheres.

29,09% eram proprietários, enquanto os restantes 70,91% não o eram.

Havia 56,36% (31:56) famílias nucleares, 21,43% (12:56) famílias ampliadas, 14,54% (8:56) famílias com avó ou tia e 8,93% (5:56) mães solteiras.

No conjunto, podemos descrever as famílias de Vila Madalena como famílias nucleares e ampliadas de casais jovens, com 1 a 2 filhos, nível de escolaridade média, de origem nordestina e paulista, no primeiro casamento.

1.1.8. O trabalho

Os homens trabalhavam basicamente em trabalhos "autônomos": pintor (6); motorista (7); marceneiro (1); tapeceiro (2); cozinheiro (2). Havia seis zeladores e sete pedreiros e porteiros. Havia cinco trabalhadores especializados (serralheiro, torneiro, soldador, técnico em radiografia e mecânico), seis na área do comércio, dois subempregados (jogo do bicho e ferro-velho) e um momentaneamente desempregado (nível superior). Recebiam de menos de um salário mínimo a cinco salários mínimos.

Já as mulheres, 26 (55,32%) não trabalhavam no momento do início da pesquisa; 25,53% (12:47) eram empregadas domésticas, três (6,38%) costuravam em casa, duas (4,25%) eram professoras, uma (2,13%) assistente social, uma trabalhava no hospital, uma no

³¹ "Casamento" foi considerado uma relação estável e compartilhada de compromisso mútuo. "Família" foi considerado os co-residentes, em caráter não casual, sem vínculo empregatício.

comércio e outra tinha um restaurante anexo à casa. O que caracterizou o trabalho feminino foi a permanência no lar ou a ida da criança ao trabalho. No caso disso não ser possível, a mulher parou de trabalhar, a avó ou uma vizinha tomavam conta da criança, ou esta foi colocada em uma creche. Durante a pesquisa houve várias tentativas de arranjos mãe-criança: arrumar emprego em uma creche e colocar os filhos na mesma creche; retirada da criança de creche por problemas de saúde e a mãe parar de trabalhar; mãe que trabalhava como diarista e deixava a filha com a vizinha passar a tomar conta de uma criança e permanecer ela mesma em casa.

O total das mulheres que não trabalhavam, eram empregadas domésticas ou trabalhavam em casa somou 89,36% das mulheres, caracterizando funções que permitiam que permanecessem próximas aos filhos pequenos. Os salários recebidos pelas mulheres variavam de metade do salário mínimo a duas vezes e meia o salário mínimo.

Podemos descrever o meio de subsistência das famílias como dependendo basicamente do salário masculino, mas com um número grande de mulheres quer compondo os ganhos familiares ou às vezes sustentando a casa, em situações empregatícias que possibilitassem a proximidade da criança.

1.1.9. A dinâmica das relações na casa ³²

A vida relacional das famílias estava ligada a relações de parentesco (75% delas tinham relações com parentes). Apenas a metade delas se relacionava com seus vizinhos e 25% tinham alguma atividade comunitária como pertencer a uma associação religiosa, política ou recreativa. Apenas 20% tinham algum tipo de lazer, exceto a televisão. As famílias tendiam a permanecer em suas casas, vendo TV e recebendo e fazendo poucas visitas a parentes.

Dentro das casas, as relações tendiam a ser conflituosas (40%) embora alguns casais se relacionassem de modo harmônico (30%). As causas dos conflitos estavam ligadas a problemas com alcoolismo, a questões envolvendo o sexo ou ciúmes, a questões envolvendo relações com parentes, etc.

A pergunta sobre se "o dinheiro dá", 75% responderam positivamente e 25% responderam negativamente. Quando havia harmonia entre o casal, o aspecto econômico era trabalhado de modo que a entrada era suficiente para os gastos, enquanto casais desequilibrados tendiam ao desequilíbrio orçamentário. Fatores emocionais aparentemente co-determinavam o modo como o orçamento era administrado; questões envolvendo o uso de poder e hostilidade encontravam respaldo e base no manejo da economia. Por exemplo: em um casal que estava em conflito grave, a mulher queixava-se do marido não colaborar nas despesas domésticas; quando a situação afetiva do casal melhorou, mudaram-se para uma casa melhor e o filho foi retirado da creche para ficar perto da mãe que até então o sustentara, estando ele na creche desde o nascimento. Um outro caso dramático ocorreu quando uma criança apresentou leucemia com seis meses de idade e o pai era alcoólatra, tendo a mãe de cumprir com todas as obrigações domésticas. Esta mãe tinha, com a avó, um restaurante anexo à casa de ambas. Com a doença, arrendaram o restaurante, o pai parou de beber e a família mudou-se para a casa da avó, de frente para a rua, por ser esta mais ensolarada. Em outro caso, os pais, nordestinos, moravam em um cômodo em um cortiço. O pai queria aumentar as suas reservas financeiras e em função disso, três irmãos/cunhados instalaram-se no cômodo. A mãe percebia isto como desamor, além de se sentir infeliz e "apinhada" em uma casa sem intimidade e com trabalho permanente para ela. Nestes três casos, a pergunta sobre se "o dinheiro dá" recebeu como resposta *não*.

³² A análise do presente tópico refere-se apenas às 20 famílias pessoalmente visitadas.

No estudo com os semcasa fizemos a mesma pergunta e obtivemos respostas no mesmo sentido, ou seja, uma pergunta aparentemente objetiva parece ter uma co-determinação subjetiva, baseada no sistema de trocas afetivas entre as pessoas envolvidas.

Os conflitos na área sexual decorreram de que as mães algumas vezes "preferiam" os neonatos aos maridos. Considerando-se a presumível fadiga das mulheres e a falta de privacidade das casas, a questão, para o observador, era como os casais conseguiam ter alguma vida sexual.

Os conflitos com parentes puderam ser evidenciados na relação sogra-nora, avó-mãe, embora as relações de parentesco fornecessem suporte aos casais, ou, no caso dos nordestinos, os casais fornecessem suporte a parentes recém chegados. A obrigatoriedade da convivência, devida a fatores econômicos, tanto beneficiou quanto prejudicou quer a dinâmica do casal quer a relação com a criança. Por exemplo: a nora, segundo esposa, que morava atrás da casa da sogra, que recebia a primeira esposa como se fosse a "verdadeira" esposa. A nora, mãe da criança, por este e outros motivos, sentia-se muito nervosa, revoltada e insegura no modo de lidar com a filha. Em outra família ampliada, por sua vez, um "coletivo" familiar respondeu às perguntas, enquanto a criança carinhosamente passava de mão em mão.

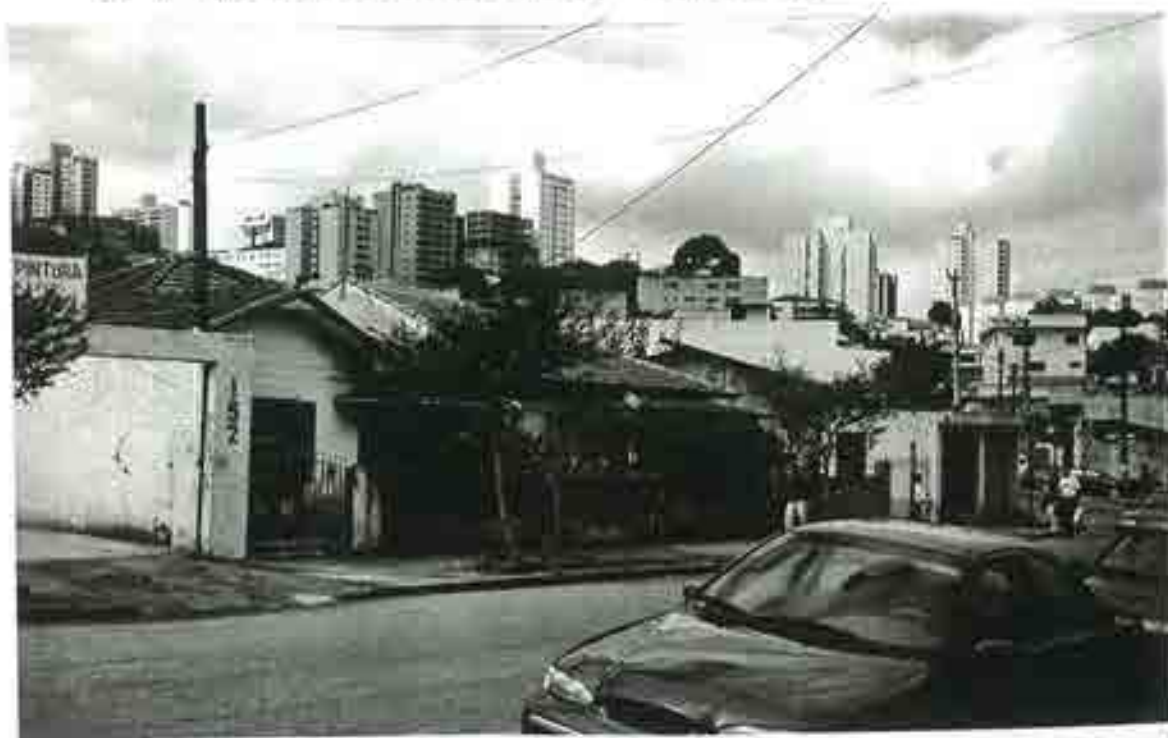
O mesmo pode ser dito da vizinhança: foi observado um ambiente comunitário agradável e positivo, onde por exemplo, à tarde todos iam à rua comer pipoca ou bolo que uma vizinha preparava; e um ambiente "carregado" como no cortiço, onde os moradores se trançavam e temiam uns aos outros.

Dentro das casas, observou-se que as mulheres eram as responsáveis pelos cuidados da casa, sendo ajudadas, poucas vezes, pelos pais (20%). Igualmente os filhos eram seu encargo, embora, nesse caso, os pais ajudassem mais freqüentemente (30%). Já o sustento era provido por um dos membros do casal (60%) quando o filho era pequeno, mas havia duas mães solteiras que se sustentavam e três mulheres que praticamente sustentavam a casa (25%).

Pode-se dizer que as mães decidiam sobre assuntos domésticos embora esta decisão fosse freqüentemente compartilhada com o pai. O pai foi percebido como quem detinha o poder, ou seja, a capacidade decisória, de ação e de responsabilização, em 20% dos casos, em um padrão em que a casa era da mulher e a rua era do homem. Exemplo: o homem fazia as compras, e a mulher cozinhava.

Observou-se que a mulher de Vila Madalena estava no mercado de trabalho com o acordo do companheiro. Cerca de metade das mulheres que não trabalhavam por ocasião da pesquisa já haviam trabalhado antes e muitas delas retornaram ao mercado de trabalho durante o decorrer da pesquisa, basicamente para resolver dificuldades financeiras do casal mas também por outras necessidades pessoais.

2. Vila Madalena: vista geral



3. Casa de Fundos Vila Madalena



4. CASA
FAMILIAR
DE
FUNDOS
COM
CASA
DA AVÓ
NA
FRENTE:
PROPRIE-
TÁRIOS,
V. M.



5. INTERIOR
DA CASA
DOS
FUNDOS:
SALA/
COZINHA



6. INTERIOR
DA CASA
DOS
FUNDOS:
QUARTO
DO CASAL
+ 3
FILHOS



Estudo 2

As moradias rurais da zona do Cocal, interior do Piauí: um estudo diacrônico

O estudo anterior apontara a necessidade de um estudo do modo de vida rural nos moldes do realizado em Vila Madalena, abarcando família, vizinhança, trabalho e, principalmente, modo de morar. Este estudo rural pareceu-nos necessário para compreender a origem das práticas do morar. O fato de, ocasionalmente, ter sido realizado em uma zona fronteiriça entre o Norte e o Nordeste do Brasil, no Estado do Piauí, além da riqueza das informações nele obtidas, assegurou ser este um estudo sobre uma realidade brasileira, resultado de mestiçagem, devido a que, apesar das evidentes diferenças entre os contextos rural e urbano, "falar" do Piauí era "falar (d)o" Brasil. E, falar do Piauí, era falar de uma origem identitária indígena, dificilmente percebida em São Paulo. Isto pressupunha uma formação identitária comum, transcendendo as fronteiras regionais e indicando que, o que pudemos ver de modo embrionário, referia-se a uma mesma dinâmica e a um "estilo de ser".

Em consequência do estudo anterior, sabíamos que a partir das práticas cotidianas - dormir, comer, cuidados corporais - poderíamos compreender a dinâmica básica do sistema de cuidados e da relação maternagem-moradia.

Adaptamos, pois, os instrumentos anteriormente desenvolvidos para abarcar estas práticas, ampliamos a necessidade de registro para, além de um registro exaustivo através de diagrama da moradia e de seus pertences, registrarmos por fotografias e video-filmagem, não utilizadas em Vila Madalena.

Após a etapa de campo no Piauí, foi realizada uma primeira análise do material coletado referente à casa, à família e ao modo de vida cotidiano, que será apresentada a seguir, objetivando o registro do observado.

Posteriormente, foi realizada uma segunda análise baseada no conjunto empírico de dados coletados e não em um modelo previamente estabelecido. Partiu-se de uma postura fenomenológica, em que os espaços são vivências internalizadas/externalizadas, de modo a preservar ambos os termos do observado, isto é, observador e observado, sujeito e objeto. Esta dupla ancoragem teve como objetivo garantir que a análise não sucumbisse a uma partição, em sujeito ou objeto, cuja morte seria a do sentido do todo. Conforme BERNARD e JAMBU¹, a questão básica no estudo do ambiente doméstico não são os descritores mas o sistema de descritores que advém de uma análise multidimensional. Deste modo, após várias tentativas de partir de descritores - ou seja, do repertório ou do léxico - abandonamos este caminho para reagrupar "as coisas" em dois eixos ao longo dos quais colocou-se o sistema descritivo analítico: a bilheira e o entorno².

Na ausência de um padrão preestabelecido por onde encaminhar a análise, a única possibilidade de se obter o paradigma foi por indução. Esta indução foi aplicada a várias

¹ BERNARD, Y.; JAMBU, M. Espace habité et modèles culturels. *Ethnologie Française*, v.8, n.1, p.7-20, 1978.

² A bilheira foi um móvel, encontrado em todas as casas visitadas, composto por duas prateleiras, uma inferior e mais larga sobre a qual estavam duas bilhas - recipientes de barro contendo água para ser bebida - e uma superior mais estreita, suporte para canecas para beber a água. O entorno era o que circundava a bilheira e/ou o cômodo onde está se achava. A bilheira e o entorno serão objeto de descrição e análise nos capítulos seguintes.

2.1. O ESTUDO DAS MORADIAS NA ZONA RURAL DO PIAUÍ[#]

Este estudo pretendeu, entre vários objetivos, propiciar indicadores qualitativos do desenvolvimento infantil, implementar abordagens integradas deste desenvolvimento e, de um modo amplo e abrangente, diagnosticar, documentar e fornecer suporte à produção de conhecimento na área de desenvolvimento infantil.

O presente estudo participou deste objetivo geral focalizando a casa e seus arredores, as famílias e as crianças. Foram sujeitos do presente estudo 20 moradias situadas na zona rural do município de União, Piauí.

O Município de União está a cerca de 56 km da cidade de Teresina, capital do Piauí. Tinha aproximadamente 30000 habitantes. Estava localizado em uma região de clima semi-árido quente, na Zona denominada Cocal devido à presença do coqueiro babaçu de cujo ciclo dependia a economia da região. A população com menos de 10 anos correspondia a 32.66% (Fonte: FIBGE, Censo Demográfico, 1980). A população decresceu 0.1% entre 80/91 e o saldo migratório no período de 1970/1980 foi negativo.

O estudo foi realizado em quatro localidades do Município de União: Divinópolis, Bananal, São Domingos e Zundão dos Bimbas. Estas localidades situavam-se em regiões planas, arborizadas e servidas por pequenas estradas vicinais de terra e estreitas, afóra a estrada que ligava União a Teresina e que passava em Divinópolis.

Divinópolis era cortada pela estrada que ligava Teresina a União, encontrando-se a poucos quilômetros deste município. Sua população era relativamente assistida, não sofrendo falta de água, tendo posto de saúde, escola, lavanderia pública, horta comunitária e fácil acesso à cidade. Foram estudadas dez casas nesta localidade. Seus moradores viviam da roça e do babaçu.

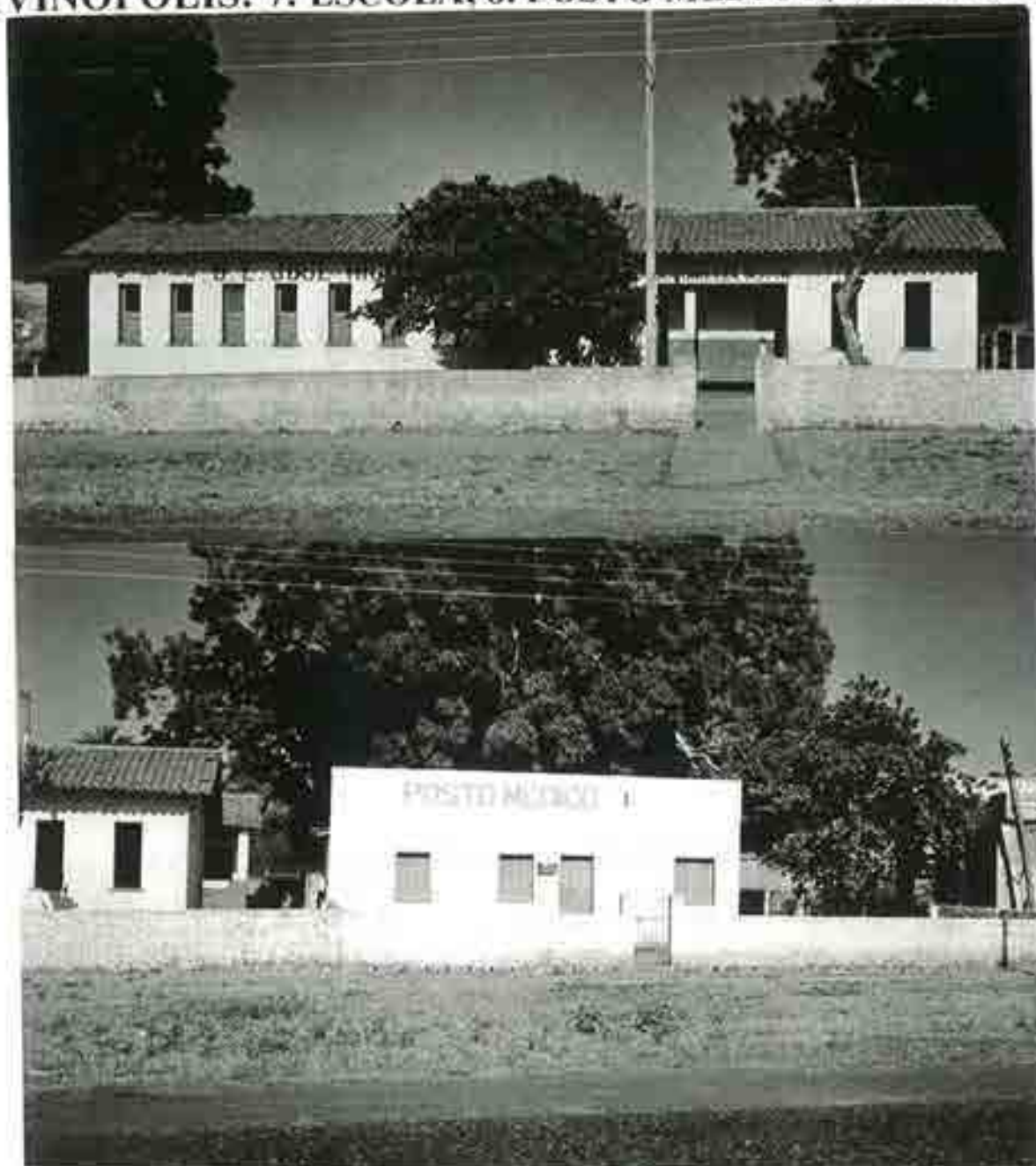
Bananal era um local isolado, próximo a uma zona canavieira. A população estava sofrendo falta de água devido à prolongada seca que afligia todo o Estado. Os homens trabalhavam em uma companhia mista, a CONVAP, na colheita de cana de açúcar, quando havia trabalho, e na roça, quando necessário. No momento em que foi realizada esta pesquisa, trabalhavam na Frente de Emergência, um programa de assistência do governo do Estado. As mulheres trabalhavam na coleta e quebra do coco do babaçu. Neste local, quando indagada o que faria caso a pouca água acabasse, uma mulher respondeu: "nóis morre". Foram estudadas três casas.

Na direção oposta, próxima ao rio Parnaíba, foram entrevistadas três famílias da localidade de São Domingos, perto de David Caldas, um dos três povoados mais importantes do município. Havia Posto de Saúde, Creche e Escola Municipal.

Entrando pelo sertão de Divinópolis, foram estudadas quatro casas da localidade denominada Zundão dos Bimbas.

[#]Este estudo fez parte de um projeto desenvolvido pelo Centro Regional de Desenvolvimento Infantil da CNBB- Pastoral da Criança, sediado em Teresina, Piauí. Participaram da fase de campo Aparecida Magali de Souza ALVAREZ, psicóloga do Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, responsável pela descrição e registro gráfico da casa e de seus pertences, e Jane CORDEIRO, psicóloga do Centro Regional de Desenvolvimento Infantil, Teresina, Piauí, que observou as crianças-alvo; Maria do Carmo de Sena VIEIRA e a Antonieta Soares LIRA, líderes comunitárias da Pastoral em União sem cuja ajuda e participação teria sido impossível realizar esta pesquisa. Terezinha SÁ, coordenadora do CRDI-Teresina, foi responsável pelo apoio logístico recebido. O coordenador geral do projeto foi Dr. Everardo de CARVALHO, da Coordenação Nacional da CNBB-Pastoral da Criança. Este estudo foi publicado em RABINOVICH, E.P. *O modo de morar. Caderno de Desenvolvimento Infantil*, v. 1, n. 1, p. 47-59, Jul. 1994.

DIVINÓPOLIS: 7. ESCOLA; 8. POSTO MÉDICO; 9. CHAFARIZ



DIVINÓPOLIS: 10. IGREJA**11. SÃO DOMINGOS: PORTA DE ENTRADA / SAÍDA**



FOTO -6
12.
NO
CAMINHO
PARA
ZUNDÃO
DOS
BIMBAS
(FOTO: AMSA)



13.
O
COQUEIRO
DE
BABAÇU
(FOTO: AMSA)



14.
BOSQUE
DE
BABAÇU

15.
"UGO
DI
PACE"



16. CASA 1:
EQUIPE
DE
PESQUISA:
MÃE +
FILHA
+ VELHA;
PRIMO.
EXTERIOR
PINTADO
IMITANDO
TILJOLO.
(FOTO: MCSV)



17.
CASA 1:
JARDIM
LATERAL





18.
CASA
ROSA
DESE
NHADA



19.
RUA SÃO
JOÃO
DE
DIVINÓ
POLIS

D. Entrevistas semi-estruturadas visando obter informações sobre a criança; sobre como a casa é utilizada pelos moradores; sobre os hábitos educacionais a partir da casa; sobre como as duas questões anteriores afetam o modo como a criança é criada; sobre como os pais se representam estas práticas;

E. Video-filmagem da casa e, se possível, da criança em atividades cotidianas;

F. Fotografias da casa.

Este conjunto de instrumentos forneceu subsídios para uma descrição etnográfica da moradia e do modo de morar da população estudada. Esta descrição corresponde ao Estudo de Caso 2, e será apresentada a seguir, como um estudo compondo a descrição da Parte I de trabalho como um todo.

Após a organização do material do modo como se segue, foi elaborado um paradigma de análise oriundo da derivação empírica das variáveis, sendo ele aplicado ao campo de estudo.

Donde, o método de análise das moradias do interior do Piauí, na sua totalidade, consistiu em três momentos:

1. descrição etnográfica baseada na observação naturalística (apresentado a seguir),
2. elaboração de um paradigma de análise oriundo da derivação empírica das variáveis,
3. descrição da especificidade decorrente da aplicação do paradigma ao campo de estudo (apresentado na Parte II).

2.2. O modo de vida no interior do Piauí

2.2.1. Caracterização das famílias

Nas 20 casas visitadas, moravam 136 pessoas: 29 homens, 29 mulheres, 44 meninos e adolescentes e 34 meninas e adolescentes. A média morador/casa foi de 6,8, havendo catorze casas com 3 a 8 pessoas, duas famílias com 10 moradores, duas famílias com 11 moradores e uma com 16 moradores. Havia 3,9 crianças por casa (Gráfico 3).

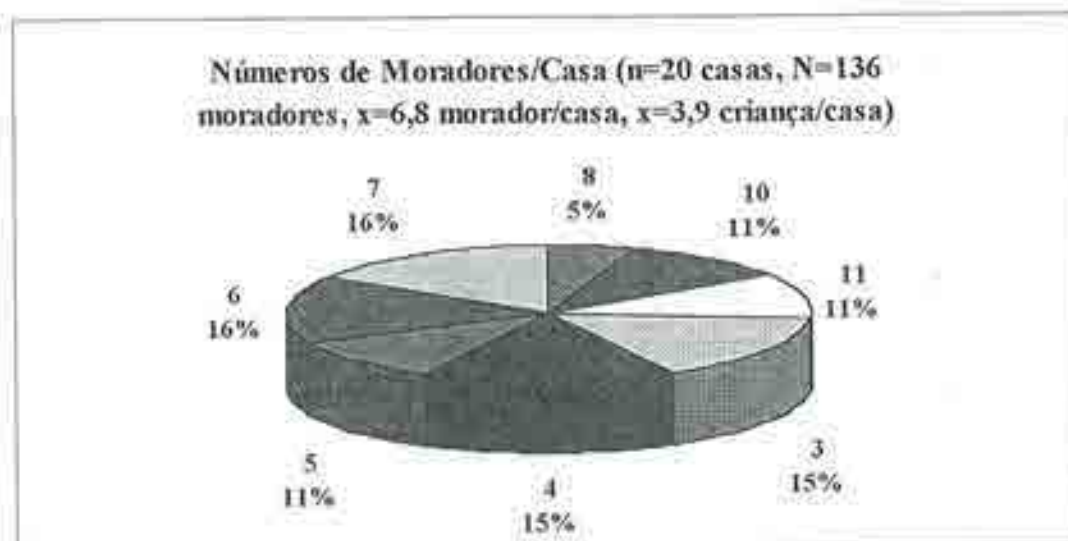


Gráfico 3: Relação moradores/moradia, Cocal, Piauí, 1993

As idades dos homens variaram de 18 a 92 anos, estando 44,8% dos homens na faixa até os 30 anos, 27,6% entre 30 e 40 anos. Havia dois senhores de mais de 60 anos casados com esposas bem mais jovens, pais de bebês de meses (Gráfico 4).

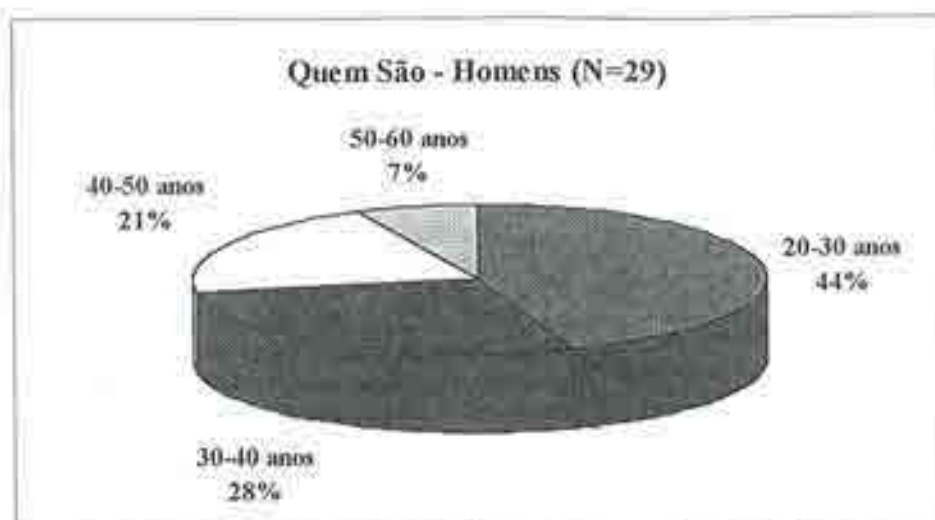


Gráfico 4: Frequências das idades dos homens, Cocal, Piauí, 1993

Havia duas mães de 17 anos, uma delas mãe solteira em um total de duas mães solteiras. 65% das mulheres tinha até 30 anos, havendo quatro entre 40 e 50, duas delas avó e mãe ao mesmo tempo, e uma senhora com 55 anos (Gráfico 5).

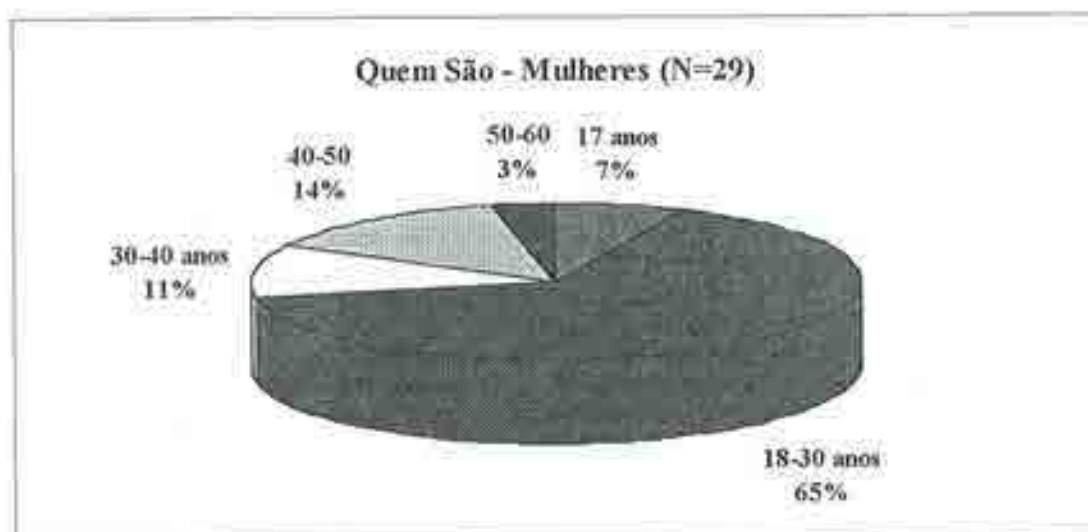


Gráfico 5: Frequências das idades das mulheres, Cocal, Piauí, 1993

Na idade até 3 anos, das 28 (35,9%) crianças, 13 eram meninos e 15 meninas, e dos 3 aos 16 anos, 31 meninos e 19 meninas. Havia 34 (48%) crianças na faixa entre 4 e 9 anos (Gráfico 6).

Havia 15 adultos (25%) analfabetos, todos eles com mais de 30 anos exceto três. Os demais, inclusive todas as crianças em idade escolar, frequentaram ou estavam frequentando a escola. A idade média escolar para o homem foi o quinto grau e para a mulher, o quarto.

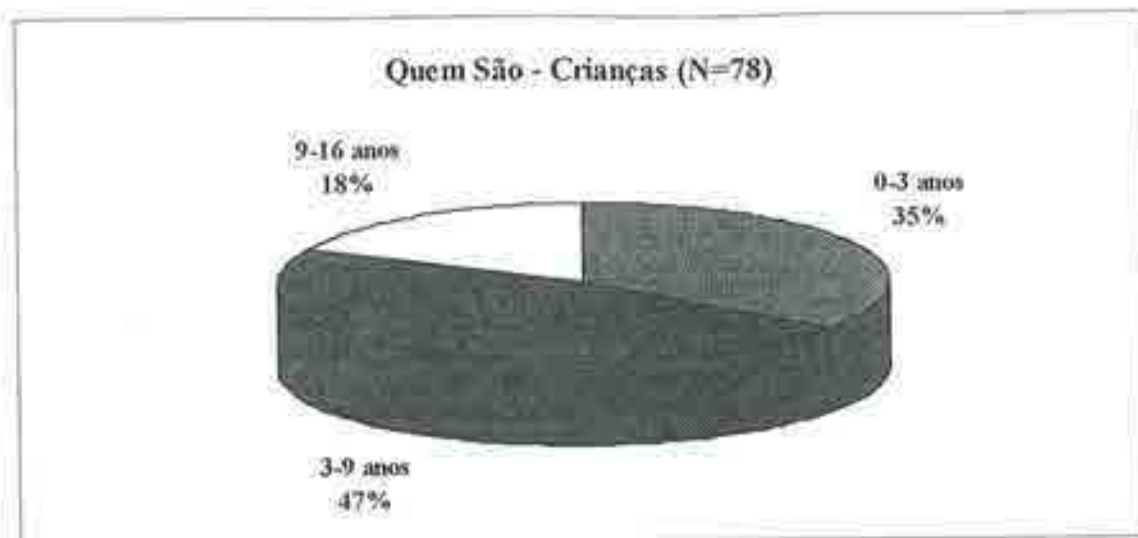


Gráfico 6: Frequências das idades das crianças, Cocal, Piauí, 1993

O grupo focado consistiu de: 7 crianças de dias a 4 meses; 8, de 5 a 12 meses; 8, com idade de mais de 1 ano até 2; e 5 crianças com idade até 3 anos (Gráfico 7).

Embora todas as crianças em idade escolar frequentassem a escola, três já haviam interrompido os estudos e apenas 6 (14%) estavam cursando séries equivalentes à sua faixa etária. Havia 6 crianças em creches.

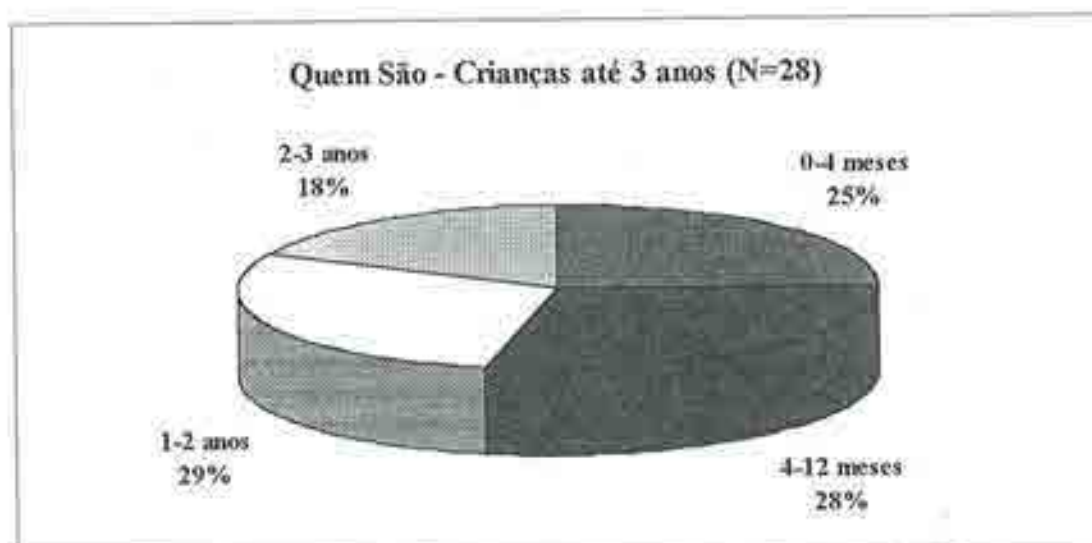


Gráfico 7: Frequências das idades das crianças até 3 anos, Cocal, Piauí, 1993

Os homens trabalhavam na roça, afora um açougueiro, um funcionário do Departamento Rodoviário, um funcionário do Posto Telefônico, um mecânico de trator e os trabalhadores de uma companhia de cana de açúcar da região. O que pudemos depreender do sistema de subsistência foi que, na ausência de trabalho regular, os homens realizavam atividades ocasionais. Por ocasião da pesquisa, havia vários trabalhando nas frentes de emergência.

Na roça, o homem trabalhava "por conta", arrendando a terra do proprietário a quem dava "90 kls por linha" do que produzia. O filho homem ajudava o pai a partir dos 10 anos na



20.
**DIVINÓPOLIS:
"FARINHADA"**
(FOTO: AMSA)



COTIDIANO

21.
**BANANAL:
JOGANDO
BOLA**
(FOTO: AMSA)



22.
**BANANAL:
A BILHEIRA
EM
AÇÃO**
(FOTO: AMSA)



23.
BANANAL:
INDO
COLETAR
COCO

COTIDIANO



24.
ZUNDÃO
DOS
BIMBA:
LAVANDO
ROUPA

MÚLTIPLOS USOS DA MESMA ÁGUA (FOTOS: AMSA)



25.
LAVANDO
LOUÇA



26.
FAZENDO
O
"GOMOSO"



27.
LAVANDO
A
MAMADEIRA

roça, assim como as mulheres na época da colheita. A roça pareceu, em geral, destinar-se ao consumo doméstico.

Poucas mulheres responderam trabalhar embora quase todas (12) trabalhassem colhendo, quebrando e retirando o azeite do coco. Pode ser que as sete mulheres que aparentemente só estavam cuidando da casa e filhos, ajudassem na roça e no coco. Uma mulher declarou costurar e outra ser professora na creche.

A menina começava a "ajudar no coco" com 4, 5 anos, em um tipo de treinamento para sua vida adulta. "Vão no mato com um cofo (cesta de palha de babaçu para carregar coco) pequenininho. O marido de nós é quem faz o cofo". O trabalho feminino, assim como o masculino, continuava até os 70 anos, "até dar". O menino também muito cedo ajudava o pai na roça, ou a cuidar do irmão. Com 4, 5 anos, a menina podia começar a cuidar da casa e do irmão.

A mulher que "não trabalhava", realizava as seguintes atividades diárias, não havendo diferença entre fim de semana e semana: limpava a casa, colhia o coco no babaçu e quebrava-o lá mesmo ou quebrava-o em casa, colhia arroz e feijão, fazia azeite do coco, cozinhava, lavava roupa, aguava as plantas, fazia farinhada e cuidava das crianças. Quando ia à coleta, saía às 7 horas da manhã e voltava às 5 da tarde, pois quebrava os cocos no mato para facilitar carregá-los de volta. Após estas atividades, preparava a refeição familiar.

Durante épocas difíceis em que o homem não encontrava trabalho, como a que estava ocorrendo por ocasião da pesquisa, a mulher podia garantir a "começão" trocando o coco coletado na quitanda pelo arroz e feijão com o qual fazia a refeição dos filhos. Chegava a colher e quebrar 10 a 19 quilos de coco por dia, "quando dá", isto é, em época que a coleta era fácil. Andava três ou quatro quilômetros até a mata, munida do cofo. Catava o coco do chão ou batia com o talo do babaçu na árvore fazendo com que o coco caísse.

Era muito difícil dizer quanto ganhavam: alguns ganhavam de um a um e meio salário mínimo, mas a maioria não recebia um salário mínimo. Recebiam de 20 a 100 dólares por mês; a mulher, quebrando coco, ganhava menos de 1 dólar por dia.

Todas as famílias compravam os mesmos víveres: feijão, açúcar, arroz, sal, café, sabão, fósforo, bom-bril. Se desse, alguma roupa e remédio. E carne, quando possível.

O dinheiro era administrado apenas pelo homem em 12 casas: ele escolhia, ele decidia, ele comprava. Segundo um deles, "não tem precisão de mulher sair de casa; fora de casa é lugar de homem". Contudo, em algumas casas, havia intercâmbio no sentido de a mulher dizer o que tinha de ser comprado. Apenas um casal declarou decidir em conjunto os gastos.

Comiam usualmente três refeições por dia: o café que consistia em apenas café, acrescido de beiju⁶ ou cuscuz⁷, se possível; o almoço ou a janta: arroz, feijão. Algumas vezes, verdura consistindo de cebolinha e pimentão, e carne de uma a três vezes por semana, quando possível.

Este cardápio foi monotonamente repetido de família em família até a última casa quando indagamos, após termos passado por incríveis árvores frutíferas - manga, goiaba, banana, laranja, limão, caju - se eram usadas como alimentos. Eram, mas assim como as mulheres diziam não trabalhar, as frutas não foram ditas participar do cardápio alimentar, a não ser da dieta de alguns bebês.

O alimento era preparado pela mãe ou pela filha mais velha. Era servido pela mãe que o colocava da panela nos pratos individuais, segundo as necessidades individuais de cada um. Cada membro da família tinha um prato e talheres (colher). Os adultos sentavam-se à mesa e

⁶ Bolo feito de farinha de tapioca ou de mandioca

⁷ Bolo de farinha de milho ou de arroz, cozido no vapor; pode ser também de tapioca com coco.

as crianças no chão. Enquanto a criança era pequena, a mãe a servia a partir de seu prato, com a criança sentada em seu colo. Quando a criança estava maior, passava a comer com as outras, no chão, sentando-se à mesa quando quisesse, geralmente em torno de 4 anos. Algumas vezes era feito um arranjo com um banco e uma cadeira, onde a criança comia.

Havia um horário de refeição no sentido de que todos comiam à mesma hora, exceto os homens se estivessem trabalhando.

Três homens bebiam demais, causando problemas às mulheres e filhos. Quatro homens bebiam às vezes, sem causar problemas.

Quase todos moradores nasceram no local ou cercanias; apenas três homens e uma mulher não nasceram no Piauí. E assim como estavam pretendiam continuar: dezesseis famílias não tinham planos de mudança, duas que pretendiam se mudar eram casais jovens que estavam morando na casa de seus pais: uma queria mudar por causa de fofoca e outra iria da casa da mãe da mãe para a casa do pai do pai, onde estavam construindo uma casa para eles. Um pai de família veio para o Sul e abandonou a mulher e cinco filhos, havia cerca de três anos.

Quatro famílias moravam de um a três anos na casa, e as demais há mais de sete anos (Gráfico 8). Isto ocorreu porque eram ou famílias extensas ou com parentes morando nas proximidades, ou seja, moravam no local devido a relações familiares o que os tornavam estáveis. Havia três aglomerados familiares, qual seja, uma gleba de terreno habitada por vários familiares; 6 eram famílias extensas, qual seja, mais do que uma família por casa, e os demais tinham parentes como vizinhos ou morando perto.

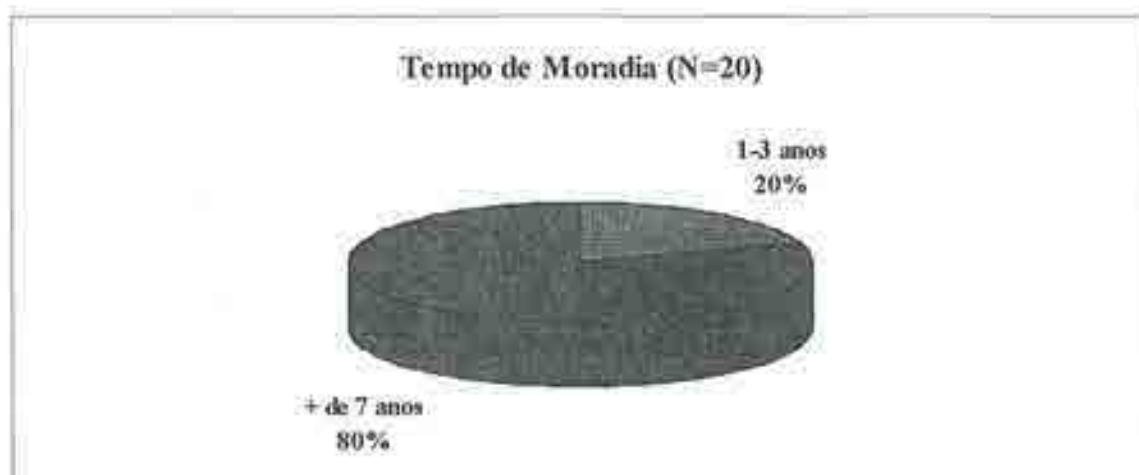


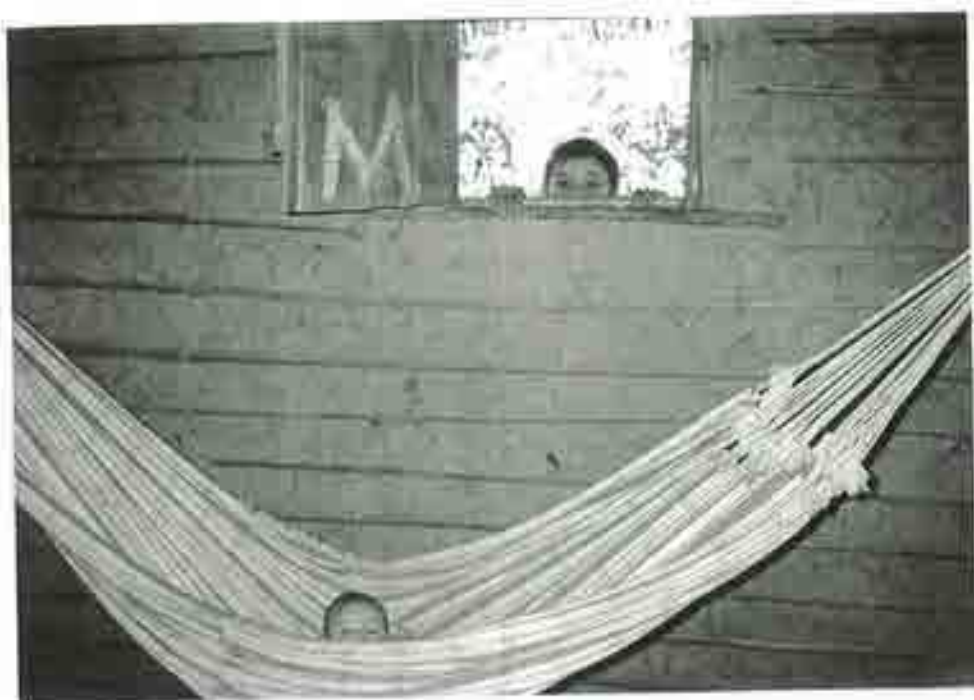
Gráfico 8: Tempo de moradia no local, Cocal, Piauí, 1993

Contudo, exceto as famílias extensas, o funcionamento familiar era de tipo nuclear - pai, mãe e filhos (Gráfico 9) - geralmente ampliada. A rede de relações familiares e de vizinhança pode potencialmente ser utilizada: observamos duas casas cujos moradores estavam tomando conta de crianças filhos de parentes e seis mães declararam deixar os filhos com as avós-vizinhas quando tinham de se ausentar. As demais (8) declararam não receber ajuda.

Havia, pois, uma rede familiar que perpassava as relações domésticas e que funcionava, embora nem sempre assumidamente, como apoio.

CASA 5: 28. COZINHA ; 29. BANHEIRO





30.
CASA 1:
DORMINDO
NA
REDE
(FOTO: AMSA)

31. CASA 7: AVÔ e NETAS



32. CASA 10: IRMÃ + VELHA e BEBÊ



33. CASA 12: BRINQUEDO: CASINHAS DE TIJOLOS FEITAS PELO PAI



34. CASA 8: MÃE (E AVÓ) E FILHA

35. CASA 9: AVÓ E NETA



FOTO -15
CASA 10:
MÃE
DANDO
O MINGAU
GOMOSO
NO CHÃO.
FAMÍLIA:
AVÓ;
IRMÃOS;
IRMÃ +
VELHA
COM
BEBÊ;
PRIMOS



37. CASA 6: MÃE + FILHOS

38. CASA 8: CURANDO O MAU-OLHADO





39.
CASA 17:
COZINHANDO
(FOTO: AMSA)



40. INTERAGINDO CRIANÇA-CRIANÇA
(FOTOS: AMSA)



BRINCANDO COM
PAPEL E BARBANTE



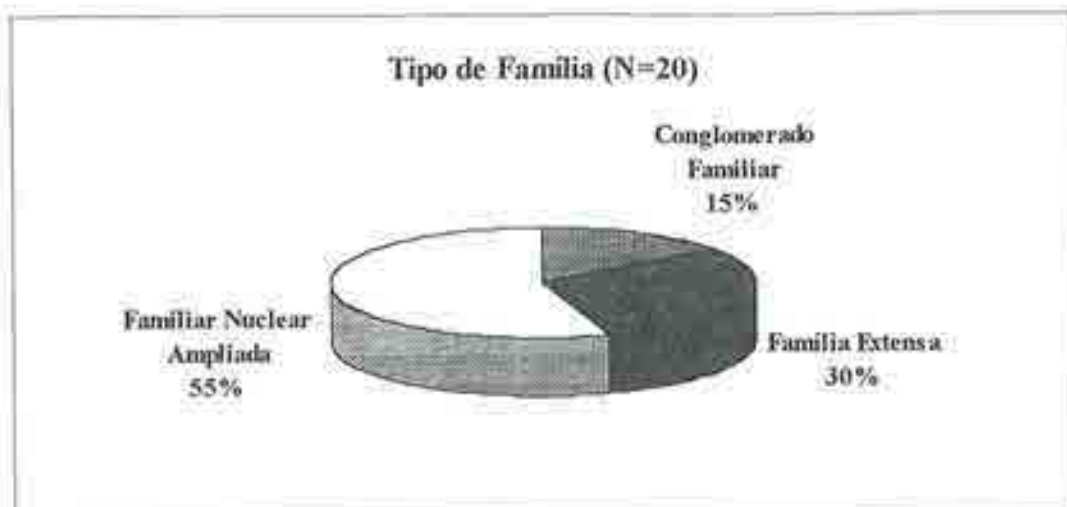


Gráfico 9: Tipo de Família, Cocal, Piauí, 1993

Doze famílias moravam em terrenos emprestados pelo proprietário, mas apenas duas em casas também do proprietário, pela qual nada pagavam. Uma família declarou ajudar o proprietário na colheita da uva, as demais disseram nada dar a ele. Destas casas cujo terreno era de outra pessoa, oito casas foram ditas pertencer ao pai, que a teria construído ou comprado; uma foi dita pertencer à mãe, e duas, ao casal. Nestas casas, o terreno era de um dono e a casa, de outro. Dois pais eram donos tanto da casa quanto do terreno. Outra foi dita fazer parte do terreno da família que viria do bisavô da criança. Um pai disse que a casa pertencia à esposa já que o terreno era do pai dela e, finalmente, uma mulher disse que o marido dizia que a casa era dele mas o terreno era do pai dela.

Segundo o censo demográfico (FIBGE), em 1980 havia 971 domicílios rurais em União, representando 72,0% do total de domicílios. Destes, 841 eram próprios e 126 (13%), cedidos. Portanto, a amostra estudada não correspondeu ao usual da região dado ter havido predomínio de terrenos cedidos (60%).

Dois mães que estavam morando na casa de sua mãe, quando perguntado quem morava na casa, não mencionaram o nome dos maridos, embora estes estivessem efetivamente lá morando. Além disso, embora ambos trabalhassem, gastavam o seu dinheiro exclusivamente consigo próprios, não contribuindo para as despesas da casa.

Estes relatos sugeriram relações de parentesco, linhagem e propriedade a ser melhor estudadas. Parece tratar-se de uma linhagem patrilinear e de residência predominantemente virilocal, onde a mulher era quem mudava de grupo, ficando sob a ascendência do grupo do marido. Além disto, parece não haver uma união das linhagens através da propriedade, o que pode ser observado pelo modo de ser administrado o dinheiro e pelo manejo da propriedade: cada um continuava com o que era seu de origem ou por produção.

2.2.2. O modo de morar

Das 20 casas visitadas, apenas uma, ainda inacabada - sem móveis, sem ornamentos, completamente descaracterizada - foi construída com tijolos. Nesta mesma casa, o morador-arquiteto-construtor construiu um banheiro anexo ao quarto de casal, ainda não em funcionamento devido à ausência de rede de água encanada. A cozinha estava separada de uma saleta por um balcão, e o teto feito com ripas de madeira e telhas. Além destes "modernismos", o casal dormia em uma cama de casal e havia a previsão de um berço para a

nenê. Este morador era um pedreiro de 60 anos casado com uma jovem de 24 anos da cidade de União. Ele próprio, embora nascido em União, passara muitos anos de sua vida na Bahia.

Nessa moradia, foi possível observar a transformação de um padrão tradicional de construção em um padrão "importado" pois na parte de trás desta casa estava a antiga moradia, utilizada, no momento, apenas como cozinha com seu tradicional forno de barro. No quarto inutilizado, estava um banjo.

A moradia atrás da nova casa seguia o estilo predominante em todas as demais casas: paredes de taipa constituída de talos de babaçu recobertos e preenchidos por uma mistura de barro e pequenas pedras, não rebocadas (12), rebocadas (7) ou caiadas (4), o telhado feito de palha de babaçu trançada (17); o chão de terra batida (20) embora algumas casas com chão cimentado (2), tijolo cozido (1) ou com azulejos (1).

A construção destas casas dava-se a partir dos materiais da região, principalmente do babaçu. Havia portas, janelas e mesmo paredes de esteiras de palha de babaçu e tetos de talo de babaçu com palha trançada de babaçu. As cercas eram feitas do pau do babaçu. A arquitetura, simples e despojada, parecia sábia e engenhosa na medida em que se adequava ao clima e aos materiais existentes. Janelas, poucas, pequenas, algumas ausentes nos cômodos, forneciam um ambiente de proteção à intensa luminosidade da região. As portas de entrada estiveram sempre abertas, indicando que, embora de modo bem demarcado, o dentro e o fora eram espaços facilmente intercambiáveis. O pé direito resultava alto devido à estrutura do teto aparente, sem forro. Este conjunto de soluções permitia que, mesmo sob temperaturas de mais de 40 graus, as casas estivessem relativamente frescas e agradáveis.

As casas davam diretamente para a rua. Não havia terraços nem espaços intermediários, a não ser em algumas casas (3), um pequeno cercado geralmente de areia e plantas. Treze das casas tinham um cercado lateral, de modo que a porta se abria diretamente para a rua. Estas cercas delimitavam o terreno das casas, geralmente grande, variando de 700 a 1500 m², mas não cercavam todo o terreno, a não ser quando havia criação perto de canal. A explicação foi que, no caso de a criação entrar no canal, o dono deste matava os bichos. As cercas, pois, não cumpriam uma função delimitatória no sentido de propriedade, dado que poucos eram proprietários dos terrenos onde moravam. Já os proprietários tinham cerca em seus terrenos. Havia 4 casas sem qualquer cerca.

É possível que as cercas estivessem relacionadas a relações de parentesco entre vizinhos ou a propriedade da terra. O que a presença da cerca determinava, contudo certamente, era que a entrada da casa ocorresse pela porta da frente.

Havia muitas árvores frondosas, embora o terreno fosse arenoso. Mamoeiros, bananeiras, goiabeiras, mangueiras, árvores de maracujá, de jenipapo, de caju, laranja, limão, também puderam ser vistos. Cinco casas tinham hortas suspensas, um modo de prevenir a ação de predadores.

Algumas casas tinham pequenos canteiros ou plantas próximas à casa, e aguar as plantas era uma das atividades das mulheres.

Todas as casas tinham um ou mais jirais: um suporte de talos de babaçu onde as louças e panelas eram lavadas e/ou colocadas para secar ao sol. Três casas tinham fornos de barro para fazer bolos.

Catorze casas tinham luz elétrica, total ou parcialmente, e seis se utilizavam de lamparinas. Duas casas retiravam a água do *chafariz*, um sistema de água público baseado em poço tubular, profundo, com água limpa embora não tratada. Oito casas tinham poços próprios, tipo *cacimbão*, ou seja, poço de tipo intermediário entre o poço tubular e a cacimba, tendo sempre água, porém que rareava no verão. Cinco famílias utilizavam-se de poços de casas vizinhas. Em todas as casas, a coleta da água era atribuição feminina, sendo parte de seu

trabalho diário. Embora de modo mais ou menos árduo, não havia falta de água nas regiões visitadas a não ser em Bananal. Lá a água vinha de *cacimbas*, poços feitos em terrenos "brejados", sem manilha, e que no inverno desapareciam porque a água do riacho o cobria. Nesta região, a coleta e uso da água geravam uma dificuldade muito grande devido à distância a percorrer e da qualidade da água, barrenta.

O lixo era jogado no mato (7), no *monturo* (amontoadado e queimado - 5), e no *barreiro* (buraco cavado que quando cheio era novamente tapado - 8).

Onze casas dispunham de um *banheiro*: localizado fora da casa, era um cercado de cerca de 4 m² feito de esteira de babaçu onde havia uma borracha de pneu que servia como bacia para água e, muitas vezes, uma pedra grande. O banheiro servia a três finalidades: banho, urinar, e para lavar roupa. Três casas tinham *sentina*: no exterior à casa, era um lugar de taipa e telhado de palha, sem porta, com um buraco na laje sobre uma fossa, utilizado para evacuação. A comunidade construiu *latrinas*, um cubículo de cimento com telha de eternit, com um buraco dando para algo equivalente a uma fossa. Porém, os beneficiados rejeitaram tal inovação, alegando fatores higiênicos, muriçocas e "muito exposto". No entanto, de modo geral, afora três casas, a evacuação era uma atividade realizada por adultos e crianças, no mato.

As casas não apresentavam problemas associados à segurança afora: estar localizada à beira da estrada - rua de terra (8), poços descobertos (4), animal bravo (2), riacho (1), cobras e lacraias (4). Todos estes motivos eram motivos para impedir a livre locomoção das crianças.

As casas mediam de 137 m² a 27 m², com uma média de 55 m². Havia uma clara ordenação da casa por funções: espaços muito definidos indicavam a sala, o quarto, a cozinha. Os cômodos tendiam a ter 3X4 m², a sala um pouco maior e a cozinha um pouco menor. A dimensão e disposição dos cômodos parecia se orientar por uma ordem ao mesmo tempo natural e racional, de modo a favorecer a funcionalidade. Não havia "cantos". Exceto os quartos, pareceu haver uma multi-funcionalidade dos cômodos, facilitada pela ausência de móveis. Não havia intermediações entre os cômodos, exceto em duas casas, maiores, onde havia um corredor de distribuição unindo a sala à cozinha, e abrindo-se para os quartos. Em geral, entrava-se na sala de onde saíam os quartos, separados desta por um cortinado colorido, enquanto no fundo, antes da porta de trás, estava a cozinha de pequenas dimensões.

Havia pouquíssimos móveis e objetos, apenas os de uso. Não havia armários nem arcas, algumas malas (11) serviam para guardar roupas assim como caixas de papelões e sacos plásticos. Possuíam poucas coisas, e o que possuíam estava, em grande parte, exposto, inclusive porque as poucas roupas de que dispunham estavam penduradas em varais nos quartos ao lado das redes. Em geral, tudo o que possuíam estava dependurado nas paredes de modo que todo o espaço servia para a circulação. As redes também podiam tanto estar dobradas como abertas, servindo, durante o dia, a quem quisesse delas se utilizar.

O móvel que todos dispunham era mesa com banquinhos, geralmente em menor número do que o de moradores. Todas as casas tinham fogões de barro, utilizado com carvão de babaçu feito também pela mulher. O carvão era feito cavando-se um buraco no chão, colocando-se dentro dele a casca do coco, tacando-se fogo e tampando-se o buraco. Havia três fogões a gás, ao lado do de barro, um desativado.

Todos dormiam em redes exceto oito casais que dispunham de cama de casal e três mães que dormiam em cama de solteiro. Dois bebês tinham berço. O motivo alegado para as

⁸ Esta exposição ocorria, acreditamos, porque a ida ao "matinho" é algo discreto e imperceptível, o que não ocorria com a ida à latrina. O acúmulo de fezes, por sua vez, atraía insetos, o que não ocorria no "matinho" onde, segundo uma informante, estas seriam comidas pelos animais.

camas de solteiro e para os berços foi problemas de coluna causados por dormir em rede. Contudo, assim como a casa de tijolos foi construída por um homem que morou fora do Estado, assim também os pais dos bebês com berço eram de outros Estados, sendo os únicos três pais vindos de outro local. Na comparação entre berços e redes, foi apontado como vantagem do berço a segurança de o nenê não cair do berço, o que pode ocorrer com a rede, e "porque estira à vontade e livra de problema de coluna", sendo a rede considerada mais arejada devido à sua trama e balanço. "Rede é bom para o calor por causa do balanço que o ar entra por baixo, é mais ventilado".

Pode-se verificar uma relação clara entre "riqueza" e quantidade de pertences. As famílias mais ricas dispunham de mais espaço e de mais móveis e objetos. Contudo, estas diferenças, embora resultando em maior conforto material, não chegaram a determinar diferenças claras, para o observador, no modo de vida. Em verdade, foram observados padrões muito semelhantes no modo de vida embora com diferenças na qualidade de vida resultantes, aparentemente, de recursos materiais que se expressavam por uma casa maior e melhor equipada.

As casas estavam todas arrumadas e asseadas (85%), afora três (15%). Este índice foi um pouco maior do que o que encontramos na zona urbana da cidade de São Paulo (80%) e dos *semcasa* (75%). Em dois casos, havia indícios de desorganização familiar e no outro caso a mãe achava-se estressada, confirmando estudos anteriores quanto a uma possível associação entre desorganização emocional e arrumação.

Finalizando esta descrição das moradias, gostaríamos de ressaltar dois aspectos: a organização clara, precisa e harmoniosa dos espaços internos acompanhada por uma organização menos precisa, menos clara, mais "solta" dos espaços externos porém igualmente harmoniosa, e a delimitação clara quer dos cômodos quer de sua serventia quer da disposição dos objetos neles contidos. A essa organização e ordenação espacial, pode-se observar cuidados na arrumação, limpeza e ordem. Era como se cada coisa tivesse seu lugar no espaço, e também no tempo, como iremos descrever a seguir. Citando Lina Bo BARDI¹⁰: "o homem do povo (...) quando constrói uma casa a constrói para suprir as exigências de sua vida, a harmonia de suas construções é a harmonia natural das coisas não contaminadas pela cultura falsa, pela soberba e pelo dinheiro".

Antonio CÂNDIDO, na introdução ao livro de FERRAZ¹¹ sobre a arquitetura rural da Serra da Mantiqueira, interior de Minas Gerais, comenta que o autor "elaborou a verdade de um mundo frágil e escondido, que talvez esteja vivendo a sua etapa final bem ao nosso lado e, apesar de tudo, conserva uma harmonia que leva o homem da cidade grande a pensar no quanto seria bom ter mais verde e mais cor, - não apenas verde e cor da paisagem, mas verde e cor das emoções, da solidariedade, da fantasia e do trabalho criador".

Iniciamos este item relatando como a descaracterizada casa da frente de tijolo e telha escondia a casa original de taipa, barro e babaçu. Dois fogões a gás, oito camas de casal, dois berços, um futuro banheiro anexo ao quarto da casal também estão presentes, além das TVs: estará este mundo "frágil e escondido" vivendo a sua etapa final?

⁹ RABINOVICH, E.P. *Modo de vida e relação mãe-criança: o mamar e o andar, o modo de morar e o modo de dormir*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

¹⁰ FERRAZ, M.C. *Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira*. São Paulo, Quadrante, 1991. p.7.

¹¹ Idem, *ibidem*, p.9.

42.

JUST LEAVE ME ALONE DEIXE-ME EM PAZ
GOOD LUCK BOA SORTE
+ PAREDE "MARMORIZADA"



Estudo 3

O Estudo dos *semcasa* : um estudo sincrônico

O estudo sobre os *semcasa*, incluído como terceiro componente da etapa de campo, iniciou-se em 1989, emergindo como um desdobramento do estudo das moradias populares em Vila Madalena. Nelas, alguns moradores "concebiam" suas casas "criando" divisórias enquanto, nas ruas de São Paulo, "moradores" construíam simulacros de "moradias", sob os viadutos, igualmente através de divisórias, porém sem o constrangimento de paredes convencionais.

O estudo dos *semcasa* teve vários momentos.

Um primeiro momento desenvolveu-se como uma fase de conhecimento do campo. Algumas entrevistas foram realizadas, assim como algumas fotos e video-filmagens. A partir desta fase, identificamos quatro modos de morar na rua que foram objeto, na fase subsequente, de um estudo sistemático.

Este primeiro estudo sistemático foi realizado em 1990. Com o mesmo instrumento da pesquisa realizada em Vila Madalena - o Roteiro para Observação de Ambiente Doméstico, iniciamos um trabalho de campo¹, objetivando descrever os quatro tipos identificados de modo de morar na rua.

Estes quatro tipos foram: selvagem, nômade, caverna e assentado, denominações que procuravam corresponder a aspectos físicos e vivenciais destes "moradores". *Selvagem* foi a auto-denominação de um deles para as pessoas que não construíam "casas" e dormiam na "sarjeta". *Troglodita* eram os que habitavam dentro das estruturas das pontes e viadutos. *Nômade* eram pessoas que procuravam se abrigar construindo algum tipo de habitação sob o viaduto ou nas calçadas, mudando continuamente de abrigo. *Assentado* construíam "casas", sendo definidos praticamente pela possibilidade de fechar uma porta, ou seja, de "guardar" os "bens". Construíam tais casas sob os viadutos, sendo sem teto duplamente: não tinham casa e suas casas não tinham teto². Diferiam dos favelados por ocuparem espaços urbanos onde não poderiam permanecer, sendo que sabiam disto³. Diferiam do tipo *nômade* por estarem assentados, isto é, fixos, embora provisoriamente.

O estudo da casa dos *semcasa* está sendo denominado de um estudo sincrônico face à variação nos tipos de moradias, coexistindo em um tempo, em oposição ao estudo anterior, onde não houve variação no tipo da casa, e sim, nos tempos.

¹ Esta etapa foi desenvolvida com o auxílio de alunos do curso da disciplina Experimental II, profs. Drs. Enma OTTA e César ADES, do Instituto de Psicologia /USP, em 1990. Foram eles: Alessandra ISLA, Juliana Gomes da MOTTA, Lilian de Lima CABRERA, Patricia Barros MARTINS, Rosana ERISCHNER e Saide RAJABO que fotografou. Este grupo de alunos discutiu os resultados e ajudou a organizar o material para exposição em congresso.

Os resultados desta primeira fase estão publicados em: RABINOVICH, E.P. A casa dos *semcasa*. *Psicologia, Ciência, Profissão*, v.12, n.3/4, p.16-25, 1992; RABINOVICH, E.P. La demeure des sans logis. *Cahiers Santé*, v.3, n.5, p.375-81, 1993. Foram apresentados em congresso: RABINOVICH, E.P. et al. A casa dos *semcasa*. In: REUNIÃO ANUAL SBPC, 44., São Paulo, 1992. *Anais*. São Paulo, SBPC, 1992. p.890.

² Claudio ELISABETSKY fotografou algumas das "casas".

³ Esta diferenciação entre assentados e favelados foi dada por Suzana Pasternak TASCHNER, comunicação pessoal, 1993.

Neste estudo, a moradia pode ser vista como consistindo basicamente e/ou inicialmente do "quarto", o abrigo onde o humano pode se abandonar e sonhar. Em seguida, em ordem de importância, viria a cozinha, após, a sala e, finalmente, o banheiro. Contudo, o acesso à água era um fator fundante da moradia, assim como, no caso do *semcasa*, a segurança pois dadas as condições de extrema insegurança deste modo de morar, o *semcasa* estabelecia-se em lugares onde, de certo modo, podia permanecer: onde não era expulso e onde sobrevivia. Estes lugares eram os lugares "vazios" da cidade, onde a cidade não era habitada: nos muros do cemitério, sob os viadutos, na zona central abandonada à noite, etc.; e em lugares onde tinham algum tipo de proteção, pela polícia ou outras pessoas, inclusive ou principalmente, através de redes de proteção mútua.

Este estudo apontou para aspectos estéticos presentes nesta condição liminar de moradia, o que procuramos desenvolver através de dois conceitos: o sentido da ordem e o sentido do poético⁴.

O sentido da ordem⁵ era a organização do espaço que podia ser vista na ordenação e na arrumação. O sentido poético surgiu como uma marca identificatória associada ao sonhar e ao se inspirar⁶. Ambos são modos de apropriação do espaço⁷ e serão descritos a seguir.

Uma segunda fase de observação sistemática no campo⁸ foi realizada enfocando, desta vez, a vida das crianças de um agrupamento de assentados. Esta pesquisa, realizada segundo delineamento semelhante ao dos estudos em Vila Madalena e no Piauí, aplicado a 20 casas sob o Viaduto do Tatuapé, e seus moradores, foi acompanhada de um registro gráfico, de fotos e vídeo-filmagem.

⁴ RABINOVICH, E.P., FRAYZE-PEREIRA, J.A. A arte decorativa dos *semcasa*: ordenação e lirismo. In: CONGRESSO INTERNO DE PSICOLOGIA/USP, 2., São Paulo, 1993. *Anais*. São Paulo, Instituto de Psicologia/USP, 1993. p.B.10.

⁵ Para Kimberly DOVEY (Home and homelessness. In: ALTMAN, I.; WERNER, C. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. v.8: Human behavior and environment), ordem/caos fazem parte da dinâmica essencial da casa. Ordem, neste sentido, é tanto vida, oposto à entropia, quanto é o seu oposto, o tótem, onde só reina a ordem. Segundo ele, "a ordem é um mundo de conforto mas sem experiências vivas" (p.46). Contudo, a casa é ordem: espacial, temporal, sócio-cultural.

⁶ Para Martin HEIDEGGER, encontramos-nos diante de uma dupla exigência e de um duplo movimento: pensar a existência partindo do habitar e da habitação, pensar o ser da Poesia como um "construir", como um "fazer habitar" (apud LEFEBVRE, H. Préface. In: RAYMOND, H. et al. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, Centre de Recherche d'Urbanisme, 1966. p.4).

⁷ Apropriação está sendo utilizado no seu sentido etimológico: tornar próprio. Opõe-se, em certo sentido, à propriedade.

⁸ Esta segunda fase de campo sistemática também foi empreendida dentro da Disciplina Experimental II do Instituto de Psicologia/USP, em 1992, ministrada pelos profs. Drs. Emma OTTA e César ADES. Participaram os alunos: Aparecida Norma MARTINS, Ana Lúcia Gondim BASTOS, Andrea Zeppini M. SILVA, Cristina Fomi SUGANO, Heloisa HANADA, Juliana Telles de AZEVEDO, Luciana DADICO, Luciana SAUL, Luiz Fernando Belmonte ENA, Maria de Fátima Neves da SILVA, Roberta Agusso CELESTE e Vanessa BOMBARDI. Houve uma continuação da pesquisa de campo devido à iniciativa de participação voluntária de Aparecida Norma MARTINS, Maria de Fátima Neves da SILVA e Vanessa BOMBARDI. Estas pesquisadoras registraram cursivamente, graficamente, observaram as crianças, fotografaram, discutiram os resultados, prepararam o material para apresentação em congresso. Os resultados deste trabalho estão publicados em: RABINOVICH, E.P. O modo de vida de crianças *semcasa* "sedentárias": suas casas, suas famílias, suas vidas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.4, n.1, p.71-9, 1994. Foram apresentados em: RABINOVICH, E.P. et al. Casas, famílias e crianças dos *semcasa*. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 23., Ribeirão Preto, 1993. *Resumos de Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993. p.243.

Uma terceira fase seguiu-se, não sistemática, objetivando principalmente registro fotográfico e video-filmagem⁹.

Uma quarta fase iniciou-se com a percepção de que, após 4 anos, havia mudado a configuração dos *semcasa*; parecia haver uma população na rua, não apenas muito maior, mas de outro tipo. Centramos nas "carrocinhas", cuja "decoração" já nos impressionara, assim como pelo fato de que jovens fortes e bem apessoados pareciam ter adotado este modo de vida. Foram realizadas fotos e entrevistas com esta população de nômades.

O estudo dos *semcasa* apontou para outra temática do tempo, denominada por nós *tempo vivido*, ou seja, como o passado pode ou não se projetar para o futuro através do "estar fora" - *ex-istere* - no presente.

Devido às moradias estudadas, a condição material foi gritante: nos *semcasa*, sucatas: papelão, compensado, no Piauí, argila e babaçu; em Vila Madalena, as paredes sem portas e divisórias que não dividiam realmente, só indicavam as divisões.

Outra questão fundamental referiu-se à ausência de intermediações: corredores¹⁰, entradas, terraços, janelas, jardins, etc. As intermediações pareceram ligadas a um sistema de articulação entre as partes que se associaria a uma noção de corpo, ou seja, as segmentações propiciadas pelas intermediações pareceram associadas a um corpo simbólico segmentado e, nesta medida, maquinizado, controlado internamente. O tipo de estrutura da casa poderia estar relacionado a sistemas lógicos e não apenas de significação¹¹; ou seja, modos de ordenar, de classificar, de estabelecer relações todo/parte fariam parte da organização da moradia e do corpo, sendo o modo como a pessoa estruturaria sua relação com o ambiente.

O estudo dos *semcasa*, através destas considerações sobre o corpo, estabeleceu um outro eixo de análise: corpo-coisa, ou seja, quando a externalização se dá no espaço, como na decoração através de objetos, ou no corpo, como na decoração por tatuagens. Os nômades de carrocinhas passaram a ser vistos como corpos móveis, como extensões corpóreas móveis, publicamente anunciando sua identidade através de marcas identificatórias inscritas nas suas carrocinhas.

Esta dimensão corpo-espaço foi acrescentada aos tempos geográfico, social e psicológico, ligada à subjetivação no corpo ou no objeto. O modo de morar na rua parece-nos depender da temporalidade e da dimensão corpo-espaço, em que o modo nômade de morar resultaria em um investimento no corpo e nas relações, e o modo assentado, em um investimento no espaço e nas coisas.

Apresentaremos a seguir o estudo descritivo "A casa dos *semcasa*" nos moldes dos dois anteriores, embora com características peculiares, dado haver inicialmente a descrição do campo.

Parte-se de uma Apresentação inicial, cujo objetivo é situar este modo de morar e seus sujeitos. Após esta Apresentação, serão descritos os resultados da primeira pesquisa.

⁹ Estes registros foram realizados conjuntamente com Renato CYMBALISTA que havia fotografado as intervenções dos *squatters* em Berlim nas moradias por eles ocupadas. Em consequência desta fase, ocorreu a apresentação em congresso: RABINOVICH, E.P. Arte e Cidade: A casa dos *semcasa*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 5., São Paulo, 1994.

¹⁰ Para Kunihiko NARUMI (Inheritability and attachment: the detached house in Japan. In: ARIAS, E., ed. *The Meaning and Use of Housing*. Aldershot, Avebury, 1993), a casa japonesa que não tem "corredor" não é verdadeiramente uma casa, e o que caracteriza um "corredor" é o fato dele não servir para nada. O "corredor" também caracteriza as casas de Costa Rica, segundo Donna LUCKEY (The meaning of the "corredor" in Costa Rica. In: ARIAS, E., ed., op.cit.), através de transformações da casa vernacular à casa popular, em que o conceito original de casa é mantido apesar da transformação.

¹¹ HEGENBERG, L.; RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z.; TASSARA, E.T.O.; BATRO, A. Distinção entre sujeito epistêmico e sujeito psicológico em Psicologia Social: o paradoxo indivíduo-sociedade. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 22., Buenos Aires, Argentina, 1989. *Abstracts*. Buenos Aires, Sociedade Interamericana de Psicologia, 1989. p.334.

denominado Estudo dos *semcasa* 1, realizada em 1990 e acrescida de outras informações obtidas nos anos subseqüentes. Em seguida, serão apresentados alguns dados da pesquisa realizada sobre casas e moradores do Viaduto do Tatuapé, denominado Estudo dos *semcasa* 2. Estes textos serão ilustrados por fotografias e pelo vídeo-documentário, *A casa dos semcasa*, que segue em anexo.

3.1. Apresentação ¹²

A área metropolitana da Grande São Paulo tinha, em 1993, pouco mais de 15 milhões de habitantes e São Paulo, cerca de 9,8 milhões. Em 1992, as estimativas da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo indicavam para a capital 1805 favelas, com 192 mil domicílios, onde residiam mais de 1 milhão de pessoas, cerca de 10,7% da população municipal. Em 1993 (Fipe, Folha de S. Paulo, 06 de outubro de 1994, 3-8), 19,4% (1,9 milhão, 378 mil domicílios) dos habitantes moravam em favelas e 6% (595 mil, 23.688 imóveis) em cortiços. Estes dados indicam uma "favelização" da população e um adensamento das favelas e, possivelmente, um aumento da população morando na rua.

No Brasil não existem estudos conclusivos sobre o número de pessoas que moram nas ruas. Se tomarmos a definição de "homeless" da "ONU"¹³, certamente o número seria bastante elevado, já que incluiria habitantes de favelas, cortiços e outros tipos de habitação precária.

Foram feitas no Município três investigações para a caracterização da população de rua. Uma delas¹⁴ foi realizada percorrendo ruas na área central da cidade, durante o inverno de 1991, e a outra¹⁵, foi realizada junto ao plantão de duas Regionais da Administração, também em 1991. Uma terceira investigação foi feita pela Secretaria Municipal da Família e Bem-Estar Social, na noite de 23 de agosto de 1994¹⁶.

Em 1992, foram localizados 329 pontos de pernoite com 3392 pessoas. A expectativa era bem maior, sendo que os jornais falaram em 100.000 moradores de rua, mas é necessário ressaltar que não foi investigada toda a cidade. Em 1994, foram localizados 4549 sem teto e 473 pontos de pernoites.

Uma outra investigação, em outubro de 1993, visou contar as crianças e adolescentes de rua e na rua¹⁷. Um total de 4529 menores viviam pelas ruas da cidade durante o dia. À noite, eram 895, sendo que ¼ dormiam ao relento. Foram classificados como em situação de rua toda criança e adolescente trabalhando, mendigando ou perambulando pelas ruas. 81% eram meninos.

¹² Esta Introdução é um resumo do artigo "Homeless from São Paulo: space arrangements", de Suzana Pasternak TASCHNER e Elaine Pedreira RABINOVICH, sendo os dados demográficos aqui apresentados um resumo modificado da parte inicial daquele trabalho, redigido por Suzana Pasternak TASCHNER. Foi apresentado em congresso: TASCHNER, S.P.; RABINOVICH, E.P. The homeless in São Paulo: spatial arrangements. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 13., Bielefeld, Germany, 1994. *Sociological Abstracts*. Bielefeld, International Sociological Association, 1994. p.300. Como os mesmos autores e título foi incluído em: HUTH, M.J., ed. *International critical perspectives on homelessness*. Greenwood, in press.

¹³ O conceito de "homeless" abrange aquelas pessoas que não possuem domicílio estável ou que moram em habitações precárias que não atendem aos padrões mínimos de habitabilidade.

¹⁴ VIEIRA, M.A. et al., org. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo, Hucitec, 1992.

¹⁵ VIEIRA, M.A.; RANGEL, M.G. *Caracterização da população sem residência fixa usuária do plantão da SURBES Sé-Lapa*. São Paulo, 1992. (Relatório parcial da pesquisa) [mimeografado]

¹⁶ *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 de set. 1994. p.3-5.

¹⁷ *Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 de out. 1993. p C-1.

TIPO NÔMADE

43. NA MARGINAL, (foto:RC)
 44. SOB A PONTE: sala, quarto, cozinha
 45. SOB A PONTE: o ornamental (foto:CE)



TIPO ASSENTADO



46.
A PORTA
TRANCADA



47.
CONFORTO,
CULTURA
(foto: SR)



48.
O
ORNAMENTAL

TIPO NEO-NÔMADE: CARROCINHA

49. DONA MARIA, EXPULSA DE SUA CAVERNA, EM SUA NOVA MORADIA (foto: RC)



50. NA AVENIDA PAULISTA: MODO TOTAL DE VIDA



**51. O NÔMADE E A CIDADE DE SÃO PAULO:
SÃO PAULO PARA TODOS
O CAMINHO
OS ARCOS DE TOMIE OHTAKE
OS GRAFITES**



TIPO SELVAGEM

52: DORMINDO NA RUA, PROTEGENDO A CABEÇA



53. DORMINDO EM UMA VARANDA DE UMA CASA-ESCRITÓRIO



O nosso interesse foi descrever as "casas" de modo que não tínhamos preocupação ou amostral ou visando uma intervenção. Propusémo-nos apenas descrever como era a "casa debaixo da ponte". Percorremos os viadutos da área central da cidade, de início, e das marginais, posteriormente, à procura destas "casas".

Como consequência destas observações, os moradores *semcasa* de São Paulo puderam ser categorizados em cinco tipos: nômades, assentados, caverna, selvagens e neo-nômades.

A população estudada pela Municipalidade foi principalmente "selvagens urbanos", pessoas que não constroem "casas" e que freqüentam os abrigos e o centro da cidade. Estes moradores concentram-se no centro devido à oportunidade de garantia de pequenos trabalhos e à obtenção de alimentação gratuita, distribuída por organizações filantrópicas, bares e restaurantes. Além disto, a deterioração do centro histórico tornou-se atrativa para segmentos mais pobres da população, devido à possibilidade de abrigo em imóveis abandonados, marquises e viadutos. A grande circulação de pessoas durante o dia facilita a prática de mendicância.

A nosso ver, todos os tipos de *semcasa* habitam espaços inabitados da cidade. Seja o centro abandonado durante a noite, seja muros de cemitérios, seja praças, vias de trânsito pesado. O local tem de ser "desabitado", sem "dono", para que ele possa lá se instalar. Devido a isto são populações "liminares": porque habitam os limites, as franjas, os não-espacos. Esta geração do não-espaco se dá devido às ruas terem se tornado o lugar da "passagem", ligando as "casas". As ruas da cidade passam a ser "terra de ninguém" aí se instalam os *semcasa*.

Em segundo lugar, eles procuram lugares "seguros": no caso, visíveis, porém de difícil acesso. A localização tem de garantir tanto uma invisibilidade a fim de que ninguém os faça sair do lugar quanto uma certa visibilidade que os proteja de ataques à surdina.

Durante o primeiro semestre de 1995, pudemos observar um "acampamento" de *semcasa* sob o viaduto Dr. Arnaldo, na confluência entre as Avenidas Rebouças e Consolação. Nesta confluência, entre as duas pistas onde os carros percorrem em alta velocidade e em direções opostas, forma-se uma "ilha" ladeada pela coluna do viaduto, possibilitando uma proteção para "as costas". A "ilha" tem uma parte sob o viaduto, e uma parte "ao ar livre". Trata-se de um local de enorme visibilidade, tratando-se de um dos cruzamentos principais da cidade, mas de acesso muito difícil e sem nenhum transeunte no local devido a isto.

Um grupo de "nômades" instalou-se nesta "ilha": um casal e mais outras 2 ou 3 pessoas. Começaram por um "quarto", acrescido de uma sala, um cachorro, uma estante que desapareceu após algum tempo, outro quarto, um varal com roupas, em transformações diárias. Uma senhora com duas ou três crianças, conhecida de outra "moradia", juntou-se ao grupo, pedindo esmola em um farol próximo, carregando as crianças.

Passados cerca de três meses, foram obrigados a se mudar, sendo substituídos, logo após, por um outro grupo, de homens, que pouco "construíram". Após a sua mudança, um grupo de crianças instalou-se por pouco tempo, construindo um *mocó*.

Mocó é, segundo crianças de rua¹⁸, "onde me escondo e escondo meus produtos roubados, onde entro escondido e saio escondido para a policia não me ver", enquanto moradia é "onde entro e saio de dia, qualquer hora, recebo as pessoas, dou endereço para o outro". O mocó é "um lugar qualquer, sempre é muito bagunçado, ninguém respeita, entra quem quer". "Para fazer do mocó uma moradia tinha de limpar, organizar, não é preciso viver na sujeira". A casa é "onde posso guardar as coisas, receber visitas, dormir, enfim, onde posso viver". "Moradia é a mesma coisa que casa só que a gente hoje sempre mora em local de entidade ou de outra pessoa. Nada é para sempre".

A descrição do espaco da ilha ocupado pelos diferentes grupos visa configurar as diferenças entre os "nômades" e outras tribos. Segundo nossas observações, os "nômades" são

¹⁸ Estas definições foram transcritas de um livro de atas de reuniões do Centro Comunitario do Piqueri, em 1991, relatando uma discussão com meninos de rua sobre o significado de mocó, casa e moradia.

"trabalhadores", apenas cerca de 15% vivem de mendicância, como a senhora acima descrita. Para Cleisa MAFFEI¹⁹, pesquisadora que realizou uma investigação para a Prefeitura em 1991, os *semcasa* preferem ganhar dinheiro catando lixo reciclável ou trabalhando para vendedores ambulantes. Segundo aquela pesquisa, os habituais pedintes de esmola são as crianças, muitas vezes junto com a mãe. Além disto, os nômades vivem a rua, trabalham a partir da rua, estão na rua como em casa. Esta tendência configura-se totalmente nos neo-nômades, habitantes de carrocinhas que fazem dela um modo total de vida, de vida assumida. Nos neo-nômades confirmamos uma tendência, que já havia aparecido nos nômades, a uma opção por um estilo de vida nômade, em que a cidade é o seu território.

Os nômades instalam-se próximos a pontos de trabalho, basicamente, para a coleta e venda de lixo, mas também em ocupações como carregador, guardador de carro etc. Uma vez instalados, procuram aprimorar a sua instalação, construindo "a casa".

Segundo os dados da Prefeitura em 1991, o terceiro logradouro mais utilizado pelos *semcasa* era sob o viaduto. Preferencialmente, vinham ruas e avenidas (60% dos logradouros, 49% dos moradores de rua), sobretudo marquises de prédios comerciais, e praças e largos (15% dos pontos de pernoite, 25% do total dos sem teto), sob árvores e sobre bancos de jardins. Sob os viadutos estavam 12% dos logradouros, abrigando 381 pessoas, 11% do total dos *semcasa*. Em 1994, apenas 9,3% dos pontos de pernoite eram sob os viadutos, 60,5% estavam em ruas e avenidas e 21% em praças e largos, em um total de 4.549 sem teto. Portanto, tanto como logradouro quanto por moradores, pode-se considerar uma variação entre 9 a 12% da população de rua morando sob viadutos.

Os grupos variavam de 2 a 5 pessoas (42,1%), uma pessoa (32,3%), mais de 10 (14,6%) e de 6 a 9 (11%).

Segundo a Prefeitura, o abrigo sob o viaduto tanto pode ser a própria cobertura do viaduto, como um buraco escavado nas laterais das pontes. Corresponderiam aos tipos nômade ou assentado, e de caverna.

Esses moradores (caverna) "possuem" alguns móveis, utensílios, e os dispõem delimitando territórios com caixotes de papelão ou madeira compensada. As paredes do viaduto conferem às "cavernas" uma maior durabilidade e permanência. Decorrentemente, há maior estabilidade do ponto por pernoite, com relação aos moradores sob os viadutos e de praças, que se mudam mais frequentemente.

Os moradores quando constroem barracos fechados em baixo dos viadutos entram nas estatísticas como favelados. Em 1987, existiam oito favelas deste tipo, "mas estas são ocupadas por pessoas que se abrigam transitoriamente, diferindo dos que se caracterizam como favelados"²⁰. A diferença primordial entre os moradores de barracos sob os viadutos e a população favelada é que os moradores sob viadutos sabem que sua remoção pode tardar, mas é certa. Não entram em planos de urbanização de favelas, ao contrário da grande maioria dos invasores de terras públicas e mesmo privadas no Município. Não possuem, como os demais favelados, programas destinados ao abastecimento de água e provimento de energia elétrica.

Segundo nossas observações, há dois tipos de assentados: os que moram isoladamente ou quase, e o agrupamento. Acreditamos que apenas o agrupamento de assentados é considerado como favelado pois o outro está muito próximo ao nômade embora sua permanência no local permite que ele construa uma "verdadeira" casa: contudo, em nenhum caso observamos teto, afóra uma casa, sob o Minhocão, no centro da cidade, que tinha um teto de madeira compensada.

Por outro lado, nenhum dos assentados estudados permaneceu habitando o mesmo lugar: um grupo que morava há oito anos sob o viaduto da Rua Henrique Schaumann foi

¹⁹ *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 de jul. 1994, p.4-7.

²⁰ VERAS, M.P.B.; TASCHNER, S.P. Evolução e mudança das favelas paulistanas. *Espaço e Debates*, v.10, n.31,1990, p.56.

desalojado logo após a entrevista. O grupo de assentados estudado sob o viaduto do Tatuapé, alguns dos quais também há oito anos no local, sofreu a ação de um incêndio em setembro de 1995 que não apenas destruiu os barracos como fez com que o viaduto fosse interditado por motivos de segurança, dado sua estrutura ter sido abalada pelo fogo. Deste modo, embora assemelhando-se a favelas, habitam espaços onde não podem habitar, como o demonstrou o incêndio²¹.

A semelhança com favelados, por sua vez, revela-se também no perfil do morador pois no estudo da Prefeitura em 1991, 44% das famílias encontravam-se sob viadutos, diferentemente dos grupos masculinos, que procuravam mobilidade. Segundo Taschner²², a maior diferença entre o grupo de favelados e o de assentados é o tempo de permanência na cidade: os moradores "debaixo da ponte" são migrantes recentes, devido ao empobrecimento dos anos 80 e 90 que levou a população a procurar novos locais de moradia popular: sob pontes, ao longo de vias expressas e nas ruas e praças.

A maior parte das pessoas que viviam nas ruas, em 1991, eram homens (92%), branco (50%) e com idade entre 25 e 45 anos (64%); 46% nasceram na região Sudeste, enquanto os nordestinos são 42% da população. 73% cursaram o primeiro grau, sem completá-lo, e apenas 13% são analfabetos. 87% já trabalharam com registro profissional no setor de serviços (35%) e industrial (30%) sendo a indústria da construção civil predominante (26%).

Segundo nossas observações, este era o perfil médio do morador, porém, focalizando-se em "casas", como nós o fizemos, houve uma maior presença de famílias e de mulheres, de um modo geral, namoradas, amigas, companheiras. Além disto, entrevistamos um grupo de mulheres: moravam no subúrbio e trabalhavam durante a semana nas transversais da Avenida Paulista "tomando conta" de uma série de crianças que vendiam balas nos semáforos. Nas carrocinhas, também, encontramos três casais e uma família vivendo deste modo.

Dos 2800 moradores de rua em 1994, 43% eram homens, 5% mulheres, 6% crianças e 46% sem informação, sugerindo, deste modo, uma maior presença de mulheres e crianças nas ruas do que nos albergues. Esta pesquisa, contudo, desconsiderou como morador de rua as pessoas com vínculos familiares e que moravam em construções como barracos rudimentares sob viadutos, o que nos leva a supor que desconsiderou o que denominamos "assentados" e provavelmente, alguns nômades. Nesta pesquisa, dos 2800 sem teto achados nas ruas, 2.006 foram efetivamente contados. Os outros 794 foram computados em uma contagem aproximada por estarem em áreas fechadas, como cabanas de papelão. Portanto, segundo este censo, haveria 794 (cerca de 30%), no mínimo, de nômades, pela nossa definição.

Segundo nossas observações, os homens viviam sós ou em grupos, em lugares não fixos, mas tratava-se de um grupo muito heterogêneo de pessoas: doentes mentais, doentes físicos, pessoas que perderam os vínculos familiares, alcoólatras, assim como proprietários de terrenos/casas na periferia, homens que brigaram com a esposa, trabalhadores que optavam por ficar temporariamente ou mais permanentemente na rua, como leão de chácara de bares noturnos, jovens que se desentenderam com suas famílias; travestis, homossexuais, e, atualmente, aparentemente, passadores de drogas. Segundo a Prefeitura, em 1991, 20% já esteve internado em alguma instituição, principalmente Hospitais Psiquiátricos, FEBEM e Orfanatos.

Segundo entrevistados, alguns preferiam permanecer sós mas a maioria preferia ou precisava de um grupo tanto que lhe desse proteção física quanto pertencimento e

²¹ Um grupo de moradores que mora ao lado do Cemitério da Consolação, consistindo em duas famílias, aparentadas entre si, e outras pessoas "apadrinhadas", lá se encontravam, no momento da entrevista, segundo disseram, há 8 anos, e lá continuaram, embora alterando o ponto onde se estabeleciam. A sua constituição entre os tipos "selvagem" e "neo-nômade" é que estaria permitindo tal estabilidade: o nomadismo aparece como uma estratégia de sobrevivência, baseada na "fluidez".

²² Comunicação pessoal, 1994.

reconhecimento. O anonimato que a rua conferia podia ser causa de sofrimento psíquico no sentido de perda de identidade pessoal e social, dado o rompimento dos vínculos e a discriminação sofrida por parte da sociedade em geral. Por outro lado, quando havia um casal, a mulher era "dona de casa", permanecendo junto aos "pertences", de modo a não ser roubados.

Havia uma rede de apoio a estes cidadãos: desde sopas comunitárias e outras refeições oferecidas por religiosos, ou não, até água sendo cedida ou vendida por postos de gasolina, bares, canteiros de obras. Pelo que pudemos observar, eles se serviam da rede pública de saúde, quando dela necessitavam, embora, como disse uma senhora, "gozam de ótima saúde" pois, se não gozassem, já estariam mortos.

As condições de vida na rua não eram "saudáveis", segundo eles próprios: estavam expostos ao clima, não tinham horários regulares de refeição, estavam sob o impacto de vários fatores estressantes como trânsito, barulho, agressão física e moral.

Não relataram uma relação de confiança entre eles próprios: facilmente eram roubados ou ocorriam desentendimentos. Por isto, a presença de um líder era muito importante: o líder mantinha o grupo ao garantir as regras, fossem elas quais fossem. Os grupos eram estáveis quando havia famílias e líderes. A estabilidade do grupo, por sua vez, era um fator da maior relevância para a segurança e para a proteção emocional no sentido da identidade.

Segundo o trabalho realizado pela Prefeitura em 1991, 64% pontos já existiam há mais de 5 anos mas 58 pontos (36%) surgiram a menos de um ano, o que permitiu supor um crescimento de pessoas dormindo na rua. Em 1994, 62% pessoas moravam nas ruas há no máximo 6 meses, havendo um aumento de 34% em relação à última contagem oficial. Cremos ser este crescimento atualmente visível, principalmente de "selvagens" jovens, que dormem pelas ruas, nas calçadas, sem se proteger, de um modo inexistente quando do início da nossa pesquisa.

Segundo a pesquisa da Municipalidade de 1991, só 20% (31% em 1994) dos homens trabalhavam, em tarefas como catador de papel, estivador, camelô, guardador de carro. Cerca de 3% estavam inseridos no "trabalho regular", desempenhando funções de caráter não especializado (varredor de rua, segurança). Nós já apontamos como, estudando-se "a casa", o perfil muda, e a maior parte são trabalhadores.

3.2. Estudo dos *semcasa* 1

Neste estudo, serão apresentados os dados referentes a 29 "moradias", em que se entrevistou os moradores, num total de cerca de 80 pessoas.

Os moradores das "casas" foram abordados através de um questionário aberto semi-estruturado²³, visando a sua caracterização quanto a idade, sexo, escolaridade, profissão atual e anterior, tipo de relação entre os moradores, opinião quanto ao modo de vida, organização econômica (quem ganha, quanto, como, como se gasta, em que é gasto), etc.

O espaço da casa foi pesquisado com base em um Roteiro para Observação do Ambiente Doméstico²⁴, registrando-se: número de cômodos e funções a que servem,

²³ Roteiro de entrevista com os moradores: 1. Identificação dos moradores: nome, sexo, idade, escolaridade, parentesco, trabalho anterior, trabalho atual, ganho atual. 2. Como é administrado o dinheiro? em que é gasto? há outras fontes? 3. O que comem? como? quantas vezes? 4. Alguém bebe, vício, internado? 5. De onde vieram? 6. Porque estão morando neste local? 7. O que pensam/desejam para o futuro?

²⁴ Roteiro para observação de *semcasa*: 1. localização: cidade, bairro, rua, local. 2. Tipo: nômade, selvagem, caverna, assentado. 3. Construção: como e de que é construída a: parede, chão, telhado; dimensões; em que consiste: sala, quarto, cozinha, banheiro; em torno: varal etc. 4. Arrumação: ordem, limpeza: quem faz? 5. Móveis: o que tem, de onde vieram, quem trouxe. 6. Enfeites: o que tem, de onde vieram, quem trouxe. 7. Água: de onde vem, para que é usada, para onde vai. 8. Detritos: o que fazem

dimensões, paredes (número, material de que é feita), enfeites (tipos), arrumação; móveis (o que tem, sua origem) e outras informações não previstas no Roteiro.

Foi feito um diagrama das casas e estas foram filmadas e fotografadas quando possível.

3.2.1. Quem mora

Das 29 "moradias", 38% eram casais e famílias, 38% eram "solitários" e 24% viviam em grupos. 22.5% eram mulheres, 32.5% crianças e apenas 45% homens (Gráfico 10). Estes dados discreparam em relação aos da Prefeitura por dois motivos principais: primeiro, pelo número alto de casais (11:29); segundo, por causa de um grupo de mulheres com cinco meninas. O grande número de casais e famílias, em relação aos dados da Prefeitura, parece indicar que este tipo de população procura construir algum abrigo. Os casais tinham de 2 a 3 crianças, e uma senhora com duas crianças e grávida estava sem companheiro. Havia acabado o relacionamento e o ex-companheiro se instalara sob a sua "caverna".

59% dos entrevistados estava na faixa entre 18-45 anos, havendo dois casais de menos de 21 anos, um rapaz de 18 anos que parecia usar drogas e um de 14 que morava com a família. 22.5% eram crianças de menos de 7 anos.

Composição dos grupos de sem casa,
São Paulo

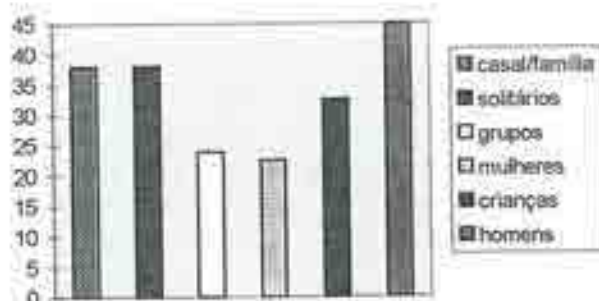


Gráfico 10: Composição dos grupos de sem casa, São Paulo

Eram originários do nordeste (36%), de São Paulo (25%) e do interior de São Paulo (20%). Os demais (24%) vinham de Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro.

25% dos adultos tinham nível ginásial, este alto índice quanto à escolarização média ocorreu devido ao grupo de assentados guardadores de carros e de oriundos de São Paulo, mas 43.5% tinham o primário, principalmente apenas o primeiro ano.

Apenas quatro pessoas viviam da mendicância: a maioria (51%) vivia da coleta do lixo, havendo também guardadores de carro, carregadores, vendedores de balas e um faxineiro, um pintor e um pedreiro. Um casal do Paraná, pais de duas meninas loiras, coletava roupas doadas pela vizinhança onde instalavam sua carrocinha para vendê-las na periferia.

56% deles vivia há mais de dois anos nas ruas, outra informação que diverge dos dados obtidos da Prefeitura.

As diferenças com relação aos dados da Prefeitura devem-se a que a nossa população era mais "estabelecida" do que a estudada pela Prefeitura, devido a constituir-se de famílias e

com eles. 9. Luz: de onde vem, como é. 10. Condições físicas: ventilação, luminosidade, umidade, insolação, isolamento: acústico, visual. 11. Segurança: social, física, outras. 12. Vizinhança: tipo; relações. 13. Permanência no local. 14. Quem mora: número; relações; funções. 15. A que serve a moradia.

trabalhadores "estabelecidos". Traçaremos um quadro mais claro ao descrever as tipologias, pois o modo de morar associou-se à "permanência" do grupo, como veremos a seguir.

3.2.2. O Habitar: Funções do morar

3.2.2.1. O dormir

A definição básica de casa foi o local de dormir (95%), donde a função dormir definiu a moradia.

O dormir pode ser a função básica do morar devido à necessária proteção fornecida pela moradia dado o "desamparo" que ocorre durante o sono.

Esta proteção foi vista ocorrer de três modos: pela construção de um abrigo; através de ações coletivas; e pelo "hábito".

A proteção da cabeça pareceu ser uma preocupação central, de modo que esta ou estava junto à parede ou protegida por caixotes. A construção de abrigos permitia uma certa privacidade, observada principalmente quando havia casais. Por outro lado, o grande inimigo destes habitantes da selva-cidade eram as pessoas, de quem procuravam se proteger através de "turnos" em que alguém ficava de vigia. Finalmente, o "hábito" pareceu também responsável por um sentimento de segurança de *semcasa* que sempre dormiam em um mesmo local. Este "hábito", conforme dito acima, constituía-se a partir de um espaço vazio urbano que configurava uma possibilidade de ocupação, seguido de uma continuidade desta, o que daria esta "segurança".

Muitas carrocinhas serviam como abrigo noturno, inclinadas de modo a formar um teto e mesmo, um "quarto", se coberto com panos.

Os abrigos podiam ser de caixotes de papelão ou de compensados. Geralmente colchonetes serviam de colchão, e utilizavam-se de cobertores para se cobrir. Quando possível, os quartos podiam ser fechados totalmente, com lonas, plásticos escuros, tapetes, assemelhando-se a uma tenda. Este fechamento foi observado frequentemente em casais.

Os lugares "habituais" geralmente combinavam-se com algum modo de "guardar" os pertences: atrás de instalações elétricas, dentro de caixas de ventilação, ou outros recursos que se apresentassem. As carrocinhas acumulavam as funções "armário" e "quarto".

Podia-se dormir ocasionalmente em hotéis baratos ou de curta permanência, "casas de oração", para o banho e relacionamentos sexuais.

3.2.2.2. O comer

A segunda função a que serve a moradia era o comer (71%). Os grupos organizados tendiam a cozinhar para se alimentar, principalmente quando era feita uma administração geral dos ganhos: o dinheiro era juntado até ter o suficiente para comprar o alimento que era cozido e ingerido em grupo. Os solitários raramente cozinhavam: ganhavam ou compravam a comida. Há um terceiro caso em que as pessoas tinham casas em favelas ou bairros afastados e estavam na rua por questão de proximidade ao ponto de trabalho: seja como pedinte, vendedor de balas etc. Nestes casos, não cozinhavam: acampavam.

Nos casos mais estruturados, havia a cozinha com todas as suas funções.

A cozinha consistia basicamente de pedras com um equivalente a uma grelha ou de latas com fogareiro dentro. Semelhantemente à "sala", como veremos a seguir, a cozinha, principalmente nos nômades, podia ir sendo acrescida de mesas, armários, cadeiras, panelas, potes, filtros para água, etc.



NÔMADE: "CASA-CASULO"

54; 55; 56

**ARTE/
CRIATIVIDADE/
IDENTIDADE**

À BUSCA DO SI PRÓPRIO



3.2.2.3. O social

A terceira função era a possibilidade de receber pessoas (52%), o que, conforme vimos pela definição dos meninos de rua, distinguiria a casa do mocó. Não se pode dizer que "esperam receber visitas" mas a rua podia ser uma "sala".

A "sala" variou muito, tanto na sua composição - sala/cozinha, sala/quarto, quanto pelo arranjo que se modificava bastante, como a cozinha, e diferentemente do quarto, que era mais estável. A sala podia ter sofá, cadeiras, poltronas, estantes. O chão tendia a estar forrado com tapetes.

As pessoas na rua, pelas nossas observações, estavam permanentemente em interação social: recebiam visitas, havia pessoas entrando e saindo do grupo, etc. De um modo geral, tudo era muito mais fluido do que em uma casa convencional: limites territoriais e grupos variavam continuamente.

Contudo, a relação entre elas e com os outros pareceu problemática: queixavam-se de vizinhos inoportunos como *gays*, viciados, bêbados, queixavam-se do olhar de desprezo; queixam-se de não ter direitos, queixavam-se das outras "tribos", etc. Segundo José, um morador de carrocinha, "não se pode confiar nesta gente. Passaram por muita coisa ruim e fazem também muita coisa ruim de volta".

Os roubos foram ditos ser frequentes, especialmente de documentos - um bem de uma relevância radical, dadas as questões de identificação que afligem os *semcasa*. Nos casais, a mulher não trabalhava, era "dona de casa", sendo uma de suas funções a de vigiar os pertences e as crianças, quando as havia.

Autoridades como polícia podiam fornecer proteção, havendo grupos que se instalavam próximos a Delegacias, ou, como disse um: "o olho do guarda me protege". Os depoentes temiam a ação da Prefeitura, que era quem os expulsava de suas "casas".

3.2.2.4. A água e seus usos

Havia casas com banheiros (38%) para o banho e para as necessidades fisiológicas. Onde se cozinhava, a louça era lavada no local. Quando havia mulheres, a roupa era lavada e posta para secar em varais.

A água era um grande problema e a localização da "casa" geralmente pressupunha uma fonte de abastecimento de água: posto de gasolina, depósitos, obras em construção, etc.

Os dejetos eram embrulhados em jornal e jogados no lixo. A urina era lançada no bueiro de água pluvial.

Os banheiros eram muito criativos, dada a ausência de água: grandes caixas de papelão com latas para água limpa e para as necessidades.

3.2.2.5. A casa e o trabalho

Nos *semcasa*, casa e trabalho encontravam-se frequentemente associados: seja mendicância, coleta de lixo, ambulantes, a moradia estava próxima ao trabalho e em íntima conexão com ele. Como foi dito acima, as mulheres eram "donas de casa", fora as que moravam sem companheiros. Destas, algumas acompanhavam crianças que mendigavam, outras carregavam crianças enquanto mendigavam. No caso dos moradores em carrocinhas, o morar e o trabalho coincidiam.

3.2.3. OS TIPOS DE MORADIAS DE RUA

Uma tipologia do modo de morar na rua surgiu a partir de certas características que conduziam a uma analogia com a história evolutiva do morar humano: selvagem, nômade,

troglodita, assentado. Contudo, a descrição que se segue não pressupõe nenhuma analogia entre estes estágios evolutivos e as atuais formas de morar na rua. Conforme se verá, a tipologia e sua terminologia decorreram de condições materiais e concretas de vida, e não de estágios da "selvageria" ao "civilizado".

Começaremos a descrição pelo que foi o centro da nossa atenção, por configurar "a casa criada": os nômades.

3.2.3.1. Os nômades e suas casas

Tanto os nômades quanto suas casas variaram extremamente, mas o que os caracterizou foi o fato de construírem algo que "nós" poderíamos chamar de casa.

Estas características são uma delimitação do espaço, consubstanciando um território pessoal no espaço público "rua". Esta delimitação era uma expansão além do limite do corpo de modo que colchonetes ou meras caixas para dormir não foram consideradas "casas".

A delimitação dentro/fora pode ser dito ser uma das características destas "casas" de modo que, mesmo sem paredes, o espaço estava sendo ocupado configurando esta delimitação²⁵. Como um conceito operacional, poderíamos dizer que o desejo de bater palmas para pedir licença para entrar, poderia ser o indicador de uma "casa".

Afora esta característica necessária e suficiente para a classificação de "nômade", as demais características dos nômades foram muito diversificadas mas, de um modo geral, o esquema apresentado como "funções da casa" parece adequar-se à descrição destas moradias.

Ela se iniciava com o quarto, acrescido da cozinha, sala e banheiro. Como a maior parte dos moradores nômades eram carroceiros, a casa mudava continuamente a partir de móveis, utensílios, enfeites, etc., que coletavam no lixo e acrescentavam à moradia.

O tempo de permanência no local era uma das principais variáveis pois, à medida que o tempo passava, a casa transformava-se em um sentido de ter mais coisas: sofás, estantes, etc.

As casas não tinham teto, apenas paredes feitas de papelão e/ou de tábuas com compensado. O muro do viaduto era sempre a parede posterior da casa, estando ela de frente para a rua²⁶.

O quarto era feito de papelão e/ou madeiras, recoberto ou não de papelão, panos, lonas ou tapetes. A presença de casais geralmente significou um quarto "fechado", isto é, recoberto. Houve oito quartos ou casas fechados (72%).

O chão era, em geral, coberto de carpetes. Afora o quarto, as demais paredes eram instáveis, ou seja, não havia preocupação em fechar os demais espaços, que acabavam se constituindo por contiguidade: próximo ao fogão, instalava-se a cozinha, a sala se dispoñdo segundo as circunstâncias.

Só encontramos dois banheiros, feitos de paredes de caixa de papelão tipo para guardar geladeira, e latas grandes para defecar e para o banho.

Os nômades decoravam suas casas ocasionalmente com objetos do lixo, como almofadas, jogo de xadrez, pombo da paz, desenhos. Porém, encontramos dois casos em que toda a casa pode ser dita ser uma obra de "decoração bruta", qual seja, uma espécie de versão popular e transitória de "arte bruta", através de *bricolage*, a casa surgia como resposta a necessidades profundas de manifestação do construtor que, ao realizá-lo, externalizava a sua interioridade criando um espaço "poético". São as casa "casulo" e "bruta".

²⁵ Corresponderia ao conceito de "interioridade", decorrente da apropriação comunicada pelas marcas territoriais.

²⁶ Os descritores usualmente utilizados para a casa podem ser utilizados na casa dos *semcasa*: frente-trás; sujo-limpo; masculino-feminino; dentro-fora. O único descritor que não pode ser utilizado é público-privado:

57. CAVERNA: CHEGANDO



58. CAVERNA: APÓS DOIS MESES (foto: CFE)



59. NÔMADES: MUDANDO**60. NÔMADES: INSTALADOS** (foto: RC)

Com relação à casa "bruta", que não estava sob a ponte, devemos acrescentar que ampliamos a definição de nômade não apenas para moradores sob a ponte mas outros que construíam suas casas de modo "temporário". Neste sentido, a diferença entre um nômade e um assentado é a existência de porta, especialmente a porta com tranca.

Um casal, com uma filha de 2 anos, havia sido expulso do Parque D. Pedro e se instalara sob o Viaduto da Francisco Matarazzo. De início, ocuparam o espaço de um modo nômade, mas com o quarto fechado. Logo, porém, construíram um "barraco" com a intenção de, quando expulsos pela Prefeitura, esta fosse obrigada a pagar por ele. O barraco foi construído rapidamente, instalada uma porta e subseqüentemente, um cadeado. Ou seja: este casal era um assentado que teve de ser temporariamente um nômade. Esta moça, embora tenha dito ter 18 anos, provavelmente era menor de idade. Era uma pessoa muito bem articulada e disse ter sido também criada na rua. Deste modo, sua filha já era uma segunda geração na rua. Ela se referiu muito amargamente à condição de pária social que o morar na rua já estaria causando à sua filha, decorrente dos olhares de comiseração, repulsa e desprezo que esta recebia. A menina estava muito bem cuidada, havia filtro para água devidamente coberto, mamadeira, brinquedos, banheira, roupas lavadas, etc. A menina estava sendo acompanhada em um posto de saúde e o parto fora no Hospital Municipal de Cachoeirinha. Posteriormente, viemos a saber que esta moça entrara e saíra várias vezes de uma casa de meninas, onde recebera os conhecimentos e o acesso à informação revelados na entrevista.

Por outro lado, a dinâmica emocional pode ser vista em três casos: em um presidiário em *sursis*, que fez uma tenda, praticamente apenas uma sala de visitas; pelo seu sucessor no espaço que reutilizou os materiais por ele deixados no local para fazer um "esconderijo", um espaço completamente coberto, e que foi um dos jovens que demonstrou hostilidade à presença da pesquisadora devido ao uso ou tráfico de drogas; e do morador da casa "casulo", que era um paranóide que se escondia do mundo sentido como perseguidor.

A "casa" das mulheres com as meninas sob o Viaduto da Av. Paulista, por sua vez, estava próxima ao mocó, sem a intenção de esconderijo, mas de um local para dormir. No local, havia uma estátua de santa sobre um caixote, formando um altar.

Este grupo era alimentado pelo dono de um bar da região, não sabemos o motivo. Este grupo trabalhava de segunda a sexta-feira, e no fim de semana retornava às suas casas.

As casas dos nômades tendiam a não ter arrumação: as coisas estavam onde ficavam. Porém, em um casal que construiu uma tenda, a "casa escultura", havia uma disposição milimétrica das coisas, ordenadas simetricamente.

Exemplos de ordem foram dados também por pessoas varrendo a rua onde dormiram, lavando roupas e corpos nas "fontes" do Pacaembu e da Av. Sumaré, cuidando da aparência fazendo a barba, penteando-se; dispendo as roupas cuidadosamente em um varal adaptado sob o Viaduto da Praça Roosevelt; dobrando cuidadosamente as roupas por estas terem sido postas para secar após uma tempestade antes de serem guardadas na carrocinha.

Este último grupo citado habitava ao lado do Cemitério da Consolação há 8 anos, tinham uma carrocinha, mas não trabalhavam com ela: ela era o seu armário. Eram duas famílias, a da mãe, e a de uma filha, que moravam a uma distância de 50 metros mais ou menos uma da outra, ou seja, em dois "terrenos".

Os nômades que não moravam sob a ponte pareceram mais estáveis do que os sob a ponte, inclusive porque suas casas deviam dispor de algum tipo de teto. Porém, eram igualmente passageiros: por exemplo, dois homens moravam ao lado da marginal do rio Tietê em uma construção de concreto que eles fecharam lateralmente, inclusive com porta. Após algum tempo, foram despejados e o espaço não foi ocupado por novos moradores.

Os nômades podem ser: grupos de pessoas, casais e solitários. Em alguns casos, pode ser um modo de vida assumido, como no caso de um carroceiro, proprietário de casa, terreno, etc., mas que vivia de ponte em ponte há muitos anos. Seus 5 filhos foram criados na FEBEM, segundo ele, porque "a rua não é lugar de criar criança". Ele acreditava estarem as crianças

melhor cuidadas na FEBEM do que com ele. A mulher acabara de falecer, de uma causa que não conseguimos descobrir. Na primeira visita, ela estava enferma, deitada sob a carrocinha que servia de quarto. Na última visita, ele foi tomar banho e se "embonecar" para "sair à luta", frente à chacota de seus companheiros e, especialmente, de uma senhora que, durante a semana trabalhava como empregada doméstica e dormia no emprego e, no fim de semana, ela mais o seu filho, juntavam-se ao grupo. Durante esta estadia, competia a ela a "faxina" do local, no presente caso, o viaduto próximo ao Memorial da América Latina.

Conforme já dito, quase todos trabalhavam em trabalhos "imediatistas", gastando o que ganham para sobreviver. Seu principal problema era a segurança: temiam basicamente o ataque de pessoas, serem "incendiados", e a Prefeitura, que os desalojava.

Como características principais do grupo dos nômades, portanto, apontaríamos: a presença do ornamental; poucos ou nenhum "bens"; instabilidade: casas em permanente transformação, tendência à desarrumação; grupos instáveis, não demarcação clara do território.

3.2.3.2. Os neo-nômades

Embora sendo o último grupo por nós identificado como um tipo, ele é um subgrupo dos nômades e, cremos, dele derivado.

Desde o início do trabalho de campo, deparamo-nos com carrocinhas ao lado de e/ou fazendo parte da "moradia": duas especialmente, a acima relatada envolvendo um grupo de carroceiros com uma forte liderança e uma organização coletiva econômica e de proteção, e uma carrocinha pintada de vermelho que esteve estacionada durante muitos meses ao lado da Faculdade de Saúde Pública. A primeira alertou para um modo de vida na rua, e a segunda, para a arte na rua realizada por populares.

Várias notícias nos jornais e outros meios de informação foram relatando tanto a organização dos carroceiros em uma associação, quanto a exigência da Prefeitura de que se credenciassem junto a ela, quanto de certas pessoas que teriam enriquecido empregando outros carroceiros, como o denominado "El Gringo": o fato é que as carrocinhas se tornaram uma presença fácil e constante nas regiões centrais da cidade, onde se concentra o lixo e os depósitos que os compram e revendem.

Um novo "personagem" pode ser visto nas ruas de São Paulo empurrando suas carrocinhas: jovens, fortes, boa aparência. Alguns deles, como verificamos, dormiam sob suas carrocinhas.

Fomos nos dando conta que, para algumas pessoas, as carrocinhas haviam se tornado um "modo total de vida": casa, trabalho, locomoção. Visualmente, também, observamos "decorações" e "construções" a partir da carrocinha.

Foram realizadas cinco entrevistas com "donos" de carrocinhas: um casal do Paraná com duas filhas; um casal de Pernambuco; um homem carioca; dois amigos paulistanos; um ex-lavrador do interior de São Paulo. Para todos eles, a carrocinha era um meio de vida "legítimo", isto é, não havia mais a sensação de incompetência na vida. O casal com filhas, inclusive, orgulhava-se muito, e com razão, de sua engenhosidade: coletava roupas doadas pela vizinhança de moradias de classe média-alta e as vendia na periferia. Por ocasião da entrevista, dispunham de duas grandes caixas de papelão de roupas especialmente de crianças, mas também de adultos²⁷. Além disto, sua carrocinha tinha dois andares, em um, o quarto para as filhas, noutro, o quarto do casal. Todo o espaço da carrocinha era articulado de modo a responder às necessidades da vida nômade: o modo de cozinhar, de carregar a água, de

²⁷ No grupo de assentados, relatado a seguir, havia uma mãe e 3 crianças que relatou viver de mendicância. Sua "casa", para a qual acabara de se mudar, estava lotada de roupas. Perguntada aonde teria morado ultimamente, relatou mudanças a cada 2 a 3 meses.

iluminar, de carregar os pertences. Tratava-se de um casal com mentalidade empresarial, cujo único e maior percalço era a ausência de um carro para poder levar a mercadoria com mais facilidade para o ponto de venda.

Outro que se orgulhava era o Sr. Meireles, que quis aparecer na foto e espelhava claramente o seu orgulho. Vindo de Pernambuco, foi ele que respondeu que os ornamentos em sua carrocinha "falam por ele", reforçando a intencionalidade das manifestações e sua significação.

Outro entrevistado foi o Sr. José Francisco, já citado, que estacionou sua carrocinha na frente da FAU-Maranhão, à procura da sombra de uma árvore. Sua carrocinha era um exemplo de ordem, arrumação, organização e criatividade: cada coisa tinha sua função e estava no local certo; havia toda uma sabedoria acumulada que levava àquele arranjo. Segundo ele, estava desde 1962 nesta vida. Coletava papel reciclável e vendia, comia em restaurantes quando desejava. Começava a trabalhar às 4 horas da tarde e ia até a meia-noite, sendo que, atualmente, só trabalhava cinco dias por semana.

Nasceu em Araçatuba e trabalhou na roça, mas "as monoculturas de trigo e soja acabaram com a lavoura por causa da mecanização, de modo que reduziu 85% da mão de obra" (sic) "pois na lavoura se ganha mais mas agora não dá mais pé. O que salvou a lavoura foi a cana porque ela não é mecanizada e precisa de muita mão de obra". Ele não bebia nem fumava, enquanto outros o faziam e viviam da mendicância, "como a senhora no cemitério (anteriormente citada) que está nesta vida há 12 anos e tem 16 filhos". A mãe dele também teve muitos filhos, mas "não pode ter nem quatro. Porque um doutor não pode ter 4 filhos doutores, só se for muito rico, e mesmo assim, tem que dividir entre os filhos".

Segundo o Sr. José Francisco, os outros moradores de rua não querem trabalhar, "estão nessa e não querem sair". Ele, por sua vez, vivia bem e "até se orgulha, se trata, come bem", era diferente dos outros que "estão largados".

Ele próprio construiu a carrocinha, "ela é toda especial". Perguntado porque colocara um quadro na traseira da carrocinha, respondeu que cortara e pusera, para ficar bonito, significando que o quadro não foi visto como um enfeite mas como parte de um todo que, ele, todo, é criativo e especial, que é "dele" e "ele".

3.2.3.3. Os moradores de caverna

Foram visitadas sete "cavernas" e entrevistados seus moradores. Denominou-se assim este modo de morar porque seus moradores habitavam dentro da estrutura dos viadutos, e esta estrutura assemelhava-se a cavernas. As paredes eram sólidas, podendo às vezes ter portas com trancas e luz elétrica, retirada da rede pública. Os problemas principais eram: falta de insolação, ventilação, luminosidade e a presença de animais como ratos e baratas.

As cavernas pareceram, em comparação com os nômades, lugares estáveis, propiciando abrigo, proteção, segurança e isolamento. A esta estabilidade, corresponderam famílias organizadas através de relações de parentesco: cinco eram habitadas por familiares. Pode-se pensar que famílias necessitam moradias mais permanentes, representadas pelas cavernas e pelos assentados.

As cavernas visitadas eram amplas, embora tenhamos conhecimento, pela imprensa, de cavernas muito pequenas, "escavadas" no Minhocão e habitadas por travestis. Haveria uma caverna imensa localizada também sob o Minhocão, onde, segundo um morador, dormiam 400 pessoas, mas não conseguimos visitá-la.

As cavernas por nós visitadas assemelhavam-se a casas, nem muito grandes, nem muito pequenas, e dentro de cada uma delas estava instalada apenas uma família.

A exceção foi de duas cavernas contíguas: uma habitada por D. Maria, outra, pelo Pedreiro. Estas cavernas tinham uma comunicação interna entre elas e, segundo D. Maria, o companheiro a protegeria, caso houvesse necessidade.

À BUSCA DO CONFORTO NÔMADE:
61. FOGÃO; 62. COPA; 63. BANHEIRO (foto: CE); 64. COZINHA (foto: CE)



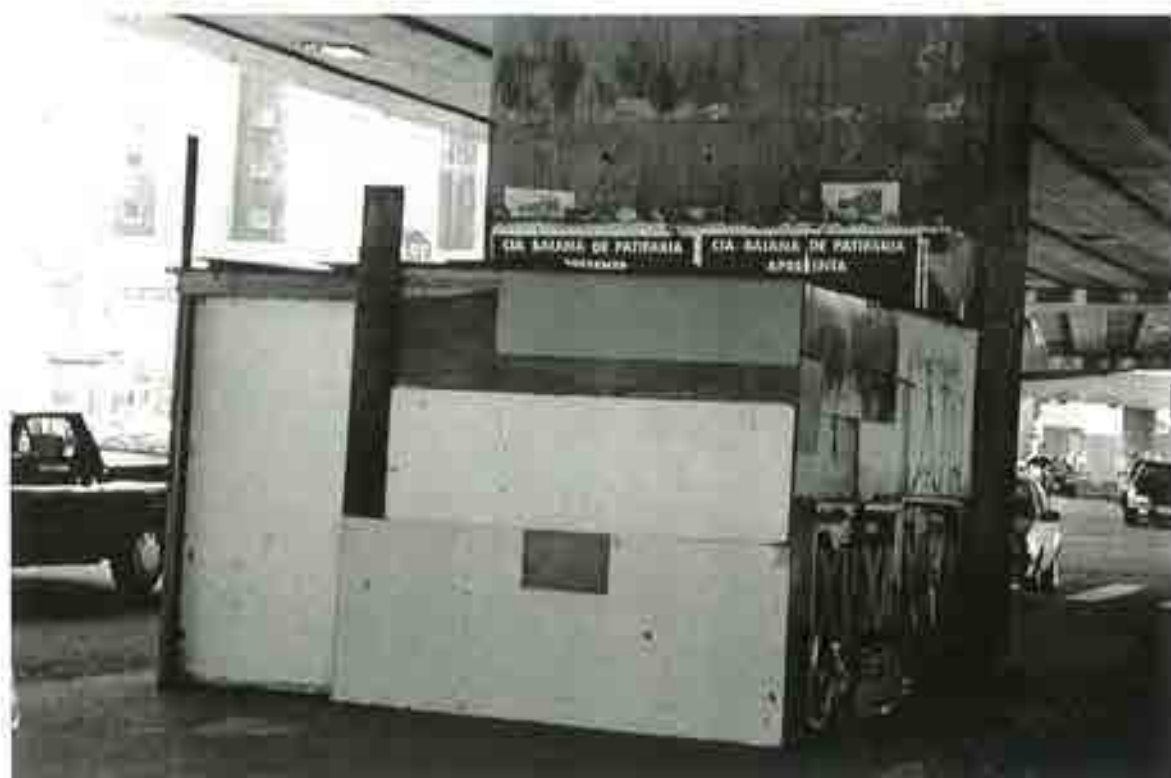
O SENTIDO DO POÉTICO: ARTE DECORATIVA
65: NOMADE: ARTE, EMOÇÃO (foto: CE)



66: CAVERNA: RELIGIOSIDADE (foto: CE)



O SENTIDO DA ORDEM
67: ORDEM



68: DES/ORDEM (foto: CE)



69. A MÍNIMA DIGNIDADE



70. VERMELHA



A caverna de D. Maria consistia em um pequeno avarandado no qual estava um tanque de lavar roupa. Dentro era muito escuro; a luz, clandestina, só se acendia à noite quando a cidade era iluminada. À direita, um banheiro onde havia uma pequena janela. Um pequeno corredor conduzia à entrada para os aposentos do Pedreiro, que se achava fechada. Sucedendo-se ao banheiro, a sala, e no fundo desta, o quarto. Entrando-se neste, em meio a uma penumbra total, um altar com uma santa feericamente iluminada com velas.

Do lado do Pedreiro, subindo-se um caminho no meio de plantas, havia um portão, e após, este, um cachorro e sua casinha. Um puxado havia aumentado e clareado a caverna: neste, de um lado, rochas servindo de suporte a coisas, na frente, uma pia de lavar louça, e do outro lado, o banheiro. Este tinha chuveiro e privada. O encanamento consistia em canos que faziam desaguar as águas na sarjeta. Do lado de fora, podia-se ver uma caixa d'água, instalada ao lado do viaduto. Perguntado como a água chegaria, respondeu que a traria com baldes do posto de gasolina próximo, enchendo a caixa d'água. O sistema já estava instalado, porém ainda não em funcionamento. Passada esta copa, entrava-se na sala: uma mesa com cadeiras, uma estante, e um sofá lateralmente que servia de cama. Entrando-se mais ao fundo, uma festa havia sido preparada para comemorar o aniversário do morador: inúmeras bandeirinhas feitas de jornal e penduradas em barbante lotavam todo o pequeno espaço. Este cidadão era pedreiro, e preferia morar assim pois ali tinha isolamento e conforto.

As duas casas estavam em perfeita ordem, assim como os seus arredores. Geralmente, podia-se ver as roupas dependuradas secando ao sol.

Um dia, tudo mudou: um caos instalou-se do lado de D. Maria, que fomos encontrar refugiada sob um viaduto próximo, habitando uma carrocinha, e jurando vingança contra um grupo de homossexuais que a havia expulsado e desalojado.

Mais algum tempo, a Prefeitura fechou as entradas das duas cavernas, expulsando os moradores. Estes, ou outros, retornaram. A Prefeitura agiu novamente, de modo mais radical, obstaculizando a abertura de fendas.

Todas as cavernas visitadas foram interditadas pela Prefeitura, em sua luta contra esta ocupação ilícita do público; porém, com o tempo, tendem a ser reocupadas pois as cavernas, conforme foi visto, podem oferecer condições razoáveis de vida. De outra, localizada na Av. Sumaré, descortinava-se uma rara vista da cidade, além de possuir jardim particular.

A principal dificuldade é o acesso à água, devido à sua localização, mas os moradores de caverna são privilegiados em relação aos outros moradores de rua e, talvez, mesmo com relação aos favelados.

3.2.3.4. Assentados

Próximo aos moradores de caverna, como perfil, estão os assentados: estudamos apenas quatro, afóra o agrupamento de assentados que será exposto a seguir.

Os assentados tinham casas, sob os viadutos, com paredes, tetos parciais e trancas na porta. As casas assemelhavam-se aos barracões da favela. Foram denominados assentados porque não eram nômades, estando, de certo modo, estáveis. Esta estabilidade podia ser vista pela estrutura das próprias casas: paredes fixas, relativamente sólidas, com estrutura de ripas e assoalho forrado; enfeites nas paredes, bem como rádio, fogão, cortinas, armários, casa de cachorro, banheiros. A estrutura do grupo que a habitava era igualmente mais estável: famílias ou grupo de companheiros estáveis. Suas ocupações também eram mais estáveis - faxineiro, pintor, homem-sanduiche, guardador de carro, podendo até haver assalariados e planejamento de gastos mensais. Além disto, pareceram ter mais noção de seus direitos, ou seja, de que tinham o direito a ter direitos, questionando mais a própria condição de vida e tinham um nível de escolaridade também superior.

Duas das casas estavam ornamentadas com inúmeros quadros e outros enfeites.

3.2.3.5. Selvagem

Selvagem foi a autodenominação de um deles, dizendo ser um habitante da selva-urbana, "a senhora me desculpe mas somos da selva, selvagem", onde várias tribos existiam, umas inimigas de outras: "selvagem, não porque nós que, mas parece uma tribo de índios: nós somos nós e o resto é o resto". "Somos pessoal anti-social porque a sociedade jogou nós fora. A senhora me daria um emprego?"

Os selvagens urbanos não construíam casas, só se protegiam ao dormir. Eram os moradores da sarjeta, a maioria absoluta dos moradores de rua. Não delimitavam território, só possuíam o que podiam carregar consigo. "Dinheiro não é o que quero, me dão; comida, tenho o que preciso" (...) "Cada um cuida de si, cada um quer ganhar mais dinheiro e não cuida de quem está por baixo". Eram a radicalização do grupo nômade. "Já me acostumei com esta vida, durmo cada dia em um lugar, não sei me adapto a outra vida. Esta carroça (de um carroceiro), pode fotografar! - é o retrato do presidente, não sou eu. Como não sou visto, não me vejo"

Os selvagens trabalhavam como guardadores de carro, carregadores, e outros trabalhos eventuais. Alimentam-se errantemente. Não estruturavam famílias formais, mas podiam formar "famílias". "Um é a segurança do outro, um cuida do outro, é uma família. Tem mais dois que fazem parte da família, um pretinho que é de menor". Não podiam formar vínculos com mulheres porque "não têm nada para oferecer" para a companheira.

Das entrevistas, retiramos a noção de *tempo degradado*: a ausência de casa pareceu estar relacionada à ausência de perspectivas devido a rompimentos com o passado ("saí como um rei na barriga e agora volto como um mendigo, doente?! não dá, é muita vergonha. Não acredito na história do filho pródigo. Saí dizendo que ia ganhar o mundo e agora volto um farrapo") e uma não visão de um futuro ("não tenho perspectiva. Não tenho mais volta, já passei por tudo. Já andei por este Brasil tudo: é só selva, não acredito no ser humano, se não confio em mim, como posso confiar no outro? estou isolado, não quero nada mais com ninguém"). Segundo um deles: "daqui, só para a morte". Uma morte anônima, numa esquina, um carro, a família não vindo a saber: a morte de um indigente²⁸.

3.3. ESTUDO dos SEMCASA 2: o agrupamento de assentados

Esta pesquisa foi realizada em um agrupamento de casas localizado sob o Viaduto do Tatuapé, em sua ligação com a Rodovia Presidente Dutra. Esta rodovia liga a cidade de São Paulo à do Rio de Janeiro.

Foram utilizados quatro instrumentos nos moldes dos anteriormente utilizados: um roteiro para a observação da casa²⁹, sobre a organização familiar³⁰, anamnese infantil, e roteiro para observação da criança. Foram realizados registros gráficos (Figura 3), fotográficos e vídeo-filmagem.

Foram realizadas oito visitas ao agrupamento em um período de seis meses. Em uma primeira fase, doze pesquisadores divididos em três equipes entrevistaram os moradores de 20 casas e observaram as crianças dentro das casas. Em uma segunda fase, foram observadas crianças fora das casas em três visitas, por cinco pesquisadores.

A escolha das casas foi aleatória, desde que houvesse crianças até 6 anos de idade. Após a identificação dos pesquisadores, os entrevistados eram informados do objetivo da

²⁸ É possível haver "selvagens" atualmente que não correspondam ao perfil traçado.

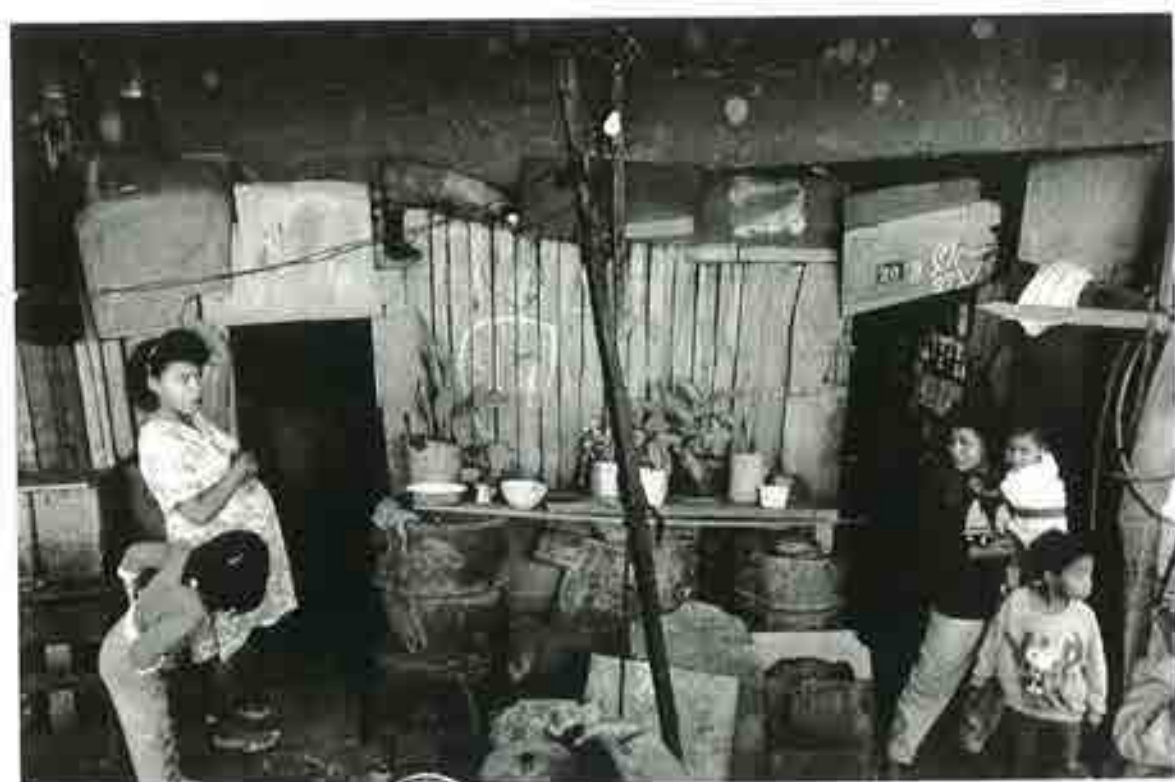
²⁹ Roteiro para observação do ambiente doméstico: localização; segurança; tipo; estrutura; condições físicas; ordenação; arrumação; enfeites; móveis; espaço do bebê.

³⁰ Roteiro sobre os Moradores: idade, escolaridade, trabalho, ganho, parentesco, administração do ganho, alimentação, antecedentes, procedência, motivo de morar no local, futuro.

O GRUPO DE ASSENTADOS**71. ESTRADA** (foto:ANM) **72. RUA INTERNA** (foto:HH) **73. RUA INTERNA** (foto:RC)

EXTERIOR DE CASA DO GRUPO DE ASSENTADOS

74. (foto:RC) 75. (foto:RC)



EXTERIORES DE CASAS DO GRUPO DE ASSENTADOS

76. (foto: MFNS)

77. (foto: ANM)





FOTO-33
CASA 9
GRUPO
DE
ASSENTADOS
(fotos: MFNS)

78.
EXTERIOR



79.
CASA 9:
QUARTO/
COZINHA



80.
CASA 9:
COZINHA

A luz elétrica era retirada clandestinamente dos postes municipais e estava presente em todas as casas. A água também era tirada clandestinamente e/ou cedida pela transportadora. Algumas casas tinham uma torneira; as demais usavam mangueiras ou tanques coletivos, ou a água do bar. Havia um sistema de esgotos precário. Segundo uma moradora, "antes de ter os barracos, passaram (a prefeitura) umas manilhas com uns bueiros. O pessoal dos barracos percebeu e fez a ligação (do esgoto) com os bueiros. Por isto tem toda esta terra levantada (removida para dar acesso aos bueiros)". Observou-se também esgotos sendo lançados nas guias da estrada, onde eram captados pela rede de água pluvial. Além disto, havia valas a céu aberto por onde fluía uma água pretensamente "limpa", oriunda dos tanques localizados fora das casas onde eram lavadas roupas e louça.

Foram classificados por nós como "assentados" porque o teto de suas casas era o viaduto e seu endereço, o endereço do bar. Posteriormente, as casas foram numeradas.

3.3.2. Quem são

Foram entrevistadas 20 famílias de moradores, geralmente a mãe, de 20 casas com um total de 98 moradores, cerca de 5 pessoas por casa. 24,5% eram homens e 26,5, mulheres, sendo 49% crianças (Gráfico 11). A faixa etária dos pais estava entre 18 e 30 anos, e a das mães entre 16 e 31. Havia 7 mulheres e 4 homens abaixo dos 20 anos. As crianças estavam subdivididas quanto à idade em: 11 crianças (23%) até 1 ano; 9 crianças (19%) de 1 a 2 anos; 23% de 2 a 4 anos; 19% de 4 a 7 anos; 17% de 7 a 12 anos; havia 2 adolescentes de 12 a 17 anos (Gráfico 11).



Gráfico 11: Distribuição por sexo e por idade dos moradores sob o Viaduto Tatuapé, São Paulo, 1993

Dos adultos, 60% estudaram e destes, 57% tinham primário incompleto, 27% tinham primário completo e 17%, ginásio incompleto. Um pouco mais da metade das crianças em idade escolar estavam na escola (58,8%) e 94% delas em séries atrasadas (Gráfico 12).

Originárias do Nordeste (80%) e de S. Paulo (20%), 65% das crianças nasceram em São Paulo (Gráfico 12).

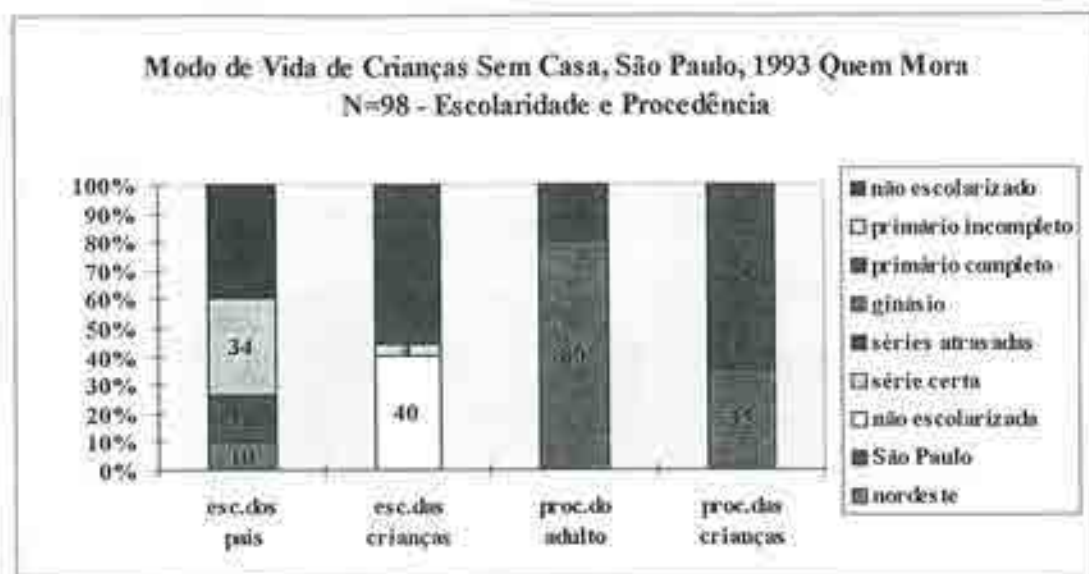


Gráfico 12: Escolaridade e Procedência dos moradores sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993.

Estavam no local: há 3 meses, três famílias; de 3 a 12 meses, oito famílias; de 1 a 2 anos: quatro famílias; de 2 a 4 anos: três famílias, e há 8 anos, um homem que posteriormente constituiu uma família.

Metade das famílias eram nucleares e metade ampliada, havendo uma família monoparental (Gráfico 13). O motivo principal alegado para morar no local foi a possibilidade de trabalho (14), aliado a questões familiares (4), falta de recursos (4) (Gráfico 13).

Eram os homens quem trabalhavam (100%), enquanto apenas duas mulheres trabalhavam. Uma família recém-chegada vivia de esmola, em outra, eram as crianças quem mendigavam, levadas pela mãe; e duas outras viviam de expedientes, bicos ou esmolas. Os demais trabalhavam na transportadora (5); mercado (1); pedreiro (1); lava-rápido (2); metalúrgico (1); bicos (2). As duas mulheres que trabalhavam eram domésticas, fora a pedinte. Treze das casas tinham algum morador com trabalho fixo, três viviam de bicos e três eram pedintes (Gráfico 13).

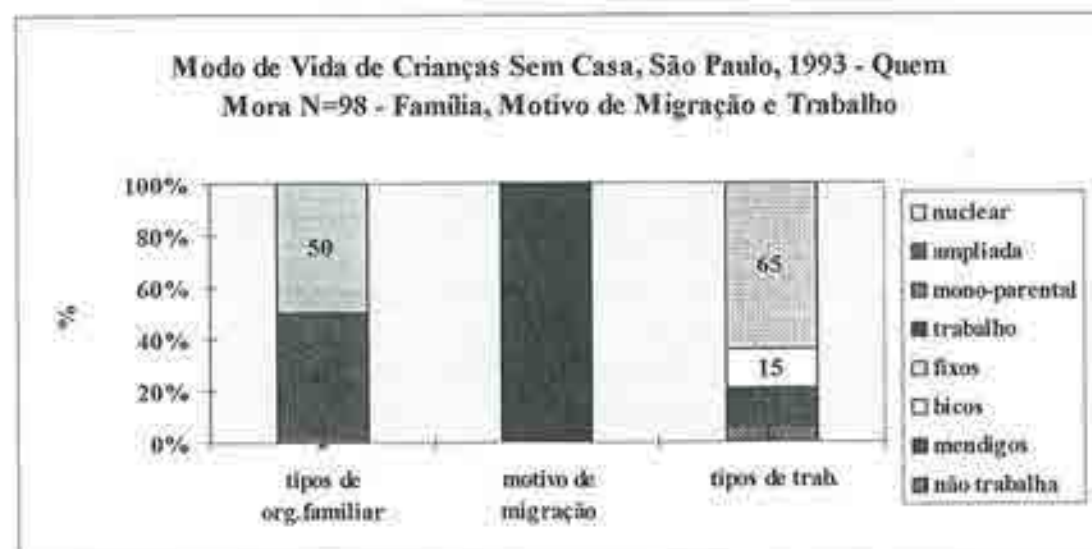


Gráfico 13: Tipos de famílias; motivo da migração e tipos de trabalho dos moradores, sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993

Desejariam voltar para a terra natal (10) e/ou mudar-se para um local mais apropriado (9), preferencialmente para uma casa própria (6). Apenas um morador, o que lá está há 8 anos,

deseja “paz, amor e liberdade” como futuro. 100% desejaram melhorar a vida e sair de lá (Gráfico 14).

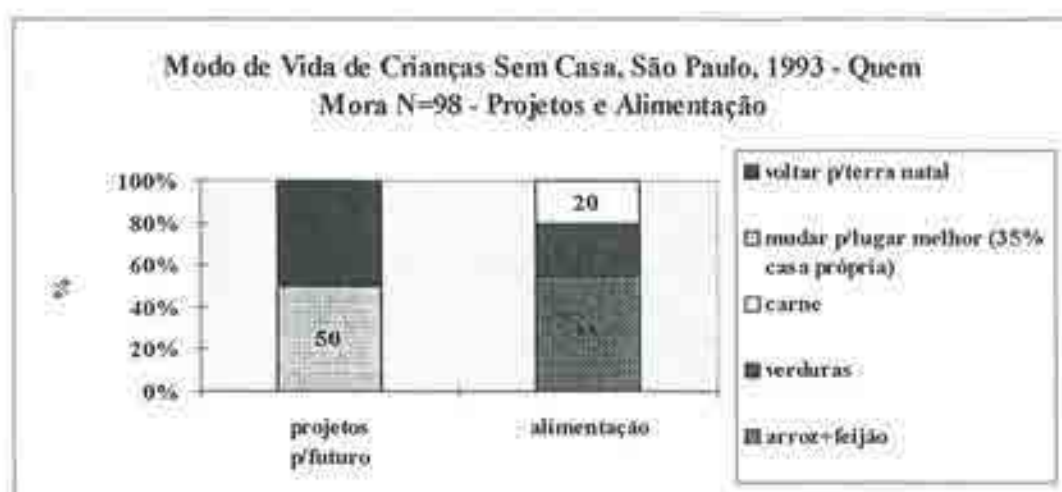


Gráfico 14: Projetos para o futuro e Alimentação dos moradores sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993

O dinheiro era administrado apenas por um dos membros do casal (11), geralmente o pai (7), enquanto seis casais administravam em conjunto.

Alimentavam-se basicamente de arroz e feijão (100%), quatro famílias acrescentavam verduras ao cardápio, e três, carne (gráfico 14). Duas famílias não souberam dizer quantas refeições faziam por dia; dez famílias, faziam 3 refeições diárias; quatro, apenas duas, e uma, 4 refeições diárias.

Em resumo: a nossa amostragem era de famílias migrantes nordestinas, chegadas há um ano em São Paulo, basicamente formada por famílias nucleares porém frequentemente acrescidas de parentes ou com parentes morando no agrupamento. Casais jovens, entre 20 e 30 anos, com uma média de 2.5 crianças e 5 pessoas por casa. De nível educacional baixo, apenas a metade das crianças frequentava a escola, em séries atrasadas com relação à idade. 65% das crianças já nasceram em São Paulo. O motivo para morarem no local era a possibilidade de trabalho, realizado pelos homens, quer em uma transportadora próxima ou outros trabalhos. Moradores de treze moradias tinham algum trabalho fixo, três viviam de bicos e três eram pedintes. Os homens tendiam a administrar o dinheiro. Desejariam retornar à terra natal e/ou mudar para imóvel próprio. Alimentavam-se basicamente de arroz e feijão, geralmente três vezes ao dia.

3.3.3. Como moram: as casas

As casas consistiam de quartos (20), cozinha (18), sala (13), banheiro (11) e dispensa (1) (Gráfico 15). Estes “cômodos” se combinavam em: quarto/sala (5), sala/cozinha (3), quarto/sala/cozinha (3). Seis casas possuíam 3 cômodos, seis, 2 cômodos; quatro, 4 cômodos; uma, 1 cômodo e uma, 5 cômodos. Apenas uma tinha divisória de bloco.

As paredes eram de madeira (16), tipo compensado e raramente tijolo e alvenaria (4) (Gráfico 15). O teto era fornecido pela estrutura da ponte mas algumas casas (6) eram recobertas de madeira e 4 tinham telhas. Nas demais (10), uma combinação de plástico, madeira e papel, era utilizada para restringir a sujeira e a umidade.

Apesar da precariedade da construção, a estrutura do viaduto tornava as casas seguras fisicamente. Contudo, havia “insegurança social”, segundo os moradores, com brigas e tiroteios. Além disso, havia o tráfego pesado da via expressa e a presença de ratos como índices de insegurança física.

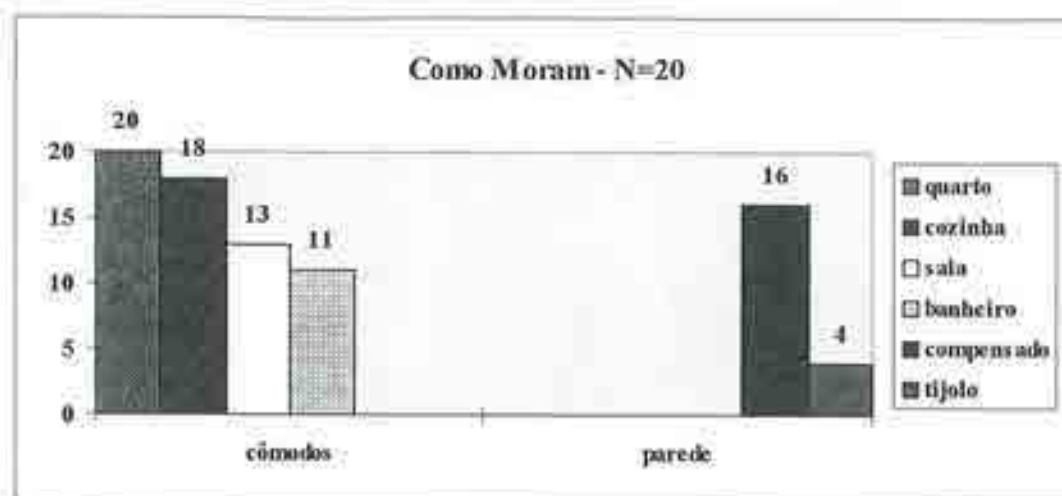


Gráfico 15: Tipos de cômodos e de paredes das moradias sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993

O solo era de terra batida (3) ou concreto (5), com cobertura (borracha ou carpete, 13). As divisórias eram de cortinas (13), compensado de madeira (8), e móveis (2). Pode-se observar paredes empapeladas com renda e papéis utilizados em computador (Gráfico 16).

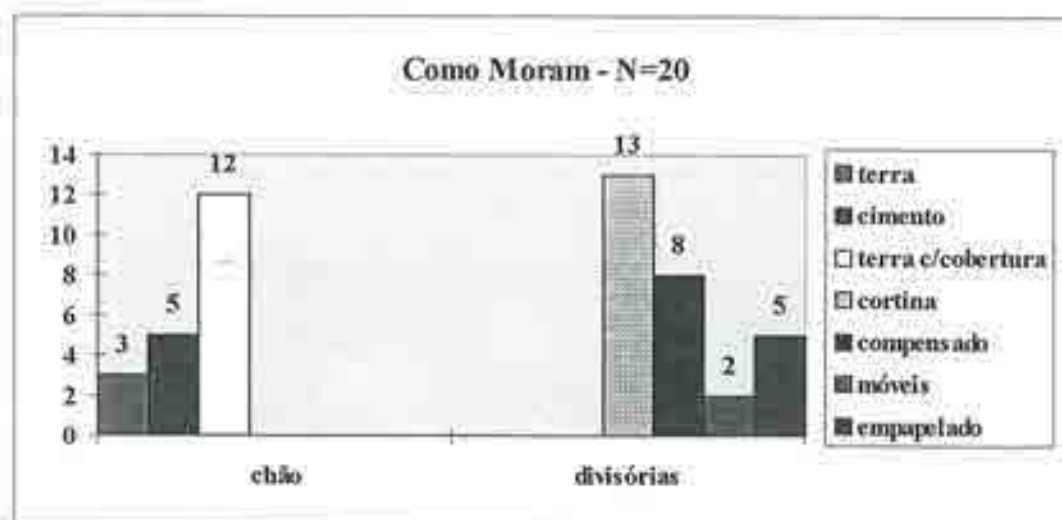


Gráfico 16: Tipos de revestimento do solo e de divisórias das moradias sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993

Todas as casas possuíam instalação elétrica. Quatro casas tinham uma única torneira interna, e as outras utilizavam-se de torneiras de terceiros, armazenando água em baldes e latas.

Os banheiros eram instalações precárias que variavam bastante. Em geral, era um espaço pequeno e escuro, separado do resto da casa por tapumes ou cortinas. Apenas uma casa tinha porta no banheiro. As necessidades fisiológicas eram feitas em latas, mas havia 5 banheiros com privadas sem água corrente. Uma privada estava instalada sobre um barril. Quando este se enchia, era esvaziado. Em outras, a água escorria para a guia da estrada. O banho era tomado a partir de latas ou de chuveiros improvisados, havendo apenas um chuveiro instalado.

As condições de ventilação em 12 casas eram más assim como a luminosidade era má em 19 casas. Embora sem receber sol devido ao viaduto, não foi observada umidade.

As casas estavam arrumadas, exceto cinco (Gráfico 17). Doze estavam ornamentadas em quantidade "média", quatro "pouco", três "muito" e uma não tinha enfeites (Gráfico 17). Os ornamentos eram: tecidos (14), motivos infantis (12), religiosos (11), pôsteres (10),

familiar (8), cultura (5) e "vivo" (2). Havia calendários em 11 casas, em um total de 18 calendários. Objetos utilitários eram usados como enfeites (6). Havia brinquedos em 14 casas.

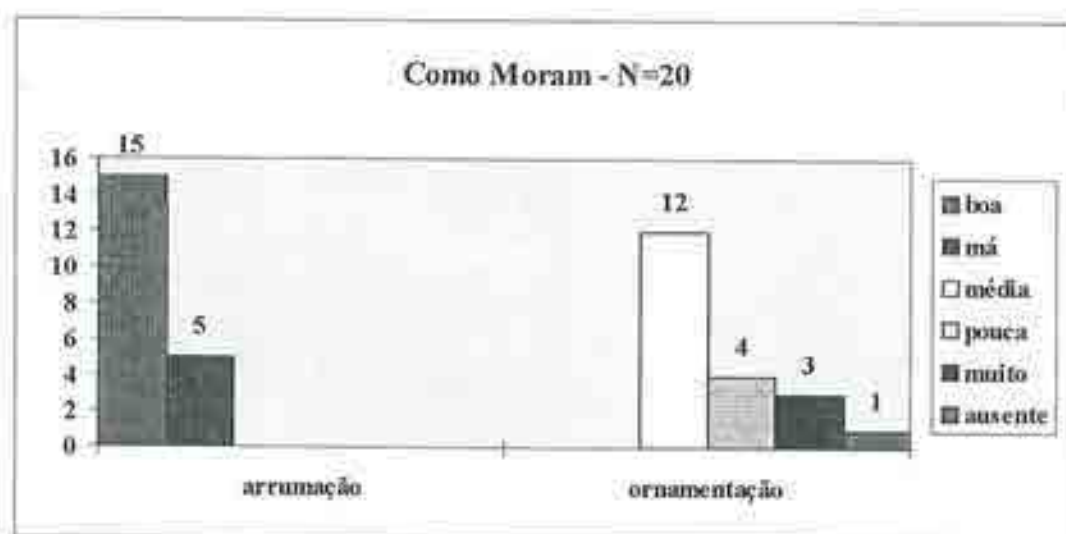


Gráfico 17: Qualidade da arrumação e quantidade de ornamentos das moradias sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993

As casas estavam mobiliadas com camas de casal (13), de solteiro (18), berço (5), sofás (10), mesa (14), armário de cozinha (10), guarda-roupa (9), estante (8). Possuíam fogão (17), TV (10), aparelho de som (7), geladeira (5) e máquina de costura (1) (Gráfico 18).

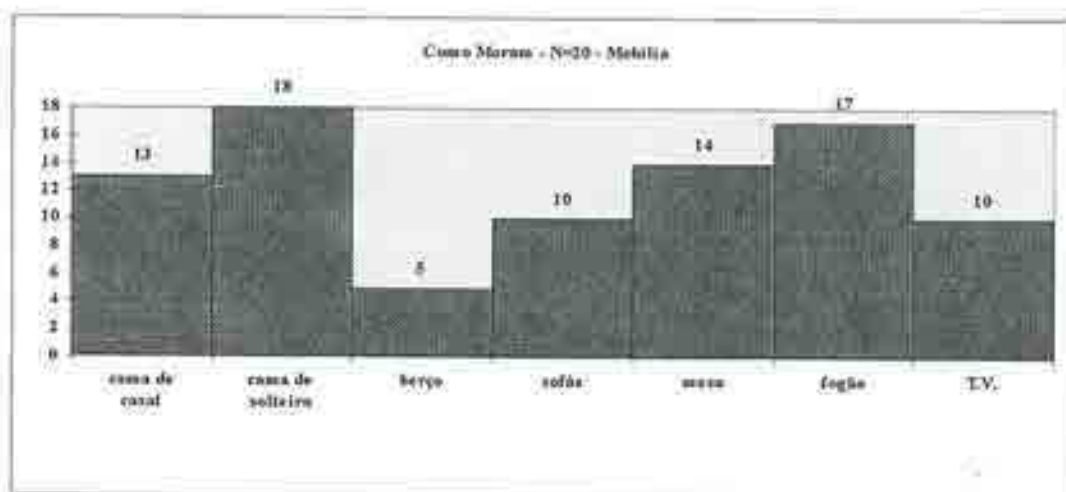


Gráfico 18: Tipos de mobília das moradias sob o Viaduto do Tatuapé, São Paulo, 1993

A casa servia, pois, basicamente, para dormir e comer, com um "índice de intimidade", relação pessoa/cama, de 2:1, ou seja, duas pessoas por cama. Não havia portas entre os cômodos. Mediam em média 31 m² variando de 12 a 45 m², média de 27 m², tendo pois 5 m² por pessoa e uma relação morador/cômodo de 1,7, um índice próximo ao ponto crítico quer como espaço quer na relação de pessoas por cômodo.

Enquanto pode-se observar cuidados com a ordem e arrumação das casas, preocupação com o banho de crianças e adultos, lavagem de roupas, a ruela interna que representava a via pública do agrupamento, achava-se suja com vários tipos de detritos, inclusive água servida que corria a céu aberto.

Essas casas transformavam-se a cada visita, assim como havia uma movimentação intensa de adultos e crianças, entre as casas e na ruela interna.

CASA 8, GRUPO DE ASSENTADOS: 81. COZINHA E BANHEIRO
82. DECORAÇÃO
83. MADONA E MADONA

(fotos: MFNS)



Grupo de assentados

DECORAÇÃO:

**84. DECORANDO
AS COISAS**

(foto: ANM)

**85. DECORANDO
DESENHANDO**

(foto: ANM)

**86. DECORANDO
COM AS COISAS**

(foto: HH)



Parte II

A análise da casa

A análise da casa

Nesta segunda parte, serão apresentados os procedimentos de análise dos dados e principais resultados de interpretação dos mesmos, dados estes coletados no desenrolar dos três estudos de caso, vistos independente e/ou articuladamente.

Será organizada de forma que cada item/capítulo venha corresponder a uma das categorias conforme descrito no método.

Cada capítulo será acompanhado de fotos como um "texto visual" tão importante para a compreensão do trabalho quanto o texto escrito.



A CONCHA E O ORNAMENTAL



Capítulo 1

A CASA COMO SÍMBOLO: A Relação Mãe-Criança

1.1. INTRODUÇÃO

Para Gaston BACHELARD¹, “todo espaço verdadeiramente habitado, leva a essência da noção de casa”, a casa e seus significados sendo símbolos dos espaços habitados interiormente. “Antes de ser ‘atirado no mundo’, (...) o homem é colocado no berço da casa. E, sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço”.

Henri LEFEBVRE² distingue entre *habitat*, uma função simplificada, restringindo o ser humano a alguns atos elementares, como comer, dormir, reproduzir-se, e *habitar*, um espaço produzido socialmente, um fato antropológico expresso nas suas produções materiais e simbólicas, uma *apropriação*³.

Maité CLAVEL⁴, igualmente, opõe a riqueza semântica e imaginativa do habitar em relação à secura funcional do *habitat*⁵: teria soado a hora do *habitat* no sentido antigo,

¹ BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p.200/1.

² LEFEBVRE, H. Préface. In: RAYMOND, H.; HAUMONT, N. et al. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, ISU/Centre de Recherches d'Urbanisme, 1966.

³ Para LEFEBVRE (*Du rural à l'urbain*. Paris, Anthropos, 1970. p.173), apropriação é a transformação da natureza - o corpo e a vida biológicas, o tempo e o espaço dados - em bens humanos. É a meta, o sentido, a finalidade da vida social. Segundo Carole DESPRÉS (The meaning of home: literature review and directions for future research and theoretical development. *The Journal of Architecture and Planning Research*, v.8, n.2, 1991. p.102), para a visão fenomenológica, a “ornamentação, manutenção e cuidados domésticos são evidência de um impulso para apropriar”, sendo “a apropriação um dos processos temporais através dos quais a casa é experienciada”.

⁴ CLAVEL, M. Éléments pour une nouvelle réflexion sur l'habiter. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 1982, v.72. p.18.

⁵ Nas traduções dos textos, em francês e inglês, algumas vezes, optamos por deixar a palavra na língua em que foi expressa ou colocá-la entre parêntesis ao lado da tradução. Outras vezes, como no caso de *habitat* e *habitar*, a coincidência nas duas línguas facilitou a tarefa. Contudo, vários problemas teóricos subjazem ao uso das terminologias. Na tradução, confrontamo-nos com, pelo menos, dois problemas teóricos: de um lado, a casa no cruzamento entre patrimônio material e herança simbólica, e de outro lado, como residência/ território ou como parentesco/ família. Em português, casa tanto é parentesco quanto território no sentido de co-residência, mas não temos o sentido de “casa de” ou “maison de” como ancestralidade. Optamos, algumas vezes, por traduzir “casa” como *moradia* apenas para reforçar o significado do *home/chez-soi*. Apenas as palavras *domicilio* e *habitat* não podem ser traduzidas como casa devido à sua ligação com a *rua*, onde a casa perde o sentido do *home/chez-soi*. Contudo, tanto *demeure* quanto *dwelling* contêm uma acepção de caráter filosófico, *de/o ser*, que expandem a noção de casa para algo além dela.

Pascal AMPHOUX e Lorenza MONDADA (Le chez-soi dans tous les sens. *Architecture & Comportement/Architecture & Behavior*, v.5, n.2, 1989) discutem, de modo instigante, a origem etimológica da expressão *chez-soi*, em francês, concluindo haver uma identificação do *chez-soi* ao lugar do *logis*, ou seja, do “lar” à casa, devido aos hábitos culturais de uma civilização sedentária e à materialização dos desejos, necessidades, representações do sujeito por uma sociedade de consumo (p.137). Classificam esta visão de *normativa*, funcionalista, reducionista e positivista, que objetiva o imaginário e onde o “lar” representa permanência, estabilidade ou segurança, privilegiando as figuras

substituído por casas - corredores onde circula tudo, principalmente ar e luz, e que vêm com o signo da transparência, não apenas dos espaços mas também do tempo⁶.

Gaston BACHELARD⁷ pensa a casa como concha / refúgio essencial / abrigo primeiro / ventre, onde "o ser reina em uma espécie de paraíso terrestre da matéria, fundido na doçura de uma matéria adequada"⁸ enquanto Henri LEFEBVRE⁹ a vê como um espaço aberto para o mundo, ligado a uma materialidade concreta e socialmente produzida. Para Michel RAUTENBERG¹⁰, no quadro teórico da produção social da habitação, "a proteção perde suas dimensões psicologizantes ou ontológicas para se inscrever em uma *praxis* da vida doméstica".

Maité CLAVEL¹¹ sugere a tenda nômade como uma moradia que une estas duas acepções do morar, uma dirigida para a casa sonhada e seus valores de intimidade, a outro dirigida ao mundo, para a ação no mundo. Considera a tenda como um abrigo primeiro porque mínimo e irreduzível, que nega a importância da solidez da habitação, ligado não a lugares mas a paisagens, que ocupa um território partilhado com um grupo. "Os Estados modernos lutam para suprimir este modo de vida, de organização coletiva e de uso de solo, incompatíveis com o parcelamento dos espaços, o esmigalhamento do tempo e das atividades".

A maior parte dos estudos enfocando a casa e seus interiores tem se dedicado ao estudo do *habitat*, devido à prevalência de aspectos sociológicos; ou, no polo oposto, estudos a partir da fala, seja através de uma análise psicanalítica e/ou fenomenológica, seja através da criação de categorias a partir do discurso¹².

espaciais de fechamento e imobilidade, em contraposição a uma visão *generativa*, que se pergunta sobre as possibilidades de uma identidade subjetiva em uma relação dinâmica e nômade com o espaço. A uma corresponderia uma visão homogênea, indiferenciada, estável e universal do espaço, que se exprime por objetos a serem possuídos, enquanto a outra se refere a um espaço heterogêneo, qualitativamente vivido, onde há produção de sentido e não posse, ou seja, não propriedade no sentido de posse mas propriedade no sentido de apropriação, de qualidade própria a um espaço, de *espaço próprio*. Este espaço próprio, para os autores, seria *auto-objetivante*, designando o "movimento mesmo da objetivação, na ocorrência, ele encontra uma objetividade no *chez-soi* que ele constitui" (p.140), ou seja, a mediância conforme objetivada no ornamental.

Embora concordando com os autores sobre o viés normativo, "reacionário e racista" (Amphoux, op. cit., p.139) da visão funcionalista, preservamos o conceito básico de "berço" - dada a atividade básica de continente-continência (*holding*) da maternagem - relativizado historial-sócio-culturalmente.

⁶Walter BENJAMIN, apud Clavel, op. cit., p.18. Esta citação traz a importante questão da transparência, como oposta à opacidade, discussão à qual retornaremos nos capítulos "Casa como Tempo" e "Casa como Poética".

⁷*A poética do espaço*, op. cit., p.201 ss.

⁸Idem, *ibidem*, p.202.

⁹*Préface*, op. cit.

¹⁰RAUTENBERG, M. *La mémoire domestique: anthropologie et histoire de la maison rurale des Monts du Lyonnais (XVIIe - Milieu XXe siècles)*. Paris, 1990. Tese - Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales. p.551.

¹¹*Éléments pour une nouvelle réflexion*, op. cit., p.27-8.

¹²Carole DESPRÉS (The meaning of home. *The Journal of Architectural and Planning Research*, v.8, n.2, Summer 1991. p.92-113) reviu a literatura, principalmente empírica americana entre 1974 e 1989, sobre o significado da casa, classificando-a em quatro modelos principais de interpretação: territorial, psicológica, sócio-psicológica e fenomenológica desenvolvimental. As principais categorias pelas quais a casa é analisada segundo seus ocupantes são: segurança e controle; reflexo dos próprios valores e idéias; auto-expressão; permanência e continuidade; relacionamento com família e amigos; centro de atividades; refúgio do mundo externo; indicador de *status* pessoal; estrutura material; lugar para se ter. DESPRÉS critica os estudos revistos segundo dois vieses principais: o viés seletivo quanto ao tipo de casas e famílias estudadas (famílias nucleares e casas privatizadas) e o viés interpretativo (negligência dos fatores macro - social e material). Aponta, face a esses vieses, a filosofia romântica como fonte de um tipo de discurso moralista, e a propriedade individual como um símbolo da

Nosso caminho foi outro

Nós abordaremos a casa como simbólica da maternagem, ou seja, como uma representação da relação mãe-criança em sua função uterina (*holding*) a partir da observação das casas/moradias.

Neste sentido, a casa pode ser vista como um meta-símbolo, ou seja, um símbolo dos outros símbolos. Isto ocorre devido a dois motivos:

1. porque ela está na origem da capacidade de simbolização;
2. porque ela configura o primeiro símbolo.

Através da maternagem, a criança obtém os cuidados que a fazem paulatinamente aceitar as frustrações e desistir do pensamento onipotente. A mãe passa a existir permanentemente e a ser cuidada reciprocamente aos cuidados recebidos pelo bebê.

O símbolo é casa porque através dele o homem cria a sua bolha.

Os objetos transicionais são proto-símbolos.

1.2. DEFINIÇÃO DE SÍMBOLO

Eda TASSARA¹³ compilou as seguintes definições de símbolo:

- aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa;
- aquilo que, por sua forma ou sua natureza evoca, representa ou substitui algo abstrato ou ausente;
- aquilo que tem valor evocativo, mágico ou místico.

Estas definições dão conta, em essência, das questões que envolvem os símbolos e a capacidade neles implícita, a de simbolização. Embora equivalentes, representar ou substituir apresentam certas diferenças: enquanto re-apresentar não implica necessariamente em perda, substituir significa que algo se perdeu e algo é colocado em seu lugar. A mesma diferença se encontra no segundo termo da definição pois abstrato se contrapõe a concreto, enquanto ausente se contrapõe a presente.

As diferenças acima evocadas ligam-se a duas definições de símbolo, em psicologia, oriundas de duas maneiras de se estudar e focar a simbolização: uma decorre do que podemos chamar, algo genericamente, de abordagens cognitivistas, a outra, de abordagens "psico-dinâmicas"¹⁴.

democracia, "the american way of life". As propriedades formais da casa, os tipos morfológicos, as propriedades materiais do ambiente construído influenciariam as experiências de e sobre a casa, o que, a maior parte dos estudos, não considera.

¹³ Para a exposição idealizada por Orietta del SOLE (*Símbolos, amuletos, talismãs*, SESC - Pompeia, 1995).

¹⁴ Este tema foi amplamente discutido no Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento Humano, por ocasião da vinda do Prof. DOLLE, em 1992, a convite do CDH. Estas discussões foram coordenadas pelo Dr. Cláudio SALTINI. Nestas discussões, o desenvolvimento afetivo foi visto como criador de sentido, em uma relação sincrônica e diacrônica com o desenvolvimento cognitivo. Neste trabalho, estamos supondo que o processo de simbolização decorre de tendências agressivas do indivíduo mobilizadas pela perda do corpo materno-onipotência, e substituídos por "símbolos" deste corpo: os objetos transicionais, que variam segundo as diferentes práticas sócio-educativas. Igualmente, para Géza ROHEIM (apud MICELA, R. In: *Antropologia e psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1984. p.21), "a unidade psíquica do gênero humano se constitui a partir de um *fundo mítico* comum à humanidade, determinado pela relação mãe-filho. A disposição para elaborar símbolos teria seu próprio fundamento nessa situação originária. Esse *originário* é universal porque é algo constante em toda cultura: uma entidade que se põe acima dos indivíduos e das sociedades. Fundamento do "inconsciente coletivo", essa relação explicaria o simbólico e o social. Seria no interior da dinâmica psíquica dessa relação que toda cultura se formaria". Esta visão afasta-se da de FREUD e aproxima-se da de Melanie KLEIN, segundo a autora, para quem os fundamentos da vida psíquica dar-se-iam na relação mãe-bebê.

89. A CASA COMO SÍMBOLO



Créditos das imagens utilizadas no cartaz exposição Símbolos Amuletos Talismãs:

• Jean Cocteau, porta de entrada da Capela Saint-Pierre à Villefranche-sur-Mer In "Le Jardin des Arts" pg 670 - Editions Tallandier - 1957 • Albrecht Durer, Mapa celeste do Hemisfério Norte In "Los Maestros Del Grabado" pg 42 - Joaquin Gil Editor - 1953 • Salvador Dalí, Olho do Tempo (relógio) • In "Storia dei Gioielli" pg 292 - Ed Instituto Geográfico de Agostini - Novas Manuscrito do Rajasthan (sec XIX), Diagrama Ilustrando a Eterna recorrência das sete fases do Universo • In "The Tantric Way" pg 54 - Ed Thames and Hudson - London • Fotografia de aura kirliana in "Poderes de Cura" pg 79 - Ed Abril - Time Life • Pintura Rupestre - Norte da África in "Sette sono passate e l'ottavo sta passando" pg 32 - Aldo Martello Editore • Luiz Montforte, Pintura rupestre - Serra da Capivara Piauí como cedido pelo autor • Concha de caracol nautilus in "Matemáticas" pg 92 - Ed Life - 1965/Pieter Brueghel, A Torre de Babel, 1563 In "El Gran Libro de Las Supersticiones" pg 191 - Ed Robinbook, 1992.



Jean Cocteau, porta de entrada da Capela Saint - Pierre à Villefranche-sur-Mer In "Le Jardin des Arts" pg 670 - Editions Tallandier - 1957

De maneira genérica, para a teoria piagetiana¹⁵, a função simbólica é a capacidade de re-presentar algo em sua ausência, sendo um predicado do aparelho cognitivo ou da função epistemológica, enquanto para teorias psicodinâmicas, os símbolos são produzidos afetivamente e sinalizam os conteúdos da vida psíquica. Para YUNG¹⁶, os símbolos seriam como guias, "luminosos", vindos da longa evolução do ser humano, anteriores, em certo sentido, à própria pessoa que simboliza, decorrentes de um inconsciente coletivo, enquanto FREUD¹⁷ coloca os símbolos como expressão das fantasias, do mundo fantasmagórico, decorrente da repressão de impulsos¹⁸.

¹⁵ A teoria piagetiana está sendo comentada a partir de PIAGET, J. *Biologie et connaissance*. Paris, Galaram, 1967; PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1984, 12. imp.; PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975, 2.ed.; RAMOZZI-CHIAROTTINI, Z. *Piaget: modelo e estrutura*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972. Para ROCHBERG-HALTON (Csikszentmihalyi, M., Rochberg-Halton, E. *The meaning of things*. London, Cambridge Univ. Press, 1981, p.42), a teoria de PIAGET não é verdadeiramente interacionista porque os esquemas são *a priori* formas de pensamento e o ambiente apenas serve para facilitar o surgimento destas estruturas. Os objetos da interação não têm nenhuma característica intrínseca que, por si só, podem afetar as categorias de pensamento: qualquer objeto pode ser substituído por outro sem trazer uma diferença significativa sobre o sujeito. Para os autores (op. cit., p.43), as *transações* com os objetos podem ser tanto representativas - um *modelo* de algum aspecto do ambiente - quanto ser ativamente estimulante e criativa - um *modelo para* o ambiente. A partir deste segundo aspecto, criticam as teorias de PIAGET, FREUD, YUNG e DURKHEIM pela sua abordagem estruturalista dentro de uma tradição cartesiana que vê o significado ocorrer por causa de estruturas da mente, não pela experiência; por causa da *lingua* (o sistema geral da linguagem), não da *palavra* (o ato do fala ou interação reais); por causa da forma, não do conteúdo. Nestas visões, o *self* é colocado à parte de seu ambiente e o mundo (...) se torna mera fachada mascarando idéias subjacentes (p.42). Nossa discussão encaminha-se para esta mesma direção ao apontarmos as diferenças entre um mundo "abstrato" e um mundo "concreto" em sua materialidade.

¹⁶ Para Carl YUNG (*Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976), "um símbolo vivo é o que (...) constitui a máxima expressão possível do pressentido, mas ainda não conhecido" (p.546).

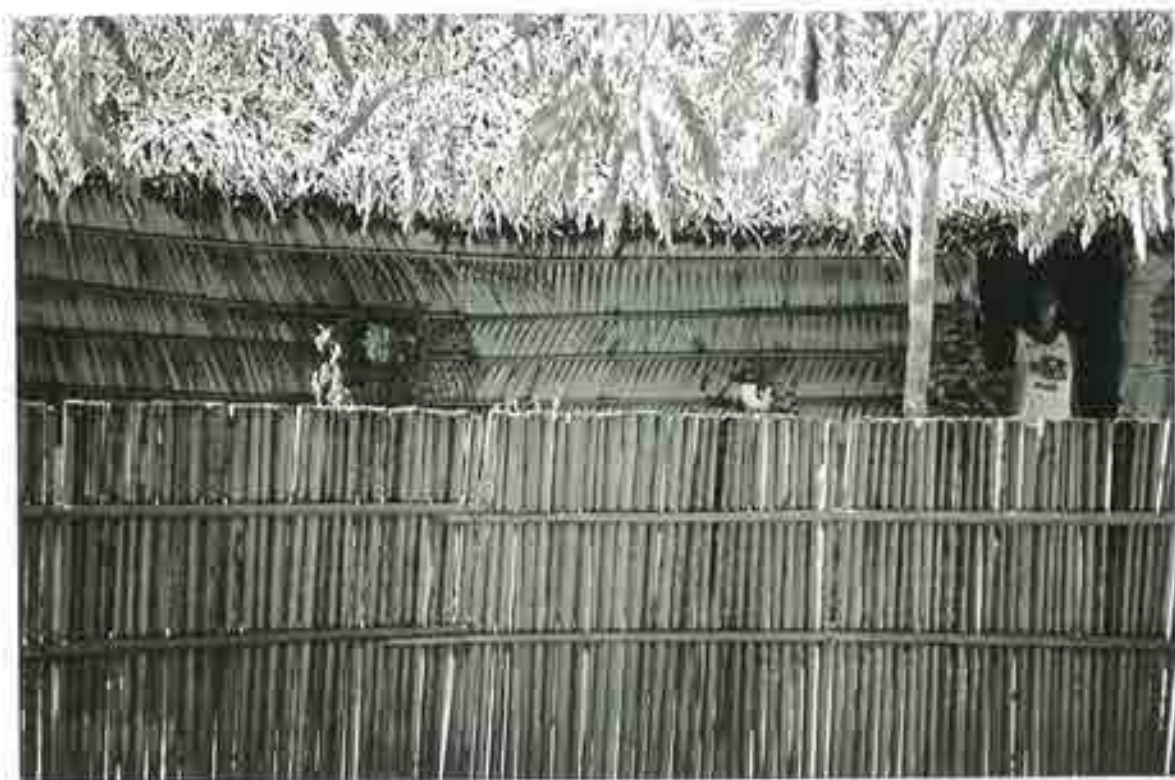
¹⁷ Para Sigmund FREUD (*La Interpretation de los sueños. Obras completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1948), "as habitações são símbolos da mulher e seus acessos significam as aberturas do corpo humano. A maioria dos símbolos oníricos serve para representar pessoas, partes do corpo e atos que possuem interesse erótico" (p.255). "A relação simbólica parece ser um resto e um signo de uma identidade antiga" (p.429) (identidade entre o conceito e a expressão verbal). "Nos sonhos, o símbolo é usado para a representação disfarçada de suas idéias latentes" (p.430).

¹⁸ Mihaly CSIKSZENTMIHALYI e Eugene ROCHBERG-HALTON (*The meaning of things*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981), concluem que "homens e mulheres põem ordem em si próprios, isto é, "recuperam sua identidade" primeiro criando e depois interagindo com o mundo material. A natureza desta transação determinará, em grande medida, a pessoa que emerge. Assim, as coisas que nos cercam são inseparáveis do que nós somos. Os objetos materiais que usamos não são apenas instrumentos (...); eles constituem a moldura de experiência que dá ordem aos nossos de outro modo "eus" sem forma" (p.16). Face a isto, criticam as posições de FREUD e mesmo de YUNG na medida em que os "objetos", para estes autores e seus seguidores, são "relações objetais", ou seja, são objetos internos. Para FREUD, "não é um objeto em sua concretude que produz uma transformação simbólica mas o objeto como uma abstração" (p.23). Igualmente WINNICOTT seria reducionista na medida que ele também não atribui um significado presente e um significado futuro projetado sobre o objeto, mas apenas uma relação passada. YUNG, embora assinalando um papel mais ativo aos símbolos, dotados de um potencial transformador e não apenas ajustador, também assume-os como entidades abstratas. "Como Freud, Yung também não estava interessado na experiência real que as pessoas têm em suas vidas com objetos concretos. Ele também focalizou apenas as propriedades visuais ou funcionais dos objetos, em uma idéia platônica das coisas, antes do que sobre seu impacto na transação que as pessoas têm com elas em um contexto existencial" (p.25).

90

CASA CESTA

(Piauí)



Estas duas acepções, complementares, são fonte de desacordo entre especialistas pois a função simbólica, base da cognição, não equivale à simbolização, base da vida afetiva¹⁹. Uma das diferenças básicas está contemplada nas definições acima referidas: a diferença entre representar e substituir. As teorias cognitivistas assumiriam o símbolo como representação, enquanto as psicodinâmicas, fazem-no como substituição.

No presente trabalho, estamos nos filiando ao segundo grupo de teorias, e propondo a casa como um substituto do útero-maternagem sócio-historicamente construído. Nesta mesma direção, estamos também assumindo a terceira definição de símbolo: a de algo que tem um valor evocativo, mágico ou místico.

1.3. A CASA COMO META-SÍMBOLO

A casa pode ser considerada um meta-símbolo, ou seja, um símbolo dos símbolos. Por exemplo: o cartaz (Foto-página 37) idealizado por Orietta del SOLE²⁰ para simbolizar o símbolo continha uma reprodução da Torre de Babel de Brueghel, desenhos rupestres de cavernas no Piauí, a "casa" de um caracol e a porta de entrada da Capela Saint-Pierre em Villefranche-sur-Mer.

A casa é um meta-símbolo, em primeiro lugar, porque ela substitui o útero, em suas funções de proteção, sendo uma extensão e um reflexo da maternagem. Em segundo lugar, porque, ao fazer isto ou por fazer isto, isto é a simbolização. A maternagem é tanto a fonte da simbolização quanto configura o primeiro símbolo. Devido a isto, a casa permanece como uma espécie de símbolo original, pois denota a origem-útero-terra-caverna-montanha, e conota a vida relacional que está na origem do psiquismo humano²¹.

¹⁹ Poderiam corresponder a sistemas lógicos e de significação, segundo TASSARA. Ver: HEGEMBERG, L.; RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z.; TASSARA, E.T.O.; BATRO, A. Distinção entre o sujeito epistêmico e sujeito psicológico em Psicologia Social: o paradoxo indivíduo-sociedade. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 22., Buenos Aires, 1989. Abstracts. Buenos Aires, Sociedade Interamericana de Psicologia, 1989. p.354; RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. Sistemas lógicos e sistemas de significação na obra de Jean Piaget. *Psicologia-USP*, v.2, n.1/2, p.21-3, 1991.

²⁰ Na exposição supracitada na nota 13.

²¹ "Desde o paleolítico superior, a tomada de posse do tempo e do espaço por intermédio de símbolos se traduziu pela criação da casa" (LEROY-GOURHAN, A. *Le geste et la parole*. Paris, Albin Michel, 1977. p.140).

"A vida começa bem, ela começa fechada, protegida, toda morna no colo da casa que é um grande berço, nosso primeiro universo. Sem a casa, o homem seria um ser disperso. Espaço fechado primitivo e conservador dos arquétipos, ela realiza a síntese do imemorial e da lembrança" (BACHELARD, G. A poética do espaço. In: *Bachelard*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p.201).

"A casa, isomorfa do nicho, concha, colo materno, reproduz as duas sensações principais do ser primitivo: o calor e o dentro" (p.73). "A casa é (...) ordem objetivada nas coisas, suportes materiais dos rituais cotidianos, espaços codificantes da socialização, percursos e gestos, jogos do corpo, toque de substâncias e objetos, imagens e símbolos essenciais. Ela é o contrário de uma caixa de morar; é a síntese mais profunda de nós mesmos, porque mesmo sem nos lembrarmos de nossa casa de infância, saímos de seu ventre e permaneceremos para sempre marcados por ela". "E' sempre possível construir uma casa imaginária no interior de todo espaço habitado, qualquer que seja ele" (p.80) (KAUFMANN, J.C. *La chaleur du foyer*. Paris, Meridiens Klincksieck, 1988).

Clara COOPER (The house as symbol of the self. In: PROSHANSKY, H.M. et al., eds. *Environmental psychology*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1976. p.435-48) assume a *casa-como-símbolo-do-self* como uma manifestação do inconsciente coletivo, ainda em contato com um simbolismo arquetípico de não separação eu/não eu; "o assim chamado adulto normal, tendo sido socializado com respeito ao *self* e ao ambiente como separados e totalmente diferentes, está quase fora de contato com a realidade da unicidade do ambiente que crianças pequenas, esquisofrênicos, povos

1.3.1. A casa como categoria estético-antropológica: o ornamental

Para ALTMAN e CHEMERS²², uma das definições de território é que seus ocupantes personalizam os lugares de algum modo - animais por secreção, excreção e barulhos, e humanos pelo uso de símbolos e artefatos como cercas e sinais²³. No lugar de marcas olfativas, no ser humano, predominam marcas visuais²⁴.

Com base em evidências arqueológicas, como o túmulo de Shanadir, do Neanderthal e do Cro-Magnon, Stonehenge e a Ilha de Páscoa, altares feitos de/com pedras, podemos supor

iletrados e adeptos de certas religiões orientais aceitam completamente". A força do símbolo *casa* viria da casa simbolizar o *self* "desde que este deve ser um arquétipo tão universal e quase tão arcaico quanto o próprio homem, o que explica a universalidade de sua forma simbólica, a casa" (p.447).

²²ALTMAN, L.; CHEMERS, M. *Culture and environment*. Monterey, Brooks/Cole, 1984. p.121.

²³A questão da territorialidade animal e humana envolve a questão "biológico/inato X aprendido/adquirido". ALTMAN e CHEMERS (op. cit.) dedicam um capítulo a este tema, colocando como uma das funções do comportamento territorial humano o manejo da identidade pessoal na sua articulação entre o *self* e o outro, seja este *self* um indivíduo ou um grupo. Ao personalizar, marcar, expressar, estabelecer e manter a auto-identidade, o indivíduo controla o acesso e a privacidade, referida ao estabelecimento do distanciamento eu/outro. Contudo, os próprios autores apontam tantos modos diferentes de ocupar o território, inclusive por *marca* ou por *ocupação*, que sugerem que a oposição acima referida deverá ser respondida por soluções de compromisso, ou seja, nem a territorialidade é inata nem adquirida, havendo uma composição entre estes dois termos. Enquanto os povos de caça e coleta tiveram vários usos do território, o advento da vida agrícola e do pastoreio, teria aumentado a territorialidade humana.

Roderick LAWRENCE (*Housing, dwelling and homes*. New York, John Wiley & Sons, 1987) discute o conceito evolucionista aplicado à casa vernacular concluindo que, apesar de alguns esforços terem sido feitos neste sentido, não resultaram significativos, devido, a seu ver, à dialética sócio-cultural implicada em todo ambiente construído.

Simone ROUX (Les habitations humaines et l'histoire. In: *La maison dans l'histoire*. Paris, Albin Michel, 1976), assimila a visão do homem como um "animal territorial" a uma postura ideológica liberal de defesa da propriedade privada como um "comportamento inato". Para ela, não se deve confundir "a necessidade de um abrigo, de um ninho, de um 'território', que o homem compartilha com outros animais, com as formas particulares, historicamente definidas, pela qual uma sociedade satisfaz socialmente esta necessidade. (...) Atrás desta argumentação que nos 'aproxima' dos animais, descobre-se o cuidado de encontrar bases 'naturais' de uma sociedade determinada, fundada sobre a propriedade privada dos meios de produção. (...) O essencial do debate não está em um estudo comparativo dos comportamentos animais e humanos, mas sobre os problemas da história nesta segunda metade do século XIX (com os partidários do liberalismo e a difusão da propriedade privada da habitação como panaceia universal)" (p.17).

Pascal AMPHOUX e Lorenza MONDADA (Le chez-soi dans tous les sens. *Architecture & Comportement/Architecture & Behavior*. v.5, n.2, 1989. p.139), discutem a passagem da noção de *espaço objetivado* para a de *espaço objetivante*: o primeiro recobriria a noção de território, no sentido animal de um espaço delimitado e defendido, ordem da separação e da medida, onde só se pode penetrar por violação, tendo a conotação de abrigo e de privacidade dos modelos arquitetônicos burgueses, enquanto no segundo haveria não a posse mas o modo de apropriação pelo habitante, ordem da reunião e da criação, e uma des-territorialização no sentido animal (o espaço e seus limites não são mais necessários à definição do *chez-soi*) mas re-territorialização no sentido humano (no sentido de uma delimitação ou de uma orientação mais fundamental do ser em espaços eventualmente muito diferentes).

²⁴A posição ereta, que deu a verticalidade ao *homo erectus*, liberou o uso das mãos e seu desenvolvimento, condicionou o tamanho do cérebro do nascituro e seu posterior desenvolvimento pós-natal, fez também com que o olfato, fundamental para os demais mamíferos, perdesse algo de sua importância e fosse substituído, em suas funções de reconhecimento, pela visão e pela mão, principalmente no uso coordenado visomanual.

que pedras tenham sido utilizadas para demarcar espaços²⁵. Pedras depositadas formaram "ambientes", vistos por todos, e re-fletidas e re-introjetados como "ambientes internos", o lugar do "eu". Assim como o entrelaçar e tecer das "culturas da palha" estiveram, provavelmente, na origem da fundação signica²⁶.

Por outro lado, com base em Edgar MORIN²⁷, queremos apontar a questão da "brecha antropológica" na origem das questões ora em discussão. Para este autor, foi na interseção entre o sonho e o real que se configurou o "*homo demens*", a *hibris* da desordem, o lado delirante, místico, dionisiaco, sofrido, angustiado, do ser humano. A evolução humana não significou apenas o *homo sapiens*, com o seu incrível cérebro hiper-complexo, mas, devido a isto, este cérebro funcionar a partir de possibilidades, virtualidades, erros. A vivência do erro e da separação entre o real e o imaginário seria o fundamento do psiquismo humano, em que haveria uma quebra, uma fenda, uma brecha entre o mundo "natural", ou naturalmente dado, e um mundo imaginário, psiquicamente dado, que ilumina e aterroriza, que colore, matiza e dramatiza a experiência para o próprio ator. Esta fenda seria por onde se produz e se insere a capacidade imaginária que transforma o homem ao refleti-lo: a cultura.

O ornamental, para BONNE²⁸, é uma categoria estético antropológica que configura a culturalidade da cultura. Ele não é um signo entre outros, mas a própria simbolização espacializada. É uma categoria transversal, sem um *topos* único, pois está presente onde houver uma espacialização. É a brecha antropológica na a-topia espacializada. É a mediância

²⁵ "Os antigos romanos tinham uma deidade, *Terminus*, que era o deus dos limites. Em todo o Império Romano podia-se ver as assim chamadas pedras de *Termini*, que tinham a semelhança do deus impressa nelas. Estas pedras eram usadas para separar campos e para definir limites de propriedade". (Stilgoe, apud ALTMAN & CHEMERS, op. cit., p.138) Aniela JAFFÉ (El simbolismo en las artes visuales. In: YUNG, C. et al. *El hombre y sus simbolos*. Madrid, Aguilar, 1966. p.230-71) utiliza-se da pedra para ilustrar a presença e natureza do simbolismo na arte como um tema reiterativo devido à sua significância psicológica permanente.

²⁶ Para Décio PIGNATARI (*Por um pensamento icônico: semiótica da arte e do ambiente urbano*. São Paulo, 1979. Tese de Livre-Docência - FAU/USP), a "maloca" camairá é um trabalho gigantesco de cestaria, com um sistema ortogonal de sustentação central e um sistema reticulado de cobertura e lateralidade, com revestimento de sapê. "É o pensamento icônico que comanda todo um universo" (p.96). "A estrutura primeva, fundamental e fundante da organização da percepção é a relação dialética fundo/figura. Racional e sensivelmente, ela se dá na tecelagem, onde as fibras, retângulos prolongados (e linhas ao mesmo tempo) se paradigmataz, no jogo xadrês textil, no perfeito e absoluto paramorfismo (trocadilho) dos quadrados" (p.105). No *paramorfismo*, os traços exteriores são trazidos para o interior dos próprios signos, que assim buscam imitá-los concretamente, passando a dominantes, num processo de similitude conhecido por paranomásia (trocadilho), donde o paramorfismo, mais amplo e genérico, que comanda a signagem da arquitetura, do urbanismo e da música (p.71). *As plantas* (arquitetônicas) se ligam a plantações: a cidade replica, em pedras e chão, as configurações e técnicas do cultivo da terra; *praedium*, para os romanos, era a herdade limitada por seus marcos, sendo a *presa* mais cobiçada de conquista - *terrae presa*, donde *presidio*, *preda*, *predação*, *predatório*, de um lado, e *posse*, *poder*, de outro (p.100). *Urbe* (e *orbe*) vêm do latim *urbum*= curvo, para designar o pau curvo dos primeiros arados. "No campo, lançam-se as sementes, crescem as plantas; na cidade, abrem-se as ruas, plantam-se as pedras, nascem as edificações" (p.101). "A transa e a trança reticulares da esteira e do cestario já são a reticula do clichê, do papel milimetrado, do computador analógico e do vídeo". "A tela não é metáfora: é um paramorfismo natural que virou paramorfismo artificial, ou seja, signagem. O suporte gera a idéia paramorficamente, numa relação isomórfica infra-estrutura/ super-estrutura." (p.102). "Texto vêm de *textil*: primeiro veio a similaridade, o icone; depois a contiguidade, o simbólico-verbal" (p.103). O texto-textil da presente *tesitura* voltará, recorrentemente, a este tema.

²⁷ MORIN, E. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p.101-18. "A arrebatção do imaginário, as derivações mitológicas e mágicas, as confusões da subjetividade, a multiplicação de erros e a proliferação da desordem estão ligadas aos prodigiosos desenvolvimentos do *homo sapiens*" (p.117).

²⁸ Ver Introdução.

- o ser-humano, o fazer-se homem no fazer-se espaço. É o momento estrutural e estruturante do ser-humano, onde o ser encontra o Outro, e produz a cultura.

O ornamental, portanto, é uma condição da humanidade que conduziu a humanidade. Ele reflete a condição de sujeito, e de subjetividade, ao se concretizar em objetos e objetividade. O ornamental é a objetivação da subjetivação. Nesta medida, ele permite, como os comportamentos e sendo ele uma operatividade, analisar os conteúdos internos que o motivaram. Porém, para além dos comportamentos, eles participam da conjunção dentro-fora, como símbolos, como simbolização.

Neste sentido, a categoria universal compreendida no ornamental, pode ser vista em sua especificidade, através de uma leitura arqueológica, como uma categoria sócio-histórica e como uma categoria subjetiva individual. Estes três níveis de análise correspondem às três temporalidades braudelianas²⁹.

1.4. A CASA COMO SUBSTITUTO DA MATERNAGEM

1.4.1. O espaço potencial como simbolização: a perda da onipotência

WINNICOTT³⁰ teorizou, a partir da maternagem, a criação de um espaço, nem real nem ilusório, mas que se dava na confluência dos dois, que denominou potencial. Potencial, virtual, possível: o domínio do possível sobre o evento certo do mundo animal.

Para ele, a sincronia entre mãe e bebê é que possibilita neste o aparecimento da crença de que seus desejos se realizam magicamente: o seio é oferecido no momento em que o bebê o alucina - com isto inaugurando tanto o processo de paulatina desilusão, de desistência da onipotência e do pensamento mágico onipotente em favor do princípio da realidade, do Outro, quanto a crença de que é possível criar, é possível imaginar e acontecer, é possível transformar no sentido de amoldar o mundo a "mim".

Devido a isto, o espaço potencial é o espaço da cultura onde transitam objetos transicionais.

Objetos transicionais são objetos reais com funções ilusórias que satisfazem necessidades reais. São os primeiros objetos simbólicos, pois neles o bebê encontra a proteção e os cuidados na ausência materna. São substitutos do corpo materno e de seus conteúdos, feitos de matéria do mundo mas vivenciados como pertencentes ao corpo do bebê. São objetos intermediários dentro-fora, estando localizados na confluência eu-outro, eu-mundo. São objetos sincréticos, embora WINNICOTT não os tenha visto deste modo, pois misturam dois corpos em uma matéria, realizando uma consubstancialização da "idéia" na "matéria"³¹.

O conceito de espaço potencial complementa o de ornamental: enquanto um traça o desenvolvimento ontológico do "espaço da cultura", o outro o descreve no universal antropológico. Ambos apontam a culturalidade da cultura na brecha antropológica do imaginário e da ilusão do *homo demens*. Ambos desenharam o sofrimento do ser lançado no mundo, desamparado, limitado, como a condição psíquica originadora do céu e do inferno; em resumo, a perda da onipotência advinda da desistência do objeto apenas interno para o objeto externo, do qual o bebê depende e pode perder, é a base a partir da qual o homem procura a proteção através dos recursos que esta mesma condição de perda de onipotência propiciou: a entrada no mundo do possível.

²⁹ Ver Capítulo "Casa como Tempo".

³⁰ Ver Introdução.

³¹ A noção de mediância privilegia ambos aspectos, sendo um dos pontos em que se diferencia do pensamento heideggeriano, segundo BERQUE.

O mundo do possível seria construído a partir da angústia ante a perda, o que implica em um desdobramento do tempo em passado, presente e futuro³². Teve-se algo que foi perdido, não se tem e desejar-se-á ter: o desejo, diferentemente do instinto, mas brotando das mesmas pulsões, encontra no imaginário a sua condição e o seu limite³³: o limite do ser humano que, ao realizar seus desejos, confronta-se com uma perda que é o desejo de onipotência para sempre perdida.

A perda da onipotência primeira é a perda do útero e de seus significados: o paraíso, o lugar eterno, o uno, a vivência oceânica, o nirvana, o vazio, Deus, o tudo, o nada, o "lugar sem mal"³⁴. Este é o primeiro deslocamento e recolocamento em outro lugar: a noção de que "eu sou", diverso e separado. A partir deste lugar, um espaço começa a surgir: o espaço de *quem* "eu sou", *onde* "eu sou", *com quem* "eu sou"³⁵.

A maternagem é o sistema de cuidados que garante a sobrevivência do bebê humano como ser humano. Segundo WINNICOTT, não há um bebê humano sem maternagem; ou seja, é a maternagem que hominiza o bebê³⁶.

Os estudos com o que se denominou o "bebê competente"³⁷ lançam várias indagações sobre esta afirmação. Segundo estes estudos³⁸, "um bebê sozinho, isto existe": o bebê humano é um ser totalmente capacitado para sobreviver, um sistema em si mesmo, equipado com determinada bagagem perceptiva e motora. O processo evolutivo teria adaptado o bebê para esta sobrevivência, dotando-o dos recursos necessários a ela; a maternagem seria a contraparte biológica de um ser biologicamente dado, sendo a cultura ela própria parte desta biologia.

³² Para Perla KOROSSEC-SERFATY (Experience and use of the dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985), morar capacita a pausa, suspende a exposição ao mundo exterior, propõe o tempo (p.71). Similarmente, Lilian Fessler VAZ (*Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo, 1994. 390p. Tese - FAU/USP) aponta como significado etimológico de *morar*, *demorar-se*, *ficar* (p.212).

³³ "A imaginação, em suas ações vivas, desliga-nos ao mesmo tempo do passado e da realidade. Aponta para o futuro. (...) À função do real, instruída pelo passado, (...), é preciso juntar uma função do irreal, também positiva" (BACHELARD, *A poética do espaço*, op. cit., p.195).

³⁴ VAINFAS, R. *A heresia dos índios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

³⁵ Para Michel de CERTEAU (*A invenção do cotidiano*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1994) os lugares vividos são como presenças de ausências (p.189). A subjetividade articula-se sobre a ausência que a estrutura como existência e a faz "ser aí" (*Dasein*). Este ser-aí só se exerce em práticas de espaço, ou seja, em "maneiras de passar ao outro", onde se deve reconhecer, como experiência originária que se repete, a diferenciação que ocorre quando a criança percebe ser outro corpo que o da mãe. Aí se inaugura a possibilidade de espaço e de uma localização (um "não-tudo") do sujeito. A brincadeira da criança com uma bobina fazendo-a sucessivamente aparecer e desaparecer (exemplo de Freud) simbolizaria a saída da mãe ao constituir uma localização e uma exterioridade sobre um fundo de ausência: estar *aí sem* o outro mas numa relação necessária com o objeto desaparecido, é "uma estrutura espacial original". Praticar o espaço é, no lugar, *ser outro* e *passar ao outro* (p.190/1).

³⁶ "O potencial herdado por um bebê só pode vir a ser um bebê se ligado à maternagem; sempre que encontramos um bebê, encontramos a maternagem" (WINNICOTT, D.W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. p.43).

³⁷ A publicação AUTREMENT lançou um número especial sobre estes estudos denominado *Objectif bébé* (*Bebê Objetivo*) (n.72, collection Mutations), subintitulando-o: Uma nova ciência: a bebelogia. Estes títulos sublinham tanto o caráter de novo conhecimento quanto a utilização do método experimental.

³⁸ Estamos nos referindo a uma série de pesquisas iniciadas nos anos 70 e que prosseguem até hoje enfocando o bebê humano em situação experimental. Como referência dos mesmos, citamos: KLAUSS, M.; KLAUSS, P. *O surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989; BRAZELTON, T.B et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987; e nossa dissertação de mestrado.



91 (foto: CE)

CASA "ÚTERO"

92 (foto: RC)



Faria parte do ser humano o seu ambiente cultural, "não há natureza humana sem cultura, o ambiente natural do homem é a cultura"³⁹.

Deste ponto de vista, o bebê nasceria adaptado para a socialização e para a comunicação, emitindo e recebendo sinais adequados para a sua sobrevivência, como o choro⁴⁰, por exemplo. O neonato reconhece e prefere a face materna⁴¹, prefere o tom de voz "infantilizado" com que o adulto, preferencialmente de uma mulher, e, entre estas, de sua mãe, dirige-se a ele, conhecido como *baby-talk*⁴². As dificuldades no desenvolvimento adviriam, muitas delas, de falhas na linguagem comunicacional, de uma das partes ou de ambas.

O bebê nasceria também com uma rudimentar noção de si próprio, de seu próprio corpo e da sua localização no espaço. Não haveria nada parecido com uma barreira aos estímulos; ao contrário, ele seria dotado especialmente para perceber e responder a certas categorias de estímulos, como o som da voz⁴³ e odor da mãe⁴⁴. Além disso, haveriam sistemas intersensoriais geneticamente dados, não construídos através do uso ou da aprendizagem⁴⁵. Ao contrário, ocorreria uma des-aprendizagem⁴⁶, ou seja, uma eliminação das sinapses não utilizadas durante os primeiros quatro meses de vida, através do que o bebê selecionaria as reações adaptadas ao ambiente em que nasceu.

Do ponto de vista do assunto ora em questão, o dado mais importante refere-se ao não narcisismo primário como característica do recém-nascido. Haveria uma descentração para o mundo desde os primeiros momentos de vida, uma consideração pelo objeto, uma reação a ele, uma procura ativa por ele. Enquanto o narcisismo primário supõe um sistema fechado e

³⁹ CARVALHO, A.M.C. O lugar do biológico na psicologia: o ponto de vista etológico. *Biotemas*, v.2, n.2, p.81-92, 1989. Para Ana Maria, orientadora do nosso mestrado, tudo o que aparece é o "fenótipo"; porém, ao mesmo tempo, não há nada que esteja "fora" que já não tenha estado "dentro" (comunicação pessoal, 1992). Segundo ela, estudos têm demonstrado a necessidade de uma "flexibilização" da noção de instinto e de uma "pré-concepção" dos comportamentos aprendidos, de modo a aproximar e relativizar tanto o conceito de "inato" quanto o de "adquirido". Além disto, haveria um "ambiente genético" e genes "reguladores" cuja função seria regular o aparecimento ou não de certas características no decorrer do desenvolvimento. Estes genes, a nosso ver, seriam os responsáveis pelos "crédos" hipotetizados por Piaget como suporte biológico para o aparecimento das diversas fases de desenvolvimento cognitivo. Finalmente, para Ana Maria, o próprio cérebro está sendo visto com uma capacidade organizacional, ativa, não mais como um "receptor" passivo de estímulos e de informações.

Por outro lado, Susan SAEGERT (The role of housing in the experience of dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985), escreve: "A experiência do morar une as pessoas simbolicamente e biologicamente à natureza; contudo, as relações com partes do ambiente culturalmente designadas como naturais foram, em geral, negligenciadas na pesquisa científica social sobre a moradia" (p.292).

⁴⁰ BELL, S.M.; AINSWORTH, M.D.S. Infant crying and mother responsiveness. *Child Development*, v.43, p.1171-90, 1972.

⁴¹ FIELD, T. M. et al. Mother-stranger face discrimination by the newborn. *Infant Behavior and Development*, v.7, p.19-25, 1984.

⁴² FERNALD, A. Four-month-old infants prefer to listen to motherese. *Infant Behavior and Development*, v.8, p.181-95, 1985.

⁴³ DeCASPER, A.S.; FIFER, W.P. Of human bonding: newborns prefer their mother's voices. *Science*, v.208, p.1174-6, 1980.

⁴⁴ CERNOCH, J.M.; PORTER, R.H. Recognition of maternal axillary odors by infants. *Child Development*, v.56, p.1593-8, 1985.

⁴⁵ MELTZOFF, A.N.; MOORE, M.K. Cognitive foundations and social functions of imitation and intermodal representation in infancy. In: MEHLER, J., FOX, R., eds. *Neonate cognition*. New Jersey, Lawrence Erlbaum, 1985. p.139-50.

⁴⁶ MEHLER, J. Conhecer desaprendendo. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978. v.2: p.23-35.

passivo, estes estudos indicam o bebê humano como um sistema aberto e ativo. O sistema responsável pela lenta independização do ser humano quando comparado com os primatas superiores seria o sistema motor. Uma desconexão teria ocorrido em função do diâmetro máximo da pélvis feminina que tanto permitisse a marcha ereta quanto a abertura do canal pélvico durante o parto. Deste compromisso, surgiu a não fixação do pescoço em relação à coluna do nascituro, com a conseqüente lentidão da organização postural e motora.

O retrato do bebê humano como um ser pronto e não inacabado, como um ser competente para a luta pela sobrevivência, como um ser frágil mas ao mesmo tempo forte, coloca em questão muitas das premissas do pensamento teórico psicológico.

No que se refere ao espaço potencial e aos objetos transicionais, estes estudos projetam com mais intensidade as diferenças nas formas de maternagem como ocasionando diferentes espaços potenciais e objetos transicionais⁴⁷. Na medida em que o bebê interage com o ambiente desde o início, a influência deste no bebê também é possível de ser pensada mais atuante.

Para nós, é na transação sócio-afetiva - em uma interação mútua e recíproca - que vai se configurar o vir-a-ser do novo ser. A maternagem é o processo de socialização. Mãe e criança participam de um contexto sócio-histórico, ecológico, cultural. A maternagem é o sistema de cuidados que responde às necessidades básicas e fornece a base segura de onde a criança poderá se emancipar. O não-narcisismo⁴⁸ coloca o recém nascido aberto para o mundo, para certos padrões de estímulos do mundo que nós denominamos "mãe". A "mãe" é como um atrator, um organizador que ordena e significa o mundo. O sistema de significados é dado nesta relação, que por sua vez, está significada dentro do todo da sociedade. Os aspectos cognitivos são parte deste todo, e como estudos estão mostrando⁴⁹, o cérebro, em seu funcionamento, utiliza-se das mensagens dos núcleos inferiores, hipotalâmicos e outros, para valorar, balizar e decidir. Portanto, o próprio funcionamento cognitivo é parte deste todo e funciona como parte deste todo.

Contudo, mesmo face a esses estudos, a questão da onipotência parece-nos central ao desenvolvimento do psiquismo. O espaço potencial, que é uma decorrência do modo de se

⁴⁷ "Uma psicanalista de Genebra que viveu muito tempo na África me expôs um dia esta tese: a paixão pela dança que se constata na maioria dos africanos é seguramente devida ao fato de que, desde o nascimento, eles estão constantemente sendo transportados sobre o corpo da mãe; a criança ocidental, ao contrário, deitada num carrinho de bebê, desenvolve, na idade adulta, um amor imoderado pelo carro" (SCHAPPI, R. O modelo etológico da relação mãe-bebê. In: Brazelton, T.B. et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. p.93).

⁴⁸ "(Os estudos recentes sobre o bebê) Colocaram em dúvida a utilidade da noção de "narcisismo primário" (...). Não mais podemos considerar que isto (funcionamento psíquico) se passe em um vazio perceptivo; o objeto exterior não é mais tão inferiorizado como se quis dizer, não mais o podemos definir essencialmente como um depósito de projeções, mas ele torna-se, (...), um apoio indispensável ao desenvolvimento da criança desde o começo" (CRAMER, B. A psiquiatria do bebê: uma introdução. In: Brazelton, T.B. et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. p.70).

⁴⁹ Marian Stamp DAWKINS (Emoções são parte da mente. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 de ag. 1995. p.5-9), discute como cérebro e corpo funcionam de modo integrado, apoiando-se nos estudos de Antônio R. DAMÁSIO. "A seu ver (Damásio), as mentes estão embutidas, ele prefere "encarnadas", não apenas no cérebro mas no corpo inteiro" Oliver SACKS (*Um antropólogo em Marte*. São Paulo, Cia das Letras, 1995), em seu estudo sobre o autismo, também aponta para o papel fundamental da emoção para avaliar e balizar o pensamento. "No autismo, não é o afeto que é defeituoso, mas o afeto em relação a experiências humanas complexas" (p.293). "Há outras formas de mente além do conceitual (do abstrato- categórico), embora neurologistas e psicólogos raramente o reconheçam. Existe a *mimese* - ela própria uma capacidade da mente, uma maneira de representar o corpo e os sentidos, uma faculdade unicamente humana não menos importante que o símbolo (conceitual) ou a linguagem, (...) (há) sistemas da base mimética do cérebro, esse modo antigo de cognição" (p.248). [grifo nosso]

enfrentar as perdas decorrentes das limitações impostas pela não onipotência, refletiria, ilustraria e indicaria onde estaria ocorrendo esta perda e como ela manifestar-se-ia⁵⁰.

Esta indicação seria feita pelos objetos transicionais. O ornamental em suas cristalizações corresponderia a tais objetos. A nossa hipótese geral é que em cada cristalização do ornamental está algo que se perdeu naquilo que ele representa e substitui algo ausente, tendo um valor evocativo de religar o que foi espaçado e de magicamente trazer de volta o que foi perdido.

1.4.2. A maternagem como um útero substituto

Implícito no raciocínio anteriormente apresentado, está a noção de que há uma continuidade - e uma descontinuidade - entre a vida pré- e pós-uterina. Os estudos envolvendo o denominado "bebê competente" têm mostrado aspectos anteriormente desconhecidos enfatizando a continuidade entre estes momentos. Esta continuidade seria fornecida pela audição, por exemplo, além de outras sensações presentes na vida intra-uterina, que seriam reconhecidas, na vida pós-uterina.

O bebê nasceria mais apto a selecionar e reconhecer estímulos com os quais conviveu anteriormente, como vozes, sons, batimentos cardíacos, ritmos, sensações ligadas ao equilíbrio, e mesmo, alguns estímulos visuais.

O meio, por sua vez, naquilo que se denomina maternagem, tende a reproduzir algumas condições de vida intra-uterina, como ambiente calmo e reação rápida à solicitação do neonato. Tende-se a controlar a quantidade de estímulos de modo a não desorganizar o recém-nascido, ao mesmo tempo que algumas condições do "ambiente" uterino são reproduzidas externamente.

Estas condições podem ser vistas principalmente através de dois conjuntos de cuidados: os referentes ao sono e os referentes ao aleitamento. Estes dois aspectos referer-se-iam ao *lugar*, concebido por TUAN⁵¹ como um centro de calor, de valor, de ser, em oposição a *espaço*, definido pelo mesmo autor como o sentido de espaçamento, de "espaciosidade" ou liberdade.

Espaço e *lugar* correspondem, a nosso ver, às categorias de experimentação/independência e apego/dependência em psicologia do desenvolvimento. A contraparte ambiental, dentro do sentido de mediância apresentado na Introdução, às categorias básicas em torno das quais ocorre o desenvolvimento infantil, seriam lugar e espaço, concebidos como categorias dentro/fora⁵², ou, na terminologia de BERQUE, uma dimensão *tópica* - da experiência, singular, concreta, enraizada, intrínseca, e uma dimensão *corética* - da significação, geral, abstrata, em movimento e relativa.

Através do aleitamento e do manejo do sono, teríamos indicadores do *lugar*, enquanto a exploração e o uso dos objetos e espaço, seriam indicadores do *espaço*⁵³.

⁵⁰ Embora em um contexto diferente, Michel de CERTEAU (*A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995) aponta para o "museu imaginário" da paisagem urbana fornecida pelos *out-doors*, como indicando uma *mitologia publicitária da felicidade* "que revelam aquilo em que não se ousa mais acreditar e que por isso se busca 'em imagem' (...) Muitas das palavras e imagens narram uma perda e uma impotência, isto é, exatamente o contrário do que elas prodigalizam (...) Instalam na ficção o objeto que eles mostram e, como um espelho, proporcionam apenas a imagem invertida da felicidade" (p.44). "As palavras nomeiam o que não dão; soletram as ausências, ao expressar realidades. (...) Falar tornou-se um ato que *desnatura*. (...) Ela nega a realidade do prazer para instaurar a significação simbólica" (p.51).

⁵¹ Tuan, Y.F. *Espaço e lugar*. São Paulo, Difel, 1983.

⁵² Esta discussão foi tema da nossa dissertação de mestrado.

⁵³ *Lugar* pode ser pensado referir-se à *maternagem*, e *espaço*, à *paternagem*. Maternagem é um conceito que se refere basicamente ao sistema de cuidados que intermediaria a relação útero/casa,

A PROTEÇÃO NO SÍMBOLO

(fotos: 93 e 94: RC)

93. comigo-ninguém-pode + negritude



94. Santa(s) e os Intocáveis



Estes conjuntos de cuidados, que formam um sistema funcionando de modo integrado ao contexto ambiental e relacional do modo de vida total, decorrem deste modo de vida.

Quando se estuda sociedades chamadas "tradicionais", ou seja, em que o tempo parece determinar mudanças mais lentas, pode-se perceber porque Susan HARKNESS⁵⁴ desenvolveu o conceito de nicho desenvolvimental para analisar o desenvolvimento em seu contexto⁵⁵. O modo de vida se acha absolutamente imbricado com os aspectos ecológicos que, através de longos tempos, propiciaram relações econômicas e sociais, indissociáveis da vida cotidiana. São sistemas coesos e altamente eficientes no que se refere àquele *habitat* particular. Os valores, por sua vez, parecem resultar de experiências bem sucedidas que se transformam em verdades ou normas indiscutíveis, ou seja, o sistema valorativo decorre de adaptações vantajosas para o grupo que são transmitidas intergeracionalmente como normas a serem obedecidas.

Os !Kung⁵⁶, por exemplo, são um povo de caça e coleta que viveu no deserto de Kalahari, na África Central, principalmente na atual Botswana mas também nos países vizinhos, dado seu *habitat* ser o deserto, comum a vários países. Eles estão nesta região há cerca de 50 000 anos, sendo representantes de como se imagina terem vivido nossos antepassados longínquos, antes da agricultura e do assentamento⁵⁷. Foram objeto de vários estudos enfocando o modo de vida e a relação mãe-criança⁵⁸.

O interesse particular desses estudos, no presente trabalho, é que, como são nômades, carregam sua cultura em suas cabeças, e não nas suas costas, na forma de canções, danças e histórias: no seu corpo, está inscrita a memória do grupo. Deste modo, ilustram à perfeição o que viemos a denominar "cultura do corpo", como veremos a seguir.

As crianças, assim como a coleta, são carregadas pelas mães em sacos denominados *kaross*. As mães percorrem grandes distâncias na sua atividade de coleta, responsabilidade feminina respondendo por 70% da carga nutritiva do grupo, carregando seus filhos em tais sacos até estes poderem acompanhá-las ou passarem para o grupo das crianças. O bebê é aleitado continuamente, antes de um pedido, vive no corpo da mãe como uma espécie de útero externo. A *matéria* com que é feito o mundo pode ser dito ser o corpo da mãe.

enquanto paternagem intermediária a relação casa/rua. Ambos conceitos referem-se a funções, e não a figuras, embora haja uma facilitação biologicamente dada para que certas funções sejam preferencialmente realizadas por certas figuras.

⁵⁴HARKNESS, S. Cross-cultural research in child development: a sample of the state of art. *Developmental Psychology*, v.28, n.4, p.622-5, 1992.

⁵⁵Segundo Pierre DASEN (Contribution de la psychologie interculturelle à la formation des enseignants pour une éducation interculturelle. In: LAVALLÉE, M. et al., orgs. *Identité, culture et changement social*. Paris, Harmattan, 1991), o nicho de desenvolvimento teria três componentes: os contextos físicos e sociais da vida cotidiana; os costumes de cuidados regulados culturalmente, ou seja, as práticas educativas; e a psicologia dos *caretakers*, ou seja, sua representação sobre o desenvolvimento. Estas três partes estão em interação entre si e formam um sistema aberto para o exterior em adaptações às condições ecológicas e sócio-históricas.

⁵⁶WANNENBURGH, A. *The bushmen*. Capetown, C. Struik Publishers, 1984.

⁵⁷O modo de vida dos !Kung foi objeto de estudo na dissertação de mestrado da autora, com ênfase sobre o desenvolvimento infantil. Foram escolhidos como alvo comparativo do estudo por serem nômades.

⁵⁸KONNER, M. Infancy among the Kalahari desert San. In: LEIDERMAN, P.H. et al., eds. *Culture and infancy*. New York, Academic Press, 1977; KONNER, M. Etologia de um povo que vive de caça e de coleta - aspectos relacionados com o desenvolvimento infantil. In: BLURTON JONES, N., org. *Estudos etológicos do comportamento da criança*. São Paulo, Pioneira, 1981; DeVORE, I.; KONNER, M.J. Infancy in hunter-gatherer life: an ethological perspective. In: WHILE, N.F., ed. *Ethology and psychiatry*. Toronto, University of Toronto, 1974; LEAKEY, R.L. *A evolução da humanidade*. São Paulo, Melhoramentos, 1981.

! KUNGS

95: carregando os
filhos na coleta,
kaross

96: construindo a
casa



A casa é redonda, totalmente coberta de palha, afóra uma abertura para a entrada: é um útero, feito a partir da natureza⁵⁹. A *matéria* com que é feita a casa é a *natureza*. Assim como o *corpo materno* é a casa da criança, a *natureza* é a casa do homem⁶⁰.

Esta mesma estrutura uterina é encontrada na casa dos *semcasa*: fazem casas-casulo, de material sucateado, a *natureza das cidades*, cujas principais finalidades são garantir alguma intimidade e proteção. A ideia de algo envolvente, dentro da qual há refúgio e proteção, parece estar no centro da noção de casa⁶¹.

No Estudo de Caso 2, realizado no Piauí, à semelhança dos *semcasa* e dos !Kung, os materiais são coletados no em torno e as casas, embora com mais articulações intestinas, respondem à necessidade de proteção⁶², além de outras.

Esta proteção pode ter dois sentidos: um objetivo e um subjetivo. Como sentido objetivo, significa o que entendemos atualmente por segurança⁶³. Como sentido subjetivo, significa o que entendemos por amuleto, ou seja, proteção mágica⁶⁴.

⁵⁹ "A forma circular seria a forma mais "natural" dado que o ângulo reto não aparece freqüentemente na natureza (p.166) (...) O sol é redondo, os frutos, as formas do corpo humano, os territórios animais. A forma retangular permite, por seu lado, uma separação mais fácil de funções" (p.168) (ALTMAN & CHEMERS, op. cit., 1984).

⁶⁰ Embora esta afirmação advenha apenas de nossos estudos de caso, Carlos COSTA (*Habitação Guarani*. São Paulo, 1989. Tese - FAU/USP) mostra como o habitat guarani permaneceu sendo o meio florestal, a *casa* surgindo como um corolário e contra-partida *humana* da *floresta natural* (p.XIX). Este mesmo autor aponta que a visão ocidental contemporânea, comprometida com o desenvolvimento tecnológico, com o consumo, com o materialismo e com o hedonismo, "tende a não considerar os aspectos culturais oriundos de baixas tecnologias, muitas vezes comprometidas com uma visão religiosa dos homens, da sociedade e da natureza" (p.89-90).

⁶¹ Nosso estudo enfocou a casa dos *semcasa* e não os *semcasa*; enquanto as casas tendem a este "envolvimento", os moradores de rua podem não procurá-lo. Monique ELEG-VIDAL (*Le logement et la construction de l'identité*. *Bulletin de Psychologie*, v.36, n.361, 1982-3. p.740), sugere a hipótese de "apragmatismo" definindo-o como uma separação tão grande entre o real e o ideal que a pessoa não consegue associar os dois e não "constrói" a sua casa, o seu "chez-soi".

⁶² Michel RAUTENBERG (*La mémoire domestique*, op. cit.) discute a casa como expressão de um código de proteção que se expressa pelos valores sobre o papel protetor (representação do meio ambiente) e contra o meio exterior em geral (representação do estranho, do fora), pelos sinais dispostos para fixar as mensagens da palavra. Estes códigos inscrevem-se em dois sistemas semiológicos mais amplos: a relação entre o interior e o exterior e a formalização dos espaços, trajetos e lugares de todos os agentes sociais da casa, domésticos e estranhos. Em consequência, na casa é possível: *abrigar-se, defender-se, proteger-se e fortificar-se*. Em outro artigo (*Déménagement et culture domestique*. *Terrain*, n.12, p.54-66, 1989), considerando o interior da casa, distingue entre três sistemas de inserção dos objetos no espaço habitado: técnico, simbólico e estético. Enquanto o campo do estético se refere a uma cultura e a escolhas estéticas constitutivas dos estilos de vida, o campo do simbólico se refere à história pessoal do sujeito representada sob a forma de imagens e objetos com uma função intrínseca em que "a sua própria existência permite associar o cotidiano e o sagrado em um sincretismo muito particular, e unir o passado, o presente e o futuro em uma mesma trama" (p.61). "O que reúne estes objetos - painéis antigos, lembranças de viagens, fotos emolduradas, desenhos de crianças e velhos fornos a lenha - são elementos de aparelhagens simbólicas que confortam os atores na execução de seus papéis" (p.61). [grifo nosso]

⁶³ Madame Yvonne BERNARD trabalhou sobre este tema, analisando o sentimento de insegurança das metrópoles modernas. Ver: *Typologie dramaturgique des modes d'accès à l'habité collectif*. Paris: mars, 1989 [mimeografado]. Ver também: *Les sciences sociales et le sentiment d'insecurité*. In: BERNARD, Y.; SEGAUD, M., eds. *La ville inquiète: habitat et sentiment d'insecurité*. La Garenne-Colombes, Eds. de L'Espace Européen, 1991.

⁶⁴ Edgar MORIN (*La complexité humaine*. Paris, Flammarion, 1994. p.194), aponta para a subjetividade e a magia como alternâncias dia/noite do sonho: o universo mágico é a visão subjetiva que se crê real e objetiva e a visão subjetiva é a visão mágica em estado latente ou atrofiada. Quando os

Casa "amuleto"

(Fotos 97 a 102: RC)

97. entrada + 98. bacia de arroz



Casa “amuleto”: portas: dois lados

99. Lado externo: natalino

100. Lado interno: nordestino



101. Casa "Amuleto": vindo do "céu"



102. O vôo aprisionado da pluma rosa



1.5. A CASA COMO AMULETO

Uma casa, localizada ao lado do Viaduto do Tatuapé onde se encontrava o assentamento de *semcasa* do segundo estudo de Estudo de Caso 3, foi por nós denominada "casa-amuleto" por ser definida pelo ornamental, tendo este um caráter mágico-religioso: ou seja, uma casa que protegia através de funções mágico-religiosas. A função amuleto seria a função de transformar a realidade pelo pensamento, adequando a realidade a este⁶⁵.

No exterior da casa, encontravam-se uma planta "comigo-ninguém-pode" e uma planta "espada de S. Jorge", ambas utilizadas frequentemente para afastar os maus espíritos. Nas paredes, havia um quadro representando um escravo, provavelmente de autoria de Rugendas, e uma figura de "preto velho". São referências a um passado africano, de sofrimento, de desenraizamento. Sua colocação no exterior da casa, contudo, enviava uma mensagem de orgulho, de superação ao denunciar uma situação que se reproduzia ali-agora, relacionando-a a este passado histórico. Havia também um ornamento feito de fios de rafia, com característica artesanal.

Na porta, do lado externo, encontravam-se enfeites natalinos, e do lado interno, um berrante feito de corno de boi. Duas faces do sincretismo: a origem rural, o cristianismo citadino.

A casa, consistindo de um único cômodo, estava toda ornada com coisas dependuradas no teto. Esta é uma dimensão vertical, que encontramos nos denominados *altares* no Piauí. Essa casa, toda ela era um altar, pois vários quadros representando S. Jorge, Jesus e o Sagrado Coração e Maria, Santo Antônio pendiam do teto, fornecendo esta dimensão vertical. Estavam dependurados também Folhinhas, uma sacola de supermercado, uma foto com três faces de mulheres brancas, um chifre inteiro de boi com um pedaço do crânio, uma gaiola vazia. Havia, formando pequenos cantos, mas localizados no alto, dois altares a S. Jorge. Várias bonecas de louça, uma sapateira de plástico, uma grande jarra de água e uma outra gaiola pintada de branco eram os demais objetos que se destacavam. Dentro desta gaiola, estava uma grande pluma rosa vivo, maravilha⁶⁶.

Não havia janelas, a não ser a porta de entrada, de modo que uma semi obscuridade "coloria" este ambiente com uma penumbra verticalizada. Esta característica era a responsável pela sensação de religiosidade mágica do todo da casa. Em uma única "casa", encontramos

sonhos se destacam e se corporificam no mundo, é a magia; quando o duplo entra no corpo e se localiza no cérebro ou no coração, é a alma. Para este autor, a evolução tendeu a interiorizar a magia: ela se tornou a alma, donde a magia se torna sentimento. A magia corresponde não somente à visão pré-objetiva do mundo, mas também a um estado pré-subjetivo do fluxo de afetividade. Entre a magia e a subjetividade se estende uma nebulosa incerta que é o reinado das projeções-identificações ou *participação afetiva*. A participação afetiva se estende dos seres às coisas, e reconstitui fetichizações, venerações, cultos. Uma ambivalência dialética une os fenômenos do coração e as fetichizações. Para este autor, a magia faz parte da estrutura humana: ela é ineliminável. Deste modo, pode-se compreender como o de-cor, o ornamental, tem uma função mágica: pois ele é sempre uma corporificação materializada do duplo, mesmo quando, através da "hipertrofia da vida interior e afetiva e (...) da consciência racional e objetiva" (op. cit., p.194), a magia tenha sido feita recuar até "sua toca". [grifo nosso]. Para nós, o espaço potencial seria a nebulosa incerta, uma espécie de raiz comum tanto à subjetividade quanto à magia, pois noite e dia estão nele ainda fundidos, não cindidos.

⁶⁵ Eda TASSARA, comunicação pessoal, 1995.

⁶⁶ Jurandir Freire COSTA, ao comentar a obra de Mário Peixoto (O mundo encantado de Mário Peixoto. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 14 jul. 1996. p.5-7) aponta para o sentido da dor, nesta obra, não como uma perda das ilusões, um fazer de sua "história uma marcha fúnebre de seus sonhos", "um espanto ante a própria castração", mas como "fazer do evento um instatâneo é fazer do mundo um lugar de 'encanto' e não de 'espanto'. (...) A arrogância do eu ocidental está na raiz do sofrimento, da solidão, do desencanto ou do desamparo que padecemos. Se renunciarmos à vã pretensão de sermos senhores do sentido, poderemos dizer: 'Em tuas mãos entrego meu destino'".

algo semelhante: uma casa dentro da estrutura da ponte, denominada por nós de casa "de caverna" ou troglodita, em um segundo cômodo, em uma penumbra total, havia um altar a uma santa, iluminado por velas. Ou seja, penetrando-se no fundo da caverna ou das "entranhas da terra", no solo original, na terra-útero, encontramos o altar colorido, iluminado pelas chamas das velas, em uma referência a uma religiosidade tão profunda e antiga quanto esta imersão nestes espaços ancestrais, a uma religiosidade fundante do ser, e não apenas um atributo dele.

A casa-amuleto respirava o mesmo alento-ânimo-ânima. Esta casa ilustra, a nosso ver, uma potencialidade genérica presente em todas as casas: a de proteção mágica.

A funcionalização da sociedade nos afasta de tais conteúdos míticos e os transforma, através da mito-poesis, em conteúdos mítico-historizados, ou seja, circunscritos no tempo e sem o caráter de eternidade dos mitos originais; mas pertencem a este mesmo universo, como lembranças de coisas esquecidas mas que persistem nas coisas.

Na vida cotidiana encontra-se a resistência às racionalidades hegemônicas. Conforme Serge GRUZINSKI⁶⁷, os mesmos objetos ou palavras são usados para conter-esconder-manter antigos significados, desejos, mitos.

No caso dos altares, antigas práticas extáticas foram mantidas através de cultos de devoção que, dentro de um sistema representacional cristão, remetia a práticas pagãs, fazendo encontrar a magia através da matéria.

Estas práticas podem ser vistas na casa-amuleto, através dos sincretismos por elas propiciados, sendo o maior deles o próprio espaço habitacional concebido de modo mágico-religioso, mítico.

Esta casa exemplifica a casa como templo, aliás a tese de RAGON⁶⁸ e de DUFFONTAINES⁶⁹ para todas as casas, vistas como centro do mundo⁷⁰, mas dificilmente reconhecido nas casas atuais.

A imagem sincrética máxima é a pluma no lugar da ave/vôo: a pluma aprisionada, além de referir a um Magritte provavelmente desconhecido dos autores, refere a uma ausência através do símbolo, não da coisa. Ou seja, um símbolo no lugar de outro, que é o que queremos dizer com cultura do corpo, em oposição à cultura da coisa. No caso da cultura do corpo, desaparece a coisa e fica o símbolo, enquanto na cultura da coisa desaparece o símbolo e fica a coisa. A pluma está presa na gaiola vazia, assim como os moradores da casa presos na cidade grande. Mas, ao invés ou concomitantemente ao fato de serem por ela engolidos, eles a engolem, encenando casas na sua ausência, colocando plumas na ausência da liberdade.

A casa-amuleto está ilustrando a casa como proteção mágica, como templo pagão; e ao fazer isto, ilustra também as formas de resistência que mantêm a identidade do povo brasileiro⁷¹ dentro do contexto mestiço, sincrético, híbrido, como aliás todo povo formado por

⁶⁷ Comunicação em aula, Paris, 1995.

⁶⁸ Apud RAPOPORT, A. *Pour une anthropologie de la maison*. Paris, Dunod, 1972. p.55-8.

⁶⁹ DUFFONTAINES, J. *L'homme et sa maison: géographie humaine*. Paris, Gallimard, 1972. p.214.

⁷⁰ Para Mircea ELIADE (apud ALTMAN, I.; CHEMERS, M.M. *Culture and environment*. Monterey, Brooks/Cole, 1980. p.168), o homem das primeiras sociedades vivia em um espaço sagrado, que não era homogêneo: estava sempre no centro do mundo, pois a partir dele dava-se ordem no caos. "Toda situação legal e permanente implica em uma inserção no Cosmos, em um Universo perfeitamente organizado", o que explica porque a habitação é um microcosmos.

⁷¹ Para Roberto DaMATTA (A família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira. In: ALMEIDA, A.M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987), "conforme disse Gilberto Freyre, 'a ordem brasileira não é monolítica ou única, mas uma variedade de ordens que tem se juntado para formar, às vezes, e contraditoriamente, o sistema nacional, a um tempo uno e plural, em seu modo de ser ordenação ou sistematização de vida ou cultura' (*Ordem e progresso*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962). (...) Há diversidade mas há também o poder dos modelos dominantes que fornecem paradigmas sociais

vários processos civilizatórios, mas, diferentemente e acreditamos, especificamente ao Brasil, devido à sua origem indígena.

O Brasil foi povoado por mamelucos, híbridos de pai europeu e mãe índia, enquanto os povos indígenas foram sendo dizimados. As marcas corpóreas decorrentes do canibalismo, presentes em vários mamelucos, continuam presentes nisto que denominamos cultura do corpo. Na cultura do corpo, a memória é registrada no corpo, nas comidas, nas roupas, na medicina, na língua coloquial, nas lendas, nos cantos. No Brasil, além disto, não há um modelo identificatório único: no centro, há um vazio, a vacuidade do mito fundante, donde o herói sem nenhum caráter, Macunaima, como paradigma da brasilidade.

1.6. A CASA COMO ÚTERO SÓCIO-HISTORICAMENTE CONSTRUÍDO

O exemplo anteriormente citado dos !Kung, ilustra como a proteção oferecida pela maternagem reflete o modo de vida total, assim como a casa. Casa e maternagem confluem como sistemas de significação que informam o desenvolvimento infantil, dentro do contexto onde este se dará.

Os !Kung, um povo de caça e coleta, portanto com um modo de vida anterior ao assentamento, carregam tanto a casa quanto o bebê: o corpo materno é o lugar do bebê.

Na Idade Média, o assentamento e a sociedade afluyente já codificam a maternagem como um sistema de cuidados dentro de uma estrutura coletivizada, não segmentada e não especializada⁷², mas onde o lugar do bebê não é mais o corpo materno, mas se encontra fora, no berço. Este, mesmo que pequeno, basculante, protegido objetivamente por cordas e subjetivamente por símbolos-amuletos, indica o lugar separado, desligado, do bebê em relação ao corpo materno.

Este desligamento é acompanhado das arcas, ou seja, não mais *kaross* ou equivalentes, mas lugares individualizados onde os "bens" são trancafiados, isolados: os sistemas econômicos complexificam-se, assim como as relações pessoais onde "segredos"⁷³ podem ser

fundamentais para toda a população, que pode ou não atualizá-los de modo aberto e concreto (p.126). (...) Serão duas sociedades diferentes? (...) ou será isso um tipo de diversidade complementar e hierárquico que a sociedade como sistema desenvolveu, de maneira a existir uma dialética entre essas duas formas (patriarcais e não-patriarcais), em que uma preenche a outra? (p.127). A cada tipo brasileiro de família pode-se descobrir seu lado invertido ou contrário (p.129). *O que parece tipificar a organização doméstica brasileira não é apenas a sua diversidade empírica mas a sua capacidade simbólica de tudo agregar e de ter vários modelos de vida doméstica em múltipla e franca relação, todos mais ou menos referidos como um jogo de espelhos*" (p.131). [grifo nosso] Este autor, deste modo, formula uma tese idêntica à nossa a respeito da constituição identitária brasileira.

⁷² Para Peter-Reinhart GLEICHMANN (*Le sommeil et ses espaces. Extenso*, n.9, p.369-98, 1985), "quando se vê como os visitantes, na Idade Média, as crianças e os adultos partilhavam o mesmo leito, pode-se medir a extensão da mudança das relações que se exprime em nosso modo de vida, onde a cama e o corpo se tornaram zonas de perigo psíquico de tão alto grau (p.396) e onde há um processo de domesticação, de auto-domesticação que integra todas as atividades no seio da casa, tanto o trabalho quanto o lazer. Como os hábitos do sono, as funções corporais se uniformizaram cada vez mais que se avança na civilização, que as relações sociais se diferenciam e que as coerções externas se convertem, cada vez mais, do controle social a uma auto-coerção. A cada uma das fases da racionalização do trabalho humano correspondem quase as mesmas fases da racionalização social do sono" (p.393).

⁷³ Para Perla KOROSÉC-SERFATY (*Experience and use of the dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. Home environments. New York, Plenum Press, 1985*), "a questão do escondido e do visível na moradia é a questão da relação entre o segredo e as relações com outros. As palavras *secreto* e *excremento* têm o mesmo parentesco etimológico. Este parentesco é empiricamente traduzido em todos os gestos que criam e reforçam a ordem e a limpeza na casa. Por estes gestos, procura-se substituir uma natureza domesticada a uma certa selvageria orgânica. Mudanças na forma física da moradia e nas condições materiais e sociais afetam o significado (do segredo) mas é sempre possível

igualmente trancados, dando início a um processo de individualização-esconderijo como forma de subjetivação⁷⁴.

A individualização como forma de segregação é um fenômeno moderno, e caracteriza-se, espacialmente, no que se refere à maternagem, por um espaço único, diferenciado através do ornamental, dado ao nascituro. Isto pode ser visto em um berço do Rei de Roma, do século XVI, onde um berço dourado é ornamentado com símbolos da realeza, águias, coroas, tronos: o berço indica o rei, assim como o ocupante do berço nasce como um rei. O berço paramentado dá a sina ao nascituro, identificando-o através das marcas impressas no seu primeiro leito. A realeza ainda refere-se ao corpo materno como ascendência, como árvore genealógica, como Tradição, em oposição à res-pública, mas este leito encontra-se muito longe do leite materno como origem da vida, como nos !Kung.

No Estudo de Campo 2, realizado no interior do Piauí, conforme pudemos verificar, a rede ainda é o lugar do bebê. A rede é um lugar intermediário entre o corpo e a sociedade coletivista medieval. A rede é portátil, como o *kaross*, embala, como o movimento do corpo materno e o berço basculante, envolve como o *kaross*, é individualizada como o *kaross*. Mas a rede, como na Idade Média, está no ambiente, não no corpo. Ela identifica um ser igualando-o aos demais, e não diferenciando-o através de ornamentos. O ornamental nela implicado está no útero simbolizado como uma extensão do corpo materno, mas separado deste, e dentro de uma ordem sócio-familiar, onde o bebê e a sua rede ocupam o seu lugar: entre as redes dos pais, até ter o "entendimento" que possibilitará afastá-lo destes.

A casa, segundo o Estudo de Campo 2, do interior do Piauí, é construída a partir de materiais encontrados na natureza, como com os !Kung, mas com formas retas e espaços especializados, embora usados coletivamente. A ausência de intermediações aproxima ainda mais este contexto ao medieval.

estabelecer uma relação entre o escondido e o mostrado, seja qual for a natureza deste escondido" (p. 73). A casa ocidental opera contra o orgânico e o sexual, sendo o significado social do segredo o uso do poder, como no caso da etiqueta.

A este respeito, no Estudo de Caso 2, realizado no Piauí, verificou-se que a primeira interdição à criança ocorria na proibição de tocar as coisas, e não na de tocar o corpo; não se dava no *excremento*, um produto corporal, mas na *coisa*.

⁷⁴Para CSIKSZENTMIHALYI et al. (*The meaning of things*, op. cit.), os objetos que as pessoas usam são sinais sobre o que representam a relação do homem consigo, com seus semelhantes e com o universo, que podem ser descritos em duas modalidades: *diferenciação* e *integração*; enquanto os primeiros separam o possuidor do contexto social, enfatizando sua individualidade, o outro expressa a integração do dono com o seu contexto social. Há um jogo dialético entre estas duas modalidades, que representam um antigo problema filosófico: a relação entre o particular e o geral. Os autores alertam para os perigos do fracasso de desenvolver as potencialidades individuais assim como a tentativa de desenvolver a individualidade às expensas da relação com outros propósitos (p. 39). A etimologia da palavra símbolo conteria esta dialética: *sym-ballein*, em grego, significava jogar junto, ou unir. A frase veio a significar uma moeda que dois amigos dividiam em duas partes com a esperança de voltar a se reunir. Assim *simbolo* significava, originalmente, o que reunia as pessoas. O oposto dele era *diaballein*, jogar fora, ou separar, que é a raiz para a palavra *diabólico*, a essência do mal. O mal, pois, é o que divide uma pessoa de outras, o que separa o eu de uma pessoa em forças conflituosas, o que coloca a pessoa contra o cosmos. É *caos*, a força de entropia que destrói a ordem da qual a vida depende. Para estes autores, as sociedades tradicionais tendem a enfatizar o *self* integrado ou social às expensas da singularidade pessoal, enquanto a moderna cultura ocidental tende a enfatizar o *self* único, individual, diferenciado.

DUNCAN (The house as symbol of social structure. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., op. cit., p. 146 ss.), interpreta o mau-olhado como uma forma de controle social nas sociedades coletivistas. Nestas, a presença de diferenças individuais é uma ameaça aos seus sistemas de crenças que buscam, basicamente, incorporar o indivíduo ao grupo. O mau-olhado visaria desencorajar a criação de símbolos de individualismo, colocando o medo em quem tem mais posses do que seus próximos.

Vida coletivizada



104.
berço com dupla
proteção: corda
e amuleto

105.
Jan Brueghel: A
visita do proprie-
tário, 1597





105. Arca medieval: podendo guardar (na Suíça)
106. Berço do Rei de Roma



107

Rede-leito no Piauí e o xixi no chão

(foto: AMSA)





108/109

**Berço
“altar”
no
Piauí**



Observamos no Piauí um berço, objeto de adoração familiar. Cada membro da família depositou uma oferenda ao bebê - um ser mítico-moderno - dentro do berço. Aparentava um berço usual, não fossem estes rituais, o fato de se encontrar no meio do quarto, e o de a criança ser embalada na rede, como todas as demais da região, até adormecer, quando era colocada no berço. É um berço transicional entre culturas, e transicional para este bebê que recebe a incumbência, à semelhança do Rei de Roma, de realizar esta transição entre dois mundos. É um objeto sincrético: assume a aparência de berço, mas sob ela está o sistema relacional da rede; assume a aparência da funcionalidade "técnica", mas é um objeto-altar, um centro de energia e de conflitos.

Em Vila Madalena, o cenário do modo de dormir do bebê ampliou-se: desde a ausência de berço até o "cantinho do bebê", qual seja, o berço ornamentado. Todas as crianças, contudo, dormiam próximas a alguém, mesmo quando havia um quarto com berço só para o bebê.

A ausência de berço implicava em o bebê dormir na cama dos pais. Este modelo, em sua sequência temporal, ampliava-se para o bebê dormir ao lado da mãe: um berço ou equivalente era colocado do lado materno da cama do casal. Posteriormente, ou a casa era ampliada, ou mudava-se de casa, ou a criança ia dormir na cama com outro irmão mais velho.

Já o "cantinho do bebê" indicava o desejo de uma privacidade espacial, diferenciada e especificada, que não podia ser encontrada objetivamente.

O "cantinho" é a linha reta aplicada às relações humanas; isto é, a imposição da racionalidade sobre a organicidade. A divisão e a análise, correlatas da racionalidade que tudo classifica para poder medir, implica, espacialmente, em espaços estruturados através de coordenadas cartesianas, onde pontos podem ser imediatamente identificados a partir de suas posições no espaço.

O berço do bebê passa a ser um indicador deste espaço metrificado: o cantinho é o ponto de confluência entre pai e mãe, cada um decorrente de seus antepassados, todos determinados sócio-economicamente. O bebê é, ou está, no lugar da confluência que decorre da ocupação no espaço social de seus pais. Esta determinação lança-o para um "cantinho" que, se não é um cantinho da História, é o seu cantinho da sua história.

Privatizado, isolado, separado do corpo da mãe que nunca teve, é-lhe oferecido o mundo material das coisas como objetos substitutos. O mundo transicional é o mundo, dado não haver o mundo do corpo. O mundo transicional como mundo é o mundo das terceirizações, das intermediações, da comunicação à distância.

Após este "útero", está a ausência total de útero da proveta: o mago da vida que se produz totalmente a partir do homem, onde a matéria e a substância, inclusive o corpo, passaram a significar uma utopia cibernética, o isolamento sendo uma meta como uma ilha-bolha onde cada ser se protege, dentro de uma onipotência anônima e plural da realidade virtual produzida em massa.

“Cantinho do bebê” em “semcasa”

Assentado, São Paulo, 1994: retratos dos pais, do bebê;
parede “empapelada” com rede e faixa de propaganda;
divisória feita com cortina



Capítulo 2

A CASA E O CORPO

2.1. A casa como representação do corpo-fronteira

A casa como meta-símbolo devido à sua função primeira como substituto da maternagem, constituindo-se na própria capacidade de simbolização, surgindo como um útero sócio-historicamente construído, segue-se a casa como **representando** o corpo, igualmente sócio-historicamente construído¹.

O presente capítulo pretende lançar hipóteses sobre a criação do corpo a partir de suportes objetivos. Partimos do reconhecimento dos limites e vieses da psicologia de desenvolvimento, enquanto Françoise LUGASSY² o faz para evitar o reducionismo e etnocentrismo psicanalítico, visto como um modo disfarçado de uso do poder por privilegiar certos aspectos *a priori*. Ela propõe integrar à visão psicanalítica, uma apreensão socializada do corpo - um corpo bio-psicossocial - que, por se achar introjetada pelos indivíduos, torna-se, ela também, organizadora da imagem do corpo próprio, e da identidade apresentada aos outros pela exposição de seu corpo.

Para ela³, casa e corpo são objetos espacializados e suportes objetiváveis de uma representação socializada de si e de uma comunicação com o outro, referidos aos códigos culturais atribuídos à sua morfologia e ao seu posicionamento no espaço, e aos seus anexos - objetos/ornamentos, que os completam.

Para nós, a identidade pessoal, definida como "sentimento do eu"⁴, consiste de, e se constrói através de, processos identificatórios que se dão na história de cada indivíduo, tendo como núcleo central o corpo.

A construção da identidade se dá, primeiramente, como esquema corporal, que significa, em resumo, a noção que a criança desenvolve de si própria a partir das suas sensações corporais, exteroceptivas e interoceptivas⁵, acompanhadas de dor ou prazer, e que se especializam, através de rotinas, que são práticas-simbólicas. Estas rotinas são o sistema de cuidados ou maternagem, que consistem basicamente em três aspectos: *holding*, nutrição e exploração⁶. A noção de esquema corporal é o corpo espacializado⁷, no mundo, localizado em relação ao

¹ Esta ideia foi também enunciada por Karen DOVEY (Home and homelessness. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. v.8. Human behavior and environments) ao dizer que a moradia como ordem tem um forte elemento cognitivo, enquanto como identidade é primariamente afetiva e emocional (p.40). Para nós, é a casa como abrigo e proteção, como *holding*, que é primariamente afetiva - interacional, dizendo *que* somos, enquanto a identidade, *quem* somos, é um processo intermediado pelo sócio-cognitivo.

² LUGASSY, F. *Logement, corps, identité*. Brégédis, Eds Universitaires, 1989. p.34.

³ Idem, *ibidem*, p.77.

⁴ Esta definição é de Eda TASSARA (comunicação pessoal, 1995), e também de FEDERN (apud Lugassy, *op. cit.*, p.42).

⁵ Para LUGASSY (*op. cit.*), corpo e casa têm as propriedades de uma gestalt na medida em que sua representação resume dados de percepções exteroceptivas e funcionais e, no que concerne ao corpo, por intermédio primeiramente de sensações interoceptivas (p.80).

⁶ WINNICOTT, apud Lugassy (*Logement, corps, identité*, *op. cit.*, p.102).

⁷ Henri LEFEBVRE (*Du rural à l'urbain*. Paris, Anthropos, 1970. p.280) diz que o sentido, se não for reduzido à significação, nasce no nível da situação na medida em que ela envolve os objetos e os atos. Do estudo do sentido, portanto, decorre o estudo do contexto, seja imediato (ligado ao objeto), seja

Capítulo 2

A CASA E O CORPO

2.1. A casa como representação do corpo-fronteira

A casa como meta-símbolo devido à sua função primeira como substituto da maternagem, constituindo-se na própria capacidade de simbolização, surgindo como um útero sócio-historicamente construído, segue-se a casa como **representando** o corpo, igualmente sócio-historicamente construído¹.

O presente capítulo pretende lançar hipóteses sobre a criação do corpo a partir de suportes objetivos. Partimos do reconhecimento dos limites e vieses da psicologia de desenvolvimento, enquanto Françoise LUGASSY² o faz para evitar o reducionismo e etnocentrismo psicanalítico, visto como um modo disfarçado de uso do poder por privilegiar certos aspectos *a priori*. Ela propõe integrar à visão psicanalítica, uma apreensão socializada do corpo - um corpo bio-psicossocial - que, por se achar introjetada pelos indivíduos, torna-se, ela também, organizadora da imagem do corpo próprio, e da identidade apresentada aos outros pela exposição de seu corpo.

Para ela³, casa e corpo são objetos espacializados e suportes objetiváveis de uma representação socializada de si e de uma comunicação com o outro, referidos aos códigos culturais atribuídos à sua morfologia e ao seu posicionamento no espaço, e aos seus anexos - objetos/ornamentos, que os completam.

Para nós, a identidade pessoal, definida como "sentimento do eu"⁴, consiste de, e se constrói através de, processos identificatórios que se dão na história de cada indivíduo, tendo como núcleo central o corpo.

A construção da identidade se dá, primeiramente, como esquema corporal, que significa, em resumo, a noção que a criança desenvolve de si própria a partir das suas sensações corporais, exteroceptivas e interoceptivas⁵, acompanhadas de dor ou prazer, e que se espacializam, através de rotinas, que são práticas-simbólicas. Estas rotinas são o sistema de cuidados ou maternagem, que consistem basicamente em três aspectos: *holding*, nutrição e exploração⁶. A noção de esquema corporal é o corpo espacializado⁷, no mundo, localizado em relação ao

¹ Esta idéia foi também enunciada por Karen DOVEY (Home and homelessness. In: ALTMAN, I., WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. v.8: Human behavior and environments) ao dizer que a moradia como ordem tem um forte elemento cognitivo, enquanto como identidade é primariamente afetiva e emocional (p.40). Para nós, é a casa como abrigo e proteção, como *holding*, que é primariamente afetiva - interacional, dizendo *que* somos, enquanto a identidade, *quem* somos, é um processo intermediado pelo sócio-cognitivo.

² LUGASSY, F. *Logement, corps, identité*. Brégédis, Eds Universitaires, 1989. p.34.

³ Idem, ibidem, p.77.

⁴ Esta definição é de Eda TASSARA (comunicação pessoal, 1995), e também de FEDERN (apud Lugassy, op. cit., p.42).

⁵ Para LUGASSY (op. cit.), corpo e casa têm as propriedades de uma gestalt na medida em que sua representação resume dados de percepções exteroceptivas e funcionais e, no que concerne ao corpo, por intermédio primeiramente de sensações interoceptivas (p.80).

⁶ WINNICOTT, apud Lugassy (*Logement, corps, identité*, op. cit., p.102).

⁷ Henri LEFEBVRE (*Du rural à l'urbain*. Paris, Anthropos, 1970. p.280) diz que o sentido, se não for reduzido à significação, nasce no nível da situação na medida em que ela envolve os objetos e os atos. Do estudo do sentido, portanto, decorre o estudo do contexto, seja imediato (ligado ao objeto), seja

outro, decorrente desta relação com o próprio corpo. O corpo está, portanto, no centro do que se denomina identidade, sendo uma fronteira dentro/fora.

Espacializar está sendo entendido como ocupar um lugar no mundo ao fazer do espaço um lugar. Isto é feito a partir de um centro - o corpo - que atua como uma instância organizadora preexistente fundamentada em sistemas intersensoriais que funcionam como radares, ou seja, captam intencionalmente sinais emitidos por diversas fontes em torno deste centro organizador. Apesar destes sistemas serem preexistentes, eles se atualizam e se diferenciam através de sua atividade. É desta maneira que as rotinas ou atividades habituais, por serem estáveis no tempo e no espaço, são modos privilegiados de atuar na formação dos conteúdos dos sistemas. A mãe, por exemplo, é o objeto mais habitual ao bebê, desde antes de seu nascimento, desta forma podendo se constituir em um objeto privilegiado no mundo deste. Através destas atuações em conjunto e regulares, ou seja, das interações, principalmente afetivas, ancoradas nas coisas, o entorno vai se significando, onde, para MERLEAU-PONTY⁸, ele projeta em torno de si um mundo cultural.

MERLEAU-PONTY situa o conceito de esquema corporal como um conceito além da "forma" pois, ao exprimir a unidade espacial e temporal, a unidade intersensorial ou a unidade sensório-motora do corpo, é porque ele as integra a si ativamente em razão de seu valor para os projetos do organismo⁹. Ele é um invariante imediatamente dado pelo qual as diferentes tarefas são imediatamente transponíveis, o que significa que ele é uma experiência do meu corpo no mundo¹⁰.

O corpo não está sendo visto, pois, como um recipiente passivo, mas como dotado de uma "intencionalidade ativa", dado que "as pessoas são antes de tudo corpos físicos interagindo com o ambiente no qual se encontram"¹¹. Os modos corporais seriam outras formas de intencionalidade e consciência, além da mente cognitiva. O corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por "representações", sem se subordinar a uma "função simbólica" ou "objetivante"¹². "Corpo-sujeito"¹³ é a inteligência pré-consciente do corpo manifestada através da ação: o corpo não é um objeto dirigido pela atenção cognitiva mas um *sujeito* projetando uma inteligência pré-cognitiva surgindo automaticamente, como, por exemplo, ao afastar uma mosca. Tais comportamentos, desdobrando-se diretamente de um modo inteligente mas pré-reflexivo, são a essência do corpo-sujeito. O movimento não é o pensamento de um movimento, e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado¹⁴. O corpo não está *no* espaço nem *no* tempo: ele *habita* o espaço e o tempo¹⁵: "eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca"¹⁶. Para que possamos representar-

mediatizado (ligado, por passos intermediários, ao conjunto da "realidade", isto é, à praxis ou prática social). "Todo objeto-assinalável a um lugar, instante ou momento, possui uma direita e uma esquerda, um alto e um baixo, que "eu" fico fora deste objeto para o olhar, observar, que "eu" entre ou saia dele, "eu" o aborde por tal lado, "eu" o situe em um espaço orientado ou "eu" me situe eu-mesmo: meu corpo, com minhas simetrias e assimetrias. É assim que "eu" o *falo*; toda palavra resume um percurso (efetuado ou virtual, possível e/ou impossível, cotidiano ou excepcional, previsto ou imprevisto)".

O "sentido", por sua vez, "pode ser o de um córrego, de uma frase, de um tecido, do olfato" (CLAUDEL, *Arts poétiques*, apud Merleau-Ponty, p.549)

⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1994. p.203.

⁹ Idem, *ibidem*, p.145.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p.196.

¹¹ SEAMON, D. The phenomenological contribution to environmental psychology. *Journal of Environmental Psychology*, v.2, p.119-40, 1982.

¹² MERLEAU-PONTY, op. cit., p.195.

¹³ Corpo-sujeito é um conceito de Merleau-Ponty utilizado por Seamon.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p.192.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p.193.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p.195.

nos o espaço, mesmo o de imitação, é preciso que primeiro tenhamos sido introduzidos nele por nosso corpo, e que ele nos tenha dado o primeiro modelo das transposições, das equivalências, das identificações que fazem do espaço um sistema objetivo¹⁷.

Do ponto de vista do desenvolvimento infantil, o bebê intencionalmente procura o que precisa, em uma pré-concepção do objeto. Porém, contrariamente ao adulto, seu mundo não tem uma dimensão "interna" e "externa"; segundo McINTOSH¹⁸, "enquanto seu mundo é organizado em objetos claramente diferenciados, lembrados e antecipados, o modo como são experienciados é indiferenciado: estão fundidos em uma unidade global". Este é um *self* pré-linguístico, social no sentido de interpessoal, construído a partir de própria experiência do bebê, mas onde não haveria separação entre sujeito e objeto no sentido de atribuir uma causalidade exterior ou anterior ao ato: "ele é consciente do mundo, inclusive de si próprio como um ser animado, mas não de si próprio como alguém cuja atividade é motivada por estados internos"¹⁹. McINTOSH sustenta que vivemos em dois mundos, um mundo de consciência consciente - pré-consciente (*preconscious-conscious awareness*) cotidiana e um submundo de consciência inconsciente (*unconscious awareness*) precedendo este mundo e continuando a subjazê-lo mesmo após a aquisição da linguagem. "Entre os conteúdos bem-desenvolvidos do submundo está o *self* inconsciente, que FREUD chamou "bodilly self" (*Körper-Ich*)"²⁰. O texto de McINTOSH contesta a tese de HABERMAS de que não haveria um *self* pré-linguístico devido a este equacionar consciência com intencionalidade. Baseado nos estudos do "bebê competente", McIntosh mostra que há intencionalidade não consciente, altamente estruturada, no que denomina *self* pré-linguístico. O alcance de sua discussão, para nós, está em que, com indiscutível autoridade, explícita e fundamenta a existência de um mundo anterior à linguagem e que continua a existir, após ela. O estudo da casa, como o estamos encarando, só se sustenta se esta hipótese for verdadeira, ou seja, de que há um espaço de representação além de representações do espaço.

Para SEAMON²¹, são comportamentos de rotina realizados em conjunto no espaço e tempo que podem transformar um espaço em um lugar. Cita *body-ballets* e rotinas tempo-espaço como a base das relações interpessoais, onde encontros informais face-a-face dos eus-corporais, ocorrendo juntos em um espaço, promovem um sentido de comunidade e lugar. Para MERLEAU-PONTY²², o hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos. O hábito não é nem um automatismo nem um conhecimento, mas uma significação motora onde é o corpo quem compreende: "essa fórmula parecerá absurda se compreender for resumir um dado sensível a uma idéia e se o corpo for um objeto. (...) Compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação - e o corpo é nosso ancoradouro em um mundo. (...) O hábito não reside nem no pensamento nem no corpo objetivo, mas no corpo como mediador de um mundo".

Portanto, o corpo é uma fronteira em dois sentidos: como mediador entre mundos e como *locus* do afeto/emoção fundidos com o objeto.

O corpo é nosso meio de ter um mundo, e quando adquire um hábito, deixou-se penetrar por uma significação nova. Ele é um espaço expressivo e origem de todos os outros, o próprio movimento de expressão, "aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 197. Este conceito assemelha-se aos desenvolvidos por Piaget.

¹⁸ McINTOSH, D. Language, self and lifeworld in Habermas' theory of communicative action. *Theory and Society*, v.23, n.1, 1994. p.10.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 17.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 15.

²¹ *The phenomenological contribution*, op. cit., p. 136.

²² *Fenomenologia da percepção*, op. cit., p.200-1.

um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas"²³. Isto, para nós, corresponde ao conceito de mediância conforme exposto na Introdução.

A expressividade, por sua vez, tem sido compreendida atualmente como base da empatia, que seria o modo inicial de comunicação bebê-adulto. Isto porque o bebê nasce com um sistema expressivo bastante desenvolvido e as emoções têm um caráter altamente contagioso, favorecendo a imitação recíproca, que pode ser visto nos estudos do "eco ou espelho biológico" ou do emparelhamento revelado pela sincronicidade²⁴.

Podemos pensar os *body-ballets* como movimentos sincrônicos que caracterizam a maternagem e que seriam a base da própria comunicabilidade. Para nós, é a transformação do espaço em lugar que torna o corpo-sujeito em sujeito, e isto se dá através da maternagem. O que SEAMON coloca, e que é o fundamento deste capítulo, é que a alteridade é experienciada na comunidade do tempo-espaço e que isto ocorre devido às qualidades habituais de rotinas que proporcionam a fundação de uma ordenação espacial e ambiental.

As formas nas quais a ordem espaço-temporal se manifesta são primariamente socioculturais²⁵. Para Pierre BOURDIEU²⁶, a casa é o principal *locus* para a incorporação das categorias básicas do mundo - as taxonomias de pessoas, coisas e práticas. Os esquemas básicos de percepção, pensamento e ação estão incorporados na casa, que é privilegiada por ser a locação dos processos de aprendizagem iniciais. A casa é assim uma espécie de "livro" que é lido pelo corpo através de suas interações. "Como um sistema adquirido de esquemas generativos, o *habitus* engendra todos os pensamentos, todas as percepções, e todas as ações consistentes com aquelas condições e não com outras"²⁷.

²³ Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção*, op. cit., p.202.

²⁴ CRAMER, B. A psiquiatria do bebê. In: BRAZELTON, T.B. et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987; PAPOUSEK, H. et al. Learning and cognitive in the everyday life of human infants. In: *Advances in the study of behavior*. New York, Academic Press, 1984. v.14; TREVARTEN, C. Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In: BULLOWA, M., ed. *Before speech*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1979.

²⁵ DOVEY, K., *Home and homelessness*, op. cit., p.38.

²⁶ Apud Dovey, idem, *ibidem*.

²⁷ A nossa idéia de práticas sócio-simbólicas, terminologia utilizada por Marion SEGAUD (*Le propre de la ville*. La Garenne Colombes, Eds de l'Espèce Européen, 1992) corresponde à de BOURDIEU (*O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Difel, 1989), ou seja, à de *habitus* como uma segunda natureza, uma corporiedade adquirida socialmente vivida como *natural*. Contudo, embora a casa seja, sem dúvida, uma das estruturas estruturadas responsáveis pela continuidade, pela tradição, pelos aspectos invariantes ou de lenta transformação da sociedade, ela é, também, um lugar de continua transformação, cotidiana, das histórias de curto tempo, ou seja, da vida das pessoas enquanto tais. É um dos lugares onde o indivíduo pode "criar o seu mundo" e onde "mundos escondidos" podem ser perpetuados. Sophie CHEVALIER (*L'ameublement et le décor intérieur dans un milieu populaire urbain*. Tese - Paris X, 1992) sustenta a existência de uma cultura popular autônoma. "Não há adequação entre regra e prática, e é nestas falhas que são perceptíveis os projetos, as trajetórias próprias a cada família (...) Os critérios sociais são insuficientes como únicos elementos explicativos (para a organização doméstica), onde estes se misturam (sincretizam) a critérios culturais e étnicos" (p.19). Por seu lado, Pierre BONNIN e Martyne PERROT (*Le décor domestique en Margueride*. *Terrain*, v.12, 1989. p.50), perguntam se não há um segredo do décor que corresponderia à parte mais íntima do modo de vida, que escaparia às determinações das categorias sociais. "Esta história mais confidencial seria feita destes fragmentos de memórias familiares, individuais, locais, que permitem, sob a reprodução aparente de um "gosto popular", sitiar e identificar re-interpretações mais singulares". O gosto e a estética camponeses estariam ancorados em outras duas "formas de memórias", que são os gestos, atitudes corporais e gestão do espaço pessoal, realizado pelo mobiliário, e a expressão de valores quase cosmológicos no modo de colocar as coisas, muito mais do que no valor estético dos objetos, onde seu gosto, seu passado, suas esperanças, seus lutos, são "inscritos", quase como um texto. Esta leitura corresponde à nossa, principalmente no estudo da bilheira (ver cap. "A Casa como Tempo").

QUARTOS

11.
ELVAGEM12.
CARROCINHA13. (foto: CE)
NÔMADE

Segundo David LE BRETON²⁸, a sociedade ocidental funda-se sobre os esquecimentos do corpo que a própria sociedade produz. Sobre estes esquecimentos são desenvolvidos os hábitos de modo a criar o que BOURDIEU chama de *habitus de classe*, uma orquestração sem maestro e em total sintonia cujo resultado é, além de graduar as diferenças distintivas, gerar uma segunda natureza em que natural e social coincidem. BOURDIEU²⁹ denomina *hexis corporal* esse esquema corporal característico de uma classe social onde se exprime toda a relação com o mundo social: o corpo encerraria os traços e a memória dos acontecimentos sociais, sobretudo os mais primitivos, tendo como produto certos automatismos³⁰.

O sistema de ordenação e de classificação do espaço e do corpo é, para nós, histórico no sentido de historicidade; as práticas sócio-simbólicas são formas preexistentes ancoradas em coisas, de modo que o corpo-sujeito, através do movimento da mediância, constitui a "carnalidade ou corporiedade subjetiva", o "sentido de todas as significações"³¹ ao objetivar a si mesmo, sendo um "corpo em um meio"³² e sofrendo os "esquecimentos" favorecidos por esse meio. Este sistema de ordenação, de classificação e de construção de categorias, expresso na casa e impresso no corpo, seria o sistema lógico-cognitivo, comum no "anthropos" e diverso no "sócio".

O texto que se segue é uma análise, não exaustiva, do *corpo* como dimensão ou termo do estudo da casa. Como todos os demais capítulos, ela resultou de um processo indutivo dos estudos de caso, de modo independente, e posteriormente, inter-relacionado-os entre si. Serão apresentados procurando-se evidenciar o que cada um deles contribuiu para a compreensão e para a enunciação deste "termo".

2.2. O estudo dos *semcasa* e o corpo

"A base de um *self* modela-se sobre a existência de um corpo que, porque ele é vivo, tem não somente uma forma mas também funções"³³.

²⁸ BRETON, D. Corps et post-modernité: du corps "alter ego" au morcellement du corps. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY 13., Bielefeld, Germany, 1994. [comunicação oral]

²⁹ BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. In: Ortiz, R., org. *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, 1983.

³⁰ Para Suely DAMERGIAN (*O papel do inconsciente na interação humana: um estudo sobre o objeto da psicologia social*. São Paulo, 1988. Tese - Psicologia/USP), apoiando-se no trabalho de LORENZER, a *praxis* matema é parte da *praxis* da sociedade global e ocorre como deformação sistemática de uma interação produtiva; donde as contradições sociais, à medida que atuam como mediadores do ajustamento mãe-bebê, penetram diretamente neste ajustamento, determinando as estruturas subjetivas e ocasionando "fraturas" na subjetividade (p. 306 ss.).

³¹ Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção*, op. cit., p. 197.

³² Berque, ver Introdução.

³³ WINNICOTT, D.W. Le corps et le self. *Nouvelle Revue Psychanaliste*, v.3, 1971. p.46. Neste artigo, que o autor denominou *Base para o self no corpo* (*Basis for self in body*), em inglês, e onde pede para ser mantida a denominação *self* e não ego, pois se refere à pessoa que *sou eu* (p.48), ele define personalização como uma habitação (*in-dwelling*) da psique no interior do corpo (p.40), tendo suas raízes na atitude materna, acrescentando o engajamento afetivo ao engajamento que, na origem, é físico e fisiológico, fundamentado mesmo em um período anterior ao nascimento. Winnicott confronta o conceito de personalização com o de despersonalização, onde a pessoa perde o contato com o seu corpo, apontando para a personalização como uma aquisição progressiva ao *inhabitation* no corpo e suas funções. Queremos recordar que o espaço potencial é a reunião paradoxal de dois polos que se constituem: o sujeito e o objeto, e que os objetos transicionais incarnam partes do *self* e partes do corpo da mãe, fundidas. São os fenômenos transicionais que permitem preencher o sentimento de abandono e de perda da mãe-objeto e da onipotência, donde o apoio da mãe através da maternagem ser necessário para permitir a passagem da fusão a algo não-ela. A maternagem, através do sistema de cuidados, capacita o bebê a suportar o paradoxo e constituir-se e ao mundo.

114. (foto: CE)

**SALA:
O ORIGINAL E O MESMO**

115. COZINHA (foto: CE)



A casa responde a estas funções³⁴, ancoradas em necessidades fisiológicas, como o sono, alimentação, eliminação, transformadas culturalmente, que resultam em formas, *gestalts*³⁵.

Ao estudar os *semcasa*, pudemos definir a casa como o lugar onde se dorme: uma definição operacional, mas uma definição ancorada, segundo Edgar MORIN³⁶, no sonho como origem da hominização do homem. No sonho, o homem ancestral teria tido a consciência de um mundo possível, e não apenas necessário, donde teria surgido a função simbólica criando o possível no lugar do real, e o desejo, no lugar do instinto. A casa, portanto, parece ter como função primeira, ou primária, a defesa do sono³⁷, para possibilitar o sonho e o espaço da ilusão, criativo e transformador³⁸.

O dormir, por sua vez, está estreitamente ligado à relação mãe-criança, conforme vimos no capítulo anterior. O deslocamento da criança para o mundo, fora do corpo materno, ocorreu concomitantemente à sociedade "afluente", da abundância, em que esta forneceu os meios e os fins: meios materiais, técnicos; fins heterogênicos, ou seja, não inscritos no seu início mas decorrentes deste: a criança finalmente concebida em tubos de ensaio, criada em incubadoras artificiais, vivendo em bolhas, enfim: a realidade virtual como a realidade não do possível mas como realidade humana, des/materializada.

A realidade a que nos referimos está, ao contrário, inscrita largamente no corpo materno, matéria de todas as origens e fim dela, no retorno à terra como local de onde nos originamos.

O estudo da casa dos *semcasa* forneceu uma visão sincrônica da evolução do modo de morar. As categorias empíricas pelas quais designamos os modos possíveis de morar na rua - selvagem, nômade, troglodita, assentado e neo-nômade - utilizaram-se de termos que descrevem o modo evolutivo do morar humano, devido às características descritivas, semelhantes mas não equivalentes, dos mesmos.

³⁴ "Instrumento e objeto de memorização, (a casa) é um quadro material pelo qual se concretizam os sistemas domésticos feitos de práticas, de valores, de símbolos, de *savoir-faire*. Ela funciona ao significar, os dois termos, funcionar e significar, não podendo ser compreendidos um sem o outro" (RAUTENBERG, M. *La mémoire domestique: anthropologie et histoire de la maison rurale des Monts Lyonnais*. Paris, 1990. Tese - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. p.453).

³⁵ Para Susan SAEGERT (The role of housing and the experience of dwelling. In: ALTMAN, I., WERNER, C.M, eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985), "a maior parte da atenção (das teorias sobre moradias) é dada à expressão do *self* como um indivíduo psicológico em relação a uma estrutura social (ambos bastante vagamente definidos). A existência física do *self* em interdependência com o ambiente recebe pouca atenção seja no nível individual ou como um aspecto primário de arranjos sociais. Isto é, na maioria das sociedades, a moradia propicia um espaço primário para comer, dormir, armazenar e cozinhar, fazer sexo, cuidar das crianças e dos doentes, vestir-se, etc. Estas atividades são, ao mesmo tempo, biologicamente necessárias e realizadas de modo profundamente significante cultural e individualmente" (p.292).

³⁶ MORIN, E. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

³⁷ A forma freqüentemente uterina da casa dos *semcasa* pode ser tanto uma "regressão" defensiva quanto, como nós acreditamos, a reedição dos fundamentos do morar.

³⁸ Também para Pierre DUFFONTAINES (*L'Homme et sa maison: géographie humaine*, Paris, Gallimard, 1972), "a casa deve ser antes de tudo um lugar para dormir, onde ele (o homem) está ao abrigo de intempéries, inimigos e barulhos; é sobretudo o sono que impôs a casa ao homem; (...); desde que haja família, há mais ou menos casa" (p.13). "A casa humana abriga este elemento tão extraordinário dos homens que é o pensamento e, notavelmente, o pensamento religioso, ela lhe serve como referência e como crânio exterior; deste fato, ela se reveste de um caráter espiritual que a diferencia dos alojamentos animais" (p.214). Desta virtude original decorrem as múltiplas funções da casa (proteger, alimentar, produzir...) que se expressam através dos "dispositivos" materiais (para o fogo, para a luz, para os animais, para o sono...)"



116. NÔMADE:
CASA-CASULO"
PARANÓICO"

117.
NÔMADE:
TENDA
PRESIDIÁRIO
EM SURSIS



118.
NÔMADE:
CARROCINHA

O selvagem auto-definiu-se como um habitante da selva-cidade. O troglodita mora dentro das cavernas-viadutos. O nômade acampa sob os viadutos, formando sua casa com material coletado do lixo, até ser obrigado a se mudar pela Prefeitura. O assentado é um nômade que a Prefeitura permitiu que permanecesse sob o viaduto ou outra via pública: constrói a casa com material sucateado mas a aprimora, estabiliza, coloca uma porta e a tranca, é o barraco, que passa a ser comerciável. O neo-nômade é um verdadeiro nômade cidadão: mora na sua carrocinha, meio total de vida. Sua casa está nos seus ombros, como um caracol, e ele acampa onde lhe for mais conveniente, e possível.

A casa dos *semcasa* representa, ou indica, as principais funções pela qual ela pode ser definida: sono, alimentação, sociabilidade, eliminação/limpeza. Ou seja: primeiro é necessário garantir um espaço para o sono, onde, conforme JOUVET³⁹, o sonho possa ocorrer, em seguida, há o espaço da alimentação, concebido por alguns como a origem dos acampamentos de onde se iniciaram as casas e a sociedade humana. Após, vêm ou os hábitos de limpeza ou de sociabilidade, ou seja, o lugar onde me encontro e sou encontrado ou onde realizo atividades ligadas à eliminação e conservação do corpo (e das roupas, pois, assim que possível, roupas são lavadas e dependuradas para secar)⁴⁰.

Os neo-nômades recolocam a questão do trabalho relacionado à casa: podem ser ditos ser uma reação neo-liberal à globalização: na Idade Média, morava-se e trabalhava-se em um mesmo espaço; a separação destes culminou na "rainha do lar" como ideal feminino⁴¹, enquanto o homem foi projetado para fora deste. Em consequência disto, também, a casa diferenciou-se através de divisões espaciais, em que espaços específicos passaram a servir a funções específicas realizadas por pessoas especializadas em momentos determinados. E' a instauração do tempo maquinal, da ordem decorrente de uma racionalidade, denominada cartesiana, cujos desdobramentos a tornaram hegemônica, parecendo ser a única possível.

Atualmente, uma nova revolução industrial baseada na ciber-informática está em andamento, transformando o tempo-espaço: segundo GOUBERT⁴², o tempo como criador de eventos desapareceu na medida em que a informação trafega à velocidade da luz, e se está em todos os lugares ao mesmo tempo; a globalização seria este único espaço, global⁴³. O tempo comeu o espaço⁴⁴: os espaços não significam mais lugares, dado se equivalerem, pois o tempo à velocidade da luz a todos aproxima e uniformiza.

Os neo-nômades, em sua pós-modernidade vivencial, assumem a cidade como o seu lugar no mundo, refletindo-a, segundo VICENTINI⁴⁵, como espelhos dela, em *out-doors* ambulantes onde se anunciam através do que, jogado fora, é re-inserido dentro do contexto que lhes deu origem. Ou seja: um retrato de Dorian Gray às inversas, pois o que é lixo é exposto como identidade em instalações onde não se sabe se quem está nos museus não somos nós, os habitantes de uma ordem em "disparição"⁴⁶.

³⁹ JOUVET, M. Neurobiologia do sonho. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978. v.2.

⁴⁰ A relação sujo/limpo foi objeto de um artigo (RABINOVICH, E.P. Ensaio psicossociológico das relações entre a prática - teoria no *locus* da moradia: arrumação e organização tempo-espacial. *Rev. Bras. Cres. Des. Hum.*, v.4, n.2, 1994). No que se refere aos *semcasa*, a limpeza parece ser a demarcação dentro/eu/casa/feminino, em relação a fora/não-eu/rua/masculino.

⁴¹ POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

⁴² Comunicação em aula, Paris, 1995.

⁴³ Pascal AMPHOUX (La valse des ambiances. *Recherches Architecturales*, n.42, 1994), menciona a televisão como a "terceira janela", um espaço que nos projeta no mundo e vice-versa., criando um mundo além das "quatro paredes", e com o sistema de satélites, globalizado.

⁴⁴ Comunicação pessoal, 1995.

⁴⁵ Comunicação no Exame de Qualificação, 1995.

⁴⁶ Carlos COSTA (*Habitação Guarani*, op. cit., p.98) mostra como, para os Guarani, o princípio de oposição especular se alia ao de inversão, onde o presente não passa de um espelho que reflete as coisas

119. NÔMADE



120. CAVERNA



Estas descrições da casa significam especializações onde, através da mediância, o ser se encontra consigo próprio, dentro das condições sócio-históricas objetivadas neste encontro. Significam que o pressuposto de isomorfia entre condições externas e construções internas permite analisar a organização da casa como o modelo de construção do corpo, independente de conteúdos pessoais. Dentro da noção das dimensões identificatórias, estamos pressupondo que na casa estão representados os modelos identificatórios pelos quais a pessoa se identifica.

Entre os *semcasa*, defrontamo-nos com o possível como uma realidade vivencial, dado que as pessoas construíam sua casa na ausência de uma casa real. Isto nos permitiu uma ontogênese da casa, pois a permanência implicava em acréscimos, descritos anteriormente, significando desdobramentos da função de proteção uterina naquilo que é o corpo da pessoa.

A partir da casa dos *semcasa*, somos levados a crer que a casa e o corpo simbólico constituíram-se, sucessivamente, através do sono, alimentação, sociabilidade e limpeza/ eliminação⁴⁷, e da relação moradia-trabalho.

A casa dos *semcasa* reedita, em certo sentido, a casa de faz-de-conta das crianças, em que ambos configuram, a partir do próprio corpo, o que é a casa. Reedita, também, a *nau dos insensatos* em um nomadismo compulsório onde a "desordem" no urbano, que revelam, indica uma nova "ordem dos tempos".

2.3. O EIXO ORGANIZAÇÃO EM VILA MADALENA

O corpo pode ser visto através da casa e vice-versa, ambos sendo construções que se dão a partir da noção de ser-no-mundo, propiciada pela relação mãe-criança, ela própria inserida e um produto deste ser-no-mundo.

O corpo conforme revelado na casa não é uma extensão do corpo materno: é o corpo social, ou primariamente sócio-familiar.

Não estamos também pensando em identificações, embora estas ocorram, mas na emergência de um corpo baseado nas práticas-simbólicas ensejadas pela casa.

Estas idéias decorreram da pesquisa em Vila Madalena; mais precisamente, da ausência de portas⁴⁸. Começamos a conceber a casa como um espaço in-formal onde dinâmicas ou práticas-simbólicas, ancoradas em lugares e objetos, foram estruturando-se, fixando-se e transformando-se através dos séculos.

Em Vila Madalena, os cortiços eram um único espaço multifuncional, havendo ou não separações virtuais para designar as diferenciações de uso do espaço segundo as funções. Este eixo ou dimensão foi denominado *tipo de ordenação*, variando de um espaço multifuncional não ordenado a espaços monofuncionais, segmentados e especializados. Decorrentemente, supomos que o tipo de ordenação estaria associada a uma noção de corpo simbólico.

que foram e as que serão" A mentalidade indígena é essencialmente simbólica (p.414). Estas duas noções, a de inversão e de oposição, e de simbolismo foram as que vieram a nos sugerir a *cultura do corpo*, como veremos a seguir.

⁴⁷ Jean-Pierre GOUBERT (comunicação em aula, Paris, 1995) analisa a constituição das moradias através do uso da água. Do ponto de vista da história da Saúde, o uso da água revela a racionalidade do modo de morar decorrente da representação do corpo. Esta repartição da água equivaleria a uma repartição do tempo (nas práticas sócio-simbólicas) e do corpo.

⁴⁸ Dominique RAYNAUD (*Le symbolique de la porte: essai sur les rapports du schème à l'image. Arch.&Comp./Arch.&Beh.*, v.8, n.4, p.333-52, 1992), discute fenomenologicamente os significados da porta como uma "rede de gestos". Para ela, a porta é um mundo do intermediário, um "in-between: um mundo entre-dois" (p.347). Na ausência de portas, embora com espaços demarcados para elas, pareceu-nos que os espaços de transição se dariam "simbolicamente", ritualisticamente, liminarmente: a ausência de portas, que são "liminares", e sua representação simbólica, apontou para mecanismos "liminares", simbólicos. Em resumo, na ausência de intermediações físicas, as intermediações seriam simbólicas.

No estudo dos *semcasa*, esta idéia foi acrescida da dimensão temporal, pois além de todas as atividades acontecerem nos mesmos lugares em outros tempos, nada parava nos lugares: havia uma aceleração de tempo no que se refere ao espaço, como se o não-espaço sobrecarregasse ou fosse compensado pelo tempo⁴⁹. A noção de tempo monocrônico e policrônico de HALL⁵⁰ formalizou estas idéias, assim como trouxe a questão da temporalidade para o centro do estudo (ver capítulo: A casa e o tempo).

O corpo simbólico foi visto ser constituído através das práticas da maternagem percebidas como categorias cognitivas. Proto-modelos cognitivos dar-se-iam através destas práticas, simbólicas porque sinalizam, indicam, concretizam, sistemas de significações que acontecem no conjunto da organização do modo de vida.

A vivência corporal é o modelo como o mundo é conhecido e concebido. Localizando-se no espaço, são localizados os demais objetos e pessoas. Embora toda cognição possa operar de um modelo corporal, como a eliminação, a mastigação, etc., no momento estamos falando de algo bem mais externo e visível: a organização tempo-espacial da casa.

Retornando às casas de Vila Madalena: havia os cômodos únicos dos cortiços; depois havia casas de dois cômodos, combinando ou cozinha e sala, ou quarto e sala; depois, casas de três cômodos sala, quarto e cozinha; e 10% das casas com quatro cômodos. Ou seja, todos dormiam no mesmo quarto e não havia lugares muito especializados⁵¹.

Um dado principal foi a ausência de intermediações: portas, corredores, terraços, situações intermediárias. Nos *semcasa*, isto é drástico pois não há intermediação nem entre o público e o privado, ficando a intimidade escancarada, como uma ferida narcísica aberta⁵².

As ausências de intermediações impedem as segmentações e especializações, características do corpo maquinal. No oposto, a presença de intermediações possibilita a criação do corpo como algo segmentado, funcionalizado, organizado para funcionar como uma máquina.

Uma máquina é um aparelho onde cada coisa tem o seu lugar e funcionamento determinado pelos outros lugares, e tempos, das outras coisas. Isto implica em categorizações,

⁴⁹ "Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isto" (BACHELARD, G. A poética do espaço. In: *Bachelard*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p.202).

⁵⁰ HALL, E. *The dance of life*. New York, Anchor Books, 1983.

⁵¹ Lilian Fessler VAZ (*Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo, 1994. Tese- FAU/USP) descreve como, apenas para as habitações das classes abastadas, os princípios da modernidade em direção à fragmentação, segmentação, especialização do ambiente doméstico ocorreu, "pois nas habitações populares, a exiguidade dos espaços não permitiu a especialização" (p.209).

⁵² Para DOVEY (*Home and homelessness*, op. cit.), são as intermediações que caracterizam a dinâmica dentro/fora (o dentro: privacidade, intimidade, interioridade, segredo). Segundo SIMMEL (*Pont et porte*. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J.P. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds de l'Herne, 1983), um lar pode ser representado por uma porta e uma janela, donde a abertura seria a possibilidade de um outro mundo, de uma ruptura ontológica entre um dentro e um fora. Os espaços de transição têm recebido, tradicionalmente, um tratamento diferenciado, como pórticos, ou o jardim japonês que é a passagem entre o fora e a entrada da casa. Para DOVEY (op. cit.), os espaços intersticiais desapareceram atualmente de modo que o reino do privado expandiu, e o lar tem de preencher todas as necessidades das pessoas. "Cruza-se um limite de portas trancadas, janelas com grades, e sistemas de segurança para confrontar o mundo que é responsabilidade de alguém outro. Fechada ao mundo, a casa tornou-se um mundo isolado em si própria, uma concha de segurança e conforto, parecido em suas conexões mais profundas com o tecido urbano (...) uma máquina-para-morar" (p.58). LAWRENCE (*Housing, dwellings and homes*, op. cit.), já mencionado, trata estas regiões, liminares, como regiões ambíguas e foi, em função disto, de arranjos espaciais não-convencionais em suas formas intermediárias, que a liminaridade tornou-se um conceito central deste estudo. Por outro lado, as intermediações caracterizam o espaço dentro da casa. Em francês, *intérieur* quer dizer, ao mesmo tempo: dentro; casa ou dentro de casa; intestino. *Intus*, em latim, quer dizer dentro, donde a idéia de que a interioridade do corpo e a interioridade da moradia são idênticos. Segundo Perla KOROSK-SERFATY (*Experience and use of dwelling*, op. cit.), isto facilitou a visão de que o eu é o corpo.

121. "CANTO" NO PIAUÍ



classificações, delimitações. É um corpo "analítico", verbalizado, ligado a coisas, hierarquizado, funcional, monotemporal.

As ausências de intermediações significam não-máquina, ou não articulação através de meios: entra-se e sai-se diretamente de coisas, pessoas, casas e pensamentos. É um corpo "sintético", não-verbalizado, ligado a pessoas, não hierarquizado, mítico, polifuncional.

O corpo virtual, ou seja, informatizado, terceirizado, cibernético, que se comunica por aparelhos, em que o tempo comeu o espaço ou vv., também é um corpo sem separações: habita um espaço único, uma espécie de cápsula espacial no sentido de estar no espaço mas sem ter espaço, ou seja, a não importância do lugar aproximou a casa do século XXI da casa dos I Kung, no sentido de um espaço único, com as diferenças de que o natural do homem é o artificio e que ele está só, embora em comunicação com todos através de aparelhos. Da casa medieval com suas arcas e sem intermediações para a casa moderna com seus espaços especializados e as separações entre eles, foi-se para uma hiper-especialização - quarto para vinhos, quarto para ferramentas, quarto para cachorro, quarto para roupa da dona de casa, quarto para roupas de dormir, etc., cada pessoa com seu banheiro próprio, TV, rádio, telefone, computador, som, mesa de trabalho, etc. - e daí para este hiper-espaço sem divisões quando se perdeu o corpo: pois o corpo é espaço.

A casa como simbolização - processo cognitivo - decorreria das práticas-simbólicas do sistema de cuidados; ao tipo de organização do ambiente corresponderia um tipo de ordenação mental daquela estrutura sócio-familiar.

A ordenação compreende dois aspectos: a arrumação e a ordenação por funções. A arrumação⁵³, afora ser uma categoria cognitiva e estética, parece também associada ao tempo como defesa afetiva. A ordenação, contudo, forneceu a outra grande hipótese a estes estudos, além das intermediações, já mencionadas: o caráter sincrético ou virtual das moradias. Enquanto intermediações significavam separações e "palavras" no lugar de experiência, o caráter sincrético ou virtual consistiu em que as casas semi-coletivizadas ou semi-privatizadas faziam coexistir os extremos dos eixos, indicando uma virtualidade - confirmada nos *semcasa* - de que a casa era "simbólica" porque as pessoas a tinham "dentro de si", "no corpo", e não na casa.

2.4. A liminaridade no rural

As casas do interior do Piauí encontram-se entre várias fronteiras: do rural com o urbano, do rural com "vernacular", do autóctone com o feito por outro, do índio com o europeu, do pré-moderno com o pós-moderno⁵⁴.

Nas casas, uma harmonia intrínseca entre os seus elementos, desde os materiais até as dimensões, forneceu uma característica "clássica"⁵⁵: algo pronto, acabado, que encontrou o modo e o meio mais adequado de responder às necessidades a partir dos materiais disponíveis.

⁵³ CSIKSZENTMIHALYI e ROCHBERG-HALTON (*The meaning of things*, op. cit.) propõem o conceito de *cultivação*, que é um conceito amplo, mas no qual o nosso conceito de arrumação estaria incluído. *Cultivação* é qualquer melhoria, desenvolvimento, refinamento de algum objeto ou hábito de vida devido ao cuidado, treinamento ou pesquisa. Aproxima-se do conceito original de cultura, embora este seja geralmente excluído em favor do sistema de símbolos. *Cultivação* viria de cultivo, origem etimológica da palavra cultura, onde a essência da cultura seria a vida a ser vivida na carne e no sangue. cultura ou *cultivação* é o complemento da natureza. Ex.: ao regar uma planta, tanto a pessoa quanto a planta podem ser beneficiadas. O significado do objeto se realiza na atividade de interação e na direção ou propósito que esta atividade indica. O conceito de *cultivação* descreve o modo de significar pessoas a objetos, envolvendo dois sentidos do verbo "atender": cuidar e tender para.

⁵⁴ Para Carlos COSTA (*Habitação Guarani*, op. cit., p.XVIII), há provável influência guarani nas habitações brasileiras em geral.

UMA CULTURA CLÁSSICA?

122. SALA



123. VENDA



Este aspecto "clássico" pode estar ligado também aos espaços e tempos separados: os tempos são o do amanhecer, da posição do sol no céu pois durante o sol a pino é praticamente impossível ficar sob ele, o entardecer, a noite. Além disso, as estações da chuva e o da seca. O tempo marcado pelas festas também existe, como o Bumba-meu-boi, realizado em União, que atrai moradores de várias regiões vizinhas.

Os espaços, por sua vez, existem independentemente das atividades neles realizadas, são polifuncionais, embora haja espaços designados para atividades específicas, como o sono. As redes podem ou não estar estendidas, e, durante o dia as redes são de quem as ocupam, e só à noite pertencem a uma só pessoa. Há um uso múltiplo de espaços, demarcados estruturalmente mas não dinamicamente, pois não há móveis, ou poucos, ou seja, os móveis são literalmente móveis, podem ser movimentados.

Indagando-se sobre a alimentação da família, recebia a resposta que cada membro da mesma tinha um prato e uma colher para si, o que significava que cada pessoa comia de seu próprio prato, e que a criança, com cerca de um ano, ganhava o seu. Mas, ao nascer, já tinha a sua rede.

Outro objeto individualizado e entronizado era a escova de dente, apontada como um dos altares da modernidade. Isto ocorreu devido à passagem de um dentista no Posto de Saúde de Divinópolis, posteriormente desocupado.

Apenas duas casas combinaram cômodos: uma, sala-cozinha, outra, sala-quarto. As cozinhas eram apenas o lugar de se cozinhar, uma passagem para os fundos, a porta sempre aberta, assim como a da frente. Os cômodos comunicavam-se entre si, isto é, passava-se de um cômodo para outro, embora houvesse alguns corredores de distribuição: mas não havia um cômodo de entrada ou de distribuição. A casa se dava inteira: passado o umbral da porta, estava-se dentro, totalmente, e totalmente recebida dentro⁵⁶.

Se havia uma repetição de soluções arquitetônicas dentro da casa, o terreno fora continha várias diferenças, demandando esforço, de nossa parte, para entender e captar a função⁵⁷. Havia uma cerca apenas na frente da casa, deduzimos que para forçar a entrada da pessoa pela porta da frente, sempre aberta. Quando havia uma cerca em torno da casa toda, seria, segundo um informante, para a criação de galinhas, ou outros animais, não fugir. A maior parte das casas tinha um poço raso, chamado *cacimba*, com uma solução muito engenhosa para puxar a água, e que, aos nossos olhos, representava um grande perigo para as crianças. Havia *hortas suspensas*, para não serem comidas pelos animais, e um ou vários *jiraus*, um

⁵⁵ Marion SEGAUD (Code et esthetique populaire en architecture. In: POL, E. et al., eds. *Home environment*. Barcelona, Eds. de la Universitat de Barcelona, 1984, IAPS-7), a partir de categorias empíricas sobre o modo como os moradores exprimem suas idéias estéticas sobre o *habitat*, dentro da categoria *estética como sentimento*, aponta para o "clássico" como um sentimento que resulta do respeito, apreciado positiva ou negativamente, a certas convenções. "Do clássico pode-se dizer que não há nada para falar (...). Ele implica na existência de regras, de um costume anterior ao julgamento, espécie de referente a partir do qual o não-clássico pode se afirmar" (p.428), enquanto o sentimento do moderno seriam regras que escapam ao entendimento. "Assim, o sentimento do clássico seria um sentimento do já conhecido, do re-conhecido, do demais-conhecido. O do moderno, o de um sujeito alienado" (p.428).

⁵⁶ "O limiar, a porta principal de entrada para a casa, é o lugar no qual a passagem entre dois diferentes mundos (de experiência do *self* e relações com os outros: estranho/membro; estrangeiro/amigo) torna-se possível. Cruzar o limiar é unir-se a um novo mundo. O grau de ritual necessário pode expressar o grau de diferença experienciado pela família entre fora e dentro. Rituais de separação incluem limpar os pés, tirar os sapatos, etc. Rituais de incorporação incluem apertar as mãos, abraçar, etc." (CROWHURST, S.H. A house is a metaphor. *Journal of Architectural Education*, v.27, n.2/3, p.37-53, s.d.).

⁵⁷ FILLIPETTI e TROTTEREAU (apud Lawrence, R.J. *Housing, dwelling and homes*, op. cit.), "opuseram o interior da casa rural ou vernacular, o foco da vida familiar, ao espaço em torno da casa que está sob a ingerência de forças naturais" (p.19).

gradeado suspenso feito de bambu ou equivalente, destinado a secar louça ou outras coisas. Algumas casas tinham o *banheiro*, uma cerca de babaçu com um pneu cortado dentro, para o banho, urinar e lavar roupa. Poucas tinham a *latrina*, para as fezes, não utilizada. O lugar para a evacuação é a *sentina* (2). Algumas casas tinham um canteiro na entrada, com flores. Todos estes elementos, e outros, estavam localizados sem uma regra definida, "soltos" na área livre, geralmente espaçosa⁵⁸.

Em decorrência do acima exposto, a nossa compreensão da casa do Piauí ligou-se, principalmente, à vivência do corpo como seguindo as leis da natureza, em harmonia com ela e com os seus tempos. Em seguida, a um corpo pluridimensional e coletivizado: pluridimensional porque várias atividades eram realizadas em um mesmo espaço, e coletivizado ou relacional, porque não havia "cantinhos" porque o indivíduo não era visto como independente do todo. Uma terceira dimensão seria a mítica: o incontrolável da natureza é o deus adorado, cultuado de modo direto. Estes seriam os altares.

2.4.1. Moradia e Moralidade

O aspecto clássico acima apontado pode ser devido à anterior estabilidade cultural, mas aparece também associado à honra, a aspectos éticos. É um modo de viver a subjetividade exteriorizada, ou seja, não através de valores subjetivos "autônomos" individuais mas como regras de conduta que determinam o lugar das pessoas no seu grupo social⁵⁹.

Por exemplo: um rapaz apareceu com o rosto pintado. Tratava-se do filho mais velho da família, que havia ido para Teresina e havia voltado "maricas". O pai o expulsara de casa e ele habitava sozinho em uma casa localizada perto da dos pais. O pai dizia desejar matá-lo para livrar-se da vergonha de ter um filho assim, enquanto a mãe argumentava que "filho é filho".

⁵⁸ Em um artigo, Christian MOLEY (*La place de l'eau dans l'espace domestique. Arch.&Comp./Arch.&Beh.*, v.3, n.2, p.103-15, 1987), analisa o lugar da água no espaço doméstico, mostrando como nas culturas tradicionais havia um uso disperso de vários pontos de água ao lado de um papel simbólico da água que transcendia ao utilitário, e como isto foi substituído por uma centralização da água canalizada, em função da noção de higiene, física e moral. Descreve como há uma circunscrição dos lugares úmidos, atrás ou ao lado da casa, escondendo o "sujo e toda evocação de intimidade corporal" e confirmando o "valor ideológico dos cômodos de higiene e dos pontos de água de que são os instrumentos" (p.110). Conclui dizendo que o que era uma questão de lugar útil e simbólico da água no espaço das práticas domésticas nas casas tradicionais tornou-se, no alojamento social, um problema técnico, condicionando a distribuição dos cômodos, segmentando-os e tornando-os monofuncionais. "Este processo progressivo foi caracterizado como uma *incorporação*, se lembrarmos que a habitação foi frequentemente concebida como uma metáfora do corpo. Conduzir um conjunto de canalizações ao centro da habitação, não simbolizaria que a água conduzida ao corpo da casa leva, no mesmo movimento, o habitante a seu corpo? Repartidos e fechados em diferentes cômodos úmidos, os pontos de água conduzem ao uso individual, como todo o conjunto de segmentação por cômodo. Eles têm também o papel de ser o suporte de valores domésticos que aparecem ligados ao corpo: intimidade, higiene, comodidade das tarefas de limpeza. As peças sanitárias e seus aparelhos contribuem para definir uma intimidade mais centrada na pessoa e no casal do que sobre a entidade familiar, designando a intimidade corporal. Elas "dão corpo" ao higienismo que, ultrapassando a abstração inicial "ar, sol, luz", deve se tornar uma prática. A posição da pia na cozinha, da máquina de lavar, reenvia ao corpo "máquina" tornado mais eficaz graças à ergonomia e ao taylorismo doméstico. Assim, longo processo topológico e técnico, a *domesticação* da água nos apareceu achar sua correspondência na do corpo" (p.115).

⁵⁹ Luiz Cláudio FIGUEIREDO (*Modas de subjetivação no Brasil*. São Paulo, Escuta/Educ, 1995), estabelece uma distinção entre ética da excelência e ética da eficácia. A ética da excelência caracteriza as *pessoas*, uma modalidade pré-moderna de subjetivação, em que cada um deve se dedicar às funções e às tarefas que lhe são destinadas para superar-se no seu exercício (p.37). Esta ética pressupõe um contexto relacional, enquanto a ética da eficácia é característica dos contextos individualistas (p.39).

124. (foto: AMSA)

O RAPAZ COM A CARA PINTADA

Trata-se de um modo "medieval" de lidar com o "diverso": ostracismo, uma espécie de "nau dos insensatos" solitária, anterior ao panóptico, ou, mais ainda, ao olho interno que tudo disciplina e controla.

O rapaz estava caricaturado como "mulher" tinha dois borrões vermelhos sobre as bochechas e uns traços de lápis preto nos olhos, ou seja, exibia a sua condição de excluído.

A subjetividade aparece como algo que ocorre no corpo, transparece no corpo, é exposta no corpo. Em contraposição, a norma é clara.

Outro exemplo: no estudo dos nomes dados às crianças, sujeitos do Estudo de Campo 2, e do de seus irmãos⁶⁰, o que se verificou foi um grande número de regras de nomeação, como dar Antonio(a) quando a criança nasce "laçada", com o cordão preso no pescoço; "dar a criança para o santo" para pagar promessa ou equivalente; dar nomes com equivalência para os irmãos (mesma inicial, por exemplo); ou seja, mais do que os nomes como projeção de desejos parentais (nomes por fantasia praticamente inexistentes), os nomes encaixavam as crianças nas regras do grupo. A própria invenção de nomes que, no Sul, causa tanta estranheza, resulta da necessidade de diferenciação pelo nome, dado o repertório dos sobrenomes não ser muito extenso, dentro da regra básica do sincretismo, a que une duas coisas diferentes sob a aparência de uma. Por exemplo: juntar metade do nome do pai e metade do nome da mãe, indicando, sincreticamente, a união sexual-amorosa dos pais e o seu fruto.

No estudo dos *semcasa*, já havíamos aventado a hipótese de que uma "moral da vergonha" poderia ocorrer decorrente do modo de vida, já que a única "interdição" era a do olhar, pois, dadas as condições da moradia, tudo era ouvido e percebido, enquanto paredes "virtuais" se erguiam impedindo a visão. A vergonha é um sentimento que decorre da visão, de ver e ser visto, algo mais exterior em relação à culpa, que é a introjeção da vergonha. Ou seja: concebemos, a partir da casa coletivizada, uma moral baseada na honra e na vergonha, sentimentos equivalentes, um negativo, outro positivo, referidos ambos ao "ser no mundo", isto é, a um papel social "clássico" no sentido grego: como um destino que o nascimento impõe, uma regra à qual a liberdade é a de segui-la e, ao fazer isto, encontrar o "herói", o mito, imortal. Uma moral baseada no valor e não no preço.

No Piauí, esta percepção intensificou-se, por todo o exposto acima: a harmonização das partes nos e pelos meios; uma moralidade baseada em regras de conduta de valores "tradicionais", em uma única padronização - embora ocorrendo concomitantemente outras normas vindas do urbano, da ciência, dos *midia* - uma moralidade baseada na vergonha, honra e vingança, três aspectos decorrentes da interdição da visão, ou seja, da inveja (in-veja = ver contra), e não da culpa.

Sobre os pobres, principalmente os *semcasa*, a palavra utilizada pela sociedade civil para os definir é "bárbaro", um estado de degradação moral, social, total, de regressão a um estado de selvageria, etc. Esta visão tem sido usada também para "acusar" as pessoas pobres de promiscuas, pois dormem todos juntos, donde incestos, etc. serem frequentes, usuais, e tolerados. O estudo do Piauí mostra um quadro diametralmente oposto a isto.

No Piauí, pode-se observar a cultura ainda coesa, baseada, ao contrário do barbarismo, em regras. O individualismo urbano pode colocar estas regras em cheque, mas as famílias migrantes, sob a ponte, mantêm estes valores. O que parece ocorrer é que, na cidade grande, as crianças são absorvidas por várias influências da "rua", assim como seus pais, por vários padrões de valores, de conduta. A extrema pobreza é um fator de enfraquecimento do poder paterno, que fica "sem fala", sem falo⁶¹.

⁶⁰ RABINOVICH, E.P. Nomes e nomeação na zona rural do Piauí. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 24., Ribeirão Preto, 1994. *Comunicações científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia. p.321.

⁶¹ A partir da fala de adolescentes, no CDH, passamos a conceber que ao esfacelamento da família extensa, no Brasil, não se segue a família nuclear, a não ser como ideologia, como um ideal frequente-

Enquanto no Piauí, a ordem rural, de uma economia extrativista e de roça de manutenção, mantém uma ordem familiar, cada qual com sua função, a partir de certa idade, funcionando segundo regras da natureza, como as estações do ano, épocas de plantio, etc., na cidade grande, o tempo é outro, e assim, é desautorizada a figura paterna. A estrutura patriarcal, no Piauí, implicada em um modo patrilinear de transmissão de herança, isto é, a mulher muda-se para a casa dos pais do marido, e em uma proibição da "rua" às mulheres ("lugar de mulher é em casa; não tem necessidade de sair"), portanto, a uma vigilância da mulher que, na família do marido, tem menos oportunidade de "dar umas voltinhas", é acompanhada por uma grande importância da mulher coletora do coco do babaçu, guerreira, aguerrida, forte, que está nas escolas, que domina totalmente a casa e os filhos.

2.4.2. Moradia e Carnalidade

As reflexões seguintes relacionam-se com o corpo e suas funções conforme expressos na moradia.

Em primeiro lugar, a questão da moralidade, ligada ao modo de morar, indica que a racionalidade que estrutura uma casa está associada à racionalidade que estrutura as regras de convivência e a ética. Estamos supondo que há uma ética baseada na vergonha e uma ética baseada na culpa. A culpa viria, ambientalmente, com os espaços separados, onde e quando a criança, deixada só, internaliza os seus temores e as defesas a eles. No primeiro caso, retira-se o olhar, eliminando visualmente, matando, olho por olho, no segundo caso, o olhar é lançado para dentro, e a acusação é a si próprio, já que não tem a quem olhar.

Em segundo lugar, a questão da sociabilidade associada ao modo de morar: em um caso, o centro é o grupo, no outro, o indivíduo.

Em terceiro lugar, a questão da autonomia: embora a independência como a responsabilidade pelos auto-cuidados seja favorecida pelo modo de cuidar no Piauí, a autonomia não o é, dada a centração no grupo definido como interdependente. Esta é uma possível explicação para muito do fracasso escolar inicial em uma escola baseada em modelos que enfatizam a diferenciação e a competição como valores a serem perseguidos.

Em quarto lugar, sociabilidade e autonomia definem, por assim dizer, tanto a alteridade quanto a subjetividade.

Em quinto lugar, a questão da temporalidade, que será tratada em outro lugar.

Em sexto lugar, a inserção na natureza, o aspecto mais eminente no modo de morar e de viver no Piauí.

Começaremos pela matéria, a base material da casa⁶², que é uma continuação do meio ecológico na qual está inscrita. Esta é uma linguagem forte, arquetípica, que "nos fala" de um

mente não realizado. Cynthia A. SARTI (*A família como espelho*. Campinas, Ed. Autores Associados, 1996) expande e aprofunda o conceito de moralidade a partir de população urbana, colocando a família pobre no Brasil como sendo uma *rede* de relações, de sangue e de criação. João PINA-CABRAL (*L'heritage de Maine*. Paris, 1987. *Communications*. v.2: p.49-76. Actes du Colloque du Centre d'Ethnologie française et du Musée des Arts et Traditions Populaires), aponta para a noção de que haveria uma sucessão de família extensa para a nuclear como um viés etnocêntrico dos antropólogos, que negam evidências de que os grupos de co-residência não têm necessariamente laços de "sangue".

⁶² Michel THÉVOZ (*L'art brut*. Genève, Skira, 1981): "Vimos que os critérios da representação ótica são critérios que só se aplicam às produções dos adultos ocidentais. A imagem, tal como é concebida em nossa cultura, postula uma presença primeira que, contudo, recebe dela seu desenho; de modo que somos enviados de uma à outra, como a dois espelhos confrontados. O real seria secundário ao sistema de representação que ele parece fundar. Esta função "ontologizante" da representação explicaria o privilégio da visão, igual ao do *logos*, em nossa sociedade. A visibilidade seria para o real o que o valor de troca é para o valor de uso: um sistema de signos constituído como tal para suscitar uma miragem realista ou para "se parecer" (*vraisemblabilizer*= ter o aspecto da verdade) a seu objeto. O sujeito se

passado imemorial. Segundo Marc AUGÉ⁶³, referindo-se aos cultos antropomórficos africanos, há um resíduo do impensado na matéria bruta; como se a matéria bruta constituísse o ser deste parecer que se realiza em uma forma mas que não se reduz a nenhuma de suas realizações particulares. Este impensado é Deus, algo que escapa, necessariamente, ao controle humano, à onipotência.

A materialidade impôs-se neste trabalho devido à liminaridade dos espaços estudados: na leitura sugerida por Michel THÉVOZ⁶⁴, seria como se "significações não concertadas, fazendo tremer o sistema de significações e representações, mostrassem o material como tendo uma certa iniciativa, uma alma, uma faculdade de invenção em que o morador não fosse mais do que o intérprete, recuperando significados não óticos e tirando um partido expressivo desta restituição materialista". A materialidade seria o conteúdo sem ser o significado; e esta possibilidade de romper o circuito do *logos* e da visibilidade estaria na transição entre o significado e a coisa, o que estamos denominando "liminaridade": em Vila Madalena, em casas convencionais eram delimitados espaços de modo não convencional, como através de cortinas e armários, ou o mero arranjo espacial; na casa dos *semcasa*, o material era lixo; no Piauí, barro, pedra e babaçu. As casas "existiam" pelo seu material de construção: o "real aparecia primário ao sistema de representação que ele parecia fundar, não a imagem, não a transparência, não o significado unívoco, não a repressão de toda ambivalência simbólica", mas a concertação das virtualidades dos sentidos.

A partir destes casos, pode-se dizer que o material é algo que existe no meio e que é apropriado para a construção de moradias. Esta talvez seja uma das passagens mais sutis da mediância, pois ela se une a uma linguagem não articulada, à corporiedade do corpo, à substância do corpo. O corpo aparece como a natureza da cultura, naquilo que ela transformou, no tempo longo, a matéria do próprio corpo. Berque o menciona, quando diz que a carnalidade não é o corpo-objeto, mas a união da historicidade com a mediância, isto é, o encontro da espacialidade sócio-historicamente construída com o sujeito ator.

Portanto, como primeiro aspecto associado à matéria está a de que a carnalidade teria algo a ver com a materialidade da casa.

Baseada no Piauí, apareceu a sugestão de que a carnalidade subjetiva se molda no manejo dos excrementos. O manejo dos excrementos, por sua vez, parece ligado ao manejo da água.

Foi dito acima que, enquanto a casa tem uma estrutura clássica, o fora da casa é variado e casual. Parece que o modo como lidamos com o fora da casa tem algo a ver com o modo como lidamos com a natureza humana: se a contemos, prendemos, ordenamos, escondemos, negamos, eliminamos - como a "disciplinamos"/"educamos".

constitui segundo o dualismo de um significado pleno (*unívoco*) e de um significante transparente" (p. 109/10). "A mitologia da visibilidade, na arte bruta, não se funda sobre a exclusão de todas as virtualidades dos sentidos, exceto a intencional. A condição e a contrapartida desta clareza de intenção é a repressão de toda ambivalência simbólica. O artista primitivo ou bruto não teme se deixar transbordar pelas significações não concertadas. Isto explica que uma certa iniciativa é deixada ao material que é sentido ter uma alma, uma faculdade de invenção cujo artista não é mais do que o intérprete. A mitologia é porque ela recupera componentes e significados não óticos; de outro lado, ele consigna sua própria gênese em todas suas fases e tira um partido expressivo desta restituição materialista. Colocando em questão a secundariedade da imagem em relação ao real, ele faz tremer o sistema de representação" (p. 109) [grifo nosso]. Pensamos que sair do etnocentrismo implica em colocar a materialidade como categoria do pensamento, em oposição ao pensamento ocidental, abstraído do "corpo" em uma alma imaterial, e em uma tentativa de colocar o mundo "real", e não apenas representacional. Além disto, se a consciência é o dominante, as bordas se dão em margens de inconsciência: o *wandering* pode ser uma atitude epistêmica de desfocamento, e o *wondering*, liminar, enquanto o saber é focal.

⁶³ AUGÉ, M. *Le Dieu objet*. Paris, Flammarion, 1988. p.33.

⁶⁴ Idem, *ibidem*.

A MATÉRIA

125. NA COZINHA NO PIAUÍ

126. NA MARGINAL DE S. PAULO



A
CARNA
LIDADE
NO
PIAUI

127.
CASA



128.
TÚMULO



129.
PELE
DE
PREÁ



A
CARNA
LIDADE
NO
PIAUI

127.
CASA



128.
TUMULO



129.
PELE
DE
PREÁ



No Piauí, o fora é o lugar do lixo, que não é visto como lixo. Fazer as necessidades no matinho faz parte do matinho, é alimento dos bichos, faz parte da natureza. O lixo depositado nos monturos é apenas lixo orgânico, queimado ou usado como adubo. O bebê urina da rede para o chão, sem nenhum problema. As fezes do bebê, "obradas" no chão, são lançadas fora pela janela com uma folha. As perguntas sobre treino de toailete não faziam nenhum sentido, dada a ausência do treino e da toailete. O sistema-matinho é aprendido por imitação⁶⁵.

A única casa onde a pergunta fez algum sentido foi a única casa com uma fossa utilizada para o fim específico de defecação. Como era um buraco no chão, a mãe preocupava-se com duas coisas: que o bebê usasse sapato e que fosse com alguém para não cair no buraco. Isto após ele ter adquirido o andar independente, com mais de dois anos.

O corte com esta "carnalidade" se deu, neste estudo, com o uso da calça plástica durante o sono. Uma jovem mãe orgulhava-se de sua filha dormir com calça plástica, a única a usá-la dentre as crianças. A nenê dormia em sua rede, perpendicular às dos pais, e não entre elas como o usual, e tinha um laço cor-de-rosa enfeitando-a. Foi a única rede ornamentada.

Este caso ilustra o sincretismo, mas aponta para o que encontramos estruturado em Vila Madalena: uma nova ordem. Especificamente, o uso da calça plástica corta a relação no-

⁶⁵ ALTMAN e CHEMERS (*Culture and environment*. Monterey, Brooks, 1984), estudaram o banheiro americano, caracterizado culturalmente por: *atividades isoladas, lugar anti-séptico, lugar de modestia*. Segundo estes autores, até o século XVIII, o banho, e mesmo a eliminação, continuavam a ser comunais. A palavra "trono" para designar a privada é porque os reis franceses conduziam seus negócios ou da banheira ou da toailete ricamente ornamentados. Desde então, estas atividades tenderam a ser realizadas de modo isolado, exceto o mictório masculino que permanece, até hoje, uma atividade comunal. Como *lugar asséptico*, o banheiro americano simboliza a limpeza e higiene. Para os antigos gregos e romanos, os banhos - as *termas* - serviam para várias finalidades, sociais, de relaxamento. Na Idade Média, a limpeza não era considerada uma virtude porque interferia com valores religiosos de penitência e culpa. Ao invés, a sujeira personificava a inerente natureza má e pecaminosa das pessoas e quase servia como um símbolo da própria piedade (p.210). Como *lugar da modestia*, trata-se de um quarto pequeno, austero quanto ao desenho e decoração. O banho é visto apenas como higiene. Tudo que está associado a processos corporais naturais e odores é visto negativamente: o banho serve para eliminação de sujeira e de odores e não como um prazer. Deste modo, tem de ser feito em um lugar privado, esterilizado e austero (p.210) [grifo nosso]. Na França, Georges VIGARELLO (*Le propre et le sale*. Paris, Seuil, 1990), estudou a higiene do corpo desde a Idade Média onde o banho tinha um significado erótico, cabendo apenas à lavagem das mãos e rosto o significado de limpeza (p.242). Da diferença entre roupa de cima e roupa de baixo, surge a noção do íntimo; posteriormente, com a lavagem das roupas íntimas, estas assomam sob as roupas, insinuando-se, ao mesmo tempo que o banho era considerado perigoso por causa da porosidade do corpo por onde poderiam entrar doenças. Ao código cênico do século XVII de uma corte teatralizada dos gestos, das atitudes, das roupas, segue-se um código de forças: não mais a aparência, mas o vigor, a saúde. A representação da água passa a ser uma de limpar a pele, dinamizar o corpo, "a higiene sendo um objeto de racionalizações" (p.244), é preciso se lavar para se defender dos micróbios. O discurso higienista utilizado pela burguesia com respeito às classes populares confirma que "a limpeza não torna apenas 'resistente', ela assegura uma 'ordem'. Ela acrescenta virtudes. A limpeza da pele, a disciplina da lavagem, terão correspondentes psicológicos" (p.245). "E' com a limpeza apagando o micróbio que termina um longo caminho, aquele que vai do mais aparente ao mais secreto, aquele que aprofunda também a esfera do espaço privado. Com os gestos que trabalham uma limpeza que escapa ao olhar, criam-se insensivelmente lugares privatizados" (p.246). "E' no fim do século XIX que se sistematiza uma injunção: fechar rigorosamente os acessos às cabinas de toailete e de salas de banhos. (...) A história da limpeza tem uma polaridade dominante: a constituição, na sociedade ocidental, de uma esfera física pertencendo propriamente ao sujeito, o alargamento desta esfera, o reforço de suas fronteiras até o afastamento do olhar do outro. Este percurso joga com o imaginário do corpo, dos espaços habitados, dos grupos sociais. Esta limpeza, levada progressivamente a cuidados invisíveis, é também objeto de racionalização. Mais ela se faz secreta e mais parece sedutor o alibi que poderia mostrar sua utilidade concreta, sua funcionalidade. Sua história é também a destas racionalizações" (p.247).

turna da criança com os pais, não fazendo que a mãe se levante tantas vezes durante a noite para atender a criança, ao mesmo tempo que corta a relação da criança com os seu corpo através da experiência dos produtos de suas vísceras. O laço cor-de-rosa equivale ao "cantinho do bebê" de V. Madalena, assim como a disposição das redes dos pais em busca de intimidade.

Através deste e de outros dispositivos, a criança passa a ter uma relação "terceirizada" com seu corpo, e sua carnalidade subjetiva passa por níveis diversos de mediância.

Dentro do mesmo raciocínio, a chegada da água encanada no Piauí mudará tudo. Segundo GOUBERT e VIGARELLO⁶⁶, o tempo divide-se e compartimentaliza-se à medida que o uso da água se diferencia. Esta segmentação, que corresponde a uma racionalidade, vai fazer corresponder a uma corporiedade.

A "mania" de tomar banho⁶⁷ dos brasileiros seria uma herança arcaica vinda desses tempos, como ainda no Piauí, onde, mesmo com a dificuldade de se conseguir água, adultos e crianças banham-se várias vezes por dia. Apesar da racionalidade higienista, parece ter sido perpetuado algo do prazer do banho, ou do prazer do corpo, ou do prazer da vida. Do ócio e não do negócio.

2.5. A cultura do corpo: devorar X escravizar (ser devorado X ser escravizado)

A casa dos *semcasa* apontava, desde o início, para o mundo da ilusão, do faz-de-conta infantil, em que, a partir do próprio corpo, e de suas dimensões, é construída a casa⁶⁸. Como forma de resistência, falando-se, apesar de negado, invalidado.

E tinha também o prazer, o riso fácil. Do outro lado, a sensação dura do anonimato, da morte anônima como indigente em uma esquina qualquer, em uma noite... "Ninguém liga para nós": nós não somos ninguém. "A minha identidade é a minha impressão digital".

Deste "lixo", algo começou a tomar forma: primeiro, a noção do mundo imaginário; depois, a beleza pura de certas manifestações, indicando o estético não como uma condição "superior", mas básica, fundamental, fundante: o ornamental.

Não viamos apenas pessoas privadas de tudo, de sua cultura, de nossa cultura: viamos pessoas criando cultura, e sofrendo uma grave perda de rumo, de referenciamento: pois seu rompimento com o passado, impedia seu futuro e as lançava em um presente, único tempo possível, ou seja, terminal, entrópico.

2.5.1. Que cultura era esta? do lixo? da sobrevivência?

Os neo-nômades aceleraram a formulação de uma hipótese que vinha se formando: haveria uma resistência estruturada sobre uma cultura do corpo, em oposição a uma cultura da coisa.

⁶⁶ GOUBERT, comunicação em aula, Paris, 1995. VIGARELLO, G. *Le propre et le sale*. Paris, Seuil, 1990.

⁶⁷ Pesquisa publicada na Folha de S. Paulo indica a média de 1 banho por dia no Brasil, e de 1 a 2 banhos por semana na Inglaterra. O que variaria, no Brasil, seria a quantidade de água consumida, as classes de melhor nível sociocultural consumindo mais água por banho (SCHLEGEL, R. Paulistano desconfia da limpeza dos outros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 de maio 1996. p.3-1/4).

⁶⁸ "É nas produções das crianças que se sente mais fortemente a gênese corporal da figuração. Os impulsos gestuais, as sensações tácteis e dinâmicas, a manipulação das matérias, assim como os valores afetivos emprestados aos objetos evocados, participam tanto da expressão quanto nas formas descritivas" (Michel THÉVOZ, op. cit., p.109).

130. (foto: CE)
A ORDEM



A cultura do corpo é, em certo sentido, a cultura do nômade em contraposição ao assentado, mas, de um modo mais amplo, é a cultura baseada na função materna e não na paterna: a cultura do canibalismo e não a da presa-espólio-escravo de guerra⁶⁹.

Para BENZA⁷⁰, referindo-se a povos da Oceania, os povos canibais tatuavam-se e trocavam seus pertences entre si, enquanto os não canibais ficavam com os espólios de guerra para si, como pertences-decorações individuais.

Isto remeteu ao centro da questão do ornamental do ponto de vista psicológico: o que leva as pessoas ao ornamental é o manejo da agressividade, e este assume a forma - no caso, corpo ou coisa - da cultura. No caso dos povos da Polinésia, ou ficavam com os trunfos no corpo, comiam os inimigos e trocavam as posses como ritual social, ou ficavam com os trunfos nas coisas.

O ornamental como defesa agressiva pode ser visto em WINNICOTT⁷¹, para quem "é a pulsão destrutiva que cria a qualidade da exterioridade. O objeto está todo o tempo a ponto de ser destruído (no fantasma inconsciente). Esta destruição torna-se a tela de fundo inconsciente do amor de um objeto real. isto é, um objeto fora da área de controle onipotente do sujeito".

O ornamental seria uma consequência da perda da onipotência e do concomitante surgimento da simbolização, e seria uma expressão de impulsos agressivos que se cristalizam como substitutos do que se perdeu. Esta cristalização é a permanência do objeto objetivada, como garantia da "não perda"⁷².

Os *semcasa* apontavam para um recurso inesperado, "antropofágico".

A casa dos *semcasa* podia ser vista como o modo como a destrutividade era manejada através da criação do símbolo, do virtual. A casa era como uma tatuagem, como um corpo sobre o qual havia marcas que significavam os inimigos vencidos e digeridos: a civilização ocidental neo-liberal consumista e global.

A persistência de um recurso de defesa de tal monta obrigou a encarar a mestiçagem como o processo identificatório do povo brasileiro, porque apenas ela poderia fornecer uma hipótese explicativa para tal persistência. Isto se dá porque, enquanto houver um elo de sincretismo, o que está neste sincretismo não morre⁷³, ou seja, uma forma e força de resistência, implicada no sincretismo original da formação do povo brasileiro persiste e, persistindo, mantém viva uma defesa também original: a antropofagia.

A questão da identidade do povo brasileiro passa, portanto, não por modelos específicos de identificação - embora possa havê-los - mas por um mecanismo de identificação que se

⁶⁹ Encontramos conceitos semelhantes em vários autores, porém em nenhum do modo como o estamos expondo. James S. DUNCAN (The house as symbol of social structure. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., op. cit., 1985), por exemplo, descreve a cultura do corpo e da coisa como características de povos coletivistas e individualistas: enquanto na primeira, a identidade se dá por incorporação ao grupo, a segundo se dá através da exposição individual de *status* através de posses. [grifo nosso] ALTMAN e CHEMERS (Culture and environment, op. cit., 1984, p. 138 ss.), ao descrever o comportamento territorial humano, estabelecem uma distinção entre *marcar* e *ocupar* territórios, em que no primeiro haveria uma personalização do espaço enquanto no segundo, inclusão/exclusão do grupo social. Citam os favelados como exemplo de ocupação determinando a propriedade (p. 142).

⁷⁰ Comunicação em aula, Paris, 1995.

⁷¹ WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p. 130.

⁷² A grande perda é a morte, o aniquilamento do ser. Perla KORESEC-SERFATY (*Experience and use of dwellings*, op. cit.), baseada em Heidegger, mostra como o postergar do tempo, que é a casa, ou está na casa, abre-se para a "última morada", o túmulo. A casa é o *ser* pela idéia de durabilidade/estabilidade (p. 71). Tanto em alemão, quanto em grego, os verbos *morar* e *ser* são usados indistintamente. É a morte, de certa maneira, que está contida (*holding*) na casa, ao mesmo tempo que isto inaugura a dimensão temporal da duração.

⁷³ Eda TASSARA, comunicação pessoal, 1995.

mostra mais visível nos segmentos liminares que é onde se dá uma exacerbação destes processos⁷⁴.

Foi devido a esta exacerbação, possivelmente encontrável em todo segmento liminar, que pudemos atentar para a questão da mestiçagem não como dando identidade, mas gerando uma vacuidade no mito de origem, "o vazio" de que falam Darcy RIBEIRO, de um lado, e Mário de ANDRADE, de outro, quando se refere a Macunaima como o herói sem nenhum caráter. Isto quer dizer que ele não se identifica com nada, a não ser com o seu próprio processo, que é devorador. Este "vazio" não ocupado pelo colonizador mas também não ocupado pelo colonizado⁷⁵, gerou o sincretismo como unidade nacional, ao lado de uma desterritorialidade que é, contudo, percebida e vivida como algo que nos une a todos, a palavra Brasil.

Esta forma de resistência dos *semcasa* ante sua situação real de apátridas, de não cidadãos, trouxe mais ênfase para o próprio corpo como situação liminar, onde inscrevemos nossa história, como "casa" primeira e última. O corpo é a fronteira.

Os neo-nômades configuraram esta dinâmica em sua totalidade: seus carrinhos são casas-caracóis, e as inscrições são *out-doors* em uma situação de vida onde tudo é *out-door*, afora o próprio processo de devoração.

A devoração, segundo Oswald de ANDRADE, é o ritual de transformar o tabu em totem, de transgredir a transgressão e assim anulá-la, retornando a uma civilização original, feminina, não colonizadora, não expansionista, do ócio e não do negócio, a uma matriz energética anterior à Lei do Falo, onde reina a irmandade e não o Pai⁷⁶, onde há cooperação e não competição, onde a palavra não matou a coisa. O totem redimido é o símbolo e não o que ele representa: é o imaginário no poder.

Para Oswald, quando o homem começou a escravizar outro homem, começou o patriarcado e o mundo das posses e dos negócios, no que se tornou, posteriormente, a "ética protestante". Para ser de-scravizado, haveria o retorno ao ritual antropofágico, absorvendo o inimigo sacro, transformando-o em totem, incorporando, canibalisticamente, a alteridade inacessível de seus deuses⁷⁷.

O mundo dos *semcasa* é tribal e desterritorializado, mas o Brasil é seu país: o Brasil é uma mátria, uma língua comum a todos.

⁷⁴ Sophie CHEVALIER (*L'ameublement et le décor*, op. cit.), dentro de um contexto de habitantes de edifícios tipo BNH, na França - aponta para a não adequação entre a regra e a prática como desvendando as trajetórias próprias a cada família. "Assim, o objeto 'classe popular' se fragmenta e explode sob a pressão de forças que agitam e diferenciam os indivíduos, membros de um grupo que parece homogêneo" (p.19).

⁷⁵ Uma discussão presenciada no seminário de Serge GRUZINSKI, Paris, 1995, entre ele e historiadores brasileiros envolvendo o conceito de "abertura" e "mudança" com relação aos ameríndios, fez crer que uma das diferenças entre a colonização do Brasil e dos demais países latino-americanos teria a ver com a acessibilidade ao novo, que estaria nas nossas origens.

⁷⁶ O berço exemplificaria a ruptura mãe/bêbê e a emergência do Pai (patriarcado/ poder hierárquico/ propriedade). Esta ruptura indicaria a emergência do simbólico como representação - abstração, Falo, Língua - não mais o simbólico como *mimesis*, união. A abstração, por sua vez, seria o que caracterizaria a cultura da coisa, enquanto a cultura do corpo - maternas, matriarcais - é significada pelos sentidos próximos e olfato. Esta ruptura seria a cisão estóica entre o bem/bom. O corte lacaniano referer-se-ia ao Pai, e não à cultura, ao simbólico, inclusive porque a cultura, para nós, seria inicialmente a Mãe e a mulher-coletora, e não o homem-caçador. As duas culturas coexistem, em variados graus, mas a cultura da coisa paterna tenderia a fazer da coisa o fim, e não o meio, e a coisificar o corpo. Neste sentido, o corpo seria o último depositário de uma herança materna, donde a luta para submetê-lo à ordem.

⁷⁷ NUNES, B. A antropofagia ao alcance de todos. In: *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica*. São Paulo, Globo, 1990. p.22.

OS NEO-NÔMADES: CARROCINHAS DUPLEX:
131/132. CASAL COM DUAS CRIANÇAS 133. SOLITÁRIO



134/135. OS NEO-NÔMADES



2.6. A cultura da coisa

O estudo das casas de Vila Madalena estabeleceu a base para o que estamos denominando "cultura da coisa". Através do estudo do modo de dormir dos bebês, verificamos haver três tipos de *berços*: *sem berço*, *com berço* e *berço com enfeites*, o que caracterizava o *cantinho do bebê*. Comparativamente a um povo sem posses, a não ser o que podiam carregar sobre e em suas cabeças como os !Kung, pudemos perceber um *continuum*, que ia do corpo materno como lugar do bebê até um espaço externo e preenchido com coisas como esse lugar.

O conceito de *lugar* de TUAN⁷⁸, por sua vez, possibilitou uma ponte entre conteúdos físicos e psíquicos: o lugar tanto pode ser um espaço no mundo, objetivo, quanto o espaço que se ocupa neste mundo, subjetivo. Esta confluência possibilitou a análise do modo de dormir como "objetos transicionais" entre o fora e o dentro, como os primeiros "desmames" ou separações entre mãe e criança.

Dentro de um *continuum*, havia uma situação simbiotizada como entre os !Kung, em que não havia separação entre bebê e mãe, e o corpo materno e o *kaross* continuavam sendo uma espécie de bolsa marsupial; até uma separação total e imediata após o nascimento, indicada pela presença do *berço com enfeites*.

Pudemos perceber, em Vila Madalena, situações simbiotizadas entre mãe e bebê, caracterizadas como distúrbios da relação: o bebê dormia na cama da mãe, esta não se separava dele e vice-versa, havia irritação em ambos por causa disso. O que era um modo de ser adequado para uma cultura, mostrava-se desajustado em outra. Enquanto entre os !Kung havia uma proibição ritualística de contato sexual entre os pais durante o primeiro ano de vida da criança, os casais em que a mãe se encontrava simbiotizada com seu filho apresentavam sérios problemas, com queixas dos maridos a respeito de sua incapacidade de ter a mulher para si.

No extremo oposto, os berços enfeitados anunciavam o lugar do bebê no mundo, sua identidade marcada a partir de objetos e posses, territorial e proprietária, em que próprio e propriedade confluíam desde o primeiro instante, ou muito antes, de vida. Era nossa avaliação que os pais "abriam" o caminho para o filho, existencialmente e objetivamente, através de espaços-clareiras, antes deste, ou seja, que o espaço potencial podia ser visto através de marcas como fotos, brinquedos, bichos de pelúcia, etc. Imaginávamos que o desenvolvimento era "gestado" não apenas no útero mas fora deste através dos espaços abertos, na estrutura familiar e no mundo, para o ser-a-vir. Haveria uma anterioridade dos espaços a serem ocupados pelo ser, no imaginário dos pais e familiares, como pode ser visto nos nomes e no espaço, real, físico, objetivo, pré-concebido para o bebê⁷⁹.

Esta pré-concepção material espacializada seria o ornamental, como cristalização, de um lado, e o espaço potencial com seus objetos, intermediários e transicionais, de outro.

O *cantinho do bebê* seria uma imagem do corpo do bebê - quadrado - reflexo da casa, quadrada e ornamentada, onde, desde os primeiros instantes de vida, oferecia-se substitutos "objetais" à ausência do corpo materno. Em contraposição, haveria o corpo "redondo" da mãe !Kung, na sua casa redonda, sem objetos intermediários entre mãe-criança.

O conceito de ornamento como "objeto transicional" surgiu da observação destes berços ornamentados, onde tanto o berço quanto os ornamentos foram vistos como substitutos do corpo materno oferecidos pelos adultos.

⁷⁸ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo, Difel, 1983.

⁷⁹ O espaço potencial pode ser entendido como o próprio espaço de desenvolvimento, dado o espaço potencial ser o espaço onde a cultura se dá, enquanto o desenvolvimento pode ser compreendido como a apropriação da cultura pela criança.

Deste modo, vinda de direção oposta a WINNICOTT⁸⁰, ou seja, da observação do meio, concluir-se como ele, a respeito dos objetos transicionais, mas com a diferença de relativizar-se este conceito segundo o tipo de cultura.

O eixo tipo de organização, decorrente deste primeiro estudo, pretendeu dar conta deste aspecto, ou seja, de que há vários modos possíveis de ordenar a casa e que, a partir das moradias de Vila Madalena, havia um *continuum* que ia de um espaço polifuncional indiferenciado para espaços monofuncionais especializados, e que havia uma tendência a um aumento na ornamentação do poli para o monofuncional⁸¹. Esta tendência era acompanhada pela presença de berços com enfeites; quando se ornamentava a casa, tendia-se a ornamentar o berço. Casas polifuncionais tendiam a não ter berço, ou seja, o bebê dormia na cama dos pais, e havia uma categoria intermediária, semi-organizada, onde se delimitava espaços a partir de móveis ou cortinas, e variava o tipo de berço. Contudo, mesmo a presença de berços não garantia que a criança nele dormisse, como o filho de um zelador, uma das seis crianças a ter quarto próprio, com um *berço sem enfeites*, que nunca havia nele dormido. Este dado indicava que, mesmo sendo a pobreza o motivo principal para as casas polifuncionais não terem berços, havia outros valores que respondiam pelas situações intermediárias.

No início da pesquisa, nós não atinávamos para a possibilidade de outro modo de vida que não fosse a cultura da coisa, de modo que haveria uma progressão inexorável, baseada no desejo comum a todos de ter espaços individualizados, privados e íntimos. A carência e a privação eram os conceitos explicativos para quem não os tinha, implícitos na necessidade universal de tê-los. Eram pobres, miseráveis, e isto explicava, justificava e classificava seu modo de vida.

Contudo, diferenças gritantes se impunham entre "os pobres": havia os pobres bons, limpos e que, apesar disto, lutavam para ter o padrão civilizatório "nosso", e os outros, onde reinava a "desordem".

Foi a evidência do viés etnocêntrico, frente estes mesmos dados, que inverteu a direção do "progresso", ou mais acuradamente, colocou a possibilidade de modos híbridos de ser e de morar.

Estas reflexões foram caracterizando a cultura do corpo e a cultura da coisa.

A cultura da coisa está sendo pensada como uma cultura em que as relações interpessoais tendem a ser mediadas por coisas, sendo as palavras uma espécie de coisa.

Esta formulação é operacional: visa descrever um sistema de relações em que há intermediações observáveis ambientalmente através da presença de portas, janelas, corredores, *halls* de entrada, *halls* de distribuição, pisos ou andares, jardins e/ou quintais, de frente e de fundo, telhados, porões e sótãos, etc. Estas intermediações são o modo como, espacialmente, os espaços são divididos e, conseqüentemente, classificáveis.

Concomitantemente, observa-se que estas divisões caracterizam não apenas o dentro e o fora, o privado, o íntimo e social, os distanciamentos, as funções, as especializações, como isto acontece através ou porque há coisas.

A cultura da coisa, portanto, parece ser uma evolução da sociedade afluenta, em que posses e pessoas são negociadas. Além disso, a memória está inscrita nas coisas, o que, prova-

⁸⁰ RABINOVICH, E.P. Modo de dormir e relação mãe-criança. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 13, n. 1/4, 1993; RABINOVICH, E.P. O Nascimento Psicológico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 1, n. 1, 1991.

⁸¹ Pascal AMPHOUX (Configurations domestiques et reconquête de soi. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989) aponta para quatro atividades psicossociológicas - crianças, saúde, dietética, sexualidade - "reinventadas" pelo "indivíduo" e que têm em comum o corpo. "Como modo de re-apropriação das moradias, o corpo domestica a moradia, que o limita. O corpo constituído humano se apropria do corpo constituído da moradia e é desta domesticação mútua que nasce a identidade do indivíduo" (p.188). Este é um exemplo de cultura da coisa individualizada pelo "corpo".

velmente, haja vista o computador atual, forneceu meios mais eficientes para o acúmulo e transmissão de conhecimentos, do que as culturas de tradição oral, como as do corpo. Nestas, a memória inscreve-se "par coeur", decor, pela imitação, pelo gesto, "onde a mão conta sem contar"⁸², em oposição à abordagem "letrada", que segue o modelo "escrito".

Um dos aspectos desta inscrição da memória nas coisas é o uso pedagógico do ornamental na cultura da coisa. A origem etimológica da palavra "decor" já nos havia alertado para tal significação: de-cor, um ensinamento que fica gravado na memória advindo tanto do aspecto cognitivo quanto do afetivo "por ter sido o coração entendido não só como a sede dos sentimentos, mas também como a sede da inteligência, do saber"⁸³.

Esse uso pedagógico do ornamental pode ser uma das diferenças básicas entre a cultura do corpo e a da coisa, pois propicia um tipo de ensino à distância, que é o oposto da imitação, da aprendizagem por "enculturação"⁸⁴.

O aspecto pedagógico do ornamental revela-se na comunicação e no comunicado, e talvez aponte para uma das origens da cultura da coisa. Os desenhos rupestres podem ter tido esta finalidade também: educar. Mas esta educação através das imagens lança a mediância para a coisa, inscreve-se nela, perdura nela: uma memória coletiva surge, permanente na sua permanência.

Uma reedição moderna do mesmo processo está na propaganda, uma consequência lógica dos princípios já enunciados na Idade Média inicial⁸⁵, ou mesmo antes. As ilustrações nas igrejas, o uso de imagens desenhadas baixas, à altura dos olhos das crianças, para que estas, olhando-as e convivendo com elas, incorporassem o seu conteúdo, eram o único modo de informar, pela visão, pessoas analfabetas. Imagens eram usadas nos brinquedos, com finalidade educativa, assim como as próprias iluminuras, comunicavam visualmente o conteúdo.

A religião árabe, ao interditar o uso da imagem, favoreceu o desenvolvimento de uma arte abstrata. As moradias tradicionais árabes, por sua vez, eram suntuosas, paredes, teto e chão decorados, e sem "coisas". A explicação pode vir da origem nômade, do pastoreio, da necessidade de ter a abóbada celeste sobre a cabeça com o risco de sufocação: na cultura árabe haveria uma forte tendência à cultura do corpo⁸⁶. Os berberes, um povo nômade que vive no norte da África, no deserto, convertiam os seus ganhos em jóias para a esposa, de modo a sempre poderem ser carregadas, negociadas, etc. A jóia⁸⁷ "é um objeto usual e útil, e não um ornamento de festa. É uma peça da indumentária; tem um valor econômico, é a conta no banco, e é um objeto carregado de virtudes mágico-religiosas, é um talismã". A jóia, neste sentido, faz parte do corpo, como tatuagens, que aliás, os berberes também usam para identificar, através delas, a que tribo pertencem. Cada tribo tem um padrão, que as mulheres desenhavam sobre as mãos e pés, identificando-se apenas pelo olhar, nos mercados onde tudo acontece.

⁸² DENIOT, J. Le décor textile. *Ethnologie Française*, v.16, n.3, 1986. p.331.

⁸³ Cf. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

⁸⁴ Pierre DASEN (Contribution de la psychologie interculturelle à la formation des enseignants pour une éducation interculturelle. In: LAVALLÉE et al., orgs. *Identité, culture et changement social*. Paris, Harmattan, 1991) define enculturação como uma prática complementar à socialização em que a primeira compreende o conjunto das tentativas inconscientes de levar o indivíduo a se conformar com as normas sociais, e a segundo, às tentativas conscientes.

⁸⁵ Baseado na exposição *L'enfance au Moyen Age*, na Bibliothèque Nationale de France, Paris, 1995, e na publicação da mesma (RICHE, P.; ALEXANDRE-BIDON, D. *L'enfance au Moyen Age*. Paris, Seuil, 1994).

⁸⁶ A cultura tradicional árabe pode ser pensada como a "cultura do pano", a nossa, indígena, como "cultura da palha", e a européia, como "cultura da pedra".

⁸⁷ BERTRAND, A. *Tribus berbères du Haut Atlas*. Paris, Lazarus, 1977. p.34.

136. CULTURA DO CORPO



137. CULTURA DA COISA



A cultura árabe está aqui sendo citada como uma cultura do corpo, de grande elaboração, associada ao nomadismo, ou, como diz Oswald de ANDRADE, "povo exogâmico, aberto para as aventuras do mar e para o contato exterior, criaram a miscigenação"⁸⁸

Dentro da ótica oswaldiana, o que estamos denominando cultura da coisa seria uma cultura paterna, não igualitária, baseada na diferença e não no diverso, no acúmulo, no negócio e no sacerdócio, na "economia do Haver" e não da "economia do Ser"⁸⁹. O messianismo, nas suas correntes da Reforma e da Contra-Reforma, teria unido a dominação temporal de uma classe, através do Estado, a espiritual do sacerdócio, como fundamento comum no poder do Superego, por sua vez ligando a autoridade do pai à de Deus. Esta união teria resultado no regime de propriedade privada no Direito, da família monogâmica quanto aos mores e no monoteísmo quanto à religião. A moral da obediência e o direito paterno unem-se à figura do mediador, sobrenatural ou carismático, em que "o mesmo conteúdo ideológico envolve e resolve, mediante os instrumentos morais e jurídicos da repressão dele próprio extraídos e em proveito da ordem que o tem por substrato, os conflitos da consciência desorbitada, joguete dos antagonismos de classes que cindem a sociedade e o indivíduo"⁹⁰.

Segundo ARIËS⁹¹, a presença das arcas indicaria o início da vida privada, como a conhecemos hoje: caixas, armários, cofres, gavetas: lugares de esconder⁹². O ornamental como espacialização, como *lugar*, encontrou sua expansão mais plena na cultura da coisa.

A cultura do corpo tende ao que estamos denominando tatuagem, mesmo não o sendo, como nas mesquitas ou *kasbars* árabes onde a decoração se encontra inscrita nos limites da casa, não nas coisas; ou nas carrocinhas, onde o decor está nas paredes da carrocinha, ou nos *semcasa*, onde o decor constrói a casa: seria algo como decorar as coisas e decorar através das coisas.

A cultura da coisa decora através das coisas: o meio é o fim, cada coisa substituível por outra, as palavras entrando no lugar das coisas e se tornando, elas próprias, coisas. O ornamental desta cultura faria parte de um sistema que divide, segmenta, seria, classifica, relaciona, e propõe que as partes, uma vez atingindo um certo grau de complexificação, tornem-se autônomas, no sentido de iniciar elas próprias sistemas. Assume, pois, a separação, a superação e a autonomia como valores máximos. Em função disto, o capital organizacional tornou-se o capital mais importante para a sobrevivência, pois a realidade se torna cada vez mais virtual, e só restam como reais, as intermediações, os canais de comunicação.

A cultura da coisa, que ocasionara uma organização repressiva e obsessiva da moradia, objetivando o controle milimetrado do tempo-espacial da moradia-fábrica-exército, retoma uma feição pluridimensional de casulo, com um corpo cibernético, informatizado, auto-organizando-se permanentemente, narcisisticamente preso dentro de si próprio.

⁸⁸ ANDRADE, O. A Marcha das Utopias. In: *Obras completas de O. de Andrade: a utopia antropofágica*. São Paulo, Globo, 1990, p.162.

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p.38.

⁹⁰ Op. cit., p.32.

⁹¹ ARIËS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

⁹² O esconderijo, o segredo, o secreto, o privado, o inconsciente individual: eis consequências da cultura da coisa do ponto de vista da subjetividade. O segredo como eixo ou centro da subjetividade pode ser um fato social, não necessariamente de todos os humanos.

Capítulo 3

A CASA COMO TEMPO

O tempo foi uma categoria que emergiu e que acabou se impondo como uma categoria básica para a compreensão dos fenômenos ligados ao modo de morar, "derramando" a problemática para uma direção, em certo sentido, oposta ao seu propósito principal, que é o estudo dos arranjos espaciais. Trata-se de uma complexificação do objeto do estudo em si pois, no estudo do espaço, defrontamo-nos com o tempo.

Vamos expor esta extensão do espaço em tempo na ordem cronológica em que foi sendo observado *paripassu* com a apropriação dos conceitos cuja apreensão esta extensão nos sugeriu.

2.1. O estudo de Vila Madalena: A temporalidade na relação mãe-criança

As moradias de Vila Madalena não sugeriram a dimensão temporal, apesar de seu estudo estruturar-se longitudinalmente ao longo de um ano e envolver o acompanhamento do desenvolvimento da criança. Tanto o delineamento longitudinal quanto o estudo do desenvolvimento não sugeriram o tempo como uma variável: o tempo linear estava tão fortemente arraigado como pressuposto teórico que fundamentava o estudo, que tudo se tornava espaço, como *quadros* de um filme, cuja sucessão ocasionava o movimento, cada um existindo em si.

Contudo, mesmo assim, um elemento temporal se insinuou neste estudo: as mães simbiotizadas não conseguiam ter rotinas; com isso, não havia horário para as atividades mas, também - e aí deu-se o elo - não havia lugares para as coisas: tudo estava desorganizado, as rotinas, a arrumação das casas, a vida conjugal, a relação mãe-criança.

Comparando-se aos !Kung, na medida em que esse grupo vivia em um tempo "natural", as rotinas da mãe e da criança andavam juntas, harmonicamente, sintonicamente, sincronicamente.

No entanto, o tempo é fundamental para o estudo do desenvolvimento¹. Os estudos do bebê competente apontaram para a sincronia como um elemento fundamental para o desenvolvimento sadio, para o bebê se reconhecer ao ser visto, e à sintonia, como a afinidade que fornecerá a base segura de onde o bebê poderá se desenvolver. A imitação recíproca, por exemplo, chamada de "eco ou espelho biológico", parece estar na base da capacidade comunicacional e recíproca através da qual o bebê afeta e é afetado, ou seja, "humaniza-se". WINNICOTT², por sua vez, constrói o seu pensamento a partir da sincronia entre mãe-criança. É a sincronia entre o desejo-ilusão do bebê e o gesto materno que cria neste o espaço potencial, berço da cultura.

O estudo de Vila Madalena apontou, pois, para como a rotina se constitui em um conjunto de práticas sócio-simbólicas estruturadas a partir de uma temporalidade associada a uma racionalidade.

¹Ver TURKEWITZ, G., DEVENNY, D.D., eds. *Developmental time and timing*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Ass., 1993.

²Ver Introdução.

No dizer de Oswald de ANDRADE³, "enquanto a Idade Média mergulhava o seu conceito de vida na ausência de tempo, o mundo moderno divide o tempo e conta avaramente. Está inventado o relógio mecânico. Alberti de Florença escrevia: Quem não perde tempo tudo consegue, e quem sabe trabalhar o tempo é mestre do que quiser (século XV). Junto às abadias fixam-se as feiras (segunda-feira,...). O relógio mecânico inaugura a civilização da máquina que é a do trabalho e do tempo contado".

As mães simbiotizadas de Vila Madalena perderam a si próprias por não conseguirem se diferenciar de seus bebês. Os bebês vivem no tempo dos bebês, isto é, sem horário. As mães perderam a noção do tempo mecânico, e não conseguiam organizar o espaço porque não conseguiam organizar o tempo segundo as normas necessárias para a organização daquele espaço. Não conseguiam manter rotinas porque as rotinas ocorrem dentro de um espaço organizado segundo certa temporalidade. Como estavam fora da norma, as mães não conseguiam realizar as rotinas que têm, pois, um caráter ritualístico e simbólico daquilo que elas representam: a ordem sócio-racional de onde emanam.

Enquanto a ordenação por funções está ligada à representação do corpo e ao tempo como racionalidade⁴, a arrumação parece associada ao tempo cíclico: a arrumação pode ser vista como um ritual estético reparatório, de submersão em e submissão a um sistema ordenador do mundo, no sentido de *cultivação*⁵.

As rotinas, compreendidas como práticas-simbólicas de pertencimento a um grupo sócio-familiar e cultural, ressaltaram como o cotidiano pode ser uma sustentação inconsciente de práticas não hegemônicas. As rotinas passaram a ser vistas como os gestos da carnalidade, do corpo subjetivado, que traçam a relação entre as coisas no espaço através da organização do tempo. Existiria uma racionalidade subjacente a toda organização espacial que fundaria uma corporiedade baseada nos gestos e uma temporalidade que estaria tanto nas origens quanto nas conseqüências, qual seja, no modo de se organizar as atividades cotidianas⁶.

³ ANDRADE, O. A Marcha das Utopias. In: *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica*. São Paulo, Globo, 1990. p.172.

⁴ Para Roderick LAWRENCE (*Housing, dwellings and homes*. New York, John Willey & Sons, 1987), a ordenação por funções visou ordenar o tempo de modo a poupar tempo para a dona de casa que, em um cômodo monofuncional, tem que se apressar para realizar as tarefas no seu tempo devido. Por exemplo, se passar roupa na cama, tem de fazê-lo antes de dormir, etc. Contudo, o que ocorreu na prática, nas famílias escocesas do começo do século, foi aumentar o tempo da mulher nas tarefas domésticas. A este respeito, não percebemos este conceito de *economia de tempo (time is money)* no Piauí, e, nos *semcasa*, ocorria o oposto: havia uma dilatação do tempo presente: "gastava-se", "dilatava-se", "esbanjava-se" tempo.

⁵ Recordando, também, o conceito de DOVEY, exposto no capítulo anterior, de que tudo o que se refere à casa significa ordem - espacial, temporal e sociocultural - ante a ameaça de caos, e o de LAWRENCE (op. cit.), que identifica a dimensão sujo/limpo como uma das dimensões que caracterizam o habitar, as outras sendo: dentro/fora; frente/fundo; privado/público; masculino/feminino. Haveria ainda a dimensão quente/frio (WASSMAN, J.; DASEN, P.R. Hot and cold: classification and sorting among Yupno or Papua New Guinea. *International Journal of Psychology*, v.29, n.1, p.19-38, 1994).

⁶ Carole DESPRÉS (De la maison bourgeoise à la maison moderne: univers domestique, esthétique et sensibilité féminine. *Recherches Féministes*, v.2, n.1, p.3-18, 1989) analisou as relações entre a organização da casa, a decoração e a feminilidade, da casa burguesa à casa moderna concluindo que, enquanto a mulher burguesa tinha o seu corpo preso a um aparentar que se manifestava, especialmente, na decoração obsessiva da sala de visitas com suas coleções e miniaturas de um ideal romântico, a mulher moderna, aparentemente liberada em seu corpo e sexualidade, estaria sendo conduzida, através do funcionalismo pragmático, a repetir aquela mulher pela ênfase nos aparelhos e objetos culinários, super-especializados, como, por exemplo, faca para tirar caroço de azeitona, de modo que o colecionismo transferiu-se da sala para a cozinha.

138. (foto: RC)
**CRES-
CENDO**



139.
LENDO



140.
**VARREN-
DO**



3.2. O estudo da casa dos *semcasa*: as temporalidades de Hall

Os *semcasa* presentificaram a temática temporal, através de três transformações:

- a primeira transformação era a de que a permanência em um lugar, ou seja, o assentamento provisório, modificava a organização da casa (tempo longo),
- a segunda transformação era que não havia lugares específicos para funções específicas; atividades diversas eram realizadas no mesmo espaço em tempos diversos (tempo social),
- a terceira transformação era a contínua mudança quanto à disposição e aos tipos das "coisas", móveis, ornamentos, paredes (tempo psicológico).

A "casa" era iniciada com o "quarto", permanecendo no local, vinha a "cozinha": o fogão feito com pedras, armários de cozinha, mesa, utensílios, quase todos sucateados; em seguida, a sala: sofá, cadeiras, mesa, almofadas, estante. Finalmente, o "banheiro": latas, jornal, papelão. Havendo mulher, um varal para roupa surgia.

Deste modo, o *semcasa* trouxe a dimensão do tempo para o centro do estudo, apontando para várias direções, mas trazendo o tempo como fundamento da casa; a casa se constrói se há tempo: tempo interno⁷, tempo externo.

Para os autores do estudo realizado pela Prefeitura da cidade de São Paulo sobre moradores de rua⁸, "outro é o tempo de quem vive na rua, ele não está controlado pelo tempo do relógio". Igualmente ODETE⁹, educadora de rua de larga prática, apontou para a noção de tempo como sendo o principal problema no entender e lidar com moradores de rua: "porque o mundo deles é muito pequeno, e por isso eles não têm alternativa, não têm esperança, sonho, futuro, só vivem o espaço, o ontem e o amanhã não existe. Eles não vivem o *nosso tempo*, não sei se isto é bom ou mau".

O fato de famílias, mais do que solitários, procurarem modos mais persistentes de moradia, como *caverna* ou *assentado*, trouxe a noção de que a estabilidade da moradia tinha algo a ver com a estabilidade do grupo. Grupos de carroceiros ou de guardadores de carro, onde havia lideranças que mantinham o grupo, também podiam se tornar estáveis, e construir "casas".

Deste modo, pode-se pensar haver duas dinâmicas básicas responsáveis por este "movimento": o tempo externo e o tempo interno. O tempo externo seria dado pela própria permanência: sua possibilidade e o contexto em que ocorre; o tempo interno seria o que possibilitaria esta permanência, uma vez esta ocorrida. O tempo interno seria o *tempo vivido*: a possibilidade, ou não, de integrar, na mediância, passado, presente, futuro. Para ATLAN¹⁰, trata-se do *tempo-invenção*, o que descobre forças organizadoras nos próprios fenômenos aleatórios, e que, através da unificação de passado e futuro, permite a unidade e a autonomia do sistema auto-organizador, que nós somos¹¹.

⁷ Em relação aos moradores de rua de São Paulo, quem não constrói "casa" talvez não tenha tempo interno: o tempo estaria grudado na pele, não haveria esta "extroversão" que é o ornamental. Corresponderia a um estado depressivo, pois não haveria passado nem futuro, apenas o presente como único tempo: um tempo "degradado". Decorrentemente, o *semcasa* que constrói "casa", estaria lutando contra a entropia, e mostrando isto através desta manifestação que, além disto, fala *que ele é e quem ele é*. O que, supostamente, estaria sendo negado pelo Outro, que o invalida, porque validá-lo seria invalidar-se e ao seu modo de vida: direito à propriedade, estabilidade, segurança, seguros de vida, morte, doença, carro, etc. Seria uma forma de resistência.

⁸ VIEIRA, M.A.C. et al., org. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo, Hucitec, 1992. p.100.

⁹ Educadora de rua do Centro Comunitário do Piqueri, São Paulo, entrevistada em 1991, pela autora, dentro de um trabalho realizado pelo CDH sobre entidades de assistência à criança.

¹⁰ ATLAN, H. Consciência e desejos em sistemas auto-organizadores. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix/ EDUSP, 1978. v.2: p.176-91.

¹¹ Idem, *ibidem*, p.189.

141.

AS

COISAS



142.

LAVAN-
DO

NA

RUA



143.

(foto: RC)

100

PRESSA



A partir do estudo dos neo-nômades, colocam-se duas possibilidades de *tempo vivido* na rua: estar ou não ocorrendo auto-organização (aumento/manutenção da ordem ou da desordem/desorganização) a partir das relações de trocas sociais. Conforme ATLAN¹², da dificuldade na capacidade de auto-organização ocorre um distanciamento entre o real e o irreal, ou seja, nos nossos termos, a impossibilidade de criar dada a ausência de espaço potencial. Enquanto muitos moradores de rua podem estar vivendo um *tempo degradado*¹³, os neo-nômades parecem ter revertido a seta do tempo para o futuro.

Das duas outras transformações, a ausência ou presença de lugares específicos para atividades específicas já foi apontada e parcialmente discutida no capítulo Casa e Corpo, dentro da dinâmica da organização espaço-temporal, como um produto social. Esta dinâmica, insinuada em Vila Madalena em casas coletivizadas plurifuncionais, manifestou-se com absoluta evidência nos *semcasa*.

De início, devido ao propósito de estudar basicamente o que viemos a denominar *nômade*, achávamos que o fato de não haver lugar fixo era uma consequência de não haver lugar "próprio", nos sentidos de propriedade e pertencimento, e de lugar do si próprio. No estudo dos *assentados*, porém, observou-se que se comia nas camas, sofás eram camas, defecava-se onde se banhava. A consequência disto era uma agitação permanente: tudo acontecia muito rápido, sem fixação nos lugares. Enquanto em casas convencionais, era o espaço que "continha" as atividades, nos *semcasa* as atividades davam-se no tempo, e não no espaço.

Segundo Roberto DaMATTA¹⁴, a noção de tempo é percebida como "desembebida do sistema de ação social e encapsulada num sistema hegemônico e homogêneo de *duração*, de medida, de percepção e relacionamento nos países ocidentais que fizeram a revolução puritana". Para este autor, coexistem no Brasil formas paralelas de tempo assim como de espaços. As noções de autonomia, espaço interno, privacidade, liberdade fariam parte de uma interpretação individualista do papel social identificado com cidadania, sendo fruto de um viés etnocêntrico.

Para DaMATTA¹⁵, as rotinas diárias preservam o tempo na sua *duração* "normal" porque espaços específicos estão socialmente equacionados a atividades específicas: "as atividades que demarcam o tempo ocorrem sempre em espaços distintos".

Edward HALL¹⁶ propõe o conceito de tempo policrônico, caracterizado por várias atividades sendo feitas ao mesmo tempo, e de tempo monocrônico, caracterizado por se fazer uma atividade por vez. O policrônico enfatiza o envolvimento com pessoas e a realização de transações antes do que a aderência a esquemas preestabelecidos, como faz o monocrônico. O tempo policrônico é menos tangível do que monocrônico, frequentemente sagrado, estando correlacionado a espaços públicos onde o privado é tratado coletivamente. Para o monocrônico, "tempo é dinheiro", algo que se ganha, se perde, se compra, se vende. HALL compara a pessoa que vive o tempo monocrônico a um quarto com porta fechada, privado, compartimentado, planejado. Para este autor, o planejamento causa a compartimentação porque é isto que torna possível a concentração em uma só coisa. O planejamento, ao instituir prioridades, transforma-se em um sistema de classificação que ordena a vida. Esta ordenação foi que permitiu a civilização ocidental. Para o policrônico haveria um tipo de classificação diferente da do monocrônico. O tipo monocrônico tende a separar uma ou duas pessoas do

¹² Idem, ibidem, p.188. "Situamos mal o delírio quando vemos nele um distúrbio da relação real-irreal, uma projeção ilegítima do imaginário no real. Com efeito, só há conhecimento evolutivo graças a essas projeções" (p.186).

¹³ RABINOVICH, E.P. *A casa dos semcasa. Psicologia, Ciência e Profissão*, v.12, n.3-4, 1992. p.16-23.

¹⁴ DaMATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.36.

¹⁵ Idem, ibidem, p.29.

¹⁶ HALL, E.T. *The dance of life*. New York, Anchor Books, 1983. p.44-58.

todo e a intensificar esta relação, de modo que invadir tal relação é considerado um modo egocêntrico e narcisista de comportamento. Enquanto o policrônico se vê como parte de um sistema, o monocrônico não se vê como parte do todo.

HALL cita os povos latino-americanos como tipos policrônicos, e norte-americanos e europeus como tipos monocrônicos. Acrescentariamos que o tempo policrônico, presente no Brasil, e tornado visível, à pesquisadora, no estudo dos *semcasa*, implica em que os assuntos são tratados a partir de acontecimentos sociais: encontros após o almoço, ao cair da tarde, depois do jogo, etc. É deste modo que a organização da sociedade relacional estrutura o tempo a partir das atividades realizadas socialmente. É deste modo que os espaços polifuncionais se unem à temporalidade como racionalidade social: os assuntos são vividos por todos concomitantemente, em graus variados, de modo a facilitar uma comunicação permanente e possibilitar o andamento dos acontecimentos no seu tempo adequado¹⁷.

O alto grau de estimulação presente nos ambientes favoreceria o que aparece como instabilidade mas que pode ser visto como atenção divergente, atenta a vários pontos ao mesmo tempo¹⁸.

Esta descrição avaliza vários aspectos anteriormente detectados: que há vários sistemas de organização da casa; que estes podem ocorrer simultaneamente; que o modo de viver o tempo é central no modo de organizar a casa, as atividades e as relações consigo e com os outros. Fornece uma descrição ao conceito de tempo social de BRAUDEL, como veremos a seguir.

Esta colocação harmoniza-se com a de Oswald de ANDRADE¹⁹, não apenas quando este diz que o relógio mecânico inaugura a civilização da máquina, que é a do trabalho e do tempo contado, mas principalmente, na tese geral da antropofagia: as das culturas do ócio X negócio, matriarcado X patriarcado, tempo do corpo/prazer X tempo da coisa/máquina, sociedade individualista X sociedade coletivista.

A terceira transformação foi, e é, a mais desafiante quanto à sua explicação: por que se mudava tudo o tempo todo? A cada visita, a casa havia sido remodelada e surgia uma nova casa, renascida das cinzas.

O tempo dos *semcasa* é o tempo da rua: o tempo não aprisionado pela *duração* das coisas no espaço. Quando não há distinção dentro-fora, pode-se dizer que há fusão, simbiose. Enquanto nas casas solares²⁰, onde os moradores, através do recurso à energia solar, pretendem uma união da casa e de seu modo de vida com a paisagem, o fora - a natureza - está

¹⁷ Robert LEVINE descreveu em artigo (Social time: the heartbeat of culture. *Psychology Today*, p.29-35, Mar. 1985) como, ao ser convidado para lecionar no Rio de Janeiro, espantou-se ao ver alunos comparecendo à aula a partir de meia hora após o início marcado para a mesma mas permanecendo na sala devido ao interesse pelo assunto após o seu término, o que nunca ocorreria no seu país de origem.

¹⁸ Raquel BROTHERHOOD (*Contexto sociocultural de vida e cognição: um estudo de crianças no meio rural do Nordeste*. São Paulo, 1994. Tese - Instituto de Psicologia/USP) descreveu o ambiente de desenvolvimento infantil no Nordeste de modo semelhante ao nosso. Enfatiza o modo relacional, comunitário, solidário, os filhos como fonte de preocupação, alegria e orgulho, ao mesmo tempo em que as crianças não estão incluídas como receptores/emissores ativos das conversas, havendo "uma imposição de um silêncio não questionado que reproduz o próprio mecanismo de discriminação e dominação social (dos pais), através de relações de forças linguísticas" (p.139). Este sistema seria o responsável pelo atraso no aparecimento da linguagem verbal e das operações concretas piagetianas. Há uma imersão na cotidianidade, de modo que as crianças "não operam epistemologicamente face aos objetos, aos fatos, aos dados que os atingem, suas ações estando voltadas para necessidades imediatas" (p.140). Este imediatismo coincide com uma ausência do futuro como projeto, favorecendo a dimensão da particularidade. A nosso ver, vários eventos acontecendo concomitantemente sem haver uma hierarquia dada pelo planejamento; a hierarquia ocorre no sistema social, não nas atividades.

¹⁹ *A marcha das utopias*, op. cit.

²⁰ JUAN, C. Le temps et l'espace de la maison solaire. *Espaces et Sociétés*, n.46, p.129-43, 1985.

dentro, e seus moradores internalizam o fora, nos *semcasa*, o dentro estaria fora e eles externalizariam o dentro.

No caso dos *semcasa*, há apropriações de espaços públicos para fins particulares²¹. A instabilidade é uma categoria vivencial, de obrigatoriedade de mudança. A modificação permanente das partes poderia estar no lugar do *lugar*, a espacialidade sendo lugar. Ao mesmo tempo que isto reflete o que de fato ocorre, transicionalmente poderia estar fazendo existir o que não existe, recriando o totem-símbolo, refletindo um espelho que é o seu próprio potencial, fazendo inflectir, da sua condição liminar, este potencial do "lixo" que, re-contextualizado, trans-forma-se em cultura. Criando em pura abstração. A fluidez manifesta-se tempo-espacialmente através de um espelho arquetípico, de resistência milenar de um povo, sentido este recuperado pelo movimento antropofágico.

O tempo dos neo-nômades reflete uma cidade às avessas²², onde a identificação transita em uma fluidez de semânticas que carregam a cidade como um Globo, redondo, sem fim nem começo, onde a serpente-Uróboro, ao comer a própria cauda, instala o Tempo do eterno retorno²³.

Em suma: o tempo emergiu como termo básico e fundante para o estudo da moradia a partir deste estudo. Através dele, problematizou-se os conceitos de moradia, de cidadania e de identidade.

3.3. O ESTUDO DO PIAUI: AS TEMPORALIDADES DE BRAUDEL

Este estudo concretizou, ampliou, aprofundou e expandiu a questão da temporalidade que, até então, surgira como algo a ser explicado e possibilitou considerar a temporalidade como explicação. Na medida em que a escrita deste trabalho não foi a sua vida, dado que muito do que foi dito na Introdução, na verdade, foram conclusões parciais que se transformaram em hipóteses nas fases seguintes, sucessiva e ciclicamente, as hipóteses oriundas do Piauí já informaram toda a descrição das etapas anteriores.

²¹ DOVEY, op. cit., diferencia *house* de *home* em termos de propriedade e de apropriação, ou seja, uma é um objeto de consumo e a outra é uma categoria existencial.

²² Cláudia Turra MAGNI (Povo da rua: um estudo sobre o nomadismo urbano. Coleção *Cadernos da Cidade*, v.4, n.2, Porto Alegre, 1995, p.5-41) descreveu do modo de vida nas ruas de Porto Alegre. "Da mesma forma que a divisão *espacial* entre o público e o doméstico é tênue, a segmentação *temporal* do dia-a-dia não comporta uma clara oposição entre o trabalho e o repouso. Sem vínculos empregatícios formais, o habitante de rua não tem o seu cotidiano rigidamente controlado pelo relógio, que marca um tempo domesticado pela produção humana (e que se tornou opressor da própria humanidade). (...) A mobilidade, que caracteriza esta forma de vida, leva à subversão da *ordem espacial sedentária*, na medida em que os nômades não se fixam na periferia (área destinada aos grupos subalternos) e utilizam-se livremente dos espaços públicos, neles improvisando espaços domésticos; eles ofendem a *moral corporal* e higiênica burguesa ao exercerem publicamente as suas privacidades; eles, por fim, confrontam o padrão classificatório dos cidadãos sedentários ao viverem de seus restos e rejeitos ejetados ao lixo" (p.37-8).

²³ A questão da temporalidade nômade contradiz a noção de casa como *chez-soi objetivado*, pois o *holding* nômade não apenas é o corpo da mãe mas se perpetua como um não-apego às coisas. Acreditamos estar no início de uma época de nomadismo universal, não apenas pela ausência de fronteiras fixas, da comunicação à distância, pelo trabalho itinerante e/ou realizado em qualquer lugar, pela prevalência de contatos terceirizados ou intermediados por máquinas, mas, principalmente, pelo fato de o corpo retornar ao centro do mundo: um corpo-objeto, medicalizado e terceirizado, uma espécie de grande utopia decorrente, como diz Cláudia MAGNI (op. cit., p.38), referindo-se aos *semcasa*, da "efemeridade de seu corpo, único suporte material que concentra e identifica a sua existência passageira". Os neo-nômades podem ser o nosso futuro.

ALTAR PROFANO: BILHEIRAS



148. BILHEIRA: PINGUIM da ANTÁRTICA e DESENHO
149. DE DANIELA PERES, COM MARCAS DE BEIJOS



O estudo no Piauí revelou a brasilidade no que ela já havia sido intuída desde Vila Madalena. Brasilidade está significando que falar do Piauí é falar do Brasil, de todos os brasileiros, com todas as suas diferenças regionais, falar de algo comum a todos do/no Brasil²⁴.

Isso remete à questão da mestiçagem e da temporalidade: resulta que, através do estudo dos arranjos espaciais das coisas em uma delimitação espacial denominada casa, traçou-se uma arqueologia da memória da construção da identidade da brasilidade. Esta arqueologia só pode ser empreendida no Piauí pela relativa uniformização das moradias, de modo que, no modelo de uma ciência experimental, algumas variáveis manifestaram-se apresentando valores variáveis e outras, constantes. Deste "quasi-experimento", pode-se traçar o seguinte relato.

3.3.1. A bilheira e o entorno

A análise a ser apresentada partiu do conjunto empírico de dados e não de um modelo previamente estabelecido. As "coisas" presentes nas casas no Piauí foram agrupadas em dois eixos ao longo dos quais colocar-se-á o sistema descritivo analítico: a bilheira e o entorno.

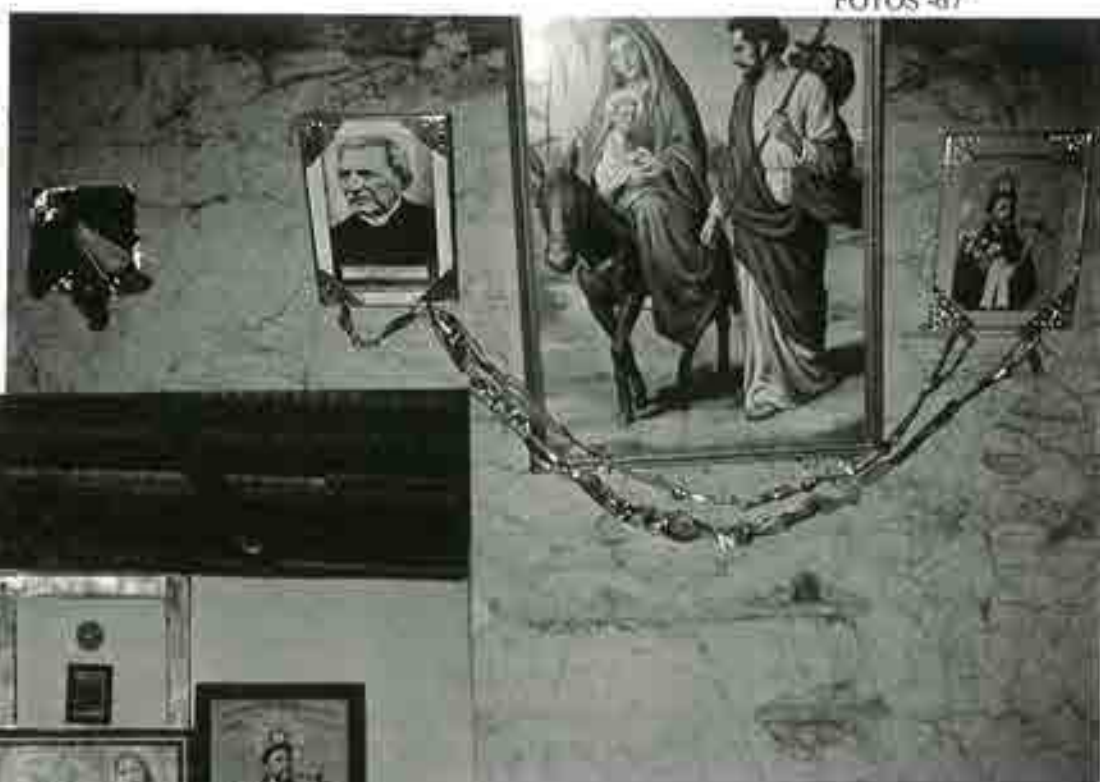
3.3.1.1. A bilheira

A bilheira é uma peça do mobiliário presente, de certa forma, em todas as casas. É um móvel de madeira, semelhante a uma estante. Sobre a prateleira inferior estão dispostas uma ou duas bilhas: grandes talhas ou vasos de barro para conter água. Em algumas casas, a bilha é um filtro de barro para água. Sobre esta prateleira com as bilhas, na parte superior, estão duas ou três prateleiras, mais estreitas e menores, sobre as quais estão recipientes para beber água: canecas de alumínio ou copos de plástico colorido, tendo geralmente entre eles, em posição central, uma concha de alumínio destinada a pegar água de dentro da bilha e colocá-la no copo.

A bilheira foi considerada um eixo porque foi uma constante em torno da qual se processaram transformações. O eixo bilheira transformou-se em três direções que foram denominadas "tempos": tempo geográfico, tempo social e tempo psicológico²⁵.

²⁴Getúlio ALHO (*Três casas indígenas*. São Carlos, 1985. Dissertação - Dpto. Arquitetura, Escola de Engenharia de São Carlos/USP. p.8) escreve a respeito de sua vivência em Manaus: "nós, os brancos, éramos tão mestiços quanto os caboclos (...) Caboclos eram sempre os outros (...) (e mesmo que) constatássemos em nossos temores e medos do desconhecido, as mesmas crenças originadas nas beiras das águas e no interior da mata, jamais nos admitiríamos credores dessas coisas de índio".

²⁵Elaine CAMELLA (*Linguagem: materiais e procedimentos*. São Paulo, 1994. Tese - FAU/USP) utiliza-se da longa duração, baseada em BRAUDEL, como uma categoria de tempo que é percebida na cotidianidade em função das resistências e diferenças que o próprio tempo imprime na matéria, cuja consequência é a estrutura. A estrutura seria a montagem de uma realidade a partir da injunção material. A longa duração irá substituir a linearidade temporal pela de resistências e diferenças. Perceber a diferença e a resistência implica colocar o cotidiano fora do determinismo linear espaço-temporal e colocá-lo no fluxo temporal da incerteza, isto é, implica em perceber a resistência - as lembranças, o "pequeno" que resiste - como um fluxo contínuo de aumento de complexidade, e a diferença como informação gerada pela análise, isto é, mediação interpretativa que permite associar, via comparação. "Descobrir como se constrói uma estrutura é, por assim dizer, redescobrir o tempo e, como diria PRIGOGINE, redescobrir a utopia e a história" (...) Enquanto dialética das resistências e diferenças, a longa duração é uma categoria que concebe o tempo como eficácia de uma estrutura material e o espaço como mentalidade (...) uma manipulação concreta do tempo. História das mentalidades é a história das resistências e diferenças. Nessa medida, tempo-espaço colam-se como categorias inseparáveis" (p.86). Apoiada ainda em Prigogine, diz que o tempo é ilusão apenas se entendermos o homem separado da natureza pois, dentro dela, o tempo se inscreve na matéria, conferindo aos fenômenos um comportamento de retroalimentação evolutivo (p.93). "Compreender como o tempo se inscreve na matéria, a interação dos fenômenos e o modo como o crescimento de

**ALTAR
SAGRADO**150.
151.
152.

A população estudada estava excluída do consumo de massa, não apenas por causa da distância entre a zona estudada e grandes centros de consumo, mas porque viviam do extrativismo e do plantio, não possuindo renda. Suas moradias e modo de vida forneceram um exemplo de inclusão no sentido de originalidade, que estamos denominando *vernacular*²⁶. Devido a isto, pudemos apreender o tempo geográfico, um tempo longo, resultante desta dimensão *indigenous*, original, no seu confronto/mescia em direção ao novo²⁷.

O tempo geográfico, no presente estudo, compreende a lenta transformação no modo de obter/conter a água. Refere-se ao modo como a água chega na casa: pelo rio ou fonte; por poço cacimbão, cacimba ou tubular; pela água encanada. Ele pode ser estudado também pelo tipo de material utilizado nos adornos da bilheira: "natural", apropriado/reciclado e funcional/próprio. O material natural seria o próprio à região, feito de materiais encontrados no local e segundo o sistema de produção regional. O reciclado é o material apropriado de outro contexto e re-significado na bilheira, como plásticos, jornal, embalagens, propaganda eleitoral, etc. O funcional é o material adquirido ou realizado de modo próprio à função. Ex.: toalha de crochê manufaturada ou industrializada²⁸.

O tempo social foi apreendido através da variação na relação entre a bilheira e o cômodo onde se encontrava. Esta transformação deu-se em dois sentidos: no sentido cômodo/casa e no sentido cômodo/cômodo. No sentido cômodo/casa foi do 1 ao 0, isto é, do único móvel da casa até se tornar dispensável devido a uma futura rede de água encanada. Ao mesmo tempo que esta passagem acontecia, a bilheira ia mudando de cômodo, de um cômodo intermediário para a sala principal, para uma sala secundária, para a cozinha, para desaparecer. Portanto, o tempo social se apreende pela existência ou não da bilheira em relação ao cômodo por ela ocupado²⁹.

complexidade se dá e então interpretá-lo, só é possível para a ciência moderna, e portanto para a História, pela incorporação do acaso e pelo diálogo experimental" (p.94). A noção de sincronia irá permitir ler espaços semelhantes em tempos diferentes; "contrários à linearização do tempo e do espaço, à lógica do terceiro excluído, os enfoques sincrônicos entendem o tempo como construção, bifurcação" (p.96), com uma ênfase em como o presente revela o passado. "A novidade (teor de informação icônica) é algo que resiste, enquanto novidade, o que permite à experiência de hoje, na qualidade de leitura possível, associar algo semelhante. É a associação de similaridade, comandando o processo perceptivo, que implica em correlação e não em oposição" (p.97).

²⁶ Vernacular ou *indigenous*, significando etimologicamente, ter nascido dentro (DOVEY, *Home and homelessness*, op. cit., p.42). Segundo MERCER (apud LAWRENCE, *Housing, dwellings and homes*, op. cit., p.16), "construções vernaculares são aquelas que pertencem a um tipo que é comum numa dada área em uma dada época", ou (BRUNSKILL, apud LAWRENCE, op. cit., p.17), "aquele tipo de construção que é deliberadamente permanente antes do que temporária, que é tradicional antes do que acadêmica em sua inspiração, que provê para as atividades simples de pessoas comuns, suas fazendas e suas empresas industriais simples, que é fortemente relacionada ao lugar, especialmente através do uso de materiais de construção locais, mas que representa um projeto e construção com pensamento e sentimento antes do que numa base ou modo estritamente utilitária".

²⁷ O novo pode ser pensado, como faz Immanuel WALLERSTEIN, como um valor do sistema capitalista expansivo, característico da Idade Moderna, associado à idéia de "progresso" e de processo civilizatório. Contudo, talvez possa-se estabelecer uma diferença entre *novidade* e *novo*, reservando para a palavra novidade o conceito de Immanuel WALLERSTEIN (Agonias del liberalismo. *Iniciativa Socialista*, v.6, n.31, p.55-65, 1991).

²⁸ Este tempo tem sido estudado referente ao fogo: do atrito entre pedras, à fogueira fora, ao fogo caseiro, à chaminé central, à salamandra, à lareira, ao fogão a gás, aos aquecimentos por água quente, ao ambiente climatizado.

²⁹ Pascal AMPHOUX (Configurations domestiques et reconquête de soi: pour une prospective connotative de l'habitat. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989 p.182) refere-se ao itinerário do telefone para mostrar a mudança da identidade social da pessoa e da representação simbólica dos objetos, móveis ou serviços técnicos.

ALTAR DO MODERNO: 153., 154. RÁDIO

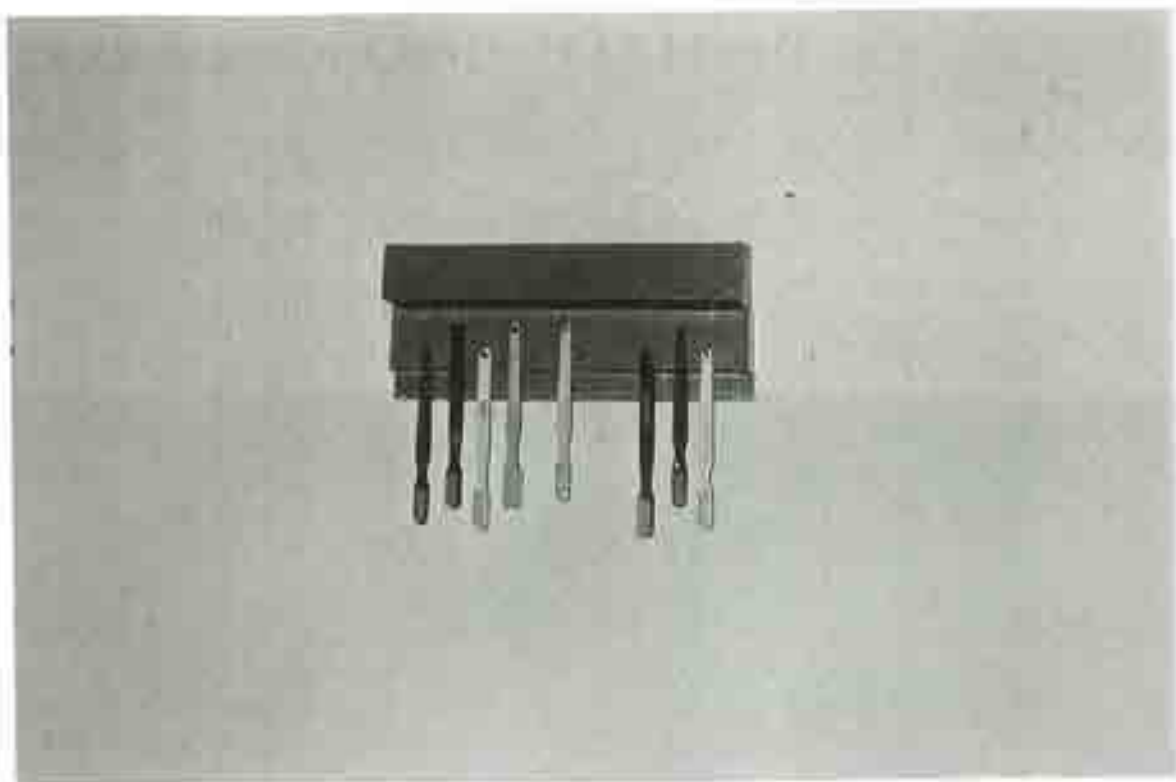


**ALTAR
DO
MODERNO:**

155.
ESCOVEIRA

156.
RÁDIO

157.
SAPATOS



158., 159. ALTAR DO MODERNO: TELEVISÃO



A segunda transformação dentro do tempo social foi a passagem não-centro - centro - descentração. De uma ausência de centro devido à ausência de coisas, a bilheira passa a centro da casa. Em seguida, passa a disputar este centro primeiro com mesa e cadeiras colocadas no centro da sala, depois, com "poltronas" colocadas em círculo no centro da sala. Este sentido é a posição que a bilheira ocupa no cômodo em relação às demais coisas do cômodo³⁰. O tempo social refere-se, de um modo geral, à posição que a bilheira ocupa na casa: seria a relação espaço-exterior.

A terceira transformação é o tempo psicológico. Concomitantemente às mudanças com relação aos cômodos, ela se transforma de algo simples até adquirir uma organização complexa até desaparecer. De uma peça contendo bilhas e copos, é acrescida de toalhinhas, etc., até ser cercada de objetos formando uma composição, tornando-se o centro visual da casa até o seu desaparecimento³¹.

O tempo psicológico refere-se às transformações internas à bilheira: seria a relação espaço-interior.

Uma variante do tempo psicológico seriam os *cuidados*, definidos como o conjunto de ações realizadas a partir de conceitos de organização espacial, correspondendo usualmente à *arrumação*³².

A bilheira foi considerada o eixo condutor da análise das moradias e dos adornos porque nela pareceu se inscrever a(s) história(s) do ornamental através da espacialização da "coisa". O fato dela emergir como eixo condutor deve-se, provavelmente, à sua força como elemento mítico e ritualístico associado à água em uma cultura caracterizada por secas endêmicas.

Nesta direção, o conceito de *arator* de Serge GRUZINSKI³³ pode ser um importante auxiliar para compreender porque a bilheira conduziu o processo de transformação, sendo por

Segundo ele, o telefone passou sucessivamente do vestibulo para a sala, depois para o quarto, antes de se multiplicar em várias peças: "mais ele se aproxima da cama, mais a *duração* da conversa é longa. Portanto, passa-se do equipamento ao consumo". O mesmo ocorreu com a televisão e, atualmente, com o computador, o que ilustra o conceito de prática sócio-simbólica. Segundo Jean-Claude KAUFFMAN (Les espaces du linge. *Recherches Architecturales*, n.42, 1994), pode-se observar uma tendência a uma mudança entre o lugar da cozinha e do computador: a cozinha, delegada a um cômodo pequeno e pouco ensolarado, é hoje um centro de atividade socializada, onde os moradores se encontram, havendo a tendência a balcões separando-a da sala, ou seja, integrando a cozinha à sala. Já o computador surge como uma atividade importante, solitária, necessitando de um espaço sem sol, protegido.

³⁰ Os estudos sobre interior doméstico usualmente se referem a este tópico: a disposição das coisas e as relações entre elas a partir de um inventário. Na zona do Cocal, a cozinha é um lugar pouco valorizado na casa, em algumas, apenas o fogão de barro. A ausência de móveis torna tudo muito fluido, muito *móvel*. Quando os móveis chegam, a pequena mesa para duas pessoas é substituída por uma mesa grande, com cadeiras e não mais banquinhos. Com o aumento da casa, esta mesa passa para a sala secundária, sendo a principal ocupada pela poltronas dispostas em círculo, havendo, concomitantemente, o aparecimento da estante.

³¹ O tempo psicológico estaria relacionado com o investimento libidinal no objeto, sendo um indicador da importância daquele objeto como "organizador psíquico". A maior parte dos estudos sobre identidade e ornamentação referem-se a esta relação.

³² A arrumação, vista como um ritual de *cultivação*, integraria o *self* no corpo, meio e mente, por estender a, envolver de, significado o ambiente, "em um processo que implica em uma versão de animismo, em um padrão transhumano de significado" (ROCHBERG-HALTON, E. *Meaning and modernity*. Chicago, University of Chicago Press, 1986. p.142).

³³ Estas idéias foram expostas em seu seminário na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1995. Segundo Serge GRUZINSKI, o sincretismo pode ser pensado de um modo muito mais generalizado do que aplicado à religião, existindo também nas palavras e nas coisas. É por isto que o estudo do cotidiano pode revelar uma história que se acreditava esquecida ou mesmo suplantada: porque ela continua viva nas coisas.

ele conduzida. O *atrator* é uma *coisa* que cataliza em torno de si representações simbólicas sociais ao mobilizar a fusão de energias advindas de várias fontes situadas ao seu redor. Funciona como um organizador de várias influências e dinâmicas, significando um espaço de ordem que se cristaliza³⁴. Os objetos e imagens seriam fenômenos de uma fronteira fractal, onde os universos estão acavalados, mesclados, impedidos de ser pensados separadamente.

A bilheira pode ser considerada um *atrator* pois, devido ao suporte mítico-funcional, foi transformada em altar, recebendo diversas leituras segundo as temporalidades. Neste sentido, ela retoma para si o significado de totalidade do armário-celeiro do país Dogon, relatado na Introdução, condensando, cristalizando e ordenando os diversos sistemas de significações que estamos supondo, como GRUZINSKI, estar na origem da formação identitária mestiça, ou seja, uma que se dá a partir da fusão onde as coisas não se definem totalmente, onde há um grau necessário de imprecisão que constitui sua lógica.

3.3.1.2. O "entorno"

O *entorno* é o outro eixo, complementar ao eixo condutor da análise *bilheira*. Devido às condições homogêneas nas casas referentes às técnicas de construção, tipos de materiais utilizados, dimensões e objetos presentes, foi possível construir uma espécie de "linha de base" que resultou, assim como com a bilheira, em um modelo básico a partir do qual realizar a análise do ambiente. Muitas variáveis importantes, como portas, janelas, tetos, paredes, chão, localização, tipo de moradia, etc., puderam ser eliminadas enquanto análise interna ao estudo, no caso do Piauí, devido à sua constância.

Algumas variáveis ligadas à construção tiveram suas diferenças captadas por duas variações observadas em relação à bilheira: os cuidados e a mudança do tipo de cômodo. Os cuidados à bilheira apareceram associados a cuidados gerais da casa (arrumação), enquanto o cômodo onde a bilheira estava localizada associava-se ao número de cômodos, de coisas, de móveis, ou seja, ao tempo social.

O entorno pode ser analisado através dos seguintes descritores: *divisórias*, *altares*, *disposição dos objetos nas paredes*.

As divisórias são as separações entre os cômodos, classificadas como ausentes/ presentes e tipo (cortinado florido e rendado)³⁵.

³⁴ Serge GRUZINSKI propõe este conceito em substituição ao conceito de ordem subjacente que perpassa a ciência ocidental: lógica econômica, lógica social, lógica das mentalidades etc. O estudo dos objetos como *atratores* implicaria em uma não separação do contexto em suas partes segundo as ciências e em estudar o fenômeno a partir de suas manifestações, qual seja, como as coisas se colocam em seus lugares, como aparecem os espaços de ordem. Suas idéias estão baseadas nas do comunicólogo italiano Oscar CALABRESE (*La edad neobarroca*. Barcelona, Cátedra, 1987).

³⁵ Estas divisórias têm a função de impedir a visão e de decorar, pois são de cores vivas. Enquanto nas casas de Vila Madalena, e mesmo nos *semcasa*, parecia haver uma "luta" para dividir os espaços, para diferenciá-los, aqui não: os espaços estavam garantidos dentro da ordem sócio-familiar, as divisórias, assim como a porta de entrada, demarcavam o dentro/fora, sem necessitar de intermediações. Quando havia corredores, eram passagens internas, não lugares que separam e dividem. A porta de entrada estava sempre aberta, e ao entrar, estávamos totalmente dentro; assim como ao sair, estávamos totalmente fora. Isto ocorria, objetivamente, devido à ausência de janelas e da intensa claridade fora; porém, subjetivamente, a entrada na casa significava uma aceitação tal que nos sentíamos "da casa". Esta mesma sensação ocorria com os *semcasa*: uma vez dentro de seu espaço, saíamos da "rua" e entrávamos em um outro universo, de onde víamos a nós próprios de outro ponto de vista, inclusive distante de quem nós éramos normalmente. Esta força de pertencimento parece-nos ser algo essencial nestes modos de vida liminares, onde não há transições que corresponderiam a "amortecedores", no sentido emocional de impedir a percepção de choques violentos, e a instâncias epistemológicas, de outro, pois tanto significam "as palavras e sua sintaxe", ou seja, a estrutura mental, quanto valores

Os altares são disposições de coisas em torno de algo central, geralmente com a sugestão de verticalidade. Encontramos três tipos de altares: sagrado, profano e da modernidade³⁶. O altar sagrado consistiu de quadros de santos, acrescidos ou não de outros elementos. Os santos eram retratados de forma vivamente colorida. O altar moderno consistiu de dois elementos: a escoveira e a mesa com televisão ou rádio. A escoveira era um suporte com escovas de dente, localizado no alto da parede da sala. Dada a inexistência de outros elementos, o colorido das escovas de dentes, sua quantidade e localização privilegiada, a escoveira ressaltava dentro do conjunto. O altar de rádio/TV consistia em uma mesa com o aparelho em cima. Recebia tratamento equivalente ao santo ou bilheira, ou seja, toalhinhas e outros objetos eram colocados próximos formando uma unidade visual.

Estes altares receberam acréscimos de elementos resultando em graus variados de complexificação. A complexificação se deu por número, tipo e diversidade dos elementos acrescidos.

A sequência possível dos acontecimentos pareceu-nos ser a seguinte: primeiro a bilheira, depois foram acrescidos os outros dois focos principais, sagrado e profano. Isto representou uma tendência à centralização através de focos. Estes focos estão sendo pensados como as raízes identificatórias, no sentido de *autóctone*, que jorra da própria terra³⁷. Os focos são, pois, o sentido da identidade incorporado na casa³⁸.

Após esta tendência a centralizar, ocorre uma tendência descentralizadora: os focos são atomizados, aparecendo como pequenos e discretos quadros de santos ou mesmo ausência deles, enquanto o altar moderno foi se instalando em estantes compostas com vários objetos "comprados", um sinal de *status*: bonecas, bichinhos de vidro, figuras em cerâmica, etc.

Esta descrição poderia corresponder à transformação do tempo mítico em tempo funcional, do relógio. A atomização é acompanhada do aparecimento de relógios de parede e de folhinhas, confirmando, supostamente, esta interpretação³⁹.

Este "caminhar" decorativo das "coisas" é um trabalho interpretativo, baseado em evidências empíricas, possível porque foram apreendidos dois níveis concomitantemente, um sincrônico e um diacrônico. Isto foi possível por causa das características semelhantes que variavam em conjunto com outras modificações.

Estamos propondo, pois, para o entorno, dois conjuntos de análise. Um envolve os focos: presença/ausência e tipos de focos em sua complexificação; o segundo visa a análise da

fundantes como, nos povos primitivos e outros, onde o pórtico é a passagem do sagrado ao profano. Para nós, as intermediações, sem as quais é difícil imaginar a casa moderna (a não ser em protótipos que visam a transparência, como ambientes únicos com banheiros com portas de vidros), é o que separa, espacialmente, a cultura da coisa da cultura do corpo, e isto se reflete, diretamente, no processo identitário.

³⁶ Esta denominação foi sugerida pelo Dr Stéphane TESSIER, comunicação pessoal, 1993.

³⁷ Baseado em DOVEY, op. cit., p. 42, referindo-se a HEIDEGGER.

³⁸ Os focos podem ser pensados como "pontos fixos de valência positiva", correspondendo a uma das funções da "maternagem" (parafraseando DAMERGIAN, S. *O papel do inconsciente na interação humana*, São Paulo, 1988. Tese - Psicologia/USP, p. 320). Para a criança, os pontos fixos são o que permitem a permanência do "objeto permanente" e do processo identificatório. No ambiente, os focos indicariam a existência de pontos fixos e as redes de significações propostas por eles como interações identificatórias.

³⁹ Pode-se pensar que o aparecimento da estante e de objetos industrializados indicam o desejo tanto das coleções - "o gosto burguês de agrupar, de organizar e de justapor objetos, sua acumulação vista como um meio de acentuar o contraste entre o espaço doméstico e o do trabalho" (DESPRÉS, C. *De la maison bourgeoise à la maison moderne*, op. cit., p. 5) - quanto de ter o que não tem, o meio urbano industrializado. Havia, por exemplo, coleções de latas de leite vazias. De um modo geral, há uma tendência a decorar com objetos funcionais decorados, observado mais no assentamento *semcasa*.

disposição espacial das "coisas" nas paredes: verticalidade, horizontalidade, circularidade, vazios.

3.3.2. As três temporalidades

Do ponto de vista do presente estudo interessa expor o quanto a hipótese das três temporalidades ampliou o contexto do estudo⁴⁰.

As três temporalidades de BRAUDEL sustentam-se como hipóteses explicativas na medida em que elas ampliam o esquema referencial e não são negadas pelos fatos; ao contrário, lançam luz a fatos algo obscurecidos.

Um fato algo obscurecido é o fato histórico como origem do fato psicológico: as histórias individual e familiar, evidentemente, fazem parte do repertório dos psicólogos, mas a História, ou as Histórias, não. Não se trata apenas de ampliar o sujeito enquanto realidade psicossocial: trata-se de entender, além disto, o sujeito a partir de sua capacidade de historização. Colocar o sujeito na História é percebê-lo no tempo geográfico, da evolução humana, é percebê-lo no tempo social, da subjetividade do homem mítico para a do homem mitopoético; é percebê-lo como sujeito psicológico, epistêmico, social e afetivo, em sua singularidade.

Esta triplice leitura teria de ser feita para se poder chegar ao conhecimento histórico, que é, no fundo, o problema do conhecimento: o que se conhece como ser histórico. A(s) história(s) condiciona(m) como o indivíduo, cada um de nós, vai elaborar a sua sucessão de fatos, como vai arquivá-los, como vai formar estes arquivos.

O fato histórico, visto destas várias acepções, conduz à questão da subjetividade como o embate entre o consciente e o inconsciente, mas relativizando, ampliando, circunscrevendo, originando tanto um quanto o outro, destas várias temporalidades. O inconsciente, visto através desta abordagem, seria o resultado da interação da meta-história com a mediância, o que formaria o sujeito histórico⁴¹. O sujeito histórico seria o conjunto de relações repetíveis, através das quais se dá o "eu" e a identidade, que afloram naquele momento. A meta-história é o processo histórico feito pelo indivíduo de acordo com o seu histórico, a História vista como produto e produtora da subjetividade. A mediância seria a relação do próprio indivíduo - o momento, estruturado e estruturante, do ser-humano - que configura a meta-história. O desejo constitui-se neste momento, sendo mediado pelo social no encontro com estas três temporalidades. As temporalidades seriam, pois, os modos de configuração do inconsciente: um inconsciente arquetípico, um inconsciente social, um inconsciente individual⁴².

Um outro fato muito obscurecido é como as memórias podem ser mantidas e, concomitantemente, desconhecidas.

⁴⁰ Segundo TASSARA (comunicação pessoal, 1994), a formulação de BRAUDEL a respeito das três temporalidades é de difícil aplicação através de derivações empíricas. Por outro lado, VICENTINI (Exame de qualificação, 1995) argumentou que a aplicação das categorias de Braudel a um recorte tão estreito, no espaço, no tempo e na temática, poderia ser uma extrapolação. TASCHNER (Exame de qualificação, 1995), ao apontar o aspecto não apenas antropológico, mas arqueológico, de objetos de civilizações antigas a partir dos quais se pode traçar possíveis histórias, forneceu a resposta à questão abordada por VICENTINI. O conceito de *arqueologia virtual do presente*, segundo TASSARA (comunicação pessoal, 1996) faria parte do paradigma emergente, significando escavar sobre o que não foi feito e porque não foi feito, ou seja, procurar nas entrelinhas o texto (para nós, através das *resistências* e das *diferenças*). As coisas podem falar mais do que as palavras, a não ser que as palavras sejam analisadas como coisas, como sugere GRUZINSKI (comunicação em aula, 1995), como objetos fractais que intercambiam significações, não sendo uma ou outra, mas podendo ser uma e outra.

⁴¹ Eda TASSARA, comunicação pessoal, 1995.

⁴² Os estudos sobre os nomes próprios, por nós realizados, inscrevem-se dentro desta visão de inconsciente e de historicidade (ver Bibliografia).

**TRANSFORMANDO-SE: 160. DO "RECICLADO" PARA O
161. "ARTESANAL"
PARA O
162. "INDUSTRIAL"**



TRANSFORMADA:

163. Mesa no centro

+ Relógio de corda

+ Fogão de adorno

164. Cadeiras no centro

165. A Conquista da
natureza: o artificial

O nosso passado, como brasileiros, está também nos símbolos, rituais, lendas e sonhos. Enquanto o movimento negro procura suas raízes na África, e os indígenas nas suas tradições, o passado do brasileiro é a mestiçagem.

Essa é a questão histórica mais ampla da constituição da identidade dos brasileiros: um aspecto longo, que "nos une a uma natureza poderosa, terrorífica, tropical, que induz um temor primitivo. Este corresponde, de um lado, a um instinto antropofágico, e de outro, a uma imagem de Deus: graças ao ritual canibalístico, era incorporado, num ato de extrema vingança, a alteridade inacessível dos deuses, ficando-os na terra, e com eles estabelecendo a convivência familiar"⁴³

Enquanto uma cultura condicionaria a permanência pela posse de objetos, outras, canibalísticas, condicionariam esta permanência pelo rastro nos corpos. No Brasil, haveria uma incorporação de símbolos, com os quais não há identificação, ficando no centro um vazio: o herói sem nenhum caráter, Macunaima.

Esta longa temporalidade, intuída nos *semcasa*, foi concretizada na transformação da água, como um elemento vital, endeusada no Piauí. Este endeusamento, através do altar, é o sagrado no cotidiano, o altar profano, o tempo do sagrado instituindo o que DaMATTA⁴⁴ chamou "os mortos" como uma dimensão da realidade brasileira. O modo de destruir a onipotência dos deuses é trazê-los para a terra, *fincando* uma *passagem* para eles, uma linha aberta de comunicação permanente, que torna surreal a realidade pois sempre se refere a algo que não está lá.

Para Oswald, o que os homens não conseguiam dominar, e temiam, que era o terror primitivo, manifestava-se como entidade estranha e hostil ao homem, primeiro na consciência do sagrado e depois, na atitude devorativa.

O altar do profano, a bilheira, seria a atitude devorativa: a água aprisionada é fincada na terra, estabelecendo-se, através dela, o banquete ritualístico, desreprimindo-se da censura paterna e encaminhando-se para a comunhão: o beber juntos.

O altar da modernidade, por sua vez, seria o que Oswald chamou de "bárbaro tecnizado", o selvagem antropofágico ávido de progresso, que assimila a técnica.

O altar do sagrado seria a dimensão da convivência familiar do sagrado, em uma sociedade relacional, onde morre a pessoa mas não a relação, de modo que os antepassados estão presentes no cotidiano. Os santos são como antepassados, com os quais se convive⁴⁵.

O tempo social, conforme visto no Piauí, por sua vez, implica em dinâmicas de focos *versus* descentrações, inexistindo ainda no Piauí o "cantinho". O foco parece um anterior ao cantinho, ou seja, o cantinho parece ser um desdobramento do foco no espaço. Partindo do "objeto total" descrito na Introdução, pode-se supor que as diferenciações de funções sejam os desdobramentos do social, isto é, como as funções se organizam espacialmente. A noção de sistemas que, atingindo um grau de complexidade, se autonomizam, parece ser aplicável ao ornamental, quando visto deste ponto de vista.

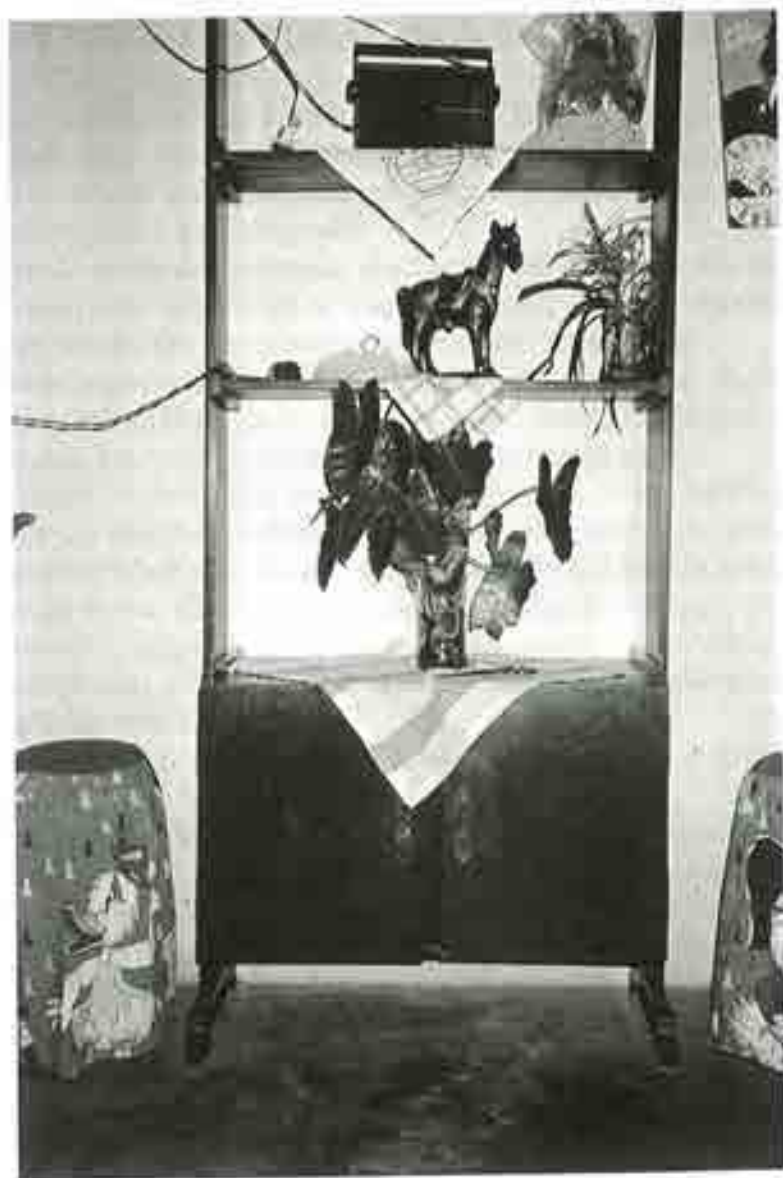
⁴³ NUNES, *Obras completas de Oswald de Andrade*, op. cit., p. 22.

⁴⁴ Idem, *ibidem*.

⁴⁵ Para Michel RAGON, enquanto o Ocidente moderno faz desaparecer a morte apenas representada pelo culto dos túmulos, na África negra, a aceitação da morte se opera pelo culto dos antepassados. "A morte aí é uma espécie de promoção. Tomar-se um ancestral, é tornar-se um pequeno deus. A morte individual tem pouca importância na África animista pois o indivíduo sobrevive na tribo. O culto dos ancestrais é uma negação da morte. O morto não está morto. Ele é dotado de poderes sobrenaturais. Ele coabita com os vivos, mas ele deve permanecer no seu lugar de morto. (...) Não se teme a morte, mas o morto dá sempre um certo medo. Ser enterrado na vila, afim de retornar à mãe por intermédio da terra é uma necessidade absoluta para o negro-africano" (Ragon, M. *L'espace de la mort: essai sur l'architecture, la décoration et l'urbanisme funéraires*. Paris, Albin Michel, 1981. p.26).



166. HORIZONTALIZAÇÃO : ESPELHO
167. NOVA VERTICALIZAÇÃO: ESTANTE



O conceito de *atrator* pode ser entendido como um foco de energia, que atrai, centraliza, cristaliza, ordena uma série de significações, como uma espécie de sol, mas que, uma vez atingido um certo grau de complexidade, explode, iniciando novas formações.

A centralização no espaço, dentro do tempo social, através da mesa primeiramente, depois pela "sala de estar", está relacionada da ausência de móveis à presença destes: ou seja, há coisas no lugar de pessoas. Primeiramente, as coisas indicam os lugares das pessoas, designando o seu lugar, e depois passam a substituí-las ou representá-las. Ocupar o centro nos parece ser um "humanismo": o homem no centro do espaço, e não mais Deus; a saída do tempo sagrado para o tempo profano, representada espacialmente, e acompanhada pela horizontalidade, como veremos em capítulo próximo (versando sobre a Estética).

O terceiro aspecto relacionado ao tempo social é que a mudança da função, no sentido da prática-simbólica, resulta em alteração da coisa dentro do espaço doméstico. Isto, por sua vez, altera as rotinas, e a relação corpo/vida, ou seja, a construção simbólica do corpo. A bilheira, de centro do lar, passa a ser um lugar de beber água, uma talha, um futuro filtro: da sala secundária para a principal para o fundo da casa, para o seu desaparecimento.

O tempo psicológico refere-se à mediação dentro/fora, interior/exterior, realizada na "fronteira" sujeito psico-social, singular, epistêmico, social e psíquico, pelo "corpo-sujeito". Este "corpo-sujeito" incarna as várias historicidades em suas transações com o meio.

No nosso estudo, o "corpo-sujeito" foi visto à luz de duas culturas: do corpo e da coisa. Analisaremos estes aspectos em outro capítulo, o da brasilidade.

A principal característica do tempo psicológico na análise da bilheira foi o grau de complexidade da organização, que resultou, em um dado momento, em outra organização.

3.4. AS TRÊS TEMPORALIDADES E A CASA DOS SEMCASA

Uma análise equivalente à realizada com a bilheira pode ser feita considerando-se a casa dos *semcasa* como um *atrator*; ou seja, um centro organizador do tempo e do espaço que cristaliza e ordena uma série de transações entre pontos diversos de sistemas, internos e externos, de modo mútuo e recíproco.

O modo de morar dos *semcasa*, visto como um *atrator*, varia de 0 - 1 - 0, desde a sua inexistência - um ponto zero - até a "casa" completa, o ponto máximo coincidindo com o máximo de complexificação - retornando, após, a outro ponto zero.

Esta transformação equivale à existência ou não da bilheira, correspondendo em ambos os casos ao tempo geográfico, de longa *duração* e de lentas transformações. Corresponderia a um eixo horizontal. Este eixo horizontal seria o tempo geográfico.

A constituição/construção da casa seria o tempo social: os cômodos que surgem da ordenação e da arrumação. Conforme vimos, a uma espécie de acampamento vão sendo acrescentados cômodos/funções e objetos. Corresponderia à dinâmica bilheira/cômodo e centro-periferia, descritas acima, ampliadas para conter a análise do "corpo", ou seja, para a noção do sujeito a respeito de si próprio possibilitada pela sua relação com o meio.

Este tempo seria propriamente a *duração* devido à sua ação sobre a matéria: é o *meio construído*. Seria um eixo vertical.

O terceiro tempo seria um eixo diagonal, indicando a complexificação do meio construído: equivaleria ao tempo psicológico.

Dentro destes eixos representando os tempos estaria inscrita a casa e, nos pontos extremos, outras formações, opostas e complementares a ela. Os pontos extremos seriam pontos de inflexão onde haveria uma mudança de "rumo" devido a alguma transformação fundante, onde ocorreriam "saltos qualitativos" ou organizações em outros sistemas.

Na análise sincrônica dos *semcasa*, a arqueologia que se pode depreender passa por várias camadas de acúmulo de material depositado pelo tempo. O tempo geográfico, aí, é a

própria história da humanidade. Desta expansão no tempo, surgiram dois desdobramentos para os dois pontos extremos: de um lado, os neo-nômades, de outro, a casa dos mortos.

A "inflexão" da casa dos *semcasa*, corresponderia o surgimento de uma nova forma de morar, o verdadeiro nômade urbano. Os neo-nômades equivaleriam ao surgimento da água encanada no Piauí, isto é, assim como a água encanada resulta de uma série de transformações - racionalidades - que se reproduzem como outras transformações, igualmente os neo-nômades surgiriam como uma possibilidade de moradia moderna.

Do outro lado, também ocorre um ponto de inflexão: a "casa dos mortos". Embora talvez seja mais difícil de ser imediatamente apreendido, a vertente dos "mortos" é fundamental para se entender a casa; dentro de nosso estudo, esta vertente jorrou do tempo dos *semcasa*, opondo-se a ele, lançando-nos na temática da materialidade, como veremos a seguir.

Estes pontos seriam inflexionados na direção oposta à da casa, havendo um eixo vertical - o tempo social, no nosso estudo representado pela cultura do corpo e pela cultura da coisa, e um eixo diagonal, no nosso estudo representado pela complexificação.

Ambas inflexões radicalizam o significado/experiência da casa: em uma, é o tempo do eterno, da permanência, em outra, o tempo do efêmero, da passagem. A "casa", vista destes pontos, resolve este dilema entre esses dois tempos, no que pode ser chamado *duração* ou tempo vivido. A ação sobre a matéria vista na *duração* indica e registra, ao mesmo tempo, a permanência sob a passagem, que é, em resumo, o que a "casa" tenta responder como artefato psíquico.

Por outro lado, se tomarmos apenas a casa dos *semcasa*, verificamos facilmente que ela é um *atrator* pois organiza, ordena e cristaliza as várias influências do seu entorno tornando-se um centro gerador de novas influências. Nos *semcasa*, isto implica em uma tensão permanente dado a sua condição de não-casa: ao mesmo tempo que ela se configura como casa, atraindo para si os significados e experiências da vida cotidiana do tempo vivido, social, afetivo, relacional, ela atrai, pelo mesmo movimento, o seu fim; pois, à medida que se constitui social e psiquicamente, ela se torna visível e se auto-condena ao seu desaparecimento. Além disto, ela passa a responder a necessidades em um contexto deslocado de seu próprio "leito": estabilidade, permanência, cidadania, respeitabilidade, conforto, comodidade, segurança, identidade, marcação, etc. Através dela, passam a ser expressos desejos/fantasia/emoções que não podem ser por ela "contidos" (*holding*), dada a sua definição pela ausência, o que agudiza a contradição a ela inerente.

Esta contradição leva fatalmente ao seu desaparecimento. Este desaparecimento se dá por duas "saídas": pela morte, de um lado, e pelo nomadismo, de outro. "Morte" e "nomadismo", por sua vez, levaram historicamente à saída "casa", donde não haveria uma única direção destas transformações, mas ciclos que decorreriam de complexificações.

A complexificação da casa em função dela ser um *atrator* seria o tempo psicológico, onde a personalização pela apropriação aparece como a mais importante característica do habitar. Seria a mediância em que a pessoa apropria-se de si própria ao apropriar-se do meio, neste e deste modo *ex-istindo*. Seria a casa como *self*, como metáfora da organização e dos conteúdos do psiquismo. Na casa dos *semcasa*, isto apontou para a casa como virtualidade, algo simbólico, inscrita no corpo: a atitude devorativa revelando-se na apropriação dos símbolos, que os torna *out-doors* ambulantes, refletindo a cidade, incorporando a linguagem dos mídia.

Tanto a mediância quanto a *duração* apontam para o tempo social dado que o tempo vivido, como expresso pelas várias dinâmicas temporais, nasce deste encontro com o tempo do possível conforme dado pelo meio social. No caso dos *semcasa*, isto é totalmente evidente porque a própria existência de suas casas depende do tempo que lhes é permitido permanecer nos seus pontos de permanência.

O tempo social, portanto, é a condição para que se expresse o tempo psicológico mas um não se reduz a outro, embora um não exista sem o outro. Um selvagem não se tornará um

nômade se não tiver o tempo psicológico do nômade, mas poderá vir a ser um "sedentário", se receber apoio social que lhe aponte um futuro, de modo a aproximá-lo de seu passado e de sua própria auto-estima.

Tanto a bilheira quanto a casa dos *semcasa* passam por transformações que indicam ciclos. Por exemplo: as cristaleiras expulsas das casas/cozinhas rurais, que retornam às salas burguesas citadinas, o nomadismo dos *trailers*, fixados em *campings*. Seria como se a complexificação de signos/significantes implicasse em uma variedade tal de sistemas de significação que levasse a uma outra ordem de significação.

Em resumo: o tempo geográfico pode ser visto pelo surgimento/desaparecimento da casa dos *semcasa*; o tempo social pela *duração* da mesma, possibilitando ou não, e dando forma, à casa; o tempo psicológico, visto como tempo vivido - dos desejos, medos, fantasias, emoções, percepções - onde e quando há a apropriação do espaço pela personalização, sendo que, através destes tempos, a casa torna-se um *atrator*, com uma complexidade crescente que gera o seu desaparecimento.

3.5. O ESTUDO DAS CASAS DOS MORTOS: TEMPO - TEMPLO⁴⁶

O estudo do que estamos denominando "casa dos mortos" será tratado dentro do âmbito deste trabalho. Não se pretendeu fazer um estudo sobre cemitérios nem sobre túmulos, mas observar alguns cemitérios e túmulos a partir da ótica deste trabalho: a da moradia e do ornamental.

O interesse pelos túmulos⁴⁷ decorreu dos *semcasa*, assim como o interesse pelos *semcasa* decorreu das casas onde as paredes eram "virtuais". A mesma "virtualidade" acha-se nos túmulos, que são casas simbólicas. Todos podem ser pensados como moradias liminares.

⁴⁶"A noção de casa (*maison*) supõe essencialmente a marcação de um território enquanto que a moradia (*demeure*) implica as noções de templo e de túmulo: templo, a moradia é sobretudo um santuário interior secreto, ligado à procura das origens, da memória, à relação com a natureza. Túmulo, a moradia é também a pesquisa da sepultura, lugar de refúgio último e conjugação da morte pela evocação da imortalidade, da eternidade" (TISSIER, Y.; WAUTHIER-WURMSER, B. *Appropriation et métamorphose de l'espace dans les demeures de John Soane et de Jean-Pierre Raynaud. Extensio*, n.9, 1985. p.91).

"Para o homem das sociedades tradicionais, a casa não é profana, ela é consagrada na sua própria estrutura arquitetônica, exatamente como um templo. Há um parentesco etimológico entre *templum* e *tempus*: o primeiro é uma *virada* (*tournant*=canto de rua, esquina, fig.: momento capital onde os acontecimentos mudam de direção. Cf. Petit Larousse) espacial e *tempus* uma *virada* temporal em um horizonte espaço-temporal" (p.65). "Só se pode instalar neste mundo assumindo a responsabilidade de o criar. O simbolismo dos templos enquanto 'centro do mundo' é uma elaboração ulterior do simbolismo cosmológico da habitação humana" (p.71) (MIRCEA ELIADE. *Architecture sacrée et symbolisme*. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J-P. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Heme, 1983). "O conceito de centro (para os guarani, em suas moradias) não é geométrico, mas sim, religioso" (COSTA, C.R.Z. *Habitação Guarani*. São Paulo, 1989. Tese - FAU/USP. p.557).

⁴⁷Segundo Amos RAPOPORT (*The meaning of the built environment*. Beverly Hills, Sage, 1982), não há diferenças, em algumas culturas, entre casas e túmulos, a não ser elementos semi-fixos (p.90). Nos túmulos só há elementos fixos, enquanto elementos semi-fixos são deixados como tais nas moradias de povos nômades para manter a fluidez e impedir o *congelamento* do ambiente (p.88). Já DOVEY (*Home and Homelessness*, op. cit.), define a casa como um lugar com portas e janelas, onde há dinamismo, o oposto de um túmulo. Para RAGON (op. cit.), durante séculos quando os homens eram nômades, "a moradia dos mortos era a única que não se movia, a única que exprimia uma parada do tempo" (p.39). Este é o sentido fenomenológico apontado por Perla KOROSEK-SERFATY (*Experience and use of dwelling*, op. cit.), ao dizer que "a consciência da morte, como postergamento primário que abre a dimensão do tempo, pode ser vista no túmulo como *última morada*" (p.71). Deste modo, a temática do tempo gerou o túmulo que congelou o tempo, criando a moradia ao mesmo tempo como parada do

A temática implícita nestes estudos é a do tempo. A inscrição no portão de entrada do Cemitério de Paraibuna, *nós que aqui estamos por vós esperamos*, descreve a passagem, de entrada e de saída, da vida/corpo⁴⁸.

O mundo dos mortos, assim como os templos, encontram-se imersos em outra dinâmica temporal, em relação ao mundo profano, principalmente na rede urbana. Em ambos espaços, não há pressa, o tempo é eterno. Em certo sentido, a sociedade de consumo encontra-se fora dos portões do cemitério pois a vida já foi consumida e consumada.

Os túmulos são mediadores de uma relação real e de uma situação vivida, trazendo impressos em sua substância e em sua forma a dinâmica consciente ou inconsciente desta relação⁴⁹. Eles representam a morte de um modo não arbitrário, estando ligados ao gesto de enterrar, gesto coletivo e individual, impregnado de conotação mas vivo por sua relação de interioridade. Segundo BAUDRILLARD⁵⁰, tal objeto não é consumido e, portanto, estaria fora do tempo da sociedade de consumo.

Por outro lado, o mundo dos objetos está sendo pensado como uma solução dada pela humanidade à angústia de morte e à ameaça de aniquilamento. Aquilo que falta ao homem, encontra-se investido no objeto de modo que o objeto reflete não a imagem real mas o desejo, o imaginário, a imagem desejada do homem. Para BAUDRILLARD⁵¹, o que o homem encontra nos objetos não é a garantia de sobreviver mas a de viver de uma forma cíclica e controlada o processo de sua existência e de ultrapassar assim simbolicamente esta existência real cujo acontecimento irreversível lhe escapa. O objeto seria, pois, aquilo pelo qual estamos enlutados. Ele substitui e representa a falta. Nos túmulos, tal falta encontra-se explicitada; eles seriam a própria noção da falta (da vida), com uma referência também explícita a outros tempos além do presente.

Há uma classe de objetos denominada por BAUDRILLARD⁵² de mitológicos, que se opõe a objetos funcionais: enquanto estes são ricos de funcionalidade e pobres de significações, referindo-se à atualidade e esgotando-se na cotidianidade, o objeto mitológico tem funcionalidade mínima e significação máxima, referindo-se à ancestralidade ou à anterioridade da natureza.

Os túmulos são objetos mitológicos pelo fato de remeter a algo que lá não está, ao ausente, à ausência, de modo regressivo, referindo-se ao mito da origem, quer familiar quer grupal quer da humanidade. O túmulo é útero, mais do que materno, útero da natureza. O túmulo é aquilo pelo qual estamos enlutados: soluciona o evento da ausência e da morte real,

tempo e como templo. RAGON (op. cit.) relata que, com a sedentarização, a grande arquitetura é a dos túmulos (civilizações mesopotâmia e egípcia), "um túmulo que era uma moradia onde o morto residia e recebia" (p.39). Os ornamentos e tudo o mais tinham por finalidade atrair o *duplo*. Para este autor, o mimetismo casas-dos-vivos/casas-dos-mortos continua atualmente, não apenas como simulacros de habitação mas também como ideologia, de modo que a tumba aparece como a terceira residência da qual se é proprietário (p.48). RAGON (op. cit.) acredita ser impossível realizar um estudo das moradias dos vivos sem se estudar a dos mortos, havendo uma continuidade entre ambas, ao mesmo tempo que uma reflete a outra, quer em nível de moradia, quer como quarteirão e cidade.

⁴⁸ "A história da sepultura faz parte igualmente da história da habitação do homem sobre a terra, assim como a terra é o lugar do abrigo supremo. No cenário da morte, onde se consuma o mistério do próprio Ser, a terra aparece de novo na sua qualidade de supremo abrigo" (LIICEANU, G. *Répères pour une herméneutique de l'habitation*. In: DAMIAN et al, eds. *Les symboles du lieu. l'habitation de l'homme*. Paris, l'Herne, 1983. p.115). As urnas funerárias incas são outro exemplo deste círculo que se fecha: as pessoas eram enterradas na posição fetal, dentro das urnas de barro, formas ovaladas, semelhantes ao útero-mãe-terra.

⁴⁹ Parafraseando BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo, Perspectiva, 1989. p.206.

⁵⁰ Idem, *ibidem*.

⁵¹ Idem, *ibidem*.

⁵² Idem, *ibidem*.

assegurando a continuidade da vida. Representa nossa própria morte superada simbolicamente pelo trabalho de luto. Ele é o objeto pelo qual estamos enlutados.

De todos os espaços humanos, os cemitérios são os mais simbólicos, os menos funcionais, os mais mitológicos. Não por acaso, o início da hominização acha-se associado ao culto dos mortos; a morte como fenômeno do duplo, desvenda o início da consciência e da vida imaginária e simbólica⁵³.

Os túmulos podem ser vistos como "objetos transicionais" equivalentes ao berço/modo de dormir: enquanto uns sinalizam a in-corporação, a en-carnação, outros sinalizam a des-corporação, a des-en-carnação. Eles transicionam, para os vivos, a sua separação dos mortos, sendo espaços liminares entre a vida e a morte. O espaço potencial pode ser visto tão flagrantemente no nascimento quanto no desaparecimento do ser humano e, por isso, o ser humano é pensado ter nascido a partir da emergência da noção de morte. Os túmulos, como nos Neandertalenses, seria uma indicação de que o simbólico estaria em funcionamento, além do instinto, além do princípio do prazer e da dor: na estruturação do tempo.

Contudo, este estudo não iria se abrir para este campo, não fossem os *semcasa*. A hipótese de que o tempo vivido era um dos elementos a determinar o arranjo espacial das casas é que gerou o interesse pelos túmulos. O que caracteriza a casa dos *semcasa* é sua instabilidade e provisoriedade, enquanto a casa dos mortos se caracteriza por sua estabilidade e permanência.

Comparando-se às casas dos *semcasa* em que aspectos estruturais, imóveis - paredes, tetos - tornavam-se móveis, nos túmulos ocorre o oposto: são os aspectos móveis que se tornavam imóveis: a morte é um sistema fechado, não intercambiável. A morte imortaliza o morto, na lembrança daqueles que se lembram do morto. *Aqueles que se foram deste mundo/ somente morrem/ quando não são lembrados/ por aqueles que em vida amaram.* (Epitáfio em um túmulo no Cemitério do Araçá). Esta imortalização está representada pela imobilidade do túmulo que assim deve permanecer enquanto dure. O suporte material busca esta permanência e durabilidade: mármore, cimento, grama, pois mesmo a grama se renova permanentemente e, sendo diferente, é sempre a mesma.

O túmulo é composto do suporte material e de identificação do falecido: esta raiz - restos - rastros - depósitos identificatórios - nome, filiação religiosa, data de nascimento e morte, local - seriam os equivalentes aos "objetos transicionais" do bebê, em sentido inverso: o bebê tem vida e vai inscrevendo a sua vida nestes textos, enquanto o falecido permanece como texto identificatório⁵⁴. A identidade aparece como territorialidade, principalmente na ausência da vida: enquanto os *semcasa* são pessoas vivas desterradas, sofrendo a falta de raízes identificatórias, a terra cronifica a morte em algo que se possui, mas não se é.

⁵³ MORIN, E. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 107.

⁵⁴ O texto de Philippe ARIÈS sobre a evolução dos túmulos da Antiguidade até hoje (Jacentes, orantes e almas - In: *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981. v.1. p.217-313) forneceu um importante pano de fundo para situar os túmulos, católicos e protestantes, visitados. Segundo Ariès, apesar dos esforços da Igreja durante séculos, persistiu uma crença, baseada em uma resistência da cultura oral - refletidas nos orantes, jacentes e cruzes - num estado intermediário entre céu e terra, em uma não separação entre corpo e alma. Apenas no século XVI, o túmulo não é mais do corpo mas apenas da *alma* que tem de se salvar graças a uma contabilidade exata de orações, associada ao uso do testamento. Isto é testemunhado pelo "elemento aéreo e incorruptível, num mundo desde então transparente, onde o amanhã da alma depende das obras de hoje" (p.303). Com isto, a *personalidade* do falecido desaparece do túmulo, como havia anteriormente, na descrição da biografia, da *celebridade* e da *imortalidade* terrestre e celeste do falecido, e do *retrato* como máscara mortuária. Onde a antecipação paradisiaca não era aceita, como nos países protestantes, não ocorreu este desenvolvimento (p.275). As capelas, por sua vez, representam "os espaços dos mortos como parte subterrânea do espaço onde os vivos (família) se reúnem para assistir os ofícios" (p.310).

168. PIAUÍ:
DIVINÓPOLIS
CEMITÉRIO:
AZULEJOS
JARDINS
CERCADOS
FLORES



169. MARRAKESH,
MARROCOS:
TÚMULOS DE
SERVIDORES
DE REIS



CEMITÉRIOS EM SÃO PAULO



170. A SERENIDADE DA MORTE

171. CAPELA

172. DENTRO DA CAPELA



BASTIDE⁵⁵ e RAGON⁵⁶ relatam que a verdadeira residência para os antigos egípcios era o seu túmulo. Devido a isto, não decoravam suas residências, por considerá-las provisórias. Esta visão subverte a noção de moradia mas enfatiza como a noção de *duração* liga-se à construção e à ornamentação nas coisas.

Se, na Europa, os mortos ricos são, ou foram, enterrados primeiro dentro das igrejas e após, nas suas laterais, fora delas, no Brasil, os ricos constroem suas próprias igrejas e colocam suas famílias lá alojadas.

A adoração da família dentro da capela-túmulo é um modo sincrético de transformar os santos em família e vice-versa. Santos e antepassados convivem nas capelas assim como mortos e vivos se comunicam através de intermediários, santos e anjos, orixás, mães-de-santo, mesa branca, etc.: os túmulos, no Brasil, são terrenos, profanos e sagrados, como as bilheiras, mas em um sentido inverso quando o sagrado se torna profano.

O cemitério é um espaço liminar, vida/morte. A terra fixa o tempo, isto pode ser visto claramente nas casas dos *semcasa* e dos mortos: igualmente o assentamento deve tê-lo feito historicamente. O tempo "móvel" dos *semcasa*, comparado ao tempo imóvel dos túmulos, deve-se à não corporiedade das casas dos *semcasa*: a casa, como uma extensão do corpo, fixa os hábitos sócio-historicamente construídos, e desta forma, ordena os eventos no tempo que se torna o organizador da vida.

Diríamos, seguindo BACHELARD, que a mobilidade é algo do ar, e a fixação, da terra. As marcas identificatórias, depositadas nos túmulos, fazem da identificação não apenas objetos transicionais - dentro/fora, vida/morte, eu/outro - mas raízes identificatórias: local, datas de nascimento e morte, grupo familiar, grupo religioso: estas seriam as raízes de nossa identidade, coloridas pela vida e transformadas pela morte, em signos. Se a morte é rica de significações, o morto é quase funcional: o ornamental, quanto mais tenta identificar, mais cristaliza a perda, o que não está, o símbolo, não da pessoa, mas da *morte*. *Ao adorado A.../ meu inesquecível filho carinhoso e santo/ Faz já dois anos que morreste, filho/ Dois longos anos sem jamais te ver, filho querido que deixaste o mundo/ e os meus carinhos para aqui jazer/ oh! tu deixaste tua mãe tão cedo!/ Trocaste a vida pelo frio chão./ Eu só queria que eu pudesse ainda cingir-te, filho, junto ao coração./ Eu só queria que pudesse, filho, voar alegre para a eternidade/ e lá risonha, como branca estrela, seguir contigo pela imensidade./ Tua desventurada mãe/ de Eterna Saudade Pungida* (Cemitério da Consolação). As palavras, como objetos transicionais, navegam entre a vida e a morte, interpenetrando realidades e assim as mediando. Mediando um tempo esgotado, recriando-o nas palavras, sendo estrelas e ficando no lugar do que não ficou.

O ornamental, nos túmulos, pode ser visto como expressão da ausência. Algumas vezes, há o congelamento de certos aspectos identificatórios: fotos⁵⁷, referências à profissão, aos sentimentos, que não identificam, apenas aumentando a noção de saudade *Sobre um*

⁵⁵ BASTIDE, R. *Arte e sociedade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979. p.111.

⁵⁶ *L'espace de la mort*, op. cit, p.18.

⁵⁷ "A fotografia mortuária se torna a testemunha eficaz, dado que eterna, de um corpo e de uma existência que tenderiam, sem este suporte, a retornar ao nada" (p. 74). "Elas possuem um grau de realidade que surge de seu estatuto intermediário entre a vida e a morte, a luz e a sombra, a visão e a cegueira" (p.77). "A separação precisa entre imagem e realidade que caracteriza a cultura ocidental moderna aparece aqui (Calábria, Itália) muito mais atenuada. Imagem e realidade são contíguas e correlacionadas; a fronteira entre estes dois planos é incerta. (...) A vida é o olhar, a cegueira é visão d'alma. (...) A fotografia ajuda o processo de reinstauração da vida através da domesticação dos mortos, a metamorfose do sentido da morte" (p.78). Sem a imagem, há o nada, uma dolorosa inconsciência, uma negação da corporiedade e da materialidade, donde a necessidade da imagem. "A fotografia sanciona a perda da presença mas, ao ser o que não é, favorece uma transubstanciação de fragmentos da pessoa figurada afim de a re-instaurar no presente" (p.81), uma morte atenuada, reversível, submissa à ordem humana (FAETA, F. *La mort en images*. *Terrain*, n.20, p.69-84, 1993).

pedestal, um menino, aparentemente cópia da criança morta. Sob o pedestal, um pequeno jardim com rosas brancas muito perfumadas./ Um arco de metal com um bebê em mármore deitado sob almofadas./ Túmulo monumental, com uma moeda grande com a esfinge do falecido e, mais em baixo, o busto do falecido em bronze./ Túmulo com um livro com a chave de sol e uma lira impressos./ Em uma porta de bronze, uma árvore seca sobre a qual está um livro aberto./ Uma estátua de mulher voando.

A referência à saudade não é gratuita. *Saudade é o que fica/ Daquilo que não ficou.* A saudade é um sentimento que mantém o bom sem negar o mau: sente-se a dor da ausência e alegra-se com o prazer da presença que esta dor traz. É um sentimento sincrético, e é ele que nos despede de nossos mortos⁵⁸. No Brasil, as perdas seriam operadas pela saudade: por um sentimento paradoxal que neutraliza a passagem do tempo, centrado em uma temporalidade encantada, mágica, opaca, simultânea e paralela, totalizadora, que é a da *casa*, e que pode ser vista nos *semcasa* paulistanos e nas casas dos mortos onde está escrita/inscrita/descrita.

3.5.1. *Tempus/templum*

Os vários estudos, por nós realizados, apontaram para diversos sentidos do tempo.

Para BRAUDEL, o conhecimento histórico tem de ficar não só no crivo da cronologia mas das várias historiografias. O tempo é uma convenção, mas uma triplíce convenção, que tem de ser lida nestas três escalas para se entender como o indivíduo vai elaborar a sua sucessão de fatos que compõem a sua biografia.

As casas no Piauí mostraram que é possível ler estas temporalidades, e que são elas que organizam o espaço.

Esta leitura é complementada pelo estudo de Vila Madalena, onde foi possível verificar que as práticas sócio-simbólicas decorrem de temporalidades.

Contudo, os outros dois estudos apontam para o tempo como tempo vivido, constituindo o corpo subjetivo e a casa, sua extensão.

Esta noção de tempo como algo a-temporal- seria o templo - talvez da con-templ-ação. Este tempo une-se à história pela biografia, mas une-se também à mediância, em que ela é um movimento para. Trata-se da mediância como tempo mas na medida que ela é meta-histórica, esse tempo é um templo: um lugar sagrado, único, gerador, o *lugar*.

Esta questão surgiu dos *semcasa* para quem o grande horror é a morte anônima: sem identidade, de indigente, esquecida, morte total.

⁵⁸ O sentimento *saudade* une *casa*, *semcasa*, *túmulo*. DOVEY (*Home and homelessness*, op. cit.), define *homesickness* (sentimento de falta de casa) como uma doença caracterizada pela nostalgia (p.42) e *homelessness* (ausência de casa) como quem não tem o *home* (casa=lar), e não a *house* (casa=casa construída). Portanto, a ausência de casa pode tanto ser "saudade" quanto "semcasa". Para Roberto DaMATTA (Antropologia da saudade. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 de jun. 1992. p.6-4/5), a saudade é uma categoria social onde se expressa uma concepção específica de tempo que acentua o passado e desconfia da história destinada a trazer progresso e justiça social. Trata-se de uma memória encarnada e personalizada, centrada na temporalidade da *casa*, do espaço do sangue, do calor e da vida compartilhada e entrelaçada. DaMatta contrapõe a saudade à temporalidade englobada pelo mercado e marcada pelo dinheiro, *casa* que passa pelo tempo que tudo destrói, menos a vida contida pela teia de relações que constituem o nosso mundo social onde as pessoas desaparecem mas as relações ficam; "os mortos, pelas relações que temos com eles, não morrem. E aí está a *saudade* como operador paradoxal que permite transformar a perda em felicidade" [grifo nosso]. "Menos que um futuro linear, cientificamente planejado, agendado e desencantado, a saudade fala do tempo como pleno de personalidade e de encantamento. Menos um tempo de processos impessoais e máquinas: mais um tempo de pessoas e milagres". "Essa incrível saudade que permite (re)ligar este mundo com o outro e o passado com o presente". A saudade seria o sentimento de ter perdido a *casa*, *casa* significando *vida compartilhada*.

173. NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VOS ESPERAMOS
(CEMITÉRIO DE PARAIBUNA, SÃO PAULO)



174. NOS QUE AQUI ESTAMOS POR VOS ESPERAMOS: CAPELA



175. TÚMULO

176. TÚMULO



NOS QUE AQUI ESTAMOS POR VOS ESPERAMOS

177., 178. TÚMULOS



Trata-se de *ex-istere*, eterno: a casa e suas coisas ou/e o corpo e suas marcas são continentes de uma esperança, a esperança da vida.

Em alguns *semcasa*, o tempo entrou dentro da pele e não encontrou nada: o passado foi desconectado, o futuro perdeu-se. Em outros não a cidade é sua fronteira.

O tempo pode ser visto como um espaço onde se pode existir: é o tempo vivido.

Os cemitérios são cidades, os túmulos, casas. Garantem aos mortos o seu espaço, mas, aos vivos, o lidar com a sua angústia. Os caixões são corpos fechados, sem movimentos, sem entradas nem saídas, olhos, sentidos. Os túmulos entram terra abaixo ou ascendem céu acima: registram as passagens das gerações.

Este é o tempo/templo: o tempo vida/morte, o tempo da existência, e não do existir. Deste tempo, surgiu o ornamental em decorrência da simbolização. Este é o tempo onde um duplo acena com a possibilidade de não-ser, e assim configura o ser como uma ausência. Este é o temp(l)o que inaugura o psiquismo humano e, inscrito na matéria, conta a(s) sua(s) história(s) - sendo o corpo também uma matéria.

Este tempo é o fundamento da casa. Devido à sua emergência dentro do sagrado, ele representa uma dimensão sagrada e mítica. As casas, que são os túmulos, apontam para esta significação. Por isso, HOLBERLIN escreveu: *Poeticamente, habitam os homens.*

A Casa como Poesia

sob o viaduto, ao lado da casa de papelão, no muro da ponte:
o número 1; rosa de plástico; retrato de Jesus, com pombas *(foto:CE)*



Capítulo 4

A CASA COMO POESIA¹

4.1. A Matéria

A matéria² seria algo que está além do que está, porque referir-se-ia a um anterior. Este anterior pode ser pensado como uma origem, seja no sentido animico dos deuses africanos, em que estes são a matéria, sendo o incontável, seja no sentido mais prosaico de ser o suporte físico da construção. É o dito que não é dito, o conteúdo sem ser o significado³; é a base da experiência concreta de onde “jorra” a poesia⁴.

¹ Para HEIDEGGER, a terra é o habitar do homem, e o habitar, em sua essência, é poético. “É um traço fundamental da condição humana, e não uma forma acidental ou uma função determinada. (...) O Poeta constrói a moradia do ser humano, isto é, do Ser no homem. Se procurarmos nesta direção o ser da Poesia, encontraremos o ser da habitação” (LEFEBVRE, H. Préface. In: RAYMOND, H. et al. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, Centre de Recherches d'Urbanisme, 1966. p.4).

Para Donald McINTOSH (Language, self and lifeworld in Habermas's theory of communication Action. *Theory and Society*, v.23, n.1, 1994), de uma perspectiva bem diversa, “o poeta perderia o emprego se no significado consciente de uma palavra não ressoasse sempre o significado original inconsciente, ou seja, anterior ao filtro da língua que altera o protótipo original, o do *self* pré-linguístico” (p.23). Define isto como um problema transicional (entre pré-linguístico/linguístico). Anteriormente à linguagem, tem-se consciência de nossa intencionalidade somente como fundida com os objetos, não como um domínio de estados mentais “internos”.

“Pensar profundamente é pensar o mais distante da linguagem verbal” (Paul Valéry); assim o poeta dá um caráter material, diagramático, ideográfico à cognição, caracterizando-o pela sua iconicidade (p.76) (CAMELLA, E.G.P. *Linguagem: materiais e procedimentos*. São Paulo, 1994. Tese - FAU/USP).

“Deste ponto de vista, as realizações do homem foram devidas antes à necessidade de utilizar seus recursos internos do que à necessidade de controlar o ambiente físico ou à necessidade de se nutrir. Munford coloca em principio a primazia do símbolo - a primazia da função poética e mítica do símbolo sobre sua utilização racional ou prática” (RAPOPORT, A. *Pour une anthropologie de la maison*. Paris, Dunod, 1972. p.60).

² Ao discutir a questão dos objetos, Henri LEFEBVRE (*Du rural à l'urbain*. Paris, Anthropos, 1970. p.4) aponta que, mesmo que ele se dissolva como “objetivo”, ele persiste como “objetal”: um objeto abstrato, mas realizável, efetuado em tal ou tal modalidade prática. O conceito de matéria reflete esta irredutibilidade. A matéria, em si própria, é apenas uma abstração, a do objeto em geral. Contudo, ela entra em uma série de oposições e de unidades mais concretas: materialidade/espiritualidade, conteúdo/forma. Este movimento dialético torna concreta a abstração “matéria” e lhe permite reencontrar o conceito desenvolvido do objeto na prática concreta. Conforme dito anteriormente, é possível que o predomínio da visão no homem ocidental tenha reduzido a capacidade de perceber o mundo *animicamente*, ou de modos que não seja por abstração. O mesmo LEFEBVRE diz: “Os atos e situações não podem se expressar sem referência ao *mundo dos objetos*, aos lugares, às diferenças dos lugares (topies: isotopies et heterotopies), mas também ao possível-impossível (...), em uma palavra, à utopia (u-topos) (...) a inerência aos lugares, aos atos, às situações, de um *além*” (*Du rural à l'urbain*, op. cit., p.279).

³ “O conteúdo existe, é o que é não-signo, o que ainda não-significa” (PIGNATARI, D. *Por um pensamento icônico*. São Paulo, 1979. Tese - FAU/USP. p.44).

⁴ A matéria é opaca, enquanto o consumismo é transparente. “O que significa o consumo para esses meninos de classe rica? O objeto vale como signo de manipulação lúdica, mas signo indiferente à materialidade do significante (...) O próprio jogo não vale tanto pelo prazer de seguir uma regra

A questão da materialidade surgiu empiricamente, dadas as "casas" observadas - paredes feitas de cortinas, de móveis, por arranjos espaciais; paredes feitas de compensado, papelão; paredes feitas de barro, de babaçu; paredes feitas de grama, de mármore, de cimento: haveria como uma graduação no teor de concretude, em um bi-polo concretude-abstração, onde e como o símbolo manifestar-se-ia.

Esta temática concretizou-se no estudo da casa dos mortos.

Os túmulos são objetos privilegiados para se observar a materialidade porque simbolizam a imaterialidade. Neles, pode-se experimentar o espaço liminar vida/morte, em uma espacialização cujo limite é o *não-ser*, a face "real" do duplo, duplo este que está na origem do psiquismo humano.

Para RAGON⁵, o espaço dos mortos seria *todo* espaço, pois seria o mesmo que o espaço dos vivos⁶. Por exemplo, na Europa, túmulos datando do século XIX, com o nome dos proprietários "Familia X": estes túmulos de famílias burguesas indicam, à imitação da nobreza, a expressão da homogeneidade de uma família e de um nome. "Não é mais a alma que é indestrutível, mas a família, o nome".

Segundo RAGON⁷, fazer desaparecer o corpo morto do modo mais eficaz possível parece ter sido uma preocupação de todas as civilizações primitivas, sendo uma das mais eficazes, a devoração. Na devoração do morto, o espaço da morte tornou-se simplesmente o de um outro corpo. Outro modo de fazer desaparecer o cadáver, tradicional e atual⁸, é a incineração.

Nos cemitérios visitados, observamos túmulos em que a lápide era um pequeno gramado⁹, com ou sem outras plantas de ornamentação, encontrados, principalmente, em cemitérios protestantes. Este modo de deixar enterrado o morto está ligado à terra, na qual jaz o falecido e sobre a qual ela também aparece, origem e fim. A morte aparece como um retorno à terra, à natureza, de um modo total e não diferenciado pois o que se contempla é a própria natureza. Um túmulo que resume os demais foi um túmulo gramado onde crescia uma única rosa.

Similarmente, os túmulos com pedras brutas encontram-se nos cemitérios protestantes. São pedras como as encontradas na natureza, de tamanhos diversos, não muito grandes. A

coletiva e ter sucesso na competição, mas sobretudo pelo gozo de apropriar-se de um objeto que poderia ser de outrém e permitir que faça parte de seu museu de objetos descartáveis" (GIANNOTTI, J.A. O fim do uniforme. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 de nov. 1995. p.5-5).

⁵ RAGON, M. *L'espace de la mort*. Paris, Albin Michel, 1981. p.102.

⁶ O cemitério de Paraibuna exemplifica totalmente esta citação pois, ao entrar nele, tem-se a sensação de se estar em uma cidade do interior paulista de alguns anos atrás, com suas casinhas pintadas de rosa, azul, amarelo e verde, as chamadas "cores caipiras", misturadas ao cal ou equivalente, com pequenos jardins na frente, em torno de uma pracinha com a capela em branco e azul, com morros e suas árvores.

⁷ Op. cit., p.15.

⁸ Dentro do raciocínio que estamos desenvolvendo, a incineração corresponderia à vivência de um espaço virtual além da cultura da coisa. A cultura da coisa exige uma materialização, no caso, os túmulos; mas, na medida em que o "objeto" está se transformando em um "meta-objeto", um objeto que é um símbolo de si próprio, ele perde a sua função "transicional" e se des-materializa. De modo correspondente, o corpo se des-materializa na morte, ocorrendo, então, a ausência de "casa".

⁹ Os cemitérios "modernos" estão tendendo a ser como jardins. Para Amos RAPOPORT (*The meaning of built environment*. Beverly Hills, Sage, 1982. p.88), enquanto os jardins taoístas são irregulares porque o homem é visto como um ser natural, os jardins confucionistas são regulares, hierárquicos, simétricos e retos, porque o homem é um ser primariamente social. A nosso ver, a noção de *ser humano* está especialmente conotada no modo de se lidar com os jardins e equivalentes, quanto ao tipo de divisórias, de contornos, de organização do espaço, etc. Este estudo é externo ao nosso, que privilegiou o espaço interno. Ver a respeito: Maria Angela Faggin Pereira LEITE. *Destruição ou desconstrução?*: questões de paisagem e tendências à regionalização. São Paulo, Hucitec/FAPESP, 1994.

pedra tem sido usada, desde tempos inmemoriais, para marcar e representar o sagrado, dentro de um contexto de permanência ou de imanência. Deste modo, a morte, nestas sepulturas, aparece como um retorno à natureza, à origem, mas transformada pelo sagrado, Deus-natureza. Em um destes túmulos, de uma pedra saía esculpida uma cruz inacabada: esta escultura representaria a diferença entre a natureza ser sagrada, e o homem ser sagrado, por ter Deus dentro de si.

Os túmulos de mármore, encontrados nos cemitérios judaicos, pertencem ao mundo das pedras mas distanciam-se delas pela transformação do trabalho humano. Um túmulo de mármore é um túmulo fabricado, lapidado e polido. O mármore parece imutável, enquanto as pedras, irregulares, sugerem a erosão do tempo.

O túmulo de mármore é mundano, a imortalidade dando-se na permanência neste mundo. Enquanto a grama se renova ao lado da pedra que tanto é eterna quanto indica a passagem do tempo, neste tipo aparece o tempo congelado na matéria que permanece.

O último tipo de material observado caracterizou os cemitérios católicos que servem à alta burguesia paulistana. Nestes cemitérios, observou-se casas, capelas, igrejas, jazigos familiares e de ordens religiosas. A morte parecia bem próxima à vida: o túmulo espelhava os valores, familiares, religiosos, do falecido e o "valor" do falecido.

Do ponto de vista da matéria de que é feito o túmulo, pode-se classificar os quatro tipos apontados acima em quatro níveis de materialidade: desde uma ausência de materialidade (as cinzas lançadas ao vento sobre o mar) até uma base material próxima à base material do indivíduo vivo, onde valores profanos e sagrados coincidem, em uma representação fetichizada da morte.

No Piauí, os túmulos visitados eram de cimento pintados de branco ou outra cor, ou com azulejos. Alguns possuíam pequenos jardins, cercados. A casa dos mortos tinha um *status*, por assim dizer, superior à casa dos vivos. A matéria era mais permanente, comparada com o barro e o babaçu, e mais "nobre", como azulejo. O cemitério pertencia a uma realidade urbana, enquanto as casas pesquisadas, ao meio rural.

Os *semcasa* temem a morte anônima, a vala comum, o fim total. A ausência de casa pode estar associada uma ausência de sepultura.

No estudo da casa dos mortos, portanto, defrontamo-nos mais com a matéria e formas de que eram feitos os túmulos do que com o ornamental como decoração. Este seguia, em geral, a iconografia religiosa predeterminada. Donde emergiu a hipótese geral, a respeito dos túmulos, e dos objetos transicionais, de que eles substituem algo que *não está lá*¹⁰, não como espelhos especulares mas de desejos transformados socialmente¹¹. O que *não está lá*, nos túmulos, é a vida, a carnalidade: está a des/encarnação, a des/materialização, que é transformada, não no significado, mas na matéria. A matéria e suas formas é que nos informam sobre a morte¹².

¹⁰ Dentro de outro contexto, os *out-doors* da cidade, Michel de CERTEAU (*A cultura no plural*. Campinas, Papyrus, 1995. p.51) diz que o que *mais vemos* é o que *mais falta e menos se faz*.

¹¹ Ao discutir a questão do espaço e identidade, Maria VILLELA-PETIT (*Le chez-soi: espace et identité*. *Arch.&Comp./Arch.&Beh.*, v.5, n.2, p.127-34, 1989), aponta para a questão de que a casa não é um espelho, mas "estar em casa é poder articular sua existência com as coisas e os outros", ou seja, "o espaço não é um fora inerte que um sujeito teria para manipular segundo seus desejos e vontades". O *onde* se liga ao *quem*, e este *quem* é um sujeito psico-social, de modo que não se deve "isolar a consideração do *chez-soi* daquela do mundo onde ele pertence" (p.128). Deste modo, a autora revê a oposição dentro/fora como uma falsa pista para compreender a relação com o espaço.

¹² Segundo Elaine CAMELLA (*Linguagem: materiais e procedimentos*. São Paulo, 1994. Tese - FAU/USP), no capítulo denominado *Material e Materialidade da Obra de Arte* (p.56-102), enquanto o homem pré-letrado fundia som/imagem, a imprensa de Guttemberg rompeu com esta magia. Para a autora, embora todo signo seja material, a materialidade signica será maior quanto maior o teor de iconicidade (p.76). É o que apontamos com o caráter de objeto *mitológico* dos túmulos como sendo

180, 181, 182, 183. Casas de mortos



O tempo longo imprime-se especialmente na casa dos mortos, dado a sua lentidão nestes lugares. Foi por isso que o estudo da casa dos mortos possibilitou este olhar lento e longo, onde tempo e materialidade se propuseram como na origem da criação do mundo, do ser e de cada ser, e também o porquê de a metáfora do espelho tornar-se insuficiente para mostrar que há sempre um suporte material para toda manifestação do ser - que é e está na mediância - de modo que o olhar da mãe é, desde sempre, olhar de outro. A retroação do "espelho", deste modo, seria concomitantemente uma vitrine¹³, que mostra de um lado e reflete de outro; que existe de/no outro-lado; que não devolve o sujeito ao sujeito, mas o sujeito incorporado e incorporado em uma materialidade transformada e transformadora.

Neste sentido, a hipótese da materialidade não está baseada na racionalidade objetivante: ela busca recuperar algo além da percepção da matéria dada pela razão-cognição, ao subverter os princípios racionais, separando conteúdo de forma, mas concretizando o conteúdo em uma ausência de forma, que é a materialidade¹⁴.

A morte, como conceito abstrato, implica em uma des-substancialização e des-materialização do morto, o que, segundo MERLEAU-PONTY¹⁵ fere o conceito básico de esquema corporal como algo materializado e corporificado.

Por isso, não encontramos, nas *casas dos mortos*, o ornamental como identidade mas a materialidade e suas formas. Apenas quando o morto é reinvocado¹⁶, por exemplo, através de

puramente simbólico: haveria uma coincidência total entre o teor de iconicidade e a materialidade, "que nunga e constrói o procedimento como materialidade que expõe e revela o caráter de mediação da própria linguagem" (p.163). "Material diz respeito a todo elemento físico, objetos/signos, que mediarão a relação dos homens, lembrando que o homem também é um corpo físico" (p.84). "O tempo imprime-se na matéria" (p.72).

¹³ Baseamo-nos na metáfora da vitrine, de Walter BENJAMIN, a respeito da imagem. Esta seria um signo, de caráter duplo e dialético que, diferentemente do espelho, abre-se para o exterior, como um "aquário humano", que se revela como signo da dialética público/privado; olhar para dentro/olhar para fora; imaginário/imagem; conhecimento/imagem (apud CAMELLA, op. cit., p.76). A própria noção de *espelho* implica em um predomínio da visão sobre os demais sentidos, o que resulta inadequado ao se considerar o ornamental, principalmente quando se pensa nas tendas - onde moradia e roupa se unem, segundo Pierre DUFFONTAINES (*L'homme et sa maison: géographie humaine*. Paris: Gallimard, 1972. p.125) - onde o ornamental é tão móvel quanto a própria casa, e onde predominam almofadas, tapetes, tecidos, envolvendo o corpo em envelopes sucessivos.

¹⁴ Gilberto ALHO (*Três casas indígenas*. São Carlos, 1985. Dissertação - Dpto. Arquitetura, de Escola Engenharia de São Carlos. p.68) diz que nas culturas indígenas o que se preserva é o material, que foi consagrado ritualmente. Carlos R. Z. COSTA (*Habitação Guarani*. São Paulo, 1989. Tese - FAU/USP. p.98) mostra como, para os Guarani, o presente é um espelho que reflete invertendo as coisas que foram e as que serão, onde o princípio de oposição alia-se ao de inversão. Cita a Lei do Simbolismo Tradicional, presente em culturas tradicionais, como as do Islão, Índia, China, e nos Tupi-Guarani, em que "o objeto que representa e aquilo por ele representado coincidem de modo simbólico e, em última instância, efetivo" (p.553), e "uma lógica que recusa o princípio de contradição parece operar neste pensamento que, ao mesmo tempo, opõe os extremos e almeja torná-los compatíveis ou co-possíveis" (Hélène CLASTRES, apud Costa, op. cit., p.556). Para Décio PIGNATARI (*Por um pensamento icônico*. São Paulo, 1979. Tese de Livre Docência - FAU/ USP), o mundo icônico é o negativo do mundo verbal, havendo uma anterioridade do ícone e da similaridade ao simbólico verbal e à contigüidade (p.103). É o pensamento icônico que comanda todo um universo, principalmente o das espacializações, onde o *texto* e a *tese* vêm do *textil*, "é o tecido da própria tela a primeira realidade icônica e concreta do artista: a pintura sobre tela termina por onde começou (na trança e trança reticulares da esteira e da cestaria). A tela não é uma metáfora: é um paramorfismo (trocadilho) natural que virou paramorfismo artificial, ou seja, signagem" (p.102).

¹⁵ Apud FAETA, F. La mort en images. *Terrain*, n.20, p.69-81, 1993.

¹⁶ Segundo Rogério C. de Cerqueira LEITE (A arte de pintar o eterno. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 de jul. 1996. p.5-8), estudando os ícones, a liturgia cristã, em seus primórdios, mesclava-se a

fotografias, e não a morte, tem-se o ornamental como identidade pois esta invocação materializada é um espaço dentro-fora, ou, segundo Francesco FAETA¹⁷, onde se une/funde o tempo da vida e o tempo da morte, o tempo do vivo e o tempo do morto. Esta re-instauração, através da imagem, ocorreria dentro de uma ordem diversa do racionalismo ocidental: em uma separação entre o olhar e o pensar, onde o olhar pode ser "visão, delírio, alucinação"¹⁸. A imagem, pois, pode ser pensada estar no lugar do morto, e não da morte, e fazer o trânsito céu/terra, alto/baixo¹⁹.

A "última morada", considerando abstratamente a morte, reflete o "sono eterno", sem o sonho, sem visão, delírio, alucinação. Como não há isso, não há "significação", não há fusão, transição, e o "outro" que surge é a matéria, um conteúdo sem o significado.

Os ornamentos-objetos transicionais são extroversões "utópicas", apontam para limites, transcendem. No caso dos túmulos, este limite é o não-ser, a não-vida, a materialização/des-materialização do corpo: um corpo-natureza, um corpo-etnia, um corpo-família, um corpo-nada/tudo. É o limite do corpo quando ele é transcendido na morte. Na "morte", este limite é a matéria, no "morto", este limite é o tempo.

No canibalismo, o morto passa a integrar outro corpo, formando a cadeia dos antepassados ou dos vencedores/ vencidos. Ele é a matéria da matéria, o símbolo do símbolo.

Se o *semcasa* teme a morte anônima, ele o faz porque seu corpo vivo não tem casa, enquanto a morte anônima procurada atualmente através da incineração pode significar um desejo de um "outro corpo", de uma "nova casa"²⁰.

No Piauí, o corpo urbano pode ser o desejo do rural, enquanto aqui em São Paulo, trata-se da imortalidade do nome familiar, como no século XIX, na Europa.

As religiões protestantes, onde se desenvolveu a "ética protestante", o pensamento capitalista, materialista e a família nuclear, têm os cemitérios mais "desencarnados", mais "abstratos", talvez porque não se culpem por ter os bens na Terra, como os católicos, que anseiam por os ter no Céu, e pagam o seu preço na Terra, e porque representam a cultura da coisa em sua "abstração" do morto pela morte.

Se nos túmulos há o diverso, ou seja, não há o espelho especular mas o outro-utopia, na materialidade da casa parece haver a matéria do corpo, ou seja, a sua origem, o seu mito.

Quanto mais industrializado o sistema de construção, mais "industrializado" o corpo próprio. "O urbano como ambiente natural torna-se o ambiente natural do urbano"²¹. Há uma fabricação do homem decorrente do racionalismo contemporâneo. Esta fabricação do homem implica em uma fabricação do corpo do homem. Para David Le BRETON²², o corpo está se tornando um fenômeno de escolhas e opções variando de cuidados corporais e estilo de vida à engenharia genética.

Contudo, os *semcasa* nos falam de um outro corpo: um corpo nômade, de um lado, onde os limites, além do próprio corpo são os da cidade, que ele reflete ao avesso. Seu invólucro é a cidade, assim como o nosso é a casa. Ele se desloca, e qualquer lugar é o cenário

práticas pagãs, como "a elaboração de retratos de mortos, apenas cabeça e torso", colocados nos túmulos, com técnicas para aumentar sua resistência ao tempo, sendo que apenas lentamente "essa técnica foi transferida para a produção de imagens de divindades e santos da Igreja Católica".

¹⁷ Apud Faeta, op. cit.

¹⁸ No que se refere especificamente ao *desaparecimento*, os aspectos visuais são hegemônicos, donde a ênfase nas crenças, benéficas ou malévolas, do olhar, e onde a visão resgata o mundo "obscuro", das trevas.

¹⁹ Isto corresponderia à cultura do corpo, onde não haveria a necessidade de transcender o corpo pela coisa. Este olhar, separado do pensar, poderia ser um fundamento da magia.

²⁰ RAGON, op. cit., p.327.

²¹ TASSARA, E.T.O. A propagação do discurso ambientalista e a produção estratégica da dominação. *Espaços e Debates*, n.35, 1992. p.16.

²² BRETON, D. I. La symbolique corporelle. *Ethnologie Française*, v.15, n.1, p.73-8, 1985.

184 (foto: RC)

Nômade: ORDEM**Tenda de casal, na Marginal, : simetria e cartaz: *Eu preciso de você***

onde ele desempenha os seus papéis. Esta é a cultura do corpo, em oposição à cultura da coisa. A transitoriedade das matérias, exceto a carrocinha, quando o *semcasa* assume a cidade como sua casa, é um modo canibalesco de sobrevivência pois o "outro" está internalizado no seu corpo, é incorporado e, mesmo que o faça temporariamente, não se fixa, sendo a fluidez a essência do mecanismo de sobrevivência²³. É o oposto dos túmulos. É por isto que o túmulo está sendo visto como o ornamental/cultura da coisa, o ornamental espacializado, a morte como sujeito, e não os mortos. Quando os mortos são o sujeito, estamos numa cultura do corpo.

Haveria uma divisão ôptica na relação entre corpo, vida e morte, conforme a cultura da coisa e do corpo. A cultura do corpo não transcende o corpo no objeto: o corpo é o seu espaço, o que qualifica um tipo de subjetividade, e o morto ocupa um outro espaço. Já na cultura da coisa, uma abstração é realizada ante o próprio corpo na coisa, que é um intermediário, e que, na morte, está no túmulo. Contudo, ambas soluções baseiam-se na percepção, vivência e representação da morte e do morto. No caso da cultura da coisa, é a religião que faz a relação entre corpo, vida e morte: por isso o ornamental nos cemitérios se refere a símbolos religiosos. A cultura do corpo, por sua vez, convive com os mortos, que são entidades, personalidades, deuses, com os quais é possível a comunicação pela mesma brecha aberta pela fissura do real. Enquanto a cultura do corpo consegue abstrair o corpo, mas não a coisa, a cultura da coisa consegue abstrair a coisa mas não o corpo.

Outro aspecto da materialidade é que o corpo é feito da matéria da casa: o corpo feito do lixo é um corpo que espelha a cidade do seu avesso, do lado que joga fora, da sua "sujeira", como diria FOUCAULT²⁴, dos crimes, vícios, deformações colocados nestes espaços liminares, ocupados por estes cidadãos, que destes lugares, mostram quem somos.

4.2. A HARMONIA: A ORDEM COMO CATEGORIA ESTÉTICA

Basearemos as considerações sobre este tópico nas observações feitas nas casas dos *semcasa* e do Piauí.

Nas casas dos *semcasa*, uma das categorias que emergiu para descrever o observado foi o "sentido da ordem". A outra foi o "sentido do lírico".

O sentido da ordem está tanto presente na ordenação quanto na arrumação. A ordenação por funções foi analisada no capítulo Casa e Corpo. No presente item, discutiremos a arrumação.

A arrumação pode ser um ritual que põe em ordem o inordenável através do tempo cíclico: a repetição dos gestos, o lugar das coisas, organiza o mundo como se ele tivesse uma ordem. Segundo HALL²⁵, a arrumação é a classificação e disposição das atividades e artefatos de acordo com um plano espacial uniforme, consistente ou previsível.

Para Nisé da SILVEIRA²⁶, "o que garante o homem sadio contra o delírio ou a alucinação não é a sua crítica, é a estruturação de seu espaço". A ordenação que aparece como ornamental pode ser pensada como um modo de desenraizar as coisas do corpo e colocá-las no mundo.

Ao desenraizar, segundo o conceito de mediância, encontramos o Outro, a alteridade, que se inscreve, pelo que vimos, segundo as três temporalidades de Braudel, segundo as culturas do corpo ou/e da coisa (como locus da memória), segundo as características do *ser-humano*, a do tempo vivido. Estamos, assim, retomando o sentido de tempo vivido, ou mais

²³ RAPOPORT, A. *Pour une anthropologie de la maison*. Paris, Dunod, 1972. p.52.; ---. Nomadism as a man-environment system. *Environment and Behavior*, v.10, n.2, p.215-46, Jun. 1978.

²⁴ FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

²⁵ HALL, E.T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.

²⁶ SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982. p.33.

precisamente, do tempo onde a vida se dá. Neste tempo, aparece uma tendência à ordem (*versus* o caos) como intrínseca ao funcionamento psíquico.

Nos *semcasa*, tantos casos de ordem foram vistos que imaginamos, como Morais²⁷ haver uma "vontade para ordem" como resposta a situações sociais desestruturadas, onde o homem se sente inseguro.

Contudo, atualmente, acreditamos que essa vontade²⁸ de ordem é um dos meios através dos quais o ornamental se expressa. Na nossa opinião, seria isomórfica ao funcionamento cerebral, refletindo-o. O bebê, segundo os estudos do bebê competente, já nasceria preferindo certas disposições espaciais a outras, as mais harmônicas às desequilibradas²⁹.

A harmonia refere-se às relações entre as partes dentro do todo. É uma noção de medida, como a encontrável na música, onde as tonalidades correspondem a comprimentos físicos de cordas. Os pitagóricos compreenderam o mundo a partir desta noção de que as relações entre as coisas estão relacionadas entre si e podem ser transformadas, ou antes, são números. É que os números são Deus.

A arrumação pode ser vista como um comportamento estético, não apenas motivado por normas higiênicas ou valores morais. Há um evidente prazer em se dispor as coisas de determinado modo, e a arrumação pode ser o lado dinâmico³⁰, o movimento que leva às cristalizações do ornamental.

A arrumação surgiu, no estudo, como uma categoria estética. A estética, por ela evidenciada, é algo relacionado à classificação, ordenação, seriação, portanto, às categorias do pensamento epistêmico segundo Piaget.

As crianças, ao brincar, dispõem seus brinquedos em ordem; muitas vezes, o jogo consiste nisto apenas, acompanhado do imaginário. Pode ser um modo de lidar com as próprias emoções ao expressá-las e controlá-las desta forma, mas, ao fazê-lo, expressam também uma natureza matemática do ornamental.

É evidente que o recorte do ornamental, se estamos corretos e ele significa o que temos apontado ser o seu significado, implica em todas as funções do ser humano: o epistêmico, o social, o afetivo. Contudo, o que queremos ressaltar neste momento é que quando uma moradora de rua varre a rua onde dormiu, como vimos inúmeras vezes, ou quando as coisas são dispostas ordenadamente, está indicando uma função cognitiva e estética. O fator estético seria o responsável pelo prazer³¹.

As ordenações absolutamente simétricas das bilheiras no Piauí, as dimensões da casa dentro de um modelo "clássico", foram exemplos gritantes de uma "vontade de ordem" que mais falam do poder da ordem do que da ordem do poder.

Estas considerações, assim como as demais, têm um caráter descritivo: as coisas estão em ordem de modo harmonioso, isto é, preservadas certas relações entre elas. Diríamos que a

²⁷ Apud Silveira, op. cit.

²⁸ Cenise Monte VICENTE (Comunicação oral. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 26., RIBEIRÃO PRETO, 1996) sugeriu, baseada em Santo Agostinho, a possibilidade de a *vontade de sentido* ser um fator básico para a *resiliência* (capacidade humana de suportar estresses acumulados sem prejuízo).

²⁹ KLAUSS & KLAUSS. *O surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989. p.39/40.

³⁰ Stéphane TESSIER, comunicação pessoal, 1994.

³¹ LIPSITT (The pleasures and annoyances of infants: approach and avoidance behavior. In: THOMAN, E., ed. *Origins of infant's social responsiveness*. New York, John Wiley, 1979. p.125-51), mostrou que os recém-nascidos procuram ativamente o prazer, e não apenas evitar a dor, como pensou Freud. WOHLWILL (Environmental aesthetics: the environment as a source of affect. In: ALTMAN, I., WOHLHILL, J.F., eds. *Human behavior and environment*. New York, Plenum Press, 1976), por sua vez, sustenta a tese de que a função básica da decoração é manter um nível ótimo de interesse do organismo através de estímulos ambientais que eliciam comportamentos afetivos.

arrumação coloca o ser em harmonia, sintonizando a si e ao universo, fazendo-os vibrar em uníssono, que é a empatia³².

O ornamental não é algo a que se chega, mas de que se parte, presente em todos os seres humanos, e o seu caráter afetivo-cognitivo, conforme indicado pelo sentido de ordem, coloca-o dentro de uma emergência empática do desenvolvimento cognitivo. O aspecto descentrado do ornamental, qual seja, o encontro com o outro nesta espacialização, aponta também para uma espécie de não-egocentrismo e não-narcisismo primários, onde o aspecto recíproco, implícito no transicional, não é um espelho mas uma recriação a partir do meio. O objeto transicional seria uma espacialização que dar-se-ia já na alteridade, assim como toda decoração não é um espelho especular: é um eu/outro.

Neste item, de modo não conclusivo, estamos levantando algumas hipóteses a respeito do sujeito psicológico, no seu aspecto epistêmico. Passamos a supor que as hipóteses de interiorização, internalização ou outros termos para designar algo que é produzido fora para depois ser incorporado dentro, são desnecessárias, e resultam de uma determinada visão de mundo. Estamos supondo isto como uma das conseqüências da crítica à autonomia como o objetivo final dos sistemas, pois toda autonomia segue-se a um processo de internalização; em segundo lugar, porque a mediância pressupõe o outro na sua própria constituição, portanto o ser-humano é no outro, não havendo necessidade de um outro momento onde o outro passa a existir no ser, em terceiro lugar, porque o sentido da ordem, em sua empatia através da harmonia, aponta para algo inato, coerente com os estudos do bebê competente, principalmente quando mostram que o ser humano nasce pronto para compartilhar experiências, sendo o ornamental uma das experiências a ser compartilhada, não com outro ser, mas com uma espacialização de dois seres que se encontram através dela, e, finalmente, porque este encontro dá-se na materialidade.

4.3. O LIRISMO: O TEMPO COMO CATEGORIA ESTÉTICA

Com este tema, estamos no coração, na *cor*, no centro, no umbigo do ornamental. Como dito acima, estamos partindo de categorias descritivas, que se fizeram evidenciar através das observações empíricas. Esta categoria refere-se ao aspecto afetivo do ornamental, surgindo como uma marca identificatória associada ao sonhar e ao se inspirar, ao *ar* e ao "pirar" da própria *lira*³³.

Esta categoria é responsável pela emoção de nos defrontarmos com o belo nas condições mais adversas humanas, percebendo aquelas pessoas - os modernos miseráveis - como indivíduos que interpretam ou re-interpretam a sua condição humana, não sendo fac-símiles mas autores, artistas. A arte aparece, pois, como uma característica de todo psiquismo humano e não uma condição privilegiada de alguns, confirmadas por outros. Não haveria psicologia da arte pois ela não existiria como um campo separado da psicologia³⁴.

³² Para WALLON (*Do acto ao pensamento*, Lisboa, Portugal, 1966), da vida afetiva e emocional originar-se-ia a vida mental, e o caráter contagioso das relações afetivas provocaria harmonia e comportamentos análogos, de mimica. Corresponderia ao conceito de mimese (SACKS, nota 48, cap. 1) como outra forma da mente, além do conceitual, acrescida da participação afetiva como um reinado de projeções-identificações entre a magia e a subjetividade (MORIN, nota 63, cap. 1).

³³ Prigogine, um químico, define a ciência como a escuta poética da natureza, e para Ivan ISQUIERDO, um neuroquímico, as descobertas científicas envolvem um ato criativo, precedido de paixão e imaginação que, como os poemas, "que estão permanentemente flutuando no ar", revertem o fluxo do tempo através da imaginação. "Quem não tem amor ou imaginação, não tropeça com as coisas: pisa nelas" (A imaginação, a eternidade e seus jogos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1996. p.5-7).

³⁴ Carole DESPRES (*De la maison bourgeoise à la maison moderne*, op. cit.) explica a criação do "artista" e do "gênio" a partir do fim do século passado e do início da industrialização por uma necessidade de diferenciar o artesão dos produtos de massa e de os colocar como objetos de valor no

185/8. BILHEIRAS



189. (foto: RC)
**O LIRISMO
(DE - COR)**





190. O "Jardim suspenso" (caverna; Av. Sumaré, São Paulo)

191. O "canto lírico" (União, Piauí)



192. *O mais importante é o amor*
(selvagens; sob o Minhocão; S. Paulo)



193/5. O LIRISMO ONÍRICO DO "LAR" (sob a ponte, assentados)





196/197/198. União, Piauí: "Beleza pura"



Neste momento, passamos a citar Octavio PAZ³⁵:

"O que caracteriza o poema é tanto sua necessária dependência da palavra quanto sua luta por transcendê-la. Esta circunstância permite uma investigação sobre sua natureza como algo único e irredutível e, simultaneamente, considerá-lo como uma expressão social inseparável de outras manifestações históricas. O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido - e nem sequer existência - sem a história, sem a comunidade que o alimenta e a que alimenta. As palavras do poeta, justamente por ser palavras, são suas e alheias. Por uma parte, são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala deste povo: são algo datável. Por outra parte, são anteriores a toda data: são um começo absoluto. (...) o ato original com que principia toda história social ou individual (...) Todo este conjunto de palavras, objetos, circunstâncias e homens que constituem uma história parte de um princípio, isto é, de uma palavra que o funda e lhe outorga sentido. Este princípio não é histórico nem é algo que pertença ao passado mas algo que sempre está presente e disposto a encarnar. (...) A história é o lugar da encarnação poética. [grifo nosso]

Para o poeta, a palavra transcende a sua circunstância ao mesmo tempo que a ilustra: ela não está no lugar da coisa, mas nutre-se de uma história de sentidos que a contornam, que o poeta tenta recuperar, paramorficamente, fundindo som/imagem, concretizando o abstrato. Neste movimento, a história condensa-se, e o ser-humano, ao se fazer poeta, faz-se humano.

O poema é mediação entre uma experiência original e um conjunto de atos e experiências posteriores, que somente adquirem coerência e sentido com referência a esta primeira experiência (...) O tempo cronológico sofre uma transformação decisiva: deixa de fluir, deixa de ser sucessão, instante que vem depois e antes de outros idênticos, e se converte em começo de outra coisa. O poema traça uma reta que separa o instante privilegiado da corrente temporal (...) Este instante está unido de uma luz especial: foi consagrado pela poesia. Ao contrário do que ocorre com os axiomas dos matemáticos, as verdades dos físicos ou as idéias dos filósofos, o poema não abstrai a experiência: o tempo está vivo, é um instante cheio de toda sua particularidade irredutível e é perpetuamente suscetível de repetir-se em outro instante (...) pode re-encarnar-se indefinidamente. E faço mal em chamá-lo fragmento (temporal), pois é um mundo completo em si mesmo, tempo único, arquetípico, que já não é nem futuro nem passado mas presente. E esta virtude de ser para sempre presente, por obra da qual o poema se escapa da sucessão e da história, ata-o inexoravelmente à história. Para ser presente, o poema precisa fazer-se presente entre os homens, encarnar na história. Como toda criação humana, o poema é um produto histórico, filho de um tempo e um lugar, mas também é algo que transcende o histórico e o situa em um tempo anterior a toda história, no princípio do princípio. Antes da história, mas não fora dela. Antes, por ser uma realidade arquetípica, impossível de datar, começo absoluto, tempo total e auto-suficiente. Dentro da história e mais: história - porque só vive encarnado, re-encarnando-se, repetindo-se no instante da comunicação poética. Sem a história - sem os homens, que são a origem, a substância e o fim da história - o poema não poderia nascer nem encarnar: e sem o poema tampouco haveria história, porque não haveria origem nem começo". [grifo nosso]

Através da poesia, a história torna-se meta-história, nesta transformação do tempo como algo total e auto-suficiente. A extensão no tempo, e não apenas no espaço, na

mercado. Deste modo, o "artista", como o concebemos atualmente, é um produto da sociedade burguesa e capitalista. Assim como os críticos, necessários para validar esta produção.

³⁵ PAZ, O. La consagración del instante: el arco y la lira (1970). In: ADORNO, T.W. et al. *El arte en la sociedad industrial*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso, 1973. p.127-38. (Colección Argumentos)

199, (foto: RC), 200. **SEMCASA "BRUTA"** (Marginal do Tietê, nômade)



substância, origina não apenas a duração, como vivência, mas a historicidade. A historicidade, por sua vez, permite a generatividade, o parentesco nas gerações que se sucedem: o instante encarnado remete à eternidade, por existir pleno, *um mundo completo em si mesmo, tempo único, arquetípico*, um presente eterno que, daí, por unir presente, passado e futuro, torna o homem histórico.

"Pode concluir-se que o poema é histórico de duas maneiras: a primeira como produto social e a segunda como criação que transcende o histórico, mas que, para ser efetivamente, necessita encarnar de novo na história e repetir-se entre os homens. E esta segunda maneira vem a ser uma categoria temporal especial: um tempo que é sempre um presente, um presente potencial e que não pode realmente realizar-se senão fazendo-se presente de uma maneira concreta em um aqui e agora determinados (...): aquilo que o faz único e separa do resto das obras humanas é seu transmutar o tempo sem abstrai-lo; e esta mesma operação o leva, para cumprir-se plenamente, a regressar no tempo.(...) A ambivalência do poema não provém da história, entendida como uma realidade unitária que engloba todas as obras, mas é uma consequência da natureza dual do poema (...): transmutação do tempo histórico em arquetípico e encarnação deste arquetípico em um agora determinado e histórico.(...) Seu modo de ser histórico é polêmico. Afirmação daquilo mesmo que nega: o tempo e a sucessão." [grifo nosso]

Nesta longa citação, é dada a palavra ao poeta para explicitar o fazer poético, fato fundamental do habitar humano: "Poeticamente, habita o homem": o homem é por habitar este espaço poético, onde o tempo se revolve do tempo, criando uma a-temporalidade, refúgio e início do ser. As "coisas" dispostas em um arranjo espacial são a mediação entre uma experiência original e experiências posteriores, um instante consagrado, baseado na experiência onde um tempo vivo, único, arquetípico se faz presente: um presente potencial, que transmuta o tempo sem abstrai-lo, transmutando o tempo histórico em arquetípico e encarnando este arquetípico em um agora determinado e histórico. Este é o fazer poético do ornamental. A mediância, como vista no ornamental, é a poesia como meta-história, como encontro do ser com todos os seres, passados, presentes e futuros já que, nesta condição, dá-se a "brecha antropológica", de onde se originou o "espaço potencial" com seus "objetos transicionais". Retornando a palavra ao poeta:

"(...) o poeta (...) revela o homem (...) a condição última do homem, este movimento que o lança sem cessar adiante, conquistando sempre novos territórios que apenas tocados tornam-se cinzas, em um renascer e remorrer e renascer contínuos.(...) A experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, deste transcender-se sem cessar em que reside precisamente sua liberdade essencial."

A mesma revelação do homem foi dita ser feita pelo ornamental, definido como a culturalidade da cultura, a continua "antropomorfozação" do homem pelo homem, criador-criatura, "leitor que recria o instante e se cria a si mesmo". Donde decorre a condição básica de alteridade do poeta e do leitor: "onde exercitamos essa liberdade, (...) *somos outros*."

Finalmente, uma condição com a qual Octávio Paz fecha o seu texto: a questão da experiência, e do experienciar, como fundamento da vida psíquica, ao lado da linguagem: o retorno à coisa, real ou ilusória, mas não à palavra. Diz Paz:

"Nunca a imagem quer dizer isto ou aquilo(.) a imagem diz isto e aquilo ao mesmo tempo. E ainda: isto é aquilo. (...) Para escapar à sua condição temporal, só resta ao homem fundir-se mais plenamente no tempo. (...) Não alcança a vida eterna, mas cria um instante único e irrepitível e assim dá origem à história. Sua condição o leva a ser outro: apenas sendo-o, pode ser ele próprio plenamente. E' como o

Re-decorando:
 201. 1ª versão
 202. 2ª versão
 203. 3ª versão
 204. 4ª versão



Grifon mítico de que fala o canto XXXI do Purgatório: Sem cessar de ser ele mesmo, transforma-se em sua imagem. [grifo nosso]

A fusão no tempo implica em recolher os significados contraditórios que foram espaçados, desgarrados, cindidos, das coisas-palavras. Neste recolher, o poeta colhe o que outros plantaram e, deste modo apenas, na mediância como encontro com o outro, pode se historicizar: por isto, o espelho é vitrine que espelha e está fora, um trabalho de Sisifo de ser o ser.

Aquilo de que fala o poeta (...) é um efetivo voltar a ser aquilo que o poeta revela que somos: por isso não se produz como um juízo: é um ato inexplicável exceto por si mesmo e que nunca assume uma forma abstrata. Não é uma explicação de nossa condição, mas uma experiência na qual nossa condição, ela própria, revela-se ou manifesta. E por isso, também, está indissoluvelmente ligada a um dizer concreto sobre isto ou aquilo. A experiência poética não nos diz nada sobre a liberdade: é a liberdade mesma despregando-se para alcançar algo e assim realizar, por um instante, o homem. A infinita diversidade de poemas que registra a história procede do caráter concreto da experiência poética, que é experiência disto e daquilo; mas esta diversidade também é unidade, porque em todos istos e aqueles se faz presente a condição humana. Nossa condição consiste em não identificar-se com nada daquilo em que encarna, sim, mas também em não existir senão encarnado no que não é ela mesma." [grifo nosso]

Na apresentação deste trabalho, referi-me aos nossos poetas, principalmente Oswald de Andrade, sentindo estar atrasada 70 anos pois o que tinha a dizer já estava dito no Manifesto Antropofágico. O texto de Octávio Paz, por sua vez, descreve a teoria e, além disto, fecha o ciclo pois Oswald começa o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, com a frase: *A Poesia existe nos fatos*. De modo complementar, Paz fecha o texto remetendo à antropofagia como uma condição essencial do ser humano. Para Oswald, "Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.", para Paz, "nossa condição consiste em não identificar-se com nada daquilo em que encarna" e em existir apenas encarnado no outro.

Devido a isso, esta tese foi feita também através de fotos: as fotos não ilustram o texto; este tenta, como um poeta, remeter-se a elas e criar esse tempo lírico, que pode ser épico e trágico, e "fazer presente a condição humana".

4.4. Poesia Identidade Vitrinespelho

O ornamental é subjetividade, deslocamento entre o ser/coisa. Este deslocamento encontra-se fora, e por isto está entre, na inter-subjetividade.

Ele, como uma condição do humano, que funda a própria humanidade, condenando-a a uma liberdade que se manifesta neste recriar permanente, reflete a poética como uma dimensão temporal meta-histórica, arquetípica, e ao mesmo tempo, histórica, social. Como os poemas são feitos de sons, o ornamental é feito de matérias, ambos concretos, ambos dando origem a experiências sensoriais que os substancializam, os incorporam. Ao fazer isto, tanto refletem a corporiedade quanto a adjetivam, estabelecendo matizações, derivações, contraposições: mais e menos, mais ou menos. A materialidade é este encontro, anterior às palavras, onde a poesia vai se banhar para recuperá-las, lançando-as de novo nas correntes verbais, sons que nos remetem à per-son-alidade, aquilo através do que somos ou através do que nos revelamos, ou através do que nos escondemos: máscaras cuja voz dá vida.

O som, como substância da poesia, enquanto no ornamental o suporte é material, encontra na harmonia, uma identidade total: a música como poética, mais próxima à física, à matemática, mais desencarnada, perdendo esta característica básica e fundamental da poesia e do ornamental que é a sua concretude; concretude que continua a existir além da morte

O
R
D
E
M





208. após a feira, caverna sobre a Av. Sumaré (foto: RC)

209. após a chuva, selvagens-carrocinha, do lado de fora do Cemitério

O
R
D
E
M



210.
sob o viaduto:
área central
de S.Paulo:
"armário"

determinada pelas palavras, pois é o que está além delas, na materialidade, no vir-a-ser, na liberdade, no jogo aberto da vida³⁶.

A harmonia refere-se, na poesia, ao ritmo, à melodia, à prosódia; o espaço, às simetrias, assimetrias, triangulações, circularizações, pontuações, ondulações, às linhas, formas, relações entre elas, volumes: à estética, naquilo que estamos apontando como uma característica inata do cérebro humano, que seria uma busca de equilíbrio, no que Piaget denominou desenvolvimento epistêmico mas que, dado o nosso universo de observação, acreditamos estar no mimetismo afetivo, em um primeiro momento. O simbólico originar-se-ia destas manifestações em que o corpo, em sua materialidade, e suas decorrências, as outras matérias, são o suporte do simbólico, que surge do afeto, do afetar e ser afetado, do recíproco, do recíprocante, da reciprocidade, e da sintonia e da sincronicidade, que são as características temporais da empatia ou simpatia, onde o ser se espelha no outro que não é ele. Este derramamento espacializado, que é o espaço potencial, seria o aparelho psíquico em sua função simbólica, dita ser o que diferencia o ser humano dos demais primatas.

O terceiro termo - o lírico - trata das significações: das palavras e das coisas, dos referentes e dos referidos, dos signos e dos significados, porém, não estabelecendo uma relação casual entre eles. Esta relação pode acontecer: posso sortear as palavras e com elas formar um poema, mas posso, como Mallarmé, e os concretistas, criar com um poema "a coisa". O poeta nos aproxima do significado da coisa, driblando as palavras, usando-as de modo liminar, como os nossos sujeitos. Se a palavra é usada por ela, ela é funcional, como um liquidificador usado na cozinha. Se o ponho no museu, ele é re-significado, como os *semcasas* o fazem, e pode atingir um meta-discurso, como o de Duchamps, que acabou por abandonar a pintura.

O lírico, pois, é uma temporalidade, como bem explica Paz, "fenomênica", de duplo vínculo, pois nos vincula a um momento histórico e a um a-histórico, que é onde, ao encontrarmos-nos conosco conforme refletidos naquele outro, sentimos o centro, desde o centro, da condição de humanidade que nos perpassa, transpassa, percorre. Seria a trajetividade, de Berque, que se refere a Piaget quando a constrói pelo seu caráter de reversibilidade; seria onde a experiência concreta de nosso pertencimento a esta condição nos é dada, revelada, compartilhada, seria onde e quando, por um instante - um tempo único, arquetípico, um presente potencial - é con-sagrada esta condição, e atingimos aquela dimensão cósmica, extática, onde tempo e espaço se unem.

Esta fonte - que é a fonte de todas as emoções, de todos os amores, dores, paixões, ânimo - que é de cada um e de todos - ela é transmitida pelas palavras e pelas coisas, transitando significados, referindo-se a realidades socialmente compartilhadas e a significados socialmente construídos: ela é o inconsciente coletivo, temporal e a-temporal, com um início no início dos tempos, mas com vários outros inícios, como, por exemplo, a chegada dos portugueses em uma terra, que serviu como modelo para a criação de várias Utopias, como a de Tomas Morus e Tomaso Campanella: "Ilha de Vera Cruz, Ilha de Santa Cruz, Ilha da Utopia Brasil"³⁷.

³⁶ Para Marc AUGÉ (*Le Dieu objet*. Paris, Flammarion, 1988), a descoberta da alteridade é, primeiramente, a descoberta de uma outra vida. o problema é o inerte, a matéria bruta, o impensável, que faz pensar no sobrenatural (p.30).

³⁷ ANDRADE, O. *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica*, op. cit., p.170.

Capítulo 5

A brasilidade como um espelho vazio

Michel SERRES¹ auto-denomina-se filósofo “mestiço” por ter sido obrigado a utilizar, devido à educação, a mão não dominante, sendo, em função disto, levado a descentrar seu ponto de vista desde pequeno e aprender que não existe apenas um único ponto de vista, mas vários: concomitantes, interatuantes, levando a formas elípticas e não a círculos.

A mestiçagem, a nosso ver, é fundamentalmente isto: saber que há vários pontos de vista simultâneos, concomitantes, igualmente presentes, mesmo que, aparentemente, só transpareça *um*, o hegemônico.

Esses outros pontos de vista seriam o que estamos denominando “resistência”, pois eles não desaparecem, e continuam criando elipses, e não círculos.

Esta noção impôs-se devido à liminaridade que, como condição de transição entre duas condições socioculturais, acabou por fazer ressaltar que a condição do brasileiro é sua liminaridade.

Oswald, no Manifesto da Poesia Pau-Brasil, diz:

“Uma nova perspectiva. A outra, a de Paolo Ucello, criou o naturalismo de apogeu. Era uma ilusão ótica. Os objetos distantes não diminuam. Era uma lei de aparência. Reação à cópia. Substituir a perspectiva visual e naturalista por uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua”.

A questão da emergência da perspectiva na arte, com o Renascimento, foi dito representar o surgimento do ponto de vista do homem, o humanismo, e não mais Deus, no centro, como ocorreu durante a Idade Média. O que Oswald aponta é um outro lado: o surgimento de um falseamento no modo de ver e representar as coisas, que se propõe como uma ordem racionalista. Uma lei da aparência, dos valores do *status* e da riqueza, não da origem, dos antepassados, das funções sociais. Oswald, além disto, propõe uma perspectiva de outra ordem: sentimental, intelectual, irônica, ingênua, que Tarsila do Amaral e Anita Malfatti representaram nas suas pinturas.

Dentro do presente contexto, Oswald “qualifica” a perspectiva “mestiça” de Serres como contendo relações de reciprocidade ao invés de antagonismo; oriunda de uma sociedade matriarcal e não patriarcal².

Darcy RIBEIRO³ situa esta história na formação do povo brasileiro a partir dos mamelucos, descendentes de índias e europeus. É dele o conceito de que esta origem seria responsável pelo brasileiro não ter um centro identitário, pois esta descentração original - não ser índio, não ser português, não poder ser índio, não poder ser português - teria levado a uma não identificação nem com um grupo nem com o outro.

Portanto, a noção da brasilidade como um espelho vazio deve-se a Darcy

O que os presentes estudos apontaram, e Serge GRUZINSKI⁴ forneceu o suporte teórico, é como isto se processa no tempo e no espaço.

¹ SERRES, M. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

² ANDRADE, O. *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica*. São Paulo, Globo, 1990. p.33.

³ RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

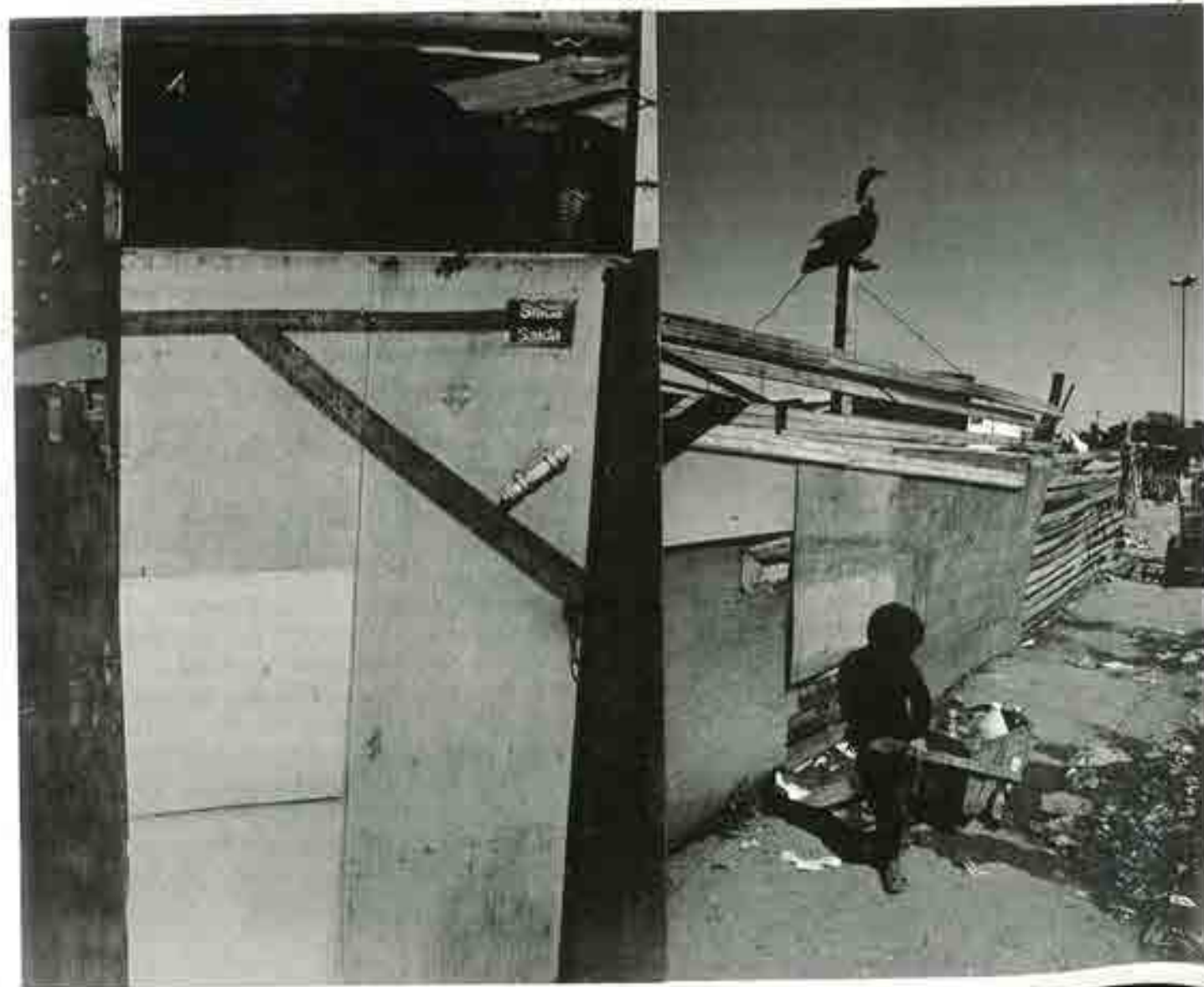
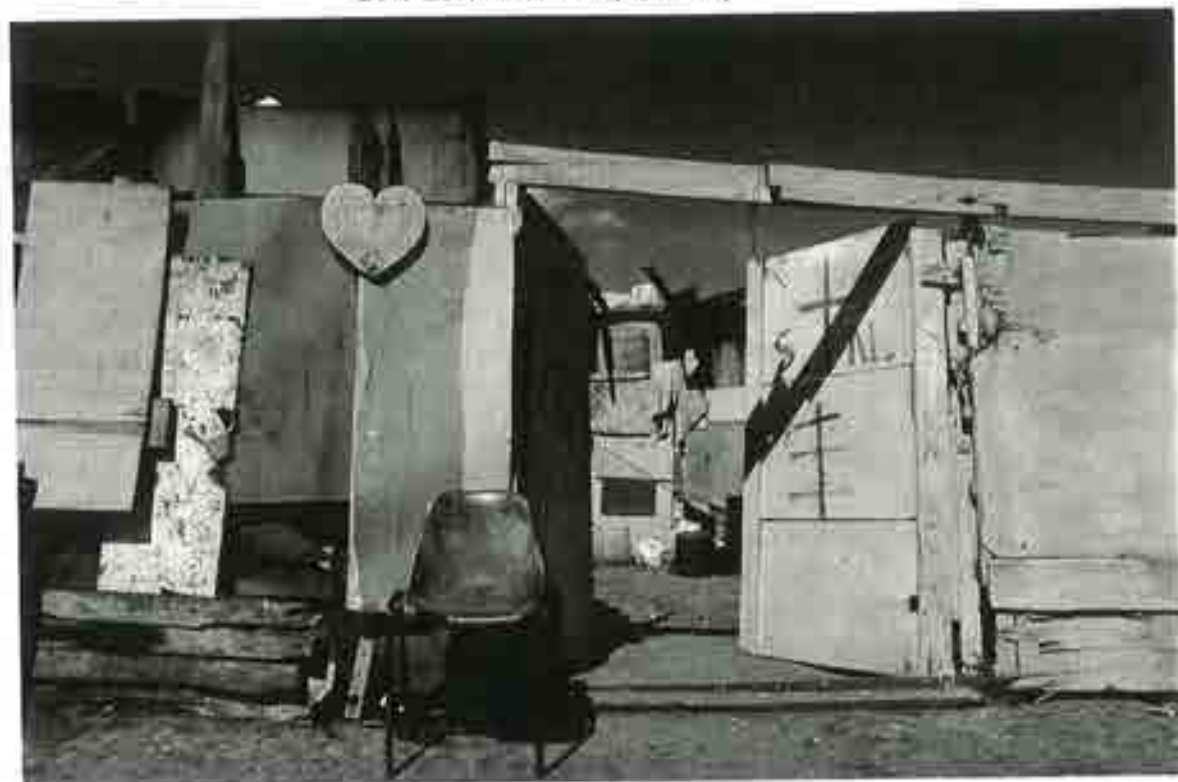
⁴ Comunicação em aula, Paris, 1995, assim como todas as demais citações a ele atribuídas a seguir.

211/ 212/ 213 **DE - COR - AÇÃO** (fotos: RC)



BRASILIDADE: NA MARGINAL

214/ 215/ 216/ 217 (fotos: RC)



5.1. Mamelucos, mestiçagem, pau-brasil

A mestiçagem, na base de uma cultura híbrida, resulta de um processo onde há uma aparente hegemonia de uma forma sobre as outras, permanecendo estas não apenas formando correntes de contracultura mas, principalmente, constituindo-se através de "objetos transacionais" - coisas e palavras - que sofrem trans-formações através de inúmeros intercâmbios (os fractais), constituindo, no final, uma terceira via onde ocorre a maior parte das ações e produções culturais. Serge GRUZINSKI, ao estudar a colonização hispano-americana, ressalta como a conquista implica em imprevisibilidade e falta de controle e, como todo estudo, por sua vez, tende a evitar a desordem, colocando-a sempre à margem, periférica. Para ele, "admitindo-se que as coisas são infinitamente complexas e inter-relacionadas, precisa-se sair desta máquina de pensar que consiste em criar os fatos em pacotes - histórico, social, econômico, etc. - e tentar estudar como se constituem espaços de ordem que se cristalizam em objetos e imagens, sem passar pelos cortes, econômicos, etc."

Para GRUZINSKI, assim como para VAINFAS⁵, as "fronteiras culturais" são instáveis e factícias, "fractais", sendo impossível opor culturas pois há uma troca que se dá através das coisas, imagens e palavras, de modo que o colonizado apropria-se dos símbolos do colonizador, modificando-os para contestar, e "re-contextar", o domínio do colonizador.

As pinturas cusquenhas de santos com fisionomia indígena ou, mesmo nossas, onde feições negróides são atribuídas a santos, fariam parte dessas trocas. No Brasil, o candomblé é a forma mais evidente dessa troca e desse sincretismo.

A história é uma "vivência histórica", vivida no modo de vida cotidiano, a cotidianidade é a "matéria" da história. Esta cotidianidade encontra-se inscrita na casa, nos hábitos, nas rotinas, nos tempos, conforme se refletem, entre outras coisas, na relação mãe-criança.

Segundo GRUZINSKI, o cotidiano foi muito influenciado pelo colonizado, por vários motivos, mas o principal de todos é que os serventes em geral, construtores, cozinheiros, amas, empregados domésticos, marceneiros, etc., eram todos colonizados; donde, a base da vida material cotidiana ser realizada, praticamente toda ela, a partir do colonizado.

Além disto, os hábitos do colonizado estavam mais adaptados à realidade ecológica, natural, alimentar, climática, etc. do que a do colonizador, donde, freqüentemente, o colonizador era colonizado pelo colonizado, sendo considerado um cidadão "desgarrado" do ponto de vista dos padrões do colonizador da Metrópole⁶.

Por outro lado, a colônia influenciou o colonizador de inúmeros modos: não apenas criando "Utopias" onde o ócio era uma virtude, havia uma integração natureza-homem e uma sociedade "justa" e harmônica, mas trazendo hábitos alimentares, como a batata, hoje o alimento básico europeu, artesãos mexicanos onde os Astecas se destacavam pela sua arteficialidade, ervas medicinais, etc.

⁵ VAINFAS, R. *A heresia dos índios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

⁶ Angela Mendes de ALMEIDA (Notas sobre a família no Brasil. In: *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRRJ, p. 53-66, 1987) coloca dois aspectos importantes referentes à colonização portuguesa que se relacionam ao presente estudo. Em primeiro lugar, a influência *moura* na constituição da família portuguesa, vista, por exemplo, no enclausuramento da mulher, seguida pela Inquisição, de modo a gerar a necessidade de uma "re-europização" da corte portuguesa; em segundo lugar, as idéias "modernas" sendo re-apropriadas e adaptadas às tradicionais, no Brasil, devido à diferença na realidade social de onde elas se originaram. Tanto o próprio conquistador português já era "mestiço", quanto, após as Descobertas, Portugal, sob o jugo espanhol (1580-1640) e do Tribunal do Santo Ofício, que determinava a vida intelectual, manteve-se na Idade Média, de modo que a "modernidade" no Brasil foi implantada pela dinâmica: "idéias fora de lugar" que "ornamentavam" apenas, mantendo-se o "tradicional".

BRASILIDADE: ARTE BRUTA?

218.



219.
(foto:RC)



No nosso estudo, as bilheiras, no Piauí, e as casas dos *semcasa*, puderam ser pensados como *atratores*, ou seja, espaços de ordem que centralizaram processos, reorganizando-os, re-significando-os, como objetos transacionais e transicionais, em níveis crescentes de complexificação que, nos casos, implicou no início de um novo ciclo.

Isto se deveu à natureza "fractal" do nosso estudo que, centrando-se na liminaridade, trouxe estes fenômenos, que são "fronteiras culturais", para o centro do estudo. O fato de centrarmos o estudo na desordem, dentro da tentativa de contornar o etnocentrismo des-centrando "a etnia" - no caso, as manifestações culturais daquilo que é entendido por moradia - colocou, de maneira por nós não planejada, (inclusive porque este planejamento significava uma ordem, uma autoridade, uma prioridade, e esta ordem era onde não queríamos estar), a constituição mestiça como o nosso objeto de estudo.

A partir desta noção, e do que foi exposto nos capítulos anteriores, a identidade do brasileiro passou a ser vista como um mutante, uma mutação, uma abertura permanente para o novo, que é devorado e transformado, ficando sempre no centro, o vazio. Portanto: ausência de modelos identificatórios, a não ser a própria mutabilidade.

Esta abertura para a transformação através da incorporação passou a ser percebida como um mecanismo de resistência, transmitido culturalmente, ante um poder hegemônico. Consiste basicamente em devorar - apropriar-se no e pelo corpo - o que não pode ser derrotado. VAINFAS⁷ conta que muitos mamelucos se tornaram canibais, fazendo em seu corpo dolorosas tatuagens indicando quantos inimigos haviam matado e comido, embora a serviço dos portugueses na caça de índios, voltavam-se contra os mesmos através destas práticas. O sincretismo seria uma manifestação deste canibalismo que se serve de símbolos, imagens e palavras do vencedor, sem se identificar, a não ser para não ser devorado⁸.

5.2. A casa como símbolo-resistência

A temática da casa como símbolo-resistência perpassou este trabalho e ocasionou seus vários desdobramentos, implicados nas várias disciplinas, que acabaram por fazer o seu suporte teórico.

A "virtualidade" das paredes divisórias nas casas de Vila Madalena abriu-se para a "virtualidade" total da casa dos *semcasa*.

Através disto, o aspecto simbólico da moradia e do modo de morar apontou para a "cultura do corpo", onde a memória estaria incarnada no corpo, assim como o outro, e não nas "coisas".

A hipótese da "antropofagia" - a incorporação do novo sem a identificação com o mesmo, remeteu-nos ao nosso passado indígena. A não-diferença entre o modo de morar no Piauí e de São Paulo, apesar de todas as diferenças, indicou o Brasil como uma continuidade mestiça, donde, em São Paulo, somos tão indígenas quanto no Piauí.

Carlos COSTA⁹ realizou um admirável estudo sobre a moradia Guarani¹⁰, onde relata a origem *apenas* simbólica desta moradia, que é o recorte humano da floresta, imersa na cosmologia e na visão de ser e de mundo.

Este autor compara a visão do índio brasileiro à de Bachelard, dizendo ainda que Amos Rapoport estaria se esforçando em ir nesta direção¹¹.

⁷ *A Heresia dos Índios*, op. cit.

⁸ Para Roberto DAMATTA (A família como valor. In: ALMEIDA, A.M. *Pensando a família no Brasil*, op. cit., p.131), o que parece tipificar a organização doméstica brasileira é a sua capacidade simbólica de tudo agregar e de ter vários modelos de vida em múltipla e franca relação. [grifo nosso]

⁹ COSTA, C.R.Z. *Habitação Guarani*. São Paulo, 1989. Tese - FAU-USP.

¹⁰ Darcy RIBEIRO, em um texto emocionado, alertar-nos para a sua iminente erradicação (Genocídio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 de jun. 1996. p.1-2).

220/ 221. **LE DÉCOR : NA FAVELA**

222/ 223. **LE DÉCOR: NA FAVELA**

COSTA aponta¹², entre os Guarani, para uma recusa da influência branca na vida espiritual, ao lado de uma aceitação da cultura material. A isto denominamos "antropofagia" que foi vista, assim como para Costa, como uma forma de resistência: o símbolo seria uma forma de resistir à coisificação, ou, conforme Marcos CÂMARA, "enquanto existirem as raízes da exclusão, perdurará esta memória (coletiva) através de *espaços* onde objetos/rituais são mantidos preservados"¹³.

Isto nos envia à questão da resistência. Elaine CARAMELLA¹⁴, apoiada na noção de tempos longos de Braudel, diz que a resistência trata desses longos lapsos de tempo que não são fatos históricos mas que estão no cotidiano, visto fora do determinismo linear.

Define resistência como um fluxo contínuo de aumento de complexidade, dentro da Teoria Geral dos Sistemas, ou seja, um aumento de informação em contraponto à entropia.

Enquanto a estrutura é a montagem da realidade a partir da injunção material, descobrir a estrutura é redescobrir o tempo. Isto é feito desdobrando-se o olhar do extraordinário para o cotidiano, da monografia dos grandes feitos para a construção da experiência diária com os materiais, no que está sendo atualmente denominado "história das mentalidades" que é, segundo essa autora, a história das resistências e das diferenças.

Ecléa BOSI aponta a cultura popular como uma resistência diária à massificação e ao nivelamento¹⁵. Para ela, "a mensagem enraizada tem uma resistência imperecível porque capta o intemporal sob as espécies do temporal e regional". E acrescenta: "Um profundo desejo de tornar a verdade visível faz o artista elevar as coisas simples enquanto as torna habitáveis pela transcendência"¹⁶.

Seria parte da herança histórica, cultural, geográfica, social e psicológica da brasilidade, um mecanismo em que a simbolização é utilizada como resistência ante o processo de exclusão.

Esta hipótese obteve suporte em outras fontes: Carlos COSTA conclui sua tese apontando para a influência indígena na construção, na casa, nos utensílios e costumes, de caiçaras, caboclos, caipiras, como um desenvolvimento direto da cultura e civilização indígenas brasileiras¹⁷; para Sylvia Caiuby NOVAES¹⁸, é este capital simbólico que possibilita aos índios fazer frente à dominação e aos elementos que lhe são impostos pela sociedade dominante; Telmo PAMPLONA¹⁹ descreve os bens utilitários usados nas casas proletárias como "adornos", destacando-se pelo seu valor simbólico; igualmente no estudo de PICCINI²⁰, o fogão aparece como símbolo da modernidade ao lado do fogão à lenha, efetivamente usado, em casas de pequenos proprietários rurais no interior paulista; nestas

¹¹ Idem, ibidem, p.101.

¹² Idem, ibidem, p.547.

¹³ CÂMARA, M.P.A. *Cidade e vilas da escravidão: espaço dos excluídos*. São Paulo, 1995. 270p. Tese - FAU-USP. p.260.

¹⁴ CARAMELLA, E.G.P. *Linguagem: materiais e procedimentos*. São Paulo, 1994. Tese - FAU-USP.

¹⁵ BOSI, E. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J.J., orgs. *A cultura do povo*. São Paulo, Educ, 1982. p.33.

¹⁶ BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A., org. *Culturas brasileiras*. São Paulo, Atica, 1987. p.40.

¹⁷ Op. cit., p.602.

¹⁸ NOVAES, S.C. *Jogo de espelhos*. São Paulo, EDUSP, 1993. p.46.

¹⁹ PAMPLONA, T. *O interior da casa proletária: ambiente urbano-industrial*. São Paulo, 1981. 184p. Dissertação - FAU-USP. p.177.

²⁰ PICCINI, A. *Estudo da habitação rural e do uso do espaço interno-externo pelo pequeno produtor e proprietário rural: o caso de Babilônia (São Carlos, S.P.)*. São Carlos, 1991. 136p. Dissertação - Dpto. de Arquitetura, Escola de Engenharia de São Carlos, USP. p.135.



224. **FORA** (foto: RC)

225. **DENTRO**



226/ 227/ 228.

DENTRO - FORA

(fotos: RC)



casas, semelhantemente à bilheira no Piauí, é a cristaleira, que continha objetos de valor de outrora, que sai da sala para a copa e/ou para a cozinha²¹.

Embora este movimento da bilheira e da cristaleira ocorram em outras culturas com outros objetos, como o telefone, a televisão e o computador, o uso de coberturas plásticas decoradas, toalhinhas com efeito decorativo, o lugar de destaque inacessível, correspondem ao altar da modernidade, conforme visto nas moradias no Piauí e em outras moradias em São Paulo.

Através destas comparações, queremos apontar para uma continuidade na tradição brasileira, apesar das diferenças regionais, e como esta continuidade se abre para a herança indígena, inclusive, segundo nossa hipótese, pela incorporação de um ritual - a devoração sacra do inimigo - como um mecanismo de defesa identitária, cuja consequência, no tempo, foi um tipo de identificação que se dá pela sua ausência.

Segundo Elaine CAMELLA²², o que permite descobrir a construção da estrutura é o estabelecimento das diferenças. Estabelecer diferenças significa retirar as características típicas, fatuais e fragmentares que configuram a realidade como uma coleção descontínua de indivíduos e devolver-lhe a sua alteridade; significa estabelecer uma outra ordem em que o individual é devolvido a partir de sua singularidade heterogênea. É uma interpretação a partir de correlações, de uma mediação interpretativa que permite associar, via comparação.

Via comparação, a realidade foi vista como um construir/se a partir de injunções materiais, onde a cultura é a mediação, e como mediação, está na *vida material*, que apontou para a cultura do corpo.

5.3. A ética antropofágica: do tabu para o totem

Segundo Francisco ALAMBERT²³, a utopia antropofágica remonta ao capítulo "De canibalis" do livro *Ensaíos*, do filósofo francês do século XVI, MONTAIGNE. Oswald pregava uma deglutição inspirada na deglutição do Bispo Sardinha, português aqui chegado e aqui devorado pelos índios. Esta seria uma deglutição em que a cultura europeia invasora é devorada e remodelada nas entranhas da *terra brasilis* - a fim de que fosse remanejada de dentro e submetida à ortodoxia do Brasil original.

O Movimento Antropofágico pode ser visto como a primeira tentativa de afirmar uma cultura brasileira autônoma, que não imita, que existe a partir de um povo tropical e mestiço.

Mário de ANDRADE, em *Macunaima*, o herói sem nenhum caráter, aponta, na verdade, para um herói que não se identifica com o europeu, com o centro, que deixa o centro vazio: a ausência de caráter é não identificação com a ordem vigente hegemônica²⁴.

²¹ Idem, *ibidem*, p.125.

²² Op. cit., p.86 ss.

²³ ALAMBERT, F. *A Semana de 22*. São Paulo, Sipione, 1994.

²⁴ A leitura de biografia de Assis Chateaubriand, *Chateau*, de Fernando MORAES (São Paulo, Companhia das Letras, 1994) retrata não apenas a vida do dono de um império de comunicações, os Diários Associados, mas de um dos grandes "Macunaimas" do Brasil. O personagem, além de não ter nenhum caráter, governava e ditava leis para uso próprio. Eis alguns trechos em que o personagem coloca-se como este brasileiro que estamos querendo retratar. Na inauguração da TV Tupi em São Paulo, frente à ausência de cadeiras, diz: vamos sentar no chão como os índios fazem. E sentam-se. No célebre baile do castelo de Corbeville, nas cercanias de Paris, seu plano era "apresentar à alta sociedade do Velho Mundo, o Brasil verdadeiro, o Brasil que somos nós: um Brasil de mestiços autênticos, mulatos inzoneiros, índios e negros a promover a vasta experiência de cruzamentos que empreendemos no trópico, em vez do falsificado Brasil branco, de catálogos de grã-finos que, parvenus e snobs, tentam impingir filanciosamente no mundo" (3 ago de 1952, p.527). Inventa uma Ordem do Jagunço, condecorando com ela Winston Churchill, em que fala do suave sertão das Gerais e do sertão duro da Bahia (p.492). Finalmente, contava que em suas veias corria uma mistura de sangue normando e

SOB

A

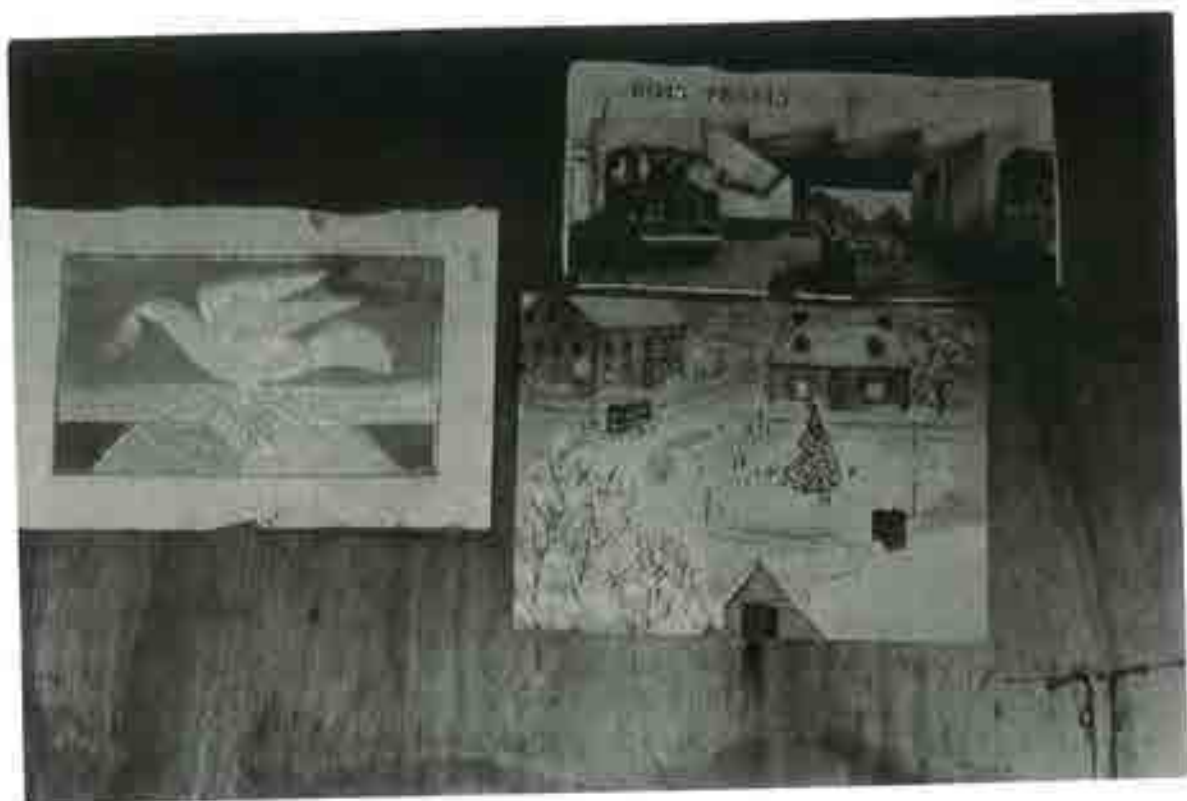
PONTE

229/ 230 (fotos: RC)



SOB A PONTE

231 / 232



Segundo o crítico literário CAVALCANTI PROENÇA²⁵, “Macuinaima, o herói sem nenhum caráter, que no livro é índio, negro e branco, (...) é da nossa gente de todos os quadrantes, tem hábitos, alimentação, linguagem, isentos de qualquer traço regional predominante. Incorpora sem ordem nem hierarquia as características da cultura, diferenciadas nas várias regiões brasileiras. É um herói desgeografado”.

A ausência não é só de centro, de valores fixos, mas também, desgeografado, ou seja, sem território definido como “meu”, “eu”.

Esta ausência de “meu/eu” talvez tenha facilitado a cultura do corpo, onde os restos mnêmicos estão inscritos no corpo ou na relação. Quando a cultura condiciona a vida/memória pela posse de objetos, teríamos “a casa real”; quando há a cultura do corpo, antropofágica, há “a casa virtual”, há um mecanismo de apropriação dos símbolos sem identificação com eles; no centro, ficaria um vazio, responsável, no caso dos brasileiros, pelo “jeitinho”, pelo “sem caráter”, pela volubilidade, pelo multiculturalismo. O “jeitinho” seria claramente um produto da mestiçagem no que ele revela a ausência de caráter como constituindo esta identidade.

Através desses aspectos e associada aos arranjos espaciais, a ética²⁶ dar-se-ia pela interdição da visão: a segregação, o desterro, a vingança, a vergonha, a honra.

O decor tem o significado também de *decorum*, decoro, bons modos através de uma boa aparência, a ética da/na aparência. O decoro corporal pode ser pensado a arte plumária indígena sobre os corpos nus. Nada a ver com a moral da aparência, correspondendo a uma estética do espelho. É a moral onde o enfeite é símbolo, e não apenas status²⁷.

O indivíduo como elo de uma relação, quer entre vivos quer entre mortos, a tese defendida por DaMATTa para as sociedades relacionais como a brasileira, além de caracterizar as moradias estudadas que são relacionais e policrônicas, não privatizadas, caracteriza o indivíduo como elo de memória. Para DaMATTa²⁸, morre o indivíduo mas fica a relação, sendo a partir dela que se estabelece o trânsito cima-baixo e baixo-cima, de modo que os mortos comandam assuntos terrenos e vice-versa. Segundo DaMATTa²⁹, “os vivos canibalizam os mortos e vice-versa, assumindo-os em suas forças, de modo a continuar exercendo-as”.

O canibalismo está sendo utilizado para descrever um processo identificatório brasileiro, em que o símbolo apropriado é a realidade e a realidade é que é virtual, possível. Em oposição, na cultura da coisa, que coexiste dentro da dinâmica da cultura do corpo, a memória está nos objetos e o símbolo é uma mercadoria³⁰.

português, herança de um tataravô caeté que havia devorado alguns invasores franceses e um bispo português, séculos antes, no Nordeste brasileiro (p.486).

²⁵ Apud ALAMBERT, op. cit.

²⁶ “*Ethos* significava originalmente habitação, modo de ser habitual. Uma ética originária não seria uma ciência do caráter e dos costumes, mas uma ciência da habitação. O modo de ser se torna uma impressão da habitação” (LIICEANU, G. *Répères pour une herméneutique de l’habitation*. In: DAMIAN et al., eds. *Les symboles du lieu, l’habitation de l’homme*. Paris, Heme, 1983. p.107)

²⁷ “Os adornos plumários não servem apenas para enfeitar o corpo e, aplicado, como atributo decorativo. Eles podem ser considerados verdadeiros códigos que transmitem, na linguagem não verbal, mensagem sobre o sexo, idade, filiação clânica, posição social, importância cerimonial, cargo político e grau de prestígio de seus portadores e possuidores, reportando-nos também a um tempo histórico-mitológico. Além de enfeites, portanto, são *símbolos* e por isso usados nos ritos e cerimônias, campo simbólico, por excelência, nas culturas humanas” (*Plumária Indígena Brasileira*. São Paulo, Centro Universitário Maria Antônia/ USP, mar/abr. 1996).

²⁸ DaMATTa, R. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

²⁹ Idem, *ibidem*, p.122.

³⁰ À antropofagia pode-se contrapor a *autofagia*. Na autofagia, a coerção social das coisas sobre a pessoa faz com que ela “se devore” em um narcisismo destrutivo pois “só como o que sou eu”. A

PROTEÇÃO MAGIA

233/234



PROTEÇÃO MAGIA IDENTIDADE

235/236



Para Oswald, a transformação do tabu em totem é a reconversão a uma ética anterior à Ética Protestante. Seria algo equivalente ao retorno do reprimido³¹, em uma ordem sócio-política anterior ao momento em que as leis do Estado e as do coração ficaram identificadas, ao mesmo tempo que ocorria a "Grande Internação", onde loucos e pobres foram vistos como incapazes para o trabalho, incapazes de inserção social, interferindo na vida urbana, e necessitando ser trancafiados em instituições "totais".

O estudo dos *semcasa* relança esta problemática em uma revivescência da Nau dos Insensatos medieval, pois eles margeiam os espaços públicos em uma nomadismo compulsório carregando, e sendo carregados, por uma subjetividade que se afirma ao ser negada. As ruas, tornadas passagens e sem significação própria³², abrem-se para serem ocupadas, nas suas franjas, por aqueles que passam a ser os nossos "fantasmas", ocupando as bordas do imaginário da cidade, de sua degradação, moral e psíquica.

Deste modo, a questão ética que surge é a da nossa própria consciência, complexificada pelo fato de que não se tratar de "salvar" os perdidos, nem civilizar os "bárbaros", nem re-inseri-los em uma ordem produtiva, mas, neste nível de reflexão, perguntar-nos sobre a heterogênesse das finalidades das metas, o que significa as consequências não previstas nas premissas, "criando um fosso cada vez maior entre a existência humana e o mundo dos produtos do projeto humano"³³.

Psiquicamente, a ética que resulta do retorno ao totem implica, segundo Oswald, uma não aceitação do mundo reversível e das idéias objetivadas, uma não aceitação da lógica, mas de "*a ciência codificação da Magia, a reação contra o homem vestido na medida em que o que atropela a verdade é a roupa, o impermeável entre o mundo interior e exterior; contra a Memória, fonte do costume; contra a sublimação do instinto sexual*", visto como um "instinto caraíba", original, atávico, ancestral.

Se não tudo isto, mas parte disto pode ser visto nas manifestações descritas e mostradas: o sincretismo é uma forma de manter a vitalidade presa a esta força original, arcaica, arquetípica, que é o inconsciente coletivo brasileiro.

5.4. A estética antropofágica

A temática da estética foi um dos centros dos estudos, dado o interesse inicial de estudar os "enfeites", naquilo que se tornou o "ornamental".

Segundo Joelle DENIOT³⁴, haveria duas estéticas: uma que privilegia o espelho; outra que privilegia o tecido; os mundos do olhar contra os mundos do tocar; os mundos da ligação, do prolongamento de si no outro dos tecidos, e os espelhos, estes mundos do reflexo distanciado, separador. Em nossos termos: os mundos das culturas do corpo e da coisa.

Os tópicos expostos a seguir referem-se, apenas, a alguns aspectos que emergiram do material do estudo, não exaurem todas as possibilidades: outros estudos, outros materiais, outras análises deste mesmo material, poderiam fazer emergir outros aspectos.

autofagia seria o retorno do instinto contra o ser naquilo que ele introjetou do "negócio" e não do "ócio", da fabricação do corpo. Teríamos como sintomas e manifestações de autofagia: regimes, cirurgias plásticas - o que Eda TASSARA (comunicação pessoal, 1995) chama de "utopia transformista", o corpo como uma coisa-máquina em busca de uma utopia-mais-do-que-privada.

³¹ FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

³² SENNETT, R. *Les tyrannies de l'intimité*. Paris, Seuil, 1979.

³³ MARRAMAO, G. Organização social e complexidade. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v.39, n.2, 1990, p.118.

³⁴ DENIOT, J. Le décor textile. *Ethnologie Française*, v.16, n.3, p.319-34, 1986.

5.4.1. Verticalidade, horizontalidade, circularidade

Baseada principalmente no estudo das casas do Piauí, mas confirmada nas casas de assentados, a dimensão do sagrado assumiu uma direção cima-baixo, na forma de "altares".

Este dado é sustentado pelo fato que, no Piauí, a "modernização" das casas e da sua organização espacial, foi acompanhada de uma horizontalização na disposição das coisas.

Por exemplo, na casa 1, uma mesa no centro era acompanhada por um "altar da modernidade" composto de um rádio, dois discos de vinil e três lâmpadas coloridas dispostos horizontalmente, formando como que um triângulo com o rádio. Havia uma bilheira na sala, ornada com recortes de plástico xadrez azul, sobre a qual está uma escoveira, também azul. A disposição das coisas na bilheira era absolutamente simétrica, assim como a escoveira estava colocada diretamente acima do centro da bilheira.

A análise, baseada na dimensão da verticalidade/horizontalidade, apontaria para a "profanização" dos altares, ou seja, dos tempos. Há ausência do altar religioso; ao altar profano, embora na sala, está sendo atribuída um significado funcional, o uso da água inclusive para a higiene dos dentes; o altar da modernidade se horizontaliza e, finalmente, o centro da sala é ocupado pelo móvel, algo grande, já não tão móvel. Tudo isto indica a des-sacralização, a perda da verticalidade.

Em outra casa, um verdadeiro altar foi erigido: duas colunas pintadas de azul, "marmorizadas", "sustentavam" e elevavam os quadros de santos cujo massa central formava uma unidade composta por três quadros principais e maiores, encimados por tiras brilhantes em cujo centro estava uma luz vermelha.

O que denominamos horizontalidade pode ser visto também em outros três discos de vinil colocados horizontalmente ao lado de um espelho emoldurado em madeira escura trabalhada.

O exemplo mais típico de horizontalidade estava na casa 8, uma casa de muitos cômodos onde, na sala, havia poltronas de cordas de *nylon*, uma televisão, um vaso com plantas, um relógio, um quadro de santo e uma paisagem. A horizontalidade, neste caso, exemplifica a perda de um centro como a bilheira, nesta casa localizada na cozinha, sendo substituída, dentro da dinâmica do altar do moderno pela televisão e pelo "social", onde há "restos", "traços", do altar religioso, acompanhados dos novos símbolos: a "domesticação" da natureza no vaso plantado dentro da casa, o relógio: o tempo-máquina. Nesta casa havia várias folhinhas, reforçando a idéia de que a incorporação de um "novo" tempo é acompanhada por "marcas"

A centralidade, por sua vez, tem duas facetas: uma, é a centralização de coisas no meio do cômodo, interpretada como a des-sacralização do espaço habitado; este passaria a ter o homem no centro, o seu social, a sua sociabilidade. A segunda faceta tem a ver com a complexificação dos altares que, visualmente considerando-se, tornam-se centros.

Estamos entendendo esta centralização como um antecessor do "cantinho", dado que os "berços com enfeites", na pesquisa de Vila Madalena, caracterizavam o cantinho do bebê, um espaço individualizado e privatizado.

O "canto", que inexistia nas casas do Piauí, sob a ponte e mesmo em Vila Madalena, pode ser pensado como o que caracteriza a casa privatizada; ou seja, a sociedade relacional seria sem cantos, e a sociedade da "ética protestante", seria só cantos.

O canto, deste ponto de vista, caracterizaria a emergência de um tipo de subjetividade, cujas conseqüências radicais são o que SENNETT³⁵ denomina sociedade intimista, onde o público é o lugar da passagem e do vazio³⁶.

³⁵ *Les tyrantes de l'intimité*, op. cit.

³⁶ Marc AUGÉ expandiu e discutiu este conceito através da noção de "não-lugar" (*Não-lugares*, Campinas, Papius, 1994).

238.

O IMPORTANTE NÃO FOI QUANDO TE VI, NEM QUANDO NOS CONHECEMOS, MAS SIM, QUANDO VOCÊ PASSOU A EXISTIR DENTRO DE MIM.

TE AMO!



A centralização de coisas em torno, principalmente, da bilheira pode ser pensada como sinalizando a emergência de uma subjetivação em torno do indivíduo, e não do grupo e do aspecto "arquetípico" da bilheira associada à água. Estaria indicando um núcleo subjetivo particular, criando um "cantinho" que seria o reflexo transicional da construção da própria identidade a partir daquele núcleo.

Finalmente, a circularização que ocorre com o espaço das paredes sendo ocupado por "coisas": o entorno, e não os focos, são o centro. A maior quantidade de ornamentos foi acompanhada por uma diminuição no tamanho dos mesmos.

5.4.2. Masculino, feminino

Esta análise baseia-se nas bilheiras do Piauí e nas carrocinhas de São Paulo. Isto porque as bilheiras são decoradas pelas mulheres e as carrocinhas, por homens.

As casas, no Piauí e dos *semcasa*, eram construídas pelos homens, principais responsáveis por sua manutenção, no caso, reposição dos materiais que não eram muito duráveis.

As atividades domésticas, por sua vez, em ambas amostras, eram responsabilidade feminina. Enquanto as mulheres sob a ponte eram "donas de casa", as do Piauí, administravam a casa, no sentido de que cada membro da família tinha uma função, cabendo à dona da casa distribuir e controlar o exercício das funções, enquanto ela mesma era responsável por um sem número de atividades, como coleta do coco, quebra do mesmo, extração do azeite, aguar as plantas, etc.

Do outro lado, os carroceiros eram homens, e suas companheiras, quando as havia, ficavam encarregadas de cuidar dos "bens", se os havia.

O masculino e o feminino, a partir destes estudos, pode ser analisado em torno de três categorias:

- contemplação - atenção
- síntese - análise
- dentro - fora

As mulheres, conforme revelado pelas bilheiras, tendem a (se) contemplar, a realizar sínteses, a intercambiar o dentro e o fora, através dos arranjos espaciais de coisas. Através das bilheiras e suas "coisas", fazem um "templo", onde se comunicam com seus conteúdos internos colocados fora, ao mesmo tempo que comunicam aos outros a imagem de si próprias conforme desejariam ser vistas e adoradas. Há um intercâmbio de sinais que a localiza e nos localiza em relação a elas.

As bilheiras são centros de feminilidade: correspondem, em outras casas, a outros centros, como, por exemplo, a cristaleira com porcelanas. Elas expressam a operosidade feminina no que ela cuida, a sua dedicação, o seu carinho, a "cultivação": canecas reluzentes, toalhinhas, enfeites, cuidados - eis a dona de casa.

Porém, os conteúdos da bilheira apontam para algo além, uma utopia, uma mulher utópica, uma casa utópica, que existe em outro lugar - u-topos - lugar nenhum ou ideal - mas que ela retira do imaginário da mídia, em recortes de revistas, com artistas, mulheres, pessoas.

Os santos também fazem parte de uma utopia, de vida em outro local, outra vida.

No referente a esta vida, sempre dentro da dinâmica do sagrado, ou seja, do mítico, surge a mulher que gostaria de ser: uma amazonas, uma mulher livre, forte, bela e forte, audaz.

Esta mulher mítica, não Eva mas Lilith, é o desejo pelo qual está de luto, representado no objeto que é ela sem o ser mas que a carrega neste imaginário onde ela transcende o limite onde está, e onde é.

O feminino é esta atitude contemplativa da própria força desejada e não expressa. O expresso é o cuidado, a submissão derivada da necessidade de agradar. Os cuidados, pois,

239/240. **PROTEÇÃO MAGIA**
IDENTIDADE FEMININO



seriam derivações de uma necessidade de agradar pela qual ela expressa a sua feminilidade, enquanto coloca sua força, seu "animus", como algo utópico.

Segundo Marcello TASSARA³⁷, a ausência de Lilith no mito da mulher teria dado margem à violência ora vivida mundialmente, "uma figura ancestral e telúrica (...) simbolizando as opções da civilização ocidental na encruzilhada da passagem do milênio e atormentada por acontecimentos de extensão universal (...) que denunciam o despertar dos instintos selvagens do homem e (...) acontecimentos inspiradores de uma grande expectativa de renascimento. Tudo, em meio à forte ambigüidade que a figura de Lilith nos sugere: ela é, ao mesmo tempo, mensageira do sangue e da desgraça e portadora do facho de luz do Conhecimento". O mito transfigurado, qual seja, a perda de Lilith a favor exclusivamente de Eva, estaria, heterogenicamente, conduzindo a uma agressividade não socializada, ou seja, à violência.

Os carroceiros, por sua vez, expressam o desejo de força de modo direto e claro, sinalizando os seus modelos identificatórios: times de futebol, mulheres peladas, artistas. O centro é a ação de heróis, a quem se percebe mas não se contempla. Indicam seus gostos, opiniões, sem se preocupar em causar um efeito no outro através disto a não ser o próprio comunicado. Enquanto elas oram, eles gritam.

A masculinidade se expressa sem pejo, sem vergonha de se exteriorizar e exibir, procurando suportes que fazem parte de seu universo, mas, ao fazê-lo, expressam os mitos básicos da masculinidade: força física, poder, grupos de afiliação, sexo, memórias infantis. O imaginário masculino parece ser feito a partir dele próprio, extrojetado como um limite - esse utópico - desse ser-masculino: o herói. Enquanto no feminino, há um retorno para algo que não é o que é expresso, uma ambigüidade, no masculino, isso aparece como vontade de poder no sentido de extrapolação, um ir além.

As mulheres parecem ter um pensamento mais sintético enquanto os homens mais analítico: a bilheira é um todo a partir de onde se organizam as partes, as carrocinhas são um todo, mas sua decoração é por partes, muitas vezes como *bricolage*, com buzinas, lanternas, telefones, elementos tirados de certos contextos e re-significados em outro.

A terceira característica é a da interioridade como representação do feminino, e a da exterioridade como representação do masculino. Não apenas a forma da disposição, concêntrica nas bilheiras, ex-cêntrica nas carrocinhas, mas seus conteúdos, como relatado acima, forneceram esta dimensão como categoria.

5.4.3. Metáfora, metonímia

Neste item, tentaremos esboçar uma leitura da linguagem das imagens. A linguagem do espaço foi traçada através das temporalidades, dado o presente estudo não se propor tratar das questões proxêmicas.

No nosso estudo, a "presentificação" da linguagem deu-se de dois modos: *ingênuo* e *crítico*.

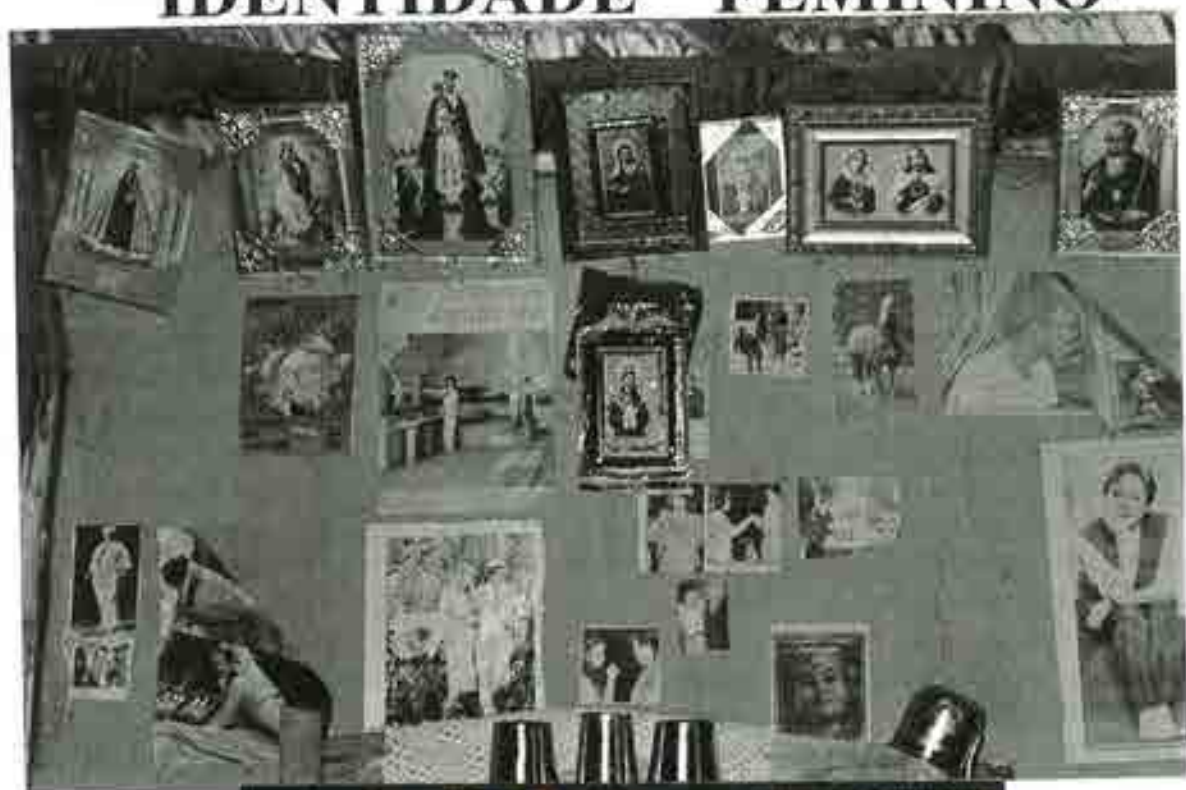
No modo *ingênuo*, os personagens são desempenhados sem que aparentemente tenham consciência disto; no modo *crítico*, há um descolamento entre a pessoa e os personagens, de modo que a pessoa se percebe como não sendo o personagem.

No Piauí, predominou claramente o *ingênuo*: havia como que uma verdade que se expressava daquele único modo. Nos *semcasa*, contudo, várias vezes houve como "ironias", meta-comunicações.

Poderíamos pensar que as manifestações no Piauí sejam metonímicas, enquanto as urbanas, tendem à metáfora.

³⁷TASSARA, M.G. *Lilith: o mito transfigurado*. São Paulo, 1995. [Projeto de Pesquisa]

241/242. **PROTEÇÃO MAGIA**
IDENTIDADE FEMININO



A imagem metonímica comunicaria o que está comunicando, enquanto a metafórica, referir-se-ia a algo que não está lá.

Segundo GRUZINSKI³⁸, na colonização da América, ocorreu um grande desentendimento pois o pensamento cristão funcionava por metáforas, enquanto o indígena latino-americano, por metonímias, ou seja, por justaposição. Para os missionários cristãos, a ideia de sujeira, por exemplo, significava o pecado, enquanto para os índios, um ato interdito não produzia o sujeira que, além disto, era coexistente com o limpo e podia por em contato com o divino. Os ídolos, destruídos ferozmente pelos espanhóis, punham os índios em contato com o divino, enquanto as imagens cristãs eram representações da divindade, não as próprias.

A metonímia aparece como um recurso de colocar universos em contato. Dentro deste contexto, as imagens de santos utilizadas no Piauí, grandes, de cores vivas, intensas, não o Cristo escuro, denso, mas a santidade como *luz*, tornam os altares do Piauí centros de êxtase de experiências diretas com o divino³⁹.

A imagem metonímica seria uma forma de fazer continuar e co-existir universos, enquanto a imagem metafórica, ao instituir dois sistemas semânticos, estabelece uma diferença ao apontar a semelhança entre o sentido próprio e o figurado. Numa haveria o encontro do personagem com a pessoa, sem um "descolamento" entre os dois, o que ocorreria na outra.

As imagens, pois, podem remeter a outros sistemas de significados ou podem remeter a uma contiguidade de universos. Esta contiguidade conservaria o seu caráter simbólico, porque mítico, fusional⁴⁰.

As imagens "metonímicas", devido ao seu conteúdo arcaico, seriam opostas à sociedade de consumo, definida como uma sociedade construída sobre o consumo de imagens.

Para CANNEVACCI⁴¹, atualmente haveria a cultura do consumo, pensada como uma cultura da comunicação visual onde a pressão social quer unir logo o símbolo à "coisa", o sinal alusivo ao ato consumado, substituindo símbolos por imagens. Neste sentido, a cultura do consumo é uma cultura dessimbolizante, sem tolerância ao luto, à perda das coisas que não estão mais ali, ao mesmo tempo que, narcisisticamente, busca refletir imagens nas quais as pessoas querem se espelhar. Segundo CALLIGARIS⁴², em contraposição aos símbolos, as imagens permitem contradições e ausência de moralidade, sendo atos de fé em uma espécie de eterno instante: "espera-se que a realidade mude por milagre e deixa-se de imaginar o futuro". A imagem anula o tempo, enquanto o símbolo o recupera.

No Piauí, o altar da modernidade aponta para uma utopia, "Brasil, país do futuro": o mito, que se refere à origem, "viaja" para o futuro, lugar da utopia.

Nos *semcasa*, há um duplo movimento, metonímico e metafórico. Semelhantemente a "instalações" encontradas em manifestações artísticas de vanguarda, em que, segundo JABOR⁴³, "como um espelho invertido, o mundo é modificado com elementos tirados dele mesmo, numa subversão de objetos desterritorializados"; mas diferentemente do *artista*, que "busca uma metáfora mais imediata, sem a contemplação lenta da poesia, (...) desesperado por ver que o futuro não chega nunca, (...) quisesse construir o real ali, sem a intervenção do simbólico": o *semcasa* subverte a ordem do mundo ocupando o lugar da passagem, modificando o mundo com elementos tirados dele mesmo, com objetos desterritorializados que se tornam territorializados e que, através de uma transformação sintática, sofrem uma

³⁸ Comunicação em aula, Paris, 1995.

³⁹ Esta leitura acha-se apoiada no fato de que os índios utilizaram-se dos altares cristãos para continuar desenvolvendo a sua forma de adoração dos deuses, como ocorreu também nos cultos afro-brasileiros.

⁴⁰ De modo assemelhado ao pensamento icônico, analógico, por similaridade, paramórfico, sincrônico, paradigmático.

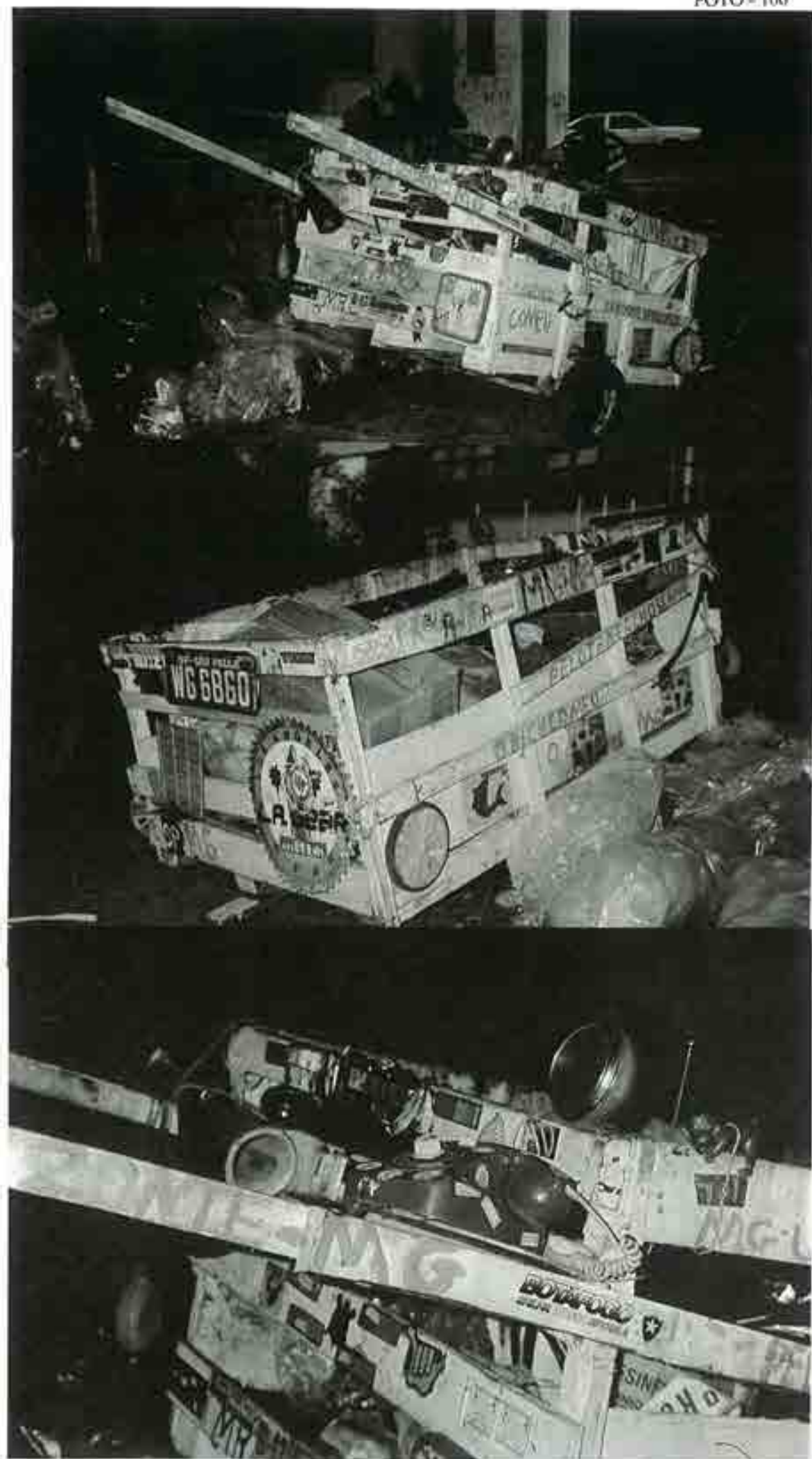
⁴¹ CANNEVACCI, M. *Antropologia da comunicação social*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

⁴² CALLIGARIS, C. Imagens a bordo de um taxi. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 out. 1994, p.6-8.

⁴³ JABOR, A. Na Bienal, todos se tornam instalações. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 out. 1994, p.5-6.

243
244
245

M A S C U L I N O



246
247
248

M
A
S
C
U
L
I
N
O



transformação de significado e retomam a sua função simbólica. No contrafluxo da sociedade intimista, ele se torna um cidadão vivendo sua arte.

Metaforicamente, ele reflete a cidade, "assimilando os fragmentos imagéticos da cidade, habitando a cidade"⁴⁴, mas, metonimicamente, realiza a transformação sintática, justapondo o seu passado histórico, ou meta-histórico: o inconsciente coletivo "antropofágico".

Desde o capítulo "casa como símbolo", estamos apontando estas duas acepções de símbolo: representando ou unindo, estando no lugar ou sendo. A origem da palavra símbolo refere-se a algo que esteve unido, foi dividido e que se junta, duas partes que se juntam. É esta ideia que está implicada na metonímia e no tópico que se segue.

5.5. I - MAGI - N - AÇÃO

Estamos considerando a magia parte integrante do psiquismo humano.

Este tema insinuou-se neste trabalho através de duas vertentes: de um lado, o seu desdobramento para uma reflexão a respeito da brasilidade; de outro, o seu objetivo: o estudo das "coisas".

Esse estudo das "coisas" deu-se, principalmente, através de imagens. No centro da palavra *imagem* está a magia. A imaginação projeta a imagem em um suporte material e, ao fazê-lo, imagem e imaginado tornam-se um contínuo. Existe, implícita na imagem, a magia. A magia seria a fusão imagem/imaginado em que o sujeito está inerente ao objeto⁴⁵. A magia, conforme considerada aqui, seria a capacidade simbólica quando vista apenas afetivamente, mimeticamente. Seria o sonho ou o delírio de alguém que sonha ou delira com os outros, no mundo.

Os objetos transicionais seriam objetos mágicos, que realizam magicamente desejos decorrentes de imagens "corporais".

A base dessa magia é a materialidade vivenciada na corporiedade. O corpo subjetivo se constitui através de uma área intermediária de experimentação onde o fora e o dentro coincidem. Esta coincidência, seja ela chamada sincronicidade, superstição, pensamento mágico-onipotente, ilusão, é a magia. A magia seria aquele momento de coincidência entre o

⁴⁴ Yara VICENTINI, comunicação no Exame de Qualificação, 1995.

⁴⁵ A magia parece estar associada a uma experiência pré-linguística do mundo onde haveria fusão da intencionalidade no mundo. Segundo McINTOSH (Language, self and lifeworld in Habermas' theory of communicative action. *Theory and Society*, v.23, n.1, 1994), os modos principais de experiência (do bebê) - percepção, cognição, afeto e conação - estão fundidos em uma unidade global onde a intencionalidade é inerente ao objeto: o sujeito está inerente ao objeto. Os desejos e motivos que impelem ao ato são inicialmente experienciados como fundidos com o próprio ato, e não como algo interior ou exterior ao ato. O "mim" (fase do espelho, primeira metade do segundo ano de vida), onde há uma articulação verbal, conserva da fase anterior esta característica de fusão. Apenas com a aquisição da linguagem, apareceria a consciência reflexiva. Anteriormente, haveria apenas intencionalidade fundida nos objetos e é a linguagem que permite que esta fusão seja diferenciada em um domínio subjetivo da consciência e um domínio objetivo da "natureza".

Para G. MAZZOLENI (Mítico, mágico e ocidente. In: *O Planeta cultural: para uma antropologia histórica*. São Paulo, EDUSP, 1994. p.207-24), a experiência mítica se aproxima da mágica em que nela o sujeito está integrado com a realidade, sendo neste espaço mítico onde o mágico se manifesta. Este envolvimento se dá pela não-cisão do real, sendo este o *locus* do mágico e da comunicação mágica. Todo ato de recuperação estética estaria nesta categoria de não-cisão mágica. Esta forma de conhecer tradicional se opunha à História, mas a historização não excluiu esse desejo de aspiração ao "maravilhoso e de integração ao mundo", tornando-se o que ele denomina "mitopoesia", o mito historicizado. A cultura ocidental separou esta integração devido a que a categoria da razão implica em um destacamento do real, que se fez, expansivamente, através da abstração.



MASCULINO

249/ 250/ 251

SR. MEIRELLES

querer e o poder, transmutado em materialidade. A matéria desta materialidade pode ser sutil, como imagens, mas ela pertence a algo que não sou eu, mesmo estando em mim. É a corporiedade subjetivada através de sua construção material.

O oposto à materialidade é a morte, ou a entropia, a não-matéria. O estudo das casas dos mortos fez aparecer exatamente este ponto: a identidade morre com a pessoa, o que fica, é um vazio (ou a identidade social), recobertos por símbolos que, quanto mais metafóricos, como anjos, mais acentuam este vazio. Os cemitérios, como espaços privilegiados para o estudo dos símbolos como tal, indicaram a materialidade como o que revela a concepção de morte, e não o ornamental, que se associa à vida. Ao procurar o objeto transicional neste espaço limítrofe que é o túmulo, entre a vida e a morte, encontrou-se a matéria. Onde, a matéria pode ser pensada ser o primeiro objeto transicional, carregando os significados básicos através da constituição da corporiedade, que é a materialidade subjetiva.

O símbolo tenta recuperar o momento de junção entre a imagem e a matéria. Os sentidos tácteis, cinestésicos, proprioceptivos, interoceptivos estariam no centro desta experiência "mágica": a corporificação.

O ornamental está sendo visto como uma externalização dessa magia, em que, naquilo que se configurou como identificação a partir da abstração como território, a imagem passou a ser veículo de uma comunicação de proteção mágica. Com isso, a própria identidade pode ser entendida como uma proteção mágica.

A magia é um modo de reverter o processo da externalização, recuperando a união original para relançá-la na forma de nova imagem.

Tanto a imagem quanto a imaginação parecem processos i-materiais, mas, conforme antevisto nos túmulos, a sua materialidade é a sua mensagem. Isto, a nosso ver, deve-se a uma corporiedade inicial das imagens, de modo que, por mais abstratas que sejam, carregam sempre consigo um trânsito entre substâncias semelhantes⁴⁶.

⁴⁶ Décio PIGNATARI (*Por um pensamento icônico: semiótica da arte e do ambiente urbano*. São Paulo, 1979. 177p. Tese de Livre-Docência - FAU-USP) atribui uma origem concreta ao pensamento presa, em certo sentido, à materialidade. Décio sugere que o pensamento icônico funciona por similaridade, como a metáfora, mas difere desta por se basear no trocadilho (paronomásia). Através do trocadilho, o fora passa a estar dentro, "os traços externos são trazidos para o interior dos próprios signos, que assim buscam imitá-los concretamente" (p.71), donde sugere o termo mais genérico de *paramorfismo* - o trocadilho não-verbal - como o que comanda a signagem de todo o universo icônico, estando ainda na origem deste processo. Como o signo é sempre parte do objeto designado (metonímio, por contigüidade), para aumentar a sua significância, a metonímia se transforma em metáfora, que não é senão uma metonímia comparada extra-significamente. Através dessa oposição, o sistema verbal foi se tornando genérico e abstrato, tomando-se, juntamente com o numérico-matemático, a linguagem do mundo lógico, que busca o universal através do metonímico (p.82). O trocadilho é o ícone palpável e sensível das coisas que começam e do seu começar pois mostra o primeiro evento da espontaneidade, diminuindo a entropia por aumentar a ordem e a diferenciação de formas e funções. Estes primeiros "sentimentos" que começam a se formar no caos são sentimentos paramórficos: são eventos icônicos organizando-se por similaridade (p.99). Enquanto o pensamento analógico, icônico, por similaridade, tende à sincronia, o pensamento lógico/ verbal/ matemático, por contigüidade, instaura a diacronia. O pensamento analógico instaura o tempo, mal saído do não-tempo; o lógico planeja e projeta o futuro (p.113). Haveria um mesmo princípio, mágico, da arte naturalista, vitalista, e da geométrica. "A estrutura primeira, fundamental e fundante da organização da percepção é a relação dialética fundo/figura. Racional e sensivelmente, ela se dá na tecelagem, onde as fibras, retângulos prolongados (e linhas, ao mesmo tempo), se paradigmaticizam, no jogo xadrês textil, no perfeito e absoluto paramorfismo (trocadilho) dos quadrados" (p.105), donde a imagem desliza para o molde mental" (p.93). Neste sentido, não haveria uma evolução de um para outro, um não seria menos evoluído do que outro, assim como haveria uma precedência da similaridade, do ícone (paradigma) sobre a contigüidade, o simbólico-verbal (sintagma). A possibilidade de criação estaria na espontaneidade do ícone.



252.

**CANSEI DE ME PREOCUPAR COM
O MUNDO.....**

**AGORA O MUNDO QUE SE PREOCUPE
COMIGO!**

Estas reflexões lançam-nos no seio do pensamento animico dos africanos, onde essências platônicas materializam-se formando identidades irmãs, independentemente da forma concreta que assumam: é a entidade, materializada, de modo que, através daquela matéria que tem aquela vibração, pode-se contatar, entrar em sintonia com outras encarnações. O sagrado está em toda parte, tudo é sagrado. O totem é o modo de capturar o momento e participar do/no todo.

A imagem metonímica pode ser um totem, *fincado*. Em torno dela, rituais podem ser realizados: limpeza, arrumação, contemplação, oração. Este totem, por sua vez, tem algo a ver com a natureza daquilo que ele representa, ele liga com aquilo que ele representa: este é o significado de símbolo na concepção de que a magia é a união dentro-fora, que preexistiu na história da humanidade como fundante dela, que esteve na origem do ornamental e que, devido à mestiçagem, continua existindo no sujeito psíquico brasileiro.

5.6. A LÓGICA ANTROPOFÁGICA

Este trabalho foi propondo questões e soluções para assuntos que, a princípio, nunca imaginávamos pertinentes ao tema. O principal deles, a antropofagia, como hipótese para o funcionamento psíquico brasileiro. E muito menos, através da hipótese de Oswald do retorno do tabu ao totem, explicar o funcionamento lógico, ou parte dele, dos brasileiros.

A mestiçagem surgiu como hipótese explicativa a partir dos modos de morar que não eram nem um nem outro tipo de morar, coexistindo dinâmicas diversas. Os *semcasa*, por sua vez, tinham e não tinham casas, assim a virtualidade pareceu se impor sobre a realidade. O corpo começou a surgir como o centro de referência e de construção e manutenção da memória, e não as coisas. Foi sendo percebido que a ambigüidade era o quadro de referência fundamental, conforme indicados no "jeitinho" e no "mais ou menos"⁴⁷: se o jeitinho era uma maneira de resolver os problemas práticos a partir da percepção de que havia várias realidades e poderes concomitantes, e tratava-se de acioná-los na medida dos recursos possíveis, o mais ou menos era uma medida exata da inexatidão de como ocorrem as decisões. Deste modo, foi sendo construído um quadro de funcionamento lógico baseado em várias "lógicas", isto é, vários sistemas de significações simultâneos.

5.6.1. O BARROCO, O HÍBRIDO, O SINCRÉTICO: O AMBÍGUO COMO O REAL

A mestiçagem como cultura híbrida implica em uma ambigüidade necessária que se manifesta em todas as expressões desta cultura: no manejo do tempo, do espaço, da lógica, das relações, das leis, das normas.

Essa ambigüidade⁴⁸ torna o "mais ou menos" uma medida exata porque ela qualifica

⁴⁷ Roberto DaMatta expandiu esta noção para o conceito de democracia: "Pelo contrário, penso que haja mais espaço para que estes sistemas híbridos e brasilizados sejam autenticamente mais democráticos do que estas estruturas rigidamente definidas, nas quais tudo se faz com base no sim ou não. Afinal, entre o pobre negro que mora na periferia e o branco rico que mora na cobertura, há muito conflito, mas há também o carnaval, a comida, a música popular, o futebol e a família. Quero crer que o futuro será mais dessas sociedades relacionais do que dos sistemas fundados no conflito e em linhas étnicas, culturais e sociais rígidas. De qualquer modo, é interessante enfatizar a presença de um "estilo brasileiro de vida" (DaMatta, R. Pais vive uma crise de auto-estima. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 de jul. 1995. p.1-26). [grifo nosso]

⁴⁸ Cynthia Anderson SARTI finaliza seu livro "A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres" (Campinas, Autores Associados, 1996. p.114) dizendo: "os valores tradicionais persistem (na sociedade brasileira) não porque 'ainda não chegamos lá', mas porque eles têm um sentido estrutural na formação histórica de uma sociedade onde a esfera pública não atua de modo a substituir o padrão de relações personalizadas. (...) Não como dualismo, mas como (...) uma ambígua forma de ser".

253.

FEMMININO

254.

MASCULINO

(foto: RC)



a indeterminação implícita a todo o sistema, de modo que qualquer decisão tomada em um ponto, terá uma repercussão contrária e oposta no outro. Esta vivência cotidiana das várias maneiras possíveis de fazer uma mesma coisa, assim como a própria identidade sendo formada de vários modelos possíveis e ao mesmo tempo por nenhum deles, coloca a inventividade brasileira como um uso sistemático da teoria das probabilidades aplicada à prática cotidiana.

Do ponto de vista das moradias, isto foi visto pelo uso multifuncional dos espaços e pelo sistema de sociedade relacional, onde as posições, abstratas, na linhagem e parentesco, desenham o lugar da pessoa no mundo, ao mesmo tempo que este lugar muda, à medida que mudam os lugares dos outros.

Tudo é muito plástico, fluido, donde uma tendência ao imediatismo, inclusive porque o futuro não é algo que se planeja, mas aonde se chega.

Para GOUBERT⁴⁹, haveria um tempo "arredondado", oriundo de uma vivência cíclica do tempo. Este tempo não falaria de uma exatidão científica, iria além da medida justa. Este tempo não falaria da quantidade de tempo, mas do seu entorno. É o tempo barroco das culturas híbridas, mestiças.

Portanto, o mais ou menos é também uma medida temporal: 12.13h, no Brasil, não faz sentido: é uma exatidão sem sentido porque o tempo ainda é vivenciado a partir de outras temporalidades que a mecânica. Implícito nisto está "a ordem" se há várias ordens, pode parecer uma desordem, mas significa, em verdade, uma compreensão muito mais próxima ao que é, do que uma única ordem. Decorrendo da origem mestiça, independente de um brasileiro ser ou não mestiço, ele vive numa ordem mestiça, numa lei mestiça, num mais ou menos mestiço.

Esta medida contrapõe-se a uma das consequências da racionalidade cartesiana, que é a colocação de termos exatos e verbais, que podem ser vistos como cortes com relação ao "real", uma imposição da ordem sobre a desordem. Deste modo, o mais ou menos pode ser entendido como uma medida muito precisa porque precisa a imprecisão, contendo um grau de indeterminação que as medidas exatas excluem: inclui uma continuidade entre o sim e o não, que é o aspecto barroco, e pressupõe processos em contínua transformação.

O que pode ser dito ser uma in-capacidade de obedecer regras, sinais de trânsito, leis que pegam ou não pegam, horários nunca cumpridos, dados como exemplos de selvageria e processo civilizatório incompleto, são, concomitantemente, indícios de um pensamento que se baseia na experiência, no cotidiano, na sua verdade, no que vive e sente. Crenças em santos, ervas, ou outras, são não apenas focos de resistência na vida cotidiana, mas um modo de se identificar através desta história em que mais foram formados, os brancos europeus, do que formaram, embora mantendo o poder econômico.

Quando o cidadão está matutando sobre alguma grande e evidente "verdade" que estamos lhe outorgando, assim como a Princesa Isabel libertou os escravos abolindo a escravidão, ele está triturando a nossa verdade, quietamente, não nos enfrentando, mas mantendo "em suspenso" os pontos de vista, inclusive o seu. Isto é a antropofagia: o mais ou menos como medida do certo, do justo, da obrigação, do dever, do horário; o mais ou menos significando as elipses e não os círculos, os vários sóis e não um único sol, hegemônico. Isto é a resistência: uma resistência que tira do centro tudo que lá se põe, deixando-o vazio para ser ocupado sempre por outra coisa, de modo que a antropofagia, na prática, é esta contínua transformação de formas e conteúdos, em que a única constante é a transformação.

5.6.2. A lógica antropofágica: do tabu para o totem

A hipótese sobre a qual estamos trabalhando é que, no Brasil, não haveria uma necessidade de substituição de uma semântica por outra, devido à presença simultânea de

⁴⁹ Comunicação em aula, Paris, 1995.

255/256/257 **INDUSTRIALIZAÇÃO** (fotos.RC)

várias "verdades". Haveria uma "incorporação" de uma semântica em outra - o que caracterizaria a mestiçagem, o sincretismo, a antropofagia. Não haveria necessidade da ruptura⁵⁰

O que, no Brasil, aparece como fundamento da mestiçagem - formada, além disto, por culturas que, tradicionalmente, não separam forma de conteúdo, não separam os sistemas lógicos dos sistemas de significação - permitiria uma "assimilação" afetiva, que se reflete na relação entre a semântica e a lógica. A mestiçagem ocorreria *no lugar de*: substituiria o corte de conteúdos simbólicos que, ocorrendo, poderia levar à sublimação, ou outros mecanismos de defesa, objetivando possibilitar a permanência do sujeito em sua ortodoxia.

A flexibilização, o herói sem nenhum caráter, seriam saídas heterodoxas, sincréticas, mestiças, híbridas, multiculturais, uma vez que o sistema de significações sempre pode "incorporar" novos significados sem "arrebentar", apenas se transformando. Seria uma cultura "hermética": através da incorporação, a semântica varia continuamente.

Retomando Oswald, no Manifesto Antropofágico:

*"A transfiguração do Tabu em totem. (...) Absorção do inimigo sacro.
Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade.
Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal,
que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados
por Freud, males catequistas.
O que se dá não é a sublimação do instinto sexual.
É a escala termométrica do instinto antropofágico.
De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade.
Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência.
Desvia-se e transfere-se".*

A ambigüidade quanto ao pertencimento permitiria sustentar, em nível cognitivo, a ambigüidade de significados, e assimilar, como defesa contra o "invasor". O sincretismo seria uma situação afetiva em que não há repressão, corte, mas incorporação: este é o antropófago. Além disto, como Oswald sugere, Pindorama é um matriarcado: ao lado do *Falo como Lei*, como *Corte do Pai*, há "*Guaraci, mãe dos viventes, Jaci, mãe dos vegetais*" - haveria um mundo anterior a esta ruptura natureza-cultura, em que "a palavra mata a coisa" e em que, no início do mundo, estava o Logos, características de culturas patriarcais, enquanto nas matriarcais estariam as sincronicidades, as afinidades, as simpatias, as sintonias, a magia: a cultivação.

⁵⁰ Michel THEVOZ (*L'art brut*. Genève, Skira, 1981), já citado, menciona mecanismo semelhante atribuindo-o aos artistas brutos. "Os artistas ocidentais tentam dominar seus meios de execução para obter uma linguagem transparente e unívoca. Mas o princípio desta racionalidade se funda justamente na exclusão de todas as virtualidades de sentidos que não saísem da significação intencional. A condição e a contrapartida desta clareza de intenção é a repressão de toda ambivalência simbólica. Certamente, será possível ao psicanalista (...): mas isto será a título de sintoma, isto é, de rejeição ao reprimido. Ao contrário, o artista 'primitivo' e o autor de 'arte bruta' não temem se deixar transbordar pelas significações não concertadas. Procuram mesmo a maior abertura simbólica, sem se colocar pessoalmente como signatários responsáveis de suas obras, sem pretender ter nenhuma soberania a este respeito" (p. 71). [grifo nosso]

258

BRASILIDADE



NA
RUA

Conclusão

Este trabalho iniciou-se de uma pergunta: *como analisar as moradias?* e, a partir dela, circunscreveu o objeto do estudo como "as coisas dispostas em um arranjo espacial denominado moradia". Houve, pois, de início, um deslocamento da pergunta, usualmente feita em psicologia, sobre os moradores, para o modo de morar. O centro do estudo foi a relação dentro/fora analisada a partir da produção do espaço conforme vista em determinados tipos de coisas, consideradas como produtos psíquicos.

Uma vez delineada a temática, o método foi sendo construído a partir dela: o tema foi o construtor da história deste trabalho. Tanto o trabalho construiu sua história, quanto ao fazer este trabalho, por fazê-lo e tendo-o feito, o trabalho nos construiu. Este caminhar recíproco faz com que o momento de conclusão seja apenas *um* momento, onde, como uma singularidade heterogênea, percebemo-nos parte de uma rede de significantes onde outras singularidades são possuidoras de outros pontos de vista.

O deslocamento do estudo do indivíduo produtor para o meio produzido originou-se da ausência de meios de análise para estudar a casa onde moravam as crianças. No seu bojo, este deslocamento acabou esclarecendo o motivo desta ausência: a não consideração, pela psicologia, do objeto.

Essa desconsideração encaminhou-se por revelar o que se tornou o centro deste trabalho: a crítica ao centralismo psicológico visto como etnocentrismo. Esta crítica se estruturou em função de que a não consideração da pipa como cachimbo, e não apenas como símbolo fálico, ocasionou um discurso em que o individualismo surgiu como a única subjetividade, e o logocentrismo como a única verdade.

O trabalho assumiu uma opção divergente, e não convergente, em uma tentativa de abrir-se ao meio, dado a casa, e o cotidiano nela vivido, ser um "atrator" que fez convergir várias disciplinas em uma intrínseca e indissolúvel transdisciplinaridade. Uma errância disciplinar iniciou-se, aportando na psicologia sócio-ambiental, na psicologia intercultural, na antropologia, na etnografia, etc., em uma tentativa de posicionamento ante a temática do espaço habitado.

A habitação pode ser dita ser a transformação do espaço em *lugar*, um centro identitário, relacional e histórico, oriundo da apropriação como produção de sentido, tanto para quem o habita quanto de inteligibilidade para quem o observa.

Do ponto de vista da psicologia individual, a perda da onipotência, gerando angústia de morte, possibilitaria a criação de um espaço intermediário, de transição dentro/fora, onde dentro/fora coincidem e onde passam a transitar objetos do "mundo" com características de objetos internos.

A possibilidade desta coincidência decorre de uma sincronia "mãe"-criança, permitindo que o que está fora se presentifique como dentro: o ser é si-mesmo no seu encontro com o outro. Este primeiro deslocamento na franja do "real" dá-se já neste encontro com o outro. Este outro, preferencialmente outra pessoa, é outra pessoa e sua circunstância, ou só a circunstância sem a pessoa.

A possibilidade desta coincidência instaura o mundo do possível e, neste mundo, o mundo do imaginário e das imagens como transições entre universos.

O ornamental, definido como a operacionalização que antecede à ornamentação e aos ornamentos, pode ser visto como decorrendo desta abertura óptica do ser-humano, na brecha antropológica que emergiu da vivência da morte e que instaurou a duração da vida.

Essa duração está inscrita na matéria. O tempo - os vários tempos - inscreve-se na matéria da casa vista como cotidianidade, vivência do pequeno, da resistência à mundialização, à globalização, à colonização.

O recorte deste estudo lançou-nos para uma temática de resistência e de temporalidade. O tempo emergiu como categoria empírica, como o que organiza o espaço.

Por um lado, a temática do tempo aproximou-nos do fazer poético - o modo de viver o tempo *a-temporalmente* e deste modo fazer-se homem - expresso no ornamental como categoria antropológica de antropomorfização do homem. Como culturalidade da cultura, possibilita um renovado encontro do *si próprio* em um universal do homem.

A poesia surgiu, portanto, como uma metáfora do existir humano conforme ele se manifesta no habitar.

Por outro lado, a organização da moradia remeteu-nos ao corpo não metafórico, e sim à construção sócio-material do corpo, através da racionalidade que se manifesta nas práticas sócio-educativas e na organização do espaço. O tempo organiza o espaço inscrevendo-se na matéria segundo certas racionalidades que perduram na cotidianidade, embora "desapareçam" em outras formas de manifestação.

A percepção de que, no Brasil, as condições de moradia da maior parte da população não são as de uma sociedade moderna, segmentada e especializada, predominando, ao contrário, uma organização holística e relacional, trouxe o "fora" para "dentro", gerando a leitura crítica da posição hegemônica e etnocêntrica do conhecimento científico ocidental. Não se tratava de um "processo civilizatório" incompleto, característico de estados carenciais de países em (sub) desenvolvimento, de que "ainda chegamos lá", mas de condições próprias a um "estilo de vida brasileiro", desenvolvidas a partir de uma formação sócio-histórica-psíquica identitária.

Especificamente, tratava-se de compreender que o pensamento lógico-matemático e a subjetividade autônoma seriam característicos de uma cultura que denominamos "cultura da coisa", em contraposição à "cultura do corpo". Na cultura da coisa, a intersubjetividade se assenta sobre a transição objetual; na cultura do corpo, sobre as transações pessoais.

Deste modo, a racionalidade que instituiu o pensamento ocidental a partir da separação entre o bem e o bom, e posteriormente entre sujeito e objeto, possibilitando a emergência de um sistema lógico funcionando separado de um sistema de significação, e que acabou por se impor através do desenvolvimento tecnológico, não é a única nem necessariamente a melhor, considerando-se a qualidade de vida humana como produção de sentido.

Esta passagem fez-nos encarar frontalmente os preconceitos quanto à cultura popular, gosto popular, criação popular (e não folclore). A resistência, nestas formas de expressão, pode ser vista como um aumento de complexificação, ao mesmo tempo que a utilização de recursos, como o de *bricolage*, como um outro modo de se relacionar com e organizar o material.

Essa passagem expandiu a noção de sujeito para a de sujeito brasileiro e de brasilidade como uma condição de quem habita o território "Brasil".

A constituição de um "sujeito brasileiro", contracenando e coexistindo com vários outros tipos de "sujeitos", colocou-se no centro do trabalho. Os tempos históricos possibilitaram ver a meta-história - a história do *ser-humano* - como o inconsciente. O conceito de mediância contempla essa questão pois o momento estrutural e estruturante do *ser-humano* é este movimento da meta-história em direção ao aqui-agora espacializado que possibilita este movimento através de uma concretude que, captada, é a poesia.

O trabalho, à medida que se abriu para a temporalidade como organizadora do espaço trouxe, no seu bojo, a mediância como momento - movimento *de* e *para* - fazendo coincidir "fenotipicamente" o inconsciente e a meta-história: as manifestações do inconsciente ocorreriam segundo as várias temporalidades - longa, social, individual, e segundo o tempo *a-temporal* que é a própria meta-história. Esta seria a capacidade simbólica de transformar o mundo segundo os

desejos, não apenas em "imagens especulares", nas quais o ser estaria eternamente retido, mas como resultado de um processo que ao transformar, é transformado.

A mediância é o conceito que une dentro/fora de modo que dentro é estar-fora (*ex-istere*), ser-humano; fazer-humano. O ornamental é uma das manifestações deste ser-humano, caracterizado pelo instante poético que une o singular ao histórico, transcendendo a ambos.

O ser-tempo é o tempo das historicidades que se inscreve na matéria, sendo o corpo também uma matéria.

Esse encontro do ser consigo próprio já é um encontro com o outro pois a matéria que forma o próprio corpo é a matéria transformada eco-sócio-historicamente. O psiquismo existiria na alteridade, e a psicologia social, definida como o estudo da alteridade, teria de conter o estudo das manifestações do ser-humano, a denominada "cultura material", como um produto psíquico, à semelhança dos comportamentos, decorrente da(s) trajetória(s) dos encontros entre seres singulares que encontram sentido(s) e se significam a partir destes encontros.

Esse deslocamento gerou, pois, um descolamento da noção de objeto, e conseqüentemente de alteridade e de subjetividade, ocasionando a mudança do título da tese de "espelhos transicionais" para a de "vitrinespelhos transicionais". Enquanto a imagem do "espelho" é necessariamente auto-referida, a de "vitrine", vista como um espelho transparente, um "aquário humano", abre-se para o exterior em uma dialética dentro-fora; público-privado; olhar para dentro-olhar para fora; imaginação-imagem; conhecimento-imagem. A retroação do espelho seria, concomitantemente, uma vitrine, que mostra de um lado e reflete do outro, que não devolve o sujeito ao sujeito mas o sujeito incorporado em uma materialidade transformada e transformadora.

Esta abordagem apontou para uma terceira possibilidade, além dos sistemas semânticos e lógicos, sem os negar, complementando-os: seria o símbolo como algo que substitui concretamente uma ausência, "aquilo que não está lá", de modo analógico e com valor mágico. Corresponderia à iconicidade analógica, algo que está preso à matéria e que não pode ser dela subtraído, algo imanente e não transcendente, algo que perdura enquanto dura, e "guarda" o tempo.

No pensamento icônico haveria, pois, a união entre o desejo, como aquilo que tornou o homem historicizável no movimento de transformar o mundo e auto-transformar-se concomitantemente, e a matéria, definida como o conteúdo sem o significado, onde ocorre o sentido. O pensamento icônico não representa, ele apresenta; é o pensamento simbólico oriundo do afeto, da simpatia, da mimesis, da imitação emocional, da semelhança, sendo a base da magia.

Esse tipo de pensamento estaria presente especificamente na "casa dos mortos", dada a coincidência entre o ausente e o presente, a fusão entre o signo, o significado e o significante.

Esse estado fusional seria a característica do ornamental, ocasionando o aspecto mágico-mítico a ele relacionado: pois, enquanto a categoria da razão implica em um destacamento do real e se faz expansivamente através da abstração, o envolvimento mítico dá-se pela não-cisão do real, onde ocorre a comunicação empática e onde se dá a recepção estética. No ornamental, cristaliza-se esta aspiração ao maravilhoso e o transbordamento do tempo no instante.

Os túmulos expressam o pensamento mítico nesta fusão conteúdo/contínente, sendo "objetos mitológicos" onde a materialidade pode ser vista como "o que não está lá": o duplo, como a origem do psiquismo humano, sendo a saudade o "sentimento brasileiro", sincrético, ligado ao passado e à "casa", ante a ausência/falta.

Estes conjuntos de considerações e a análise descritiva e interpretativa dos estudos de casos levaram-nos a propor a existência de duas culturas - do corpo e da coisa - reconhecendo na brasilidade ambas, mas com uma tendência à cultura do corpo apresentar-se como uma forma de resistência, subterrânea e permanente, à hegemonia da racionalidade da cultura da coisa, através da qual teria se dado a "conquista" ocidental.

Essa forma de resistência remeteu-nos à antropofagia como metáfora e ao texto de Oswald de Andrade, *Manifesto Antropófago*, como uma leitura válida da construção histórica da subjetividade brasileira.

O reconhecimento de que, por ocuparmos o território "Brasil", todos participamos de algo em comum, aponta para a importância da história e geografia na constituição da subjetividade.

O mecanismo proposto para a brasilidade é que a história de miscigenação, não apenas racial mas principalmente cultural, ocasionou uma descentração original - um vazio identitário - de modo que novas semânticas são incorporadas continuamente como ato de cultura. Nesta incorporação, não haveria nem exclusão nem mistura, mas abertura para novos signos, que são re-significados e relançados.

Essa re-significação seria uma forma de resistência pela incorporação do resistir à própria identidade que, deste modo, não é destruída pela transformação. Seria uma abertura tanto aos símbolos quanto às pessoas, e seria uma unidade, configurando uma *instituição política tradicional*.

A isto denominamos liminaridade, emprestando este conceito da antropologia. A síntese das análises descritiva e interpretativa dos estudos de caso apontou para uma transformação ininterrupta de símbolos. O trabalho, englobando as hipóteses psicológica, sociológica, antropológica e histórica, contidas no título, concluiu que a liminaridade é uma condição do ser histórico no Brasil, dada a construção da subjetividade e da sociedade neste território.

O estudo propiciou esta conclusão porque, apontada para alguns segmentos, evidenciou-se ser uma característica do sujeito sociocultural brasileiro. A liminaridade é esta condição de subjetividade em que o estado habitual é sua modificação, incorporando o "outro" sem entrar em contradição, de modo a conservar o passado.

E' neste sentido que a liminaridade tem uma analogia com o Movimento Antropofágico, onde a resistência é uma trituração, uma abertura sem resistência a conteúdos que são re-significados e extrovertidos, e que foram vistos na expressão do ornamental.

Estamos propondo, pois, uma hipótese universal, para todos os seres humanos, envolvendo o ornamental, e uma hipótese específica, a brasilidade, como uma condição da cultura brasileira baseada nem no sujeito nem no objeto, mas na relação simbólica entre ambos; a nosso ver, o objeto precipuo da psicologia social.

Concluimos este trabalho com uma compreensão aprofundada de seu caráter exploratório e inicial, e não, final. Concomitantemente, a transdisciplinaridade aparece tanto como um problema, quanto como uma solução. Contudo, e principalmente, o encontro com pessoas que, ao invés de fazer da história uma marcha fúnebre, fazem do mundo um lugar de encanto, como pode ser visto nas fotos, faz-nos concluir com a citação-prece: "Em tuas mãos entrego o meu destino".

259. A GLOBALIZAÇÃO



Referências bibliográficas

- ALAMBERT, F. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. 2.ed. São Paulo, Sipione, 1994.
- ALHO, G. *Três casas indígenas: pesquisa arquitetônica sobre as casas em três grupos: Tukanô, Tapirapé e Ramkokamekra*. São Carlos, 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Arquitetura e Planejamento da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- ALMEIDA, A.M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987.
- ALTMAN, I.; CHEMERS, M.M. *Culture and environment*. Monterey, Brooks/Cole, 1984.
- AMPHOUX, P. Configurations domestiques et reconquête de soi. Pour une prospective connotative de l'habitat. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989. p.178-92.
- AMPHOUX, P. La valse des ambiances. *Recherches Architecturales*, n.42, p.83-8, 1993. (SEGAUD, M., dir. Evolution des modes de vie et architectures du logement. Paris, Ministère du Logement)
- AMPHOUX, P.; MONDADA, L. Le chez-soi dans tous les sens. *Architecture & Comportement/Architecture & Behavior*, v.5, n.2, p.135-50, 1989.
- ANDERSON, N. *Le hobo: sociologie du sans-abri*. Paris, Nathan, 1993.
- ANDRADE, O. *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica*. São Paulo, Globo / Secretaria do Estado da Cultura, 1990.
- ARIÈS, P. Cinco variações sobre quatro temas. In: *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. v.2: p.657-70. (Conclusão)
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- ARIÈS, P. Jacentes, orantes e aimas. In: *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981. v.1. p.217-313.
- ATLAN, H. Consciência e desejos em sistemas auto-organizadores. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix / EDUSP, 1978. v.2: p.176-91.
- AUGÉ, M. *Le Dieu objet*. Paris, Flammarion, 1988.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papius, 1994.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. In: *Bachelard*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p.181-354. (Série Os Pensadores)
- BASTIDE, R. *Arte e sociedade*. 3.ed. São Paulo, Nacional, 1979.
- BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo, Perspectiva, 1989. (Coleção Debates)
- BELL, S.M., AINSWORTH, M.D.S. Infant's crying and mother responsiveness. *Child Development*, v.43, p.1171-90, 1972.
- BENSA, A. *La force des choses: le corps-objet*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, fev. 1995. (Séminaire en anthropologie sociale, ethnographie et ethnologie: logiques du politique)
- BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. São Paulo, Escuta, 1988.
- BERNARD, Y. *La France au logis: étude sociologique des pratiques domestiques*. Liège, Mardaga, 1992.
- BERNARD, Y. Les sciences sociales et le sentiment d'insécurité. In: BERNARD, Y.; SEGAUD, M., eds. *La ville inquiète: habitat et sentiment d'insécurité*. La Garenne-Colombes, Eds. de l'Espace Européen, 1991.
- BERNARD, Y. *Typologie dramaturgique des modes d'accès à l'habité collectif*. Paris, 1989. [micrografado]
- BERNARD, Y.; JAMBU, M. Espace habité et modèles culturels. *Ethnologie Française*, v.8, n.1, p.7-20, 1978.
- BERNARD, Y.; LEVY-LEBOYER, C. La psychologie de l'environnement en France. *Psychologie Française*, v.32, n.1/2, p.5-16, Juin 1982.
- BERQUE, A. *Paysage et éthique de l'environnement*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, dez./jan./fev. 1995. (Séminaires en géographie: questions de mésologie)
- BERQUE, A. *Le sauvage et l'artifice: le japonais devant la nature*. Paris, Gallimard, 1986.
- BERTRAND, A. *Tribus berbères du Haut Atlas*. Paris, Lazarus, 1977.
- BONNE, J.-C. *Séminaire du Centre d'histoire et théorie de l'art (C.E.H.T.A.)*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, dez. 1994. (Préparation du colloque sur l'ornement)

- BONNIN, P.; PERROT, M. Le décor domestique en Margeride. *Terrain*, n.12, p.40-53, Avr. 1989. N. spécial: Du congélateur au déménagement: pratiques de consommation familiale.
- BONNIN, P.; PERROT, M.; SOUDIÈRE, M. *L'ostal en Margeride*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1983.
- BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A., org. *Cultura brasileira: temas e situação*. São Paulo, Ática, 1987. p.16-41.
- BOSI, E. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J.J., orgs. *A cultura do povo*. São Paulo, Educ, 1982. p.25-34.
- BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, R., org. *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, 1983. p.156-83 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39)
- BRAUDEL, F. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo*. São Paulo, Martins Fontes, 1983. v.1.
- BRAZELTON, T.B. O parceiro na interação. In: BRAZELTON, T.B.; CRAMER, B.; KREISLER, L.; SCHAPPI, R.; SOULÉ, M. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. p.9-23.
- BRETON, D.I. *Corps et post-modernité: du "alter-ego" au morcellement du corps*. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 13., Bielefeld, Germany, 1994. (Comunicação oral)
- BRETON, D.I. La symbolique corporelle. *Ethnologie Française*, v.15, n.1, p.73-8, 1985.
- BROTHERHOOD, R.M. *Contexto sócio-cultural de vida e cognição: um estudo de crianças no meio rural do nordeste*. São Paulo, 1994. 266p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- CALLIGARIS, C. Imagens à bordo de um taxi. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23 de out. 1994. p.6-8.
- CÂMARA, M.P.A. *Cidades e vilas da escravidão: espaços dos excluídos*. São Paulo, 1995. 391p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- CANCLINI, N.G. *Culturas híbridas*. Mexico, Grijalbo, 1989.
- CANEVACCI, M. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- CARAMELLA, E.G.P. *Linguagem: materiais e procedimentos*. São Paulo, 1994. 178p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- CARVALHO, A.M.A. O lugar do biológico na psicologia: o ponto de vista da etologia. *Biotemas*, v.2, n.2, p.81-92, 1989.
- CERNOCH, J.M.; PORTER, R.H. Recognition of maternal axillary odors by infants. *Child Development*, v.56, p.1593-8, 1985.
- CERTEAU, M.d. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995.
- CERTEAU, M.d. *A invenção do cotidiano*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1994.
- CHAWLA, L. The place of poetry. *Children's Environments Quarterly*, v.2, n.2, p.7-13, 1985.
- CHAWLA, L. Childhood memory in adult interpretations of home. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: internacional perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.479-96.
- CHEVALIER, S. *L'ameublement et le décor intérieur dans un milieu populaire urbain*. Paris, 1992. Tese (Doutorado) - Université de Paris X.
- CLAVEL, M. Éléments pour une nouvelle réflexion sur l'habiter. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v.72, p.17-22, 1982.
- COOPER, C. The house as a symbol of the self. In: PROSHANSKY, H.M.; ITTELSON, W.H.; RIVLIN, L.G., eds. *Environmental Psychology: people and their physical settings*. 2.ed. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1976. p.435-48.
- COSTA, C.R.Z. *Habitação Guarani: tradição construtiva e mitologia*. São Paulo, 1989. 2v. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- COSTA, J.F. O mundo encantado de Mário Peixoto. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1996. p.5-7.
- CRAMER, B. A psiquiatria do bebê. In: BRAZELTON, T.B. et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. p.24-74.
- CROWHURST, S.H. A house is a metaphor. *Journal of Architectural Education*, v.27, n.2-3, p.35-53. [s. d.]
- CSIKSZENTMIHALYI, M.; ROCHBERG-HALTON, E. *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981.
- CUISENIER, J. Le corpus d'architecture rurale: logique sociale et composition architecturale. In: CHIVA, I., dir. *Habitat et espace dans le monde rural*. Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'homme, 1988. p.41-52. (Collection Ethnologie de la France, Cahier 3)

- DaMATTA, R. Antropologia da saúde. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 de jun. 1992. p.6-4.
- DaMATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985
- DaMATTA, R. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, A.M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987. p.115-36.
- DaMATTA, R. País vive crise de auto-estima. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 de jul. 1995. p.1-26.
- DAMERGIAN, S. *O papel do inconsciente na interação humana - um estudo sobre o objeto da psicologia social*. São Paulo, 1988, 336p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- DASEN, P.R. Contribution de la psychologie interculturelle à la formation des enseignants pour une éducation interculturelle. In: LAVALLEE, M.; OUELLET, F.; LAROSE, F., orgs. *Identité, culture et changement social*. Paris, Harmattan, 1991. p.220-31. (Collection "Espaces interculturels" - Actes du Troisième Colloque de l'ARIC)
- DAWKINS, M.S. Emoções são parte da mente. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 de ago. 1995. p.5-9.
- DeCASPER, A.J., FIFER, W.P. Of human bonding: newborns prefer their mother's voices. *Science*, v.208, p.1174-6, 1980.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1987.
- DENIOT, J. Le décor textile: les murs et la table en milieu ouvrier. *Ethnologie Française*, v.16, n.3, p.319-33, 1986. N. spécial: Linge du corps, linge de maison.
- DESPRÉS, C. De la maison bourgeoise à la maison moderne: univers domestique, esthétique et sensibilité féminine. *Recherches Feministes*, v.2, n.1, p.3-18, 1989. N. spécial: Lieux et Milieu de Vie.
- DESPRÉS, C. The meaning of home: literature review and directions for future research and theoretical development. *The Journal of Architecture and Planning Research*, v.8, n.2, p.96-115, Summer 1991.
- DEVORE, I.; KONNER, M.J. Infancy in hunter-gatherer life: an ethological perspective. In: WHILE, N.F., ed. *Ethology and psychiatry*. Toronto, University of Toronto Press, 1974. [mimeo; traduzido por Emma Otta].
- DOVEY, K. Home and homelessness. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.33-63. v.8: Human behavior and environment.
- DUFFONTAINES, P. *L'homme et sa maison: géographie humaine*. Paris, Gallimard, 1972.
- DUNCAN, J.S. The house as symbol of social structure: notes on the language of objects among collectivistic groups. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.133-51. v.8: Human behavior and environment.
- DUNCAN, J.S.; LINDSEY, S.; BUCHAN, R. Decoding a residence: artifacts, social codes and the construction of the self. *Espaces et Sociétés*, n.47, p.29-43, 1985. N.spécial: Espace et sémiotique.
- ELEB-VIDAL, M. Le logement et la construction de l'identité. *Bulletin de Psychologie*, v.36, n.361, p.735-46, juil./août 1983.
- ELIADE, M. Architecture sacrée et symbolisme. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J.P. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds de L'Herne, 1983. p.57-75.
- FAETA, F. La mort en images. *Terrain*, n.20, p.69-84, May 1993.
- FERNALD, A. Four-month-old infants prefer to listen to motherese. *Infant Behavior & Development*, v.8, p.181-95, 1985.
- FERRAZ, M.C. *Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira*. São Paulo, Quadrante, 1992.
- FIELD, T. et al. Mother-stranger face discrimination by the newborn. *Infant Behavior & Development*, v.7, p.19-25, 1984.
- FIGUEIREDO, L.C. *Modos de subjetivação no Brasil: e outros escritos*. São Paulo, Escuta/Educ, 1995.
- FISCHER, G.-N. *Psychologie sociale de l'environnement*. Toulouse, Privat, 1992.
- FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: *Obras completas*. v.1. Madrid, Biblioteca Nueva, 1948.
- GIANNOTTI, J.A. O fim do uniforme. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 de nov. 1995. p.5-3.
- GIULIANI, M.V. *Le logement: un système territorial*. In: L'EUROPAN, Berlin-Ouest. 1988. (communication). [mimeografado]
- GLEICHMANN, P.-R. Le sommeil et ses espaces. *Extenso*, n.9, p.369-98, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- GOMBRICH, E.H. *El sentido de orden*. Barcelona, GG Arte, 1980.

- GOUBERT, J.-C. Le confort dans l'histoire: un objet de culte. In: GOUBERT, J.C. *Du luxe au confort*. Alençon, Belin, 1988. p.21-30.
- GOUBERT, J.-C. *La santé publique en Orient et en Occident. L'aménagement du temps et de l'espace dans la ville (Paris, Alger, Le Caire, Damas au XIX siècle)*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, dez./jan./fev. 1995. (Séminaires en Histoire sociale et histoire de la santé)
- GRUZINSKI, S. *Les Amériques baroques: manifestations et répercussions de l'occidentalisation*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, dez. 1994, jan./fev. 1995. (Séminaires en anthropologie historique)
- GRUZINSKI, S. *La guerre des images: de Christophe Colomb à "Blade Runner" (1942-2019)*. Paris, Fayard, 1990.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- HALL, E.T. *The dance of life: the other dimension of time*. New York, Anchor Books, 1983.
- HARKNESS, S. Cross-cultural research in child development: a sample of state of art. *Developmental Psychology*, v.28, n.4, p.622-5, 1992.
- HEGENBERG, L.; RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z.; TASSARA, E.T.O.; BATRO, A. Distinção entre sujeito epistêmico e sujeito psicológico em Psicologia Social: o paradoxo indivíduo-sociedade. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 22., Buenos Aires, 1989. *Abstracts*. Buenos Aires, Sociedade Interamericana de Psicologia, 1985. p.354.
- HELLER, G. C'est à l'école que l'enfant apprend comment habiter. *Extenso*, n.9, p.411-38, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- ISQUIERDO, I. A imaginação, a eternidade e seus jogos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1996. p.1-3.
- JABOR, A. Na Bienal, todos se tornam instalações. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 de out. 1994. p.5-6.
- JAFFÉ, A. El simbolismo en las artes visuales. In: YUNG, C.G. et al. *El hombre y sus símbolos*. Madrid, Aguilar, 1966. p.230-71.
- JOUVET, M. Neurobiologia dos sonhos. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978. v.2, p.96-121.
- JUAN, C. Le temps et l'espace de la maison solitaire. *Espaces et Sociétés*, n.46, p.129-43, 1985.
- KAUFMANN, J.-C. *La chaleur du foyer: analyse du repli domestique*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988.
- KAUFMANN, J.-C. Les espaces du linge. *Recherches Architecturales*, n.42, p.53-8, 1994. (SEGAUD, M., dir. Evolution des modes de vie et architecture du logement. Paris, Ministère du Logement)
- KLAUSS, M.; KLAUSS, P. *O surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- KONNER, M. Infancy among the Kalahari Desert San. In: LEIDERMAN, P.H. et al., eds. *Culture and infancy: variations in the human experience*. New York, Academic Press, 1977. p.287-300.
- KONNER, M. Etologia de um povo que vive da caça e da coleta: aspectos relacionados com o desenvolvimento infantil. In: BLURTON JONES, N., ed. *Estudos etológicos do comportamento da criança*. São Paulo, Pionira, 1981. p.295-315.
- KONNER, M. Evolution of human behavior development. In: LEIDERMAN, P.H. et al., eds. *Culture and infancy: variations in the human experience*. New York, Academic Press, 1977. p.69-109.
- KOROSEC-SERFATY, P. Experience and use of the dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.65-85. v.8: Human behavior and environment.
- LAWRENCE, R.J. *Housing, dwellings and homes: design theory, research and practice*. New York, John Wiley & Sons, 1987.
- LAWRENCE, R.J. A more humane history of homes: research, method and application. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.113-32. v.8: Human behavior and environment.
- LAWRENCE, R.J. What makes a house a home? *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.154-68, Mar. 1987.
- LEAKEY, R.I. *A evolução da humanidade*. São Paulo, Melhoramento, 1981.
- LEFEBVRE, H. Éléments d'une théorie de l'objet. In: *Du rural à l'urbain*. Paris, Anthropos, 1970. p.267-85.
- LEFEBVRE, H. Préface. In: RAYMOND, H.; RAYMOND, M.G.; HAUMONT, N.; HAUMONT, A. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, ISU/Centre de Recherche d'Urbanisme, 1966. p.3-24.
- LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford, Blackwell, 1994.

- LEITE, M.A.F.P. *Destruição ou desconstrução?*: questões de paisagem e tendências de regionalização. São Paulo, Hucitec/ FAPESP, 1994.
- LEITE, R.C.de C. A arte de pintar o eterno. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 de jul. 1996. p.5-8.
- LEROY-GOURHAN, A. *Le geste et la parole: la mémoire et les rythmes*. Paris, Albin Michel, 1977.
- LEVINE, R. Social time: the heartbeat of culture. *Psychology Today*, p.29-35, Mar. 1985.
- LIÇEANU, G. Répères pour une herméneutique de l'habitation. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J.-P., eds. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds de l'Herne, 1983. p.105-15.
- LIPSTTT, L.P. The pleasures and annoyances of infants: approach and avoidance behavior. In: THOMAN, E., ed. *Origins of infant's social responsiveness*. New York, John Wiley & Sons, 1979. p.125-51.
- LUCKEY, D. The meaning of the "corredor" in Costa Rica: an integrated methodology for design. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.201-34.
- LUGASSY, F. *Logement, corps, identité*. Bégédis, Eds. Universitaires, 1989.
- MAGNI, C.T. Em busca do nomadismo da imagem. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., Salvador, Bahia, 1996. [mimeografado]
- MAGNI, C.T. Povo da rua: um estudo sobre o nomadismo urbano. *Cadernos da Cidade*, Porto Alegre, v.2, n.4, p.5-41, Jun. 1995.
- MARRAMAO, G. Organização social e complexidade. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v.39, n.2, p.108-36, 1990.
- MAZZOLENI, G. Mítico, mágico e ocidente: notas, variações e divagações. In: *O Planeta cultural: para uma antropologia histórica*. São Paulo, Edusp, 1994. p.200-24.
- McINTOSH, D. Language, self and lifeworld in Habermas' theory of communicative action. *Theory and Society*, v.23, n.1, p.1-33, 1994.
- MEHLER, J. Conhecer desaprendendo. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix/ EDUSP, 1978. v.2: p.23-35.
- MELTZOFF, A.N.; MOORE, M.K. Cognitive foundations and social functions of imitation and intermodal representation in infancy. In: MEHLER, J., FOX, R., eds. *Neonate cognitions: Beyond the blooming buzzing confusion*. New Jersey, Lawrence Erlbaum, 1985. p.139-50.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- MICELA, R. *Antropologia e psicanálise: uma introdução à produção simbólica, ao imaginário, à subjetividade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MOLEY, C. La place de l'eau dans l'espace domestique. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.3, n.2, p.103-15, 1987.
- MORAES, F. *Chateau*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MORIN, E. *La complexité humaine*. Paris, Flammarion, 1994.
- MORIN, E. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- NARUMI, K. Inheritability and attachment: the detached house in Japan. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.341-76.
- NATSOUKAS, T. Gibson's environment, Husserl's Lebenswelt, the world of physics, and the rejection of phenomenal objects. *American Journal of Psychology*, v.107, n.3, p.327-58, 1994.
- NOVAES, S.C. *Jogo de espelhos*. São Paulo, EDUSP, 1993.
- NUNES, B. A antropofagia ao alcance de todos. In: *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica*. São Paulo, Globo, 1990. p.5-40.
- OLIVEIRA, M.K. *Cognitive processes in everyday life situations: an ethnographic study of brazilian urban migrants*. New York, 1989. Dissertação (Mestrado) - Department of Philosophy, Stanford University.
- PAMPLONA, T. *O interior da casa proletária: ambiente urbano-industrial*. São Paulo, 1981. 184p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- PAPOUSEK, H.; PAPOUSEK, M. Learning and cognitive in the everyday life of human infants. In: *Advances in the study of behavior*. New York, Academic Press, 1984. v.14: p.127-63.
- PAZ, O. La consagracion del instante: el arco y la lira. In: ADORNO, T.W. et al. *El arte en la sociedade industrial*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso, 1973. p.127-38.

- PERROT, M. Le corps et la maison: hygiène, propreté, commodité, confort. *Ethnologie Française*, v.11, n.1, p.8-13, 1981.
- PIAGET, J. *Biologie et connaissance*. Paris, Gallimard, 1967.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar/ MEC, 1975.
- PIAGET, J. *Seis estudos em psicologia*. Rio de Janeiro, Forense Universitário, 1984.
- PICCINI, A. *Estudo da habitação rural e do uso do espaço interno-externo pelo pequeno proprietário rural: o caso de Babilônia (São Carlos, São Paulo)*. Visão do ponto de vista sócio-cultural. São Carlos, 1991. 136p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Arquitetura e Planejamento, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- PIGNATARI, D. *Por um pensamento icônico: semiótica da arte e do ambiente urbano*. São Paulo, 1979. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- PINA-CABRAL, J. L'heritage de Maine: l'érosion des catégories descriptives dans l'étude des phénomènes familiaux en Europe. In: *Communications: Anthropologie sociale et ethnologie de la France*. Paris, Musée National des Arts et Traditions Populaires, 1987. v.2: p.49-76. (Actes du Colloque du Centre d'Ethnologie française et du Musée National des Arts et Traditions Populaires, Paris, 1987)
- POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- PRADO Jr., B., org. *Filosofia da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- PROSHANSKY, H.M. Environmental psychology and the real world. *American Psychologist*, p.302-11, Apr. 1976.
- RABINOVICH, E.P. *Arte e cidade: a casa dos semcasa*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 5., São Paulo, 1994. (Comunicação oral)
- RABINOVICH, E.P. A casa dos semcasa. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.12, n.3/4, p.16-25, 1992.
- RABINOVICH, E.P. La demeure des sans logis. *Cahiers Santé*, v.3, n.5, p.375-81, 1993.
- RABINOVICH, E.P. Ensaio psicossociológico das relações entre a prática-teoria no locus moradia: arrumação e organização espaço-temporal. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.4, n.2, p.18-24, Jul./Dez. 1994.
- RABINOVICH, E.P. La "grande extention": l'art décoratif des "sans logis". In: L'ARBRE À PALABRES. Paris, La Villette, 1994.
- RABINOVICH, E.P. Uma identidade à brasileira? a antropofagia como paradigma de análise. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 48., São Paulo, 1996. *Anais*. São Paulo, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1996. v.2:p.656.
- RABINOVICH, E.P. Lifestyle, dwelling conditions and daily routine as qualitative indicators of infant development: a study of 0-3 years old children from the rural brazilian northeast. In: BIENNIAL MEETINGS OF ISSBD, 14., Québec, 1996. *Abstracts*. Québec, ISSBD, 1996. p.422.
- RABINOVICH, E.P. Modo de dormir e relação mãe-criança. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.13, n.1/5, p.22-9, 1993. N. especial: Criança.
- RABINOVICH, E.P. O modo de morar e a vida cotidiana como indicadores qualitativos do desenvolvimento infantil: um estudo de uma população de crianças de 0-3 anos na zona rural do Piauí, Brasil. *Caderno de Desenvolvimento Infantil*, v.1, n.1, p.47-59, Jul. 1994.
- RABINOVICH, E.P. O modo de vida de crianças "sem casa" "sedentárias": suas casas, suas famílias, suas vidas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.4, n.1, p.71-9, 1994. N. especial: Família em Tempos de Transição.
- RABINOVICH, E.P. *Modo de vida e relação mãe-criança: o mamar e o andar, o modo de dormir e o modo de morar*. São Paulo, 1992. 135p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- RABINOVICH, E.P. Mother-child relationship and way of living. In: BIENNIAL MEETINGS OF ISSBD, 12., Recife, 1993. *Poster Abstracts*. Recife, ISSBD, 1993. p.168.
- RABINOVICH, E.P. O nascimento psicológico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.1, n.1, p.54-63, 1991.
- RABINOVICH, E.P. Nomes e nomeação na zona rural do Piauí. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 24., Ribeirão Preto, São Paulo, 1994. *Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1994. p.321.
- RABINOVICH, E.P. *Sedentary homeless children in São Paulo: their houses, their families, their lives*. In: BIENNIAL MEETING OF ISSBD, 13., Amsterdam, Holanda, 1994. [s.p.]

- RABINOVICH, E.P. O viés etnocêntrico: uma tentativa de analisar algumas questões do desenvolvimento infantil a partir do estudo de crianças do interior do Piauí. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. [no prelo]
- RABINOVICH, E.P.; FRAYZE-PEREIRA, J.A. A arte decorativa dos semcasas: ordenação e lirismo. In: CONGRESSO INTERNO DE PSICOLOGIA, 2., São Paulo, 1993. *Anais*. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1993. p. B-10.
- RABINOVICH, E.P.; OTTA, E. Alguns aspectos do modo de vida e a relação mãe-criança. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 21., Ribeirão Preto, 1991. *Resumos Científicos*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1991. p.208.
- RAGON, M. *L'espace de la mort: essai sur l'architecture, la décoration et l'urbanisme funéraires*. Paris, Albin Michel, 1981.
- RAMOZZI-CHIAROTTINI, Z. *Piaget: modelo e estrutura*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- RAMOZZI-CHIAROTTINI, Z. Sistemas lógicos e sistemas de significação na obra de Jean Piaget. *Psicologia-USP*, v.2, n.1/2, p.21-3, 1991.
- RAPOPORT, A. *The meaning of the built environment: a nonverbal communication approach*. Beverly Hills, Sage Publications, 1982.
- RAPOPORT, A. Nomadism as a man-environment system. *Environment and Behavior*, v.10, n.2, p.215-46, Jun. 1978.
- RAPOPORT, A. *Pour une anthropologie de la maison*. Paris, Dunod, 1972.
- RAUTENBERG, M. Déménagement et culture domestique. *Terrain*, n.12, p.54-66, Avr. 1989.
- RAUTENBERG, M. *La mémoire domestique: anthropologie et histoire de la maison rurale des Monts du Lyonnais (XVIIe - Milieu XX siècles)*. Paris, 1990. Tese (Doutorado) - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- RAYMOND, H.; RAYMOND, M.G.; HAUMONT, N.; HAYMONT, A. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, ISU/CRU, 1966.
- RAYNAUD, D. Le symbolisme de la porte: essai sur les rapports du schème à l'image. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.8, n.4, p.333-52, 1992.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, D. Genocídio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 de jun. 1996. p.1-2.
- RICHÉ, P.; ALEXANDRE-BIDON, D. *L'enfance au Moyen Age*. Paris, Seuil/ Bibliothèque Nationale de France, 1994.
- ROCHBERG-HALTON, E. *Meaning and modernity: social theory in the pragmatic attitude*. Chicago, University of Chicago Press, 1986.
- ROUX, S. *La maison dans l'histoire*. Paris, Albin Michel, 1976.
- SACKS, O. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SAEGERT, S. The role of housing in the experience of dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.287-300. v.8: Human behavior and environment.
- SAILE, D.G. The ritual establishment of home. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.87-109. v.8: Human behavior and environment.
- SANTOS, N.G.; RABINOVICH, E.P.; OLIVEIRA, D.C.; SIQUEIRA, A.A.F. A utilização dos organizadores da psiquê de Spitz como instrumentos de acompanhamento de desenvolvimento da criança. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.1, n.2, p.67-84, jul./dez. 1991.
- SARTI, C.A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, Autores Associados, 1996.
- SCHAPPI, R. O modelo etológico da relação mãe-bebê. In: BRAZELTON, T.B. et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. p.93-131.
- SCHLEGEL, R. Paulistano desconfia da limpeza dos outros. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 26 de maio 1996, p.3-1/4.
- SCHWARTZ, O. L'empirisme irréductible. In: ANDERSON, N. *Le hobo: sociologie du sans abri*. Paris, Nathan, 1993. p.265-305. (Postface) (Collection Essais et Recherches)
- SEAMON, D. The phenomenological contribution to environmental psychology. *Journal of Environmental Psychology*, v.2, p.119-40, 1982.

- SEGAUD, M. Code et esthétique populaire en architecture. POL, E. et al., eds. *Home environment: aspects qualitatifs*. Barcelona, Universitat de Barcelona, 1984. p.423-31. (Actes de la Conference Internationale sur l'homme et son environnement 7., IAPS-7. Barcelona, 1984)
- SEGAUD, M. *Le propre de la ville*. La Garenne Colombes, Espace Européen, 1992. p.11-8. (Introduction)
- SENNETT, R. *Les tyrannies de l'intimité*. Paris, Seuil, 1979.
- SERRES, M. *Filosofia mestiça: le tiers-instruit*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.
- SIMMEL, G. Pont et port. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J.P., eds. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds. de L'Herne, 1983. p.96-100.
- SIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; RABINOVICH, E.P.; SANTOS, N.G. Contexto sócio-ambiental de crianças urbanas de baixa renda. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.3, n.1, p.111-20, 1993.
- SIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; RABINOVICH, E.P.; SANTOS, N.G. Instrumentos para acompanhamento e avaliação do desenvolvimento infantil na atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.2, n.2, p.59-99, 1992.
- STECHHAHN, C. *Projeto e apropriação do espaço arquitetônico de conjuntos habitacionais de baixa renda*. São Paulo, 1990. 190p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- TASCHNER, S.P. *Moradia da pobreza: habitação sem saúde*. São Paulo, 1982. Tese (Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- TASCHNER, S.P.; RABINOVICH, E.P. The homeless in São Paulo: spatial arrangements. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 13., Bielefeld, Germany, 1994. *Sociological Abstracts*. Bielefeld, International Sociological Association/ Bertelsmann, 1994. p.300.
- TASCHNER, S.P.; RABINOVICH, E.P. The homeless in São Paulo: spatial arrangements. In: HUTH, M.J., ed. *International critical perspectives on homelessness*. Greenwood, 1996. [in press]
- TASSARA, E.T.O. A propagação do discurso ambientalista e a produção estratégica da dominação. *Espaços & Debates*, n.35, p.10-6, 1992.
- TASSARA, E.T.O. *Intervenção social e conhecimento científico*. São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1994. (Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social)
- TASSARA, E.T.O. *Metodologia da ciência: a constituição do objeto da psicologia social*. São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1995. (Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social)
- TASSARA, E.T.O. *Metodologia da ciência: questões de método na psicologia social contemporânea*. São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1996. (Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social)
- TASSARA, M.G. *Lith: o mito transfigurado*. São Paulo, 1995. (Projeto de Pesquisa)
- TEIXEIRA, A.C. *Cortiço, o pequeno espaço do povo: subsídios ao equacionamento do fenômeno cortiço no Município de São Paulo*. São Paulo, 1986. 217p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- THÉVOZ, M. *L'art brut*. Genève, Skira, 1981.
- TISSIER, Y.; WAUTHIER-WURMSER, B. Appropriation et métamorphoses de l'espace dans les demeures de Jean Loane et Jean-Pierre Raynaud. *Extenso*, n.9, p.89-110, 1985. (Actes du Colloque international "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- TREVARTEN, C. Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In: BULLOWA, M., ed. *Before speech*. New York, Cambridge University Press, 1979. p.321-47.
- TUAN, Y.-F. *Espaço e lugar*. São Paulo, Difel, 1983.
- TURKEWITZ, G.; DEVENNY, D.D., eds. *Developmental time and timing*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum, 1993.
- TURNER, V.W. *O Processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VAINFAS, R. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- VAZ, L.F. *Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro: estudo da modernidade através da moradia*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

- VELHO, G. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, A.M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987. p.79-87.
- VELHO, G. Felicidade à brasileira. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03 de nov. 1996. p.5-10.
- VERAS, M.P.B.; TASCHNER, S.P. Evolução e mudança das favelas paulistanas. *Espaço & Debates*, v.10, n.31, p.52-71, 1990.
- VICENTE, C.M. Resiliência e políticas públicas. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 26., Ribeirão Preto, 1996. *Resumos de comunicações científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1996. p.26.
- VICENTINI, Y. *Cidade e história na Amazônia*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- VIEIRA, M.A.C. et al. orgs. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo, Hucitec, 1992.
- VIEIRA, M.A.C.; RANGEL, M.G. Característica da população sem residência fixa usuária do plantão da SURBES Sé-Lapa. São Paulo, 1991. (Relatório parcial de projeto) [mimeografado]
- VIGARELLO, G. *Le propre et le sale: l'hygiène du corps depuis le Moyen Age*. Paris, Seuil, 1985.
- VILLELA-PETIT, M. Le chez-soi: espace et identité. *Architecture&Comportement/Architecture&Behavior*, v.5, n.2, p.127-34, 1989.
- WALLERSTEIN, I. Agonias del liberalismo. *Iniciativa Socialista*, v.6, n.31, p.55-65, 1991.
- WALLON, H. *Do acto ao pensamento*. Lisboa, Portugalia, 1966.
- WANNENBURGH, A. *The bushmen*. Capetown, Struik Publisher, 1984.
- WASSMAN, J.; DASEN, P.R. "Hot" and "cold": classification and sorting among Yupno of Papua New Guinea. *International Journal of Psychology*, v.29, n.1, p.19-38, Feb. 1994.
- WERNER, C.M. Home interiors: a time and a place for interpersonal relationships. *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.169-79, Mar. 1987.
- WERNER, C.M.; ALTMAN, I.; OXLEY, D. Temporal aspects of homes: a transactional perspective. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.1-30. v.8: Human behavior and environment.
- WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- WINNICOTT, D.W. Le corps et le self. *Nouvelle Revue Psychanalyse*, v.3, p.37-48, 1971.
- WINNICOTT, D.W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- WOHLWILL, J.F. Environmental aesthetics: the environment as a source of affect. In: ALTMAN, I.; WOHLWILL, J.F., eds. *Human behavior and environment*. New York, Plenum Press, 1976. p.37-85.
- YUNG, C.G. et al. *El hombre y sus símbolos*. Madrid, Aguilar, 1966.
- YUNG, C.G. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- ZONABEND, F. *La mémoire longue: temps et histoires au village*. Paris, PUF, 1980.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMSON, G.; BOUQUET, C.M.; SARQUIS, J.A. La pulsion creadora. In: *Creatividad en arquitectura desde el psicoanalisis*. Buenos Aires, Paidós, 1985. p.243-68.
- ALAMBERT, F. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. 2.ed. São Paulo, Sipione, 1994.
- ALHO, G. *Três casas indígenas: pesquisa arquitetônica sobre as casas em três grupos: Tukanô, Tapirapé e Ramkokamekra*. São Carlos, 1985. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Arquitetura e Planejamento da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- ALMEIDA, A.M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço Tempo/UFRRJ, 1987.
- ALONSO, R., ed. *El arte en la sociedad industrial*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso, 1973.
- ALTMAN, I. Homes, housing, and the 21st century: prospects and challenges. In: ARIAS, E., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.xix-xxvii.
- ALTMAN, I. Privacy: a conceptual analysis. *Environment and Behavior*, v.8, n.1, p.7-29, 1976.
- ALTMAN, I.; CHEMERS, M.M. *Culture and environment*. Monterey, Brooks/Cole, 1984.
- ALTMAN, I.; GAUVAIN, M. A cross-cultural and dialectic analysis of homes. In: LIBER, L.; PATTERSON, A.H.; NEWCOMBE, N. *Spatial representation and behavior across the life span*. New York, Academic Press, 1981. p.283-319.
- ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. v.8: Human behavior and environment.
- AMATURO, E.; COSTAGLIOLA, S.; RAGONE, G. Furnishing and status attributes: a sociological study of the living room. *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.205-27, 1987.
- AMEDEO, D.; YORK, R.A. Indications of environmental schemata from thoughts about environments. *Journal of Environmental Psychology*, v.10, p.219-53, 1990.
- AMIEL-TISSON, C. Pediatric contribution to the present knowledge on the neurobehavioral status of infants at birth. In: MEHLER, J.; FOX, R., eds. *Neonate cognition*. New Jersey, Lawrence Erlbaum, 1985. p.365-80.
- AMIROU, R. Le tourisme comme objet transitionnel. *Espaces et Sociétés*, n.76, p.149-64, 1994.
- AMPHOUX, P. Configurations domestiques et reconquête de soi: pour une prospective connotative de l'habitat. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989. p.178-92.
- AMPHOUX, P. La valse des ambiances. In: SEGAUD, M., dir. *Evolution des modes de vie et architectures du logement*. Paris, Ministère du Logement, 1993. p.83-8. (Recherches Architecturales, n.42)
- AMPHOUX, P.; MONDADA, L. Le chez-soi dans tous les sens. *Architecture & Comportement/Architecture & Behavior*, v.5, n.2, p.135-50, 1989.
- ANDERS, T.F.; TAYLOR, T. Babies and their sleep environment. *Children's Environments*, v.11, n.2, p.123-34, 1994.
- ANDERSON, N. *Le hobo: sociologie du sans-abri*. Paris, Nathan, 1993.
- ANDRADE, O. *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica*. São Paulo, Globo/Secretaria do Estado da Cultura, 1990.
- ANTONY, K. Divorce et logement. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989. p.245-60.
- ANTONY, K. Unconventional arrangements. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.377-80.
- APPLEYARD, D. Home. *Architectural Association Quarterly*, v.11, n.3, p.4-20, 1979.
- ARAGONÉS, J.I.; SUKHWANI, S. La vivienda como escenario de conducta y símbolo de la identidad social. In: WIESENFELD, E., org. *Contribuciones iberoamericanas a la psicología ambiental*. Caracas, Universidad Central de Venezuela/Faculdade de Humanidades y Educación/Comisión de Estudios de Postgrado, 1994.
- ARENDT, H. Querida Mary. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 de jul. 1995. p.5-6.
- ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives, approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.1-28.
- ARIÈS, P. Cinco variações sobre quatro temas. In: *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. v.2: p.657-70. (Conclusão)
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

- ARIÈS, P. *Jacentes, orantes e almas*. In: *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981. v.1: p.217-313.
- ARIÈS, P.; DUBY, C., orgs. *História da vida privada*. São Paulo, Companhia da Letras, 1991.
- ASSIER-ANDRIEU, L. *Maison de mémoire: structure symbolique du temps familial en Languedoc*. *Cucumis, Terrain*, n.9, p.10-33, Oct. 1987.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. *Cadastrros de teses e dissertações em antropologia*. Rio de Janeiro, 1996.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. *Teses, pesquisas antropológicas*. Rio de Janeiro, 1993.
- ATLAN, H. *Consciência e desejos em sistemas auto-organizadores*. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978. v.2: p.176-91.
- AUGÉ, M. *Le Dieu objet*. Paris, Flammarion, 1988.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus, 1994.
- AUGÉ, M. *La perception de l'autre, aujourd'hui*. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., Salvador, Bahia, 1996. *Resumos*. Salvador, Associação Brasileira de Antropologia, 1996. p.7 [mimeo]
- AUGRAS, M. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis, Vozes, 1993.
- BACHELARD, G. *O ar e os sonhos*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo, Ática, 1988.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. In: *Bachelard*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p.181-354. (Série Os Pensadores)
- BALA, J.O. *Les clochards de Paris: considérations psycho-sociologiques sur leur comportement*. Paris, 1967. [mimeografado]
- BARBEY, G. *L'évasion domestique: essai sur les relations d'affectivité au logis*. Lausanne, Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, 1990.
- BARBEY, G. *L'habitation captive - Essai sur la spatialité du logement de masse*. Saint-Saphorin, Eds. Georgis, 1980. [Bibliographie critique: KOROSSEC-SERFATY, P. *Architecture & Comportement / Architecture & Behavior*, v.2, n.2, p.188-90, 1982/1984]
- BARBEY, G. *Spacialité et sens de la chambre*. *Extenso*, n.9, p.329-44, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- BARBEY, G. *Spatial archetypes and the experience of time: identifying the dimensions of home*. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.103-16.
- BARBEY, G. *Vers une phénoménologie du chez-soi*. *Architecture & Comportement / Architecture & Behavior*, v.5, n.12, p.87-90, 1989.
- BARBEY, G.; KOROSSEC-SERFATY, P. *Une chambre*. *Architecture & Comportement / Architecture & Behavior*, v.2, n.2, p.171-82, 1982/1984.
- BARKER, R.G. *Explorations in ecological psychology*. *American Psychology*, v.20, p.1-14, 1965.
- BARKER, R.G. *On the nature of the environment*. In: PROSHANSKY, H.M.; ITTELSON, W.H.; RIVLIN, L.G., eds. *People and their physical settings*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1976. p.12-26.
- BAROU, J. *Interculturalité et habitat*. In: LAVALLÉE, M., OUELLET, F., LAROSE, F., orgs. *Identité, culture et changement social*. Paris, Harmattan, 1991. p.173-82.
- BARRAQUÉ, B. *Soleil-lumière, soleil-chaueur: deux conceptions du confort?* In: GOUBERT, J.C., ed. *Du luxe au confort*. Alençon, Belin, 1988. p.85-113.
- BASTIDE, R. *Arte e sociedade*. 3.ed. São Paulo, Nacional, 1979.
- BASTIDE, R. *Sociologia e psicanálise*. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948.
- BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo, Perspectiva, 1989. (Coleção Debates)
- BAUHAIN, C. *Les familles bourgeoises françaises au XIX Siècle*. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, L'Harmattan, 1989. p.156-77.
- BECHER, F.D. *Housing messages*. Penn, Stroudsburg, Dowden, Hutchinson & Ross, 1977. (Capítulo 2: Images of home, p.15-36; Capítulo 4: Personalization, p.51-69)
- BEIRÃO, M.F.S.F. *Vivência do espaço e do tempo na criação artística*. São Paulo, 1970. Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, Pontifícia Universidade Católica.
- BEKKAR, R.; TOUSSAINT, J-Y. *Bibliographie autour d'urbanité, civilité, propreté*. In: SEGAUD, M., ed. *Le propre de la ville: pratiques et symboles*. Colombes, La Garenne, 1992. p.223-61.
- BELK, R.W. *Towards a theory of attachment to possessions*. In: ALTMAN, I.; LOW, S.M., eds. *Place attachment*. New York, Plenum Press, 1992. p.45-62. v.12: Human behavior and environment.

- BELL, S.M.; AINSWORTH, M.D.S. Infant's crying and mother responsiveness. *Child Development*, v.43, p.1171-90, 1972.
- BENSA, A. *La force des choses: le corps-objet*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, fev. 1995. (Séminaire en anthropologie sociale, ethnographie et ethnologie: logiques du politique)
- BERCOVICI, R. La privatisation de l'espace familial: chambre à coucher conjugale au 19e siècle. *Extensio*, n.9, p.345-68, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- BERENSTEIN, I. *Familia e doença mental*. São Paulo, Escuta, 1988.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 1990.
- BERLAN, M.; PAINVIN, R.M. Imbrication des activités agricole et domestique des agricultrices de communautés rurales différenciées: repercussion sur leur rôle éducatif. In: *Habitat et environnement des enfants en milieu rural*. Bordeaux, UNICEF, 1982. (Actes du Colloque UNICEF, Bordeaux, 1982) [s.p.]
- BERNARD, Y. Environmental psychology in France. *Journal of Environmental Psychology*, v.11, p.277-85, 1991.
- BERNARD, Y. Evolution of lifestyles and dwelling practices in France. *The Journal of Architecture and Planning Research*, v.8, n.3, p.192-202, 1991.
- BERNARD, Y. Faits sociaux et jugements de goût. *Revue Française de Sociologie*, v.11, p.179-96, 1970.
- BERNARD, Y. *La France au logis: étude sociologique des pratiques domestiques*. Liège, Mardaga, 1992.
- BERNARD, Y. Intimate spaces. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.9, n.3, p.373-8, 1993.
- BERNARD, Y. Les sciences sociales et le sentiment d'insécurité. In: BERNARD, Y.; SEGAUD, M., eds. *La ville inquiète: habitat et sentiment d'inécurité*. La Garenne-Colombes, Eds. de l'Espace Européen, 1991.
- BERNARD, Y. *Typologie dramaturgique des modes d'accès à l'habité collectif*. Paris, 1989. [mimeografiado]
- BERNARD, Y.; BONNES, M.; GIULIANI, M.V. The interior use of home: behavior principles across and within european cultures. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.81-102.
- BERNARD, Y.; GUERPILLON, P. Dimensions subjectives de la perception du paysage. POL, E. et al., eds. *Home environment*. Barcelona, Universitat de Barcelona, 1984. p.291-305. (Actes de la Conférence Internationale sur l'homme et son environnement 7., IAPS-7, Barcelona, 1984)
- BERNARD, Y.; JAMBU, M. Espace habité et modèles culturels. *Ethnologie Française*, v.8, n.1, p.7-20, 1978.
- BERNARD, Y.; LEBOYER, C. La psychologie de l'environnement en France. *Psychologie Française*, v.32, n.1/2, p.5-16, Juin. 1987.
- BERNARD, Y.; LEBEAU, M.-O.; GIULIANI, M.V.; BONNES, M. Pratiques de l'habitat et mondes sociaux. *Psychologie Française*, v.32, n.1/2, p.65-76, Juin. 1987.
- BERQUE, A. *Paysage et éthique de l'environnement*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, dez./jan./fev. 1995. (Séminaires en géographie: questions de mésologie)
- BERQUE, A. *Le sauvage et l'artifice: le japonais devant la nature*. Paris, Gallimard, 1986.
- BERTRAND, A. *Tribus berbères du Haut Atlas*. Paris, Lazarus, 1977.
- BERTRAND, P. Graver la naissance au XVIIe siècle. *Ethnologie Française*, v.26, n.2, p.329-39, 1996. N. temático: La ritualisation du quotidien.
- BETANCUR, J.J. Spontaneous settlement housing in Latin America: a critical examination. *Environment and Behavior*, v.19, n.3, p.286-310, May 1987.
- BIH, H.-D. The meaning of objects in environmental transitions: experiences of chinese students in the United States. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.135-47, 1992.
- BOSCHETTI, M.A. Continuity and change in century-old farm homes. In: INTERNATIONAL HOUSING RESEARCH CONFERENCE, Paris, 1996. [mimeo]
- BOGUS, L.M.M. Neighborhood gentrification: dynamics of meaning and use in São Paulo, Brazil. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.253-64.
- BONNE, J.-C. *Séminaire du Centre d'histoire et théorie de l'art (C.E.H.T.A.)*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, dez. 1994. (Préparation du colloque sur l'ornement)
- BONNES, M.; GIULIANI, M.V.; AMONI, F.; BERNARD, Y. Cross-cultural rules for the optimization of the living room. *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.204-27, Mar. 1987.
- BONNETTE-LUCAT, C. Les bricoleurs entre polyvalence et spécialisation. *Sociétés Contemporaines*, n.8, p.61-85, 1991.
- BONNIN, P. La reinterpretation des structures spatiales. *Ethnologie Française*, v.11, n.1, p.14-22, 1981.

- BONNIN, P. Processus de transformation intérieure de la maison: petite histoire de la chambre à coucher. *Pour*, n.70, p.17-24, jan./fev. 1980. N. spécial: Habiter la campagne: histoire, sociologie et prospection.
- BONNIN, P.; PERROT, M. Le décor domestique en Margeride. *Terrain*, n.12, p.40-53, Avr. 1989. N. spécial: Du congélateur au déménagement: pratiques de consommation familiale.
- BONNIN, P.; PERROT, M.; SOUDIÈRE, M. *L'ostal en Margeride*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1983.
- BONVALET, C.; GOTMAN, A., eds. Introduction. In: *Le logement: une affaire de famille. L'approche intergénérationnelle des status résidentiels*. Paris, Harmattan, 1993. p.9-20 (Collection Villes et Entreprises)
- BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A., org. *Cultura brasileira: temas e situação*. São Paulo, Ática, 1987. p.16-41.
- BOSI, E. *Um estudo de psicologia social da memória*. São Paulo, 1978. 2v. Tese (Livro-Docência) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- BOSI, E. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J.J., orgs. *A cultura do povo*. São Paulo, Educ, 1982. p.25-34.
- BOUDON, F. L'image de la maison dans les revues d'architecture française de la seconde moitié du XIXème siècle. *Extenso*, n.9, p.459-84, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- BOUDON, P. *Introduction à une sémiotique des lieux*. Montreal, Les Presses de l'Université de Montreal, 1981. p.236-9.
- BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, R., org. *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, 1983. p.156-183.
- BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R., org. *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, 1983. p.82-121. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39)
- BOURDIEU, P. *La maison kabyle ou le monde renversé*. Mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire. Paris, Mouton, s.d. [tiragem à parte]
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Difel/Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, P.; DELSAUT, Y. Pour une sociologie de la perception. *Actes de la Recherche in Sciences Sociales*, n.40, p.3-9, Nov. 1981. N. spécial: Sociologie de l'œil.
- BOURDIEU, P.; SAINT-MARTIN, M. Le sens de la propriété: la genèse sociale des systèmes de préférences. *Actes de la Recherche in Sciences Sociales*, n.81/82, p.52-64, Mars 1990. N. spécial: L'économie de la maison.
- BOUVIER, P. Citoyenneté et exclusion. *Ethnologie Française*, v.26, n.2, p.248-54, 1996. N. temático: La ritualisation du quotidien.
- BRAUDEL, F. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo*. São Paulo, Martins Fontes, 1983. v.1.
- BRADLEY, R.H.; CALDWELL, B.C. List of HOME items. In: GOTTFRIED, A.W., ed. *Home environment and early cognitive development: longitudinal research*. New York, Academic Press, 1984. p.7-8.
- BRAZELTON, T.B. O parceiro na interação. In: BRAZELTON, T.B.; CRAMER, B.; KREISLER, L.; SCHAPPI, R.; SOULÉ, M. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. p.9-23.
- BRESLER, H. Meuble, ameublement, immeuble. *Extenso*, n.9, p.485-500, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- BRETON, D.I. *Corps et post-modernité du corps; du "alter-ego" au morcellement du corps*. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 13., Bielefeld, Germany, 1994. (Comunicação oral)
- BRETON, D.I. La symbolique corporelle. *Ethnologie Française*, v.15, n.1, p.73-8, 1985.
- BROMBERGER, C. L'habitat et l'habitation: des objets complexes: quelles directions pour une analyse? In: CHIVA, I., dir. *Habitat et espace dans le monde rural*. Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 1988. p.3-13. (Collection Ethnologie de la France, Cahier 3)
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos, naturais e planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- BROSIG, P. *O mobiliário na habitação popular*. São Paulo, 1983. 184p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- BROTHERHOOD, R.M. *Contexto sócio-cultural de vida e cognição: um estudo de crianças no meio rural do nordeste*. São Paulo, 1994. 266p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- BROWN, B.B.; WERNER, C.M. Social cohesiveness, territoriality, and holiday decorations: the influence of cul-de-sac. *Environment and Behavior*, v.17, n.5, p.539-65, Sept. 1985.

- BRU, A.P. *La arquitectura vernacular como patter language "avant la lettre"*. Menorca, un ejemplo. POL, E. et al., eds. *Home environment: aspects qualitatifs*. Barcelona, Universitat de Barcelona, 1984. p.408-9. (Actes de la Conférence internationale sur l'homme et son environnement, 7., IAPS-7, Barcelona, 1984)
- BUNSTON, T.; BRETON, M. Homes and homeless women. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.149-62, 1992.
- BUTTINER, A. Phénix, Faust et Narcisse. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.5, n.12, p.91-7, 1989.
- BYERS, A.M. Symboling and the middle-upper paleolithic transition. *Current Anthropology*, v.35, n.4, p.369-401, Aug./Oct. 1994.
- CALAME, F. Peau de bois, peau de pierre. *Terrain*, n.9, p.82-91, Oct. 1987.
- CALDEIRA, T.P.R. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CALLIGARIS, C. Imagens à bordo de um taxi. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23 de out. 1994. p.6-8.
- CALLIGARIS, C. *Hello Brasil!: notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. 4.ed. São Paulo, Escuta, 1996.
- CALVEZ, H.L.M. *Le bricolage dans l'aménagement de la maison*. Bretagne, Institut Regional du Travail Social de Bretagne, 1989. (Rapport finale de recherche)
- CÂMARA, M.P.A. *Cidades e vilas da escravidão: espaços dos excluídos*. São Paulo, 1995. 391p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- CANCLINI, N.G. Antropólogos sob a lupa: ou como falar das tribos quando as tribos são eles mesmos. *Ciência Hoje*, v.15, n.90, p.26-32, 1993.
- CANCLINI, N.G. *Culturas híbridas*. Mexico, Grijalbo, 1989.
- CANEVACCI, M. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- CANTER, D. An empirical study of the focal point in the living room. In: CANTER, D.; LEE, L., eds. *Psychology and the built environment*. Kent, Architectural Press, 1974. p.29-37.
- CARAMELLA, E.G.P. *Linguagem: materiais e procedimentos*. São Paulo, 1994. 178p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- CARDOSO, S. O olhar dos viajantes (do etnólogo). In: NOVAES, A. *O olhar*. São Paulo, Funarte/Companhia das Letras, 1988. p.347-60.
- CARRÉ, P. Les ruses de la "fée électricité". In: GOUBERT, J.P., ed. *Du luxe au confort*. Alençon, Belin, 1988. p.65-84.
- CARVALHO, A.M.A. O lugar do biológico na psicologia: o ponto de vista da etologia. *Biotemas*, v.2, n.2, p.81-92, 1989.
- CARVALHO, T.C. The space of citizenship: visually perceived non-spatial dimensions of housing. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.265-90.
- CARY, J. The nature of symbolic beliefs and environmental behavior in a rural setting. *Environment and Behavior*, v.25, n.5, p.555-76, Sept. 1993.
- CASTELIS, A.N.G. *Os hábitos não esquecidos: a recriação da casa COHAB nas mãos do povo*. Florianópolis, 1987. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciências Sociais, Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- CELESTE, P. L'immeuble et son intérieur. *Estense*, n.9, p.63-88, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- CENTRO BRASILEIRO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO INFANTIL - CINDEDI. *Organizando o meio para o desenvolvimento de interações em creches*. Ribeirão Preto, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 1994. [mimeografado]
- CERNOCH, J.M.; PORTER, R.H. Recognition of maternal axillary odors by infants. *Child Development*, v.56, p.1593-8, 1985.
- CERTEAU, M.d. *A cultura no plural*. Campinas, Papirus, 1995.
- CERTEAU, M.d. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1994.
- CHALANSET, A.; DANZIGER, C., dirs. *Nom, prénom: la règle et le jeu*. Paris, Autrement, 1994. (Collection Autrement, Série Mutations, n.147)
- CHAUL, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 3.ed. São Paulo, Moderna, 1982.
- CHAWLA, L. The place of poetry. *Children's Environments Quarterly*, v.2, n.2, p.7-13, 1985.
- CHAWLA, L. Childhood memory in adult interpretations of home. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: internacional perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.479-96.

- CHAWLA, L. Revisiting childhood, nature, and the city. *Architecture & Comportement/Architecture & Behavior*, v.11, n.1, p.11-8, Jan. 1995. N. spécial: L'enfant et la ville (II).
- CHELIN, A. *Les murs peints à Montreal*. Paris, 1980. Dissertação (Mestrado) - U.E.R. d'Arts Plastiques, Paris-IV. [Directeur: Mme Yvonne Bernard]
- CHEVALIER, D. Mise en Boîtes. In: *Habiter, habité: l'alchimie de nos maisons*. Paris, Autrement, 1990. p.156-87. (Collection Autrement, Série Mutations, n.116)
- CHEVALIER, S. *L'ameublement et le décor intérieur dans un milieu populaire urbain*. Paris, 1992. Tese (Doutorado) - Université de Paris X.
- CHIVA, I. La maison: le noyau du fruit, d'arbre, l'avenir. *Terrain*, n.9, p.5-9, Oct. 1987.
- CHOKOR, B.A. The meaning and use of housing: the traditional family. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.291-303.
- CHOMBART DE LAUWE, P.-H.; CHOMBART DE LAUWE, M.-J.; MOLLO, S.; HUGUET, M.; KAES, R.; LARRUE, J.; THOMAS, C. *Images de la culture*. Paris, Les Editions Ouvrières, 1966. (Collection "L'Evolution de la Vie Sociale")
- CHRÉTIEN, J.-L. De l'espace au lieu. In: DAUMIAN, H.; RAYNAUD, J.P., eds. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds de l'Herne, 1983. p.117-37.
- CHRISTENSEN, D.L.; CARP, F.C.; CRANZ, G.L.; WILEY, J. Objective housing indicators as predictors of the subjective evaluations of elderly residents. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.225-36, 1992.
- CLAVEL, M. Éléments pour une nouvelle réflexion sur l'habiter. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v.72, p.17-22, 1982.
- COOPER, C. The house as a symbol of the self. In: PROSHANSKY, H.M.; ITTELSON, W.H.; RIVLIN, L.G., eds. *Environmental Psychology: people and their physical settings*. 2.ed. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1976. p.435-48.
- COSTA, C.R.Z. *Habitação Guarani: tradição construtiva e mitologia*. São Paulo, 1989. 2v. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- COSTA, J.F. O mundo encantado de Mário Perxoto. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1996. p.5-7.
- COSTA, J.P.O. *Aiuruoca: Matutu e Pedra do Papagaio*. São Paulo, FAPESP/EDUSP, 1994.
- CRAIK, K. Aspects internationaux de la psychologie de l'environnement. *Psychologie Française*, v.32, n.1/2, p.17-30, Juin 1987.
- CRAMER, B. A psiquiatria do bebê. In: BRAZELTON, T.B. et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. p.24-74.
- CROCHET, S. *Le kram et le phel: pratiques et représentations de la propriété dans la société cambodgienne contemporaine*. Paris, 1991/1992. Dissertação (Mestrado) - Nanterre, Department d'Ethnologie et Préhistoire, Université Paris-X.
- CROWHURST, S.H. A house is a metaphor. *Journal of Architectural Education*, v.27, n.2-3, p.35-53. [s.d.]
- CROWHURST LENNARD, S.H.; LENNARD, H.L. Architecture: effect of territory, boundary, and orientation on family functioning. *Family Process*, v.16, n.1, p.49-66, 1977.
- CSIKSZENTMIHALYI, M.; ROCHBERG-HALTON, E. *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981.
- CSIKSZENTMIHALYI, M.; ROCHBERG-HALTON, E. The meaning of the things: domestic symbols and the self. [Book reviews: KOROSÉC-SERFATY, P. *Journal of Environmental Psychology*, v.3, p.187-97, 1983]
- CUISENIER, J. Le corpus de l'architecture rurale française: esquisses pour une synthèse prochaine. *Terrain*, n.9, p.92-9, Oct. 1987.
- CUISENIER, J. Le corpus d'architecture rurale: logique sociale et composition architecturale. In: CHIVA, I., dir. *Habitat et espace dans le monde rural*. Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'homme, 1988. p.41-52. (Collection Ethnologie de la France, Cahier 3)
- CUISENIER, J. *La maison rustique: logique sociale et composition architecturale*. Paris, PUF, 1991.
- CUNHA, M.C. *Os mortos e os outros*. São Paulo, Hucitec, 1978.
- CYMBALISTA, R. Os invasores do espaço. *Caramelo*, n.5, p.78-82, 1993.
- DaMATTA, R. Antropologia da saudade. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 de jun. 1992. p.6-4.
- DaMATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DaMATTA, R. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira. In: ALMEIDA, A.M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987. p.115-36.
- DaMATTA, R. País vive crise de auto-estima. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 de jul. 1995. p.1-26.

- DAMERGIAN, S. *O papel do inconsciente na interação humana - um estudo sobre o objeto da psicologia social*. São Paulo, 1988. 336p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- DAMISCH, H. *Ruptures cultures*. Paris, Les Editions de Minuit, 1976.
- DARLEY, J.M.; GILBERT, D.T. Social psychological aspects of environmental psychology. In: LINDSEY, G.E.; ARONSON, E., eds. *Handbook of social psychology*. 3.ed. New York, Random House, 1985. p.949-92.
- DASEN, P.R. Contribution de la psychologie interculturelle à la formation des enseignants pour une éducation interculturelle. In: LAVALLÉE, M.; OUELLET, F.; LAROSE, F., orgs. *Identité, culture et changement social*. Paris, Harmattan, 1991. p.220-31. (Collection "Espaces interculturels" - Actes du Troisième Colloque de l'ARIC)
- DASEN, P.R. Cross-cultural piagetian research: a summary. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v.3, n.1, p.23-39, 1972.
- DASEN, P.R. Fondements scientifiques d'une pédagogie interculturelle. In: *Éducation en contexte plurilingue et pluriculturel*. Berne, Institut de Pédagogie/ Université de Berne, 1993. p.1-19. (Actes du Colloque INTER-93, Berne)
- DASEN, P.R. The influence of ecology, culture and european contact on cognitive development in australian aborigenes. In: BERRY, J.W.; DASEN, P.R., eds. *Culture and cognition: readings in cross-cultural psychology*. London, Methuen, 1974. p.381-408.
- DASEN, P.R.; BOSSEL-LAGOS, M. L'étude interculturelle des savoirs quotidiens: revue de la littérature. In: RETSCHITZKI, J.; BOSSEL-LAGOS, M.; DASEN, P., orgs. *La recherche interculturelle*. Paris, Harmattan, 1989. v.2, p.99-114. (Actes du deuxième Colloque de l'ARIC)
- DAWKINS, M.S. Emoções são parte da mente. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 de ago. 1995. p.5-9.
- DEAR, M. Les aspects postmodernes de Henri Lefebvre. *Espaces et sociétés*, n.76, p.31-9, 1994.
- DeCASPER, A.J.; FIFER, W.P. Of human bonding: newborns prefer their mother's voices. *Science*, v.208, p.1174-6, 1980.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1987.
- DENIOT, J. Le décor textile: les murs et la table en milieu ouvrier. *Ethnologie Française*, v.16, n.3, p.319-33, 1986. N. spécial: Linge du corps, linge de maison.
- DEPAULE, J.-C. L'anthropologie de l'espace. In: CASTEX, J.; COHEN, J.-L.; DEPAULE, J.-C. *Histoire urbaine, anthropologie de l'espace*. 1995. [sem local e editora]
- DESPRÉS, C. A hybrid strategy in a study of shared housing. In: ARIAS, E.G., ed. *The Meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.381-404.
- DESPRÉS, C. Beyond the nuclear family: accomodating homesharing in pre- and post-war housing. *Dwelling(s): here and there*. Montreal, McGill University, 1992. (Papers presented at the A.C.S.A. Northeast Regional Meeting, nov. 1992)
- DESPRÉS, C. Beyond theoretical purism: the search for an integrated paradigm of environmental meaning research. In: HARDIE, G.; MOORE, R.; SANOFF, H., eds. *Changing paradigms*. Washington, EDRA, 1989. p.82-8. (Proceedings of Twentieth Annual Conference of the Environmental Design Research Association)
- DESPRÉS, C. De la maison bourgeoise à la maison moderne: univers domestique, esthétique et sensibilité féminine. *Recherches Feministes*, v.2, n.1, p.3-18, 1989. N. spécial: Lieux et Milieu de Vie.
- DESPRÉS, C. Les représentations symboliques de la maison de banlieu: le cas de la maison neo-quebecoise. In: HARVEY, J.; HENNING, D., eds. *Environments publiques*. Washington, EDRA, 1986. p.152-9.
- DESPRÉS, C. The meaning and experience of home in shared housing. In: GIULIANI, M.V., ed. *Home: social, temporal and spatial aspects*. San Giuliano Milanese, Progetto Finalizzato Edilizia, 1991. p.53-66. (Proceedings of the International Workshop on "The home environment: physical space and temporal processes", Cortona, Mai 1991)
- DESPRÉS, C. The meaning of home: literature review and directions for future research and theoretical development. *The Journal of Architecture and Planning Research*, v.8, n.2, p.96-115, Summer, 1991.
- DESPRÉS, C. The meaning and experience of shared housing: companionship, security and...a home. In: FELMAN, R.; HARDIE, G.; SAILE, D., eds. *Power by design*. Washington, EDRA, 1994. (Proceedings of the Twenty-Fourth Annual Conference of the Environmental Design Research Association)
- DESPRÉS, C.; LAROCHELLE, P. The making of flatted row houses in Québec City: innovative urban and architectural form and the endurance of cultural models. *Environments by Design*, 1996. [in press]
- DESPRÉS, C.; PICHE, D. Femmes et espace: perspectives sur le changement dans les pratiques culturelles. *Architecture & Comportement*, v.8, n.2, p.113-22, 1992. N. temático.
- DESPRÉS, C.; PICHE, D. Revisiting knowledge and practice: women's voices in architecture and urban planning. *Journal of Architectural and Planning Research*, v.9, n.2, p.91-4, 1992. N. temático

- DeVORE, I; KONNER, M.J. Infancy in hunter-gatherer life: an ethological perspective. In: WHILE, N.F., ed. *Ethology and psychiatry*. Toronto, University of Toronto Press, 1974. [mimeo; traduzido por Emma Otta]
- DIBIE, P. *O quarto de dormir*. um estudo etnológico. Rio de Janeiro, Globo, 1988.
- DITTMAR, H. The social psychology of material possessions: to have is to be. Hemel Hempstead, Harvester Wheatsheaf, 1992. [Book Reviews: GIULIANI, M.V. *Journal of Environment Psychology*, v.13, p.275-8, 1993]
- DOVEY, K. Home and homelessness. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.33-63. v.8: Human behavior and environment.
- DOVEY, K. The life and death of the Arlington huts. *Children's Environments Quarterly*, v.4, n.4, p.18-26, 1987.
- DUFFONTAINES, P. *L'homme et sa maison: géographie humaine*. Paris, Gallimard, 1972.
- DUNCAN, J.S. *Housing and identity*. New York, Holmes & Meier, 1981. (Cap. 3: From container of women to status symbol: the impact of social structure on the meaning of the house. p.36-59)
- DUNCAN, J.S. The house as symbol of social structure: notes on the language of objects among collectivistic groups. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.133-51. v.8: Human behavior and environment.
- DUNCAN, J.S.; DUNCAN, N.G. Social worlds, status passage, and environmental perspectives. In: MOORE, G.; GOLLEDGE, R., eds. *Environmental knowing*. Stroudsburg, Dowden, Hutchinson & Ross, 1976. p.206-13.
- DUNCAN, J.S.; LINDSEY, S.; BUCHAN, R. Decoding a residence: artifacts, social codes and the construction of the self. *Espaces et Sociétés*, n.47, p.29-43, 1985. N.spécial: Espace et sémiotique.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa, Presença, 1989.
- ECO, U. O irracionalismo ontem e hoje. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 de out. 1987. p.A-36.
- ECO, U. *Sobre os espelhos: e outros ensaios*. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989. p.11-37.
- EGENTER, N. *Architectural anthropology*. Lausanne, Structura Mundi, 1992. v.1: The present relevance of the primitive in architecture.
- ELEB-VIDAL, M. Dispositifs et moeurs: du privé à l'intime. *Extensio*, n.9, p.213-35, 1985. (Actes du Colloque International "La maison, Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985) [Colóquio e edição organizados por Monique Eleb-Vidal e Anne Debarre-Blanchard]
- ELEB-VIDAL, M. Le logement et la construction de l'identité. *Bulletin de Psychologie*, v.36, n.361, p.735-46, jul/août 1983.
- ELEB-VIDAL, M. Représentations collectives et intériorisations dans la scène quotidienne. *Bulletin de Psychologie*, v.36, n.360, p.521-3, mai/juin 1983.
- ELEB-VIDAL, M.; CHÂTELET, A.M. Les architectes, tiennent-ils compte des modes de vie? In: SEGAUD, M., dir. *Evolution des modes de vie et architectures du logement*. Paris, Ministère du Logement, 1994. p.89-96. (Recherches Architecturales, n.42)
- ELEB-VIDAL, M.; DEBARRE-BLANCHARD, A. *Architecture de la vie privée: maisons et mentalités. XVII-XIX siècles*. Paris, Aux Archives de l'Architecture Moderne - A.A.M., 1989.
- ELIADE, M. Architecture sacrée et symbolisme. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J.P. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds de l'Herne, 1983. p.57-75.
- ELIADE, M. *Images et symboles*. Paris, Gallimard, 1980 (1.ed., 1952)
- ELHASSAN ALI MOHAMED, M. *L'architecture traditionnelle au Soudan*. Paris, 1976. Tese (Doutorado) - Université Paris I, Panthéon-Sorbonne.
- ELLIS, P. Architects' and residents' differing conceptions of outside spaces in housing areas. In: Actes de L.A.P.C., 4., 1979. p.813-20.
- EL-RAFEY, M.; SUTTON, S.E. Egyptian norms, women's lives: a new form and content of housing. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.515-39.
- EMADZADEH. *Architecture des régions chaudes et sèches en Iran*. Paris, 1974. Dissertação (Mestrado) - Sorbonne Paris I, Arts Plastiques.
- ESPE, H.; SCHULTZ, W. Room evaluation, moods, and personality. POL, E. et al., eds. *Home environment: aspects qualitatifs*. Barcelona, Universitat de Barcelona, 1984. p.267-74. (Actes de la Conférence Internationale sur l'homme et son environnement, 7., IAPS-7, Barcelona, 1984)
- ESSER, A.H., ed. *Behavior and environment: the use of space by animals and men*. New York, Plenum Press, 1971. 411p. (International Symposium on The Use of Space by Animals and Men, 135th Annual Meeting of AAAS, Dallas, 1968)

- EVANS, G.W. Theoretical and empirical issues with regard to privacy, territoriality, personal space, and crowding. *Environment and Behavior*, v.8, n.1, p.3-6, Mar. 1976.
- EVANS, G.W.; EICHELMAN, W. Preliminary models of conceptual linkages among proxemic variables. *Environment and Behavior*, v.8, n.1, p.87-116, Mar. 1976.
- EVANS, G.W.; LEPORE, S.J. Conceptual and analytical issues in crowding research. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.163-73, 1992.
- FAETA, F. La mort en images. *Terrain*, n.20, p.69-84, May 1993.
- FAGGIN, C.A.M. *A evolução do espaço na casa popular: estudo de caso de dois conjuntos habitacionais da COHAB-SP na área metropolitana de São Paulo*. São Paulo, 1984. 123p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- FELDMAN, R.M. Settlement-identity: psychological bonds with home places in a mobile society. *Environment and Behavior*, v.22, n.2, p.183-229, Mar. 1990.
- FERNALD, A. Four-month-old infants prefer to listen to motherese. *Infant Behavior & Development*, v.8, p.181-95, 1985.
- FERRARA, L.A. *A estratégia dos signos: linguagem/ espaço/ ambiente urbano*. 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 1986.
- FERRAZ, M.C. *Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira*. São Paulo, Quadrante, 1992.
- FIELD, T. Caregiving environments for infants. *Children's Environments*, v.11, n.2, p.147-54, 1994.
- FIELD, T. et al. Mother- stranger face discrimination by the newborn. *Infant Behavior & Development*, v.7, p.19-25, 1984.
- FIGUEIREDO, L.C. *Modos de subjetivação no Brasil: e outros escritos*. São Paulo, Escuta/Educ, 1995.
- FIGUEIREDO, L.C. *Psicologia: uma introdução*. São Paulo, Educ, 1995.
- FIGUEIREDO, W.G. *Espaço público espaço privado: notas para o estudo das condições de apropriação do espaço urbano*. São Paulo, 1984. 110p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- FILIOD, J.P. "Ça me lave la tête": purification et ressourcements dans l'univers domestique. *Ethnologie Française*, v.26, n.2, p.264-79, 1996. N. spécial: La ritualisation du quotidien.
- FILIOD, J.P. *L'univers domestique au singulier-pluriel: contribution à une ethnographie de l'habiter*. Lyon, 1995. Tese (Doutorado) - Faculté d'anthropologie et de sociologie, Université Lumière, Lyon 2.
- FILIOD, J.P. L'émergence du masculin dans l'espace domestique. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.8, n.2, p.159-80, 1992. Special issue: Women, space and cultural changes.
- FISCHER, G.-N. *Psychologie sociale de l'environnement*. Toulouse, Privat, 1992.
- FOL, J. *Les espaces transfigurés*. Paris, 1978. Dissertação (Mestrado) - Université Paris I, Arts Plastiques.
- FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, M. A verdade e as formas jurídicas. *Cadernos da PUC-RJ*, n.16, p.1-102, 1974.
- FRANCESCATO, G. The meaning and use of housing: conceptual basis. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.35-49.
- FRANK, H. Nostalgie et tradition dans l'habitation allemande des années 20 et 30: la mise en scène de la "Heimat". *Extenso*, n.9, p.113-37, 1985. (Actes du Colloque "La Maison. Espaces et intimités. Paris, École d'Architecture Paris-Villemin)
- FRANZ, M.-L.v. *Time: rhythm and repose*. London, Thames and Hudson, 1978.
- FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: *Obras completas*. v.1. Madrid, Biblioteca Nueva, 1948.
- FRIEDMAN, Y. *L'architecture de survie: où s'invente aujourd'hui le monde de demain*. Belgique, Caterman, 1978. p.149-69.
- FUHRER, U.; KAISER, F.G. Place attachment and mobility during leisure time. *Journal of Environmental Psychology*, v.13, p.309-21, 1993.
- GASTER, S. Rethinking the children's home-range concept. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.11, n.1, p.35-42, Jan. 1995. Special issue: Children and the city (II).
- GAUNT, L.N. The family circle: a challenge for planning and design. *The Journal of Architectural and Planning Research*, v.8, n.2, p.147-63, Summer 1991.
- GELFAND, M.J.; TRIANDIS, H.C.; CHAN, D. K-S. Individualism versus collectivism or versus authoritarianism? *European Journal of Social Psychology*, v.26, p.397-410, 1996.
- GÉRÔME, N. Les maisons des pêcheurs de Saintonge. *Ethnologie Française*, v.11, n.1, p.37-45, jan./mars 1981.
- GIANNOTTI, J.A. O fim do uniforme. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 de nov. 1995. p.5-5.

- GIFFORD, R. *Environmental psychology: principles and practice*. Vancouver, Allyn & Bacon, 1987. (Cap. 6: Territoriality, p.147-53)
- GIULIANI, M.V. Naming the rooms. *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.180-203, Mar. 1987
- GIULIANI, M.V. *Le logement: un système territorial*. In: L'EUROPAN, Berlin-Ouest, 1988. (communication) [mimeografado]
- GIULIANI, M.V. Towards an analysis of mental representations of attachment to the home. *The Journal of Architectural and Planning Research*, v.8, n.2, p.133-45, Summer 1991.
- GIULIANI, M.V.; BOVE, G.; RULLO, G. The spatial organization of the domestic interior: the italian home. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.117-35.
- GIULIANI, M.V.; FELDMAN, R. Place attachment in a developmental and cultural context. *Journal of Environmental Psychology*, v.13, p.267-74, 1993.
- GIULIANI, M.V.; RULLO, G. Territorial organization of domestic space in different types of households. In: HOOGDALAM, H.v.; PRAK, N.L.; VOORDT, T.J.M.v.d.; WEGEN, H.B.R.v., orgs. *Looking back to the future, se retourner vers l'avenir*. Delft, Delft University Press, 1988. p.353-62. v.2: Symposia and papers. (Proceedings of International Association for the Study of People and their Physical Surroundings, 10., Delft, 1988)
- GIULIANI, M.V.; RULLO, G.; BACARO, C. Structures familiales et modèles territoriaux. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989. p.262-73.
- GLEICHMANN, P.-R. Le sommeil et ses espaces. *Extensio*, n.9, p.369-98, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- GLICKSOHN, J. Subjective time estimation in altered sensory environments. *Environment and Behavior*, v.24, n.5, p.634-52, Sept. 1992.
- GOMBRICH, E.H. *El sentido de orden*. Barcelona, GG Arte, 1980
- GOMES, F.Z.; ADORNO, R.C. Criança e menor na sociedade brasileira: serviços, cuidados e exclusão. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.1, n.1, p.83-98, 1991.
- GOTTESDIENER, H. Comportement des visiteurs dans l'espace des expositions culturelles. *Psychologie Française*, v.32, n.1/2, p.55-64, Juin 1987.
- GOUBERT, J.-C. Le bidet ou le mot impudique. In: GOUBERT, J.C. *Du luxe au confort*. Alençon, Belin, 1988. p.159-64.
- GOUBERT, J.-C. Le confort dans l'histoire: un objet de culte. In: GOUBERT, J.C. *Du luxe au confort*. Alençon, Belin, 1988. p.21-30.
- GOUBERT, J.-C. *La santé publique en Orient et en Occident: l'aménagement du temps et de l'espace dans la ville (Paris, Alger, Le Caire, Damas au XIX siècle)*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, dez./jan./fev. 1995. (Séminaires en histoire sociale et histoire de la santé)
- GOUREVITCH, A.Y. O tempo como problema de história cultural. In: RICOEUR, P. et al. *As culturas e o tempo: estudos reunidos pela UNESCO*. Petrópolis, Vozes/ São Paulo, EDUSP, 1975. p.263-83.
- GRAFF, C. Towards a social psychology of housing. *Housing Educators Journal*, v.4, n.3, p.2-6, 1977.
- GRAUMANN, C.F. Vers une phénoménologie de l'être chez-soi. *Architecture&Comportement/Architecture& Behavior*, v.5, n.1, p.117-26, 1989.
- GROUT, L.N.; DESPRÉS, C. The significance of architectural theory for environmental design research. In: ZUBE, E.H.; MOORE, G.T., eds. *Advances in environment, behavior and design*. v.3. New York, Plenum Press, 1991. p.3-52.
- GRUNSPUN, H. *Distúrbios neuróticos da criança*. São Paulo, Fundação Prociens, 1965.
- GRUZINSKI, S. *Les Amériques baroques: manifestations et répercussions de l'occidentalisation*. Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, jan./fev. 1995. (Séminaires en anthropologie historique)
- GRUZINSKI, S. *La guerre des images: de Christophe Colomb à "Blade Runner" (1942-2019)*. Paris, Fayard, 1990.
- GUCHT, D.V. Activité ludique et sociabilité enfantine: pour une socio-anthropologie de la prime enfance. *Revue de l'Institut de Sociologie*, p.375-98, 1990/1991.
- GULLESTAD, M. The transformation of the norwegian notion of everyday life. *American Ethnologist*, v.18, n.3, p.480-99, Aug. 1991.
- GUNTHER, H. *Brasília como laboratório natural de ensino de psicologia ambiental*. Brasília, Universidade de Brasília, 1991. (Textos do Laboratório de Psicologia Ambiental, n.5)
- GUNTHER, H. *O que é psicologia ambiental - uma breve introdução*. Brasília, Universidade de Brasília, 1991. (Textos do Laboratório de Psicologia Ambiental, n.4)

- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- HALL, E.T. *Beyond culture*. New York, Anchor Books, 1976.
- HALL, E.T. *The dance of life: the other dimension of time*. New York, Anchor Books, 1983.
- HALL, E.T. *A dimensão oculta*, 3.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.
- HALPERIN, J. La notion de sécurité dans l'histoire économique et sociale. (*Dossier des séminaires T.T.S. Ministères de l'Équipement, du Logement, des Transports et de la Mer*, n.7, Mars 1989)
- HANSEN, W.B.; ALTMAN, I.A. Decorating personal places: a descriptive analysis. *Environment and Behavior*, v.8, n.4, p.491-504, Dec. 1976.
- HARDIE, G.J. Continuity and change in the Tswana's house and settlement form. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.213-35. v.8: Human behavior and environment.
- HARKNESS, S. Cross-cultural research in child development: a sample of state of art. *Developmental Psychology*, v.28, n.4, p.622-5, 1992.
- HARKNESS, S.; KILBRIDE, P.L. The socialization of affect. *Ethos*, v.11, n.4, p.215-20, 1983.
- HARKNESS, S.; SUPER, C.M. The cultural construction of child development: a framework for the socialization of affect. *Ethos*, v.11, n.4, p.221-31, 1983.
- HASELL, M.J.; PEATROSS, F.D. Exploring connections between women's changing roles and house forms. *Environment and Behavior*, v.22, n.1, p.3-26, Jan. 1990.
- HAUMONT, N. Habitat et modèles culturels. *Revue Française de Sociologie*, v.9, p.180-90, 1968.
- HAUMONT, N. *Les pavillonnaires*. 2.ed. Paris, Institut de Sociologie Urbaine, 1975.
- HAUMONT, N. *The practices of the French habitat: 1960-1990*. [s.d., mimeo]
- HAYFORD, A.M.; SASKATCHEWAN, R. The geography of women: an historical introduction. *Antipode*, v.6, n.2, p.1-19, 1974.
- HEERWAGEN, J.H.; ORJANS, G.H. Adaptations to windowlessness: a study of the use of visual decor in windowed and windowless offices. *Environment and Behavior*, v.18, n.5, p.623-39, Sep. 1986.
- HEGENBERG, L.; RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z.; TASSARA, E.T.O.; BATRO, A. Distinção entre sujeito epistêmico e sujeito psicológico em Psicologia Social: o paradoxo indivíduo-sociedade. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 22., Buenos Aires, 1989. *Abstracts*. Buenos Aires, Sociedade Interamericana de Psicologia, 1985. p.354.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo, Paz e Terra, 1984.
- HELLER, G. C'est à l'école que l'enfant apprend comment habiter. *Extenso*, n.9, p.411-38, 1985. (Actes du Colloque International "La maison. Espaces et intimités", Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- HERZOG, T.R. A cognitive analysis of preference for urban spaces. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.237-48, 1992.
- HILL, R.P. Homeless women, special possessions, and the meaning of "home": an ethnographic study. *Journal of Consumer Research*, v.18, p.298-310, Dec. 1991.
- HOGGART, R. *La culture du pauvre: le sens commun*. Paris, Ed. de Minuit, 1970.
- HORMUTH, S.E. *The ecology of the self: relocation and self concept change*. Paris, Maison des Sciences de l'Homme/ Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- HORWITZ, J.; TOGNOLI, J. Role of home in adult development: women and men living alone describe their residential histories. *Family Relations*, n.31, p.335-41, 1982.
- HUGUET, M. L'habitat. In: *Traité de psychologie appliquée*. Paris, PUF, 1974. p.144-53.
- HUJAN, H. From rural sulawesi back to greek city-state: extending the empirical base of the study of domestic housing. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.281-83, 1992.
- HUMMON, D.M. House, home, and identity in contemporary american culture. In: LOW, S.M.; CHAMBERS, E., eds. *Housing, culture, and design*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1989. p.207-28.
- HUTTMAN, E. The homeless and "doubled-up" households. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.457-78.
- ISQUIERDO, I. A imaginação, a eternidade e seus jogos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1996. p.1-3.
- JABOR, A. Na Bienal, todos se tornam instalações. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 de out. 1994. p.5-6.
- JAFFÉ, A. El simbolismo en las artes visuales. In: YUNG, C.G. et al. *El hombre y sus símbolos*. Madrid, Aguilar, 1966. p.230-71.
- JAHEID, F. *Dans le cadre d'habitat urbain arabo-musulman et arabo-berbère à étudier: la maison libanaise. La maison marocaine*. Paris, 1986. Dissertação (Mestrado) - Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, UER des Arts Plastiques. (Dir. Mme Yvonne Bernard)
- JARREAU, P. *Du bricolage: archéologie de la maison*. Paris, Centre George Pompidou, 1985. (Collection Alors)

- JODELET, D., dir. *Les représentations sociales*. Paris, PUF, 1989.
- JOUVET, M. Neurobiologia dos sonhos. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978. v.2: p.96-121.
- JUAN, C. Le temps et l'espace de la maison solaire. *Espaces et Sociétés*, n.46, p.129-43, 1985.
- JUIN, H. *Le lit*. Paris, Atelier Hachette, 1980.
- KAPLAN, S. Aesthetics, affect and cognition: environmental preference from an evolutionary perspective. *Environment and Behavior*, v.19, n.1, p.3-32, Jan. 1987.
- KAUFMANN, J.-C. Différences sexuelles et ruptures intergénérationnelles du propre et du rangé. In: SEGAUD, M., ed. *Le propre de la ville: pratiques et symboles*. La Garenne Colombes, Espace Européen, 1992. p.63-75.
- KAUFMANN, J.-C. *La chaleur du foyer: analyse du repli domestique*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988.
- KAUFMANN, J.-C. Les espaces du linge. In: SEGAUD, M., dir. *Evolution des modes de vie et architectures du logement*. Paris, Ministère du Logement, 1994. p.53-8. (Recherches Architecturales, n.42)
- KAUFMANN, J.-C. Portes, verrous et clés: être chez soi. *Ethnologie Française*, v.26, n.2, p.280-8, 1996.
- KAWASAKI, C., NUGENT, J.K.; MIYASHITA, H.; BRAZELTON, T.B. The cultural organization of infant's sleep. *Children's Environments*, v.11, n.2, p.135-41, 1994.
- KESLER, B.E.T.A. La maison communautaire comme nouveau style de vie. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989. p.193-210.
- KIRMEYER, S.L. Urban density and pathology: a review of research. *Environment and Behavior*, v.10, n.2, p.247-69, Jun. 1978.
- KLAUSS, M.; KLAUSS, P. *O surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- KLEIN, Y. La maison immatérielle. In: DAMIAN, H.; RAYMAUD, J.-P., eds. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds de l'Herne, 1983. p.101.
- KNOX, P.L. Symbolism, styles and settings: the built environment and the imperatives of urbanized capitalism. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.2, n.2, p.107-22, 1984.
- KOKOREFF, M. L'espace public du métro: propreté, saleté et civilité. In: SEGAUD, M., ed. *Le propre de la ville: pratiques et symboles*. La Garenne Colombes, Eds de l'Espace Européen, 1992. p.21-42.
- KON, I.S. A sociocultural approach. In: GEER, J.H.; O'DONOHUE, W.T., eds. *Theories of human sexuality*. New York, Plenum Press, 1987. p.257-86.
- KONNER, M. Etologia de um povo que vive da caça e da coleta: aspectos relacionados com o desenvolvimento infantil. In: BLURTON JONES, N., ed. *Estudos etológicos do comportamento da criança*. São Paulo, Pioneira, 1981. p.295-315.
- KONNER, M. Evolution of human behavior development. In: LEIDERMAN, P.H. et al., eds. *Culture and infancy: variations in the human experience*. New York, Academic Press, 1977. p.69-109.
- KONNER, M. Infancy among the Kalahari desert San. In: LEIDERMAN, P.H. et al., eds. *Culture and infancy: variations in the human experience*. New York, Academic Press, 1977. p.287-300.
- KOPPEN, C.S.A.v. *Nature, body and environment on the edge of modernity*. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 13., Bielefeld, Germany, 1994. [mimeografado]
- KOROSEC-SERFATY, P. Experience and use of the dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.65-85. v.8: Human behavior and environment.
- KOROSEC-SERFATY, P. The home from the attic to the cellar. *Journal of Environmental Psychology*, v.4, p.303-21, 1984.
- KOROSEC-SERFATY, P.; BOLITT, D. Dwelling and the experience of burglary. *Journal of Environmental Psychology*, v.6, p.329-44, 1986.
- KOROSEC-SERFATY, P.; CONDELLO, M. Demeure et alterité: mise à distance et proximité de l'autre. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.5, n.1, p.165-77, 1989.
- KOROSEC-SERFATY, P.; JECKER, V.; FARENDLA, B. Mode de vie, dynamique familiale et construction de l'identité: les familles monoparentales en France. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, L'Harmattan, 1989. p.245-61.
- KORPELA, K.M. Adolescents' favourite places and environmental self-regulation. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.249-58, 1992.
- KORPELA, K.M. Place-identity as a product of environmental self-regulation. *Journal of Environmental Psychology*, v.9, p.241-56, 1989.
- KRANTZ, B.; RASMUSSEN, B. Changing perspectives and approaches: swedish research on children and the urban environment. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.11, n.1, p.27-34, Jan. 1995. Special Issue: Children and the city (II).

- KRUPAT, E. A place for place identity. *Journal of Environmental Psychology*, v.3, p.343-4, 1983.
- KUMI, H.K. *Biografia, subjetividade, temporalidade à luz das contribuições de Merleau-Ponty: uma proposta de estudo*. São Paulo, 1990. 68p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade São Paulo.
- KURZ, R. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. 3.ed. São Paulo, Paz e Terra, 1993.
- LALLI, M. Urban-related identity: theory, measurement, and empirical findings. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.285-303, 1992.
- LAMARCHE-VADEL, G. Entre les pierres du mur. In: *Habiter, habité: l'alchimie de nos maisons*. Paris, Autrement, 1990. p.86-9. (Collection Autrement, Série Mutations, n.116)
- LANG, J.T. Methodological issues and approaches: a critical analysis. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.51-72.
- LASSARRE, D. Le choix préférentiel des objets domestiques. *Psychologie Française*, v.27, n.2, p.157-64, Juin 1982.
- LAUMANN, E.O.; HOUSE, J.S. Living room styles and social attributes: the patterning of material artifacts in a modern urban community. *Sociology & Social Research*, v.54, n.3, p.321-42, 1970.
- LAWRENCE, R.J. Deciphering home: an integrative historical perspective. In: BENJAMIN, D.N.; STEA, D., eds. *The home: words, interpretations, meanings, and environments*. Brookfields, Ashgate, 1995. p.53-68.
- LAWRENCE, R.J. Habitat et habitants: une perspective interculturelle. *Cultures*, v.7, n.2, 155-75, 1981.
- LAWRENCE, R.J. Habitat et habitants à Genève: une perspective historique du logement populaire. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., eds. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989. p.139-55.
- LAWRENCE, R.J. *Housing, dwellings and homes: design theory, research and practice*. New York, John Wiley & Sons, 1987.
- LAWRENCE, R.J. The meaning and use of home: its interior. In: ARIAS, E., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.73-80.
- LAWRENCE, R.J. A more humane history of homes: research, method and application. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.113-32. v.8: Human behavior and environment.
- LAWRENCE, R.J. What makes a house a home? *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.154-68, Mar. 1987.
- LEAKEY, R.I. *A evolução da humanidade*. São Paulo, Melhoramento, 1981.
- LEAKEY, R.I. *O povo do lago*. São Paulo, Melhoramento, 1978.
- LECUYER, R. Psychologie de l'espace. *Année Psychologique*, v.75, p.549-73, 1975.
- LECUYER, R. Psychologie de l'espace II: rapports spatiaux interpersonnels et la notion d'espace personnel. *Année Psychologique*, v.76, p.563-96, 1976.
- LEFEBVRE, H. Éléments d'une théorie de l'objet. In: *Du rural à l'urbain*. Paris, Anthropos, 1970. p.267-85.
- LEFEBVRE, H. La société bureaucratique de consommation dirigée. In: LEFEBVRE, H. *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris, Gallimard, 1968. (cap. II: p.133-207)
- LEFEBVRE, H. Préface. In: RAYMOND, H.; RAYMOND, M.G.; HAUMONT, N.; HAUMONT, A. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, ISU/Centre de Recherche d'Urbanisme, 1966. p.3-24.
- LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford, Blackwell, 1994.
- LEGENDRE, A. Transformation de l'espace d'activités et échanges sociaux de jeunes enfants en crèche. *Psychologie Française*, v.32, n.1/2, p.31-44, Juin 1987.
- LEIMAN, M. The concept of sign in the work of Vygotsky, Winnicott and Bakhtin: further integration of object relations theory and activity theory. *British Journal of Medical Psychology*, v.65, p.209-21, 1992.
- LEITE, M.A.F.P. *Destruição ou desconstrução?: questões de paisagem e tendências de regionalização*. São Paulo, Hucitec/FAPESP, 1994.
- LEITE, R.C.de C. A arte de pintar o eterno. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1996. p.5-8.
- LEMIEUX, D.; MERCIER, L. *Les femmes au tournant du siècle: 1880-1940*. Québec, IQRC, 1989. (La maison et les rituels domestiques)
- LEROY-GOURHAN, A. *Le geste et la parole: la mémoire et les rythmes*. Paris, Albin Michel, 1977.
- LEVINE, R. Social time: the heartbeat of culture. *Psychology Today*, p.29-35, Mar. 1985.
- LÉVY-STRAUSS, C. A ciência do concreto. In: *O pensamento selvagem*. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1962. p.19-55.
- LEWIN, K. Problemas psicológicos e sociológicos de um grupo minoritário. In: LEWIN, K. *Problemas de dinâmica de grupo*. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1973. p.159-72.

- LIICEANU, G. Repères pour une herméneutique de l'habitation. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J.-P., eds. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds de l'Herne, 1983. p.105-15.
- LINDBERG, E., HARTIG, T., GARLING, T. Residential-location preferences across life span. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.187-98, 1992.
- LIPSITT, L.P. The pleasures and annoyances of infants: approach and avoidance behavior. In: THOMAN, E., ed. *Origins of infant's social responsiveness*. New York, John Wiley & Sons, 1979. p.125-51.
- LONDON, A.S.; MORGAN, S.P. Racial differences in first names in 1910. *Journal of Family History*, v.19, n.3, p.261-84, 1994.
- LONG, A.J.d. Coding behaviour and levels of cultural integration: synchronic and diachronic adaptive mechanisms in human organization. In: BROADBENT, G.; BUNT, R.; LLORENS, T., eds. *Meaning and behaviour in the built environment*. New York, John Wiley & sons, 1980. p.253-71.
- LUCKEY, D. The meaning of the "corridor" in Costa Rica: an integrated methodology for design. In: ARJAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.201-34.
- LUGASSY, F. *Logement, corps, identité*. Bégédis, Eds. Universitaires, 1989.
- LUNT, P.K.; LIVINGSTON, S.M. *Mass consumption and personal identity: the meaning of possessions*. Buckingham, Open University Press, 1992. p.59-85.
- MADIGAN, R.; MUNRO, M. Gender, house and "home": social meanings and domestic architecture in Britain. *Journal of Architecture and Planning Research*, v.8, n.2, p.116-31, Summer 1991.
- MAGNI, C.T. Em busca do nomadismo da imagem. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., Salvador, Bahia, 1996. [mimeografado]
- MAGNI, C.T. O uso da fotografia na pesquisa sobre os habitantes de rua. *Horizontes Antropológicos*, v.1, n.2, p.111-6, 1995. N. especial: Antropologia visual.
- MAGNI, C.T. Povo da rua: um estudo sobre o nomadismo urbano. *Cadernos da Cidade*, Porto Alegre, v.2, n.4, p.5-41, Jun. 1995.
- MAHARIDGE, D. *The last american hobo*. Rockling, Prima Publ., 1993.
- MARRAMAO, G. Organização social e complexidade. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v.39, n.2, p.108-36, 1990.
- MARTIN, P. La maison rurale dans l'espace et dans le temps à la Garrege. *Revue d'Auvergne*, v.435, p.69-79, 1969.
- MARTIS, K.E.K. *Les maçons de la Macedoine occidentale et leur contribution à l'architecture traditionnelle de la Grèce du Nord*. Paris, 1979. Dissertação (Mestrado) - Sorbonne Paris 1 Arts Plastiques.
- MASSA, A.M. *A moradia e suas implicações na dinâmica da personalidade: uma tentativa de estudo entre moradores de cortiço e de favela na cidade de São Paulo*. São Bernardo do Campo, 1986. Dissertação (Mestrado) - Instituto Metodista de Ensino Superior.
- MAYO, J.M. Urban design as uneven development. *Environment and Behavior*, v.20, n.5, p.633-63, Sept. 1988.
- MAZZOLENI, G. Mítico, mágico e ocidente: notas, variações e divagações. In: *O planeta cultural: para uma antropologia histórica*. São Paulo, EDUSP, 1994. p.207-24.
- MAZUMDAR, S.; MAZUMBAR, S. Sacred space and place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, v.13, p.231-42, 1993.
- McINTOSH, D. Language, self and lifeworld in Habermas' theory of communicative action. *Theory and Society*, v.23, n.1, p.1-33, 1994.
- MEHLER, J. Conhecer desaprendendo. In: *A unidade do homem: o cérebro humano e seus universais*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978. v.2: p.23-35.
- MELTZOFF, A.N.; MOORE, M.K. Cognitive foundations and social functions of imitation and intermodal representation in infancy. In: MEHLER, J., FOX, R., eds. *Neonate cognitions: beyond the blooming buzzing confusion*. New Jersey, Lawrence Erlbaum, 1985. p.139-50.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- MEYERHOF, P.G.; RABINOVICH, E.P. Can birth, hunger, pain and pleasure signals be identified in the crying of neonates? In: BIENNIAL MEETINGS OF ISSBD, 12., Recife, 1993. *Poster Abstracts*. Recife, ISSBD, 1993. p.133.
- MEYROWITZ, J. *No sense of place: the impact of electronic media on social behavior*. New York, Oxford University Press, 1985.
- MICELA, R. *Antropologia e psicanálise: uma introdução à produção simbólica, ao imaginário, à subjetividade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

- MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 1982. p.VII-LXI.
- MICHELSON, W. The behavioral dynamics of social engineering: lessons for family housing. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Averbury, 1993. p.303-26.
- MILLER, D.; MILLER, G. On habite sa maison comme on s'habite soi-même. *Ensembles, la Revue*, n.44, p.39, Nov. 1994.
- MOLES, A.A.; WAHL, E. Kitsch et objet. *Communications*, n.13, 1969. N. spécial: Les objets. [s.p.]
- MOLEY, C. La genèse du jour/nuit: scission de l'espace du logement en deux parties. *Extenso*, n.9, 259-81, 1985. (Colloque: La maison. Espaces et intimités)
- MOLEY, C. La place de l'eau dans l'espace domestique. *Architecture&Comportement/Architecture&Behavior*, v.3, n.2, p.103-15, 1987.
- MOORE, G.T. Quality assessment and planning for children: description and measurement of the physical environment of child care center. *Architecture&Comportement/Architecture&Behavior*, v.10, n.4, p.407-45, Dec. 1994. Special Issue: Children and the city. (I).
- MOORE, J. Home: image or reality?: the meaning of home to homeless people. In: "Ideal homes?": towards a sociology of domestic architecture. Teeside, School of Human Studies, University of Teeside, 1994. (Colóquio) [mimeografado]
- MORAES, F. *Chateau*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MORAIS, A.M. *Desenraizamento cultural e desestruturação mental: o caso amazônico*. São Paulo, 1995. 269p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- MORELLI, L. The meaning and role of the physical environment in dwelling. In: INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PEOPLE AND THEIR PHYSICAL SURROUNDINGS - IAPS, 10., Delft, 1988. HOOGDALLEN, H.v. et al., orgs. *Looking back to the future*. Delft, Delft University Press, 1988. p.1-15.
- MORENO, C. *La casa y sus cosas*. Buenos Aires, Centro para la Conservación del Patrimonio Urbano y Rural, S.I.P. F.A.U. U.B.A., Instituto argentino de investigaciones de historia de la arquitectura y del urbanismo, Junta de estudios históricos de Cañuelas, 1994.
- MORIN, E. *La complexité humaine*. Paris, Flammarion, 1994.
- MORIN, E. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- MORIN, V. Essay de bibliographie sur le problème de l'objet. *Communications*, n.13, p.141-4, 1969. N. spécial: Les objets.
- MORIN, V. L'objet biographique. *Communications*, n.13, p.131-9, 1969. N. spécial: Les objets.
- MUNIZ, M.I.P. *Cultura e arquitetura: a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo*. São Paulo, 1994. 195p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- NARUMI, K. Inheritability and attachment: the detached house in Japan. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Averbury, 1993. p.341-76.
- NASAR, J.L., ed. *Environmental aesthetics - theory and applications*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988. [Book review: WHITEHEAD, C. *Journal of Environmental Psychology*, v.9, p.257-63, 1989]
- NASAR, J.L. Urban design aesthetics: the evaluative qualities of building exteriors. *Environment and Behavior*, v.26, n.3, p.377-401, May 1994.
- NATSOUKAS, T. Gibson's environment, Husserl's Lebenswelt, the world of physics, and the rejection of phenomenal objects. *American Journal of Psychology*, v.107, n.3, p.327-58, 1994.
- NEITZERT, F. La chambre d'enfant et les stratégies éducatives des "professions intermédiaires". In: SEGAUG, M., dir. *Evolution des modes de vie et architectures du logement*. Paris, Ministère du Logement, 1993. p.9-10. (Recherches Architecturales. n.42)
- NEMET, L. L'aménagement de l'espace et psychopathologie familiale. *Perspectives Psychiatriques*, Jan. 1988. [in press - mimeografado]
- NIIT, T. Housing characteristics, family relations and lifestyle: an empirical study of estonian families. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Averbury, 1993. p.327-40.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Existence, space and architecture*. London, Studio Vista, 1972.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*. New York, Rizzoli, 1980.

- NORDSTROM, M. Childhood environmental memories: what are they and to what use do we put them? *Architecture & Comportement/Architecture & Behavior*, v.11, n.1, p.19-26, Jan. 1995. Special issue: Children and the city (II).
- NOSCHIS, K. L'usager et sa conception de l'espace domestique dans le dialogue avec l'architecte. *Psychologie Française*, v.32, n.1/2, p.23-30, Juin 1987.
- NOVAES, S.C. *Jogo de espelhos*. São Paulo, EDUSP, 1993.
- NUNES, B. A antropofagia ao alcance de todos. In: *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica*. São Paulo, Globo, 1990. p.5-40.
- OLIVEIRA, M.K. *Cognitive processes in everyday life situations: an ethnographic study of Brazilian urban migrants*. New York, 1989. Dissertação (Mestrado) - Department of Philosophy, Stanford University.
- OLIVEN, R.G. A antropologia e a diversidade cultural no Brasil. *Revista de Antropologia*, v.13, p.119-40, 1990.
- OLIVEN, R.G. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- OLIVER, P. Introduction. In: OLIVER, P., ed. *Shelter, sign & symbol*. London, Barrie & Jenkins, 1975. p.7-37.
- OLSEN, D.J. *The city as a work of art*. New Haven, Yale University Press, 1986. (Cap.8: Inside the dwelling p.101-28)
- OMATA, K. Spatial organization of activities of Japanese families. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.259-67, 1992.
- OSELAND, N.; DONALD, I. The evaluation of space in homes: a facet study. *Journal of Environmental Psychology*, v.13, p.251-61, 1993.
- OVIEDO, G.F. *Historia general y natural de las Indias*. [Trechos; mimeografado]
- OYAMA, S. Ontogeny and the central dogma: do we need the concept of genetic programming in order to have an evolutionary perspective? In: GUNNAR, M.R.; THELEN, E., eds. *Systems and development: the Minnesota Symposium on child psychology*. New Jersey, Lawrence Erlbaum, 1989. v.27: p.1-43.
- PALMADE, J. Significations socioculturelles de l'habitation comme structuration des pratiques et du vécu de l'espace habité de la vie quotidienne. In: *Vie quotidienne en milieu urbain*. Paris, Centre de Recherche d'Urbanisme, 1978. p.529-35. (Actes des Colloques de Montpellier, Paris, 1978)
- PAMPLONA, T. *O interior da casa proletária: ambiente urbano-industrial*. São Paulo, 1981. 184p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- PAPANÉK, V. *Design pour un monde réel: écologie humaine et changement social*. Paris, Environnement et société/Mercure de France, 1974.
- PAPOUSEK, H.; PAPOUSEK, M. Learning and cognitive in the everyday life of human infants. In: *Advances in the study of behavior*. New York, Academic Press, 1984. v.14: p.127-63.
- PAREDES, E.C. *Um empório de reconstruções: um estudo das representações, dos símbolos, dos sistemas de valores, dos marcos culturais que existiram, perderam-se, permaneceram ou estão surgindo na cuiabaniã, segundo a percepção e a lembrança de alguns de seus habitantes*. São Paulo, 1983. 238p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- PARKE, R.D.; SAWIN, D.B. Children's privacy in the home: developmental, ecological, and child-rearing determinants. *Environment and Behavior*, v.11, n.1, p.87-104, Mar. 1979.
- PAULUS, P.B.; NAGAR, D.; CAMACHO, L.M. Environmental and psychological factors in reactions to apartments and mobile homes. *Journal of Environmental Psychology*, v.11, p.143-61, 1991.
- PAZ, O. La consagración del instante: el arco y la lira. In: ADORNO, T.W. et al. *El arte en la sociedad industrial*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso, 1973. p.127-38.
- PELLEGRINO, P.; NEVES, J. L'architecture et la projection des rapports sociaux sur le sol: reflet, représentation ou production de l'espace? *Espaces et Sociétés*, n.76, p.61-7, 1994.
- PERICO-BRU, A. *La arquitectura vernacular como pattern language "avant la lettre": Minorca: un ejemplo*. POL, E. et al., eds. *Home environment: aspects qualitatifs*. Barcelona, Universitat de Barcelona, 1984. p.408. (Actes de la Conférence Internationale sur l'homme et son environnement, IAPS-7., Barcelona, 1984)
- PERROT, M. Le corps et la maison: hygiène, propreté, commodité, confort. *Ethnologie Française*, v.11, n.1, p.8-13, 1981.
- PEZEU-MASSABUAU, J. *La maison, espace social*. Paris, PUF, 1983. (Collection Espace et Liberté)
- PIAGET, J. *Biologie et connaissance*. Paris, Gallimard, 1967.
- PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar/MEC, 1975.

- PIAGET, J. *Seis estudos em psicologia*. Rio de Janeiro, Forense Universitário, 1984.
- PICCINI, A. *Estudo da habitação rural e do uso do espaço interno-externo pelo pequeno proprietário rural: o caso de Babylônia (São Carlos, São Paulo)*. Visão do ponto de vista sócio-cultural. São Carlos, 1991. 136p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Arquitetura e Planejamento, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- PICHÉ, D. L'environnement a-t-il un genre? *Recherches Féministes*, v.2, n.1, p.1-2, 1989.
- PIGNATARI, D. *Por um pensamento icônico: semiótica da arte e do ambiente urbano*. São Paulo, 1979. Tese (Livro Docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- PINA-CABRAL, J. L'heritage de Maine: l'érosion des categories descriptives dans l'étude des phénomènes familiaux en Europe. In: *Communications: Anthropologie sociale et ethnologie de la France*. Paris, Musée National des Arts et Traditions Populaires, 1987. v.2: p.49-76. (Actes du Colloque du Centre d'Ethnologie française et du Musée National des Arts et Traditions Populaires, Paris, 1987)
- PORTEUS, J.D. Home: the territorial core. *Geographical Review*, v.66, n.4, p.383-90, 1976.
- POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- PRADO Jr., B., org. *Filosofia da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- PRATT, G. The house as an expression of social worlds. In: DUNCAN, J.S., ed. *Housing and identity*. New York, Holmes & Meier, 1981. p.135-80.
- PROSHANSKY, H.M. The city and self-identity. *Environment and Behavior*, v.10, n.2, p.147-69, June 1978.
- PROSHANSKY, H.M. Environmental psychology and the real world. *American Psychologist*, p.302-11, Apr. 1976.
- PROSHANSKY, H.M.; FABIAN, A.K. The development of place identity in the child. In: WEINSTEIN, C.S.; DAVID, T.G. *Space of children: the built environment and child development*. New York, Plenum Press, 1987. p.22-40.
- PROSHANSKY, H.M.; FABIAN, A.K.; KAMINNOFF, R. Place identity: physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, v.3, p.57-83, 1983.
- PROSHANSKY, H.M.; ITTELSON, W.H.; RIVLIN, L.G. *Environmental psychology: man and his physical setting*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1970.
- PROST, A. Fronteiras e espaço do privado: a família e o indivíduo. In: ARIÈS, P.; DUBY, G., dir. *História da vida privada*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. v.5, p.13-153.
- PROUST, M. *Sobre a leitura*. São Paulo, Pontes, 1991, p.14-21.
- PURCELL, A.T.; NASAR, J.L. Experiencing other people's houses: a model of similarities and differences in environmental experience. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.199-211, 1992.
- RABINOVICH, E.P. A antropofagia como paradigma de análise. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., Conferência: Relações Étnicas e raciais na América Latina, 1., Salvador, 1996. *Resumos*. Salvador, Departamento de Antropologia-FFCH, Universidade Federal da Bahia, 1996. p.156.
- RABINOVICH, E.P. Arrumação e organização espaço-temporal de moradias de baixa renda brasileiras. REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 25., Ribeirão Preto, 1995. *Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1995. p.352.
- RABINOVICH, E.P. Arte e cidade: a casa dos semcasa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 5., São Paulo, 1993.
- RABINOVICH, E.P. et al. Atribuição de nomes próprios e seu papel no desenvolvimento segundo o relato de nomeados. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 44., São Paulo, 1992. *Anais*. São Paulo, SBPC, 1992. p.885.
- RABINOVICH, E.P. et al. Atribuição dos nomes próprios e seu papel no desenvolvimento segundo o relato dos nomeados. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.3, n.2, p.119-37, 1993.
- RABINOVICH, E.P. et al. Atribuição de nomes próprios de crianças de nível sócio-econômico alto. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 23., Ribeirão Preto, 1993. *Resumos de Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993. p.340.
- RABINOVICH, E.P. et al. A casa dos semcasa. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 44., São Paulo, 1992. *Anais*. São Paulo, SBPC, 1992. p.890.
- RABINOVICH, E.P. A casa dos semcasa. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.12, n.3/4, p.16-25, 1992.
- RABINOVICH, E.P. Casas, famílias e crianças dos semcasa. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 23., Ribeirão Preto, 1993. *Resumos de Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993. p.243.
- RABINOVICH, E.P. et al. Comparative study of children naming between two socio-cultural groups. In: BIENNIAL MEETINGS OF ISSBD, 12., Recife, 1993. *Poster Abstracts*. Recife, ISSBD, 1993. p.169.
- RABINOVICH, E.P. La demeure des sans logis. *Cahiers Santé*, v.3, n.5, p.375-81, 1993.

- RABINOVICH, E.P. Dwelling conditions and daily routine as qualitative indicators of infant development. In: REUNIÃO DA FEDERAÇÃO DE SOCIEDADES DE BIOLOGIA EXPERIMENTAL, 9., Caxambu, 1994. Caxambu, FESBE, 1994. p.11.
- RABINOVICH, E.P. Ensaio psicossociológico das relações entre a prática-teoria no locus moradia: arrumação e organização espaço-temporal. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.4, n.2, p.18-24, Jul./Dez. 1994.
- RABINOVICH, E.P. et al. Estudo comparativo do processo de nomeação de crianças de nível sócio-econômico diferente. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 45., Recife, 1993. *Anais*. Recife, SBPC, 1993. p.916.
- RABINOVICH, E.P. La "grande extenuation": l'art décoratif des "sans logis". In: L'ARBRE À PALABRES. Paris, La Villette, 1994.
- RABINOVICH, E.P. Uma identidade à brasileira? a antropofagia como paradigma de análise. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 48., São Paulo, 1996. *Anais*. São Paulo, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1996. v.2: p.656.
- RABINOVICH, E.P. Lifestyle, dwelling conditions and daily routine as qualitative indicators of infant development: a study of 0-3 years old children from the rural brazilian northeast. In: BIENNIAL MEETINGS OF ISSBD, 14., Québec, 1996. *Abstracts*. Québec, ISSBD, 1996. p.422.
- RABINOVICH, E.P. Modo de dormir e relação mãe-criança. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.13, n.1/5, p.22-9, 1993. N. especial: Criança.
- RABINOVICH, E.P. et al. Modo de morar de crianças "sem casa": suas casas, suas famílias, suas vidas. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 45., Recife, 1993. *Anais*. Recife, SBPC, 1993. p.917.
- RABINOVICH, E.P. O modo de morar e a vida cotidiana como indicadores qualitativos do desenvolvimento infantil: um estudo de uma população de crianças de 0-3 anos na zona rural do Piauí, Brasil. *Caderno de Desenvolvimento Infantil*, v.1, n.1, p.47-59, Jul. 1994.
- RABINOVICH, E.P. O modo de morar e a vida cotidiana como indicadores do desenvolvimento infantil. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 24. Ribeirão Preto, 1994. *Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1994. p.368.
- RABINOVICH, E.P. O modo de vida de crianças "sem casa" "sedentárias": suas casas, suas famílias, suas vidas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.4, n.1, p.71-9, 1994. N. especial: Família em tempos de transição.
- RABINOVICH, E.P. *Modo de vida e relação mãe-criança: o mamar e o andar, o modo de dormir e o modo de morar*. São Paulo, 1992. 135p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- RABINOVICH, E.P. Mother-child relationship and way of living. In: BIENNIAL MEETINGS OF ISSBD, 12., Recife, 1993. *Poster Abstracts*. Recife, ISSBD, 1993. p.168.
- RABINOVICH, E.P. O nascimento psicológico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.1, n.1, p.54-63, 1991.
- RABINOVICH, E.P. Nomes e nomeação na zona rural do Piauí. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 24., Ribeirão Preto, São Paulo, 1994. *Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1994. p.321.
- RABINOVICH, E.P. *Sedentary homeless children in São Paulo: their houses, their families, their lives*. In: BIENNIAL MEETING OF ISSBD, 13., Amsterdam, Holanda, 1994. [s.p.]
- RABINOVICH, E.P. O viés etnocêntrico: uma tentativa de analisar algumas questões do desenvolvimento infantil a partir do estudo de crianças do interior do Piauí. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. [no prelo]
- RABINOVICH, E.P. O viés etnocêntrico: uma tentativa de analisar algumas questões do desenvolvimento infantil a partir de um estudo de crianças do interior do Piauí. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 26., Ribeirão Preto, 1996. *Resumos de Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, SBP, 1996. p.94.
- RABINOVICH, E.P.; ENGELMAN, A. Reação a estranhos e à separação da mãe de gêmeas bibitelinas. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 21., Ribeirão Preto, 1991. *Resumos Científicos*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1991. p.209.
- RABINOVICH, E.P.; FRAYZE-PEREIRA, J.A. A arte decorativa dos semcasa: ordenação e lirismo. In: CONGRESSO INTERNO DE PSICOLOGIA, 2., São Paulo, 1993. *Anais*. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1993. p. B-10.
- RABINOVICH, E.P.; OTTA, E. Alguns aspectos do modo de vida e a relação mãe-criança. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 21., Ribeirão Preto, 1991. *Resumos Científicos*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1991. p.208.
- RABINOVICH, E.P.; SANTOS, N.G.; OLIVEIRA, D.C.; SIQUEIRA, A.A.F. Atribuição dos nomes próprios de neonatos. *Boletim de Psicologia*, v.41, n.94/95, p.23-30, 1991.

- RABINOVICH, E.P.; TRAVAGLINI, D.; HULLE-COSER, A.C.; ESTEVES, E.N. Comparative study of naming children between two socio-cultural groups. *Journal of Social Psychology*, v.134, n.4, p.553-5, 1994.
- RAGON, M. *L'espace de la mort, essai sur l'architecture, la décoration et l'urbanisme funéraires*. Paris, Albin Michel, 1981.
- RAMOZZI-CHIAROTTINI, Z. *Piaget: modelo e estrutura*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- RAMOZZI-CHIAROTTINI, Z. Sistemas lógicos e sistemas de significação na obra de Jean Piaget. *Psicologia-USP*, v.2, n.1/2, p.21-3, 1991.
- RAMIREZ, J.A. *Arte prehistórico y primitivo*. Madrid, Anaya, 1989.
- RAND, G. Children's images of houses: a prolegomena to the study of why people still want pitched roofs. In: BROADBENT, G.; BUNT, R.; LLORENS, T., eds. *Meaning and behaviour in the built environment*. New York, John Wiley & Sons, 1980. p.273-91.
- RAPOPORT, A. *The meaning of the built environment: a nonverbal communication approach*. Beverly Hills, Sage Publications, 1982.
- RAPOPORT, A. Nomadism as a man-environment system. *Environment and Behavior*, v.10, n.2, p.215-46, Jun. 1978.
- RAPOPORT, A. *Pour une anthropologie de la maison*. Paris, Dunod, 1972.
- RAPOPORT, A. Thinking about home environments: a conceptual framework. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.255-86. v.8: Human behavior and environment.
- RAPOPORT, A. Towards a cross-culturally valid definition of housing. FOYER, L. et al., eds. *Optimizing environment*. Washington, EDRA, 1980.
- RAUTENBERG, M. Déménagement et culture domestique. *Terrain*, n.12, p.54-66, Avr. 1989.
- RAUTENBERG, M. *La mémoire domestique: anthropologie et histoire de la maison rurale des Monts du Lyonnais (XVIIe - Milieu XX siècles)*. Paris, 1990. Tese (Doutorado) - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- RAYMOND, H. Analyse de contenu et entretien non directif: application au symbolisme de l'habitat. *Revue Française de Sociologie*, v.9, n.2, p.167-79, 1968.
- RAYMOND, H. Commuter et transmuter: la sémiologie de l'architecture. *Communications*, v.27, p.103-11, 1977. N. spécial: Sémiotique de l'espace.
- RAYMOND, N. Habitat et modèles culturels. *Revue Française de Sociologie*, v.9, n.2, p.180-90, 1968.
- RAYMOND, H.; RAYMOND, M.G.; HAUMONT, N.; HAYMONT, A. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, ISU/CRU, 1966.
- RAYMOND, H.; RAYMOND, M.G.; HAUMONT, N.; HAUMONT, A. *L'habitat pavillonnaire*. Paris, ISU/CRU, 1966. [Book Review: DECAILLOT, M. *Revue Française de Sociologie*, v.9, n.2, p.269-74, Avr./juin 1968]
- RAYNAUD, D. Le symbolisme de la porte: essai sur les rapports du schème à l'image. *Architecture & Comportement/Architecture & Behavior*, v.8, n.4, p.333-52, 1992.
- RIAL, C. Da casa de antigamente à casa decorada. *Ciência Hoje*, v.14, n.82, p.20-4, 1992.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, D. Genocídio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 de jun. 1996. p.1-2.
- RICHÉ, P.; ALEXANDRE-BIDON, D. *L'enfance au Moyen Age*. Paris, Seuil/Bibliothèque Nationale de France, 1994.
- RIPERT, A. L'art populaire et ses images. *Ethnologie Française*, v.13, n.3, p.219-30, 1983.
- RIVLIN, L.G. Home and homelessness in the lives of children. *Child and Youth Services*, v.14, n.1, p.5-17, 1990.
- RIVLIN, L.G. A tribute to Harold M. Proshansky (1920-1990). *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.1-4, 1992.
- RIVLIN, L.G.; IMBIMBO, J.E. Self-help efforts in a squatter community: implications for addressing contemporary homelessness. *American Journal of Community Psychology*, v.17, n.6, p.705-28, 1989.
- ROCHBERG-HALTON, E. *Meaning and modernity: social theory in the pragmatic attitude*. Chicago, University of Chicago Press, 1986.
- RODMAN, M.C. Empowering place: multifocality and multivocality. *American Anthropologist*, v.94, n.3, p.640-56, 1992.
- RODRIGUES, A.M. *Moradias nas cidades brasileiras: habitação e especulação. O direito à moradia. Os movimentos populares*. São Paulo, Contexto, 1988.
- ROJAS, C.A.A. *Los Annales y la historiografía latinoamericana*. México, UNAM, 1993.

- ROSA, C.M.M., org. *População de rua: Brasil e Canadá*. São Paulo, Hucitec, 1995.
- ROUX, S. *La maison dans l'histoire*. Paris, Albin Michel, 1976.
- RULLO, G. People and home interiors: a bibliography of recent psychological research. *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.250-59, Mar. 1987.
- RYBOZYNSKI, W. *Le confort: cinq siècles d'habitation*. Montréal, Ed. du Roseau, 1989.
- RYBCZYNSKI, W. *Home: a short history of an idea*. New York, Viking, 1986.
- SACKS, O. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SADALLA, E.K., SHEETS, V.L. Symbolism in building materials: self-presentation and cognitive components. *Environment and Behavior*, v.25, n.2, p.155-80, Mar. 1993.
- SADALLA, E.K.; SHEETS, V.; MCCREATH, H. The cognition of urban tempo. *Environment and Behavior*, v.22, n.2, p.230-54, Mar. 1990.
- SADALLA, E.K.; VERSHURE, B.; BURROUGHS, J. Identity symbolism in housing. *Environment and Behavior*, v.19, n.5, p.569-87, Sept. 1987.
- SAEGERT, S. House and home in the lives of women. *Centerpoint*, v.3, n.2, p.43-52, 1979. N. temático: Environmental Psychology
- SAEGERT, S. The role of housing in the experience of dwelling. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.287-300. v.8: Human behavior and environment.
- SAEGERT, S.; MALTZ, N.J. "Girls" and "boys" representations of home and neighbourhood. New York, City University of New York Graduate School. [s. d. - mimeografado]
- SAEGERT, S.; WINKEL, G. Environmental psychology. *Annual Review of Psychology*, v. 41, p.471-7, 1990. [bibliografia]
- SAILE, D.G. The ritual establishment of home. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.87-109. v.8: Human behavior and environment.
- SAINT-AUGUSTIN. La cité de Dieu. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J.P., eds. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds. de l'Herne, 1983. p.275-6.
- SANDHU, R.S. Not all slums are alike: a comparison of squatter housing in Delhi and Amritsar. *Environment and Behavior*, v.19, n.3, p.398-406, May 1987.
- SANSOT, P. Ritualisation de l'espace urbain et de la vie quotidienne à travers le concept d'appropriation. In: *Vie quotidienne en milieu urbain*. Paris, Centre de Recherches d'Urbanisme, 1978. p.501-10. (Actes du Colloque de Montpellier, Paris, 1978. - Supplément aux annales de la Recherche Urbaine)
- SANTOS, N.G.; RABINOVICH, E.P.; OLIVEIRA, D.C.; SIQUEIRA, A.A.F. A utilização dos organizadores da psiquê de Spitz como instrumentos de acompanhamento de desenvolvimento da criança. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.1, n.2, p.67-84, jul./dez. 1991.
- SARTI, C.A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, Autores Associados, 1996.
- SAUZET, M. Sensory phenomenology as a reference for the architectural projet. *Architecture & Comportement/ Architecture & Behavior*, v.5, n.1, p.153-60, 1989.
- SCHAPPI, R. O modelo etológico da relação mãe-bebê. In: BRAZELTON, T.B. et al. *A dinâmica do bebê*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. p.93-131.
- SCHIAVO, R.S. Home use and evaluation by suburban youth: gender differences. *Children's Environments Quarterly*, v.4, n.4, p.8-12, 1989.
- SCHLEGEL, R. Paulistano desconfia da limpeza dos outros. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 de maio 1996. p.3-1/4.
- SCHMID, E.B. *Tolerância à ambigüidade em relação à flexibilidade mental e criativa: um estudo intercultural de adolescentes de origem brasileira, japonesa e alemã na cidade de São Paulo*. São Paulo, 1974. 131p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade São Paulo.
- SCHNEIDER, A. The art diviners. *Anthropology Today*, v.9, n.2, p.3-9, Apr. 1993.
- SCHURMANS, M.-N.; DASEN, P.R. Social representations of intelligence: Côte d'Ivoire and Switzerland. In: CRANACH, M.V.; DOISE, W.; MUGNY, G., eds. *Social representations and the social bases of knowledge*. New York, Hogrefe & Huber Publishers, 1992.
- SCHWARTZ, J. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, EDUSP/ Iluminuras/FAPESP, 1995.
- SCHWARTZ, O. L'empirisme irréductible. In: ANDERSON, N. *Le hobo: sociologie du sans abri*. Paris, Nathan, 1993. p.265-305. (Postface) (Collection Essais et Recherches)
- SCHWARTZ, O. *Le monde privé des ouvriers: hommes et femmes du Nord*. Paris, PUF, 1990.

- SCHWARTZ, O. Présentation. In: ANDERSON, N. *Le hobo: sociologie du sans abri*. Paris, Nathan, 1993. p.5-21. (Collection Essais et Recherches)
- SCHWEITZ, A. L'habitation troglodytique: abri naturel et espace de vie marginal en Touraine. *Ethnologie Française*, v.15, n. 3, p.265-73, 1985.
- SEAMON, D. The phenomenological contribution to environmental psychology. *Journal of Environmental Psychology*, v.2, p.119-40, 1982.
- SEAMON, D., MUGERAUER, R., eds. *Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world*. Boston, Martinus Nijhoff, 1985. [Book Reviews: RODAWAY, P. *Journal of Environmental Psychology*, v.8, p.77-80, 1988]
- SEBBA, R. Alone at home: the home without parents as a territory without security! *Children's Environment Quarterly*, v.3, n.2, p.28-34, 1986.
- SEBBA, R. The role of the home environment in cultural transmission. *Architecture&Comportement/Architecture&Behavior*, v.7, n.3, p.205-22, 1991.
- SEBBA, R.; CHURCHMAN, A. Territories and territoriality in the home. *Environment and Behavior*, v.15, n.2, p.191-210, Mar. 1983.
- SEBBA, R.; CHURCHMAN, A. The uniqueness of the home. *Architecture&Comportement/Architecture&Behavior*, v.3, n.1, p.7-24, 1986.
- SEGALEN, M. Parenté et alliance dans les sociétés paysannes. *Ethnologie Française*, v.11, n.4, p.307-9, 1981.
- SEGALEN, M.; WITA, B., dirs. *Chez-soi - objets et décors: des créations familiales?* Paris, Autrement, 1993. (Collection Autrement, Série Mutations, n.137)
- SEGAUD, M. Code et esthétique populaire en architecture. POL, E. et al., eds. *Home environment: aspects qualitatifs*. Barcelona, Universitat de Barcelona, 1984. p.423-31. (Actes de la Conférence Internationale sur l'homme et son environnement, IAPS-7., Barcelona, 1984)
- SEGAUD, M. *Le propre de la ville*. La Garenne Colombes, Eds de l'Espace Européen, 1992. p.11-8.
- SÉGUIN, A.-M. Madame Ford et l'espace: lecture féministe de la suburbanisation. *Recherches Féministes*, v.2, n.1, p.51-68, 1989.
- SENA, R.S. O imaginário afro-brasileiro. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., Salvador, Bahia, 1996. *Resumos*. Salvador, Associação Brasileira de Antropologia, 1996, p.135. [mimeografado]
- SENNETT, R. *Les tyrannies de l'intimité*. Paris, Seuil, 1979.
- SERRES, R. Espace et temps. In: SERRES, R. et al. *Sur l'aménagement du temps: essais de chronogénie*. Paris, Denoel/ Gonthier, 1981. (Collection Mediations) (Colloque organisé par le Club 44, Chaux-de-fonds, sept. 1978)
- SERRES, M. *Filosofia mestiça: le tiers-instruit*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- SHORTER, E. *Naissance de la famille moderne: XVIII-XX siècles*. Paris, Seuil, 1977.
- SHOUL, M. The spatial arrangements of ordinary english houses. *Environment and Behavior*, v.25, n.1, p.22-69, Jan. 1993.
- SHUMAKER, S.A.; CONTI, G.J. Understanding mobility in America: conflicts between stability and change. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.237-253. v.8: Human behavior and environment.
- SILVEIRA, N.d. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.
- SIMMEL, G. Pont et porte. In: DAMIAN, H.; RAYNAUD, J.P., eds. *Les symboles du lieu, l'habitation de l'homme*. Paris, Eds de L'Herne, 1983. p.96-100.
- SIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; RABINOVICH, E.P.; SANTOS, N.G. Contexto sócio-ambiental de crianças urbanas de baixa renda. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.3, n.1, p.111-20, 1993.
- SIQUEIRA, A.A.F.; OLIVEIRA, D.C.; RABINOVICH, E.P.; SANTOS, N.G. Instrumentos para acompanhamento e avaliação do desenvolvimento infantil na atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.2, n.2, p.59-99, 1992.
- SIXSMITH, J. The meaning of home: an exploratory study of environmental psychology. *Journal of Environmental Psychology*, v.6, p.281-98, 1986.
- SOMMER, R. *Espacio y comportamiento individual*. Madrid, Instituto de Estudios de Administración Local, 1974.
- SUDIÈRE, M. Neiges en Margeride: éléments pour une anthropologie de l'hiver. *Ethnologie Française*, v.11, n.1, p.23-32, 1981.
- STAROBINSKI, J. *L'invention de la liberté, 1700-1789*. Genève, Skira, 1987.

- STECHHAHN, C. *Projeto e apropriação do espaço arquitetônico de conjuntos habitacionais de baixa renda*. São Paulo, 1990. 190p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- STOKOLS, D.; SHUMAKER, S.A.; MARTINEZ, J. Residential mobility and personal well-being. *Journal of Environmental Psychology*, v.3, p.5-19, 1983.
- STUDER, R.G. Meaning and use: a basis of understanding. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.29-50.
- TAPIE-GRIM, M. *La leçon de l'éternel étudiant: présentation de soi et pratiques résidentielles des nouvelles couches moyennes*. Paris, Association Développement et Aménagement, 1987.
- TASCHNER, S.P. *Moradia da pobreza: habitação sem saúde*. São Paulo, 1982. Tese (Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- TASCHNER, S.P.; RABINOVICH, E.P. The homeless in São Paulo: spatial arrangements. In: WORLD CONGRESS OF SOCIOLOGY, 13., Bielefeld, Germany, 1994. *Sociological Abstracts*. Bielefeld, International Sociological Association/ Bertelsmann, 1994. p.300.
- TASCHNER, S.P.; RABINOVICH, E.P. The homeless in São Paulo: spatial arrangements. In: HUTH, M.J., ed. *International critical perspectives on homelessness*. Greenwood, 1996. [in press]
- TASSARA, E.T.O. A propagação do discurso ambientalista e a produção estratégica da dominação. *Espaços & Debates*, n.35, p.10-6, 1992.
- TASSARA, E.T.O. *Intervenção social e conhecimento científico*. São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1994. (Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social)
- TASSARA, E.T.O. *Metodologia da ciência: a constituição do objeto da psicologia social*. São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1995. (Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social)
- TASSARA, E.T.O. *Metodologia da ciência: questões de método na psicologia social contemporânea*. São Paulo, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1996. (Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social)
- TASSARA, M.G. *Lilith: o mito transfigurado*. São Paulo, 1995. (Projeto de Pesquisa)
- TATUAGENS: Presos tatuam seus crimes no corpo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 de set. 1994. p.3-1.
- TAYLOR, L., ed. *Housing: symbol, structure, site*. New York, Rizzoli, 1982.
- TAYLOR, R.B. Human territorial functioning: an empirical, evolutionary perspective on individual and small group territorial cognitions, behaviors and consequences. Cambridge, Cambridge University Press, 1988. [Book Review: CLITHEROE, H.C.C. *Journal of Environmental Psychology*, v.11, p.195, 1991]
- TAYLOR, R.B.; BROWER, S. Home and near-home territories. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.183-211. v.8: Human behavior and environment.
- TEIXEIRA, A.C. *Cortiço, o pequeno espaço do povo: subsídios ao equacionamento do fenômeno cortiço no Município de São Paulo*. São Paulo, 1986. 217p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- THÉVOZ, M. *L'art brut*. Genève, Skira, 1981.
- THORNBERG, J.M. Remarque épistémologique sur la sémiotique des lieux. *Communications*, v. 27, 1977. [sem paginação]
- TISSIER, Y.; WAUTHIER-WURMSER, B. Appropriation et métamorphoses de l'espace dans les demeures de Jean Loane et Jean-Pierre Raymond. *Extenso*, n.9, p.89-110, 1985. (Actes du Colloque international "La maison. Espaces et intimités". Paris, Ecole d'Architecture Paris-Villemin, 1985)
- TODOROV, T. Introdução à simbólica. In: FILIPOUSKI, A.M.R. et al., orgs. *Linguagem e motivação: uma perspectiva semiológica*. Porto Alegre, Globo, 1977. p.3-50.
- TODOROV, T. O sentido dos sons. In: FILIPOUSKI, A.M.R. et al., orgs. *Linguagem e motivação: uma perspectiva semiológica*. Porto Alegre, Globo, 1977. p.53-69.
- TOGNOLI, J.; HORWITZ, J. From childhood to adult homes: environmental transformations. In: BART, P.; CHEN, A.; FRANCESCATO, G., eds. *Knowledge for design*. Washington, EDRA, 1982. p.321-8. (Proceedings of Environmental Design Research Association, 13., Washington, 1982)
- TRÉPOS, J.-Y.; LEVERATTO, J.-M. *De l'incivilité à la convivialité urbaines*. Metz, Université de Metz, oct. 1993. (Equipe de sociologie de l'expertise - rapport final de recherche) [mimeografado]
- TREVARTEN, C. Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In: BULLOWA, M., ed. *Before speech*. New York, Cambridge University Press, 1979. p.321-47.
- TREVARTHAN, W.R.; MCKENNA, J.J. Evolutionary environments of human birth and infancy: insights to apply to contemporary life. *Children's Environments*, v.11, n.2, p.142-6, 1994.

- TRONICK, E.Z.; MORELLI, G.A.; IVEY, P.K. The eye forger infant and toddler's pattern of social relationships: multiple and simultaneous. *Developmental Psychology*, v.29, n.4, p.568-77, 1992.
- TRONICK, E.Z.; THOMAS, R.B.; DALTAUIT G.M. The manta pouch: a regulatory system for peruvian infants at high altitude. *Children's Environments*, v.11, n.2, p.142-6, 1994.
- TUAN, Y.-F. *Espaço e lugar*. São Paulo, Difel, 1983.
- TURKEWITZ, G.; DEVENNY, A.D., eds. *Developmental time and timing*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum, 1993.
- TURNER, V.W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Escola de Comunicações e Artes. *Catálogo de teses 1969-1991*. São Paulo, 1992.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Catálogo de Dissertações e Teses 1986-1994*. São Paulo, 1994.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Serviço de Biblioteca e Informação. *Catálogo de dissertações e teses set. 1994/ dez. 1995*. São Paulo, 1996.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Psicologia. Serviço de Biblioteca e Documentação. *Resumos de teses de psicologia 1943-1986*. São Paulo, 1987.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Psicologia. Serviço de Biblioteca e Documentação. *Resumos de dissertações e teses de psicologia (1986 a 1992)*. São Paulo, 1993.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. *Catálogo de teses 1934-1984*. 2.ed. São Paulo, 1987. 3v.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. *Catálogo de teses jul. 1985 / set. 1986*. São Paulo, 1986. 3v.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. *Catálogo de teses 1986*. 2.ed. São Paulo, 1987.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. *Catálogo de teses 1989*. São Paulo, 1990. 2v.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. *Catálogo de teses 1990*. São Paulo, 1991.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. *Catálogo de teses 1991*. São Paulo, 1992.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. *Catálogo de teses 1992*. São Paulo, 1993.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. *Catálogo de teses 1993*. São Paulo, 1994.
- VAINFAS, R. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- VANONI, D. *Architecture de rehabilitation: le paradoxe de l'urbanité*. Paris, FORS recherche social, Avr. 1993. (Rapport final - Plan Construction et Architecture) [mimeografado]
- VAZ, L.F. *Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro: estudo da modernidade através da moradia*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- VELHO, G. Felicidade à brasileira. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03 de nov. 1996. p.5-10.
- VELHO, G. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, A.M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/ UFRJ, 1987. p.79-87.
- VERAS, M.P.B.; TASCHNER, S.P. Evolução e mudança das favelas paulistanas. *Espaço & Debates*, v.10, n.31, p.52-71, 1990.
- VESTBRO, D.U. The study of collective housing: a swedish perspective. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.405-23.
- VICENTE, C.M. Resiliência e políticas públicas. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 26., Ribeirão Preto, 1996. *Resumos de Comunicações Científicas*. Ribeirão Preto, Sociedade Brasileira de Psicologia, 1996. p.26.
- VICENTINI, Y. *Cidade e história na Amazônia*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- VICENTINI, Y.; RIZEK, C.S. *As idéias sobre natureza e as teorias da cidade*. In: ANPUR, SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 2., 1993. [mimeografado]
- VIEIRA, M.A.C. et al., orgs. *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo, Hucitec, 1992.

- VIEIRA, M.A.C.; RANGEL, M.G. Característica da população sem residência fixa usuária do plantão da SURBES Sé-Lapa. São Paulo, 1991. (Relatório parcial de projeto) [mimeografado]
- VIGARELLO, G. Confort et hygiène en France au XIXème siècle. In: GOUBERT, J.P. *Du luxe au confort*. Alençon, Belin, 1988. p.51-63.
- VIGARELLO, G. *Le propre et le sale: l'hygiène du corps depuis le Moyen Age*. Paris, Seuil, 1985.
- VIGARELLO, G. Propreté, espace et corps sous l'Ancien Régime. In: SEGAUD, M., ed. *Le propre de la ville: pratiques et symboles*. La Garenne Colombes, Eds de l'Espace Européen, 1992. p.103-13.
- VILLELA-PETIT, M. Le chez-soi: espace et identité. *Architecture&Comportement/Architecture&Behavior*, v.5, n.2, p.127-34, 1989.
- VLIET, W.V. Housing in the Third World. *Environment and Behavior*, v.19, n.3, p.267-85, May 1987.
- VOISENAT, C. A propos de paysages: compte rendu d'une réflexion collective. *Terrain*, n.18, p.137-41, Mars 1992.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- WACHS, T.D. Proximal experience and early cognitive-intellectual development: the social environment. In: GOTTFRIED, A.W., ed. *Home environment and early cognitive development: longitudinal research*. New York, Academic Press, 1984.
- WACHS, T.D.; CAMLI, O. Do ecological or individual characteristics mediate the influence of the physical environment upon maternal behavior. *Journal of Environmental Psychology*, v.11, p.249-64, 1991.
- WALLERSTEIN, I. Agonias del liberalismo. *Iniciativa socialista*, v.6, n.31, p.55-65, 1991.
- WALLIS, A. Assimilation and accommodation of a housing innovation: a case study approach of the house trailer. In: ARIAS, E.G., ed. *The meaning and use of housing: international perspectives approaches and their applications*. Aldershot, Avebury, 1993. p.425-43.
- WALLON, H. *Do acto ao pensamento*. Lisboa, Portugalia, 1966.
- WANNENBURGH, A. *The bushmen*. Capetown, Struik Publisher, 1984.
- WAPNER, S. Editor's preface. *Environment and Behavior*, v.24, n.2, p.155-60, Mar. 1992.
- WAPNER, S. Transactions of persons-in-environments: some critical transitions. *Journal of Environmental Psychology*, v.1, p.223-39, 1981.
- WAPNER, S.; CRAIG-BRAY, L. Person-in-environment transitions: theoretical and methodological approaches. *Environment and Behavior*, v.24, n.2, p.161-88, Mar. 1992.
- WASSMAN, J.; DASEN, P.R. "Hot" and "cold": classification and sorting among Yupno of Papua, New Guinea. *International Journal of Psychology*, v.29, n.1, p.19-38, Feb. 1994.
- WASSMAN, J.; DASEN, P.R. Yupno number system and counting. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v.25, n.1, p.78-94, Mar. 1994.
- WEGGEMANS, T. Nouveaux styles de vie et nouvelles formes d'habitat. In: HAUMONT, N.; SEGAUD, M., dirs. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, Harmattan, 1989. p.211-25.
- WEIDEMANN, S.; ANDERSON, J.R. A conceptual framework for residential satisfaction. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.153-80. v.8: Human behavior and environment.
- WEIGERT, A.J.; TEITGE, J.S.; TEITGE, D.W. *Society and Identity: toward a sociological psychology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986. p.1-32.
- WEINSTEIN, C.S.; DAVID, T.C., eds. *Spaces for children: the built environment and child development*. New York, Plenum Press, 1987. p.7-17.
- WEISNER, T.S.; WEIBEL, J.C. Home environments and family lifestyles in California. *Environment and Behavior*, v.13, n.4, p.417-60, July 1981.
- WELZER-LANG, D.; FILIOD, J.-P. *Les hommes à la conquête de l'espace... domestique: du propre et du rangé*. Montréal, VLB, 1993.
- WELZER-LANG, D.; FILIOD, J.-P. "Tes désirs font désordre...": sexes et symboliques dans l'espace domestique. In: SEGAUD, M., ed. *Le propre et la ville: pratiques et symboles*. La Garenne Colombes, Eds de l'Espace Européen, 1992. p. 45-62.
- WERNER, C.M. Home interiors: a time and place for interpersonal relationships. *Environment and Behavior*, v.19, n.2, p.169-79, Mar. 1987.
- WERNER, C.M.; ALTMAN, I.; OXLEY, D. Temporal aspects of homes: a transactional perspective. In: ALTMAN, I.; WERNER, C.M., eds. *Home environments*. New York, Plenum Press, 1985. p.1-30. v.8: Human behavior and environment.
- WERNER, D. A evolução da organização social humana. *Revista de Antropologia*, v.33, p.141-66, 1990.

- WETERING, M.v.d. The popular concept of "home" in Nineteenth-Century America. *Journal of American Studies*, v.18, n.1, p.5-28, 1984.
- WHITFIELD, T.W.A. Predicting preference for familiar, everyday objects: an experimental confrontation between two theories of aesthetic behaviour. *Journal of Environmental Psychology*, v.3, p.221-37, 1983.
- WIESENFELD, E. *Contribuciones iberoamericanas a la psicología ambiental*. Caracas, Universidade Central de Venezuela, 1994.
- WIESENFELD, E. Public housing evaluation in Venezuela: a case study. *Journal of Environmental Psychology*, v.12, p.213-23, 1992.
- WILLIAMS, C.; ARMSTRONG, D.; MALCOLM, C. *The negotiable environment: people, white-collar work and the office*. Michigan, Facility Management Institute-Ann Arbor, 1985.
- WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- WINNICOTT, D.W. Le corps et le self. *Nouvelle Revue Psychanalyse*, v.3, p.37-48, 1971.
- WINNICOTT, D.W. *Textos seleccionados: da pediatria à psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- WOHLWILL, J.F. Environmental aesthetics: the environment as a source of affect. In: ALTMAN, I.; WOHLWILL, J.F., eds. *Human behavior and environment*. New York, Plenum Press, 1976. p.37-85.
- WOHLWILL, J.F. The environment is not in the head! In: PREISER, W.F.E., ed. *Environmental design research*. v.2. Stroudsburg, Penn., Dowden, Hutchinson & Ross, 1973. p.166-81.
- YUNG, C.G. et al. *El hombre y sus símbolos*. Madrid, Aguilar, 1966.
- YUNG, C.G. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- ZILLER, R.C.; VEM, H. The psychological niche of children of poverty or affluence through auto-photography. *Children's Environments Quarterly*, v.5, n.2, p.34-39, 1988.
- ZONABEND, F. *La mémoire longue: temps et histoires au village*. Paris, PUF, 1980.
- ZONABEND, F. Conduites éducatives en milieu rural. In: *Habitat et environnement des enfants en milieu rural*. Bordeaux, Unicef, 1982. p.120-33. (Actes du Colloque UNICEF, Bordeaux, 1982)